

MESTRADO
ARQUITETURA

Entre Siza's Um projeto para Oliveira de Azeméis

VOLUME I

José Miguel Pereira Soares da Cunha

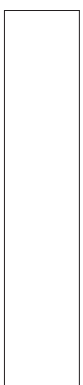
M

2020

José Miguel Pereira Soares da Cunha: Entre Siza's
Um projeto para Oliveira de Azeméis



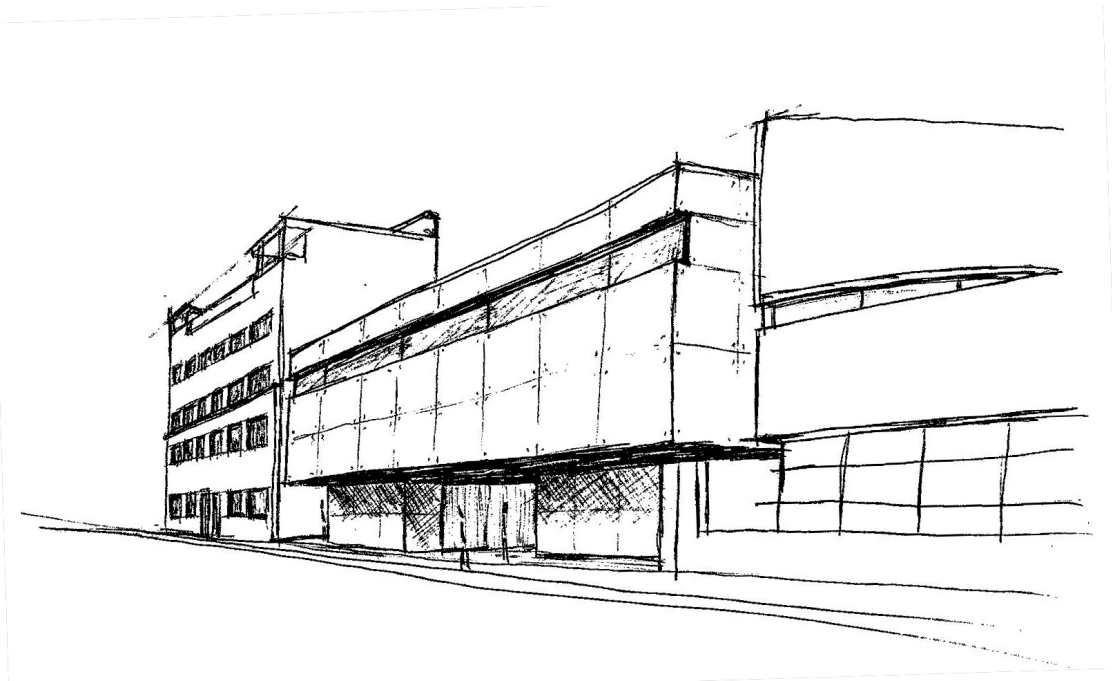
Entre Siza's
Um projeto para Oliveira de Azeméis
José Miguel Pereira Soares da Cunha



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto e orientada pelas
Professoras Doutoradas Filipa de Castro Guerreiro e Ana Sousa Brandão Alves Costa

ENTRE SIZA'S
Um projeto para Oliveira de Azeméis

José Miguel Pereira Soares da Cunha
Porto 2019/2020



1| Esquisso do projeto *Entre Siza's*, JC, 2020

*Acabar. Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução,
a substituir pela palavra começar.*

Álvaro Siza, em *01 textos*

Nota à edição

O documento segue o novo Acordo Ortográfico;

Os desenhos e fotografias da minha autoria são indicados com as minhas iniciais e ano, exceto em casos cuja compreensão possa ser posta em causa.

A dissertação contém dois volumes: o volume principal e um volume complementar, no qual estão organizados os apêndices e anexos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, por serem parte fundamental do meu percurso acadêmico, pelas viagens até ao Porto, pelo olhar carinhoso e sentido, por me encherem de mimo e esperança, por existirem e me fazerem querer ser o orgulho deles.

Aos meus pais e à minha irmã, a minha casa, por serem o meu porto de abrigo; aos meus pais, pelo amor, pela confiança, por me apoiarem incondicionalmente, por me mostrarem que terei sempre segurança e tranquilidade enquanto olharem por mim, por tornarem tudo isto possível; à minha irmã, por ser um exemplo a seguir e por me ensinar que não há ligação como a nossa.

À minha segunda casa, por ser fonte de união e carinho; Dela fazem parte não só os meus avós, como também, a minha tia, em quem encontro um abraço maternal apertado, o meu padrinho, que tem a paciência de me ouvir e me aconselhou neste trabalho, o meu tio Henrique, do qual herdei o sentido de humor e que é um grande amigo, e as minhas primas, que serão sempre as minhas pequeninas,

Aos meus amigos, pela presença, confiança e partilha, pelos momentos que estarão sempre na minha memória, reinados pela boa disposição constante, por me incentivarem a dar o meu melhor e nunca desistir, pela companhia, que se mostrou parte essencial neste tempo.

A pessoas improváveis, por me marcarem para sempre; À Mafalda, pelas conversas sem fim, pela paciência e por me ajudar a encontrar o caminho a seguir num percurso preponderado pela dúvida, Ao Álvaro, por me fazer encontrar, no mar, um refúgio.

À professora Filipa e à professora Ana, pela sabedoria transmitida ao longo deste trabalho, pela disponibilidade, apoio e por me motivarem a ultrapassar diversas barreiras.

Ao arquiteto Elisiário Miranda, pelo tempo dispensado para a conversa da qual resultou a entrevista presente no final do segundo volume, e ao Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis pela informação concedida e toda a colaboração.

À minha família em geral, por me acompanharem neste crescimento contínuo, em especial meu avô Fernando... eterna saudade!

RESUMO

A presente dissertação reflete sobre o processo de estudo e desenho de um projeto de cariz público, num terreno situado entre o antigo *Banco Pinto & Sotto Mayor* e o *Edifício de Escritórios Ferreira de Castro*, ambos projetados por Álvaro Siza. Dada a relação pessoal com a cidade e o interesse pela obra de Siza, propõe-se a realização de um projeto para Oliveira de Azeméis. Para além do estudo do lugar, é apresentada uma análise dos dois projetos de Siza, desenhados com vinte anos de diferença - um edifício em gaveto e a reconstrução de um edifício do antigo colégio Ferreira de Castro. Procurando uma base teórica que sustente o conhecimento do lugar e a evolução do projeto, é desenvolvido um espaço de apoio à cultura, um edifício que olha atentamente a envolvente, a história e as necessidades atuais da cidade. Um projeto *Entre Siza's*.

ABSTRACT

The present dissertation reflects on the process of studying and designing a project with a public program, on a site located between the former Banco Pinto & Sotto Mayor and the Ferreira de Castro Office Building, both designed by Álvaro Siza. Given the personal relationship with the city and the interest in Siza's work, it is proposed to conceive a project for Oliveira de Azeméis. In addition to the study of the location is presented an analysis of the two Siza's projects, designed twenty years apart - a corner building and the reconstruction of a building at the old Ferreira de Castro school. Looking for a theoretical basis that supports the knowledge about the place and the evolution of the project, the design of a space to support culture is developed, a building that thoughtfully looks at the surroundings, the history and the current needs of the city. A project Between Siza's.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 13

UM PROJETO PARA OLIVEIRA DE AZEMÉIS, 19

| A Avenida Doutor António José de Almeida, 23

| As obras de Álvaro Siza em Oliveira de Azeméis, 37

| Álvaro Siza, 39

| Um edifício em gaveto, 45

| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro, 63

| O programa para um novo edifício na avenida, 85

ENTRE SIZA'S, 91

| Aproximação ao projeto, 93

| Lugar e programa, 95

| Forma e espaço, 107

| Expressão do edifício, 123

| O Projeto Entre Siza's, 143

DO PRINCÍPIO SEM FIM, 175

BIBLIOGRAFIA, 181

CRÉDITOS DE IMAGENS, 185

APÊNDICE(s) E ANEXOS, Volume II

A transformação da cidade é fenómeno natural e prova de vitalidade, se de acordo com as suas necessidades, ou seja, com as necessidades coletivas do cidadão.

E uma das necessidades coletivas consiste na vivência quotidiana dos resíduos da história de que é feita a cidade, contributo fundamental à consciência da história e do devir.

INTRODUÇÃO



2 | Vista aérea da Avenida Doutor António José de Almeida. Em 1º plano o edifício do Banco, no gaveto da avenida com a praça D. Maria II, seguido do terreno escolhido e do edifício de escritórios Ferreira de Castro

3 | Vista do terreno a partir da Avenida Doutor António José de Almeida. JC, 2019

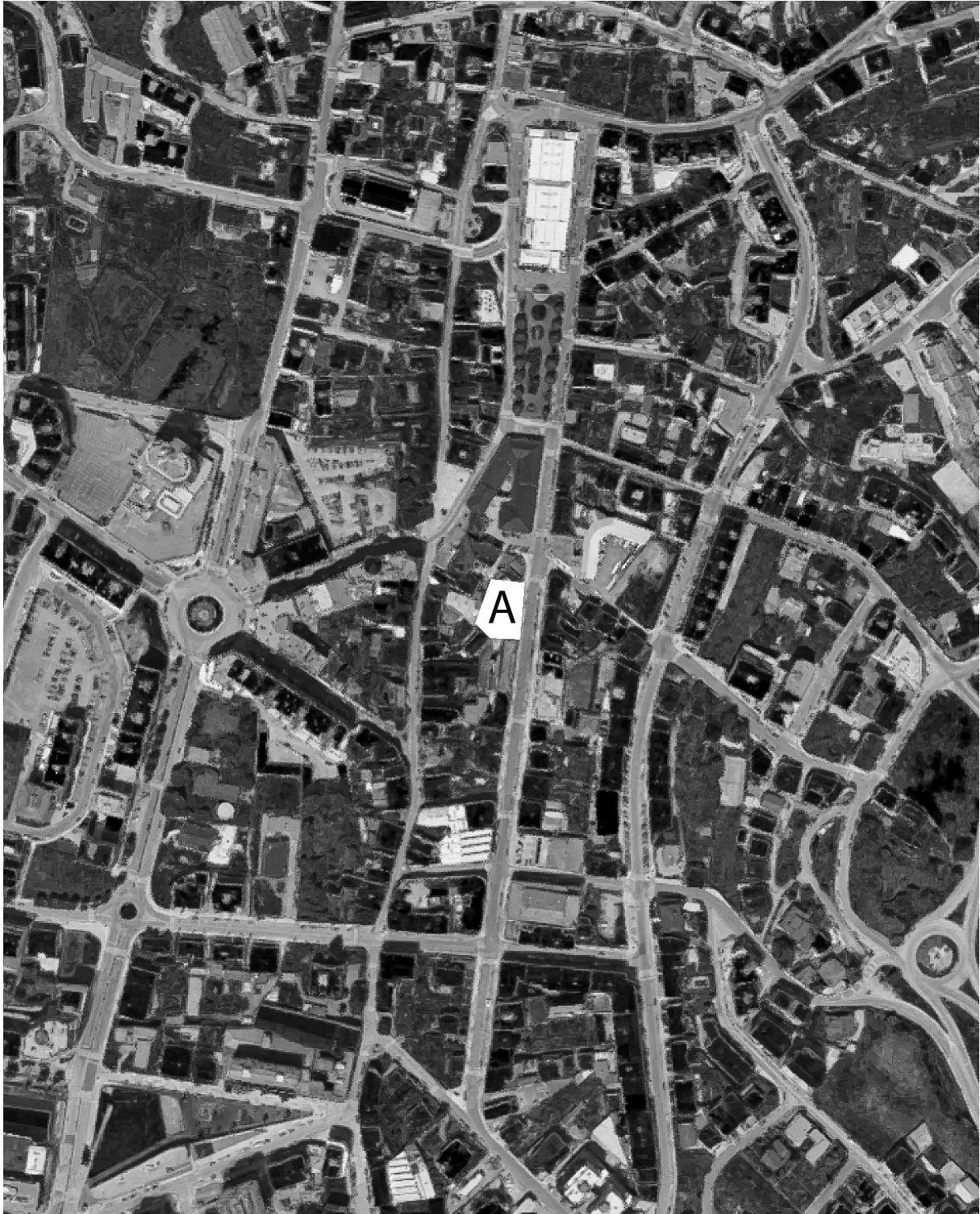
*O arquiteto é o observador atento dos problemas a resolver e das discussões que à volta desses problemas se levantam. Em vez de ser função duma soma de opiniões, o resultado do seu trabalho será uma síntese de todos os contributos, depois de escrupulosamente discutida e verificada a justeza de cada um.*¹

Projetar um edifício passa por percorrer um percurso marcado pela constante procura de respostas aos problemas que vão surgindo. A própria arquitetura aparece como solução de um problema existente, sendo o arquiteto o responsável por definir essa mesma solução. Na cidade de Oliveira de Azeméis estão localizadas duas obras projetadas por Álvaro Siza, separadas vinte anos na linha temporal e ambas com frente para a Avenida Doutor António José de Almeida. Entre elas, um terreno, um lugar que sempre despertou em mim o interesse para a realização de um projeto.

Perante o vazio gerado entre o antigo Banco Pinto & Sotto Mayor e o Edifício de Escritórios Ferreira de Castro, projetos de Álvaro Siza, propomo-nos, com a presente dissertação, explorar diferentes questões às quais procuraremos dar resposta através de um projeto arquitetónico capaz de dialogar com arquiteturas de décadas diferentes.

A escolha do tema da dissertação e do lugar para o desenvolvimento do projeto vão de encontro ao crescimento e vivência, enquanto cidadão, em Oliveira de Azeméis, e ao fascínio, enquanto estudante de arquitetura, pela obra de Álvaro Siza. A vontade de resolver questões ligadas com o património arquitetónico e cultural, aliada às experiências relacionadas com o gosto e educação musical, motivaram a aspiração, continuamente crescente, de projetar com um programa específico, junto aos edifícios de Siza.

1 Siza, Álvaro. '01 Textos'. Porto: Civilização, 2009. p. 15.



4 | Imagem aérea (Google Earth | 40° 50'07"N - 8'28'40"W | 18 de Agosto de 2020) de Oliveira de Azeméis com o terreno escolhido assinalado.

O presente trabalho organiza-se em dois capítulos que contribuem para a total compreensão do processo projetual inerente ao *projeto para Oliveira de Azeméis*, nas suas diferentes fases de desenvolvimento.

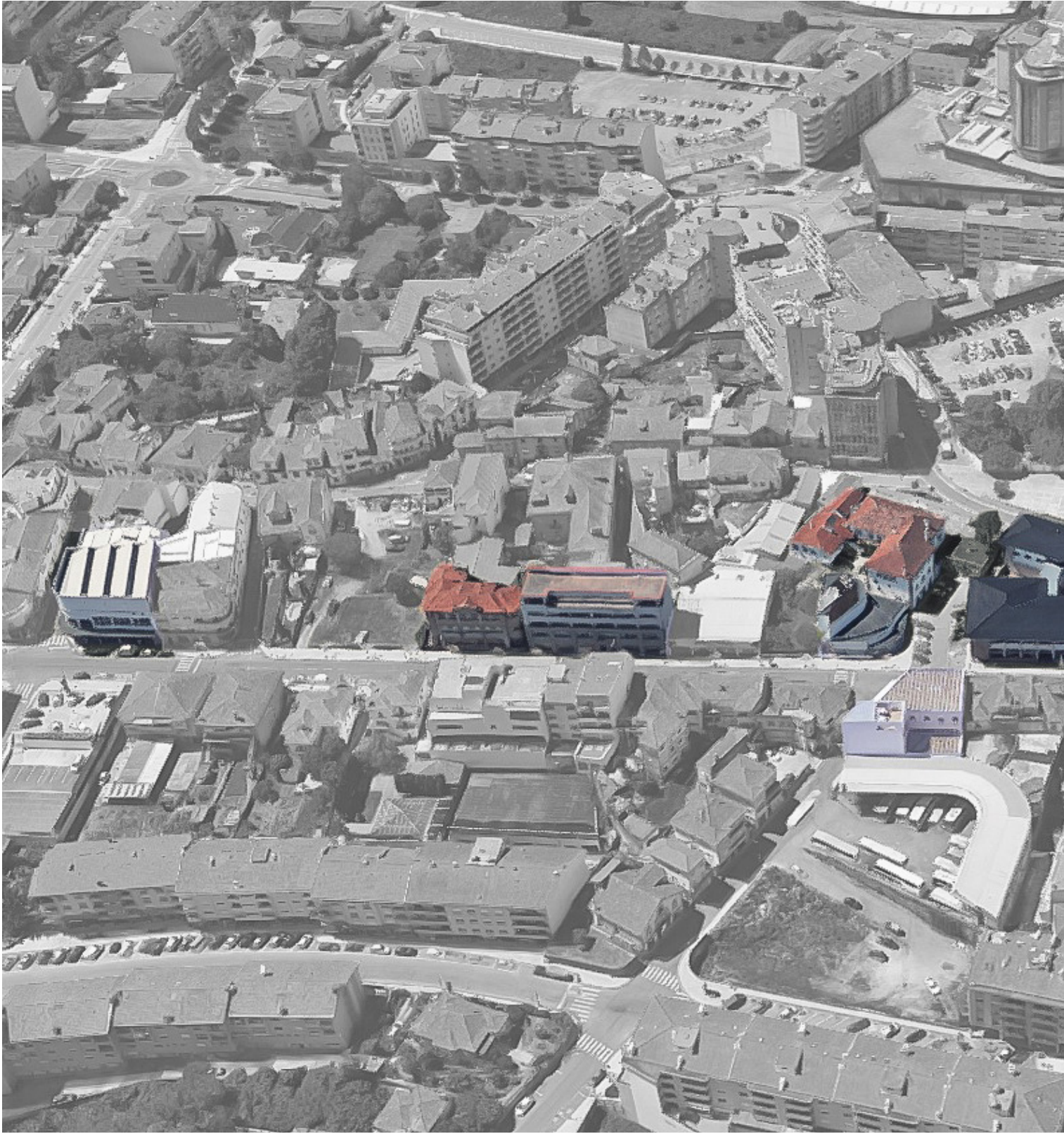
O primeiro capítulo, 'Um projeto para Oliveira de Azeméis', possui três subcapítulos que revelam o estudo realizado sobre o lugar. Primeiro é analisado o desenvolvimento urbano da Avenida Doutor António José Almeida, salientando os projetos mais significativos dessa zona da cidade e o seu contributo para a definição arquitetónica e social daquele lugar. No segundo, destaca-se a figura de Álvaro Siza. Começaremos com o seu percurso enquanto arquiteto até aos anos setenta, culminando com o projeto do Banco Pinto & Sotto Mayor, que analisaremos com maior detalhe, e avançando vinte anos no tempo, estudaremos o Edifício de Escritórios Ferreira de Castro. Procuraremos compreender os dois edifícios e enquadrá-los no contexto da sua obra, encontrando as diferenças na abordagem aos projetos e os temas que, em cada tempo, Siza valorizou. No final deste capítulo, ter-se-á em conta a situação atual da cidade, de modo a encontrar o programa que melhor responda às suas necessidades.

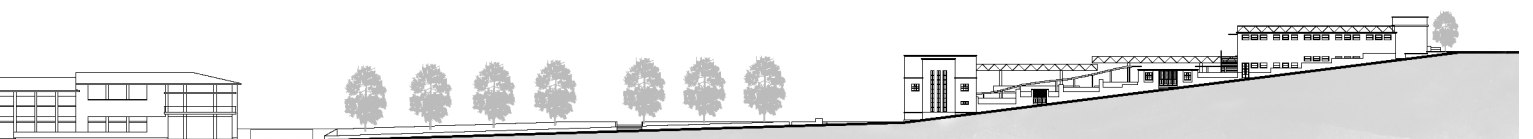
No segundo capítulo, procurando que uma base teórica sustente a nossa ação e discurso, propõe-se desenvolver um projeto de arquitetura para o terreno situado entre os dois edifícios estudados no capítulo anterior. Para isto, além de querer contribuir com um projeto de arquitetura para o desenvolvimento de Oliveira de Azeméis, o grande objetivo é conseguir refletir e melhor interpretar a arquitetura de Álvaro Siza, percebendo as questões fundamentais levantadas no exercício do projeto e de que forma somos capazes de lhes responder.

Acho que é possível identificar referências de uma obra, mas a dificuldade será grande se a obra já for madura, porque então não existirá uma relação só, mas muitas.

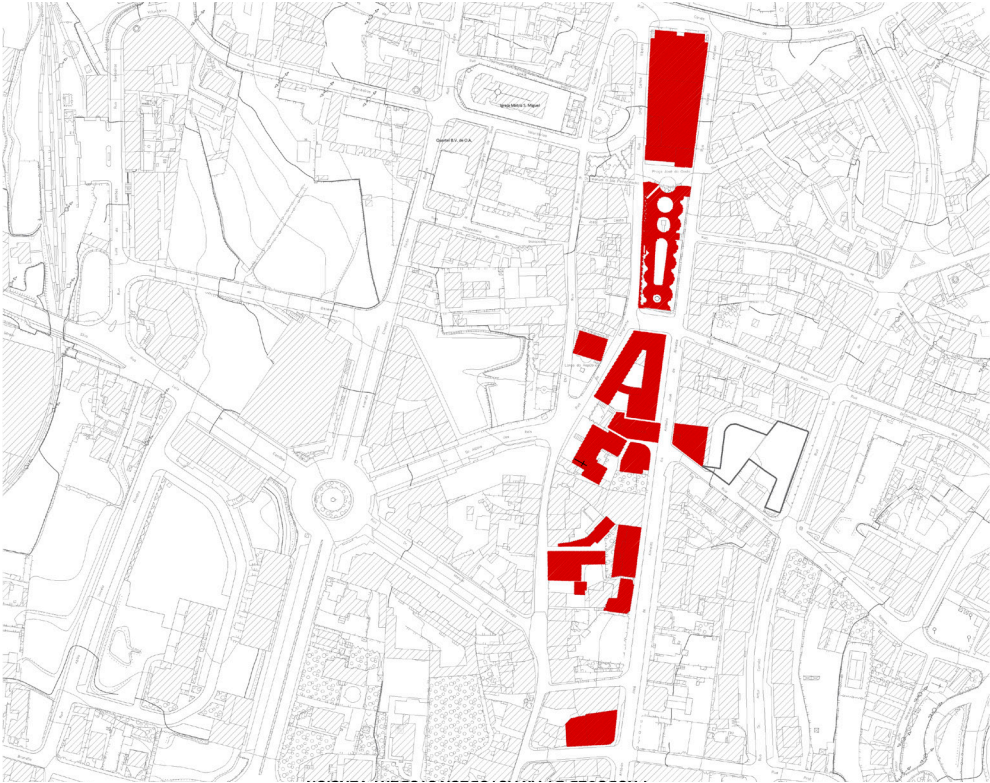
A articulação destas influências é um ato de criação irrepetível. O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente, mas a maioria das vezes inconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem tender a ser assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente de cada um. [...] As influências são muitas, disso tenho a certeza absoluta, e de que algumas nem sequer porventura terei consciência. Mas aquilo que fica, por fim, é uma malha muito subtil e complexa, não uma única obsessão limitativa.

UM PROJETO PARA
OLIVEIRA DE AZEMÉIS





5| Vista aérea da Avenida Doutor António José de Almeida, com marcação dos edifícios em destaque.
6| Alçado da Avenida Doutor António José de Almeida - escala 1/1250. JC, 2019.



7 | Vista aérea da avenida Doutor António José de Almeida

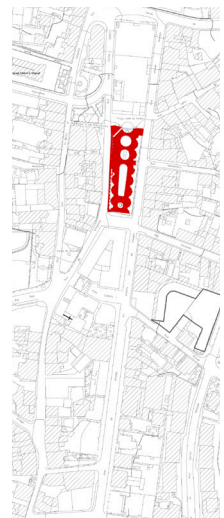
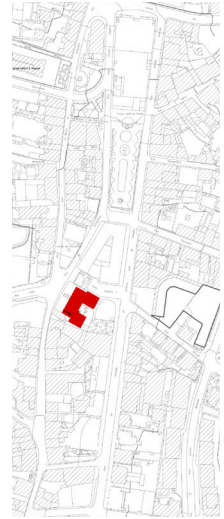
8 | Planta da Avenida Doutor António José de Almeida, com marcação dos edifícios em destaque. JC, 2019

|A Avenida Doutor António José de Almeida

Situada no eixo de ligação entre Lisboa e Porto, Oliveira de Azeméis é uma localidade com importância desde tempos imemoráveis. Sendo um local marcado pela presença humana desde a pré-história, comprovada pelos castros de Ul e Ossela, transformou-se mais tarde no ponto de passagem da via romana que ligava Lisboa a Braga, da qual permanece ainda o Marco Miliário da Milha XII.

Dada a sua posição privilegiada, Oliveira de Azeméis desenvolveu-se ao longo do tempo, tendo sido elevada a Vila e Sede do Concelho a 5 de Janeiro de 1799 por D. Maria I. Já com a reforma administrativa de Mouzinho da Silveira, em 1856, Oliveira de Azeméis transforma-se no concelho que hoje se conhece, devido à extinção do município da Bemposta. Com as condições de progresso, principalmente industrial, demográfico e urbano, a Assembleia da República decide a elevação a Cidade a 16 de Maio de 1984. São vários os símbolos deste concelho, dos quais se destacam não só o património construído, mas também o valioso património natural. São exemplo do património arqueológico e arquitetónico os Castros de Ul e de Ossela, as casas construídas por emigrantes regressados do Brasil, o Centro Histórico de Oliveira de Azeméis e, mais recentemente, dois edifícios projetados pelo arquiteto Álvaro Siza, em 1972 e em 1992. Tendo em conta o propósito desta dissertação, focaremos a nossa atenção no antigo centro da cidade, local onde o arquiteto projetou os referidos edifícios.

No século XIX, o centro de Oliveira de Azeméis era marcado pela construção de pequenas e grandes casas, como é o caso da Casa dos Côrte-Real. Este Solar foi construído no século XVII, possuindo uma capela e uma escada exterior de um só lanço rematada por duas pilastras, sendo que numa delas está inscrita a data de 1686. É uma casa de planta retangular, fazendo parte do seu conjunto uma capela de planta longitudinal. Os volumes são articulados com coberturas



- 9| Casa dos Côrte-Real. JC, 2019
- 10| Paços do Concelho. JC, 2019
- 11| Praça José da Costa, antes da construção do Mercado Municipal

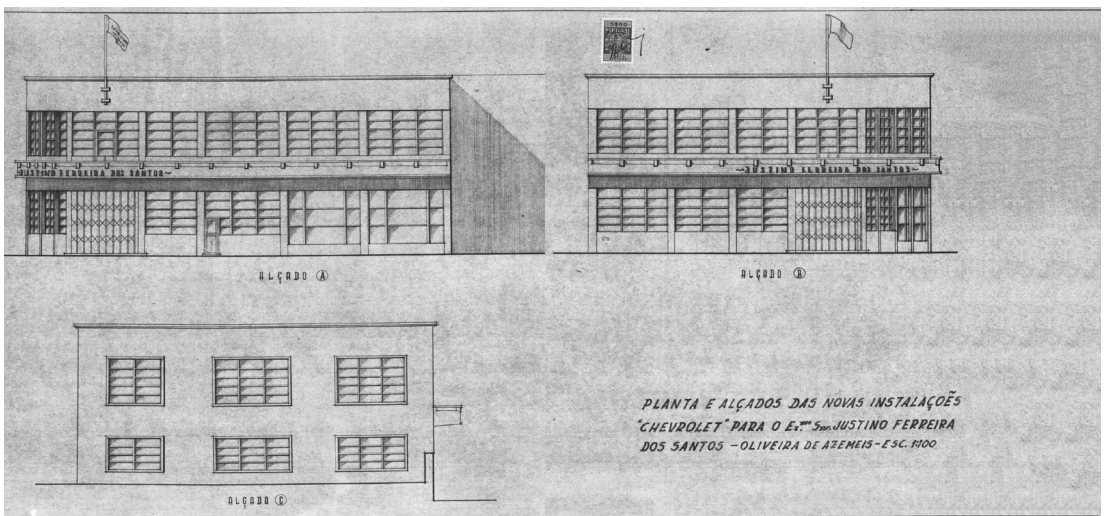
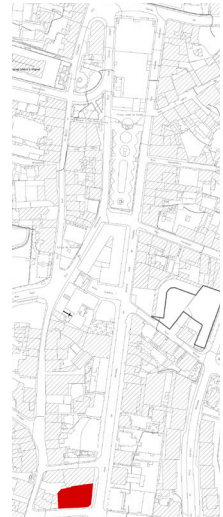
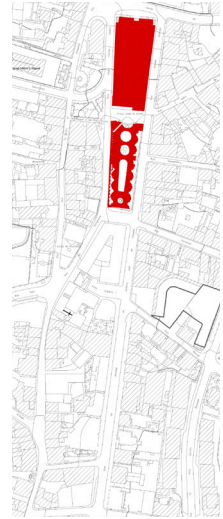
diferenciadas em telhados de quatro águas, na casa, e de duas águas, na capela e possui uma fachada principal de dois pisos, embora a casa possua três pisos.

Quase dois séculos mais tarde inicia-se, a noroeste da Casa dos Côrte-Real, a construção do edifício dos Paços do Concelho. Situado numa zona privilegiada da cidade, começa a ser construído em dezembro de 1844, ficando concluído apenas por volta de 1851. Tendo tido, ao longo dos tempos, diversas funções – abrigava os tribunais judiciais e administrativos, a sala de sessões da Câmara, vários compartimentos onde se alojavam funcionários e, nas caves, prisões e a casa do carcereiro -, a sua estrutura interior acabou por sofrer várias alterações, mas o seu aspeto exterior manteve-se praticamente inalterado até ao presente.

A nordeste do Edifício da Câmara Municipal, localiza-se a Praça José da Costa, originalmente conhecida como a Praça dos Vales. A partir de fotografias da época podemos perceber como funcionava a praça, sendo que foi transformada em jardim com a construção do Mercado Municipal em 1938. Anteriormente, a praça era limitada, a norte, por um grupo de casas particulares, entretanto demolidas para a construção do Mercado. Não há registo de quem terá projetado o mercado e o jardim que agora ocupa a praça, mas é certo que as intervenções surgiram do mesmo projeto.

Nos finais dos anos 20, início dos anos 30 (antes da construção do Mercado), João Silva da Praça desenha o projeto para a construção da Avenida Doutor António José de Almeida. João da Silva Praça *faleceu em 28 de Outubro de 1932. A abertura da Avenida foi um dos seus últimos trabalhos*². Alfredo Fernandes de Andrade foi Presidente da Câmara de 1928 a 1945. (...) *Dedicando-se a tempo inteiro à Câmara modificou o centro desta então vila, construindo um Mercado, edifício que ainda hoje se pode considerar funcional e cujo tipo de construção marca uma época; um Jardim em que transformou a antiga Praça*

2 Guedes, António César. *Um olhar sobre o passado*. Oliveira de Azeméis: Caima Press, 1998. p. 199-200.



- 12 | Praça José da Costa, depois da construção do Mercado Municipal
- 13 | Fotografia da inauguração da Garagem Justino
- 14 | Alçados do projeto original da Garagem Justino

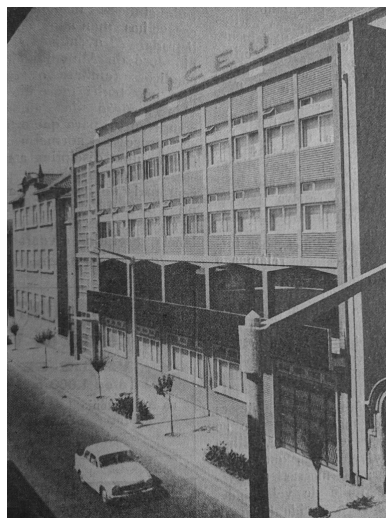
*José da Costa, onde se fazia o mercado semanal e que foi um acto de coragem; a Avenida Dr. António José de Almeida; e várias outras obras que os magros rendimentos da Câmara iam permitindo.*³

O projeto previa que a avenida tivesse 20 metros de largura, mas os proprietários dos terrenos opuseram-se e não cederam mais do que 10 metros, tendo sido aberta com essa mesma largura. Depois da abertura, só foram permitidas construções à distância de 2,5 metros do limite da Avenida e, mais tarde, quando a Câmara Municipal se tornou proprietária desses espaços, acabou por ficar com 15 metros de largura. É nesta Avenida que estão situados alguns dos projetos arquitetónicos com maior impacto na cidade, como o já referido Mercado Municipal, a Garagem Justino, o antigo Liceu de Oliveira de Azeméis, o Tribunal Judicial, o Edifício da Caixa Geral de Depósitos e as duas obras do arquitecto Álvaro Siza.

O edifício da Garagem Justino, um belo edifício em gaveto, é um dos edifícios mais emblemáticos da cidade. As atuais instalações - que compreendem o edifício e uma estrutura independente - tiveram algumas intervenções recentes, mas o edifício principal, situado na Avenida Doutor António José de Almeida, foi construído por volta de 1950⁴. O edifício, de dois pisos, resolve o gaveto em curva com um desenho moderno marcado pela presença de grandes vãos envidraçados, com uma caixilharia dividida em retângulos longos e baixos cujos perfis, em L, são projetados para o exterior. Uma pala, prolongada para lá do limite do edifício, percorre a fachada tornando perceptível a divisão dos pisos pelo exterior, ao mesmo tempo que acentua a marcação da entrada do edifício, situada ao centro. Com uma cobertura plana, rebocado e pintado de branco, este foi dos primeiros edifícios de expressão contemporânea a ser construído

3 Guedes, António César. *Um olhar sobre o passado*. Oliveira de Azeméis: Caima Press, 1998. p. 121-122.

4 Existe um documento, datado de Outubro de 1949, em que Justino Ferreira dos Santos requer à Câmara Municipal licença para a construção uma garagem na avenida, sendo anexado nesse requerimento desenhos do edifício.



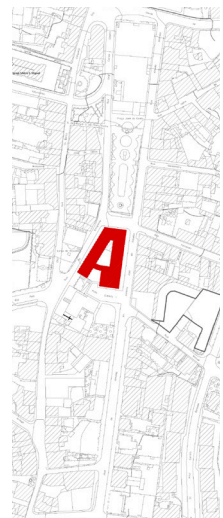
- 15| Garagem Justino atualmente
- 16| Conjunto de edifícios que formavam o antigo Liceu.
- 17 e 18| Fotografias do antigo Liceu de Oliveira de Azeméis, a partir da avenida

na cidade. Em Outubro de 1958 foi concedida a licença para a ampliação da Garagem Justino em dois pisos, acabando o edifício por assumir um carácter mais forte na avenida, dada a sua dimensão quando comparada com as habitações que o envolvem. Com a ampliação foram também alteradas as dimensões de alguns vãos, mas o desenho dos perfis da caixilharia seguiu o mesmo princípio dos originais. É esse desenho e estrutura que o edifício apresenta nos dias de hoje.

Em 1932, (...) começa a funcionar o Colégio de Oliveira de Azeméis. E estava dado o grande passo. Daí por diante começou o crescimento e a fama deste colégio. Em 1942 (D. Maria Adília) casou, com o Prof. António Almeida que, com muita audácia, em breve fez surgir um bloco do lado da Avenida, seguido de outro, denominado Ginásio. Assim ficou o Colégio de Oliveira de Azeméis a possuir uma das melhores instalações escolares do País (...). Em 1971 o casal D. Maria Adília – António Almeida, demonstrando um excepcional espírito de compreensão, cederam estas magníficas instalações para que Oliveira de Azeméis tivesse o seu Liceu. Não fosse esta atitude, (...) e o ensino Oficial só muito mais tarde cá teria chegado.⁵

O Liceu Ferreira de Castro era constituído por um conjunto de edifícios com funções distintas. A entrada principal do liceu era feita pela rua António Alegria. No entanto, o bloco que fazia frente com a Avenida Dr. António José de Almeida era o que possuía maior destaque, com uma linguagem moderna que o fazia salientar do resto da arquitetura presente na cidade. Aí localizava-se o ginásio do liceu, nos dois primeiros pisos, e salas de aula nos restantes três pisos. O resto do programa distribuía-se pelos restantes edifícios que pertenciam ao colégio – serviços administrativos, zonas de estudo, cantina, restantes salas de aula, etc. O maior bloco edificado do liceu, que fazia frente com a avenida, era composto por duas partes distintas, separadas por um piso vazado intermédio. O 1º piso ocupava toda a superfície do lote, sobre o qual existia o piso vazado,

⁵ Guedes, António César. *Um olhar sobre o passado*. Oliveira de Azeméis: Caima Press, 1998. p. 37-38.

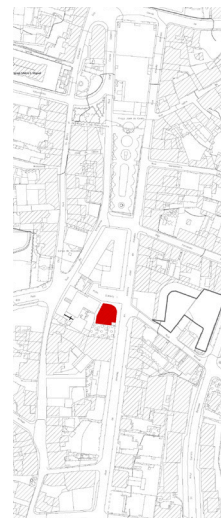


- 19| Quarteirão demolido para construção do Tribunal Judicial
- 20| Tribunal Judicial
- 21| Tribunal Judicial. JC, 2019

totalmente aberto, que se destinava à prática de atividades físicas ao ar livre. Sobre este, existiam o 3º, 4º e 5º pisos, sendo este último recuado em relação ao alinhamento do plano da fachada nascente.

Posteriormente à construção do edifício do Liceu, a 21 de Fevereiro de 1965, foi inaugurado o Tribunal Judicial de Oliveira de Azeméis, edifício projetado pelo arquiteto Carlos Ramos. Localiza-se junto à praça José da Costa e tem três frentes, fazendo frente com a rua adjacente à praça, a Norte; com a avenida António José de Almeida, a Nascente; e com a rua do Emigrante (que liga a praça ao edifício da Câmara Municipal e à Casa dos Corte Real), a Poente. No local onde se encontra o edifício, existia anteriormente um quarteirão constituído por pequenas construções, uma das quais o solar da família Reis Vasconcelos, demolidas no início dos anos 60 para construção do Tribunal Judicial.

Trata-se de um edifício com três pisos, dispostos numa planta em V, com uma métrica de vãos bastante marcada e com alçados que conjugam o uso do reboco pintado a branco com o mármore. O acesso ao edifício é feito, pelo público, a norte da Avenida Dr. António José de Almeida e, pelo pessoal, a Sul, acedendo ao pátio interior. O programa distribui-se pelos três pisos, sendo: no rés do chão o átrio, serviços administrativos, arquivo, secretaria notarial e registo predial; no primeiro piso as salas de audiência, gabinetes, secretaria e instalações sanitárias gerais; no terceiro piso o gabinete do secretário, secretaria e secção central. Por ter frente em três ruas, este é um edifício que produz uma imagem forte na cidade. A solução volumétrica permite responder às questões programáticas mantendo o equilíbrio com as cêrceas das construções envolventes, acentuado pelo embasamento em mármore que, no exterior, cria relação com a escala humana, resultando num edifício com uma expressão sóbria relativamente ao lugar em que se insere.



22 | Praceta D. Maria II, vista a partir da avenida. JC, 2019

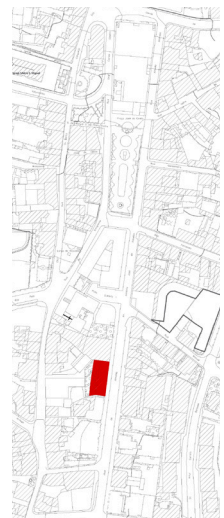
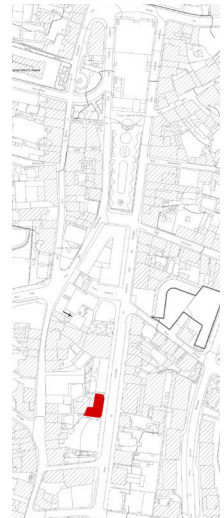
23 | Edifício da Caixa Geral de Depósitos, vista a partir da praceta D. Maria II. JC, 2019

24 | Antigo Banco Pinto & Sotto Mayor

Cinco anos após a inauguração do Tribunal Judicial, em 1970, é construída a praça D. Maria II, que tinha como objetivo a criação de um espaço livre entre a Casa dos Côrte-Real e o Tribunal, permitindo também espaço para o estacionamento público e acesso de automóveis ao pátio do Tribunal. A abertura da praça obrigou à reconstrução da fachada norte da Casa dos Côrte-Real - tendo o desenho da nova fachada sido realizado por Gaspar Domingues, arquiteto que desenhara o edifício do Liceu e atual proprietário da casa - e à construção de uma plataforma praticável e escadaria de ligação à rua do Emigrante. A praça ficaria então delimitada pela plataforma, a poente, pelo Tribunal, a norte, pela Casa dos Côrte-Real, a sul, e pela avenida, a nascente.

Do lado oposto à Avenida Dr. António José de Almeida situa-se o edifício da Caixa Geral de Depósitos. A data e autoria do projeto original não é conhecida. No entanto, através da fotografia da construção da praça, percebemos que o edifício é anterior à mesma. Foi reconstruído em 1982, com projeto do G.A.A.P.E (Gabinetes Associados de Arquitetura Planeamento e Engenharia), tendo sofrido pequenas alterações dez anos mais tarde. Trata-se de um edifício de gaveto, com quatro pisos, sendo um deles subterrâneo. A entrada no edifício é feita pela avenida, dando acesso ao rés-do-chão, onde é feito o atendimento ao público. Os gabinetes, serviços administrativos e salas de reuniões estão distribuídos pelos dois últimos pisos, sendo que os acessos verticais se situam a poente. No exterior, encontramos um volume rebocado e pintado de amarelo claro cuja escala se enquadra no lugar em que está inserido, relacionando-se com a cêrcea dos edifícios de referência mais próximos: o Tribunal Judicial e a Casa dos Côrte-Real.

Foi com esta envolvente - um solar do século XVII, um edifício projetado por Carlos Ramos na década de 60, uma praça, e o edifício da Caixa Geral de Depósitos - que se deparou Álvaro Siza quando, em 1971 iniciou o projeto para o Banco Pinto & Sotto Mayor. As características do lugar, assim como os condicionamentos gerados pelo programa, que previa a articulação de duas



25| Academia de Música de Oliveira de Azeméis. JC, 2019
26| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro. JC, 2019

zonas amplas de público e de instalações subsidiárias, de pequenas dimensões, foram tidos em conta, naturalmente, pelo arquiteto. Na sua solução, Siza apresenta um edifício que, pela sua expressão arquitetónica, se destaca da envolvente articulando-se, no entanto, habilmente com ela, numa composição que parte de traços reguladores de dentro e de fora do edifício.

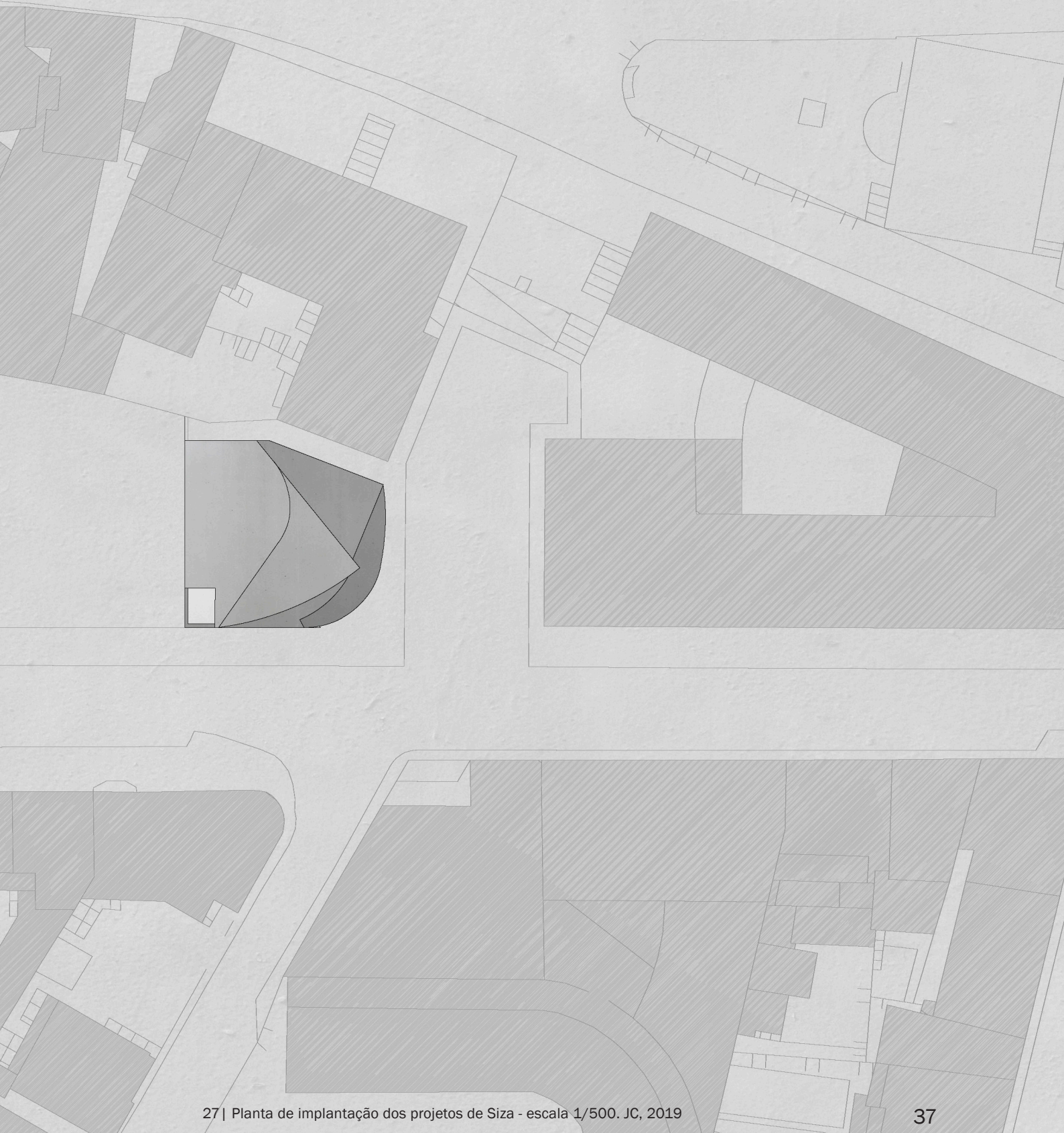
Com a constante evolução da cidade e com a construção de novas escolas públicas, o Liceu de Oliveira de Azeméis acabou por encerrar, e os edifícios que o compunham tomaram funções distintas. O edifício de esquina contíguo ao Liceu que comportava algumas funções daquela escola, passou a ser a Academia de Música de Oliveira de Azeméis. Esta mudança não alterou a estrutura e expressão do edifício, tendo sido apenas construídas e demolidas algumas paredes para a criação de espaços mais proveitosos para o novo programa. Consiste num edifício de quatro pisos – três pisos com sótão – com acessos verticais nos dois extremos (Norte e Sul). No piso térreo, além do acesso ao edifício, encontram-se os serviços administrativos, bar e salas de aula; o primeiro piso é ocupado com salas de aula e, o segundo piso, por um pequeno auditório.

Nos anos noventa do séc. XX, o edifício do antigo liceu, foi reconstruído e em grande parte demolido, segundo o projeto de Álvaro Siza. A alteração do programa do edifício, agora ocupado por comércio e escritórios, obrigou à alteração das plantas e desenho das fachadas, tendo apenas sido mantida a estrutura do edifício existente.

Nos finais daquela década víamos a Avenida Doutor António José de Almeida composta por uma série de edifícios com uma forte presença na cidade e todos arquitetonicamente distintos. Embora o “centro” da cidade já não seja este atualmente, esta continua a ser uma das avenidas mais movimentadas da cidade e a expressão adquirida, há um quarto de século atrás, perdura ainda nos dias de hoje.



| As obras de Álvaro Siza em Oliveira de Azeméis





28 | Fernando Távora apresentando o resultado do IAPP a António de Oliveira Salazar
29 | Viagem à Grécia - Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Álvaro Siza (da esquerda para a direita), 1976

| Álvaro Siza

No início da década de 1960, Portugal vivia sob o regime político do Estado Novo, uma das últimas ditaduras europeias marcadas pelo conservadorismo cultural e por um nacionalismo serôdio. Por reação, o fascínio dos criadores portugueses pelo Internacionalismo Moderno tornara-se inevitável. Entre estes, os arquitetos debatiam, pelo menos desde 1948 (ano do 1º Congresso Nacional de Arquitetura), a aproximação portuguesa ao Movimento Moderno centro-europeu, mas a viragem para a década de 60 acentuaria uma outra postura intergeracional, em prol da revisão crítica dessas tendências, ora nacionalistas, ora internacionalistas.⁶

Enquanto que em Portugal o racionalismo dos anos 40 representou a luta contra um estilo nacional protagonizado por um setor que defendia a ideologia do Estado Novo, o chamado Movimento Moderno, por outro lado, trouxe consigo características que permitiram uma maior liberdade formal aos arquitetos. O Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal (1955-1960), revelou uma vertente vernacular tipológica e espacial diversificada, assim como uma panóplia de valores diferentes dos defendidos pelo Movimento Moderno, que os arquitetos portugueses procurarão incorporar na sua arquitetura. Esta tendência, defendida na Escola do Porto através da pedagogia de Carlos Ramos, é reforçada pela entrada de novos professores na Escola, como Fernando Távora, José Carlos Loureiro, Viana de Lima, Octávio Lixa Felgueiras e Arnaldo Araújo.

Ora, Álvaro Siza Vieira⁷ inicia os seus estudos em arquitetura nos inícios dos anos 50, sob a pedagogia de Carlos Ramos. Nessa altura, começavam a chegar a Portugal notícias sobre a reconstrução dos países afetados pela

6 Catálogo da exposição 'Os Universalistas', Casa da arquitectura, Porto, 2018. p. 13.

7 Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira é natural de Matosinhos, onde nasceu a 25 de Junho de 1933. Estudou Arquitectura na Escola Superior de Belas Artes do Porto entre 1949 e 1955. Construiu a sua primeira obra em 1954 e foi colaborador de Fernando Távora entre 1955 e 1958, ano em que inicia o seu próprio atelier. Foi galardoado com o prémio Pritzker em 1992.



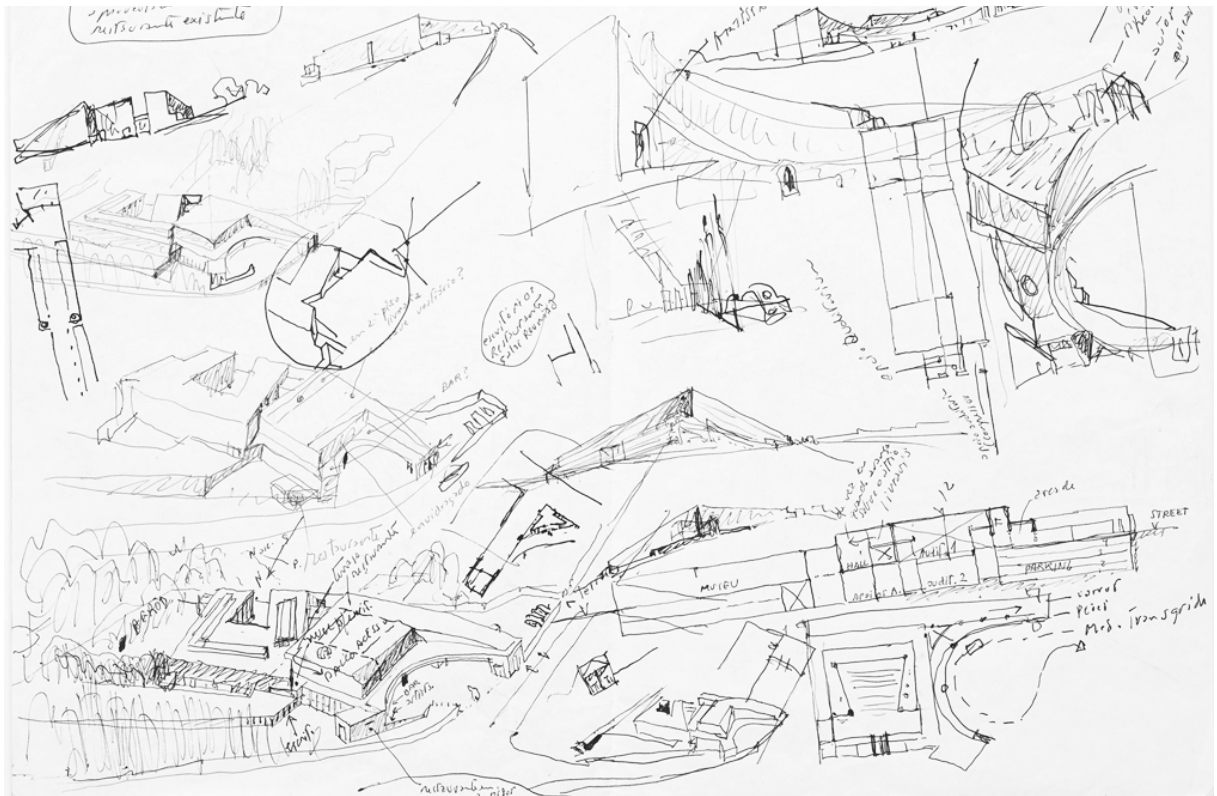
- 30| Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira, 1958
- 31| Piscinas das Marés, Leça da Palmeira, 1961
- 32| Casa Manuel Magalhães, Porto, 1967

2ª Guerra Mundial e, embora o acesso a livros e revistas de arquitetura não fosse fácil, alguns dos nomes mais relevantes da época começaram a destacar-se e a ter influência nos estudantes da disciplina. É desta forma que Siza contacta com nomes como Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto e Le Corbusier, arquitetos cuja obra influenciará o seu percurso académico e profissional.

Tínhamos iniciado os estudos universitários com «Espaço, Tempo e Arquitectura» de Siegfried Giedion, o nosso silabário, em que a figura de Wright não tem o mesmo significado. Só depois disso chegaram de Itália escritos de Zevi, que tiveram em nós um grande impacto. E embora as nossas preocupações encontrassem eco na arquitectura de Alvar Aalto (que como nós trabalhava num país periférico em que o artesanato tinha grande qualidade e o desenvolvimento tecnológico ia surgindo lentamente), é a revisão que Wright opera nos princípios do CIAM (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna) que tem uma grande importância.⁸

Enquanto decorria o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, Siza era elucidado com múltiplas referências e trabalhava com Fernando Távora, tendo colaborado com ele até 1958. Embora já tivesse realizado, em 1954, enquanto estudante, o projeto de quatro casas em Matosinhos, é no ano em que deixa de colaborar com Távora que inicia o seu segundo projeto: a Casa de Chá da Boa Nova, em Leça da Palmeira. Nas suas duas primeiras obras Siza parece mostrar-se mais ligado com a influência do seu mestre. Contudo, no projeto das piscinas das Marés, em Leça da Palmeira, realizado no início da década de 1960, ou no projeto da casa Manuel Magalhães, nas Antas, realizado no fim da década de 1960, parece haver uma reinterpretação da arquitetura vernacular portuguesa e um salto para a modernidade, deixando-se influenciar mais pela arquitetura feita lá fora, seja por Corbusier, Wright ou Aalto. Como nos refere Siza, *na piscina, não vejo relação alguma, nem sequer em termos materiais com*

⁸ Siza, Álvaro. *‘Imaginar a evidência’*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 35.



33 | Centro Cultural Wolfsburg, Alvar Aalto
34 | Esquissos de Álvaro Siza

*a arquitectura vernacular portuguesa.*⁹

*A arquitectura de Alvar Aalto enraíza na tradição finlandesa, de maneira espontânea e também profundamente intencional, e estrutura-se a partir da sólida formação racionalista do arquitecto. Julgo que a sua fundamental contribuição decorre de um duplo e sensível distanciamento, quer em relação às ambiguidades do neo-empirismo, no que nele se refere a pressupostos formais ou outros, quer face à construção em curso de uma linguagem arquitectónica de ruptura, através de protótipos de uma nova arquitectura revolucionariamente transformadora. É nessa distância que ele se exprime de maneira decisiva e tranquilamente radical, durante o período possivelmente mais fecundo da sua obra, num momento de esforço colectivo de reconstrução de um país devastado, mas também renovado, por uma luta de libertação e de autonomia.*¹⁰

É por um percurso de descoberta, balançando entre tradição e modernidade, que Álvaro Siza consolida a sua atividade criativa, num processo de projeto singular no qual o desenho tem um papel fundamental. Questões como o lugar, a escala, a proporção dos espaços na relação com a medida do homem e a organização clara do programa parecem ser temáticas dominantes.

Através do desenho, Siza analisa o lugar, registando o que mais lhe interessa e questionando aquilo que vê. Um lugar cheio de potencialidades à espera de um olhar atento que as revele. O desenho apresenta-se como um meio que liga o mundo intelectual ao mundo físico: as ideias, memórias ou o que está a ser visto, expresso numa folha branca; um desenho que não se restringe ao esquisso arquitetónico, mas que se deixa contaminar pela figura humana, pelo olhar desperto nas viagens e pela atenção ao Mundo e aos seus pormenores, daí estar presente em toda a fase projetual e ser também uma das componentes essenciais da sua arquitetura.

9 Siza, Álvaro. *‘Imaginar a evidência’*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 35.

10 Siza, Álvaro. *‘01 Textos’*. Porto: Civilização, 2009. p. 211.



35| Edifício do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor

36| Edifício do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor. Vista aérea onde se percebe a influência da envolvente na geometria do edifício

| Um edifício em gaveto

O banco em Oliveira de Azeméis, construído na praça central duma pequena vila no norte de Portugal não é o primeiro edifício de Siza mas é representativo da sua obra. Este projecto do início dos anos 70 continua e amplia um processo de revisão e análise crítica da arquitectura racionalista dos anos 20 e 30 iniciada nos trabalhos de Siza dos fins dos anos 60.

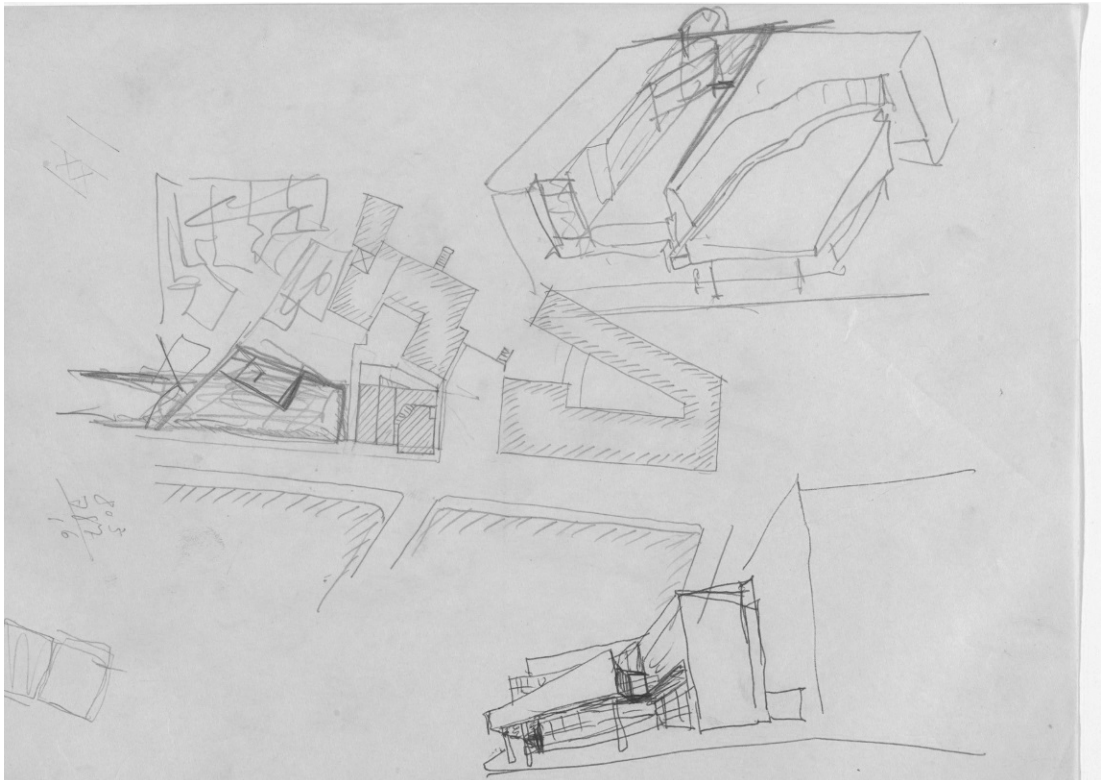
Embora não possamos explicar este trabalho com referências a quaisquer outros modelos, quer da arquitectura tradicional portuguesa quer do contexto particular, Siza propõe aqui, uma outra maneira de conceber uma resposta contextual.¹¹

O antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, situado em Oliveira de Azeméis é, na nossa opinião, uma das obras mais marcantes da arquitetura portuguesa dos últimos cinquenta anos. É o exemplo da importância que Siza dá ao lugar e da forma como o concilia, através do desenho, com o programa e a estrutura. O banco parece desenvolver-se a partir de referências que estabelece com o exterior. No desenho da planta evidencia-se um claro controlo sobre a geometria. Várias linhas de chamada partem de alinhamentos com as construções envolventes cruzando-se entre si e dando origem a traços que compõem as diferentes espacialidades do banco, conferindo uma correta escala ao edifício e harmonia entre os diferentes volumes.

No banco de Oliveira de Azeméis, é a posição urbana (uma pequena praça rodeada por edifícios antigos de diferentes formas e volumes) que define a volumetria do edifício, de uma forma tal, que, todos os edifícios da praça, se refletem num dos pisos ou nas linhas da cêrcea da nova construção, sem que nunca, no entanto, haja a mínima fusão ‘mimética’ na linguagem usada neste contexto¹²

11 Testa, Peter. ‘A arquitectura de Álvaro Siza’. Porto: FAUP, 1988. Tradução de José Quintão. p. 13.

12 Huet, Bernard. ‘Profissão Poética’. Barcelona: Gustavo Gili, 1988. p. 179.



37 | Edifício do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor

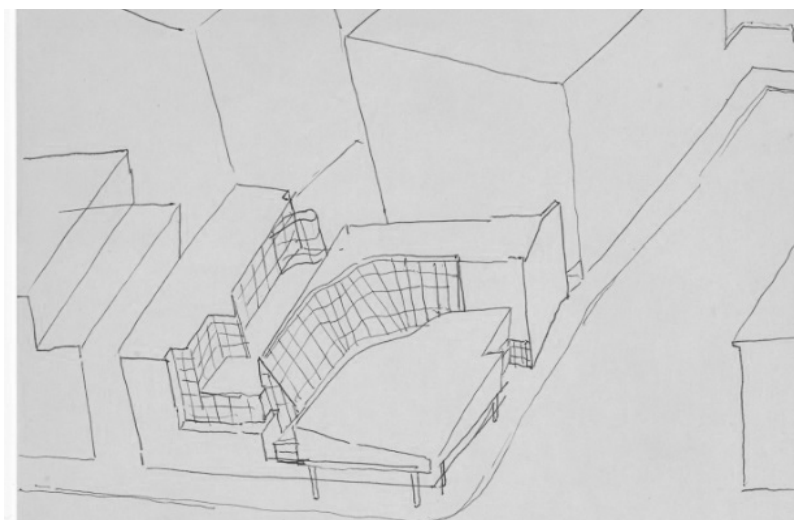
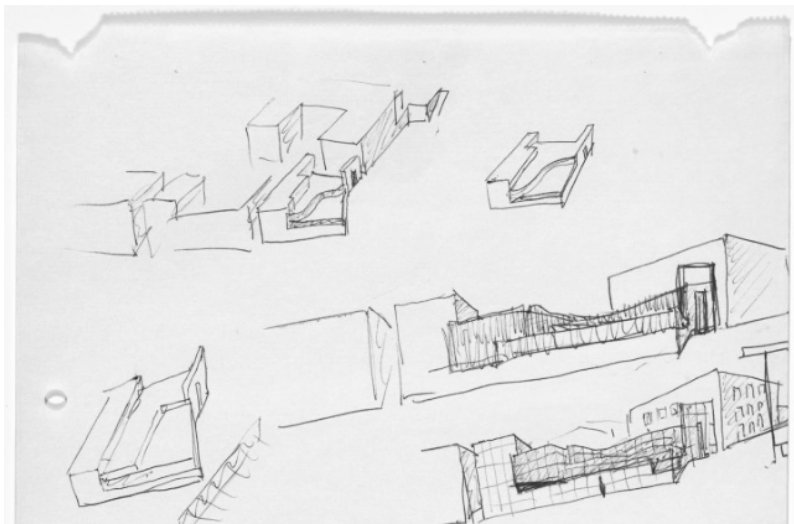
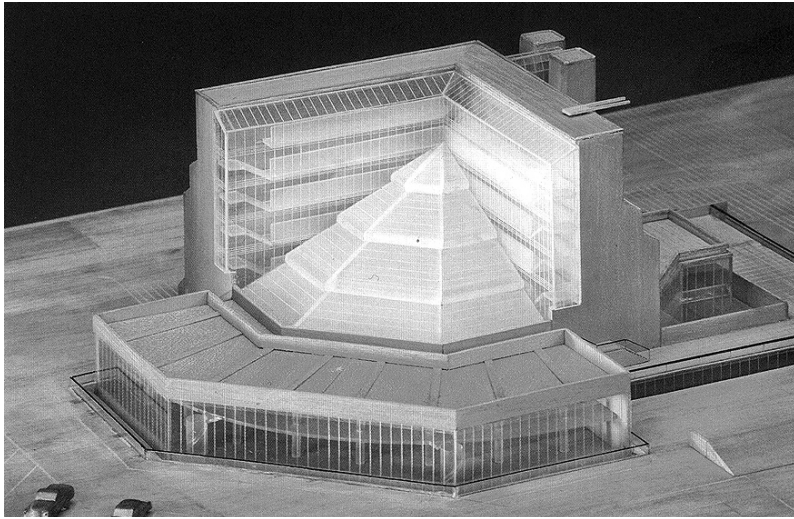
38 | Esquissos do banco, por Álvaro Siza

O edifício, projetado entre 1971 e 1974, situa-se no gaveto definido pela Avenida Doutor António José de Almeida e a praça D. Maria II, sendo a sua envolvente relativamente diversificada. Aproxima-se do Palácio da Justiça, a Norte – edifício, à época, com quase uma década de existência e projetado por Carlos Ramos, antigo professor de Álvaro Siza -, e da Casa dos Côrte-Real, a Poente – uma habitação com valor arquitetónico reconhecido e quase três séculos de existência -, ambos referidos no capítulo anterior. O gaveto que o edifício configura, confere-lhe um destaque que é acentuado pela força das suas geometrias. Siza opta por tomar como referência a cêrcea dos edifícios envolventes, propondo um edifício de três pisos. No entanto, de forma a não criar obstrução visual e sombra nos edifícios próximos, desmaterializa o volume afastando as zonas de maior cêrcea para Sul, de forma a que a volumetria se desenvolva gradualmente desde o primeiro até ao terceiro piso.

*Esta primeira ideia, mais tarde complementada por outras intenções adicionais, como a provisão de espaços que dão dimensão mais ampla ao espaço interior. Eu tinha voltado de ver a Biblioteca de Cambridge de Stirling, e estava muito impressionado com ela.*¹³

A opção de resolver o gaveto através de uma curva não está presente nos primeiros esboços do projeto, que se inicia, conforme nos diz o autor, com referências claras ao projeto dos anos sessenta para a Faculdade de História de Cambridge, de James Stirling. Aquele edifício, inaugurado em 1967, que conjuga o betão com o tijolo vermelho e envidraçados, é considerado um dos mais interessantes e controversos projetos do pós-guerra realizados em Inglaterra. A biblioteca, o seu espaço mais emblemático, possui uma grande cobertura em patamares inclinados e envidraçados, executada através de uma estrutura de metal complexa, resultando num volume bastante singular e distinto. Esta volumetria parece ser a conjugação de três volumes num só, em

13 Zaera, Alejandro. 'Getting through turbulence: interview with Álvaro Siza'. *Álvaro Siza: 1958-2000: getting through turbulence; notes on invention*. El Croquis nos68/69 + 95, Madrid, 2000. p. 22-23



39| Edifício da Faculdade de História de Cambridge
40 e 41| O projeto do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, Álvaro Siza

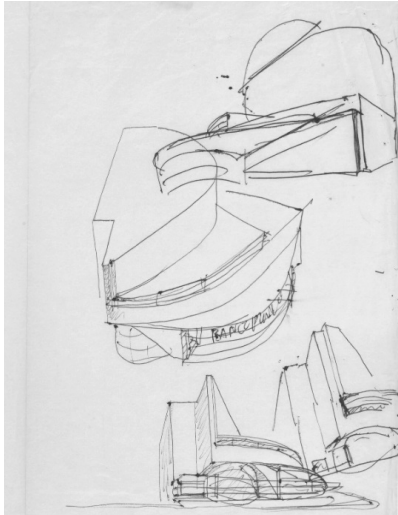
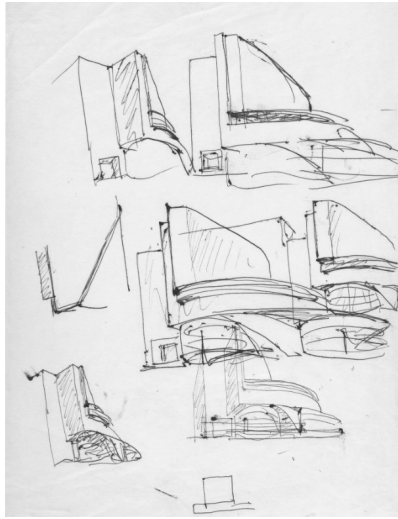
que: o ‘primeiro volume’ se apresenta curvo no interior mas com arestas retas no exterior, organizado em dois pisos onde se situam a maioria das estantes da biblioteca; o ‘segundo volume’ se destina à área de leitura e apresenta um pé direito que vai aumentando devido à estrutura de metal que compõe a sua cobertura; e o ‘terceiro volume’, composto por um bloco em L com corredores de distribuição de um lado e salas do outro, ambos envidraçados.

Os primeiros desenhos de estudo da volumetria do banco mostram a intenção de resolver o gaveto com um ângulo reto no primeiro piso, que ocupava toda a extensão do terreno, seguido de dois pisos mais recuados que libertam, progressivamente, a área norte do terreno. Numa clara referência ao projeto de Stirling, o recuo gradual dos pisos superiores mantém-se desde os primeiros esboços, embora com diferentes formas à medida que o projeto foi evoluindo. Esta ideia acaba por ser abandonada em favor da vontade de se resolver o gaveto com uma curva, porém, o afastamento das zonas de maior cêrcea para Sul e a sucessão de cêrceas dos três pisos manteve-se.

A geometria curva segue uma linha de continuidade com uma pesquisa anteriormente feita em concursos e projetos não construídos. É uma preocupação que desenvolvi, provavelmente depois de descobrir Alvar Aalto e Frank Lloyd Wright, cujas publicações começavam a ser distribuídas em Portugal naquele tempo. Mas a razão fundamental daquelas geometrias distorcidas é para permitir a entrada de luz no pátio da casa adjacente, uma casa magnífica do século XVIII. (...)¹⁴

Siza expressa uma vontade de desenhar a curva em projetos anteriores que nunca foram construídos – um restaurante em Perafita, Matosinhos (1960); a habitação e escritórios Sacor, em Matosinhos (1965); o plano para a marginal de Leça da Palmeira e Boa Nova (1966-1974); a Estação de abastecimento Sacor,

14 Álvaro Siza in ‘Getting through turbulence: interview with Álvaro Siza’. *Álvaro Siza: 1958-2000: getting through turbulence; notes on invention*. El Croquis nos68/69 + 95, Madrid, 2000. p. 22-23



42, 43 e 44 | O projeto do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, Álvaro Siza

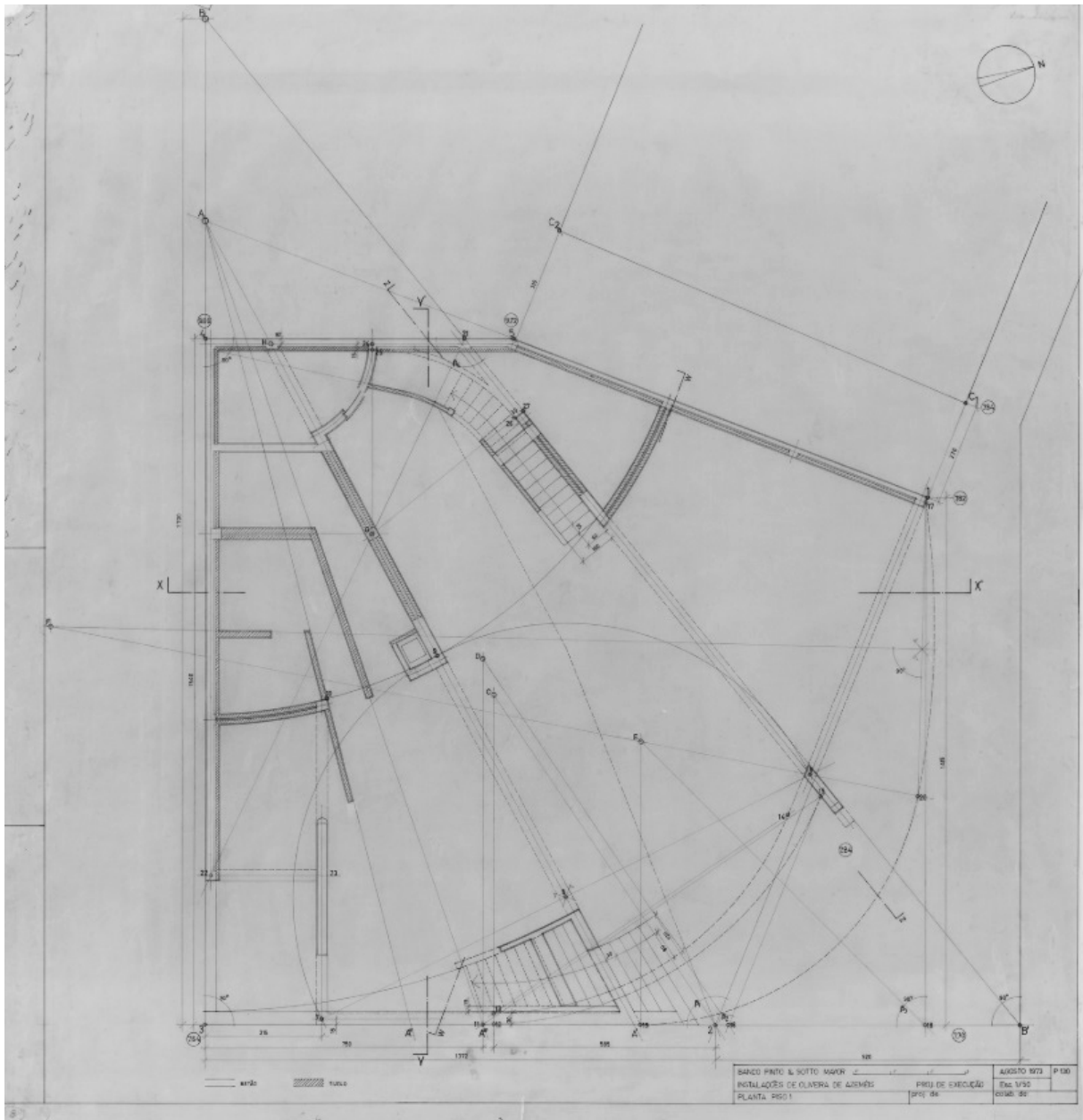
em Matosinhos (1970) -, tema que tinha vindo a ser explorado e desenvolvido, mas que só se concretiza no projeto para o antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, onde a curva acaba por ser a dominante da composição volumétrica. Um volume caracterizado por uma forma complexa que conjuga diferentes geometrias marcadas por um desenho que é contaminado quer pela envolvente, quer pelo programa.

Na nossa opinião, quem observa o banco a partir do exterior não percebe de imediato a complexidade geométrica subjacente à sua composição. A presença da curva acaba por atenuar a tensão geométrica e, os diferentes afastamentos e alinhamentos entre cada piso, desmaterializando o volume, conferem-lhe uma escala capaz de se adaptar e relacionar com os edifícios envolventes.

Trata-se de um projeto que respira arquitetura e tenta oferecer a experiência dela a partir do que se acredita ser a sua própria essência: o espaço puro enquanto tal, sem as limitações normalmente impostas pelo uso. Por essa razão, pode-se afirmar que Siza, sempre que pode (como é o caso aqui), prescinde de qualquer referência tipológica.¹⁵

Há uma dinâmica entre lugar e função que resulta no desenho de espaços pensados na relação entre programa, escala e vivência humana. O programa foi determinante para o desenho dos diferentes espaços interiores e da volumetria. Este previa as instalações habituais de uma agência bancária, com zonas de público e de trabalho, divididos por dois pisos, assim como o gabinete de receção, cofre-forte, vestiários, instalações sanitárias e arquivo. Foi também criada uma zona que permitiria uma futura expansão, no terceiro piso.

15 Moneo, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 208.

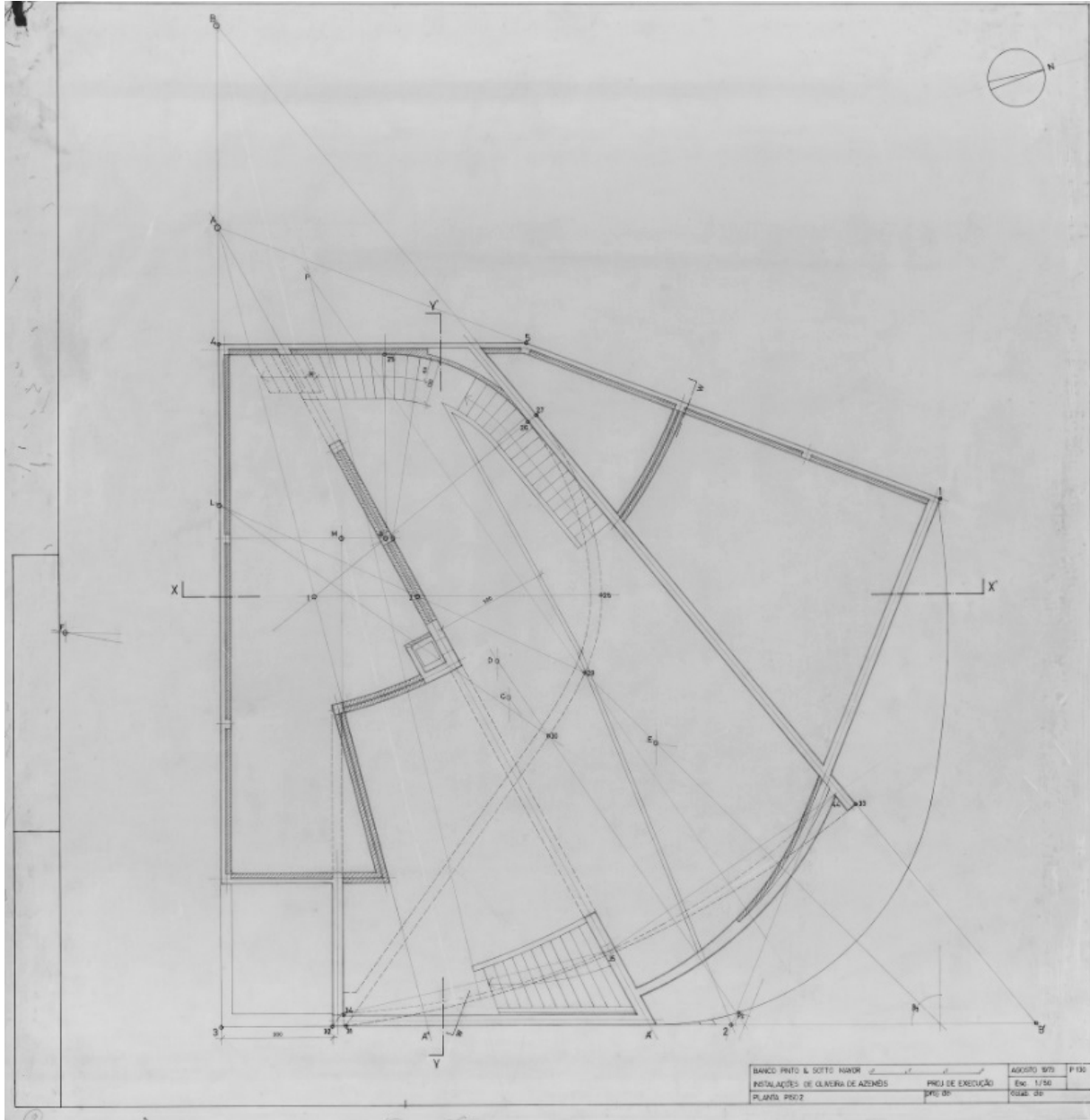


45 | Planta original do edifício do banco: piso 1

O sector sul da construção abrange, distribuídas pelos três pisos, as instalações predominantemente ligadas a serviços internos (recepção, vestiários e sanitários e casa forte, no 1º piso, arquivo, no segundo piso, zona de expansão, no 3º piso). Os espaços para público e zonas de trabalho em contacto directo com o público, no 1º e 2º pisos, projectam-se para norte, permitindo a já referida adaptação da volumetria ao que a envolve e precede. A forma do edifício resulta ainda da sua situação em gaveto, da intenção de manter um aberto sobre os terrenos interiores da habitação a poente, da atenção posta nos alinhamentos existentes e sua influência em cada um dos pisos. As superfícies curvas das paredes exteriores, que acusam estas preocupações, e que resultam ainda da relação com os movimentos de distribuição no interior do edifício, funcionam também, interiormente, como ecrã reflector da iluminação superior prevista. Os abertos nos pavimentos do 2º e 3º pisos permitem que esta iluminação penetre a totalidade do espaço, garantindo entretanto uma comunicação visual entre as diversas zonas de permanência.¹⁶

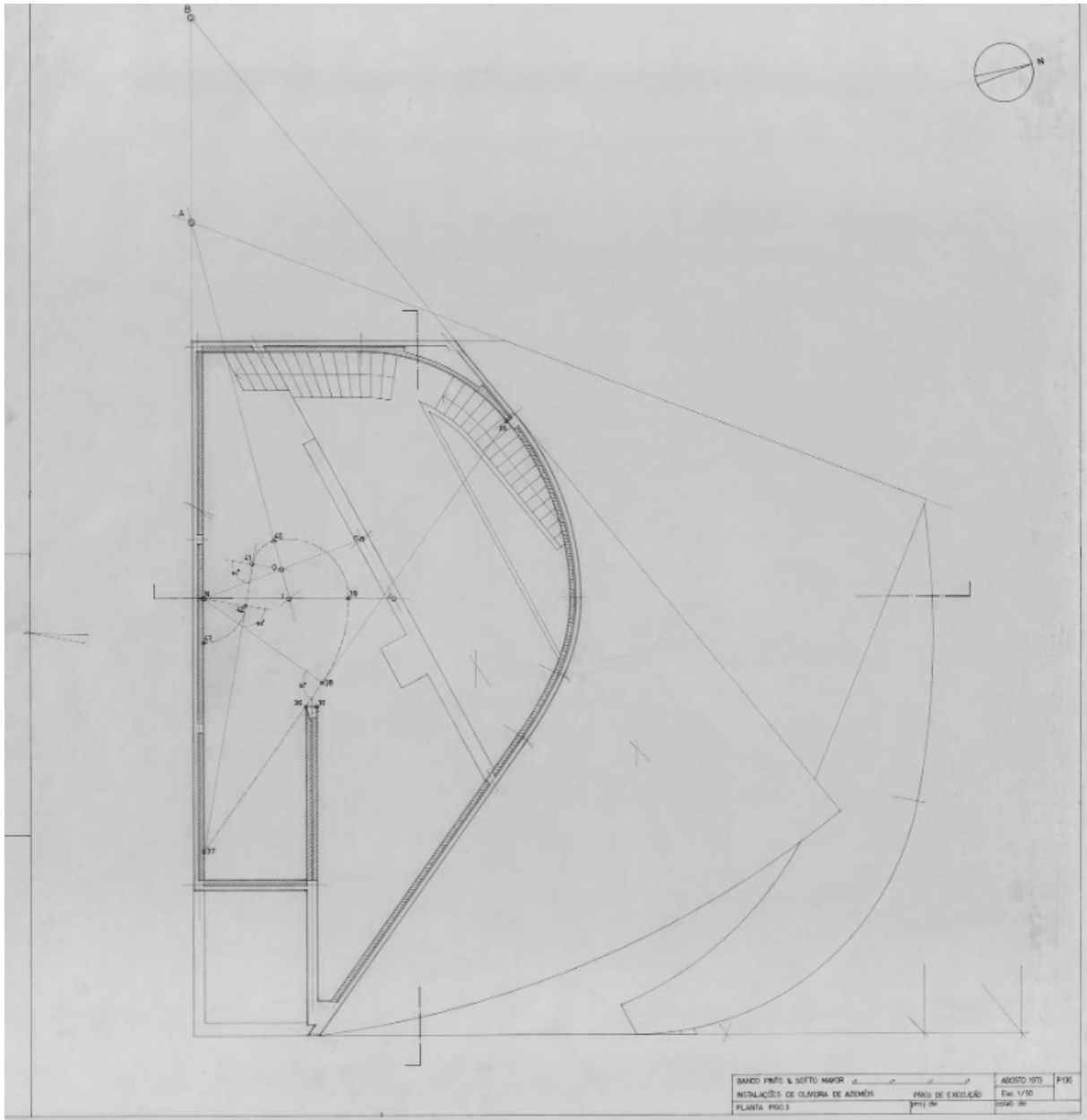
O banco possui uma estrutura constituída por paredes portantes, pilares, vigas e lajes em betão armado, e por paredes não portantes em tijolo vazado. As paredes interiores e exteriores são rebocadas e pintadas, obtendo-se um volume branco que, com a sua plasticidade única, se distingue de toda a arquitetura envolvente. É por entre estas paredes brancas que a estrutura intencionalmente se ‘esconde’, anulando-se. Estas paredes curvas funcionam como vigas invertidas, evitando o vigamento nas lajes de piso. Na cobertura do piso térreo a laje encontra-se em consola, numa curva delimitada pelo rufo e pela cortina de vidro – uma caixilharia de ferro pintado. As paredes duplas de alvenaria em tijolo são rebocadas e pintadas no mesmo branco que envolve a estrutura de betão, contribuindo para a sua ‘ocultação’.

16 Siza, Álvaro. Memória descritiva do projeto para o Banco Pinto & Sotto Mayor em Oliveira de Azeméis. 1971.



46 | Planta original do edifício do banco: piso 2

UM PROJETO PARA OLIVEIRA DE AZEMÉIS
| Um edifício em gaveto



47 | Planta original do edifício do banco: piso 3



48 | Fotografia do edifício desde a avenida Doutor António José de Almeida
49 | Fotografia do interior do edifício

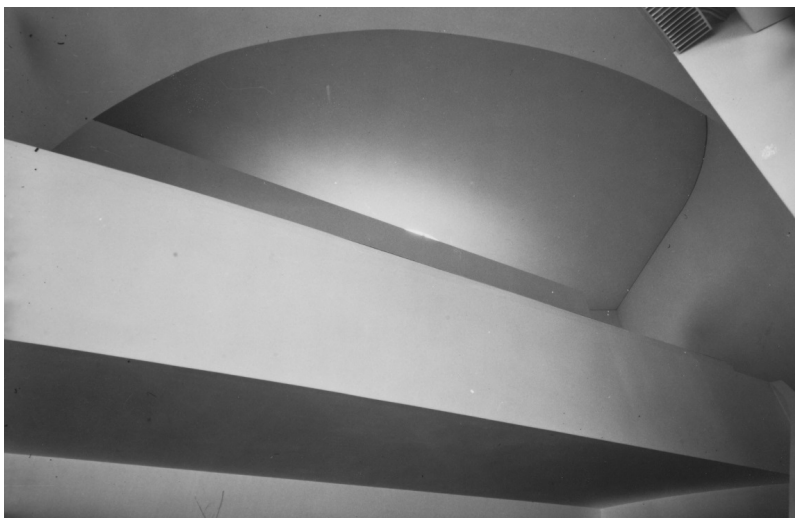
O volume do edifício é perceptualmente apoiado na insustentável leveza da cortina de vidro do piso térreo; os cunhais truncados, parecem ter sido recortados de uma massa homogênea e elástica; na cobertura, a parede inflectida (suspensa sobre uma longa janela em banda), sugere, a instável tensão escultural de uma parede em cartão. O encontro das paredes do cunhal sudoeste, junto ao totem sinalético, forma uma alheta profunda; neste gesto Siza condensa a filiação neoplástica da obra, ao mesmo tempo que lhe nega razão construtiva.¹⁷

O interior do edifício é marcado pelo uso de mármore, cuja transição para as superfícies estucadas é desenhada com detalhe, como em tantas outras obras de Álvaro Siza. Já o exterior, para além da sua composição volumétrica, é também marcado pela caixilharia metálica que, talvez não indiferente ao edifício próximo da Garagem Justino, é dividida em retângulos alongados que, juntamente com os perfis soldados em L e projetados para o exterior, contribuem para o dinamismo da fachada.

O acesso ao banco é feito lateralmente, a partir da praça D. Maria II e não diretamente pela avenida. *A entrada ao banco explora a condição curvilínea com a qual se resolve o canto e é resultado de um corte energético, que transforma essa curva em um fragmento. Tal gesto antecede em muitos anos os mecanismos de fragmentação que se tornariam corriqueiros na década de 1980. (...) A partir da porta de entrada revela-se todo este espaço que (...) adquire dimensões gigantescas, desconcertando-nos por sua imensa complexidade. Esta magnificação do espaço é obtida por meio da multiplicação de níveis acessíveis pelas escadas que os atravessam, e mediante a proliferação dos tetos que os acompanham.¹⁸*

17 Trigueiros, Luiz [et al.]. 'Álvaro Siza 1954-1976'. Lisboa: Blau, 1997. p. 156.

18 Moneo, Rafael. 'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 207



50, 51 e 52 | Fotografias do interior do edifício

Afirmamos, sem dúvida, que quem entra neste edifício não fica indiferente à sua qualidade espacial, transparecendo a ideia de que se está num espaço mais amplo do que realmente é. A amplitude sentida no primeiro piso deve-se à sucessão de *mezaninos*, que tornam perceptíveis o segundo e o terceiro piso a partir do ponto de entrada do edifício, e que permitem que a luz atravesse os diferentes espaços. Existem três lanços de escadas no interior do edifício, mas as escadas situadas a nascente, as mais perceptíveis desde a entrada do edifício, são as mais emblemáticas. O uso do mármore enriquece a sensação espacial e confere-lhes destaque, contrastando com as paredes estucadas e pintadas de branco.

No primeiro piso há uma forte entrada de luz proporcionada pela fachada totalmente envidraçada, mas à medida que subimos para os pisos superiores essa luz vai perdendo intensidade, chegando-nos agora, através de estreitos e longos vãos. Cada vão contribui para a sensação de amplitude do espaço, conseguindo-se, a partir de qualquer piso, observar todas as entradas de luz. Siza joga com diferentes níveis e diferentes formas, acabando por criar espaços que, sendo todos diferentes, mantêm a comunicação entre eles, tornando um pequeno edifício num 'amplo' edifício, quando visto do interior.

O edifício do banco projetado por Siza salienta-se, pela sua presença e diferente expressão arquitetónica, na Avenida Doutor José de Almeida. Pensamos, no entanto, encontrar algumas analogias na relação que parece estabelecer com o edifício da Garagem Justino que se encontra, um pouco mais a Sul, no gaveto compreendido entre a mesma avenida e a rua Dr. Miguel Castro. O edifício resolve o gaveto através de uma curva, é rebocado e pintado a branco, e possui grandes vãos envidraçados, com uma caixilharia metálica dividida em retângulos longos e baixos, com perfis soldados em L e projetados para o exterior. Esta poderia ser a descrição do edifício do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, mas não é, embora a semelhança seja notória. Se por um lado o interior, e até mesmo a composição volumétrica, destes dois edifícios não se



53 e 54 | Fotografias do exterior do edifício da Garagem Justino e do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor

55 e 56 | Fotografias da caixilharia do edifício da Garagem Justino e do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor. JC, 2019

assemelham, por outro lado, a expressão e materialidade do exterior de ambos é muito similar. Dada a proximidade física entre o edifício do banco e o edifício da Garagem Justino, construído 20 anos antes na mesma avenida, acreditamos que esta obra tenha influenciado as escolhas de Siza para os materiais do exterior do edifício por si projetado.

Percebemos assim que a dinâmica da volumetria é a razão do dinamismo dos espaços interiores, e que a estrutura – ou ocultação da mesma – contribui para o melhor aproveitamento possível desses mesmos espaços. Até à data do projeto, esta era uma das obras mais singulares e plasticamente complexas que Siza tinha projetado. Podemos encontrar uma longa cortina de vidro na casa Alcino Cardoso¹⁹, projetada na mesma altura do banco; observamos uma forte exploração no traçado geométrico nas piscinas das Marés²⁰, projetada cerca de dez anos antes; conseguimos ainda encontrar semelhanças entre o pátio do banco e o pátio da casa Manuel Magalhães, referida anteriormente. Mas, ainda assim, a arquitetura presente no projeto do banco fala por si só *com maior convicção e eloquência do que eu jamais poderia falar*²¹, e vai claramente influenciar o seu percurso e projetos posteriores, como é o caso do projeto para a Casa Beires²².

19 A Casa Alcino Cardoso, projetada entre 1971 e 1973 em Moledo do Minho, trata-se de um projeto de remodelação de uma casa para conversão em turismo rural. “Na preocupação de ‘reduzir o novo ao mínimo’, o projecto perspectiva uma revisão crítica da relação, sempre problemática, entre modernidade e tradição” (Trigueiros, Luiz [et al.]. ‘Álvaro Siza 1954-1976’. Lisboa: Blau, 1997. p. 139-140)

20 As Piscinas das Marés, projetadas entre 1961 e 1966, estão situadas ao longo da avenida marginal de Matosinhos. Através do traçado geométrico e do uso do betão, Siza separa o natural do construído criando uma relação íntima e comunicativa entre o que foi projetado e o que já existia.

21 Moneo, Rafael. ‘Inquietação Teórica e Estratégia Projetual’. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 209

22 A Casa Beires, projetada entre 1973 e 1976 na Póvoa de Varzim, está inserida num terreno retangular e desenvolve-se em torno de um pequeno pátio. “Nas palavras de Siza, a promessa de um pátio transformou-se, pela imposição regulamentar de alinhamento das empenas, numa «impossibilidade prática», dando lugar a «uma violenta expressão de rutura».” (Trigueiros, Luiz [et al.]. ‘Álvaro Siza 1954-1976’. Lisboa: Blau, 1997. p. 164).



57 | Bairro da Bouça, Porto, 1975

58 | Bonjour Tristesse, Berlin, 1984. JC

59 | Biblioteca Universitária de Aveiro, 1989. JC

| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro

Vinte anos após ter projetado o edifício do Banco Pinto & Sotto Mayor, considerado como o do fim *da etapa do jovem Siza*²³, e apenas a cerca de 35 metros a Sul do mesmo, Álvaro Siza é convidado a realizar o projeto de transformação do antigo Liceu de Oliveira de Azeméis em edifício de escritórios.

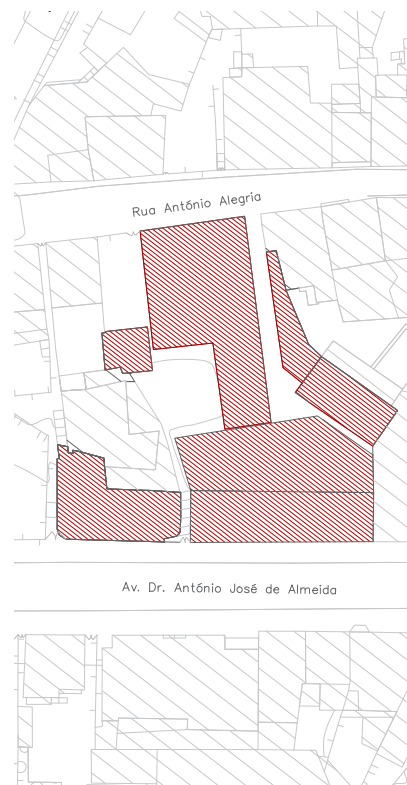
Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, Álvaro Siza realizou projetos de habitação económica em Portugal – o bairro da Bouça e o de São Victor, no Porto (no âmbito do Processo SAAL²⁴), e o da Malagueira, em Évora, que proporcionaram o convite a participar em projetos internacionais do mesmo âmbito. Assim, na década de 80, Siza projeta para Berlim uma das suas obras mais emblemáticas, o edifício *Bonjour Tristesse*, e, para Haia, o bairro *Punt en Komma*. Em Portugal desenvolve, em diferente contexto, projetos como a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, a Biblioteca Universitária de Aveiro, a Escola Superior de Educação de Setúbal e a Reconstrução do Chiado, após o incêndio de 1988.

Quando regressa a Oliveira de Azeméis, vinte anos mais tarde, Álvaro Siza já não é, obviamente, o mesmo. Os vários desafios que enfrentou ao longo dos projetos realizados conferiram-lhe, naturalmente, maior experiência e maturidade. Desde a colaboração com Távora até à internacionalização da sua arquitetura, o leque de influências e aprendizagens, assim como a quantidade de memórias criadas, cresceu exponencialmente.

Álvaro Siza, o arquitecto que vai surgindo nas páginas das revistas e dos jornais portugueses por volta dos anos 60, de súbito transforma-se num arquitecto europeu que trabalha em Berlim, Barcelona, Haia... e deixa de ser

23 Moneo, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 209.

24 Nascido da Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, o SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local – desencadeou um dos mais empolgantes processos da arquitetura do século XX.



60 | Fotografia do antigo Liceu a partir da Avenida Doutor António José de Almeida

61 | Planta de implantação do antigo Liceu Ferreira de Castro.

62 | Fotografia do antigo Liceu a partir do espaço exterior polidesportivo, no segundo piso

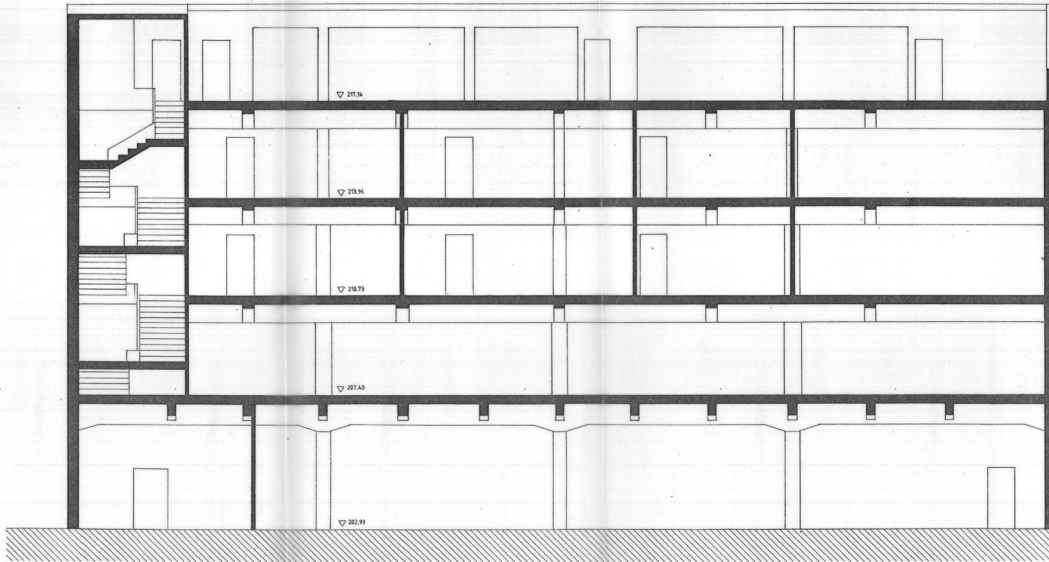
*o arquitecto das obras mais ou menos intimistas no País para passar a ser o arquitecto de quem se fala internacionalmente, acumulando convites e prémios desde então.*²⁵

Por outro lado, a cidade de Oliveira de Azeméis, nomeadamente a Avenida Doutor António José de Almeida, não se encontrava muito diferente de quando recebera, pela primeira vez, o então jovem Siza. A maior mudança sentida naquela zona da cidade deveu-se ao encerramento do Liceu Ferreira de Castro, no final dos anos oitenta, que fez com que aquela zona da cidade deixasse de ser tão frequentada. O edifício com frente para a Rua António Alegria passou a albergar uma galeria de arte e, posteriormente, funcionou como instituto de línguas, estando, atualmente, arrendado à Câmara Municipal. Os dois edifícios com frente para a avenida tiveram um percurso diferente. O edifício situado mais a Sul passou a ser ocupado, no início dos anos 90, pela Academia de Música de Oliveira de Azeméis e, o edifício situado imediatamente a Norte, onde se situava o ginásio e salas de aula do liceu, ficou devoluto.

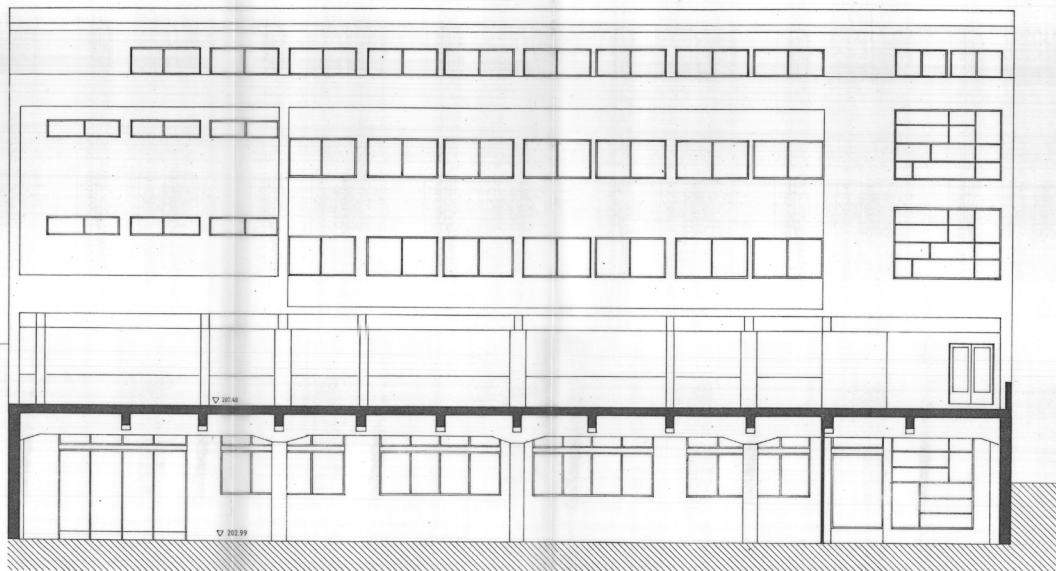
Este edifício, referido no primeiro capítulo, foi projetado originalmente por Gaspar Domingues²⁶. Embora não se saiba a data da sua construção, sabe-se que o mesmo fazia parte de um investimento que tinha como objetivo o aumento das instalações do anterior colégio de Oliveira de Azeméis. Segundo os desenhos do projeto original, o edifício era composto por cinco pisos, tendo dois acessos a Nascente, a partir da Avenida Doutor António José de Almeida – um a Norte e outro a Sul da mesma –, e um acesso a Poente que fazia a ligação com os restantes espaços do Liceu.

25 Belém, Margarida Cunha. *‘O essencial sobre Álvaro Siza Vieira’*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012. p. 62.

26 Gaspar André Moreira Domingues nasceu em 1927 em Gulpilhares. Em 1953 formou-se em arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, passando, de seguida, a ser professor em Oliveira de Azeméis.



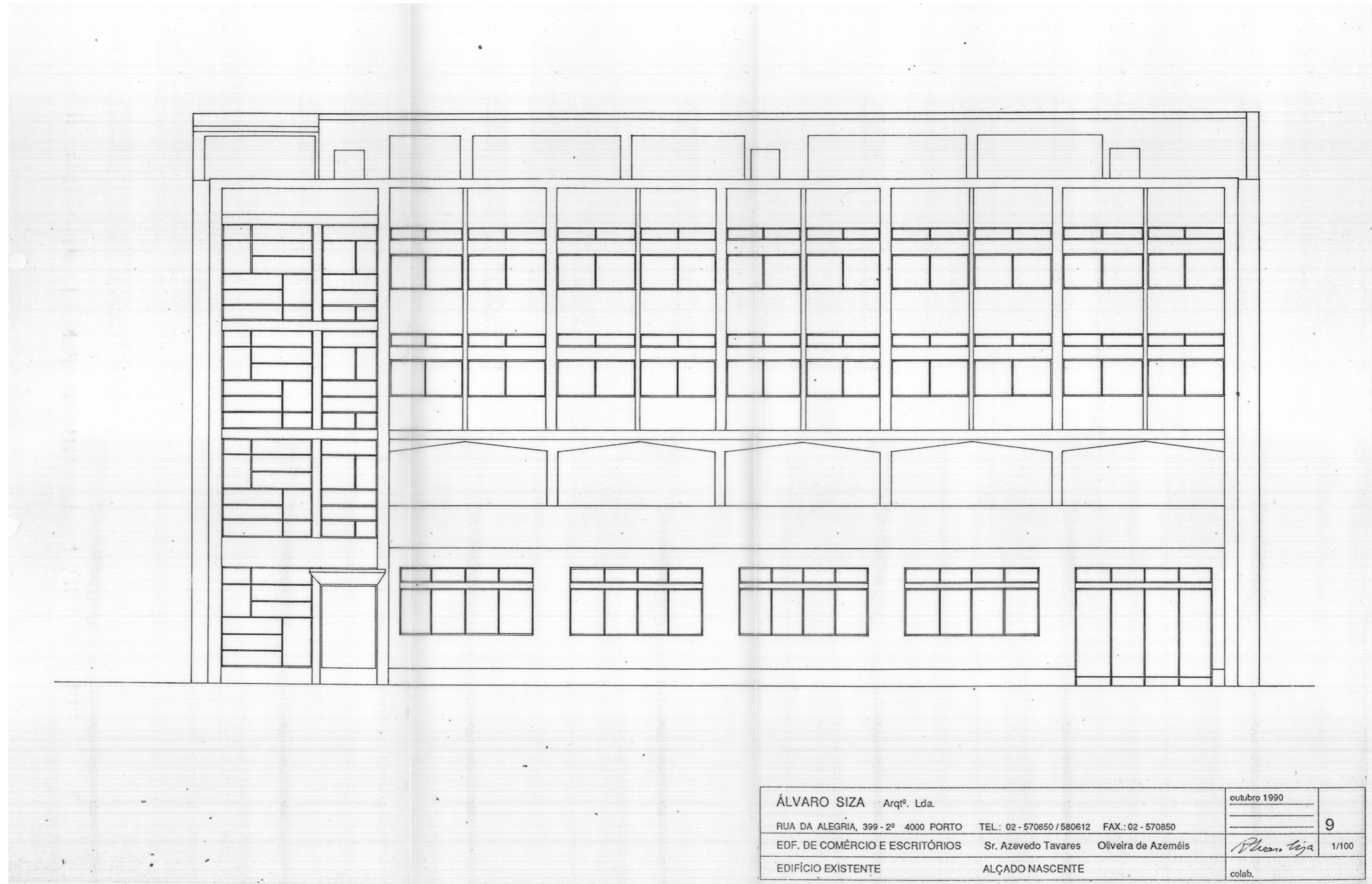
| | | | |
|---|----------------------------|---------------------|--------------------------|
| ÁLVARO SIZA | Arq ^{ta} . Lda. | outubro 1990 | |
| RUA DA ALEGRIA, 399 - 2 ^a 4000 PORTO | TEL.: 02 - 570650 / 580612 | FAX.: 02 - 570850 | 10 |
| EDF. DE COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS | Sr. Azevedo Tavares | Oliveira de Azeméis | <i>Álvaro Siza</i> 1/100 |
| EDIFÍCIO EXISTENTE | CORTE 1 | colab. | |



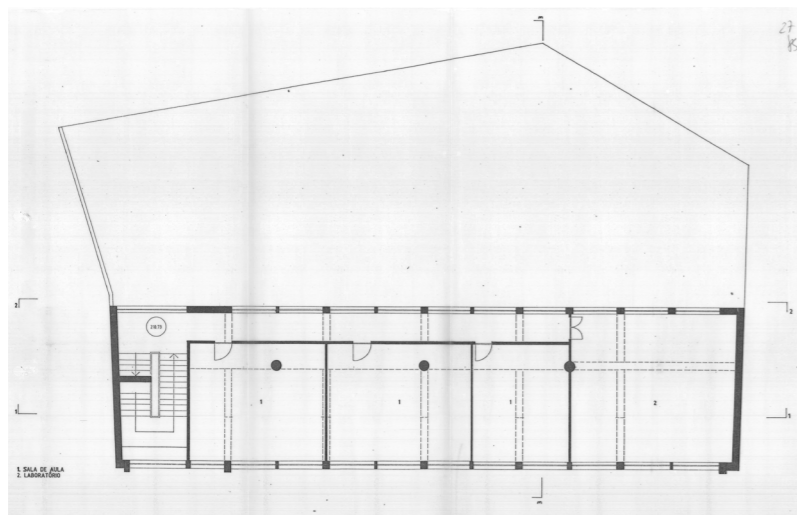
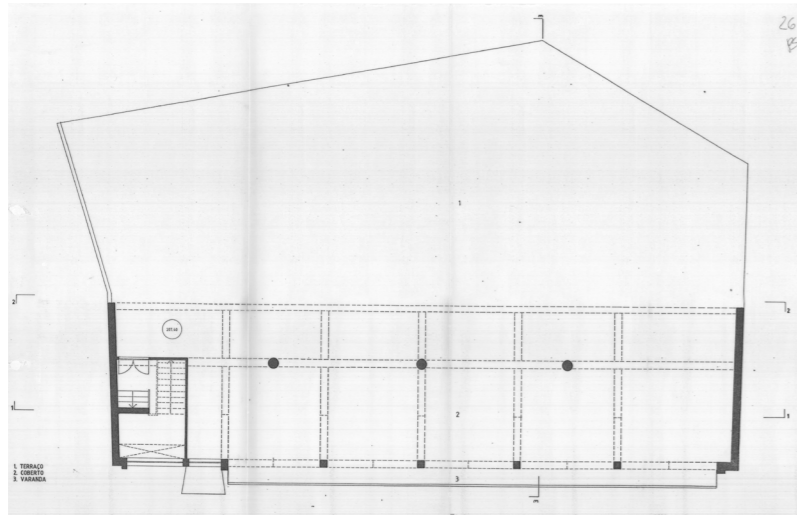
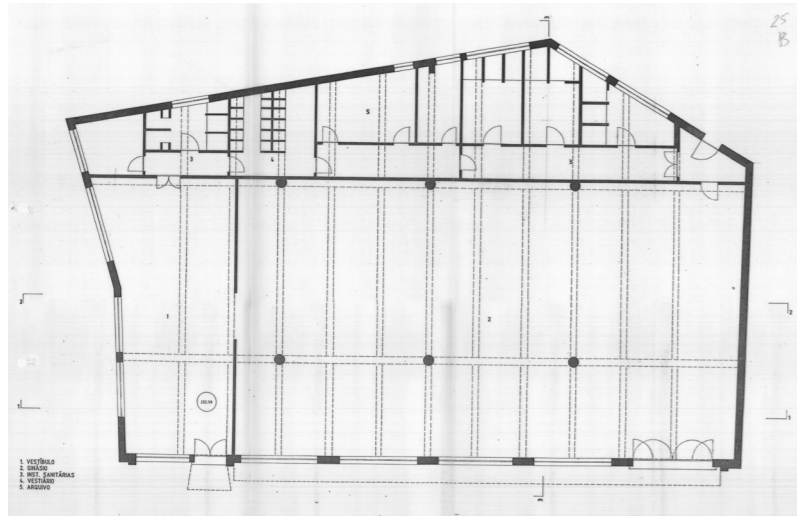
| | | | |
|---|----------------------------|---------------------|--------------------------|
| ÁLVARO SIZA | Arq ^{ta} . Lda. | outubro 1990 | |
| RUA DA ALEGRIA, 399 - 2 ^a 4000 PORTO | TEL.: 02 - 570650 / 580612 | FAX.: 02 - 570850 | 11 |
| EDF. DE COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS | Sr. Azevedo Tavares | Oliveira de Azeméis | <i>Álvaro Siza</i> 1/100 |
| EDIFÍCIO EXISTENTE | CORTE 2 | colab. | |

63| Corte Longitudinal - Edifício do antigo Liceu
 64| Alçado Poente - Edifício do antigo Liceu

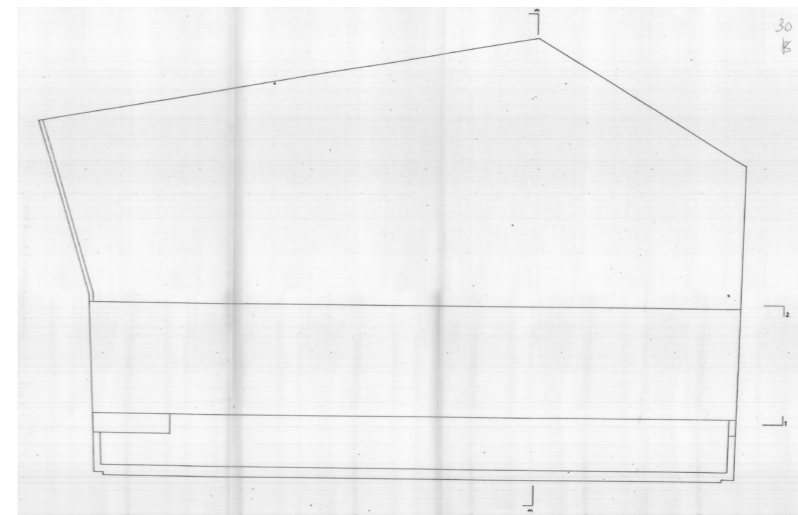
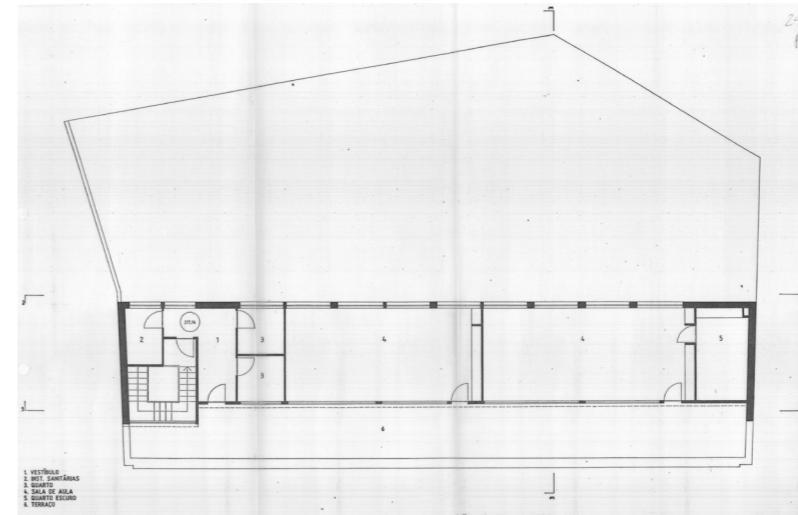
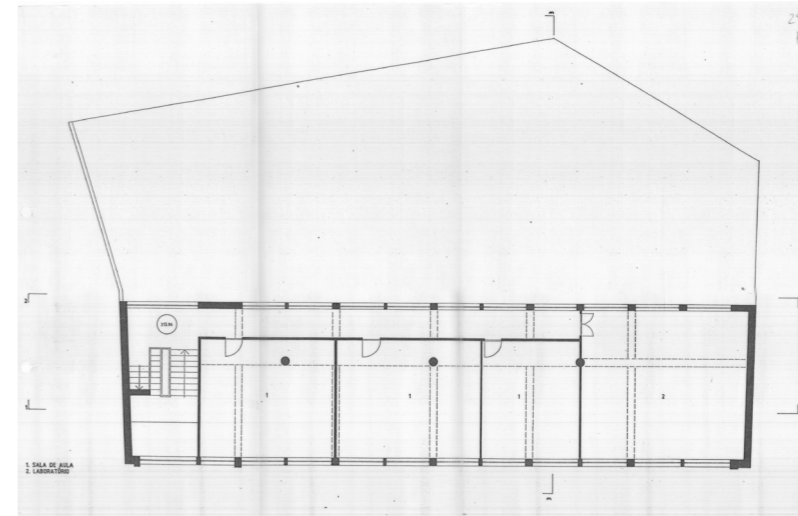
UM PROJETO PARA OLIVEIRA DE AZEMÉIS
| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro



| | | |
|--|--------------------|-------|
| ÁLVARO SIZA Arqt. Lda. | outubro 1990 | |
| RUA DA ALEGRIA, 399 - 2º 4000 PORTO TEL.: 02 - 570850 / 580612 FAX.: 02 - 570850 | | 9 |
| EDF. DE COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS Sr. Azevedo Tavares Oliveira de Azeméis | <i>Álvaro Siza</i> | 1/100 |
| EDIFÍCIO EXISTENTE ALÇADO NASCENTE | colab. | |



66, 67 e 68 | Piso térreo, Piso 1 e Piso 2 - Edifício do antigo Liceu



69, 70 e 71 | Piso 3, Piso 4 e Cobertura - Edifício do antigo Liceu

O piso térreo ocupava a totalidade do lote e era onde se encontrava o ginásio. Através do exterior era possível chegar ao segundo piso, vazado, que possuía um grande terraço com espaço polidesportivo exterior e varanda sobre a avenida, que ocupava, também, a totalidade do lote e sobre o qual pousava um bloco de três pisos composto por salas de aula e um terraço no último andar.

O desenho do edifício era bastante regular, com um esquema estrutural, em betão armado, de seis partes iguais, perceptível na fachada principal. Esta possuía uma abertura de vãos dupla, por piso – um maior, com janelas de correr, e um mais estreito e alongado, com janelas de batente -, e conjugava o betão armado com o revestimento cerâmico. A volumetria era marcada pela varanda e terraço do segundo piso, pelo recuo do último piso, e pela faixa Sul, que correspondia à caixa de escadas que fazia os acessos verticais, desenhada através de uma métrica de caixilhos com dimensões e disposições diferentes.

Este belo edifício público transmitia a expressão arquitetónica da época e destacava-se da envolvente, quer por essa mesma expressão, quer pela sua escala e dimensão. No entanto, com a construção e abertura do novo Liceu em Lações, que o veio substituir, acabaria por perder a sua utilidade. Ao tornar-se devoluto e sendo um edifício privado, foi tomada a decisão de o renovar, no final dos anos 80. O proprietário do edifício, por intermédio do arquiteto Carlos Castanheira²⁷, convidou Álvaro Siza a realizar o projeto de renovação. A este propósito, tive a oportunidade de entrevistar um dos colaboradores que trabalhava com Siza na época, o arquiteto Elisiário Miranda²⁸ (*entrevista*

27 Carlos Castanheira nasceu em 1957. Frequentou o curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes da Universidade do Porto entre 1976 e 1981 e, em 1993, cria o escritório de arquitetura Carlos Castanheira & Clara Bastai, Arquitectos Lda com a arquiteta Maria Clara Bastai. Desde estudante que colabora com o arquiteto Álvaro Siza em projetos em Portugal mas sobretudo no estrangeiro.

28 Elisiário Miranda nasceu em 1960. Frequentou o Curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes da Universidade do Porto entre 1978 e 1984, tendo-se licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1987. Exerceu a profissão liberal em escritório próprio entre 1986 e 2007. Foi colaborador de diversos arquitetos, entre os quais Álvaro Siza, entre 1989 e 1998.



- 72 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, a Sul da avenida. JC
73 | Volume dos acessos verticais, pelo exterior. JC
74 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, vista aérea

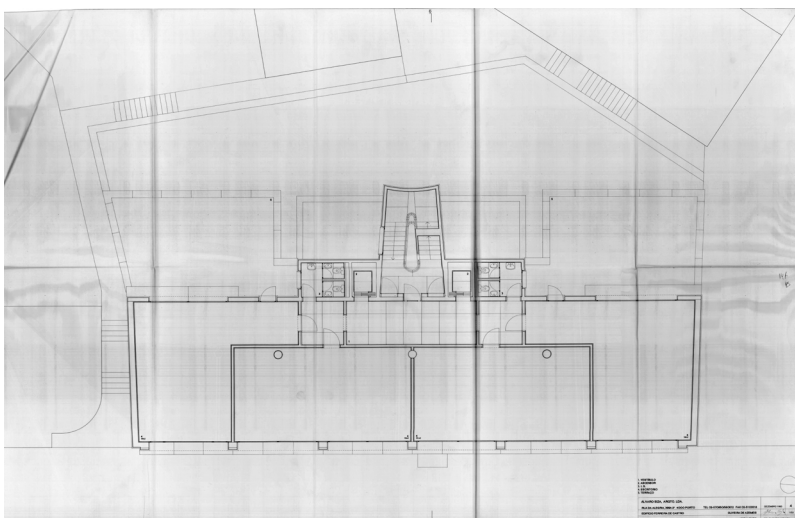
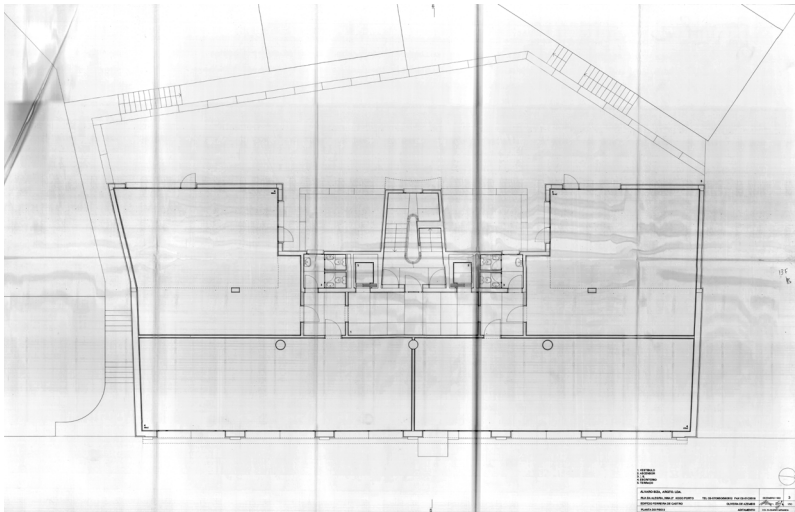
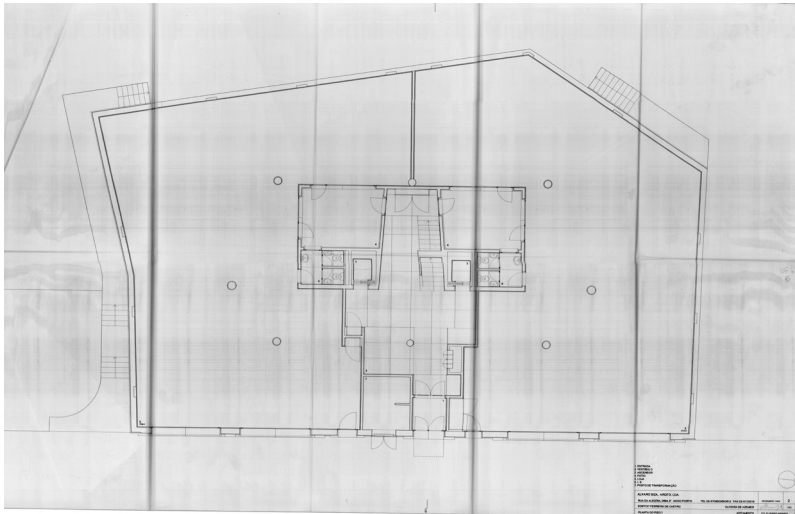
anexada no final).

O primeiro programa a ser discutido para o projeto não foi o de um edifício de escritórios. Primeiro, creio, foram feitos dois estudos para um hotel e para habitação, portanto passou por várias experiências de utilização destes espaços. Só depois disso, e atendendo às condicionantes que o edifício tinha - não dava muito espaço para hotel e era complexo para habitação (a relação da frente com as traseiras, a profundidade do lote, etc) -, acabou por se partir para o programa dos escritórios com comércio por baixo, o que simplificou um pouco o processo.²⁹

Em Maio de 1992 Álvaro Siza conclui o projeto de execução para a renovação e ampliação do edifício. A estrutura de betão armado foi conservada, com algumas intervenções de reforço e adaptação ao novo programa. Foram demolidas algumas vigas situadas no centro do edifício de forma a construir, no vazio resultante, um volume correspondente à caixa de escadas, aos elevadores e a dois sanitários. Foram ainda incluídos, no mesmo vazio, dois pátios de ventilação e iluminação, e criado um pequeno piso subterrâneo para as centrais oleodinâmicas e uma instalação sanitária. O primeiro piso recuado foi demolido e reconstruído, assim como o último piso, por necessidade de substituição da estrutura instável existente, e o segundo piso foi ampliado para poente, ocupando parcialmente o terraço sobre o piso térreo.

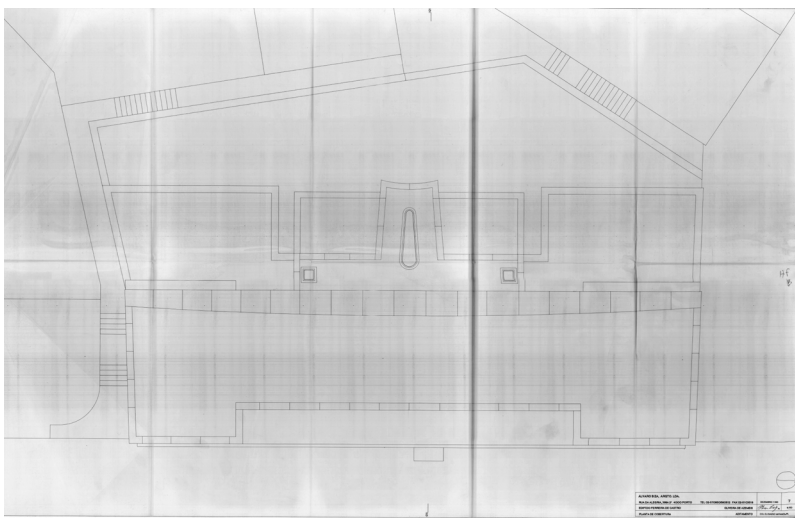
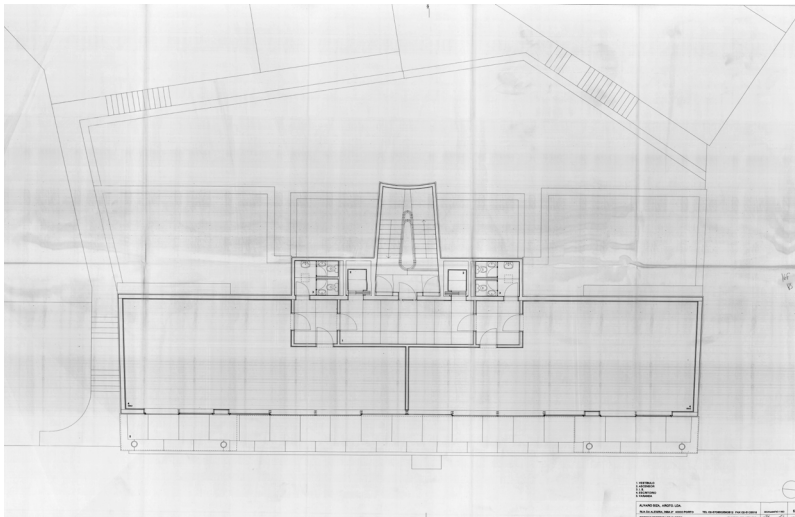
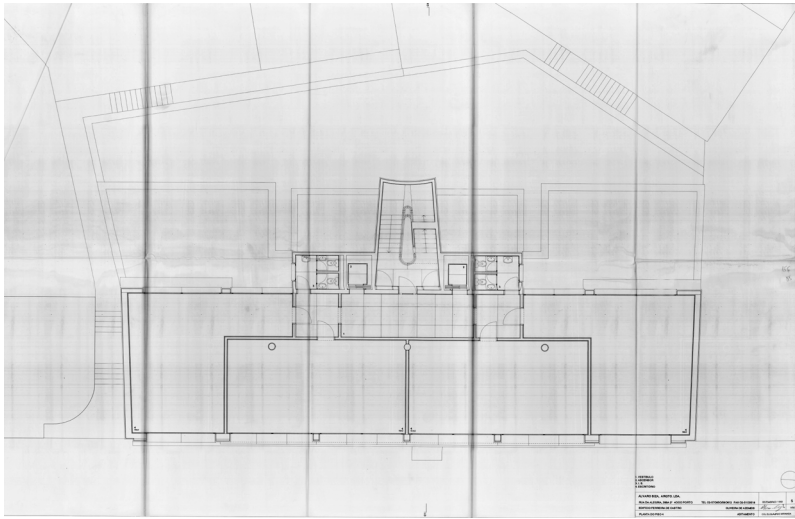
Em relação ao edifício pré-existente opta-se, neste projeto, pela manutenção apenas da sua estrutura. O facto de se ter conservado praticamente todo o esquema estrutural fez com que se mantivesse perceptível, na fachada principal, a divisão em seis partes (embora com o reforço de dois novos pilares). Assim, a abertura dos vãos foi condicionada pelos pés direitos dos diferentes pisos, e pelos elementos estruturais mantidos. De resto, o projeto de Álvaro Siza assume-se díspar do antigo projeto do Liceu.

29 Entrevista ao arq. Elisiário Miranda, pelo autor. 14 de Fevereiro de 2020



75, 76 e 77 | Piso térreo, Piso 1 e Piso 2 - Edifício de Escritórios Ferreira de Castro

UM PROJETO PARA OLIVEIRA DE AZEMÉIS
| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro



78, 79 e 80 | Piso 3, Piso 4 e Cobertura - Edifício de Escritórios Ferreira de Castro



81| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, acessos. JC

82, 83, 84, 85| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista. JC

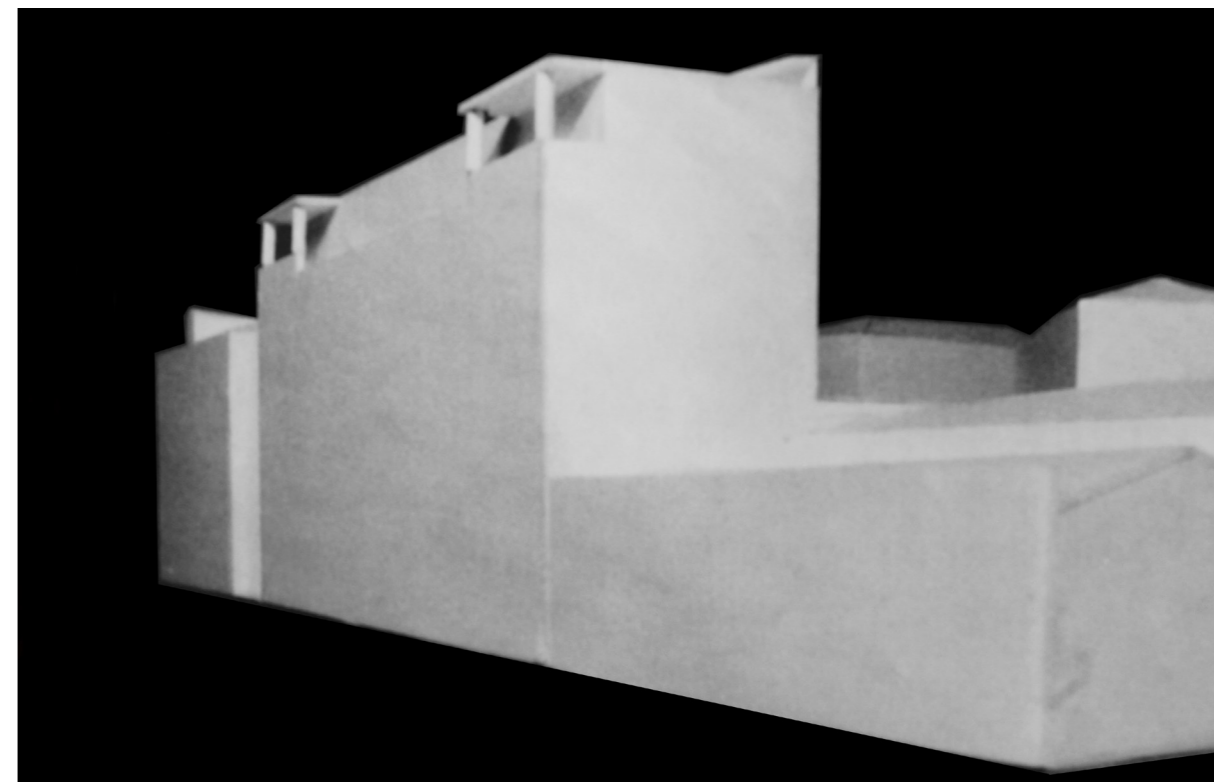
O acesso ao edifício, comércios e escritórios é feito a Nascente, pela Avenida Doutor António José de Almeida, ao nível do piso térreo. Os comércios, com montras sobre a avenida, são iluminados por dois pátios interiores que permitem, também, a sua ventilação. O acesso aos escritórios é acentuado por uma pala alinhada pelo embasamento do vão do piso superior. A partir do corpo de comunicações verticais acedemos aos restantes pisos, que partem de um esquema de composição semelhante, em que um vestíbulo antecede o acesso aos escritórios. O primeiro piso, que se prolonga para o lado Poente, permite a criação de dois terraços no piso superior, e o quarto piso é recuado em relação à fachada Nascente, de forma a criar um terraço exterior, semelhante ao que existia no edifício do antigo liceu.

(...) o mais importante para Siza era manter o desenho da peça central (acessos verticais) de forma a garantir que o edifício mantivesse a integridade da sua linguagem, pois a partir da porta do seu escritório as pessoas tinham e têm a liberdade de organizar o espaço à sua maneira.³⁰

Quando visitamos o edifício e percorremos a caixa de escadas percebemos que o seu desenho é notável e pormenorizado, algo que se sente quer no interior, quer na volumetria exterior, acentuada pela ligeira curva na zona dos patamares das escadas, a Poente, acabando por ser um dos pontos mais marcantes naquela que é, em geral, uma volumetria bastante simples.

Também o desenho das palas, tanto nos extremos do terraço do último piso, como a Poente, na que percorre o bloco em toda a sua extensão, conferem destaque ao edifício. São de tal forma um elemento importante, que levaram Álvaro Siza a escrever uma carta ao Presidente da Câmara, pedindo a revisão de uma decisão que não permitia a construção das mesmas. Nessa carta, à qual foram anexadas fotografias de maquete, Siza defende que *os dois avanços e as respectivas colunas de apoio correspondem unicamente a razões de*

³⁰ Entrevista ao arq. Elisiário Miranda, pelo autor. 14 de Fevereiro de 2020



86 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, alçado Nascente
 87 | Edifício 'Goldman & Salatsch', alçados Poente e Sul

88 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, fotografia da maquete
 89 | Edifício 'Goldman & Salatsch' na Michaelerplatz, Adolf Loos, Viena de Áustria. JC

*composição arquitectónica (...) indispensáveis ao carácter do desenho proposto sendo que se perderia o remate necessário para a consistência do projecto na sua relação com os edifícios próximos.*³¹

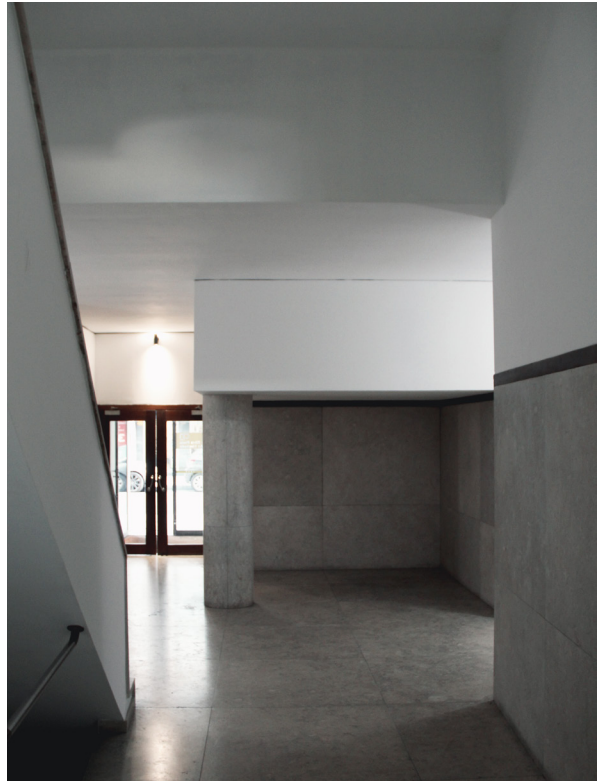
Para complementar a expressão volumétrica, o acabamento exterior em capoto, pintado de branco, é revestido com placas de granito serrado e bojardado nos dois primeiros pisos da fachada principal, destacando-se assim das construções envolventes. A fachada das traseiras acaba por não ser tão visível, sendo, por isso, a fachada principal, virada para a avenida, a que adquire maior visibilidade. A sua condição simétrica, o embasamento de pedra e o remate superior com o desenho das palas, conferem-lhe um sentido clássico, uma narrativa semelhante à que encontramos em projetos como o de Adolf Loos³², situado na *Michaelerplatz*, em frente ao *Palácio Hofburg*³³, em Viena, Áustria.

O edifício *Goldman & Salatsch*, projetado pelo arquiteto Adolf Loos em 1911, possui um desenho que nos remete para a arquitetura funcionalista, na qual a combinação dos materiais na fachada, reflexo de diferentes funcionalidades no seu interior, faz com que seja dos edifícios mais marcantes daquela praça. Nos dois primeiros pisos o acabamento é em mármore e os restantes pisos são rebocados e pintados em tom bege. Esta ligação, em que os vãos «pousam» sobre o embasamento de mármore, é notável, e remete-nos para o edifício de escritórios projetado por Siza quase uma década mais tarde.

31 Siza, Álvaro. Carta ao Presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis. Porto, 04 de Fevereiro de 1991.

32 Adolf Loos (1870-1933), arquiteto vienense, nasceu em Brno, na Morávia. Estudou arquitetura na Alemanha e, em 1896, regressa a Viena, onde abre um atelier e funda a sua própria Escola de Arquitetura.

33 O Palácio Hofburg foi durante mais de 500 anos o lugar de residência dos Habsburgo. Trata-se de um enorme conjunto arquitetónico que abriga uma ampla zona, desde os antigos aposentos imperiais, passando por vários museus, uma capela e uma igreja, a Biblioteca Nacional Austríaca, a Escola de Inverno de Equitação, até o escritório do Presidente da Áustria.



90, 91, 92, 93 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista do interior. JC

Cada projeto transporta consigo um lugar e um programa diferente, que faz com que o processo, inerente ao projeto, seja único. Adolf Loos teve, sem dúvida, como tantos outros arquitetos de referência, uma grande influência na arquitetura de Álvaro Siza.

Siza, que desenvolve sempre as suas ideias com base no conhecimento quer do que lhe é pedido quer relativamente à zona onde vai ser implementada a obra, reúne sempre as condições para trabalhar com o tempo e a ajuda necessários, e surpreende-se com as descobertas que o projecto lhe permite fazer. O contexto da zona traz memórias, a proposta em si há-de incentivar a criatividade, o programa da obra terá certamente inovações e repetições daquilo que já foi feito. E, acima de tudo, na base das ideias estão sempre as referências. Aquilo que o fez aprender o ofício.³⁴

No interior do edifício, continua presente a atenção ao detalhe no desenho e na escolha dos materiais. O pavimento, nas diversas áreas de distribuição e átrio de acesso ao edifício, é revestido a mármore e, nos escritórios, com linóleo, tendo alguns dos proprietários, mais tarde, substituído por soalho. As paredes e tetos são estucados e pintados, dispendo de lambris em mármore que, alinhados pela altura dos vãos das portas, são rematados com faixas de madeira envernizada, acentuando-se, assim, a relação com a escala humana. As portas são em madeira envernizada e os quartos de banho revestidos com azulejos 'Constança'.

O corte do mármore e a esquadria é desenhada ao pormenor. No pilar situado na entrada, o mármore é escavado para aquele pilar e o resto das pedras, no chão, nos lambris, é pensado e desenhado em relação com as escadas e com os espaços de distribuição. O espaço de entrada foi testado com várias perspetivas, houveram vários testes até se chegar ao projeto final. Todos

34 Belém, Margarida Cunha. 'O essencial sobre Álvaro Siza Vieira'. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012. p. 66.



94, 95, 96, 97, 98 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista. JC

*os pormenores construtivos estão detalhadamente trabalhados.*³⁵

O especial cuidado no tratamento da iluminação natural é tema que se evidencia, também, neste projeto. Nos escritórios, à exceção do último piso, os tetos falsos inclinados, que escondem as vigas, acentuam a relação dos espaços com o exterior, direcionando o olhar para as aberturas dos vãos da fachada principal. Já na caixa de escadas, a presença da luz natural parece seguir o nosso movimento. Vários vãos laterais, estreitos, surgem à medida que se percorrem as escadas, criando enquadramentos visuais diferentes, ao mesmo tempo que sentimos a presença da iluminação da claraboia, cuja forma, oval alongada, espelha a bomba das escadas. Um pormenor que complementa o seu desenho cuidado.

No último piso, um grande vão a Nascente permite o acesso a um terraço, revestido por placas pré-fabricadas de betão. A total reconstrução do piso com estrutura metálica permite que, através da ocultação dos estreitos pilares metálicos por trás da caixilharia, se tenha a perceção de um grande vão contínuo na fachada.

É com atenção pela arquitetura pré-existente e pela situação e necessidades da época, que Siza encara o seu segundo projeto em Oliveira de Azeméis. A plasticidade e a relação entre a construção e a envolvente, presentes no Banco Pinto & Sotto Mayor, para além da sua situação espacial privilegiada, conferem-lhe um carácter de maior visibilidade comparativamente com o edifício de escritórios, condicionado, à partida, por uma estrutura pré-existente. Porém, este integra-se na sua envolvente e, expressando-se através das subtilezas do seu desenho, do uso dos materiais e da luz, resulta num edifício singular, que reflete o saber, a mestria e maturidade do arquiteto.

35 Entrevista ao arq. Elisiário Miranda, pelo autor. 14 de Fevereiro de 2020



99 e 100 | Edifício de escritórios Ferreira de Castro, a Norte e a Sul da avenida, respetivamente. JC, 2019

As referências. Assumi-las e transmiti-las é isto. Fazer à maneira de Siza, sendo sempre a sua leitura, a sua ideia do contexto, do espaço, do urbanismo, um somatório de condicionantes e opções que o levam a tratar o projecto da forma como o faz. Mas respeitando quem «está ao lado», quem fez diferente. Quem olhou de outra maneira... uma cidade é isto mesmo.³⁶

36 Belém, Margarida Cunha. 'O essencial sobre Álvaro Siza Vieira'. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012. p. 57.



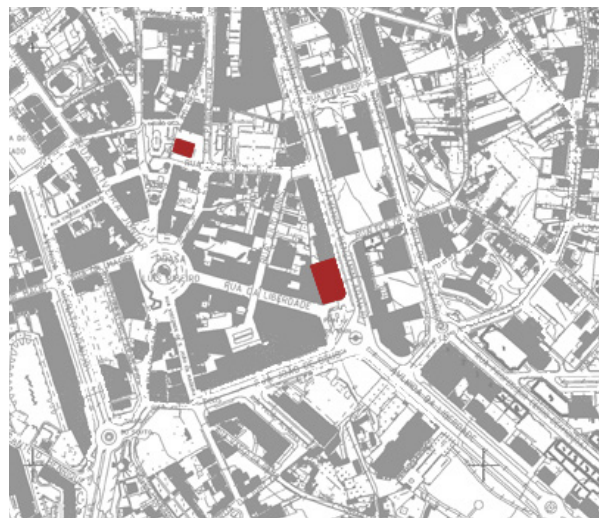
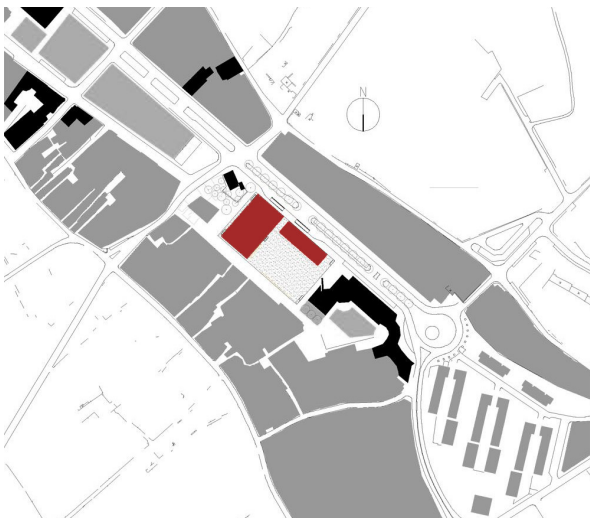
- 101 | Fotografia aérea do terreno
102 | Academia de Música de Oliveira de Azeméis. JC
103 | Auditório do Cine-Teatro Caracas

| O programa para um novo edifício na avenida

O desenvolvimento económico de Oliveira de Azeméis relaciona-se fortemente com a produção agrícola, de laticínios, calçado e moldes. Embora seja uma cidade bastante evoluída industrialmente, não possui um grande património naquilo que diz respeito à arquitetura contemporânea. De facto, os edifícios projetados por Álvaro Siza na cidade são exceção. Enquanto cidadão Oliveirense e estudante de arquitetura, sempre tive um contacto próximo com estes projetos, assim como sempre tive noção da carência arquitetónica e programática da cidade, o que motivou a ideia da presente dissertação: um projeto para Oliveira de Azeméis.

O terreno escolhido, conforme já referido, situa-se na Avenida Doutor António José de Almeida, entre dois edifícios projetados por Álvaro Siza. Parte do terreno está desocupada e pertence aos proprietários da Casa dos Côrte-Real, e a restante parte possui um pequeno armazém, de um piso, atualmente ocupado por comércio. Tendo em conta o desafio proposto, considerou-se a ocupação total do terreno.

Relativamente ao programa, procurou-se perceber que tipo de espaço faz falta à cidade nos dias de hoje. No edifício Ferreira de Castro, a Sul, localiza-se a Academia de Música de Oliveira de Azeméis, onde estudei música durante dez anos. Aqui, o único espaço disponível para espetáculos é uma sala situada no último piso do edifício, suficiente para performances individuais ou de pequenos ensembles. Quando os espetáculos são maiores e contam com a participação de um maior número de alunos, acabam por ser realizados no Cine-Teatro Caracas, onde se localiza o grande auditório da cidade com capacidade para quase 700 lugares sentados. No entanto, a maior parte das vezes, este acaba por ser um espaço de dimensão excessiva, que não se ajusta à dinâmica criada pelos alunos e pelo público.



- 104 | Azeméis Seasons Sounds - pequeno festival independente, organizado em Oliveira de Azeméis
- 105 | Centro Cultural de Ílhavo. Vista a partir da rua Dr. Celestino Gomes
- 106 | Auditório do Centro Cultural de Ílhavo
- 107 | Planta de implantação do Centro Cultural de Ílhavo
- 108 | Planta de implantação do edifício dos Paços da Cultura (mais a Norte) e da Casa da Criatividade, em São João da Madeira

Atualmente, não sendo já aluno da Academia de Música, faço parte da organização do festival *Azeméis Seasons Sounds*, e constato que o problema continua a existir. Não existe um espaço com dimensões intermédias para performances artísticas que exigem uma dinâmica diferente daquela que, um auditório com capacidade para 700 pessoas, como é o caso do Cine- Teatro Caracas, tem. Certos espetáculos requerem menos público presente, sem que se sinta um vazio na sala, como muitas vezes acontece num grande auditório.

Tendo em conta a condição anteriormente descrita, partiu-se da ideia de que o programa do edifício devia ser um Centro Cultural, capaz de acolher quer os espetáculos da Academia de Música, pela sua proximidade, quer um variado tipo de performances e apresentações artísticas promovidas por entidades públicas ou privadas na cidade, equipamento semelhante ao que encontramos em localidades próximas com condições semelhantes às de Oliveira de Azeméis.

O Centro Cultural de Ílhavo, projetado pelo arquiteto Ilídio Ramos e inaugurado em 2008, é composto por dois edifícios de dimensões diferentes que configuram, na sua frente, uma praça para usufruto público. O edifício principal conta com um auditório com capacidade para 500 pessoas (equipado com torre de cena, subpalco, sala de ensaios, camarins e espaços de apoio em cave) e um foyer/espaço polivalente infraestruturado para acolher diversas instalações artísticas (com serviço de cafetaria e bengaleiro). No segundo edifício existe uma galeria/sala de exposições que inclui espaços comerciais e, no primeiro piso, gabinetes e sala de exposições.

Em São João da Madeira, a Casa da Criatividade e o edifício dos Paços da Cultura são instituições culturais que trabalham de forma articulada e complementar, numa lógica de grande e de pequeno auditório. Os dois edifícios são reconstruções, sendo que o primeiro era um antigo cinema e o segundo era o antigo edifício dos Paços do Concelho.



109| Auditório da Casa da Criatividade, São João da Madeira
110| Auditório do Paços da Cultura, São João da Madeira

O projeto da Casa da Criatividade, da autoria de Filipe Oliveira Dias, possui um Foyer e um Auditório polivalente, com capacidade para 550 pessoas, que permite a adoção de várias disposições nas áreas de palco e de plateia através da retração da bancada do público. Os Paços da Cultura, um edifício polivalente dedicado à arte e cultura, contém auditório com capacidade para 200 pessoas, café concerto, espaço internet, espaço exterior para eventos ao ar livre, sala da memória e um arquivo que guarda documentos históricos que refletem a memória coletiva da cidade.

De modo a criar uma lógica semelhante à que existe em São João da Madeira, estabelecemos para o nosso projeto o programa de um Centro Cultural, constituído por um auditório pequeno e sala polivalente, átrio, régie, sala de apoio e camarins, cafetaria, estúdios, áreas de serviço, serviços administrativos e respetivas áreas técnicas. Reúnem-se, assim, bases para início do processo projetual.

... não se consegue ser original se se quer ser original fora do que acontece. Quem começar um trabalho a dizer que aquilo tem de ser de original não vai lá das pernas. A originalidade passa também pelo que é a continuidade histórica, a história.

Com cíclicas mudanças. Acredito que há uma continuidade na evolução da arquitetura. No fundo, nada é cem por cento original. Trabalha-se sempre renovando a partir do que está feito. E são também fatores externos à própria conceção que provocam maior ou menor novidade.

Álvaro Siza, entrevistado por Valdemar Cruz para o 'Expresso'

ENTRE SIZA'S

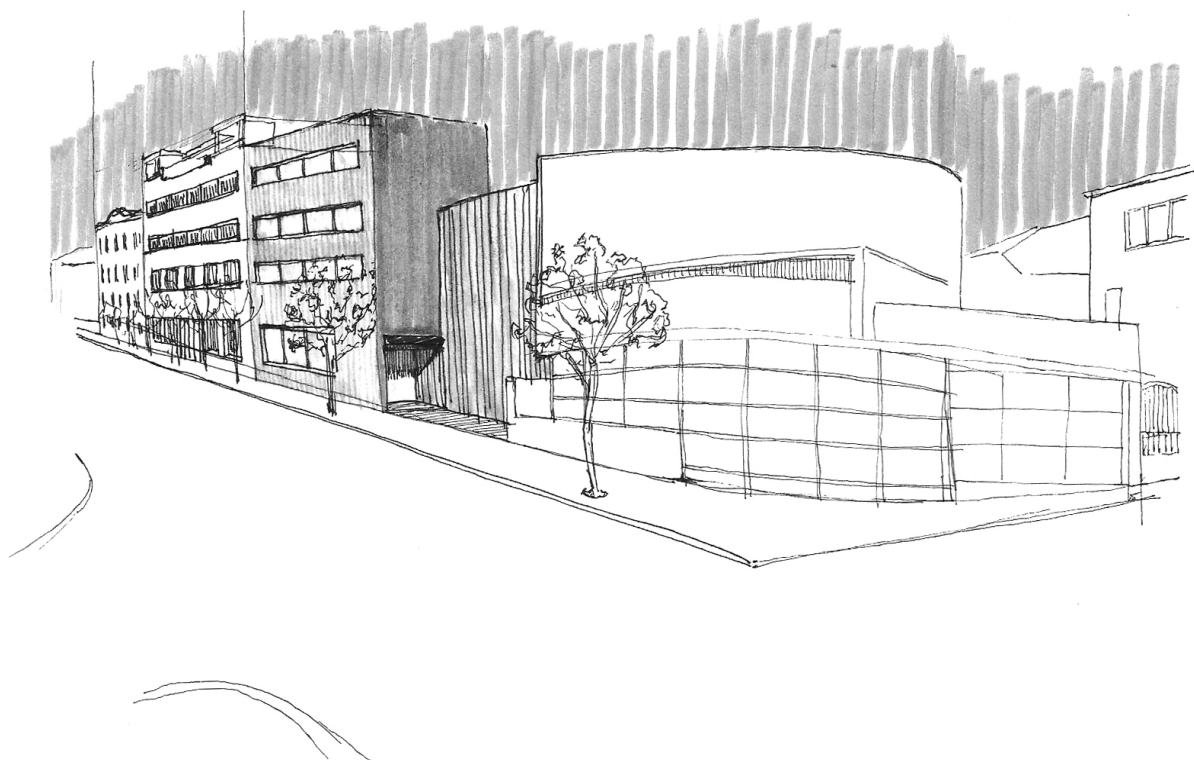
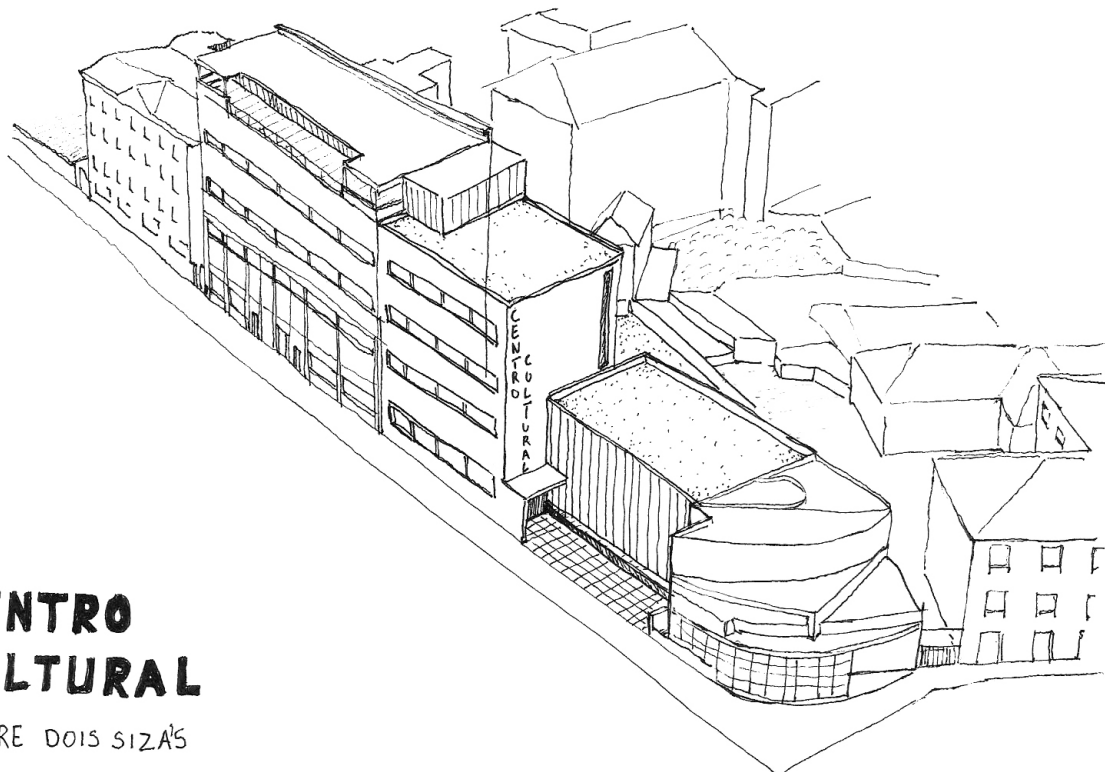


| Aproximação ao projeto



CENTRO CULTURAL

ENTRE DOIS SIZA'S



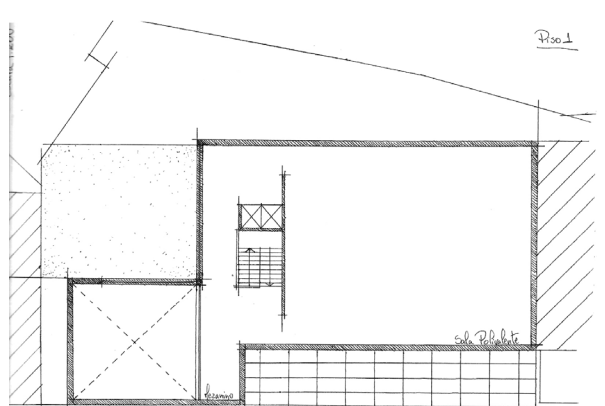
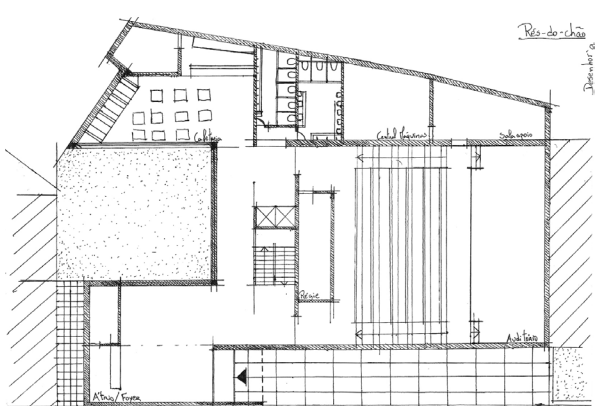
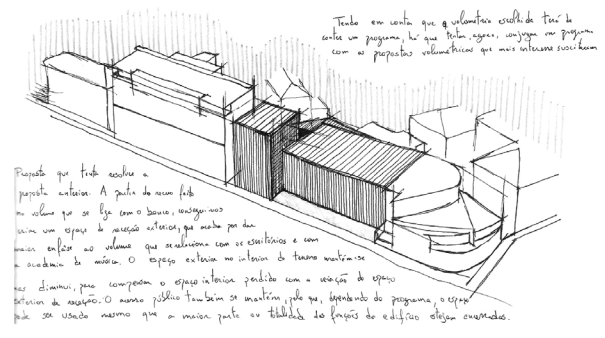
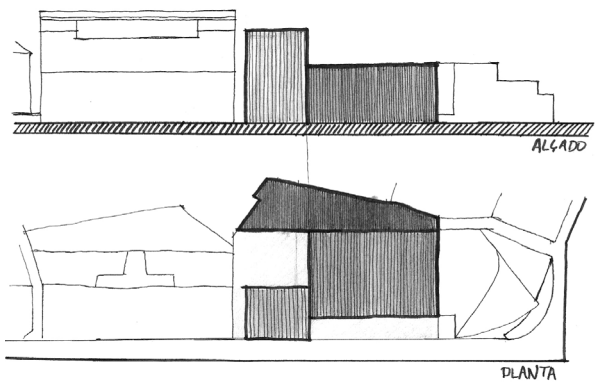
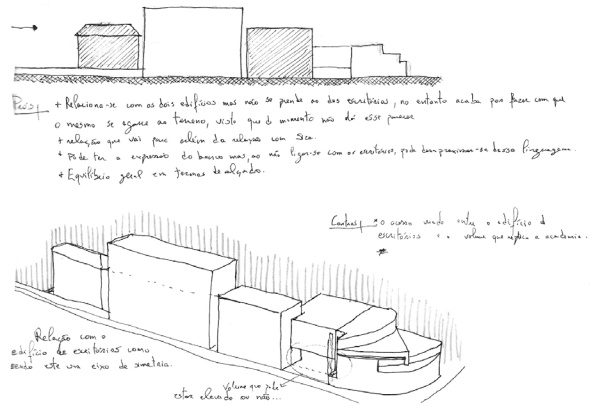
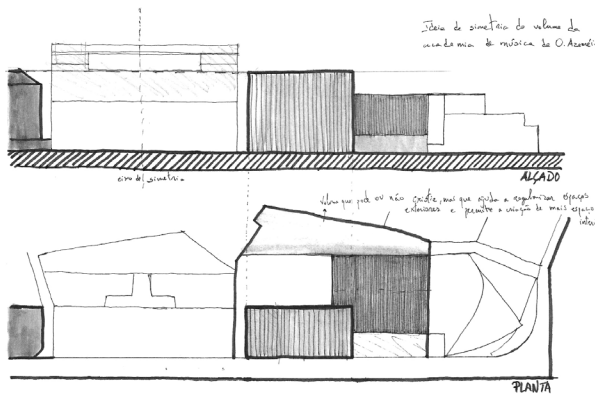
| Lugar e programa

Após uma visita ao terreno e uma pesquisa sobre o PDM³⁷ aplicável, surgiu o primeiro desenho, uma primeira imagem daquilo que o projeto poderia ser, num caderno que viria a acompanhar todo o processo projetual. Tendo em conta o programa definido, um Centro Cultural, e a dimensão do terreno, cerca de 815 m², parecia-nos lógico tentar criar um volume que usufruísse da maior área possível e, ao mesmo tempo, procurasse gerar diálogo com a envolvente.

O PDM previa a continuidade das cérceas das construções adjacentes, ou seja, era possível 'prolongar' os volumes dos edifícios projetados por Álvaro Siza. Procurámos, por isso, testar um edifício que nascesse da junção de dois volumes: um volume de três pisos que prolonga a cércea do edifício do banco e um volume de cinco pisos que prolonga a cércea o edifício de escritórios. Quando tivemos acesso aos desenhos originais do edifício do banco, cedidos pelo Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis, reparámos que Siza desenha o alçado Nascente do edifício marcando, a tracejado, como poderia ser a extensão das instalações do banco: um princípio semelhante ao que estávamos a explorar (ver volume II: anexo 1 e 2).

Com o início do estudo da distribuição programática na organização dos interiores, percebeu-se que era necessário explorar e analisar outras hipóteses volumétricas que a ele melhor se adaptassem. Este processo baseou-se na experimentação de diferentes volumetrias, conjugando sempre plantas, cortes e alçados com desenhos tridimensionais.

37 O Plano Diretor Municipal - PDM, é um instrumento legal fundamental na gestão do território municipal.



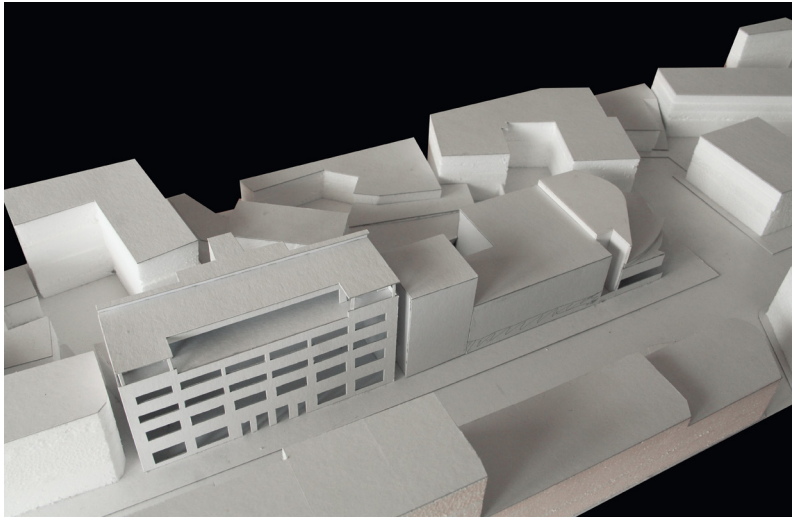
Partindo de diferentes narrativas e princípios formais, testaram-se várias soluções capazes de se adaptar às questões programáticas, que fizeram com que se percebesse que existiam três fatores importantes na conceção da volumetria:

- A necessidade de prolongamento da cércea do edifício do banco, estabelecendo uma relação volumétrica com o mesmo e respeitando as construções situadas a Poente;

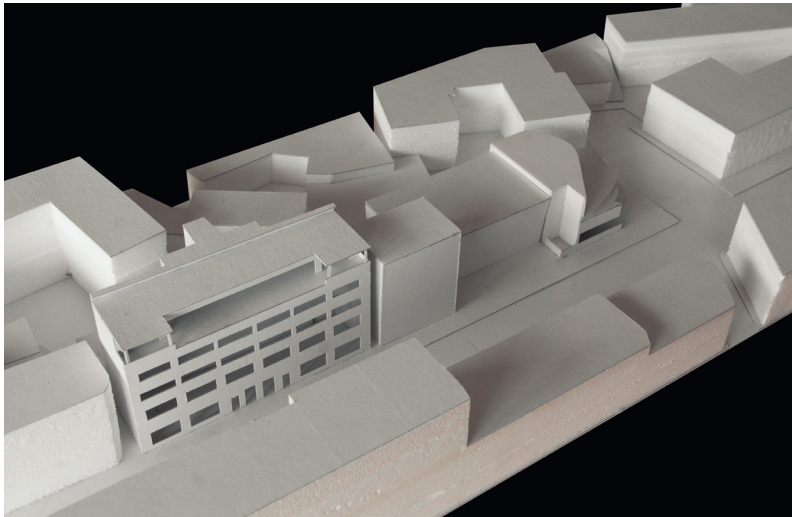
- A criação de um distanciamento entre o volume projetado e o Edifício de Escritórios Ferreira de Castro, de forma semelhante à que o mesmo se distancia, a Sul, do edifício da Academia de Música- transição que reforçaria a simetria do alçado projectado por Siza. ;

- A procura de uma solução que permitisse resolver, a Poente, a irregularidade do terreno e o confronto com os edifícios vizinhos.

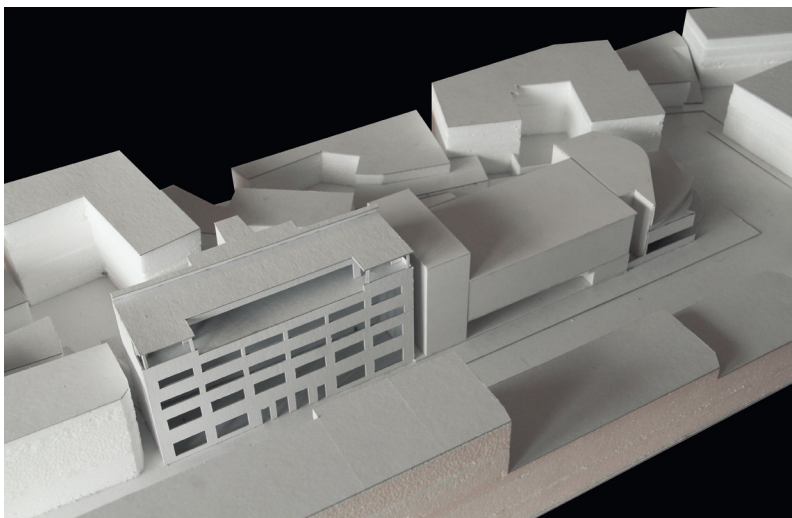
Tendo em conta estes três fatores, testaram-se diferentes volumetrias com configurações um pouco diferentes, mas que levantavam questões semelhantes. Percebeu-se que a circulação deveria ser intuitiva, que se deveriam evitar longos corredores e espaços com geometrias complexas; percebeu-se que um edifício localizado a poucos metros das instalações da Câmara Municipal talvez não precisasse de grandes espaços destinados a serviços administrativos e que a existência de um estúdio de ensaios e gravação faria mais sentido, podendo funcionar como um palco extra. No entanto, e acima de tudo, percebeu-se que não existia espaço suficiente para o programa inicialmente pensado.



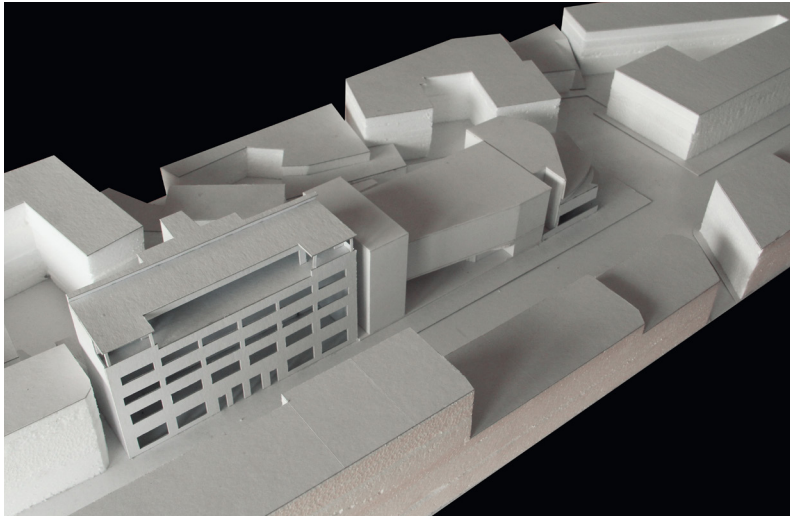
114| Proposta volumétrica que se estende à face da avenida, criando um pátio no centro do terreno à volta do qual se desenvolveria o programa. As cotas são estabelecidas pela altura do edifício do banco e pela altura do edifício da academia de música (em maquete, à esquerda do edifício de escritórios), procurando, com esta última, reforçar a simetria presente nos escritórios.



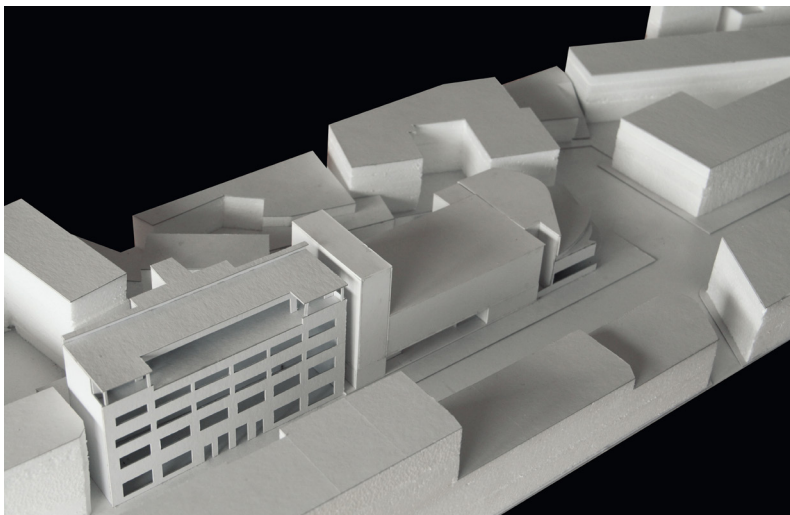
115| Proposta volumétrica que parte do encontro de dois volumes que estabelecem as suas dimensões com base na dos edifícios projetados por Siza. Recuando até ao alinhamento do pátio do banco, é possível criar dois espaços exteriores: um espaço público de receção, junto da avenida, e um espaço privado, no interior do terreno.



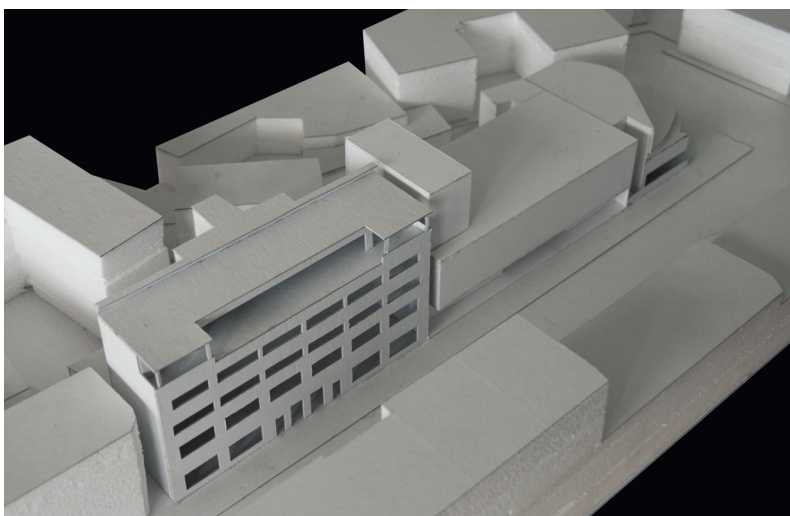
116| Proposta volumétrica que se desenvolve à volta da ideia de elevação do volume. Através da permeabilização do piso térreo, é possível criar um grande espaço público coberto. O volume que se liga com o banco e que estava anteriormente recuado, passa a estar à face da avenida, mas com as mesmas dimensões, deixando à vista uma parte do volume do banco nas traseiras do terreno. Procurando uma composição menos fragmentada, a torre passa a ter o comprimento do volume mais baixo. Já a sua largura parte da medida das palas do edifício de escritórios, um elemento muito importante no projeto de Siza.



117| Proposta volumétrica que tem como base o volume representado na imagem 116. Aqui, procura-se perceber se faz sentido que haja uma distinção mais evidente entre a torre e o volume mais baixo, quando vistos a partir da avenida.

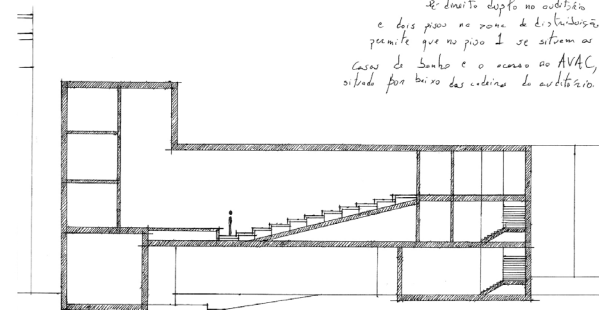
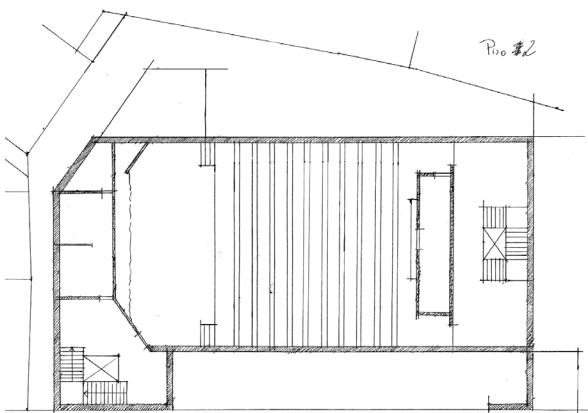
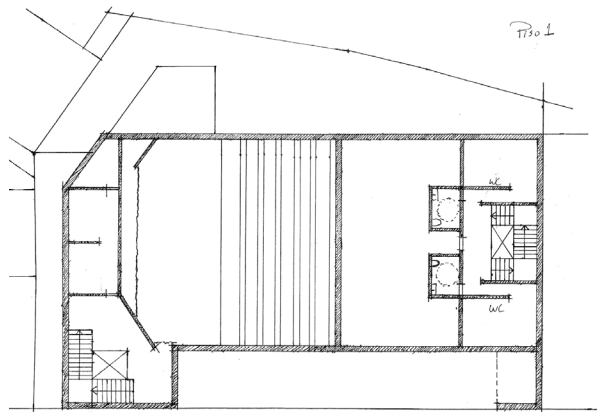
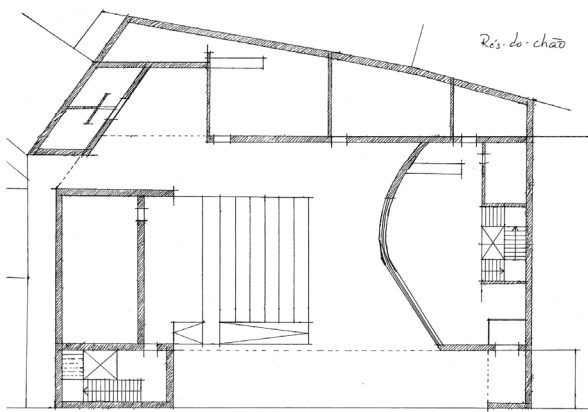
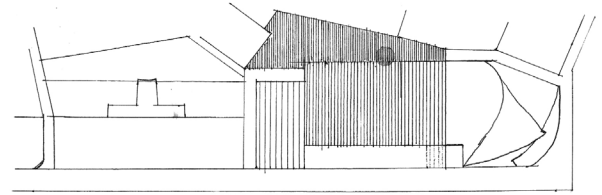
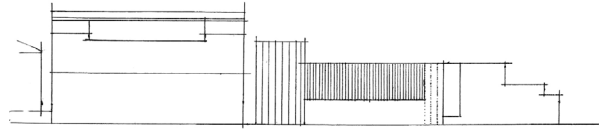
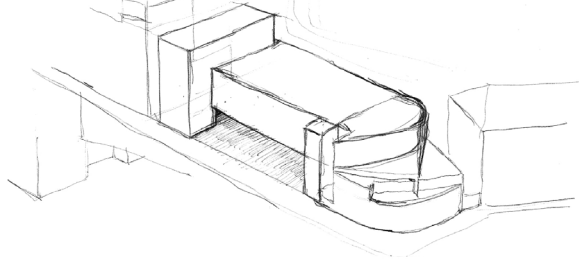


118| Proposta volumétrica que procura dar ênfase à torre junto dos escritórios. Percebendo o impacto e importância das alas do último piso do edifício projetado por Siza, a torre passa a estar à altura das mesmas. Por outro lado, a largura passa a ser menor, procurando uma relação de proporções mais harmoniosa com o volume mais baixo. Um estudo muito influenciado pela obra "A Águia" dos arquitetos Luis Mansilla e Emilio Tuñon.



119| Proposta volumétrica que entende a importância do volume mais baixo e procura realçar a sua horizontalidade do lado da avenida. A torre é recuada e são feitas várias experiências em torno da necessidade de existir ou não um volume vertical junto do edifício de escritórios e, existindo, se deve ser marcado em toda a altura, afirmando-se como elemento vertical com alguma autonomia, ou se apenas com expressão acima da linha horizontal do grande volume do auditório.

Talvez poderia ser um volume de paredes verticais, mais atrevido e claramente diferente do resto, um tanto e volume mais baixo e largo que se liga com o básico. A separação do pórtico dos edifícios de circulação poderia, por outro lado, servir de referência para a expressão da volume, em altura. No final, as seções e alinhamento da ~~forma~~ do edifício é o resultado, o qual a função o espaço de transição que não tem sentido, mas está tratado, e ao trazer o volume mais para frente, assim, melhora o desenho de transição. In sum, mais referências do que antes.

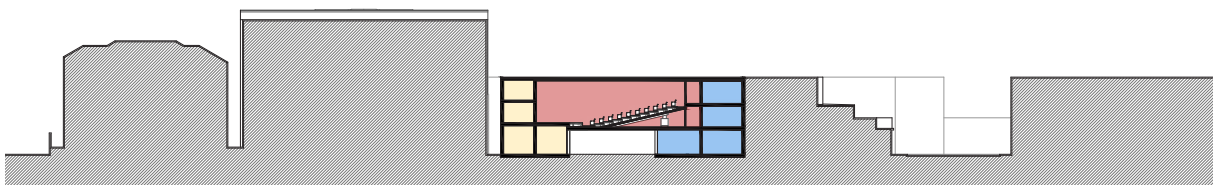
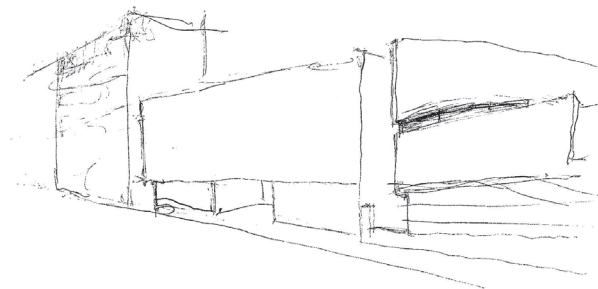
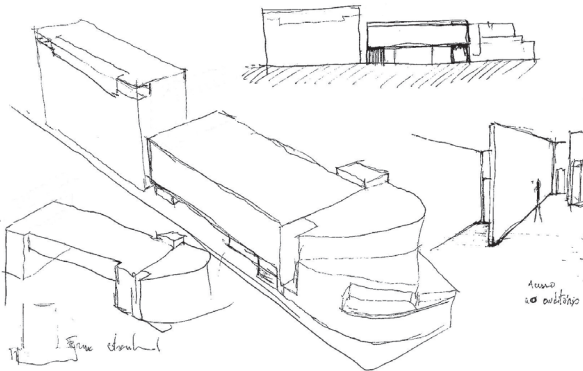
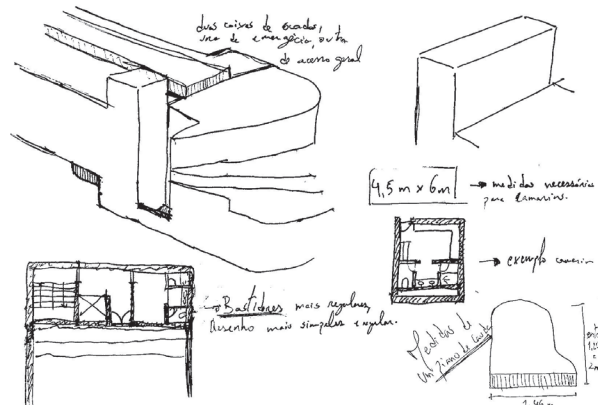
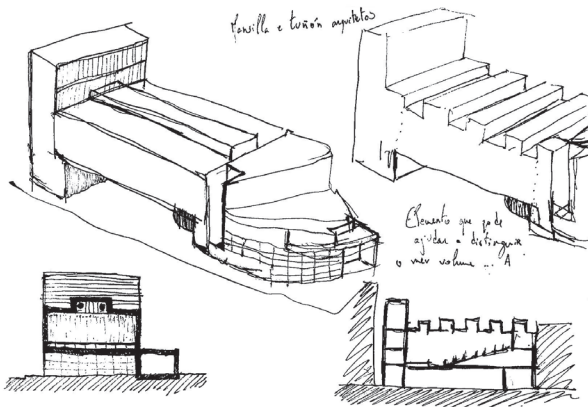
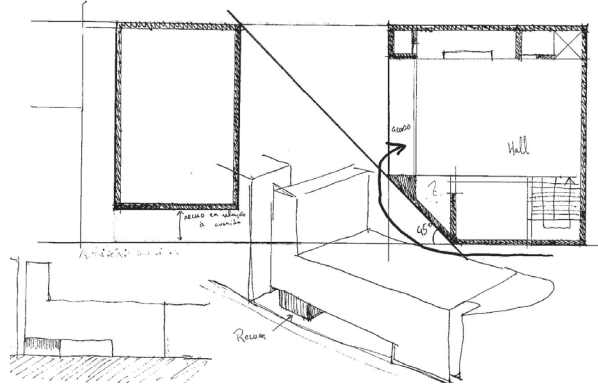
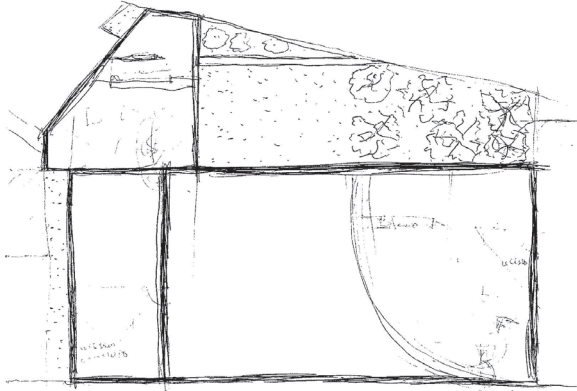


Deste modo, decidiu-se que o auditório deveria passar a ser o objeto programático principal, à volta do qual se construiu o restante programa:

- Átrio (com paravento e balcão para atendimento)
- Auditório (entre 150 a 200 lugares sentados)
- Foyer
- Sala de Apoio e Camarins
- Régie
- Estúdio
- Cafeteria
- Áreas de serviço (gabinete, instalações sanitárias gerais)
- Área técnica (UTAS / Central térmica / Chiller / Cisterna e Grupo de bombagem de água)

Com esta alteração, pensou-se que o volume que prolongava as dimensões volumétricas do edifício do banco, e era recuado em relação à torre criada do lado do edifício de escritórios, devia estar elevado, deixando o vão livre no centro do terreno, passando a existir uma maior área exterior. Assim, surgiu uma nova característica importante no projeto: a permeabilidade entre a avenida e a parte Poente do terreno.

Com a evolução do projeto, inerente à confrontação e discussão baseada em dois métodos auxiliares do processo projetual – desenho e maquete –, concluímos que a existência da torre, junto ao edifício de escritórios, e de um princípio de fragmentação volumétrica deixou de fazer sentido, em prol da conceção de um volume mais unitário. Embora se tenham testado várias hipóteses que conjugavam as cotas dos dois edifícios projetados por Siza, determinou-se que a cêrcea do volume do projeto deveria seguir apenas a cota do edifício do banco, obtendo-se uma volumetria mais coesa com a envolvente em geral.

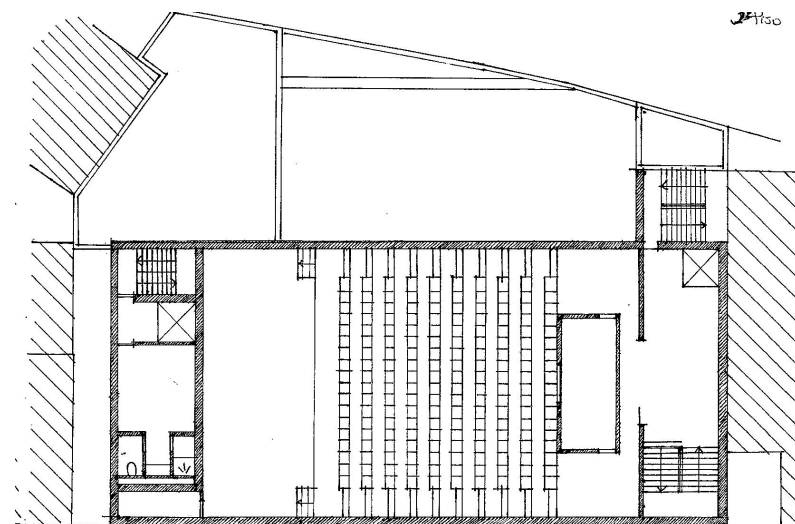
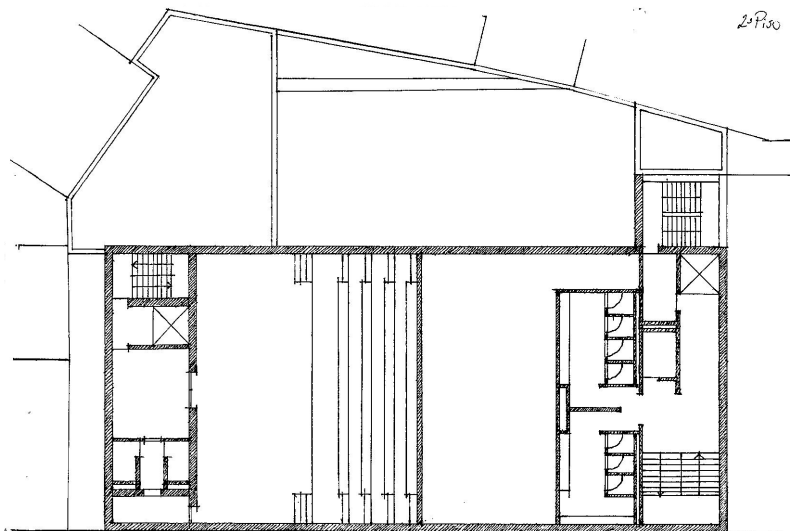
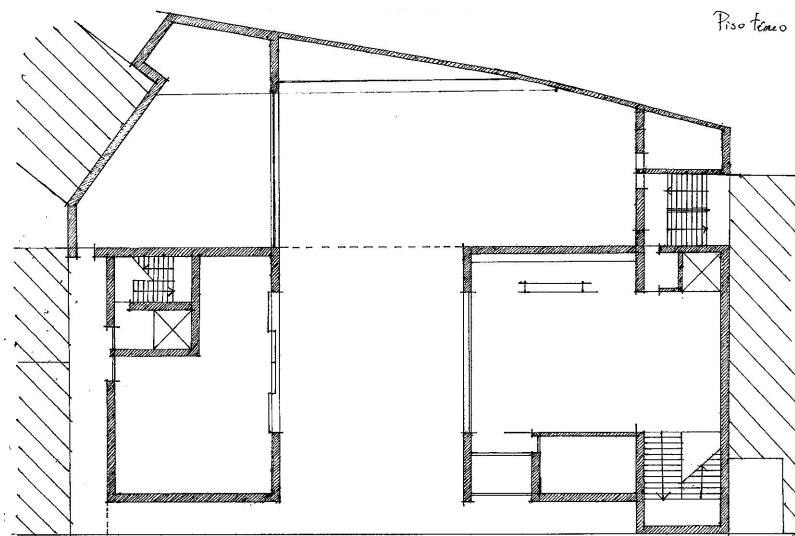


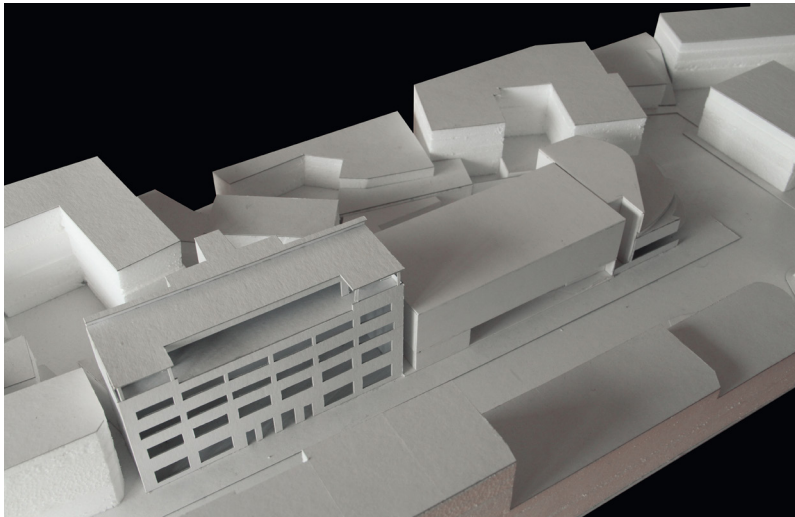
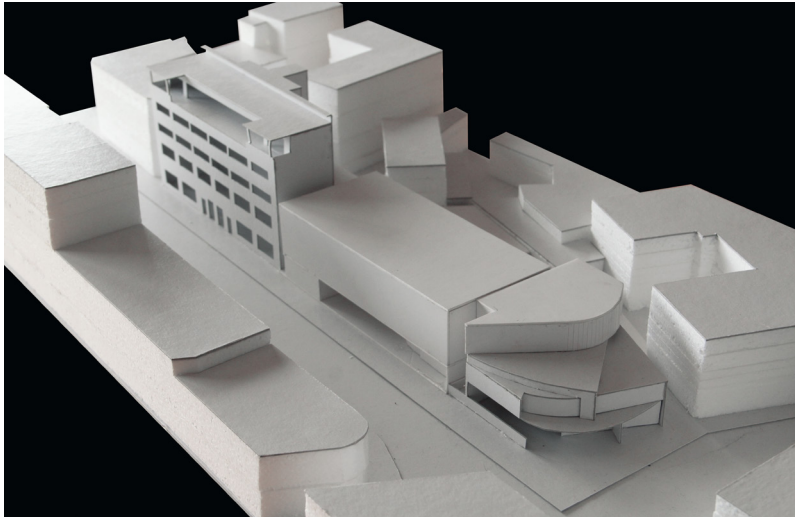
121 | Esquissos e desenhos do projeto. JC, 2020

122 | Esquema - Amarelo: zona dos artistas; Vermelho: auditório; Azul: zona do público. JC, 2020

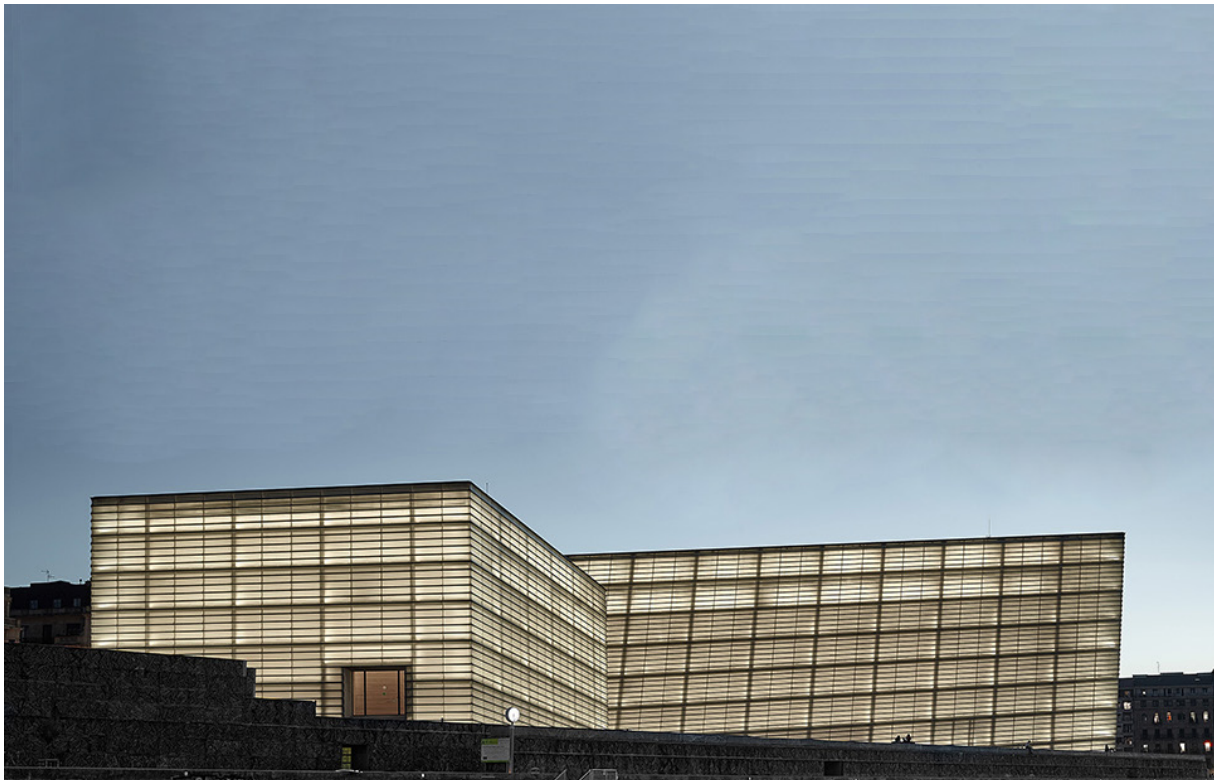
Posteriormente, explorou-se a ideia da permeabilidade entre a avenida e a parte Poente do terreno, percebendo se faria sentido um esquema baseado num volume assente em pilótis ou em pequenos volumes. Dada a falta de área necessária ao programa, procurou-se que no piso térreo existissem três momentos: de um lado o acesso ao público, do outro o acesso aos artistas e, ao centro, um espaço exterior coberto comum. Os acessos seriam marcados por dois volumes de dimensões diferentes que sustentavam o volume elevado, o corpo do auditório.

Num esquema baseado na permeabilidade do terreno, o público de um lado, artistas do outro, e o auditório ao centro, foi-se desenvolvendo o projeto, e foram-se fixando alguns ideais e princípios determinantes para a sua compreensão.





124, 125 e 126 | Maquete de estudo do projeto. JC, 2020



127 e 128 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal. Rafael Moneo, 1999

| Forma e espaço

Ao contrário de exercícios acadêmicos que realizei em anos anteriores, em que, ao conceber a forma volumétrica conseguia prever à priori uma imagem da materialidade e expressão exterior desejada, neste projeto o mesmo não aconteceu. Assim, considerou-se pertinente refletir sobre a expressão exterior do edifício e o modo como se conjuga a escolha do material com a abertura de vãos na fachada, procurando a coerência com a envolvente próxima.

O *Auditório e Palácio de Congressos Kursaal*, realizado entre 1990 e 1999 em São Sebastião, Espanha, é um projeto da autoria de Rafael Moneo³⁸ que tive a oportunidade de visitar em 2016. Este projeto marcou-me pela forma como se destaca da paisagem ao mesmo tempo que parece fazer parte dela, criando uma dualidade bastante interessante.

*Na minha opinião, era crucial manter a condição natural do lugar, e a melhor maneira de o fazer era evitar qualquer referência ao tecido urbano existente. Assim, dois cubos emergiram, dois volumes abstratos capazes de cumprir o programa, adaptando-se à paisagem e, ao mesmo tempo, reconhecendo a presença do Monte Ulía e do Monte Urgull. Os cubos, na verdade, parecem atraídos, acionados e ativados por eles. São concebidos como volumes autónomos separados, duas rochas gigantes lançadas em terra, encahadas na foz do rio. Eles formam parte da paisagem e não da cidade, homenageando sua geografia com um aceno para as duas montanhas.*³⁹

A intenção de Moneo clarifica-se quando observamos os dois volumes, que compõem o edifício, no lugar. Pode não ser óbvia a imagem das “duas rochas gigantes que deram à costa”, mas percebe-se claramente que se ligam com a

38 Rafael Moneo nasceu em Tudela, Espanha, em Maio de 1937. Formou-se em arquitetura em 1961 na Escola Técnica Superior de Madrid. Possui o seu escritório de arquitetura desde 1965, em Madrid, e recebeu o Prémio Pritzker em 1996.

39 Moneo, Rafael. *Remarks on 21 works*. New York: The Monacelli Press, 2010. p. 379- 381.



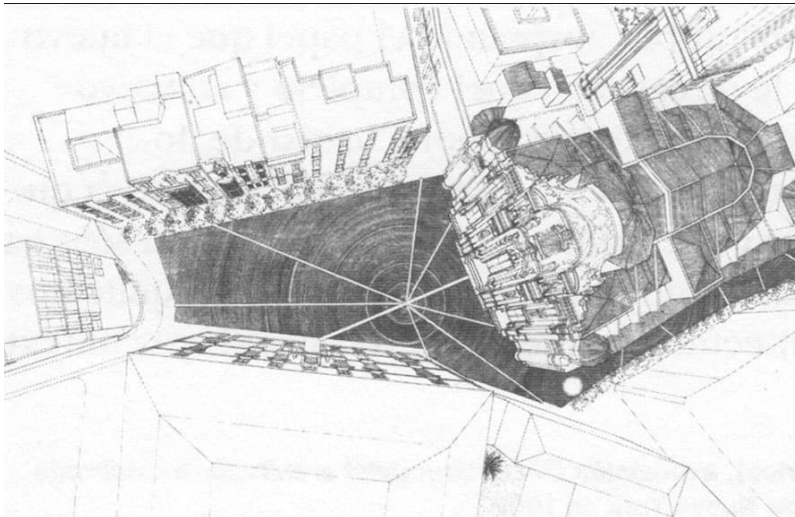
129 e 130 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal. Rafael Moneo, 1999

paisagem, com o natural, e não com o construído. Esta questão é perceptível não só pela volumetria em si, mas também pela expressão e materialidade da mesma. De um lado, o edifício encontra a areia e o mar; do outro, encontra diversos blocos de edifícios, com cêrceas e materiais construtivos bastante semelhantes. Caso quisesse ligar-se com o construído, Moneo podia simplesmente ter escolhido para o seu edifício uma expressão semelhante à dos que lhe estão próximos, mas não o fez. Através da expressão e materialidade escolhida para o edifício, o arquiteto reforça ainda mais a sua vontade.

(...) (os cubos) sempre foram considerados sólidos translúcidos, volumes construídos como uma “massa de vidro” capaz de suportar as duras condições climáticas de um lugar que frequentemente sofre a fúria do oceano. A erosão vista nas fachadas de pedra ao longo da Avenida Zurriola confirmou que o vidro era a escolha apropriada do material. Essa escolha transformou as “rochas estranguladas” em duas lanternas monumentais com face voltada para o mar, anunciando a natureza pública do Kursaal. (...) Os painéis de vidro curvado convertem o volume construído numa massa translúcida e densa que muda ao longo do dia e que à noite se transforma dramaticamente numa fonte de luz misteriosa e sedutora.⁴⁰

Percebe-se assim o dualismo que a materialidade escolhida gera no projeto, pois faz com que este suscite diferentes perceções, variando conforme a altura do dia. Através das fachadas de vidro, Moneo expressa a vontade de que o edifício seja capaz de se imergir com o azul do céu e do mar, durante o dia, e de se destacar de tudo o que o envolve, durante a noite, a partir da luz transmitida do interior para o exterior por entre as fachadas, como duas grandes lanternas. A materialidade apresenta-se, assim, como um dos elementos mais interessantes deste projeto.

40 Moneo, Rafael. 'Remarks on 21 works'. New York: The Monacelli Press, 2010. pág. 381-383.



131, 132 e 133 | Extensão da Câmara Municipal de Múrcia. Rafael Moneo, 1998

No caso do projeto de *extensão da Câmara Municipal de Múrcia*, realizado entre 1991 e 1998, em Espanha, também da autoria do arquiteto Rafael Moneo, a expressão e materialidade do edifício foram determinadas conciliando a liberdade formal com a consideração pela arquitetura existente. Estamos perante um projeto cuja envolvente é densamente construída, ao contrário daquilo que acontece no auditório Kursaal. O edifício situa-se na praça de Cardenal Belluga, que é delimitada pela fachada da Catedral de Múrcia⁴¹, pelo Palácio de Cardenal Belluga⁴², por um quarteirão de edifícios residenciais dos inícios do século XX, e pelo Edifício projetado por Moneo, onde antes existia um vazio resultante da demolição de uma casa barroca.

*O novo prédio teve, literalmente, de preencher o vazio que, sem dúvida, ajudaria a praça a recuperar o seu caráter. (...) Depois de reconhecer a importância dos alinhamentos e reconhecer que a sua definição era o primeiro passo do projeto, como era suposto abordarmos a fachada? Claramente, a fachada era crítica. (...) A primeira imagem que veio à cabeça foi a de um edifício de pedra. Imaginei um edifício que tivesse uma presença forte, que evitasse os reflexos de uma fachada envidraçada.*⁴³

De forma idêntica, no nosso projeto, o primeiro passo baseou-se na procura e definição da forma volumétrica, passando com mais detalhe, posteriormente, ao desenho e definição das fachadas, igualmente importantes na definição do edifício. Os edifícios construídos em pedra presentes na praça de Cardenal Belluga condicionaram, claramente, a escolha do material usado por Moneo neste projeto, integrando-se com as construções envolventes. Desta forma, Moneo consegue criar harmonia e coerência na materialidade presente na praça. Mas até que ponto os edifícios envolventes acabaram por influenciar a configuração da fachada?

41 Projetada por Jaime Bort, em 1754.

42 Projetado por Baltasar Canestro.

43 Moneo, Rafael. *'Remarks on 21 works'*. New York: The Monacelli Press, 2010. p. 443-445.



134 e 135 | Extensão da Câmara Municipal de Múrcia. Rafael Moneo, 1998

O projeto para o novo edifício ofereceu uma solução que ultrapassou meras considerações sobre o ambiente. O novo edifício, de facto, delimitou o espaço e fê-lo com uma estrutura de pilastras sobrepostas que imediatamente nos trazem à mente a ideia da fachada como retábulo⁴⁴. A fachada da Catedral e a da Câmara Municipal nunca são vistas juntas, mas estão claramente relacionadas entre si. Embora a catedral pudesse ser vista como um enorme retábulo barroco com uma exibição iconográfica completa e bem estabelecida, a fachada-retábulo da Câmara Municipal foi organizada aleatoriamente, bem como uma partitura musical na qual prevalecem padrões numéricos, aceitando o sistema de níveis horizontais de lajes. A Câmara Municipal, como uma imagem distorcida, respondeu ao retábulo da catedral sem competir com as suas ordens clássicas, implantando uma estrutura de pilastras verticais que reconhecem o sistema horizontal de lajes e que ordenam os elementos resistentes alinhando as suas arestas verticais. O resultado é um retábulo fragmentado que resiste a uma classificação estilística. (...) A superfície vertical da fachada foi definida por um sistema de linhas horizontais e verticais que emergiram aleatoriamente, e essa aleatoriedade demonstra a liberdade do arquiteto.⁴⁵

É interessante entender a forma como Moneo se inspira na fachada da Catedral para criar uma fachada que não quer ser idêntica, mas que, ao mesmo tempo, quer partir de um princípio semelhante – tratar a fachada como um retábulo. Este conceito, acentuado pela escolha do material, apresentam-se como pontos de partida para a conceção da fachada, que o arquiteto desenha com liberdade.

Apresentamos dois projetos com expressões e materialidades bastante diferentes, mas com fundamentos idênticos. Rafael Moneo procura que o material e a configuração das fachadas dos seus edifícios se relacionem com as suas envolventes e encontrem a sua razão de ser apoiando-se na compreensão

44 Retábulo - construção de pedra ou madeira, com lavores, na parte posterior do altar, que contém um quadro ou assunto religioso.

45 Moneo, Rafael. 'Remarks on 21 works'. New York: The Monacelli Press, 2010. p. 445.



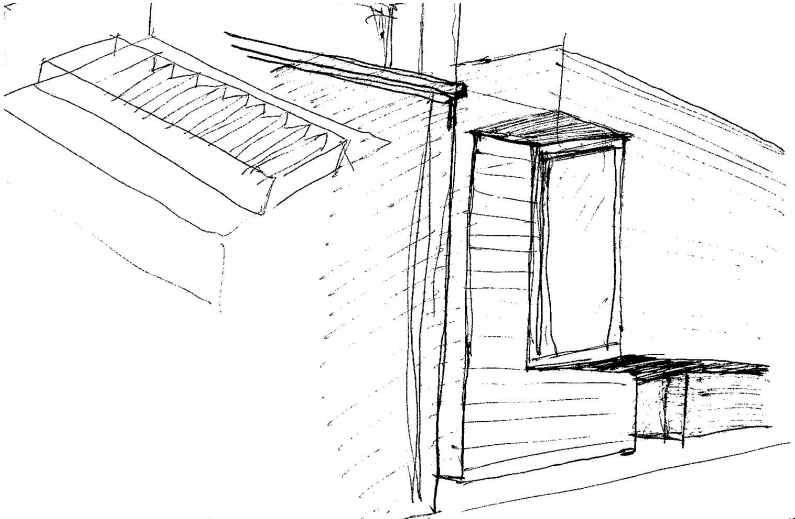
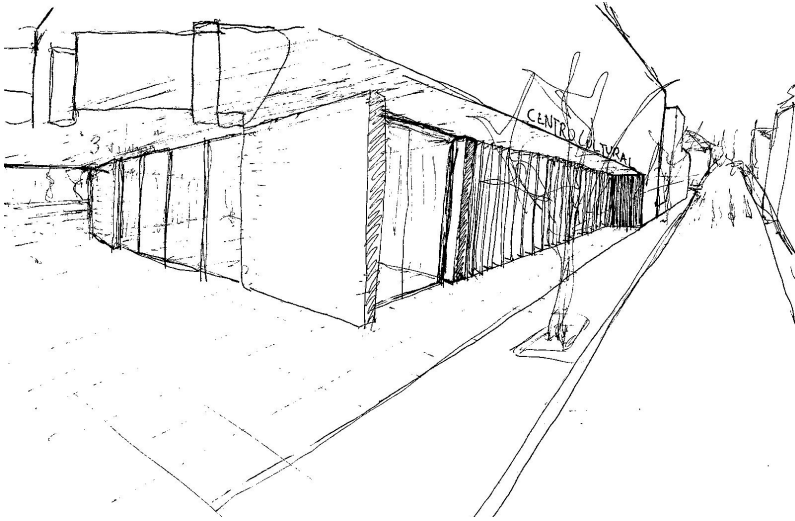
136 | Edifício do antigo banco Pinto & Sotto Mayor
137 | Edifício de Escritórios Ferreira de Castro. JC, 2019
138 | Alçado Entre Siza's. JC, 2019

do lugar. Da mesma forma que as circunstâncias e geometrias da envolvente influenciam a volumetria e a forma do edifício, também elas influenciam a escolha do material e configuração das fachadas, seja com o objetivo de criar coerência ou, pelo contrário, contraste. Uma leitura pertinente das circunstâncias na busca das razões para o projeto.

No nosso edifício, a fachada principal, virada a Nascente e com frente para a Avenida Doutor António José de Almeida, é a fachada com maior visibilidade e a que se relaciona de forma mais directa com os edifícios de Siza. Atendendo às semelhanças e diferenças de materialidade e configuração das fachadas principais dos dois projetos de Álvaro Siza – o Antigo Banco Pinto & Sotto Mayor e o Edifício de Escritórios Ferreira de Castro -, é necessário perceber qual a materialidade capaz de criar uma narrativa interessante entre eles.

Embora estes sejam dois projetos com expressões dissemelhantes, a sua materialidade possui uma característica idêntica: são ambos edifícios rebocados e pintados de branco. Já nas fachadas principais, temos o primeiro piso do banco praticamente todo envidraçado, e os dois primeiros pisos do edifício de escritórios com o revestimento em granito. Os dois projetos de Rafael Moneo referidos anteriormente, colocam-nos perante o desafio de estudar hipóteses que partam da coerência ou do contraste entre edifícios.

O nosso projeto parece-nos aproximar-se mais dos princípios seguidos no edifício da *Câmara Municipal de Mursa*, procurando enquadrar-se no carácter do lugar e não contrastar em demasia com os edifícios envolventes. Também como Moneo, a imagem que sempre se manteve mais presente foi a de um edifício mais opaco, com uma presença forte, e não a de um edifício totalmente envidraçado. Ao optar pelo desenho de fachadas totalmente envidraçadas, gera-se um grande contraste com os edifícios projetados por Álvaro Siza, o que nunca foi a nossa intenção. Por outro lado, receia-se que, pela sua forma, ao rebocar e pintar o edifício de branco, acabe por se ter a sensação de que se está perante



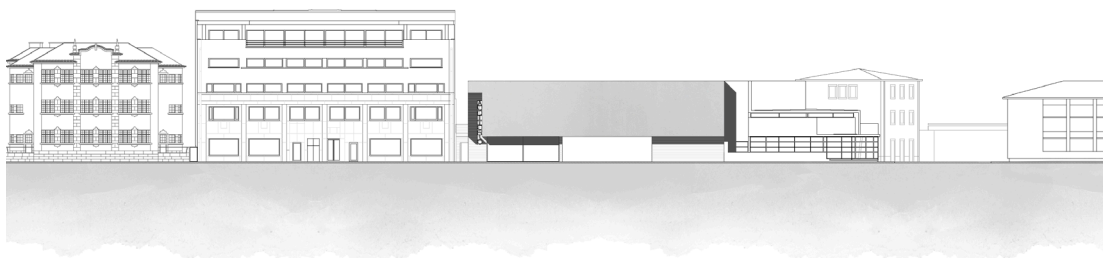
139 | Esquissos do projeto. JC, 2020

140 | Fotomontagem de estudo do projeto (fotografia a Sul da avenida). JC, 2020

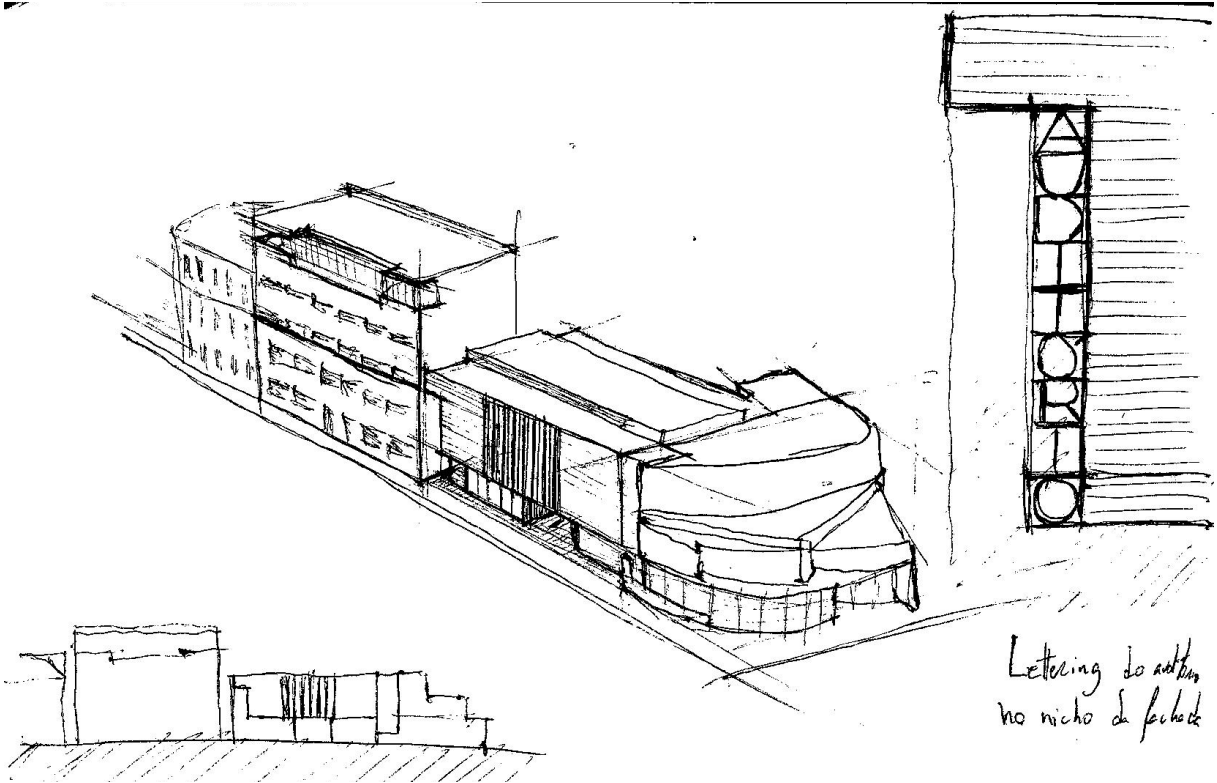
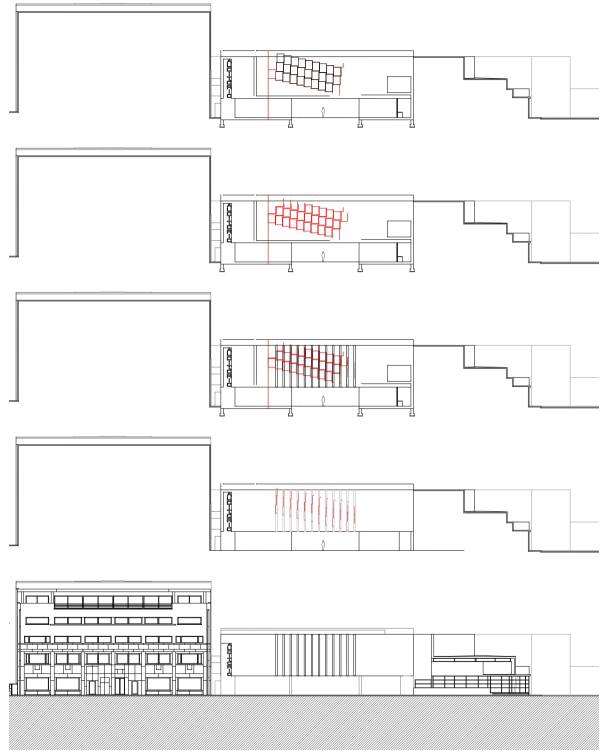
um prolongamento das instalações do banco e não um edifício autónomo com um programa diferenciado.

Assim, decidiu-se configurar o piso térreo com vãos envidraçados, que compreendessem o pé direito total do piso, nas zonas em que se pretende a entrada de luz natural e abertura para o exterior, e usar betão aparente como material de revestimento. Para além do gosto pessoal pelo uso do betão, este apresenta-se como uma solução que nos parece dialogar bem com as materialidades da envolvente sem criar grande contraste, mas, também, sem que pareça um acrescento a um dos edifícios projetados por Siza. Tirando partido do desenho da cofragem conseguimos, ainda, realçar a sua expressão.

Uma outra decisão, que acabou por influenciar muito o desenho da fachada, baseou-se na criação de um nicho no contacto e transição com o edifício adjacente. Dada a posição do elevador, recuada em relação ao alinhamento da fachada, gera-se um espaço, no primeiro e segundo pisos, sem qualquer tipo de funcionalidade. Surgiu, então, a ideia de o assumir como um vazio, alinhado pela altura do embasamento de pedra do edifício de escritórios, permitindo a abertura de vãos para os espaços interiores compreendidos pelas zonas em questão e a colocação do 'lettering' do auditório no exterior virado para a avenida.



141 | Alçado de estudo do projeto. JC, 2020

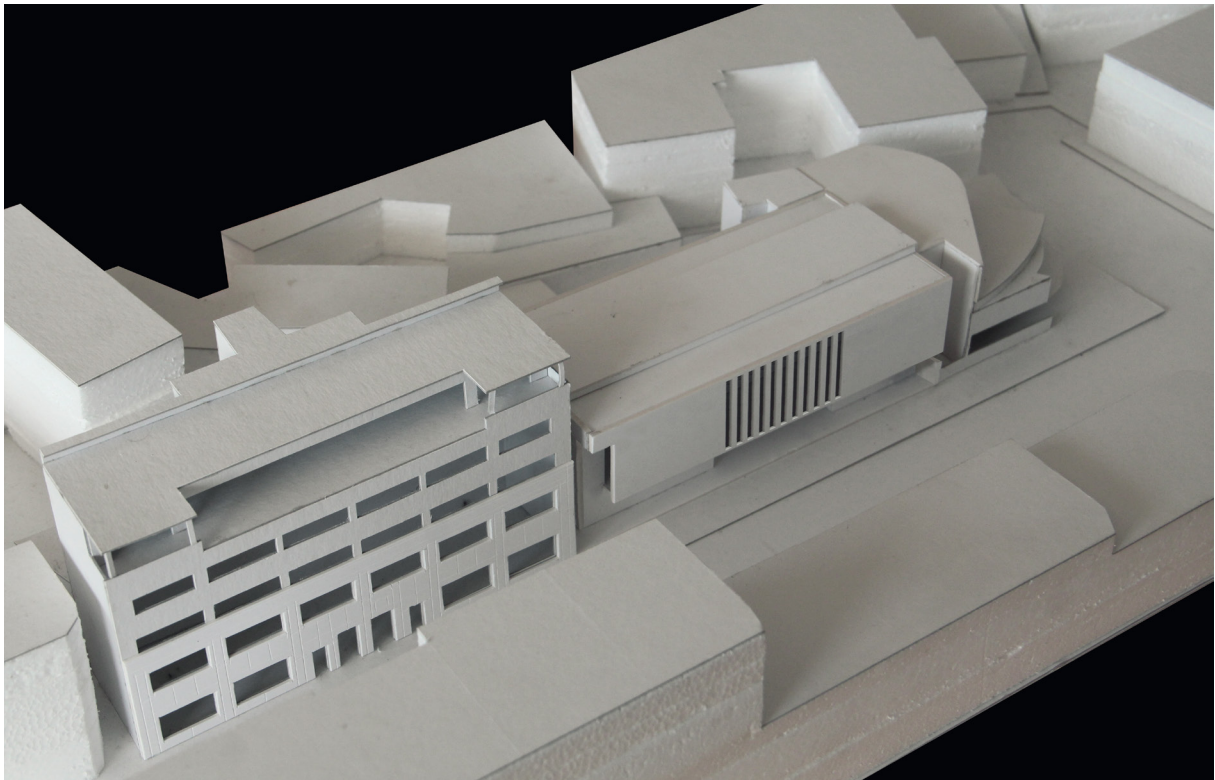


- 142 | Auditório do Centro Cultural Les Quinconces
143 | Esquema usado para a abertura de vãos. JC, 2020
144 | Esquissos do projeto. JC, 2020

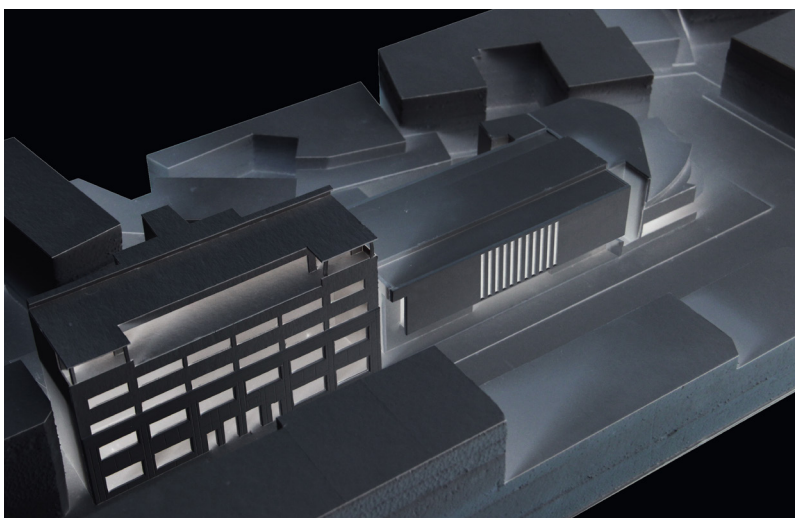
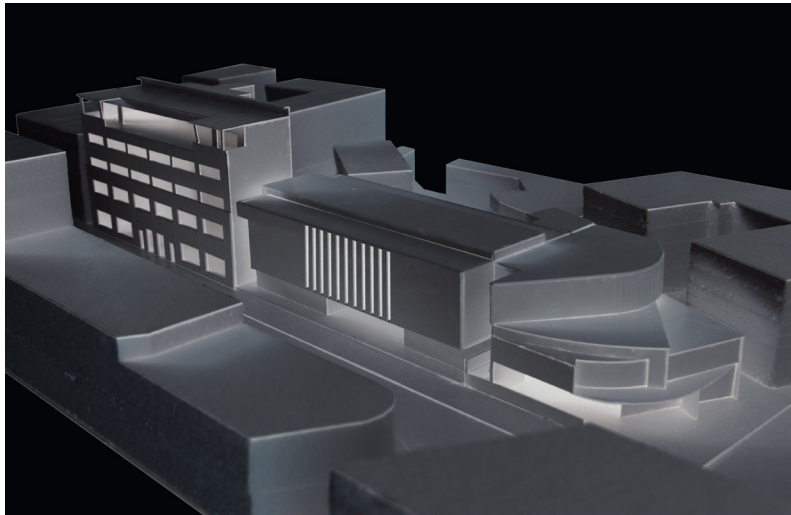
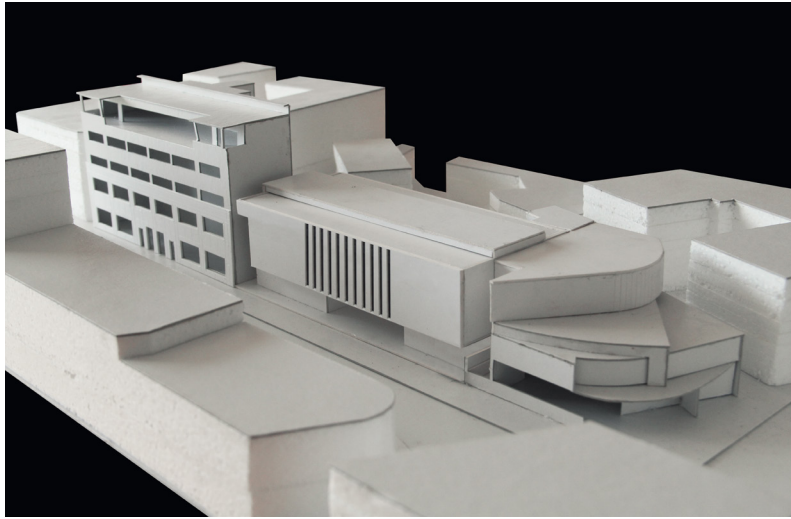
Após alguma dificuldade relativa à abertura de vãos na fachada, e como forma de desbloquear um certo receio, decidiu-se pensar essas aberturas de dentro para fora do edifício, percebendo a imagem delas resultante. Partiu-se de uma solução semelhante à do auditório do Centro Cultural Les Quinconces, situado em Le Mans, França, da autoria do atelier Babin + Renaud. A sucessão de painéis de madeira, por entre os quais surge luz artificial, sugere a ideia de ritmo e de geometria, ao mesmo tempo que cria intimidade e dinâmica no interior do espaço, podendo ainda melhorar a sua acústica. Experimentou-se este princípio adaptando-o às condições do auditório, iluminando o espaço, criando dinâmica formal e acústica e, ainda, marcando a localização das diferentes filas de assentos para o público.

Posteriormente, olhando para o gesto de Moneo no projeto do Auditório e Palácio de Congressos Kursaal - utilizar a fachada translúcida de forma a que os dois volumes se transformem numa fonte de luz durante a noite -, procurou-se algo semelhante no nosso projeto. Pelos painéis de madeira atravessava a luz natural durante o dia e, durante a noite, a presença da luz artificial podia ser perceptível a partir do exterior, como que anunciando à cidade que estaria a decorrer um evento no auditório. Para isso, o desenho dos vãos tinha de estar relacionado com desenho dos painéis no interior, o que resultou numa série de experimentações que levaram a uma primeira proposta para a pele do edifício.

Tendo como referência a marcação acentuada dos pilares na fachada do edifício de escritórios, surgiram vãos estreitos e alongados, dispostos por toda a altura do volume do auditório, que permitem a passagem de luz para o interior do mesmo através dos painéis de madeira situados na parede. Desta forma, juntamente com as entradas de luz do pequeno volume acrescentado na cobertura, assegura-se a iluminação do espaço e a passagem de luz para o exterior durante a noite.

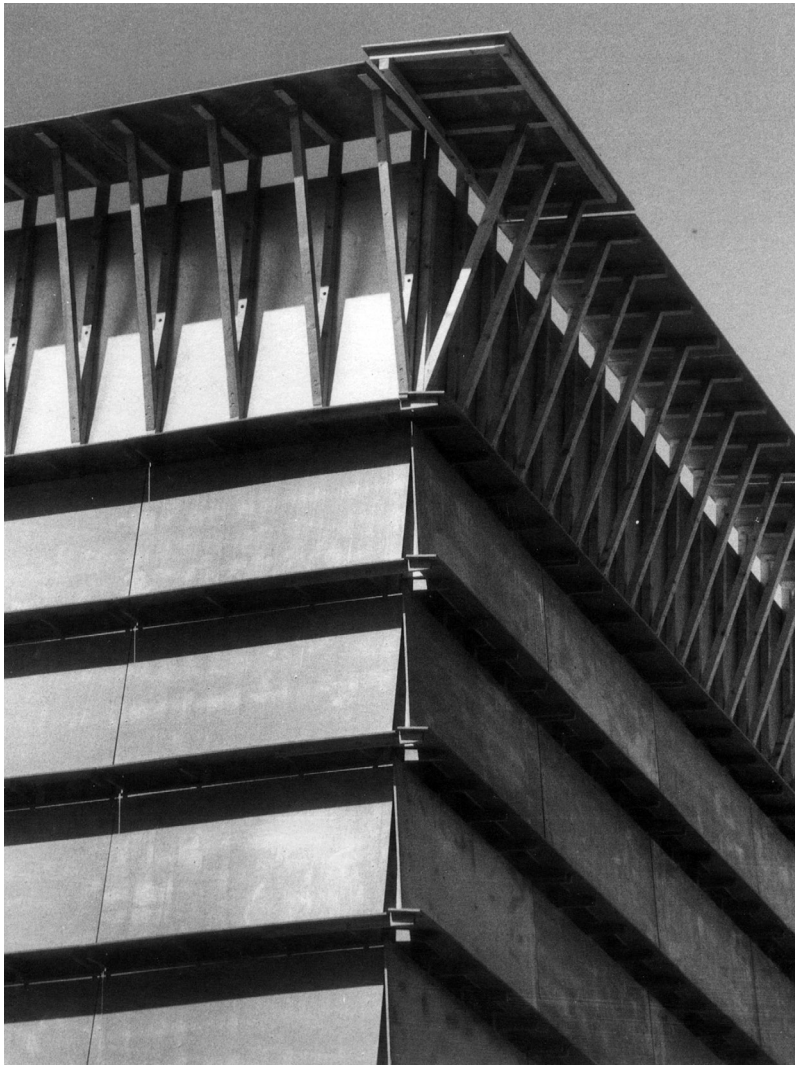


145 | Fotomontagem de estudo do projeto. JC, 2020
146 | Maquete de estudo do projeto. JC, 2020



147 | Maquete de estudo do projeto. JC, 2020

148 e 149 | Maquete de estudo do projeto com simulação noturna. JC, 2020



150 e 151 | Edifício de Armazenamento Ricola. Herzog & de Meuron, 1986

| Expressão do edifício

Após chegar a uma primeira imagem daquilo que poderia ser a “pele” do edifício, decidiu-se analisar obras de três autores diferentes, cujo princípio volumétrico apresentasse semelhanças com o nosso projeto. Mais do que entendimento de princípios formais diferentes, este exercício permitiu-nos um certo desprendimento da ideia inicial. Nesse sentido, escolheram-se obras de Herzog & de Meuron, Lina Bo Bardi e Nuno Brandão Costa.

Começou-se por dois projetos da autoria do escritório Herzog & de Meuron⁴⁶, quer pela sua versatilidade, quer pela simplicidade volumétrica dos edifícios: o edifício de armazenamento Ricola, em Laufen, Suíça, projetado em 1986, e a Galeria Goetzem Munique, Alemanha, de 1992.

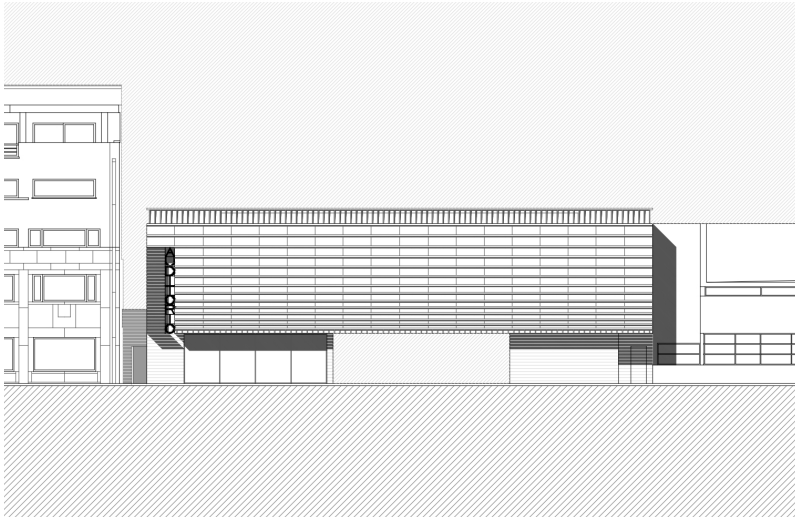
O projeto para o edifício de armazenamento Ricola, parte de uma forma volumétrica baseada na simplicidade formal e é complementada pela expressão da sua materialidade e sistema construtivo.

*O volume sóbrio é construído com base no artifício de evidenciar as juntas dos painéis, revelando-as por meio de peças horizontais que têm o efeito de dotar as superfícies de números e proporções, parâmetros para o projeto, atributos dos quais a arquitetura sempre se serviu (...) e o uso de medidas diferentes gera um sentido de ascensão que nos permite falar em ritmo.*⁴⁷

Esse sentido de ritmo horizontal, marcado por três padrões crescentes, é rematado pelo desenho da cornija, que contrasta com os elementos verticais que sustentam uma pequena pala, repetindo o padrão existente na base. O esquema é repetido nos quatro alçados do edifício, sendo que os cantos

46 O estúdio de arquitetura Herzog & De Meuron, com sede na cidade suíça de Basileia, foi fundado por Jacques Herzog e por Pierre de Meuron em 1978.

47 Moneo, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 335



152 e 153 | Alçado e Fotomontagem Projeto. JC, 2020
154 | Galeria Goetz. Herzog & de Meuron, 1992

resultam do encontro dos planos, sem necessidade de introdução de elementos de remate. Já a entrada, é marcada pela criação de um nicho num dos cantos da base do volume, destacando-o dos restantes.

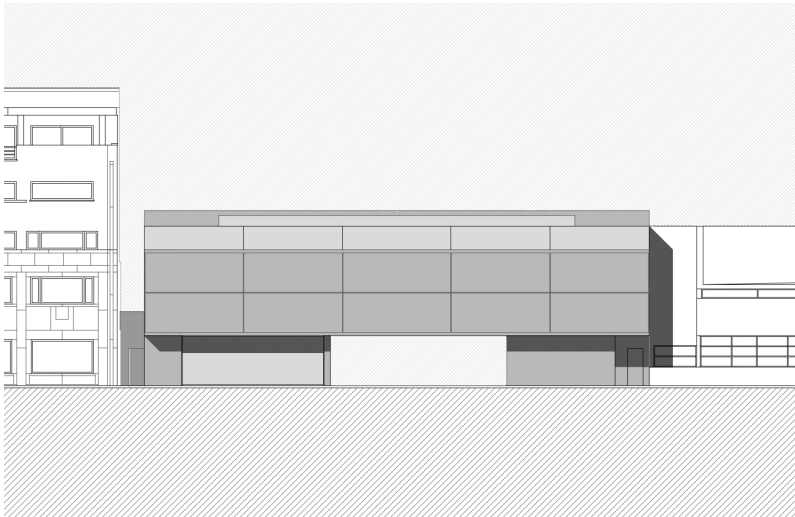
*O uso inteligente do material, a madeira laminada, permitiu que na leve parede fossem introduzidos os componentes formais tradicionais (número, proporção, ritmo), enquanto a solução do específico, a cornija, admitiu referências à história: certo sabor arcaico – e ao mesmo tempo moderno – nos invade ao ver aquela pequena, embora intensa, obra de arquitetura contemporânea.*⁴⁸

Experimentando algo semelhante no nosso projeto, reparou-se que a repartição em diferentes níveis horizontais sugere uma leveza maior do volume, sem que este perca o princípio pelo qual a forma foi gerada. Uma solução interessante que poderia funcionar se o material e sistema construtivo fossem adaptados de forma a permitir a entrada de luz no interior do edifício, quer nos espaços comuns, quer no auditório.

Relativamente à Galeria Goetz, deparamo-nos com uma linguagem diferente, e um programa mais exigente. Os arquitetos afirmam que *a conceção arquitetónica do edifício corresponde ao carácter das obras que o colecionador (Ingvild Goetz) reuniu. (...) Uma configuração de madeira repousa sobre uma base de betão armado da mesma dimensão que está meio enterrada, de modo a que apenas o seu perímetro envidraçado superior seja visível do lado de fora. Uma faixa de vidro fosco semelhante envolve o volume de madeira na secção mais alta, admitindo luz diurna difusa e sem brilho a uma altura de 4 metros nos espaços de exposição.*⁴⁹ Mais uma vez, estamos perante uma obra em que a simplicidade volumétrica é complementada pela escolha, tratamento e acabamento dos materiais. Os painéis envidraçados do piso inferior e do piso

48 Moneo, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 325

49 Herzog & de Meuron 1978-2007. *Arquitectura Viva nos 114 + 77*, Madrid, ed. Luis Fernández-Galiano, 2007



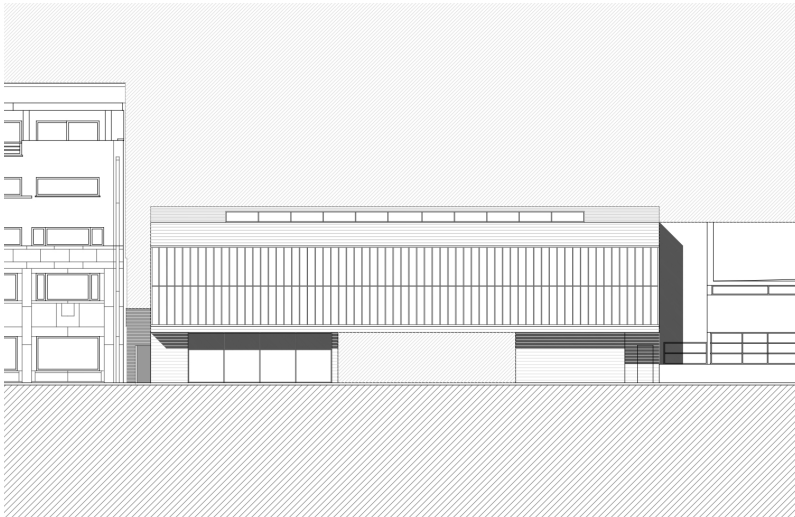
155 | Galeria Goetz. Herzog & de Meuron, 1992
156 e 157 | Alçado e Fotomontagem Projeto. JC, 2020

superior, que se estendem à volta do edifício, sugerem transparência, fazendo com que o volume intermédio pareça estar a flutuar. O facto do piso térreo ser envidraçado, transmite também leveza, como se os restantes pisos estivessem apoiados numa “leve” cortina de vidro.

*Tal continuidade da faixa iluminada leva a ignorar o canto, mecanismo que provoca uma alternância inquietante entre vidro e betão, mostrando também como se busca, aqui, a expressão da identidade dos materiais sem atender às funções estruturais que lhes foram designadas.*⁵⁰

Existem princípios capazes de se adaptar ao nosso edifício que podem resultar quando confrontados com os dois edifícios, projetados por Álvaro Siza, que o envolvem. A parte superior envidraçada cria relação com a altura do embasamento de pedra do Edifício de Escritórios Ferreira de Castro e, ao mesmo tempo, permite a entrada de luz no foyer, no auditório e no piso dos camarins, enquanto que a parede de betão corresponderia a pisos intermédios onde a luz natural não seria tão necessária, como é o caso dos sanitários. O desenho da cofragem, com linhas de chamada que partem de alinhamentos com os edifícios contíguos, reforça, também, a importância da envolvente na expressão do projeto.

50 Moneo, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou. p. 344-347.

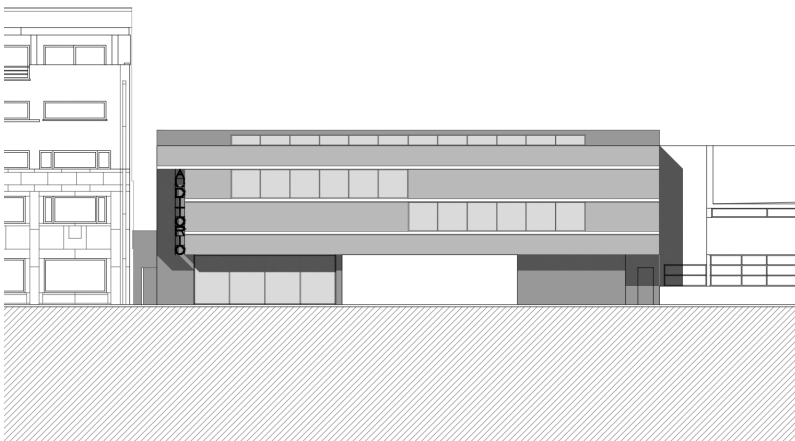
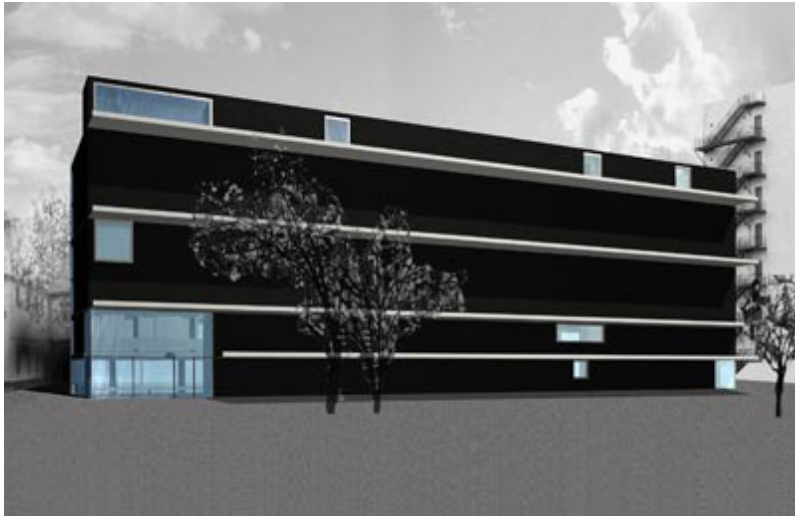


158 | Museu de Arte de São Paulo. Lina Bo Bardi, 1947
159 e 160 | Alçado e Fotomontagem Projeto, JC, 2020

Analisamos também o projeto do Museu de Arte de São Paulo (MASP), de Lina Bo Bardi⁵¹, inaugurado em 1947 em São Paulo, no Brasil. O edifício caracteriza-se por um volume elevado, apoiado numa estrutura de betão que assenta no piso térreo através de quatro pilares de grandes dimensões. O grande vão livre, conseguido através da elevação do edifício, resulta numa praça pública coberta a partir da qual se acede ao edifício através de acessos verticais. No exterior, o betão e o vidro transmitem um contraste entre a transparência e opacidade e, ao mesmo tempo, a dualidade entre leveza e densidade. Esta sensação é conseguida não só através do grande vão envidraçado, mas também pela espessura da laje do primeiro piso, cujo dimensionamento parece ser incapaz de suportar o peso da restante volumetria.

Talvez não seja muito comum um museu ser totalmente envidraçado, pois acaba por limitar o controlo da entrada de luz natural para o interior do edifício. No entanto, tendo em conta a organização expositiva que Lina Bo Bardi propõe, o MASP consegue responder às necessidades que lhe são requeridas. No caso do nosso edifício, o mesmo não se aplica de forma tão linear. Tendo em conta a organização programática, ter uma fachada totalmente envidraçada não se adaptaria à atmosfera que se pretende atingir nos diferentes espaços interiores. O controlo da luz teria de ser feito com recurso a sistemas de sombreamento na parte interior do edifício, o que não nos pareceu ser boa solução.

51 Achillina Bo, mais conhecida como Lina Bo Bardi (Roma, 5 de dezembro de 1914 – São Paulo, 20 de março de 1992), foi uma arquiteta modernista ítalo-brasileira. Nasceu e viveu em Itália até 1946, ano em que se mudou para o Brasil, onde passou o resto da sua vida, tendo-se naturalizado brasileira em 1951.



161 | Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nuno Brandão Costa, 1998
162 e 163 | Alçado e Fotomontagem Projeto. JC, 2020

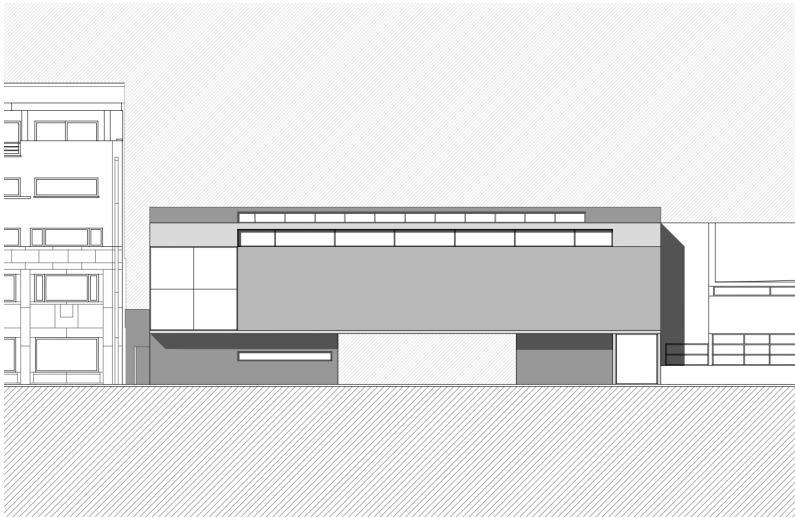
Por fim, analisaram-se dois projetos do arquiteto Nuno Brandão Costa⁵², quer pelo facto de transmitirem uma linguagem diferente dos projetos anteriores, quer pelo facto de serem da autoria de um arquiteto português. O primeiro, a Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa, conquistou o primeiro prémio de um concurso realizado em 1998.

*O projecto propõe um corpo abstracto e neutro no fundo da praça da Universidade. Na modulação da estrutura, compôs-se a volumetria e a geometria da sua imagem. A Sul, o primeiro módulo é um corpo que recolhe as infra-estruturas e os acessos, protegidos pelas palas que aliviam a fachada. Do lado oposto, o mesmo módulo fica vazio, para iluminar tudo de uma só vez. No meio, sobra o programa ao longo de 7 pisos. Tudo virado para a luz e os jardins a Norte. Para controlar a dimensão volumétrica do programa fez-se desaparecer metade do edifício sob o solo. Um pátio transpõe o ambiente vegetal para dentro das salas e resolve a iluminação das caves.*⁵³

As palas pintadas com cor branca, reforçam a marcação da horizontalidade e salientam-se na fachada, criando um forte contraste com a cor do edifício. A criação de um nicho no canto como marcação da entrada remete-nos para o projeto do edifício de armazenamento Ricola, referido anteriormente, e acaba por ser o vão mais característico da fachada, não se percebendo um princípio formal, existente à priori, na abertura dos restantes vãos. Este princípio permite grande liberdade na localização dos vãos na fachada, e a cor do edifício e o contraste criado pelas palas reforçam a sua expressão.

52 Nuno Brandão Costa (Porto, 1970) formou-se na FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto) em 1994, onde leciona desde 2001. Obteve o seu doutoramento em 2013. Entre 1992 e 1993, estagiou no gabinete de Herzog & de Meuron em Basileia, na Suíça, tendo iniciado a sua própria carreira em 1998.

53 <http://www.newitalianblood.com/show.pl?id=4270>. [acedido em Julho de 2020]



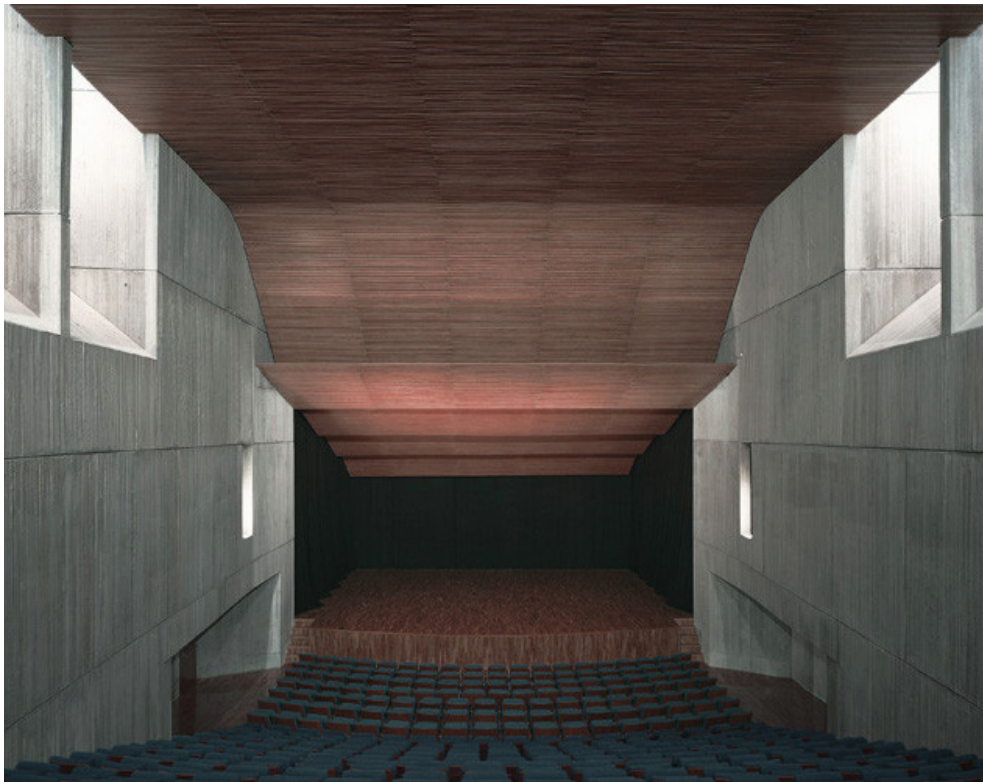
164 | Edifício Viriato. Nuno Brandão Costa, 2007
165 e 166 | Alçado e Fotomontagem Projeto. JC, 2020

O segundo projeto, o *Edifício Viriato*, localizado em Paredes, foi realizado entre 2005 e 2007. Um edifício cuja volumetria, quando vista a partir da fachada principal, possui semelhanças com o nosso projeto.

A extensão das instalações da fábrica de Viriato é desenvolvida como uma nova fachada que reinventa a imagem de todo o complexo industrial (...). A sua composição é baseada num critério clássico, fornecendo um pórtico com uma base correspondente aos dois suportes da laje em betão aparente, um fuste correspondente à viga principal, fazendo a ponte entre a extensão livre de 25m, e um capitel, correspondente à abertura horizontal que fornece luz para os escritórios, encimada por uma viga de metal, a cornija para toda a composição. A simetria desse princípio é distorcida pelo movimento triangular do volume e pela abertura de uma grande janela no final, o que clareia a consola do edifício. A fachada principal ganha assim destaque considerável como se fosse uma camada adicional ao volume original.⁵⁴

A simplicidade e a forma como os materiais são trabalhados tendo em conta o 'todo', é o que mais nos cativa no edifício. Os vãos presentes na fachada principal possuem dimensões muito bem conjugadas com a proporção da volumetria, criando harmonia entre os diferentes elementos. Um princípio idêntico, poderia funcionar no nosso projeto, porque permite luz nos diferentes espaços comuns e entrada de luz pela parte superior do auditório. No entanto, tendo em conta os traços reguladores que o projeto segue, as dimensões dos espaços nos quais são abertos os vãos envidraçados e a proporção do volume geral, torna-se difícil atingir a harmonia sentida no Edifício Viriato.

54 <https://www.brandaocosta.com/projetos/viriato-i/>. [acedido em Julho de 2020]



167 e 168 | Centro Cultural El Musical. Eduardo de Miguel, 2004

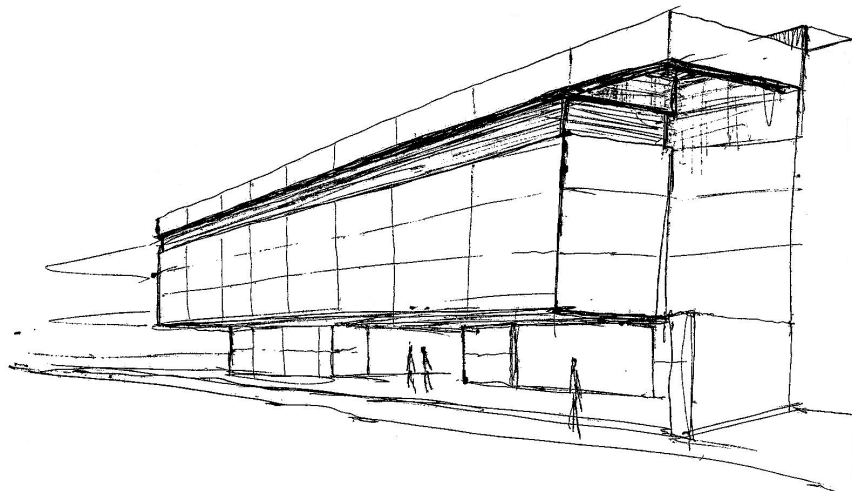
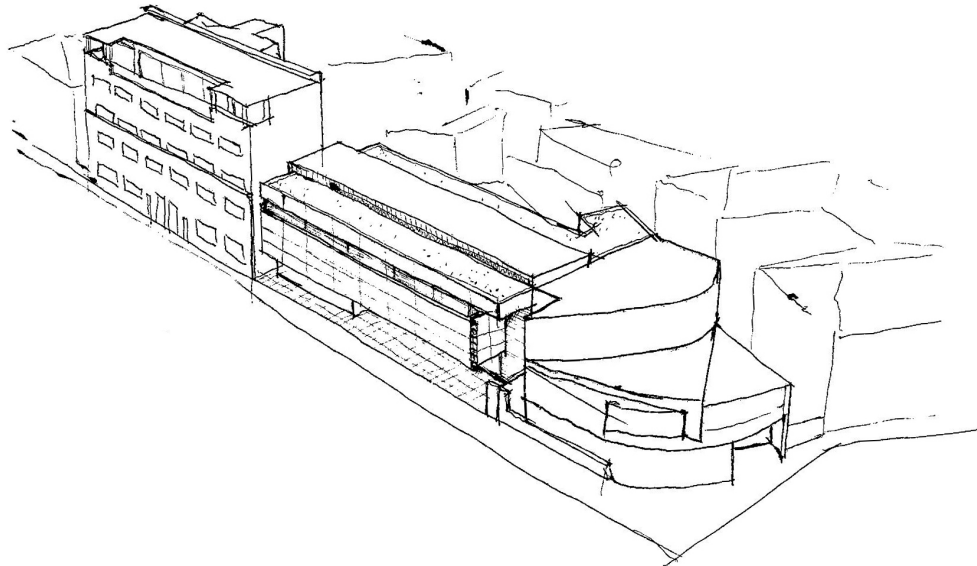
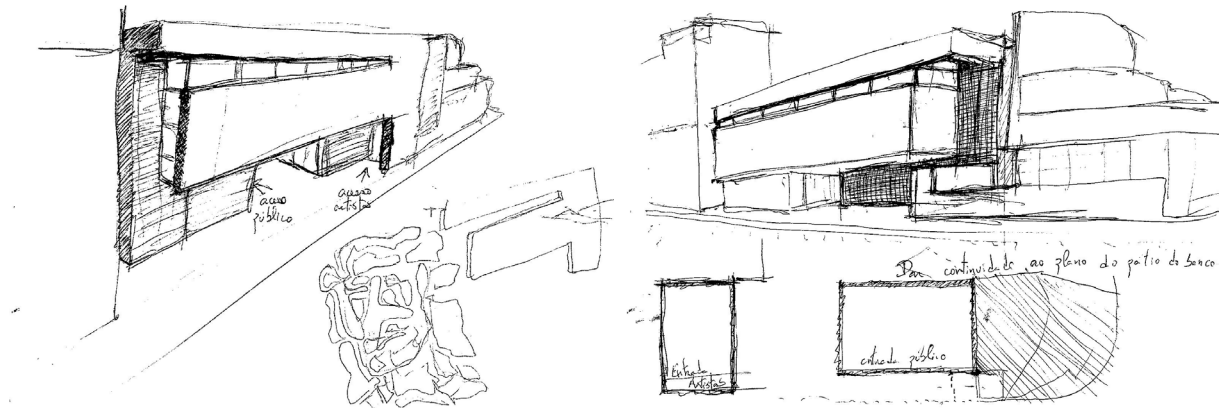
Estudar opções arquitectónicas seguidas por outros arquitetos e aplicá-las ao nosso projecto é um exercício que pode parecer tratar-se apenas de uma espécie de “colagem”. Contudo, foi importante fazê-lo, porque nos permitiu experimentar diversas hipóteses e verificar que aquela que tínhamos antes não teria de ser necessariamente assim. Percebendo os diferentes princípios e elementos que ganham mais relevo e importância, conseguimos chegar a uma solução adaptada à nossa circunstância concreta.

O estudo da expressão arquitetónica em obras de outros arquitetos, com especial incidência nos projetos da Galeria Goetz e do Edifício Viriato, despoletou o interesse no desenho de vãos com diferentes configurações.

Tendo como base o princípio de o interior influenciar o desenho do exterior, partiu-se da possibilidade de existirem vãos horizontais nas paredes laterais do auditório. Dois grandes rasgos de luz, que contaminariam o espaço sem se sobreporem ao que se passa no interior, um pouco como acontece no Centro Cultural El Musical, da autoria de Eduardo de Miguel, construído em 2004, em Valência. Este projeto chamou-nos à atenção pela forma como as diferentes entradas de luz zenital são trabalhadas, já que, dada a implantação do edifício, as empenas são cegas em quase todo o seu perímetro. A conjugação do betão aparente com a madeira, maioritariamente presente nos tetos, despem os diferentes espaços de qualquer tipo de ornamentação, fazendo com que nos foquemos na sua composição geométrica e nas entradas de luz. No auditório, tanto as entradas de luz laterais como a plasticidade do teto, conseguida através de painéis de madeira, pareceu-nos relacionar-se com as ideias que tínhamos no nosso projeto.



169 e 170 | Fotomontagens de estudo do projeto (fotografias a Sul e a Norte da avenida). JC, 2020





172 e 173 | Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Álvaro Siza, 2008. JC, 2020

174 | Perspetiva entre a biblioteca e o edifício de serviços, projetado por Fernando Távora. JC, 2020

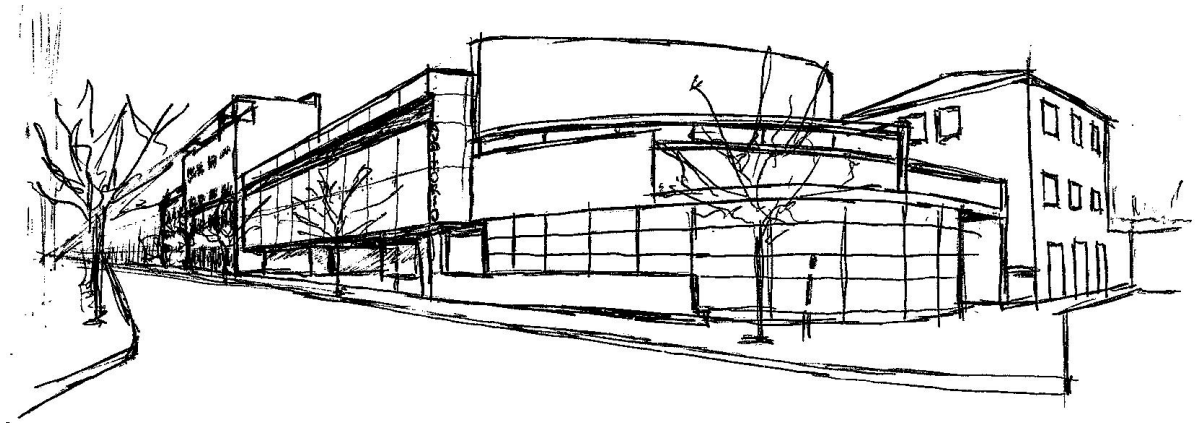
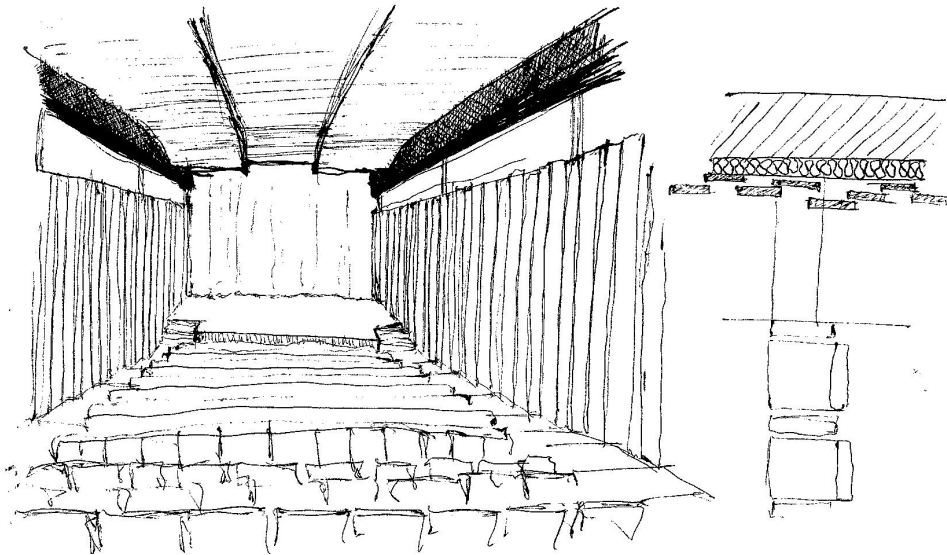
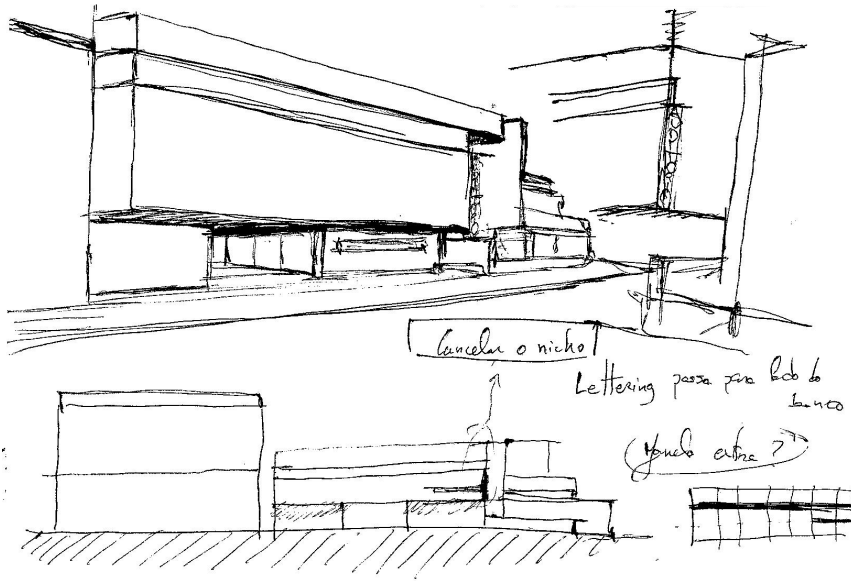
Creio que o aprendizado, em arquitectura, signifique exatamente uma ampliação da área das referências. Quando se começa, é quase sempre uma figura carismática que nos interessa de modo particular, e, conseqüentemente, nos influencia de maneira determinante. Além disso, muitas vezes o ambiente escolar favorece uma propensão para o formalismo.⁵⁵

Todos nós temos referências que olhamos e acompanhamos como exemplo. Álvaro Siza é, para mim, mestre, exemplo de trabalho, método e obra. Talvez por essa razão tenha vindo a encontrar, ao longo do tempo, semelhanças entre as suas obras e aquilo que procuro nos meus projetos.

A biblioteca municipal de Viana do Castelo, situada entre o rio Lima e a Avenida Marginal, é um edifício da autoria do arquiteto Álvaro Siza, contruído entre 2004 e 2008. É uma excelente referência para o nosso projeto, quer pelas semelhanças formais, quer pela sua proximidade a uma obra de um dos seus mestres, Fernando Távora. O edifício está integrado no Plano da Marginal de Viana do Castelo, desenvolvido por Távora, que conjuga o arranjo dos espaços exteriores com a construção de uma sala polivalente e dois edifícios de escritórios, que enquadram a Praça da Liberdade e o monumento ao 25 de Abril.

O grande vão aberto no nível térreo, permite a ligação visual entre o rio Lima e a cidade de Viana do Castelo. No piso térreo localizam-se as áreas de serviço, e o primeiro piso é totalmente ocupado pelas áreas de leitura, onde é feita a abertura de um estreito e longo vão horizontal envidraçado, que estabelece continuidade entre as fachadas Sul e Poente, rematado por uma pala e um terraço. É perceptível a vontade de marcar a ortogonalidade tanto em planta como em alçado. Certos gestos parecem acompanhar as intenções do arquiteto Fernando Távora para o Plano da Marginal, sendo que podemos, inclusive, encontrar semelhanças formais entre a biblioteca e os dois edifícios projetados por Távora.

55 Siza, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 35.



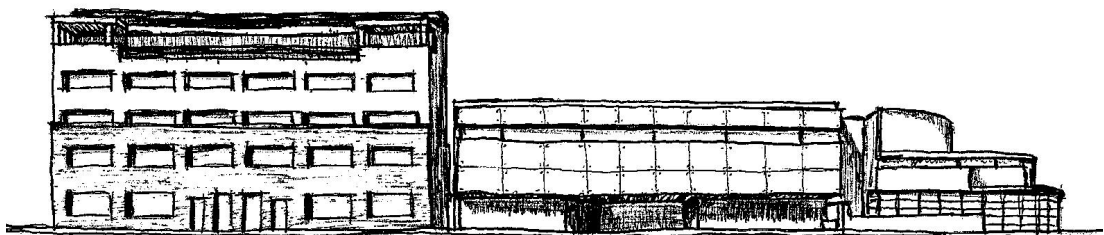
Proseguimos com o nosso projecto, conjugando as ideias principais com o olhar sobre a obra dos mestres. Um longo vão horizontal envidraçado, alinhado pela altura do embasamento de pedra do edifício de escritórios Ferreira de Castro, percorre as fachadas Nascente, Sul e Poente, sendo interrompido pelo prolongamento do pequeno volume da cobertura para a fachada Sul.

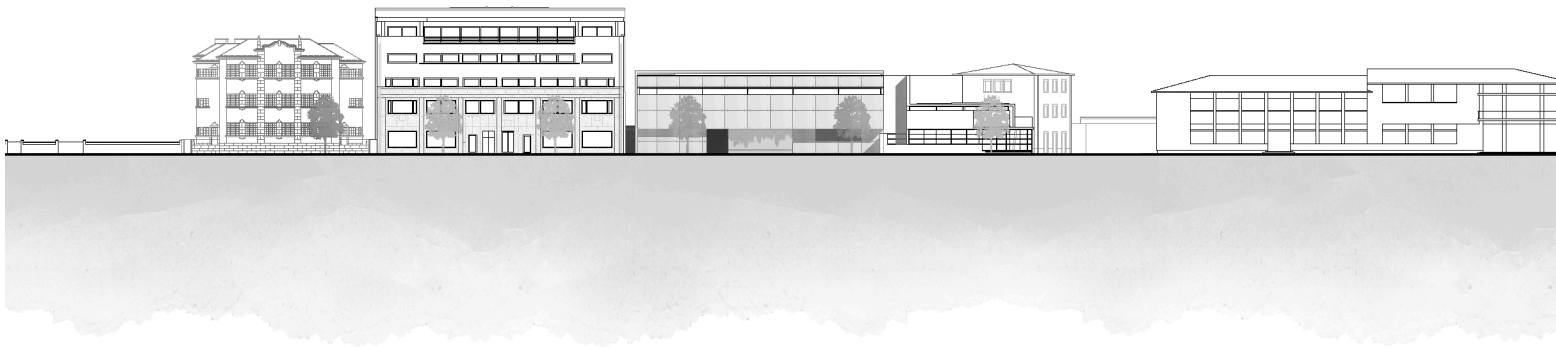
De forma a criar coerência entre a materialidade procurada e as circunstâncias do lugar, decidiu-se usar betão aparente, assegurando uma expressão contemporânea, mas sóbria, na relação com os edifícios projetados por Álvaro Siza. A estereotomia do betão, marcada pela repetição da cofragem, surge da conjugação de medidas relacionadas com os edifícios adjacentes.

A abertura do vão principal permite a iluminação do auditório, do foyer e, ainda, dos camarins, sem influenciar as condições de qualidade das performances artísticas. Durante a noite, um “rasgo de luz” no exterior percorre o edifício, transformando-o numa fonte luminosa, sinalizando que um espetáculo está a decorrer.

|O projeto Entre Siza's

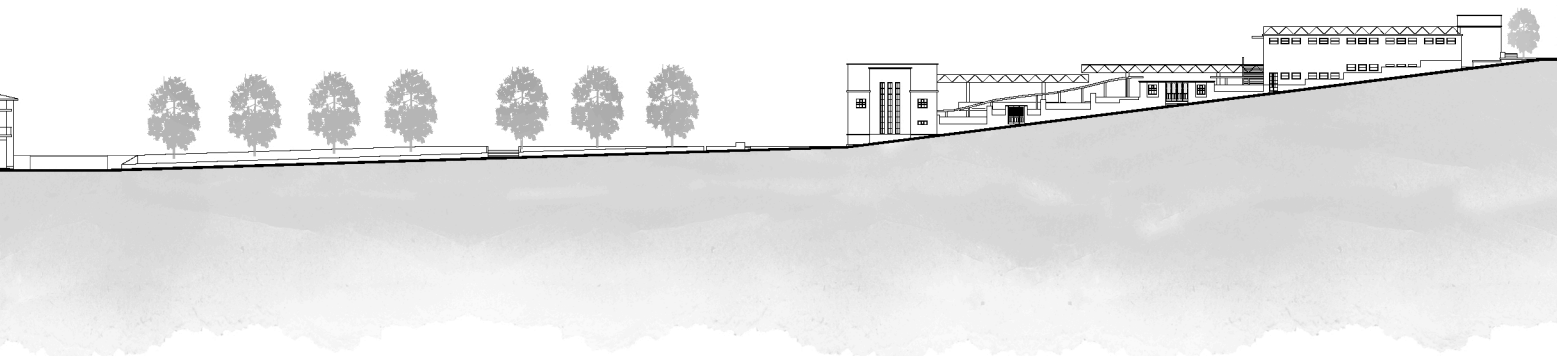
O presente capítulo apresenta a proposta final do projeto. Para sua melhor compreensão, inaugura-se com os desenhos da proposta, obtendo-se, assim, uma melhor percepção da sua forma e função, apresentando-se, de seguida, fotografias da maquete, um elemento fundamental para a conceção projetual que complementa o entendimento do projeto na sua relação com o lugar. Para uma percepção mais clara do projeto à escala real, são apresentadas duas fotomontagens a partir de dois pontos de vista da avenida Doutor António José de Almeida. Por fim, é apresentado um texto que pretende complementar a compreensão do edifício e fazer uma aproximação mais detalhada a aspetos ilustrados nos desenhos, fotografias e montagens apresentadas. A partir da ideia de percurso, descrevem-se os diferentes espaços e usos de um projeto para um auditório que se quer relacionar e oferecer à cidade.

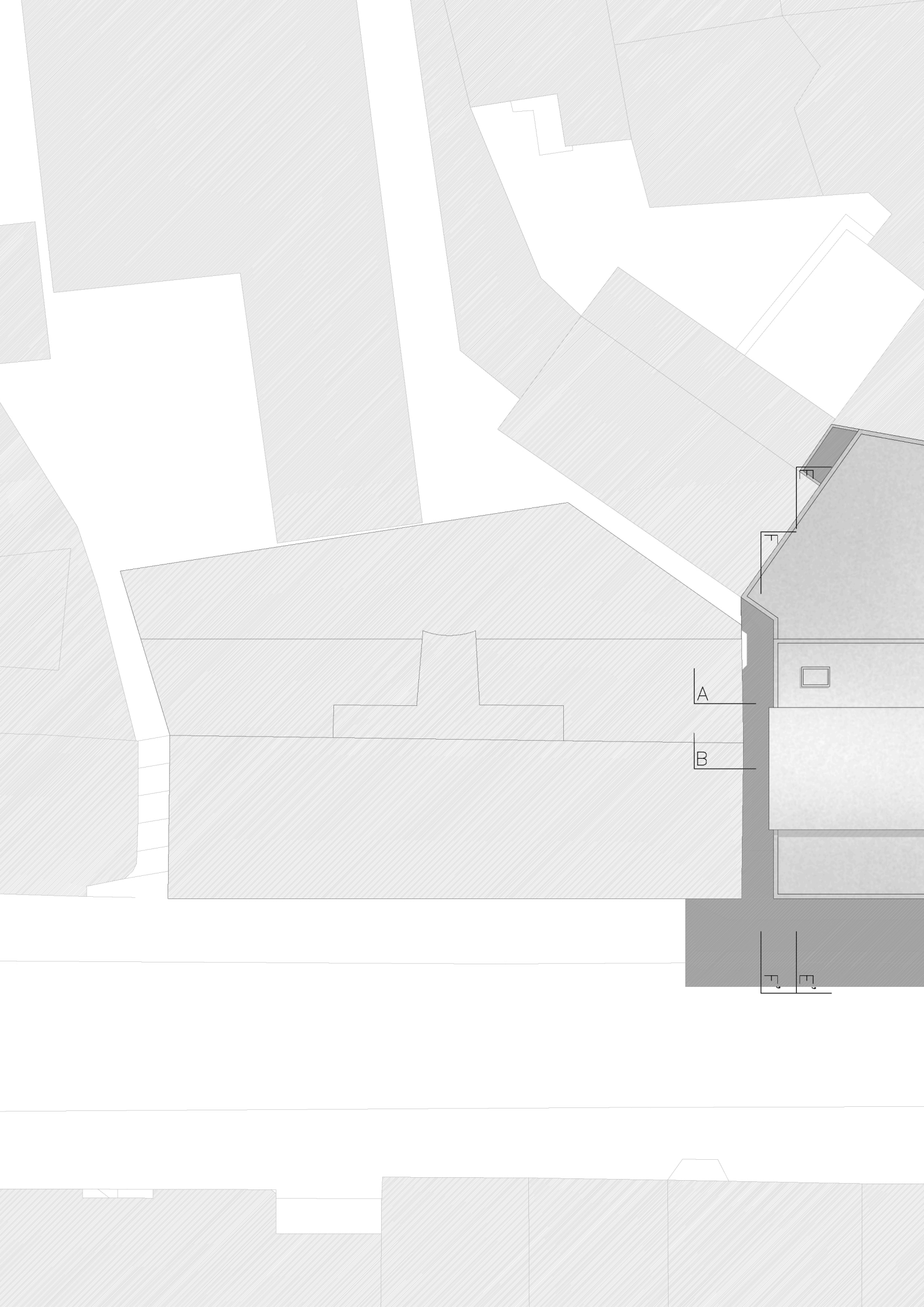


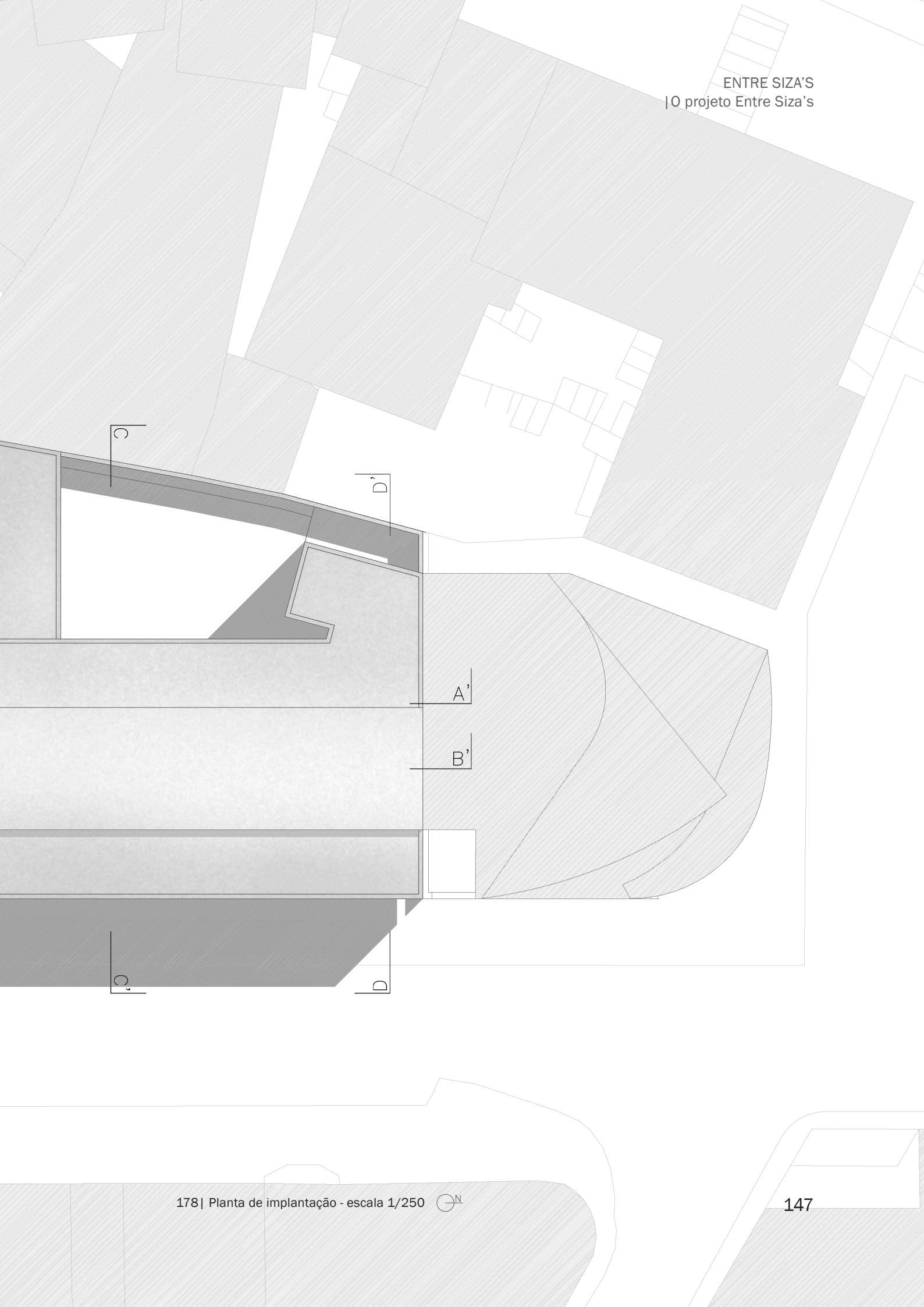


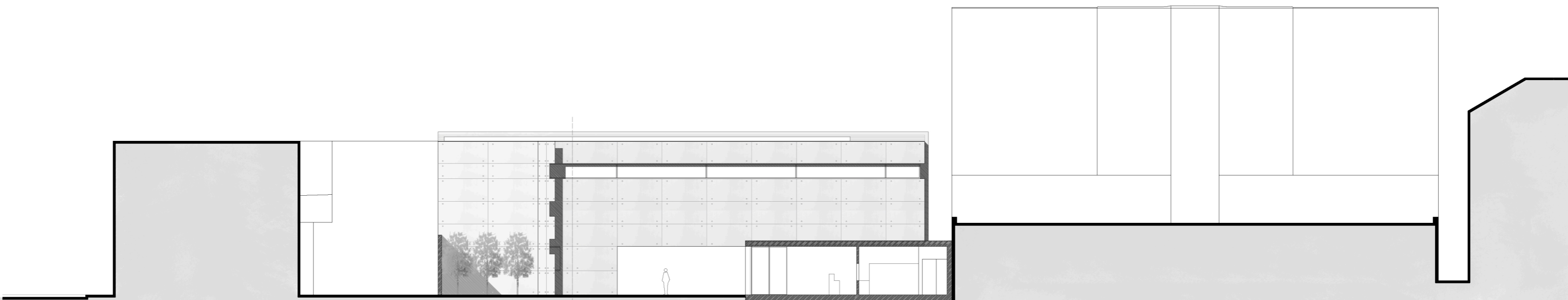
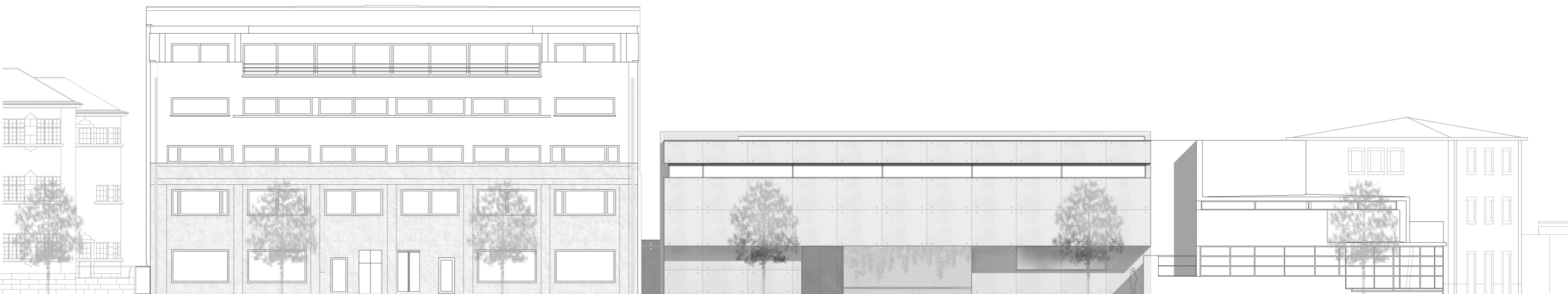
Lista de desenhos

- | Alçado Nascente - escala 1/1000
- | Planta de implantação - escala 1/250
- | Alçado Nascente - escala 1/250
- | Alçado Poente - escala 1/250
- | Planta piso térreo - escala 1/250
- | Planta primeiro piso - escala 1/250
- | Planta segundo piso - escala 1/250
- | Corte A/A' - escala 1/250
- | Corte B/B' - escala 1/250
- | Corte C/C' - escala 1/250
- | Corte D/D' - escala 1/250
- | Corte E/E' - escala 1/250
- | Corte F/F' - escala 1/250
- | Fotografias da maquete
- | Fotomontagem do projeto. Fotografia a partir do Sul da avenida
- | Fotomontagem do projeto. Fotografia a partir do Norte da avenida

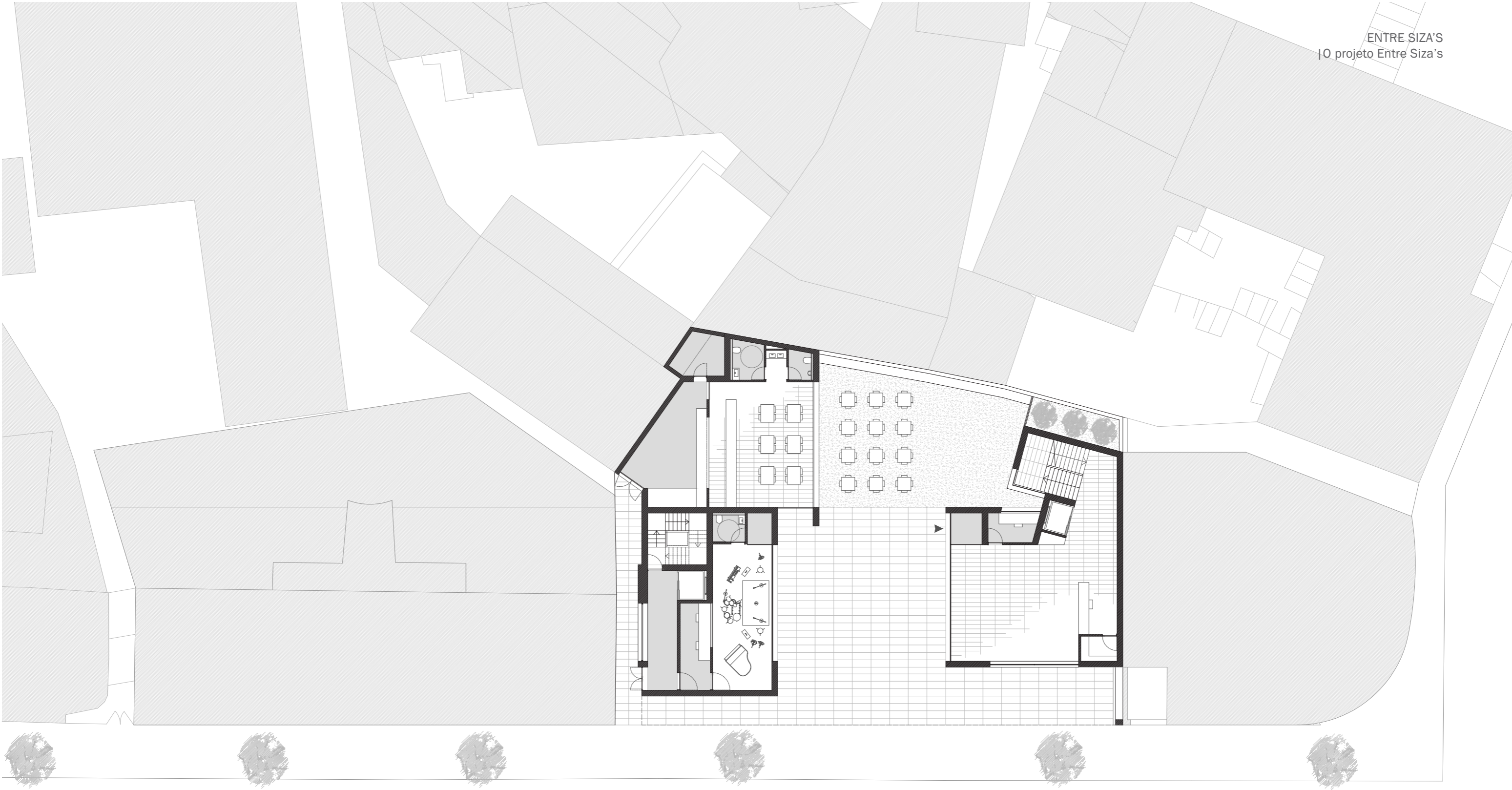


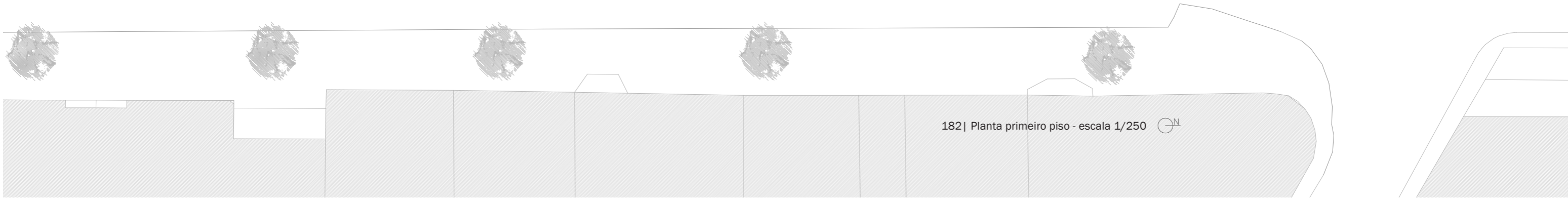
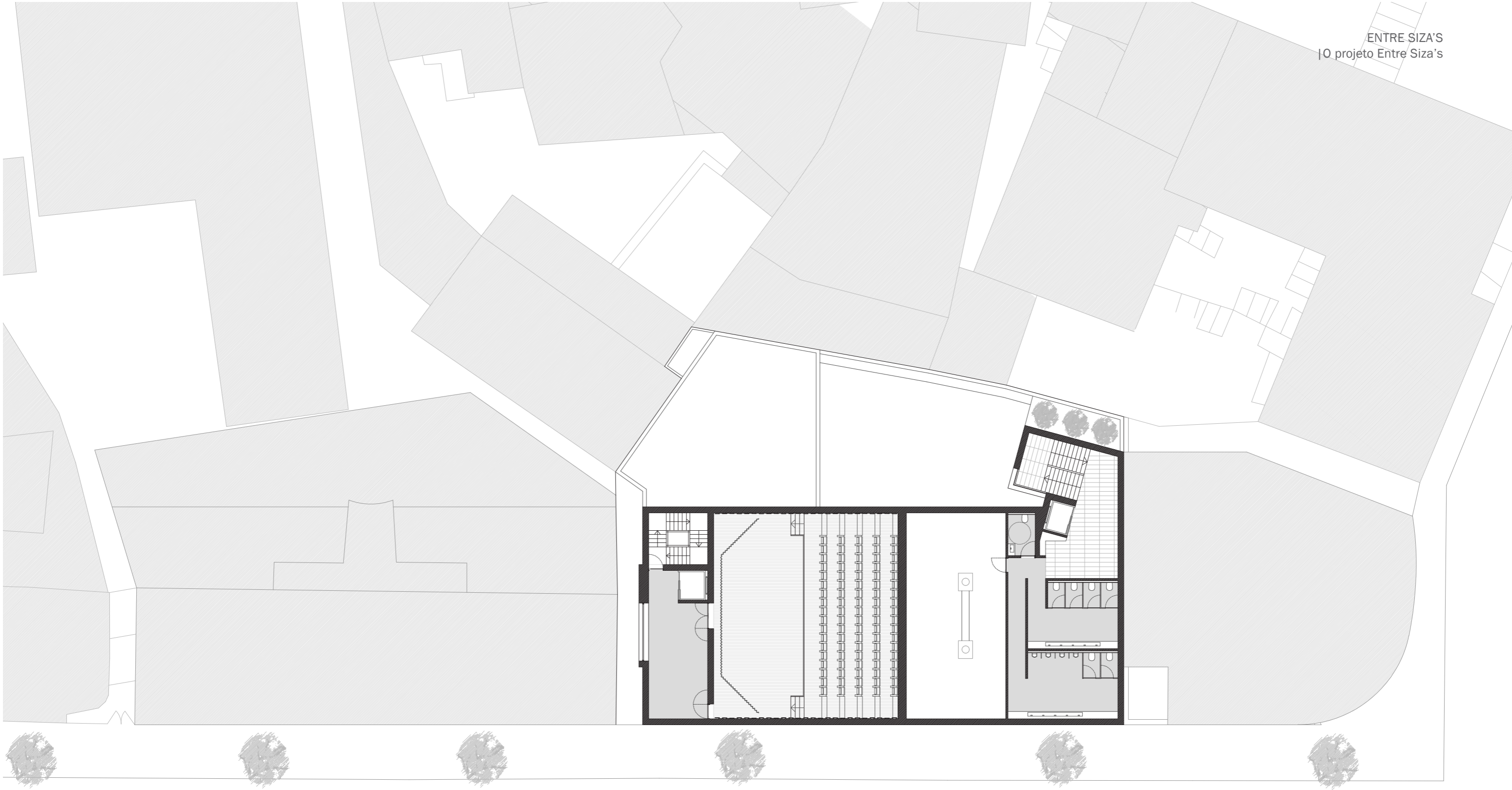


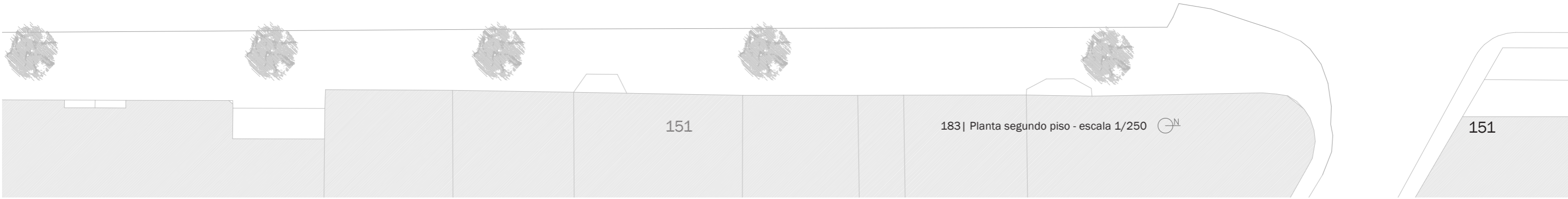
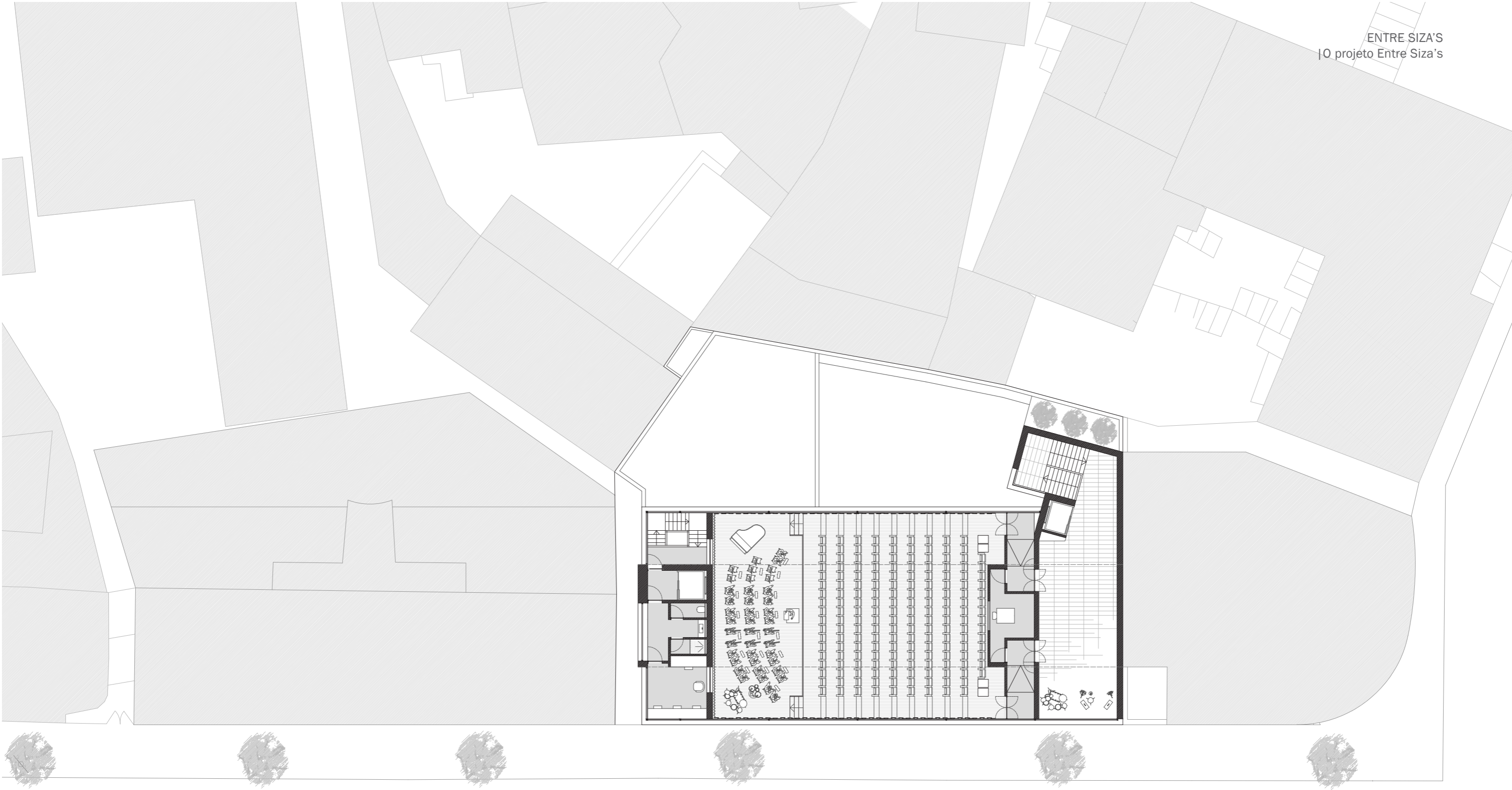




179 | Alçado Nascente - escala 1/250
180 | Alçado Poente - escala 1/250



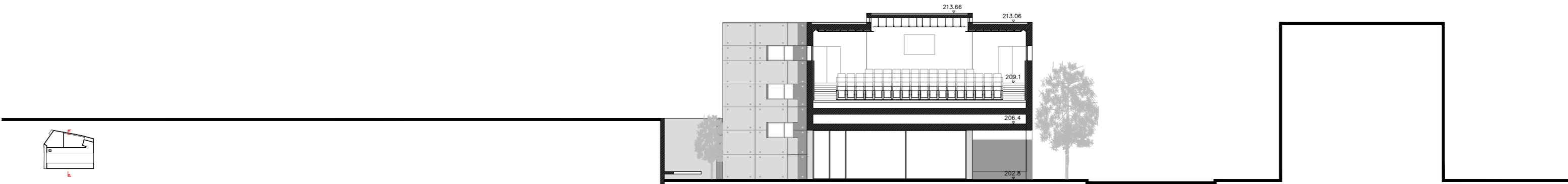
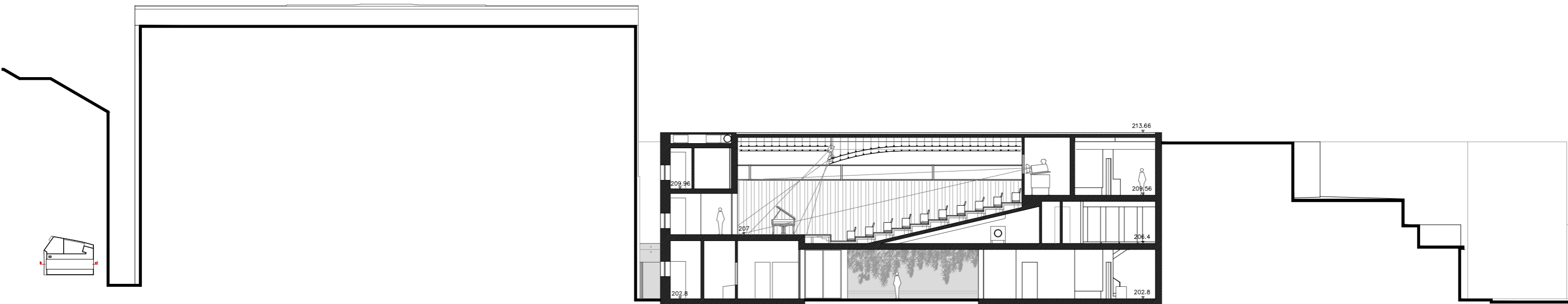
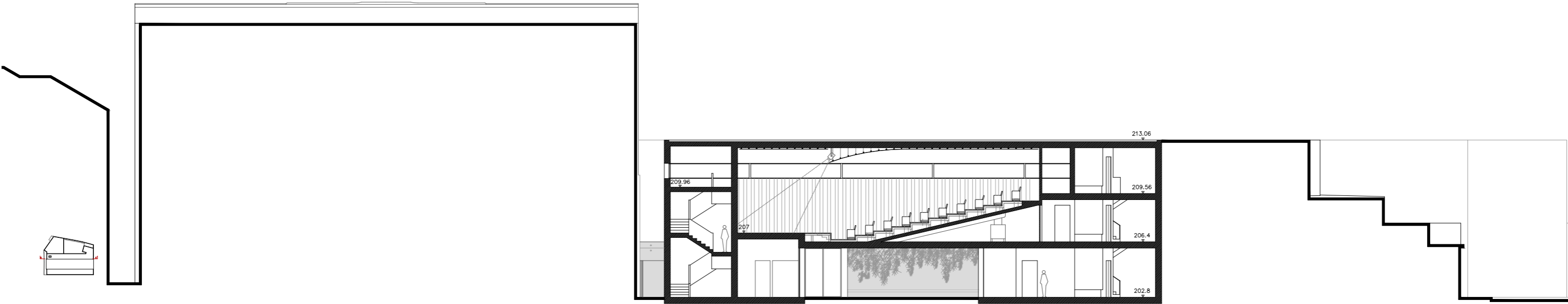




151

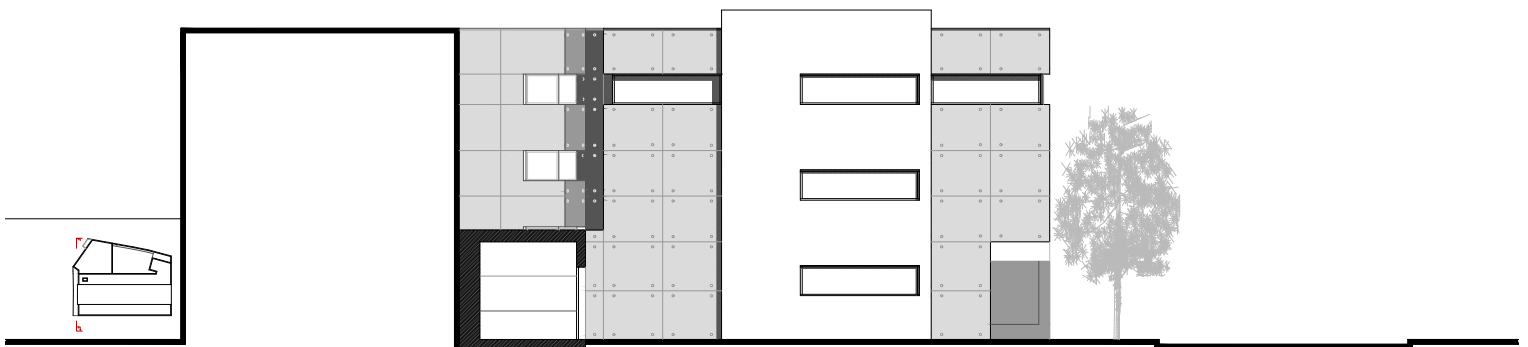
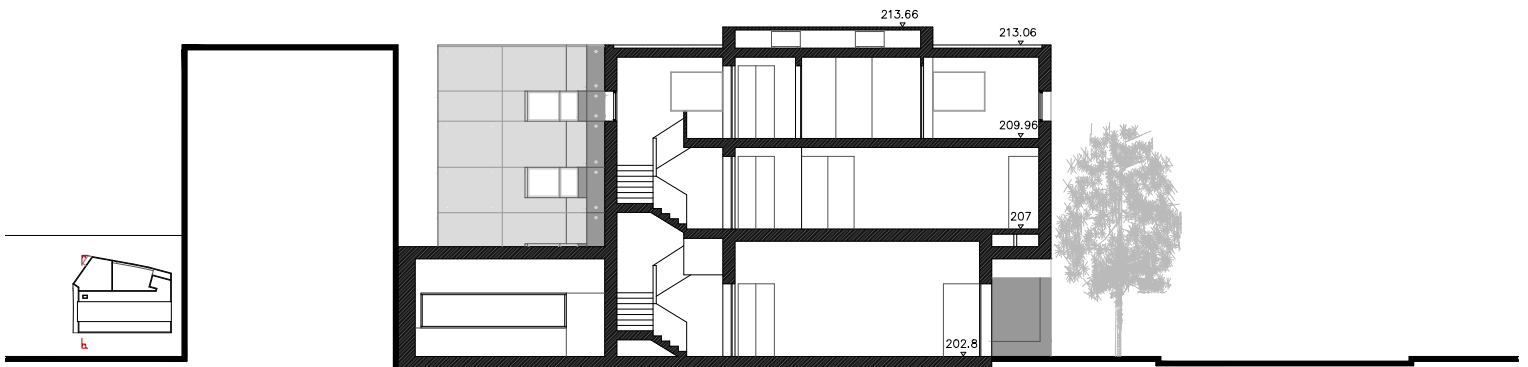
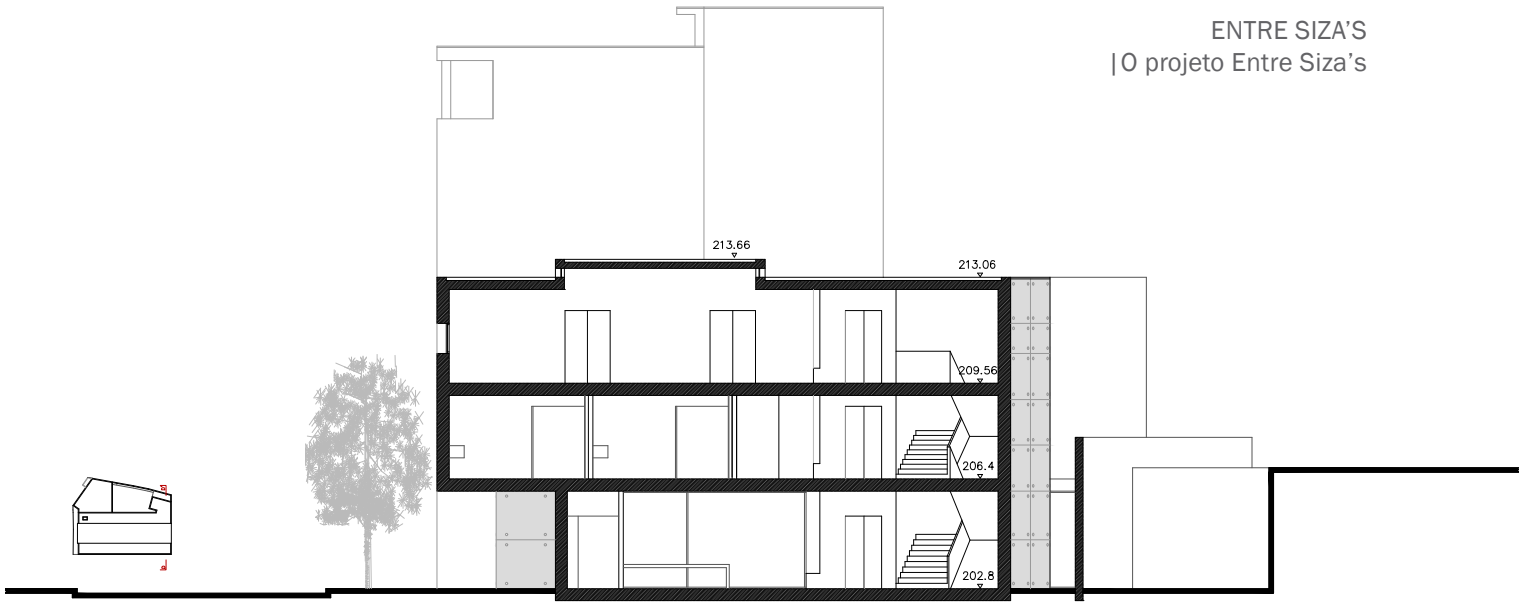
183 | Planta segundo piso - escala 1/250

151

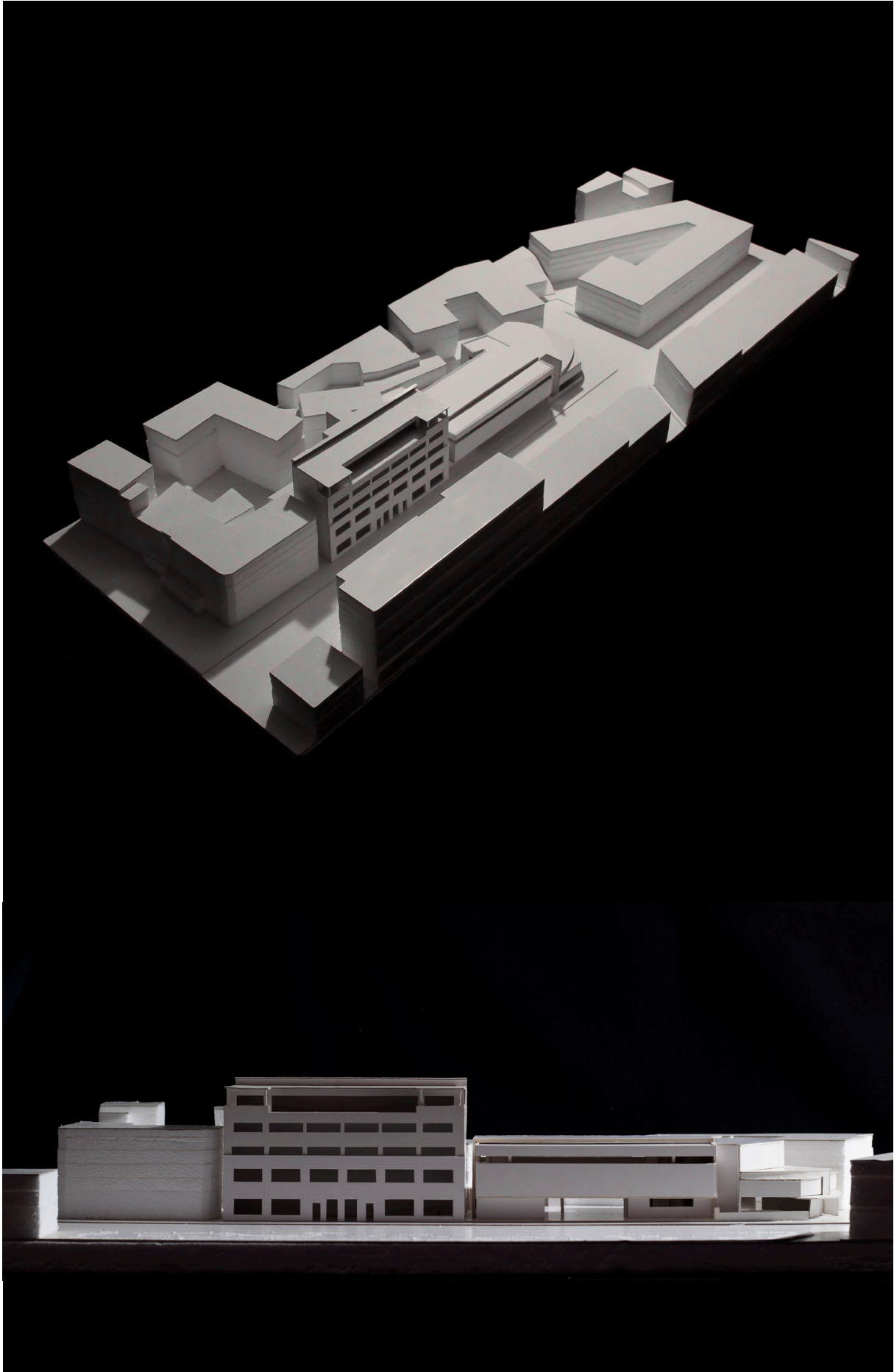


184 | Corte A/A' - escala 1/250
 185 | Corte B/B' - escala 1/250
 186 | Corte C/C' - escala 1/250

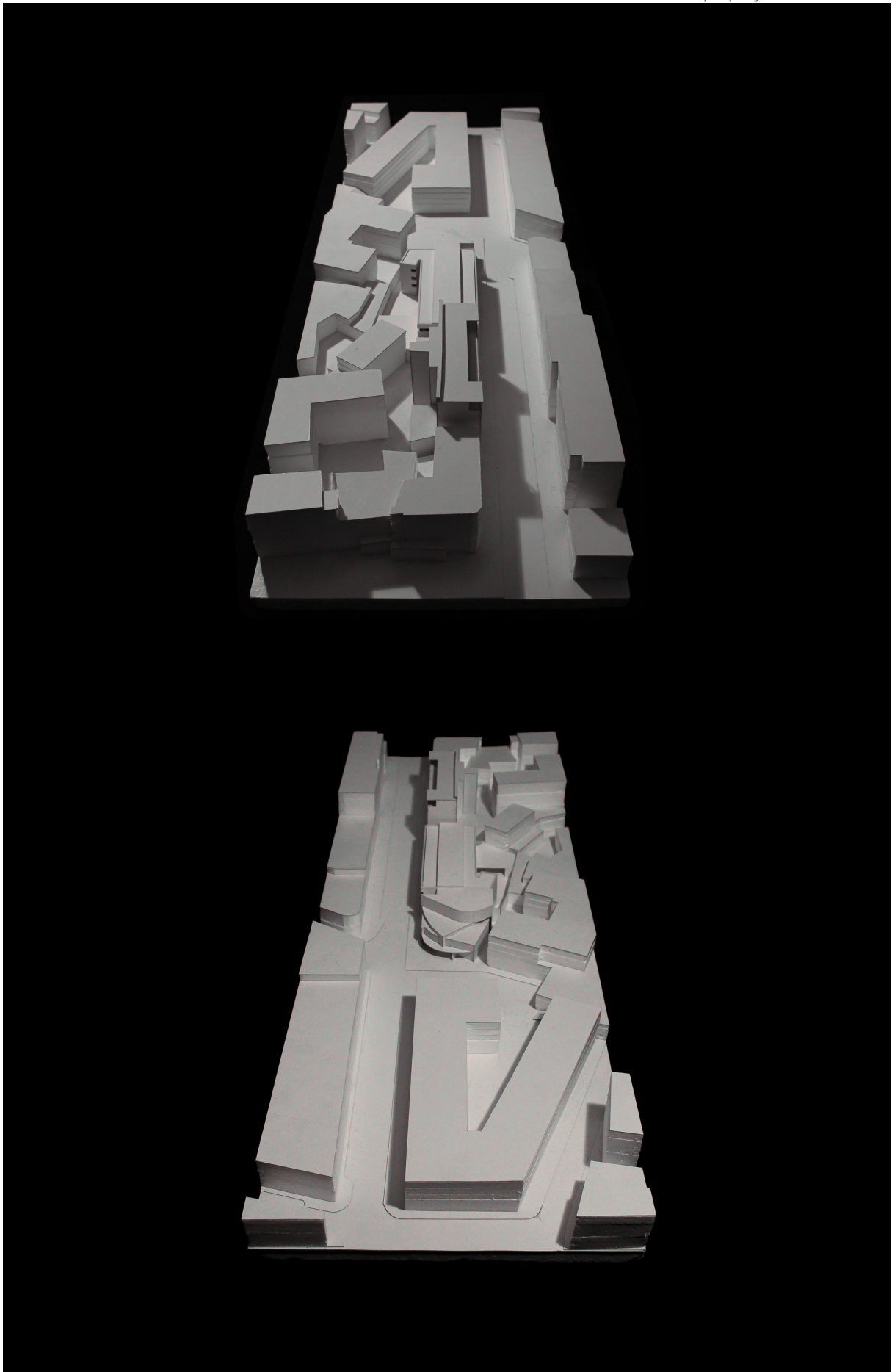
ENTRE SIZA'S
| O projeto Entre Siza's

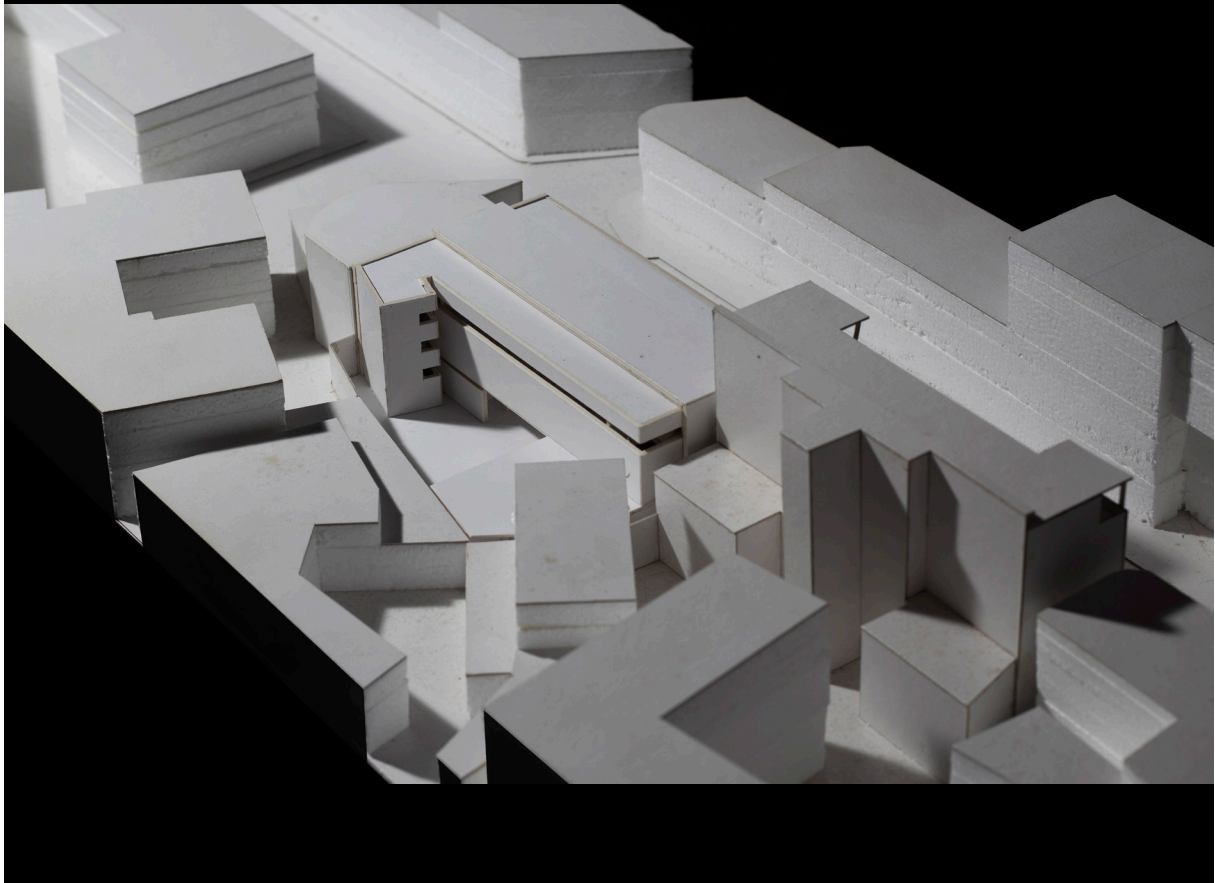
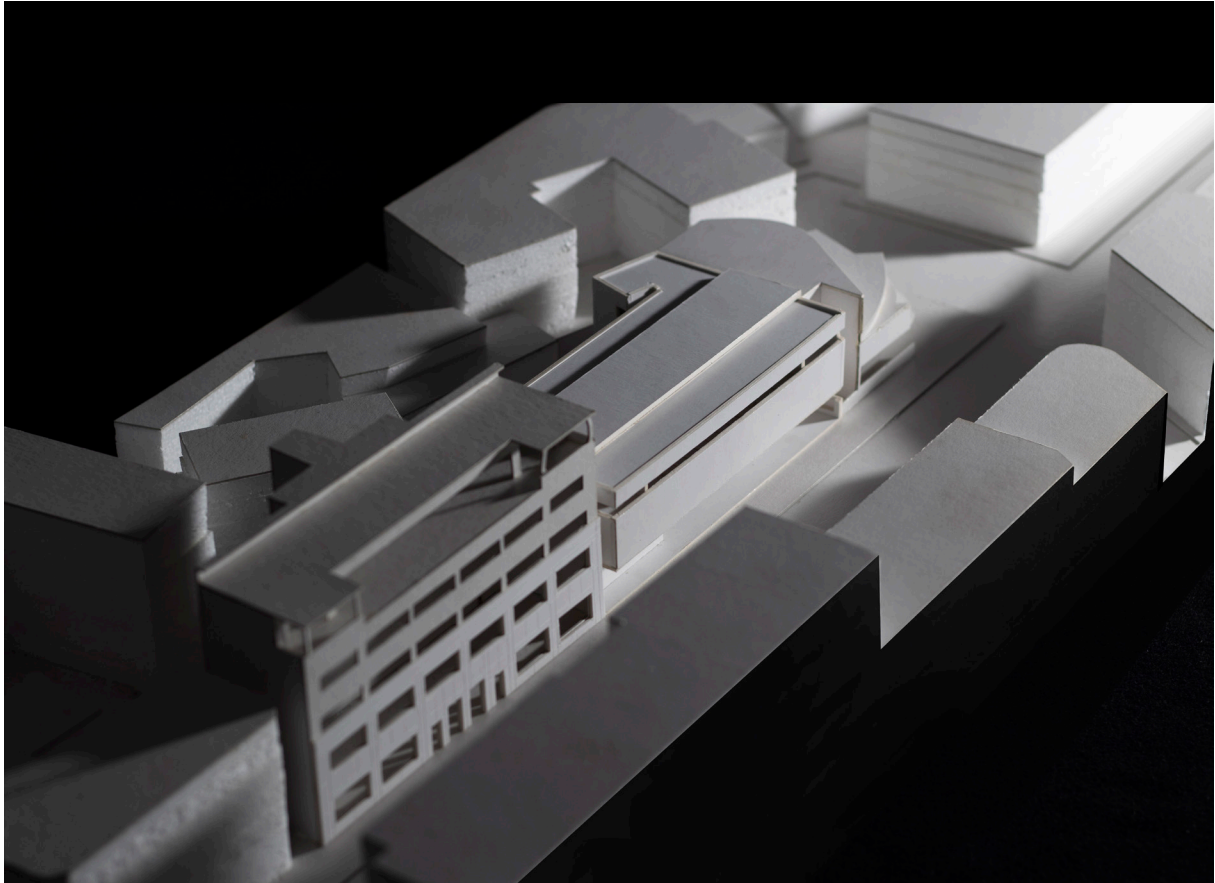


187 | Corte D/D' - escala 1/250
188 | Corte E/E' - escala 1/250
189 | Corte F/F' - escala 1/250

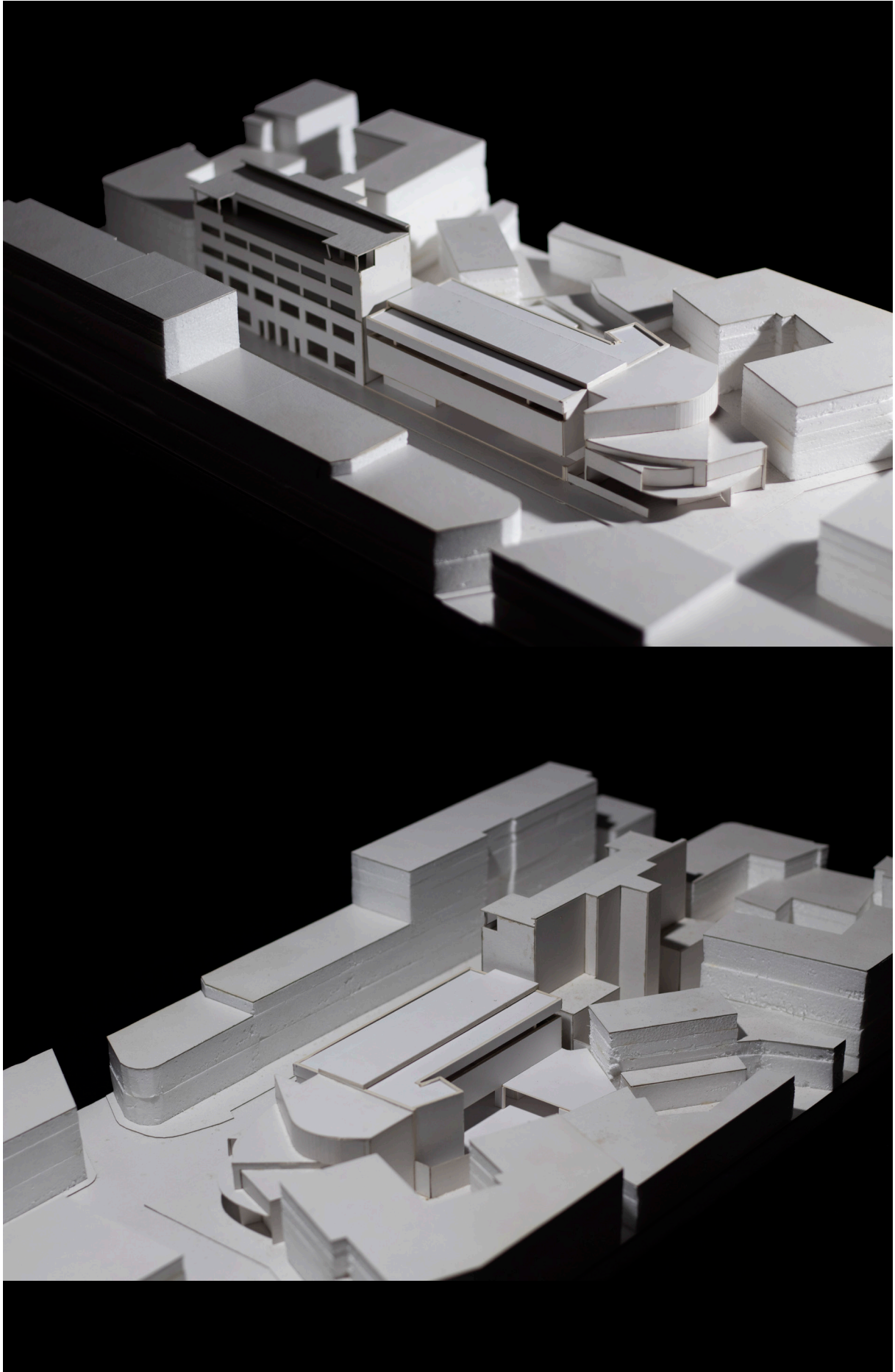


190 e 191 | Maquete do projeto. JC, 2020



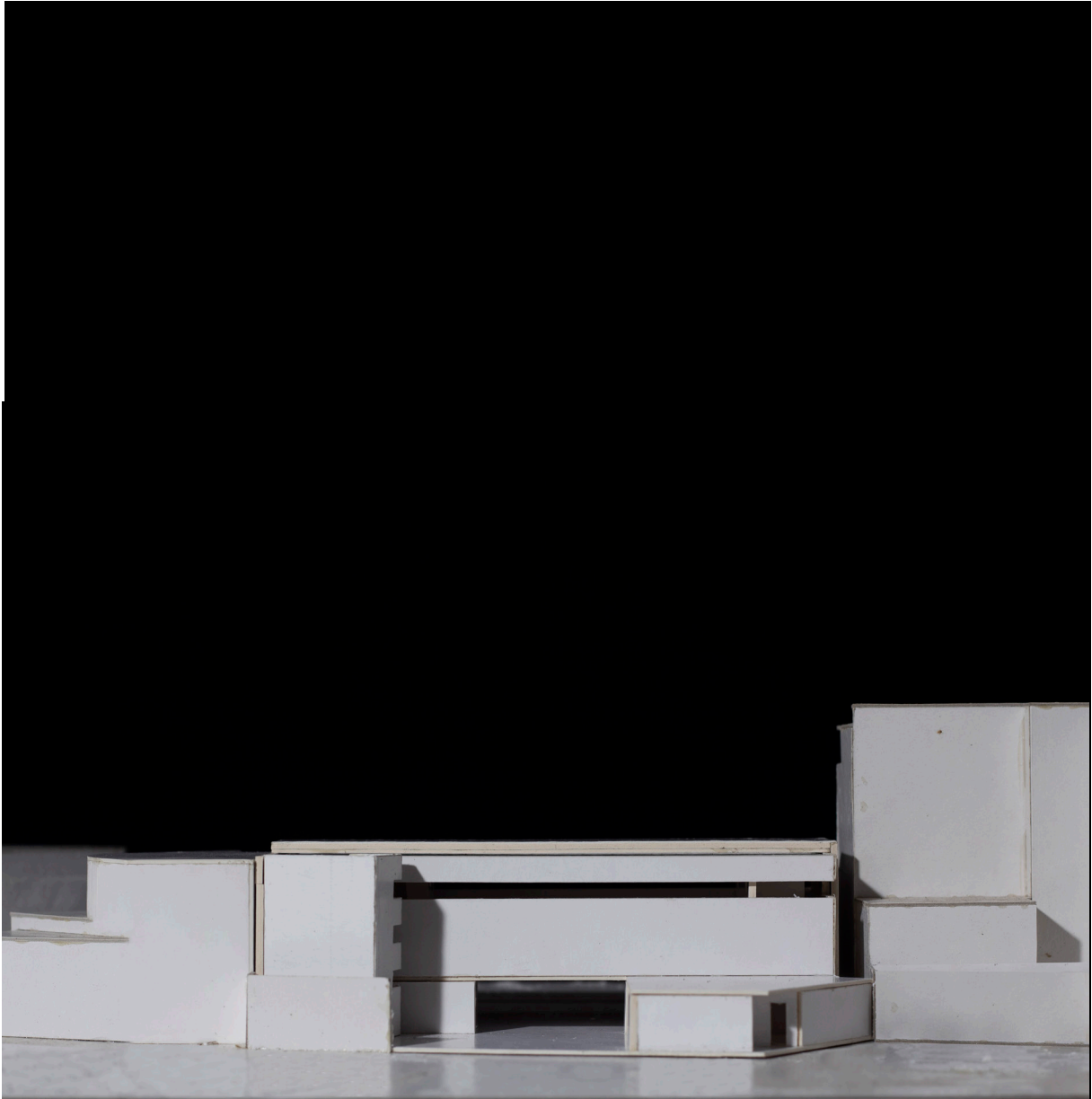


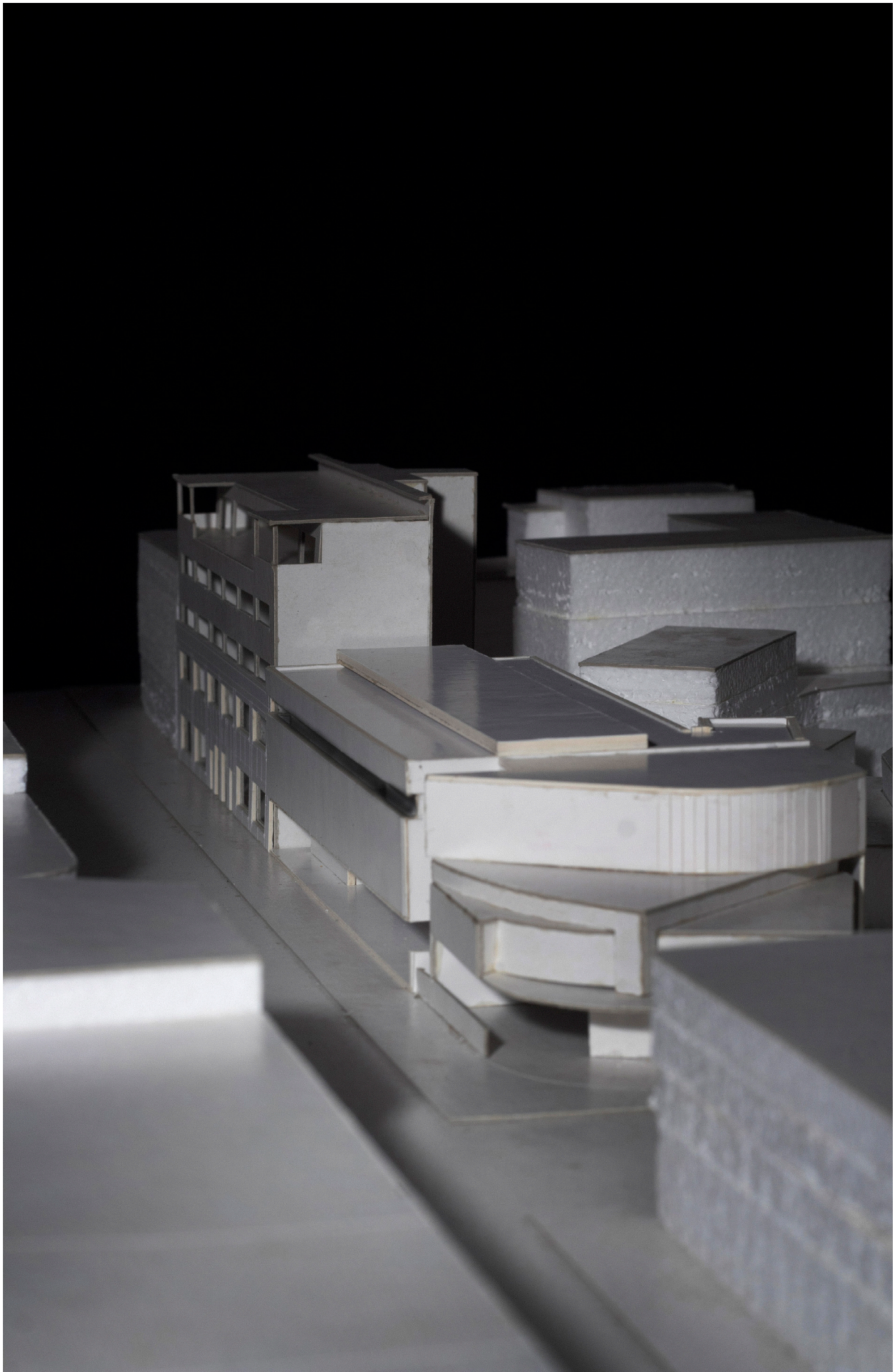
194 e 195 | Maquete do projeto. JC, 2020



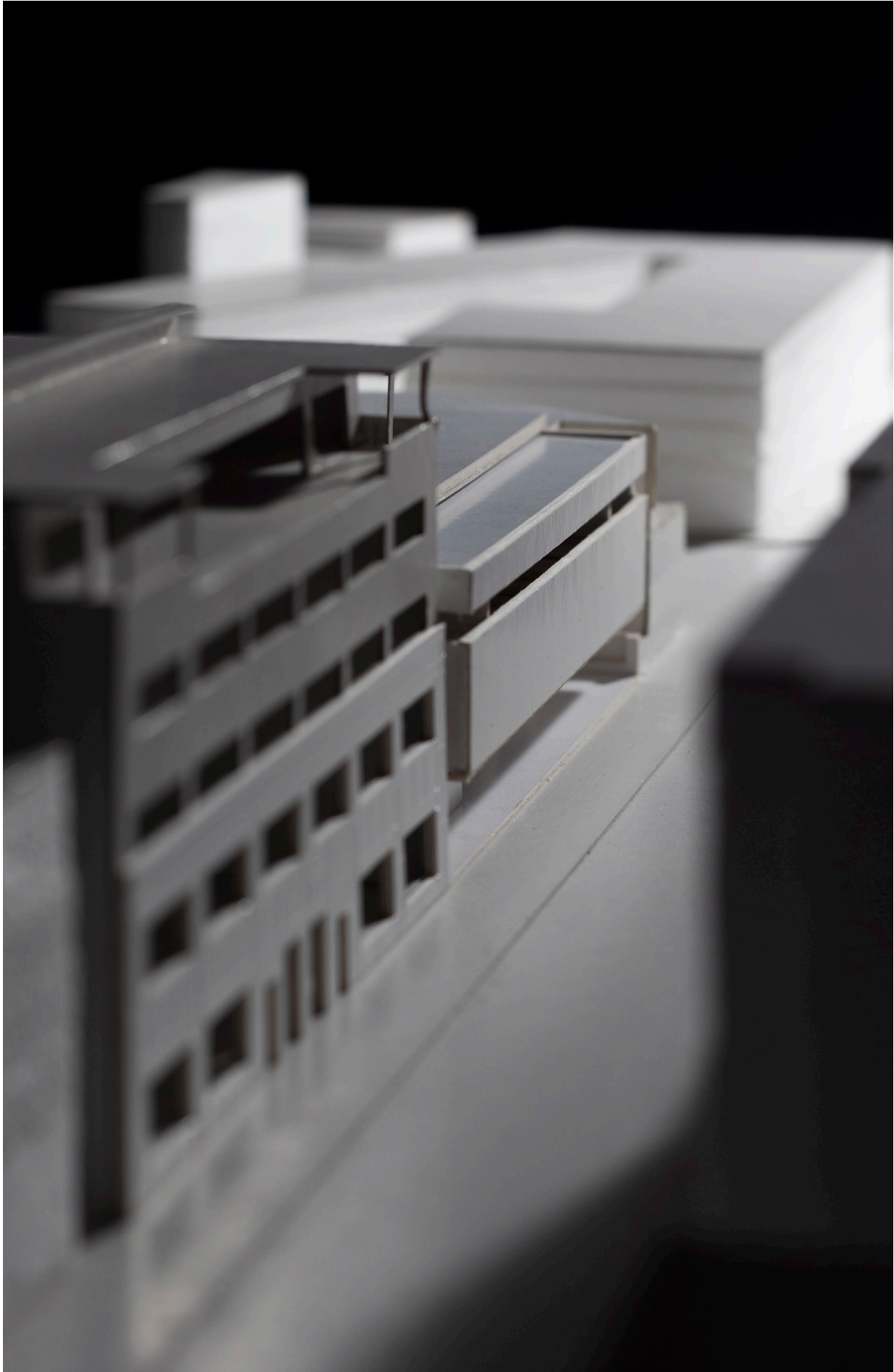


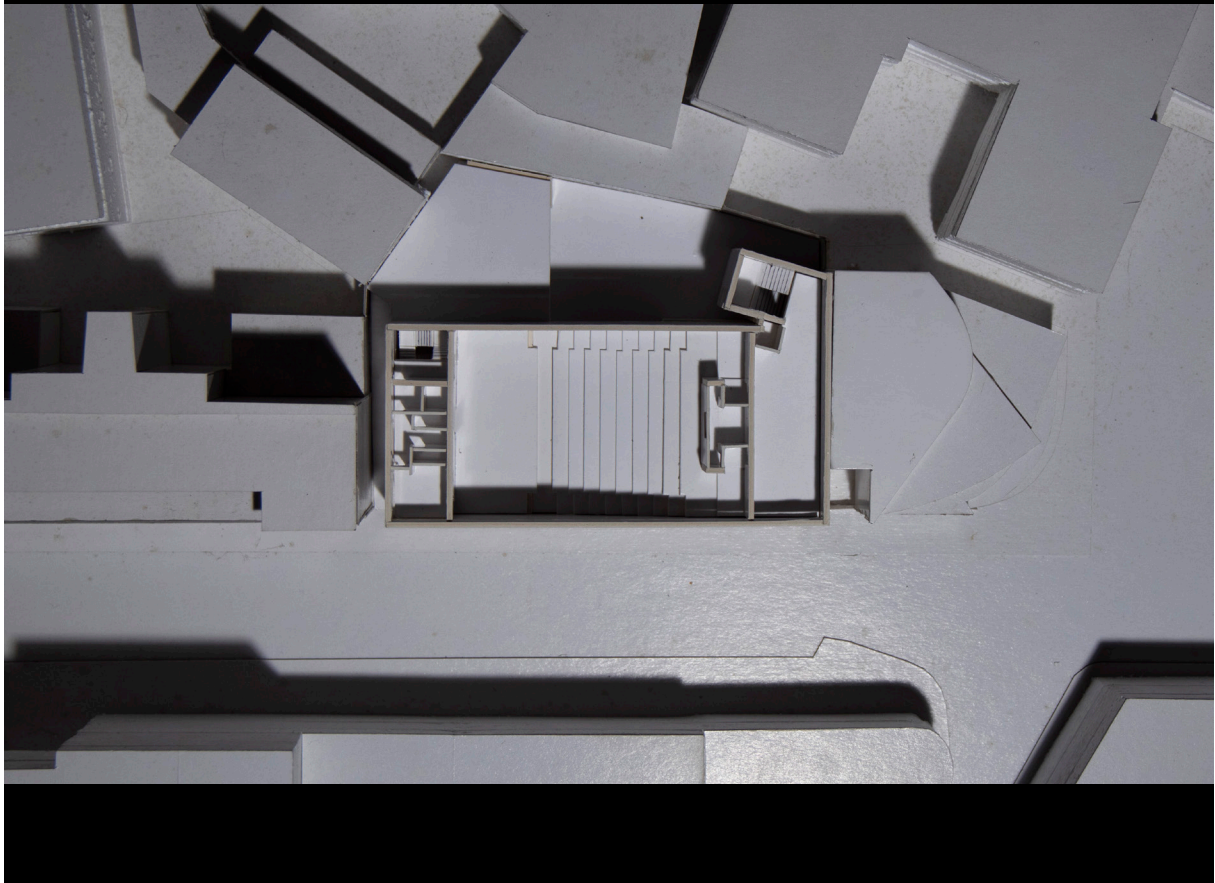
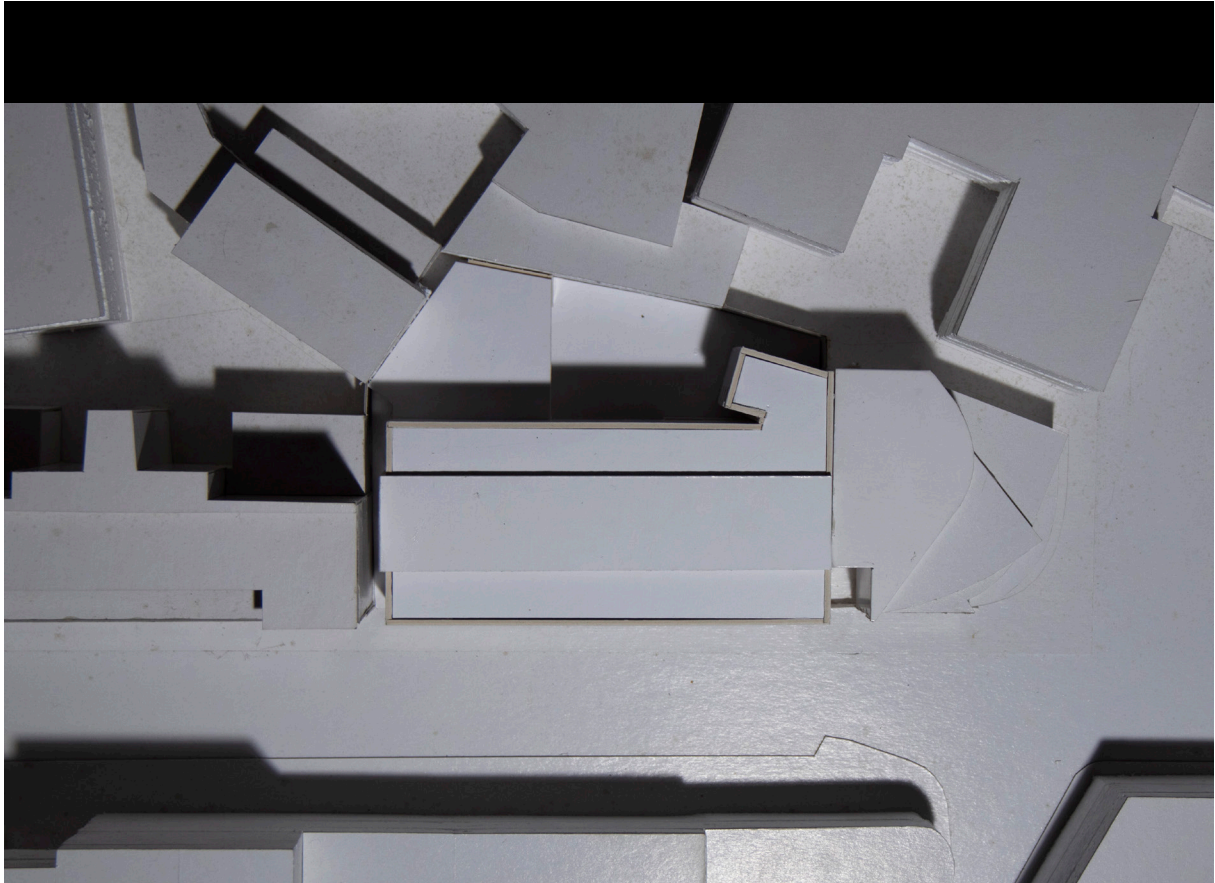
198 | Maquete do projeto - alçado Nascente. JC, 2020





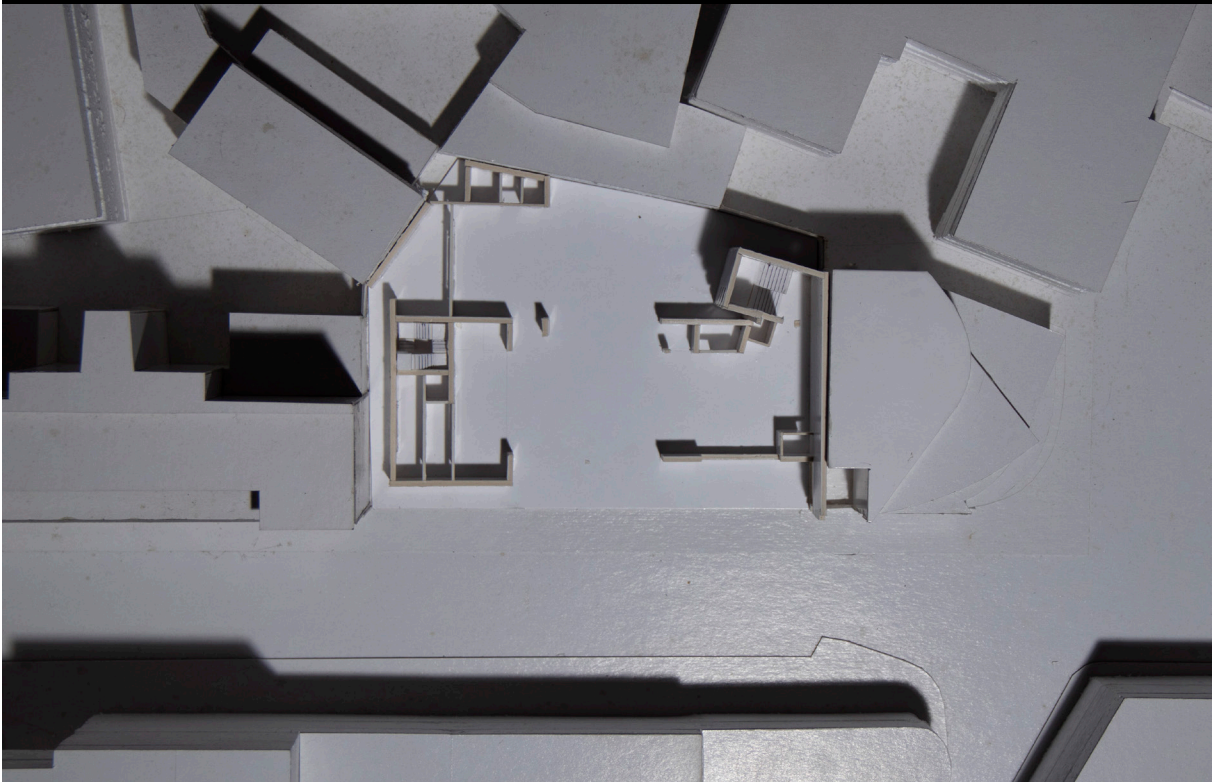
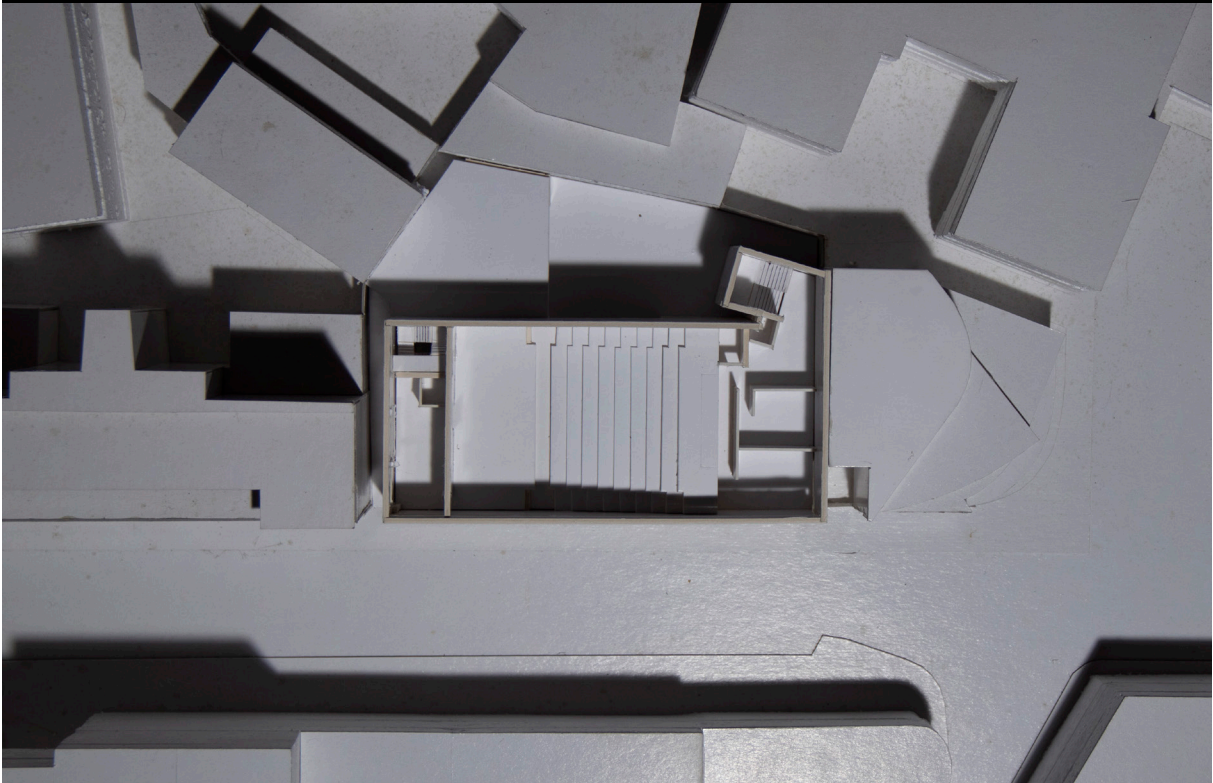
200 | Maquete do projeto. JC, 2020



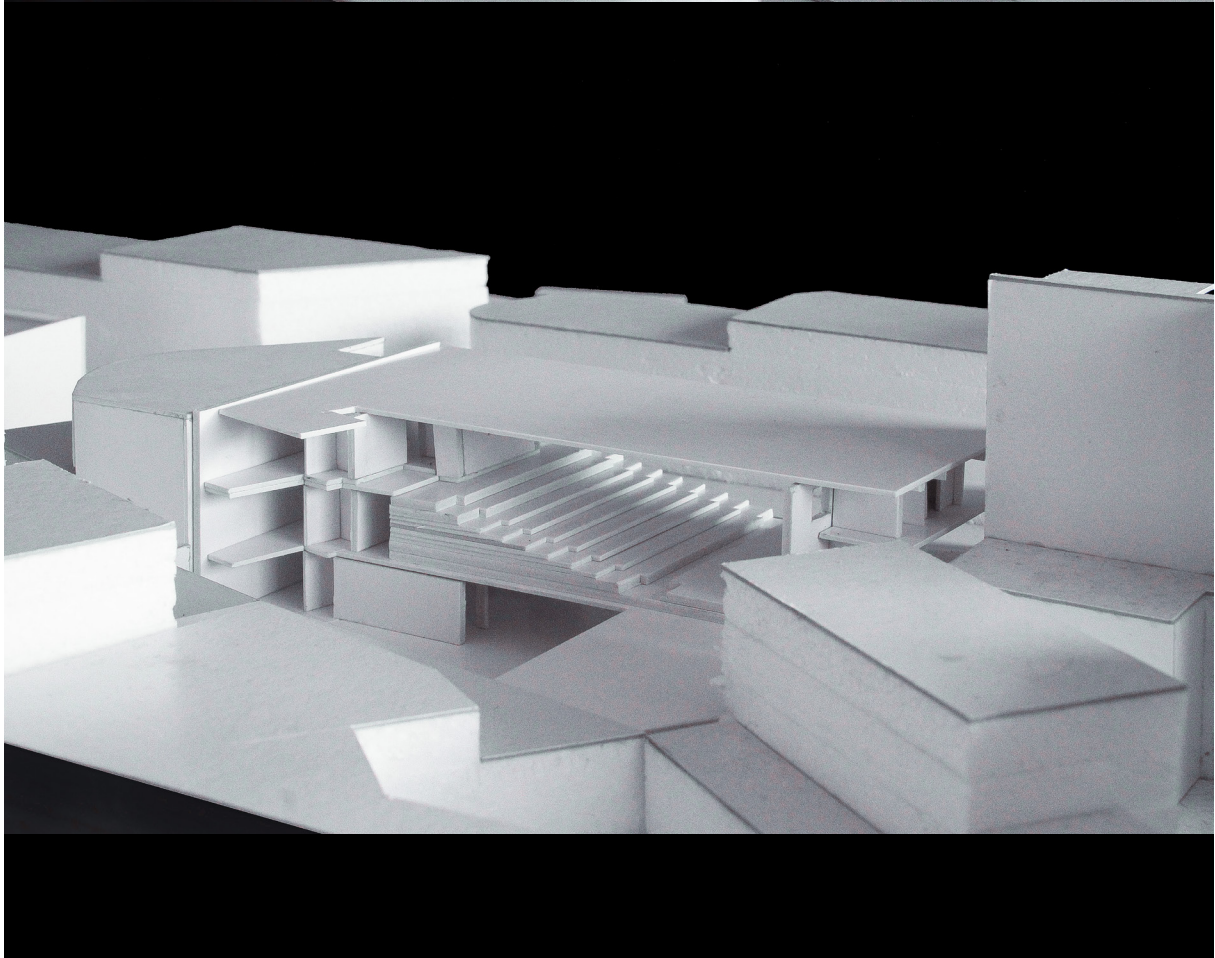
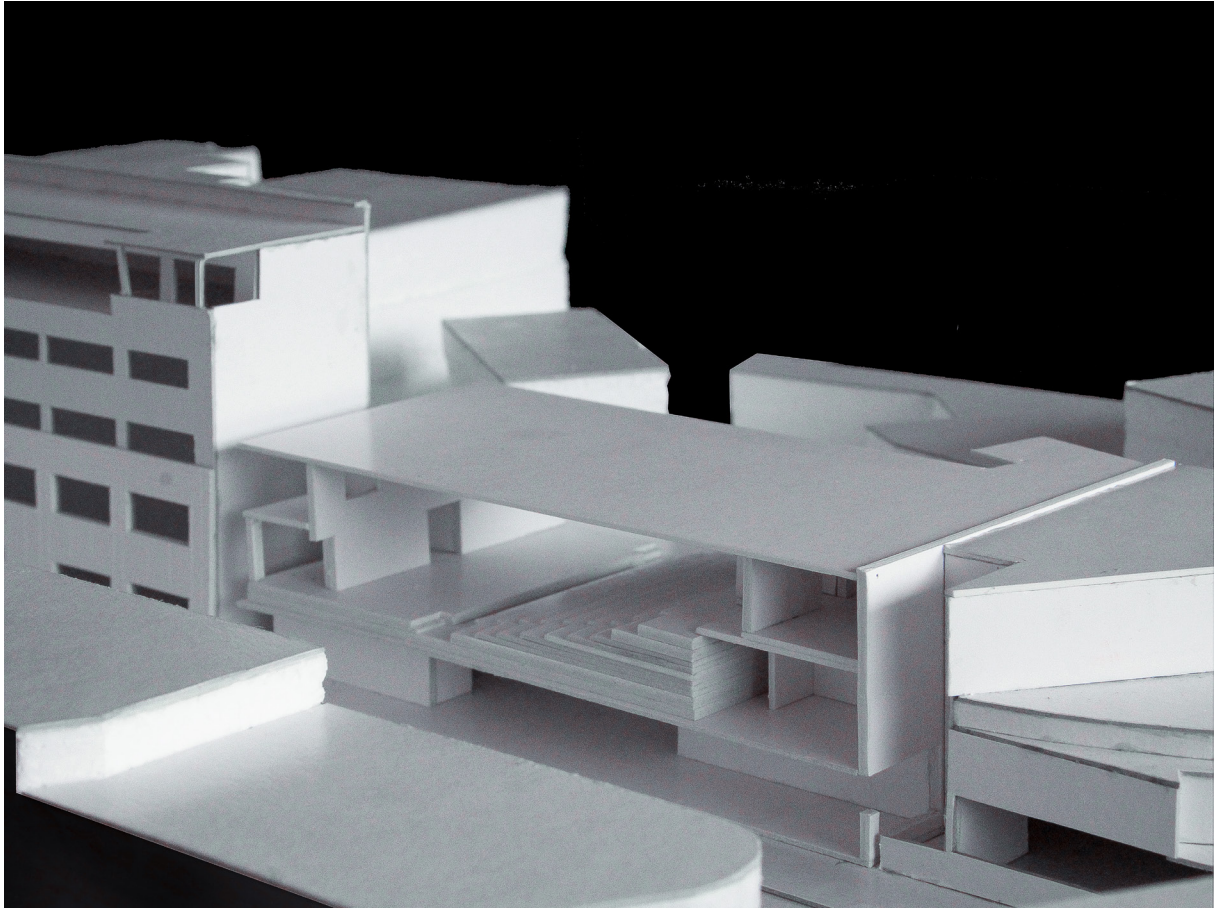


202 | Maquete do projeto - vista sobre a cobertura. JC, 2020

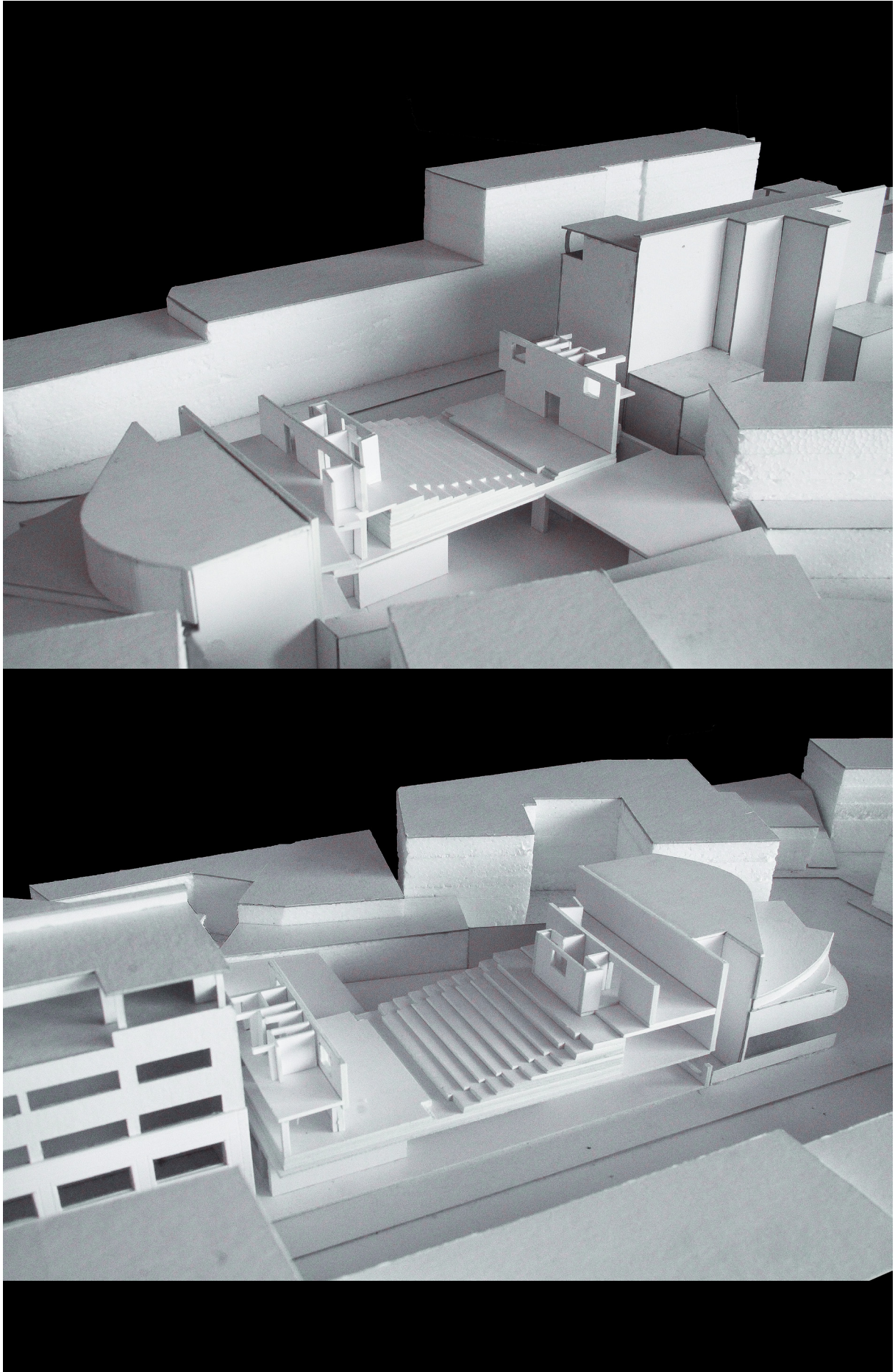
203 | Maquete do projeto - vista sobre o segundo piso. JC, 2020



204 | Maquete do projeto - vista sobre o primeiro piso. JC, 2020
205 | Maquete do projeto - vista sobre o piso térreo. JC, 2020



206 e 207 | Maquete do projeto - fotografia sem alçados. JC, 2020



208 e 209 | Maquete do projeto - fotografia sem alçados e cobertura. JC, 2020





O grande 'rasgo' horizontal e a elevação do volume do auditório destacam-se quando se olha o edifício. A ligação com a envolvente mostra-se como um princípio indispensável à conceção formal do projeto, que se moldou pelos alinhamentos existentes, mas também por uma idealização espacial programática que pretende ultrapassar uma ortodoxia funcional.

Ao elevar-se o edifício, pretende-se gerar maior área exterior e uma abertura do terreno para a avenida, de modo a que exista uma narrativa sensorial entre o que se passa na cidade e o que se passa naquele lugar. Também se pretende a perceção do edifício como um todo, e não como um conjunto de espaços que apenas servem a sala de espetáculos. Para isso, os diferentes espaços foram projetados de forma a serem capazes de moldar o seu propósito funcional, sendo possível a realização de performances artísticas em vários pontos do edifício.

O piso térreo é constituído por cinco espaços/momentos diferentes. O espaço exterior coberto estende-se desde a frente de rua até ao centro do terreno, permitindo a circulação, distribuição e permanência das pessoas. É o espaço entre espaços, um foyer exterior. A partir dele, tem-se acesso ao átrio, aos espaços dos artistas, à cafetaria e ao jardim. O átrio, situado a norte, tem uma forma geometricamente regular e antecede os acessos verticais. Os envidraçados permitem a entrada controlada de luz natural e a relação visual com o exterior, sendo que, do lado Sul, o vão possui caixilharia de correr, de forma a permitir o prolongamento do átrio para o exterior. Do lado oposto, situa-se o acesso aos camarins e o estúdio de gravação e ensaios. Este estúdio foi pensado de forma a que se pudesse transformar em palco exterior, possuindo um vão cujas portadas podem ser abertas, criando um espaço aberto que se prolonga para o espaço exterior coberto. Também a cafetaria é acessível pelo exterior, possuindo acessos próprios que permitem o funcionamento independente do resto do programa. É composta por cozinha, zona de ventilação, casas de banho, sala interior e um grande vão envidraçado para o jardim, no qual se dispõe o

espaço de esplanada. Ao longo do jardim, a Poente, é desenhado um banco que se prolonga até ao volume da caixa de escadas. Este volume cria relação com o jardim, configurando-se como uma parede de fundo, capaz de se assumir como background performativo ou para projeção de filmes e animações, passando o jardim a funcionar como plateia.

Pretende-se que a caixa de escadas se apresente como um elemento escultórico no exterior, prolongando-se para lá do volume do auditório e procurando alinhamentos diferentes dos do volume principal. Procurou-se uma clara separação e demarcação entre os espaços de estar e o espaço de acessos, localizando-se estes últimos num volume 'separado', com um vestíbulo que os une. Um gesto semelhante ao que encontramos no edifício de escritórios Ferreira de Castro, onde o volume dos acessos se configura como elemento excecional.

A partir das comunicações verticais o público tem acesso aos sanitários, situados no primeiro piso, e ao foyer, situado no segundo piso, com uma área útil de 45m². O foyer, enquanto espaço que antecede o auditório, foi também pensado de forma a que se pudesse moldar o seu propósito funcional. Procurou-se um desenho regular e que as portas de acesso ao auditório se localizassem num ponto central, desimpedindo a circulação na área situada a Nascente, marcada pela presença do vão principal envidraçado do edifício, tornando-o capaz de se transformar num espaço performativo, capaz de receber tanto performances artísticas como exposições temporárias. A presença do vão cria, ainda, uma analogia com o espaço interior do auditório.

Do lado oposto do edifício, estão situados os camarins e espaços de apoio aos artistas e ao auditório. A partir de um princípio semelhante ao que se encontra no desenho dos camarins do projeto de remodelação do *Cine-Teatro*

Constantino Nery, em Matosinhos, da autoria do Atelier 15⁵⁶, desenhou-se o espaço destinado aos artistas. Dada a limitação espacial, organizou-se através de um esquema simples e funcional, com caixa de escadas, procedente de elevador, seguido de sala: no primeiro piso uma sala de apoio, que antecede o palco, onde podem ser guardados instrumentos musicais e peças de apoio às performances, sendo, também, um espaço de espera e preparação para os artistas antes de entrarem em palco; no segundo piso, nos camarins, dois vãos são abertos sobre o palco, possibilitando a sua utilização como espaços para diferentes performances. Dadas as diferenças de carácter espacial, a entrada de luz é mais controlada na sala de apoio e mais presente nos camarins.

Entre o espaço do público e o espaço dedicado aos artistas encontra-se, elevado, o auditório, organizado em anfiteatro com cerca de 300m² de área útil. Com o objetivo de ter o maior número de lugares possível, assegurando o conforto individual e atendendo às legislações da OASRN⁵⁷, compôs-se uma plateia de 180 assentos individuais. O palco tem 14 metros de comprimento e 6 metros de largura, garantindo espaço suficiente para uma orquestra como, por exemplo, a da Academia de Música de Oliveira de Azeméis. Para além disso, possui cortinas que podem assumir posições e formas diferentes, moldando as dimensões do espaço às diferentes performances. Do lado oposto ao palco encontra-se a régie, com 3 metros de profundidade, onde é feito o controlo das projeções audiovisuais. O acesso aos lugares é feito por dois corredores laterais, facilitando a mobilidade do público, e a inclinação da plateia foi pensada de forma a permitir a melhor visibilidade em qualquer ponto da plateia.

A presença da luz natural no auditório foi um aspeto que sempre nos pareceu importante. Mesmo antes de se chegar à proposta final, já se tinha

56 Alexandre Alves Costa (Porto, 1938) e Sérgio Fernandez (Porto, 1937) são uma dupla de arquitetos formados pela Escola Superior de Belas Artes do Porto reconhecida pelo empenho com que sempre se tem dedicado à atividade académica e à escrita, bem como pelo trabalho de projeto e obra de arquitetura que têm desenvolvido.

57 Ordem dos Arquitectos Secção Regional Norte

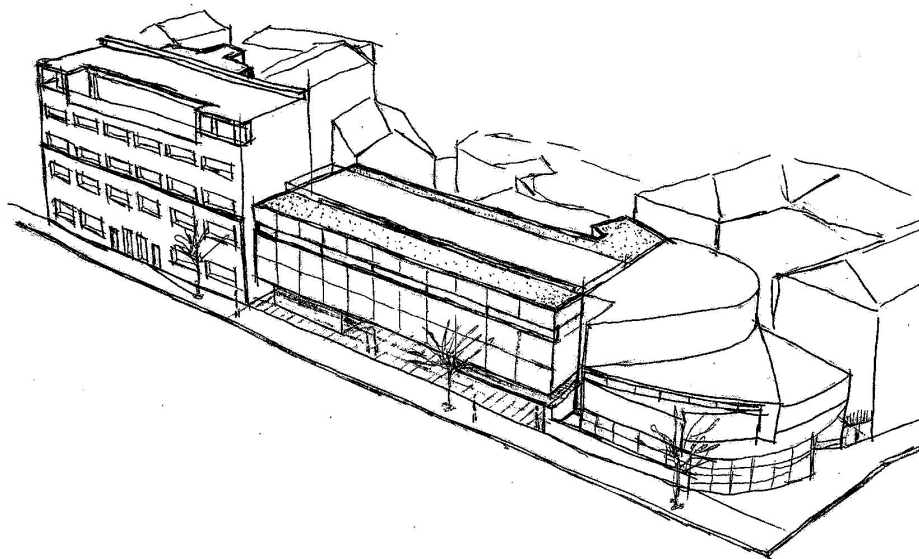
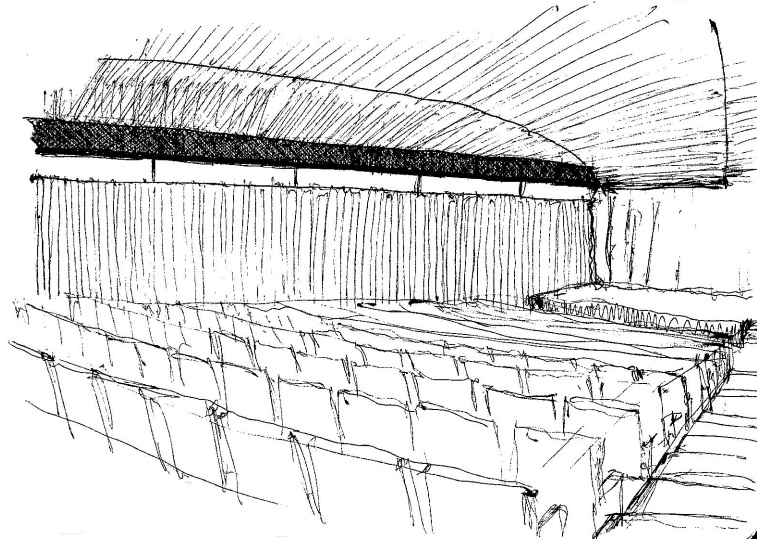
estudado o desenho de um ou mais volumes na cobertura, como forma de aumentar o pé direito e permitir rasgos de luz, também, no teto. Foi com esse intuito que se projetou um pequeno volume na cobertura, que permite a iluminação não só do auditório como também do foyer. No caso de os espetáculos serem noturnos, recorre-se à luz artificial, procurando um efeito semelhante ao da luz natural durante o dia. Os grandes vãos horizontais, que percorrem as paredes do auditório, configuram um sentido de continuidade no espaço e criam uma ligação com o exterior, tornando a espacialidade, a nosso ver, mais interessante. Ao longo dos vãos é disposta luz artificial, fazendo com que o grande rasgo horizontal gere um impacto diferente durante a noite, criando um foco de luz na cidade sempre que o auditório é utilizado. Caso se pretenda a escuridão total da sala, são utilizadas cortinas que interrompem a entrada de luz.

Tendo em conta que o auditório é destinado, principalmente, a performances musicais, as condições acústicas do espaço devem ser adequadas, criando-se o melhor ambiente sonoro possível. Embora não se tenham aplicado cálculos relacionados com a engenharia acústica, desde início que se teve atenção à geometria do espaço e à posição relativa entre o palco e a plateia.

*As salas retangulares relativamente estreitas têm apresentado um maior sucesso nas performances musicais, principalmente porque as primeiras reflexões provenientes das paredes laterais induzem uma sensação de alargamento da fonte sonora criando a impressão subjetiva de espacialidade.*⁵⁸

Todos os espaços fechados possuem som direto, que se propaga diretamente entre a fonte e o ouvinte, e som reverberado, que é transmitido à sala e se propaga novamente ao ouvinte, estando a plateia sujeita ao campo

58 Pereira, Ricardo Nepomuceno. 'Caracterização Acústica De Salas'. Dissertação de Mestrado em Engenharia Física Tecnológica. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. p. 53.



212 | Auditório em Poitiers, França. Carrilho da Graça, 2008
213 | Esquisso do projeto - perspectiva do auditório. JC, 2020
214 | Esquisso do projeto. JC, 2020

sonoro direto e às reflexões sonoras.⁵⁹ No entanto, não se pretende que a sala seja excessivamente reverberante, pois isso poderia interferir com a qualidade das performances musicais, pelo que se conjugaram materiais cujo coeficiente de absorção sonora é elevado com materiais cujo coeficiente é reduzido, garantido o controlo do som reverberado.

Com o objetivo de criar um ambiente semelhante ao do *Auditório em Poitiers*, em França, projetado por Carrilho da Graça⁶⁰ - onde se realça a expressão da parede de madeira e o seu contraste com a parede de cor preta -, e de forma a garantir a reflexão e absorção sonora, decidiu-se usar lã de rocha ocultada entre blocos estreitos de madeira, que se estendem até ao vão horizontal. O objetivo é os materiais trabalharem em conjunto, numa lógica de absorção e reflexão sonora, em que a madeira cria um plano fragmentado, difundindo o som, entre o qual se esconde a lã de rocha, que o absorve. No teto são criados três planos curvos, desfasados, em madeira, ocultando a presença de focos de luz para o palco e direcionando a reverberação sonora para a plateia. No pavimento decidiu-se usar cortiça, com efeito visual pouco dissonante da madeira, de forma a criar homogeneidade entre o chão e a parede, não comprometendo a acústica do espaço.

Mais do que o projeto de um auditório, este é um projeto para Oliveira de Azeméis. Uma construção que procura estabelecer relação com a cidade, elevando-se para gerar espaço público. Um espaço ligado às performances, que cria espacialidades capazes de estender as possibilidades programáticas. Um edifício que se quer mostrar, mas cujo princípio formal se moldou pelo destaques dos edifícios que o envolvem. Uma arquitetura que olha o lugar. Um projeto *Entre Siza's*.

59 Pereira, Ricardo Nepomuceno. *'Caracterização Acústica De Salas'*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Física Tecnológica. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. p. 20.

60 João Luís Carrilho da Graça é arquiteto, licenciado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1977, ano em que iniciou a sua atividade profissional.

*“Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente
arbitrário.*

*Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia,
histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas
novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos,
impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma
película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em
nítidos quadradinhos.*

*Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual
se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.*

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?”

DO PRINCÍPIO SEM FIM

| Do princípio sem fim

*A procura do espaço organizado, o calculado cerco do que existe e do que é desejo, passam pelas intuições que o desenho subitamente introduz nas mais lógicas e participadas construções; alimentando-as e delas se alimentando.*⁶¹

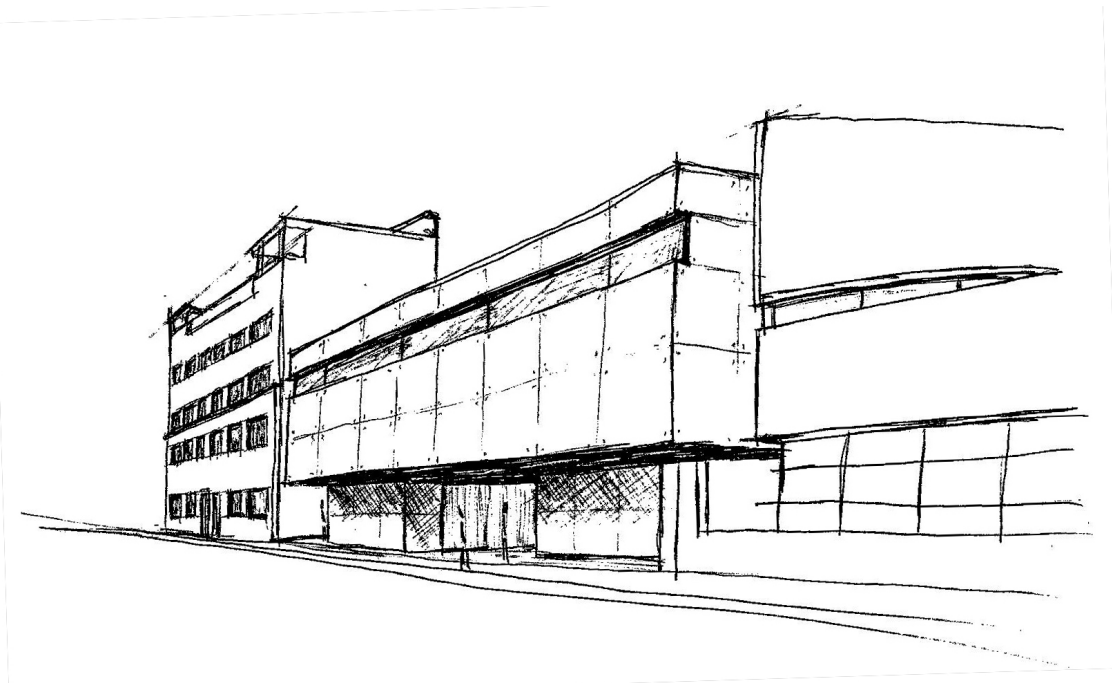
O desafio de projetar entre dois edifícios de Álvaro Siza foi o culminar do nosso percurso académico. O estudo e a compreensão da sua obra foi determinante para a sua conceção, marcada por uma angústia premeditada que se foi desvanecendo com o passar do tempo. Quanto mais se entendia o processo projetual de Siza, mais segurança se ganhava nas decisões tomadas.

Mais do que a apresentação da proposta final, o presente trabalho procura valorizar e ilustrar o percurso processual desenvolvido, marcado pela dúvida e a constante procura pelas respostas, através do desenho. Entre as inúmeras folhas soltas, folhas que aparecem e desaparecem para auxiliar a ligação entre as ideias e as tentativas de as pôr em prática, destaca-se um caderno que acompanhou todo o processo. Um caderno que possui desenhos que compreendem o início, meio e fim deste trabalho, objeto essencial para a realização deste exercício. Fundamental para o entendimento sobre este nosso percurso, anexou-se à presente dissertação a digitalização do caderno, pois *todos os gestos – também o gesto de desenhar – estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria*⁶².

O projeto para Oliveira de Azeméis é um projeto para a cidade, para as pessoas e para a cultura, sendo que o espaço traduz essa aspiração. No entanto, este é também um olhar sobre um mestre, um desafio particularmente especial pela condição em que se insere. Por isto, e dada a sua complexidade contextual, o projeto vive do seu percurso, das certezas e incertezas surgidas, dos desenhos

61 Siza, Álvaro. '01 Textos'. Porto: Civilização, 2009. p.37

62 Idem, p.37



que precedem as diversas decisões tomadas, das ansiedades de cada traço, do querer ser complemento perante as obras de Álvaro Siza e da realização pessoal de um gesto há muito desejado. Um projeto sem fim, que nos faz retornar ao (seu) princípio. A procura de respostas no lugar, a ansiedade de as encontrar e a sensação de nunca se acabar.

*Acabar. Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução, a substituir pela palavra começar.*⁶³

63 Siza, Álvaro. '01 Textos'. Porto: Civilização, 2009. p.366

BIBLIOGRAFIA

BELÉM, Margarida Cunha. *'O essencial sobre Álvaro Siza Vieira'*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

GUEDES, António César. *'Um olhar sobre o passado'*. Oliveira de Azeméis: Caima Press, 1998.

LEAL, Gracinda. *'Patrimónios de OAZ : património, museologia, arqueologia, história, antropologia'*. Oliveira de Azeméis: CMOAz, 2016.

LIMA, António Manuel. *'Memórias de OAZ'*. Oliveira de Azeméis: CMOAz, 2017.

LUCAN, Jacques. *'Composition, non-composition: Architecture and theory in the nineteenth and twentieth centuries'*. Lausanna: EPFL Press, 2012.

MONEO, Rafael. *'Inquietação Teórica e Estratégia Projetual'*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Flávio Coddou.

MONEO, Rafael. *'Remarks on 21 works'*. New York: The Monacelli Press, 2010.

Rodrigues, Jacinto. *'Álvaro Siza : obra e método'*. Porto: Civilização, 1992.

SIZA, Álvaro. *'01 Textos'*. Porto: Civilização, 2009.

SIZA, Álvaro. *'Imaginar a evidência'*. Lisboa: Edições 70, 2000.

TÁVORA, Fernando. *'Da Organização do Espaço'*. Porto: Edições FAUP, 2008.

TESTA, Peter. *'A arquitetura de Álvaro Siza'*. Porto: FAUP, 1988. Tradução de José Quintão.

TRIGUEIROS, Luiz [et al.]. *'Álvaro Siza 1954-1976'*. Lisboa: Blau, 1997.

TRIGUEIROS, Luiz [et al.]. *'Álvaro Siza 1986-1995'*. Lisboa: Blau, 1995.

ZEVI, Bruno. *'Saber Ver a Arquitectura'*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2002.

ZUMTHOR, Peter. *'Pensar a Arquitectura'*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

| Publicações periódicas

Álvaro Siza: 1958-2000: getting through turbulence; notes on invention. El Croquis nos68/69 + 95, Madrid, ed. Fernando Marquez Cecília y Richard Levene, 2000.

Catálogo da exposição 'Os Universalistas', Casa da arquitectura, Porto, 2018.

Herzog & de Meuron 1978-2007. Arquitectura Viva nos114 + 77, Madrid, ed. Luis Fernández-Galiano, 2007

| Publicações académicas

PEREIRA, Ricardo Nepomuceno. 'Caracterização Acústica De Salas'. Dissertação de Mestrado em Engenharia Física Tecnológica. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2010.

| WEB

Arch Daily - www.archdaily.com

Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis – www.arquivodigital.cm-oaz.pt

Ordem dos Arquitectos Secção Regional Norte – www.oasrn.org

Últimas reportagens - Fernando Guerra – www.ultimasreportagens.com

New Italian Blood – www.newitalianblood.com

Brandão Costa- brandaocosa.com

| OUTROS

SIZA, Álvaro. Carta ao Presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis. Porto, 04 de Fevereiro de 1991.

SIZA, Álvaro. Memória descritiva do projeto para o Banco Pinto & Sotto Mayor em Oliveira de Azeméis. 1971.

SIZA, Álvaro. Memória descritiva do projeto para o Edifício Ferreira de Castro em Oliveira de Azeméis. 1991.

CRÉDITOS DE IMAGENS E DESENHOS

- 1| Esquisso do projeto Entre Siza's; José Cunha, 2020
- 2| Vista aérea da Avenida Doutor António José de Almeida; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]
- 3| Vista do terreno a partir da Avenida Doutor António José de Almeida; JC, 2019
- 4| Imagem aérea de Oliveira de Azeméis com o terreno escolhido assinalado; montagem a partir de: Google Earth |40°50'07"N - 8'28'40"W | [acedido em 18 de Agosto de 2020]
- 5| Vista aérea da Avenida Doutor António José de Almeida, com marcação dos edifícios em destaque; montagem a partir de: Google Earth |40°50'19"N - 8'28'33"W | [acedido em 18 de Agosto de 2020]
- 6| Alçado da Avenida Doutor António José de Almeida - escala 1/1250; JC, 2019.
- 7| Vista aérea da avenida Doutor António José de Almeida; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]
- 8| Planta da Avenida Doutor António José de Almeida, com marcação dos edifícios em destaque; JC, 2019
- 9| Casa dos Côrte-Real; JC, 2019
- 10| Paços do Concelho; JC, 2019
- 11| Praça José da Costa, antes da construção do Mercado Municipal; disponível em: <https://arquivodigital.cm-oaz.pt/index.php/fotografias-97> [acedido em Setembro de 2019]
- 12| Praça José da Costa, depois da construção do Mercado Municipal; disponível em: <https://arquivodigital.cm-oaz.pt/index.php/fotografias-97> [acedido em Setembro de 2019]
- 13| Fotografia da inauguração da Garagem Justino; disponível em: <http://azemeis-no-passado.blogspot.com/2012/05/garagem-justino.html> [acedido em Fevereiro de 2020]
- 14| Alçados do projeto original da Garagem Justino; Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis [consultado em Julho de 2019]
- 15| Garagem Justino atualmente; disponível em: <https://www.facebook.com/GaragemJustino/photos/a.362386393832592/367942526610312> (acedido em Fevereiro de 2020)
- 16| Conjunto de edifícios que formavam o antigo Liceu; montagem a partir de: Google Earth |40°50'17"N - 8'28'36"W | [acedido em 18 de Agosto de 2020]
- 17 e 18| Fotografias do antigo Liceu de Oliveira de Azeméis, a partir da avenida; disponível em: <http://azemeis-no-passado.blogspot.com/2013/09/liceu.html> [acedido em Setembro de 2019]
- 19| Quarteirão demolido para construção do Tribunal Judicial; disponível em:

<https://arquivodigital.cm-oaz.pt/index.php/fotografias-97> [acedido em Setembro de 2019]

20| Tribunal Judicial; disponível em: <https://arquivodigital.cm-oaz.pt/index.php/fotografias> [acedido em Setembro de 2019]

21| Tribunal Judicial; JC, 2019

22| Praceta D. Maria II, vista a partir da avenida; JC, 2019

23| Edifício da Caixa Geral de Depósitos, vista a partir da praceta D. Maria II; JC, 2019

24| Antigo banco Pinto & Sotto Mayor; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]

25| Academia de Música de Oliveira de Azeméis; JC, 2019

26| Edifício de Escritórios Ferreira de Castro; JC, 2019

27| Planta de implantação dos projetos de Siza - escala 1/500; JC, 2019

28| Fernando Távora apresentando o resultado do IAPP a António de Oliveira Salazar; disponível em: https://oliveirasalazar.org/download/galeria/C%C3%B3pia%20de%201%20web__0088001F-E79C-431B-BC9D-7AC3E795E853.JPG [acedido em Fevereiro de 2020]

29| Viagem à Grécia - Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Álvaro Siza (da esquerda para a direita), 1976; disponível em: <https://www.construir.pt/wp-content/uploads/2018/04/universalistas-1024x665.jpg> [acedido em Fevereiro de 2020]

30| Casa de Chá da Boa Nova; disponível em: <https://revoadafotografia.com/Alvaro-Siza-Vieira> [acedido em Fevereiro de 2020]

31| Piscinas das Marés; disponível em: <https://revoadafotografia.com/Alvaro-Siza-Vieira> [acedido em Fevereiro de 2020]

32| Casa Manuel Magalhães; disponível em: www.nfs-advogados.com [acedido em Fevereiro de 2020]

33| Centro Cultural Wolfsburg, Alvar Aalto; disponível em: <https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/wolfsburg-cultural-centre/> [acedido em Fevereiro 2020]

34| Esquissos de Álvaro Siza; disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/serralves-inaugurou-a-primeira-exposicao-a-partir-do-arquivo-de-siza-vieira> [acedido em Fevereiro 2020]

35| Edifício do antigo banco Pinto & Sotto Mayor; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]

36| Edifício do antigo banco Pinto & Sotto Mayor. Vista aérea onde se percebe a influência da envolvente na geometria do edifício; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]

37| Edifício do antigo banco Pinto & Sotto Mayor; disponível em: <https://>

ultimasreportagens.com/siza.php [acedido em Março de 2020]

38| Esquissos do banco, por Álvaro Siza; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

39| Edifício da Faculdade de História de Cambridge; disponível em: <https://lebbeuswoods.wordpress.com/2010/11/17/stirlings-choice/> [acedido em Março de 2020]

40 a 44| O projeto do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, Álvaro Siza; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

45, 46 e 47| Plantas originais do edifício do banco; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

48| Fotografia do edifício desde a avenida Doutor António José de Almeida; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

49| Fotografia do interior do edifício; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

50, 51 e 52| Fotografias do interior do edifício; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

53| Fotografias do exterior do edifício da Garagem Justino; disponível em: <https://www.facebook.com/GaragemJustino/photos/a.362386393832592/367942526610312> (acedido em Fevereiro de 2020)

54| Fotografias do exterior do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor; disponível em: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/447183/alvaro-siza-fonds/469692/architectural-projects/483818/banco-pinto-sotto-mayor-pinto-sotto-mayor-bank-oliveira-de-azemeis-portugal-1971-1974> [acedido em Março de 2020]

55 e 56| Fotografias da caixilharia do edifício da Garagem Justino e do banco; JC, 2019

57| Bairro da Bouça; disponível em: <https://imagens0.publico.pt/imagens.aspx/865720?tp=UH&db=IMAGENS> [acedido em Abril de 2020]

58| Bonjour Tristesse; JC, 2018

59| Biblioteca Universitária de Aveiro; JC, 2019

60| Fotografia do antigo Liceu a partir da Avenida Doutor António José de Almeida; disponível em: <http://azemeis-no-passado.blogspot.com/2013/09/liceu.html> [acedido em Setembro de 2019]

61| Planta de implantação do antigo Liceu Ferreira de Castro JC, 2019

62| Fotografia do antigo Liceu a partir do espaço exterior polidesportivo, no segundo piso; disponível em: <http://azemeis-no-passado.blogspot.com/2013/09/liceu.html> [acedido em Setembro de 2019]

63 a 71| Plantas, cortes e alçados - Edifício do antigo Liceu; Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis [consultado em Julho de 2019]

72| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, a Sul da avenida; JC, 2019

73| Volume dos acessos verticais, pelo exterior; JC, 2019

74| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, vista aérea; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]

75 a 80| Plantas de pisos - Edifício de Escritórios Ferreira de Castro; Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis [consultado em Julho de 2019]

81| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, acessos; JC, 2019

82, 83, 84, 85| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista; JC, 2019

86| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, alçado Nascente; cedido pelo arquiteto Elisiário Miranda a 14 de Fevereiro de 2020

87| Edifício 'Goldman & Salatsch', alçados Poente e Sul; disponível em: <https://www.archweb.com/en/architectures/drawing/looshaus/> [acedido em Setembro de 2020]

88| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, fotografia da maquete; Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis [consultado em Julho de 2019]

89| Edifício 'Goldman & Salatsch' na Michaelerplatz, Adolf Loos, Viena de Áustria; JC, 2018

90, 91, 92, 93| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista do interior; JC, 2019

94, 95, 96, 97, 98| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, pontos de vista; JC, 2019

99 e 100| Edifício de escritórios Ferreira de Castro, a Norte e a Sul da avenida, respetivamente; JC, 2019

101| Fotografia aérea do terreno; disponível em: <https://ultimasreportagens.com/siza.php> [acedido em Março de 2020]

102| Academia de Música de Oliveira de Azeméis; JC, 2019

103| Auditório do Cine-Teatro Caracas; disponível em: <https://caracas.cm-oaz.pt/?op=artigo&mn=464&id=1461> [acedido em Maio de 2020]

- 104 | Azeméis Seasons Sounds; JC, 2019
- 105 | Centro Cultural de Ílhavo. Vista a partir da rua Dr. Celestino Gomes; disponível em: <https://www.cm-ilhavo.pt/pages/898> [acedido em Abril de 2020]
- 106 | Auditório do Centro Cultural de Ílhavo; disponível em: <https://www.cm-ilhavo.pt/p/casadaculturailhavo> [acedido em Abril de 2020]
- 107 | Planta de implantação do Centro Cultural de Ílhavo; disponível em: <https://afasiaarchzine.com/2011/04/ilidio-ramos/> [acedido em Abril de 2020]
- 108 | Planta de implantação do edifício dos Paços da Cultura (mais a Norte) e da Casa da Criatividade, em São João da Madeira; JC, 2019
- 109 | Auditório da Casa da Criatividade, São João da Madeira; disponível em: <https://www.noticiasdeaveiro.pt/aniversario-da-casa-da-criatividade-assinalado-com-concerto-especial-dos-prana/> [acedido em Abril de 2020]
- 110 | Auditório do Paços da Cultura, São João da Madeira; disponível em: <https://turismoindustrial.cm-sjm.pt/pacos-da-cultura> [acedido em Abril de 2020]
- 111 e 112 | Primeiros esquissos do projeto; JC, 2019
- 113 | Esquissos e desenhos do projeto; JC, 2019
- 114, 115 e 116 | Maquetes de estudo do projeto; JC, 2020
- 117, 118 e 119 | Maquetes de estudo do projeto; JC, 2020
- 120 | Esquissos e desenhos do projeto; JC, 2020
- 121 | Esquissos e desenhos do projeto; JC, 2020
- 122 | Esquema - Amarelo: zona dos artistas; Vermelho: auditório; Azul: zona do público; JC, 2020
- 123 | Plantas de estudo do projeto; JC, 2020
- 124, 125 e 126 | Maquete de estudo do projeto; JC, 2020
- 127 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal; JC, 2016
- 128 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal; disponível em: <https://www.kursaal.eus/es/kursaal/edificio/> [acedido em Maio de 2020]
- 129 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal; JC, 2016
- 130 | Auditório e Palácio de Congressos Kursaal; disponível em: <https://www.kursaal.eus/es/kursaal/edificio/> [acedido em Maio de 2020]
- 131 a 135 | Extensão da Câmara Municipal de Múrcia; disponível em: <https://divisare.com/projects/318244-rafael-moneo-chen-hao-murcia-town-hall-1991-98> [acedido em Maio de 2020]
- 136 | Edifício do antigo banco Pinto & Sotto Mayor; disponível em: <https://>

ultimasreportagens.com/siza.php [acedido em Março de 2020]

137 | Edifício de Escritórios Ferreira de Castro; JC, 2019

138 | Alçado Entre Siza's; JC, 2019

139 | Esquissos do projeto; JC, 2020

140 | Fotomontagem de estudo do projeto (fotografia a Sul da avenida); JC, 2020

141 | Alçado de estudo do projeto; JC, 2020

142 | Auditório do Centro Cultural Les Quinconces; disponível em: https://www.archdaily.com/529781/les-quinconces-cultural-center-babin-renaud?ad_medium=gallery [acedido em Maio de 2020]

143 | Esquema usado para a abertura de vãos; JC, 2020

144 | Esquissos do projeto; JC, 2020

145 | Fotomontagem de estudo do projeto; JC, 2020

146 e 147 | Maquete de estudo do projeto; JC, 2020

148 e 149 | Maquete de estudo do projeto com simulação noturna; JC, 2020

150 e 151 | Edifício de Armazenamento Ricola; disponível em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/ricola-storage-building/> [acedido em Julho de 2020]

152 e 153 | Alçado e Fotomontagem Projeto; JC, 2020

154 | Galeria Goetz; disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-40824/sammlung-goetz-munich-herzog-e-de-meuron/40824_40827 [acedido em Julho de 2020]

155 | Galeria Goetz; disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/bc/7a/f8/bc7af8ca0169043f0943f296fb0d13be.jpg> [acedido em Julho de 2020]

156 e 157 | Alçado e Fotomontagem Projeto; JC, 2020

158 | Museu de Arte de São Paulo; disponível em: https://f.i.uol.com.br/fotografia/2018/11/02/15412004235bdcda2734f33_1541200423_5x2_lg.jpg [acedido em Julho de 2020]

159 e 160 | Alçado e Fotomontagem Projeto; JC, 2020

161 | Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa; disponível em: <http://www.newitalianblood.com/progetti/images/4270.jpg> [acedido em Julho de 2020]

162 e 163 | Alçado e Fotomontagem Projeto; JC, 2020

164 | Edifício Viriato; disponível em: <https://divisare.com/projects/73853-nuno-brandao-costa-armenio-teixeira-edificio-viriato> [acedido em Julho de 2020]

165 e 166 | Alçado e Fotomontagem Projeto; JC, 2020

167 | Centro Cultural El Musical; JC, 2017

168| Centro Cultural El Musical; disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/767647/centro-cultural-el-musical-eduardo-de-miguel-arbones> [acedido em Julho de 2020]

169 e 170| Fotomontagens de estudo do projeto (fotografias a Sul e a Norte da avenida); JC, 2020

171| Esquissos do projeto; JC, 2020

172 e 173| Biblioteca Municipal de Viana do Castelo; JC, 2020

174| Perspetiva entre a biblioteca e o edifício de serviços, projetado por Fernando Távora; JC, 2020

175| Esquissos do projeto; JC, 2020

176| Esquizzo do projeto; JC, 2020

177| Alçado Nascente - escala 1/1000; JC, 2020

178| Planta de implantação - escala 1/250; JC, 2020

179| Alçado Nascente - escala 1/250; JC, 2020

180| Alçado Poente - escala 1/250; JC, 2020

181| Planta piso térreo - escala 1/250; JC, 2020

182| Planta primeiro piso - escala 1/250; JC, 2020

183| Planta segundo piso - escala 1/250; JC, 2020

184| Corte A/A' - escala 1/250; JC, 2020

185| Corte B/B' - escala 1/250; JC, 2020

186| Corte C/C' - escala 1/250; JC, 2020

187| Corte D/D' - escala 1/250; JC, 2020

188| Corte E/E' - escala 1/250; JC, 2020

189| Corte F/F' - escala 1/250; JC, 2020

190 a 209| Maquete do projeto; JC, 2020

210 e 211| Fotomontagens do projeto; JC, 2020

212| Auditório em Poitiers, França; disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-49125/teatro-e-auditorio-em-poitiers-carrilho-da-graca-arquitectos> [acedido em Agosto de 2020]

213| Esquizzo do projeto - perspetiva do auditório; JC, 2020

214| Esquizzo do projeto; JC, 2020

215| Esquizzo do projeto Entre Siza's; JC, 2020

MESTRADO
ARQUITETURA

Entre Siza's Um projeto para Oliveira de Azeméis

VOLUME II

José Miguel Pereira Soares da Cunha

M
2020

José Miguel Pereira Soares da Cunha: Entre Siza's
Um projeto para Oliveira de Azeméis



M. FAUP 2020

Entre Siza's
Um projeto para Oliveira de Azeméis
José Miguel Pereira Soares da Cunha



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto e orientada pelas
Professoras Doutoras Filipa de Castro Guerreiro e Ana Sousa Brandão Alves Costa

ENTRE SIZA'S
Um projeto para Oliveira de Azeméis
Apêndice(s) e Anexos

José Miguel Pereira Soares da Cunha
Porto 2019/2020

APÊNDICE(s) E ANEXOS

SUMÁRIO

Nota Introdutória, 4

Apêndice 1| Caderno de desenhos, 6

Apêndice 2| Fotografias da maquete, 82

Anexo 1| Desenhos originais - Banco Pinto & Sotto Mayor, 88

Anexo 2| Documentação - Banco Pinto & Sotto Mayor, 92

Anexo 3| Memória Descritiva - Banco Pinto & Sotto Mayor, 97

Anexo 4| Desenhos originais - Edifício Ferreira de Castro, 100

Anexo 5| Documentação - Edifício Ferreira de Castro, 112

Anexo 6| Memória descritiva - Edifício Ferreira de Castro, 114

Anexo 7| Carta ao Presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis - Edifício Ferreira de Castro, 117

Anexo 8| Entrevista ao arquiteto Elisiário Miranda, 120

| Nota Introdutória

O presente volume da dissertação reúne o caderno de desenhos, fotografias de maquete, documentos anexos informativos e uma entrevista com o arquiteto Elisiário Miranda.

O caderno de desenhos apresenta-se como um complemento fundamental do trabalho realizado, sendo possível entender as fases pelas quais o projeto passou. Sendo uma ‘ferramenta’ essencial para qualquer arquiteto, o desenho foi, neste caso, o elemento mais relevante para a conceção projetual. Embora existam muitos desenhos realizados em folhas soltas, este caderno esteve sempre presente desde o início do trabalho, justificando-se assim o seu destaque e presença neste volume.

As fotografias da maquete aqui apresentadas revelam estudos feitos em relação à luz. Manipulando a luz artificial sobre a maquete, temos a perceção do jogo de luz e sombra presente no edifício em diferentes fases do dia. Para além disso, temos também o estudo do efeito que o edifício tem sobre a cidade durante a noite, passando a luz artificial do interior a contaminar o exterior.

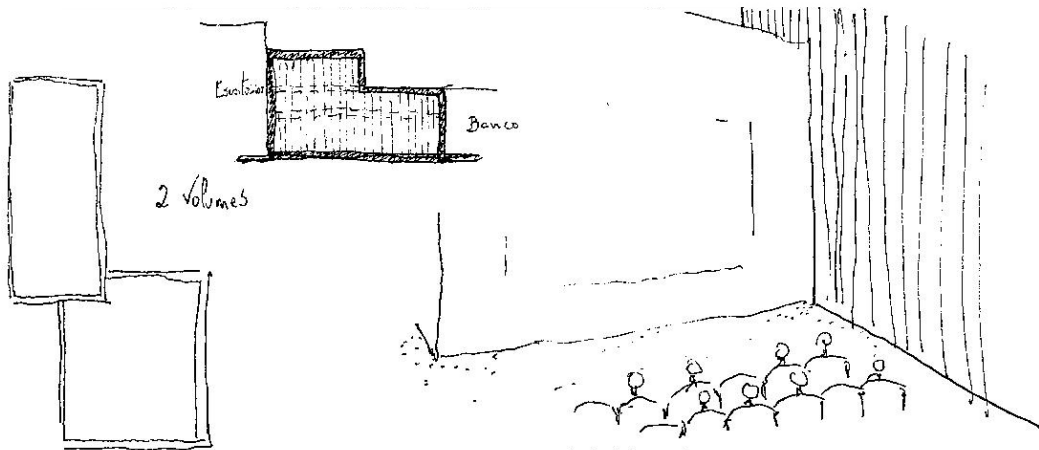
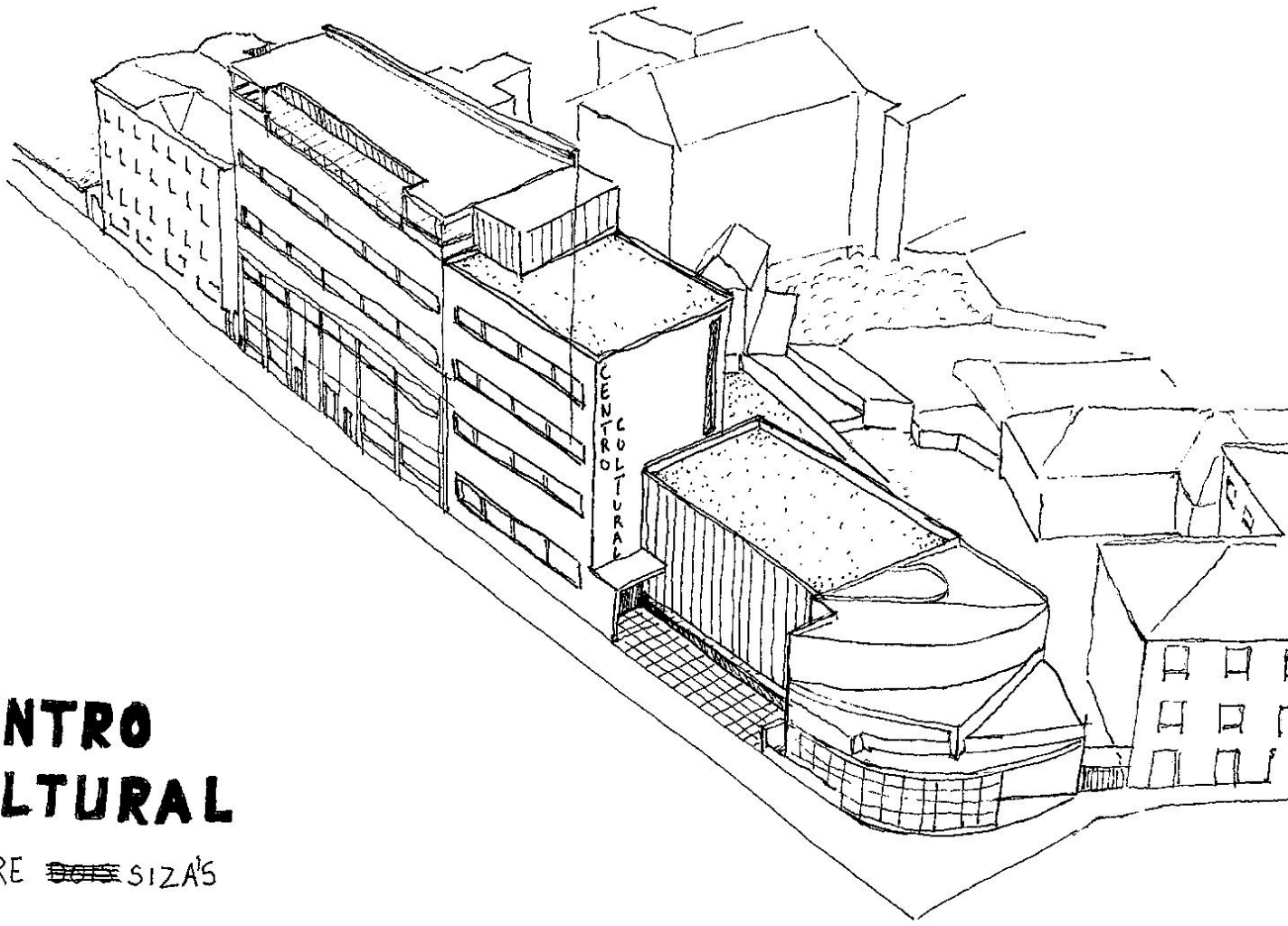
Os documentos anexos foram consultados e fornecidos pelo Arquivo Municipal de Oliveira de Azeméis. Englobam desenhos, memórias descritivas e documentos que dizem respeito às duas obras de Álvaro Siza em Oliveira de Azeméis. Para além dos documentos apresentados, tivemos acesso a documentação relacionada com a história e desenvolvimento dos edifícios analisados na primeira parte da dissertação. No entanto, e dada a extensa quantidade de informação existente, anexaram-se apenas os mais relevantes neste volume.

Por fim, a entrevista ao arquiteto Elisiário Miranda presente no final deste volume. O edifício Ferreira de Castro é uma obra complexa que, infelizmente, não possui muita informação publicada, pelo que a entrevista foi fundamental para a compreensão e análise do projeto.



CENTRO CULTURAL

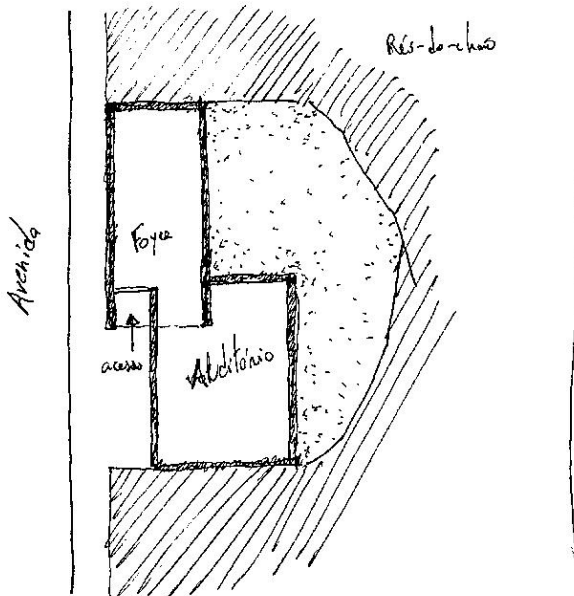
ENTRE ~~DUAS~~ SIZAS



2 volumes

Escalator

Banco



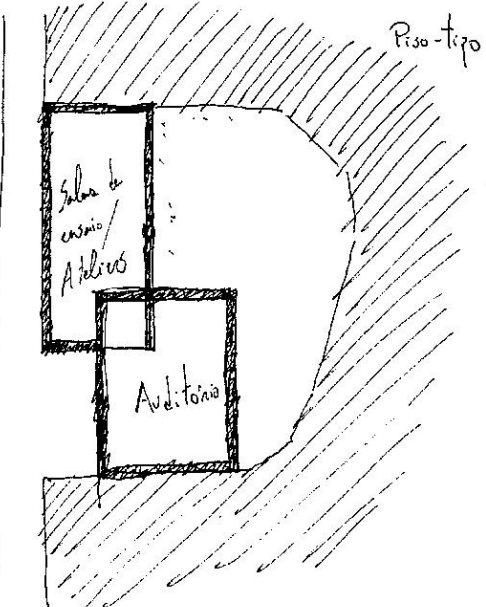
Rés-do-chão

Foyer

Auditorio

Acesso

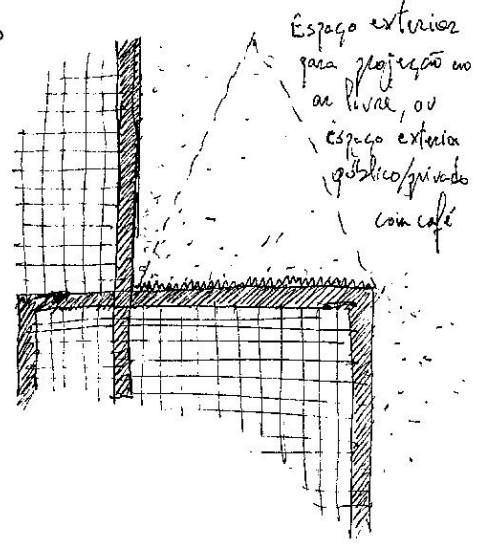
Avenida



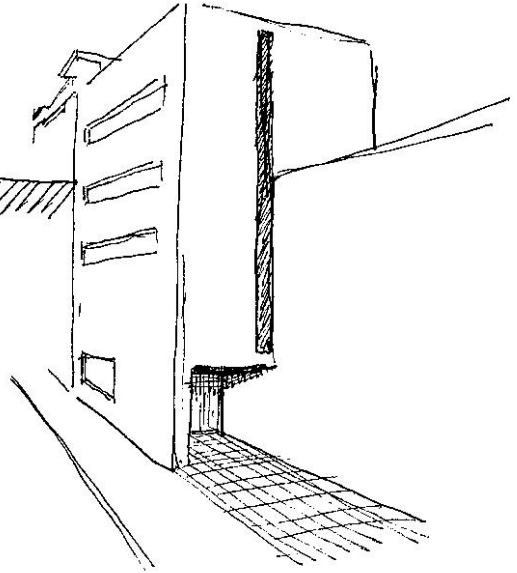
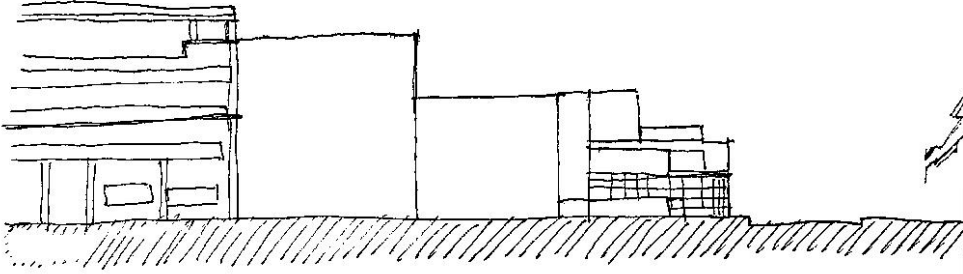
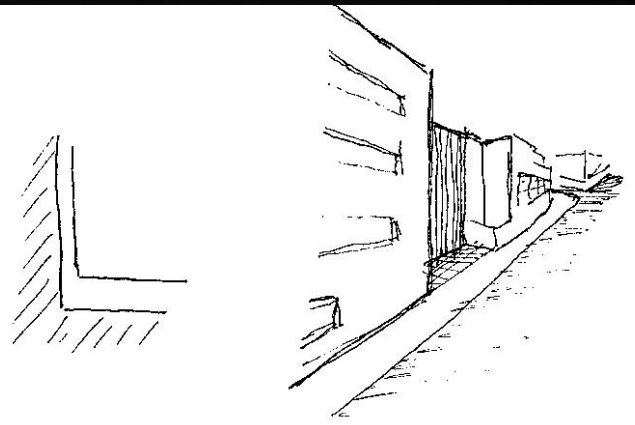
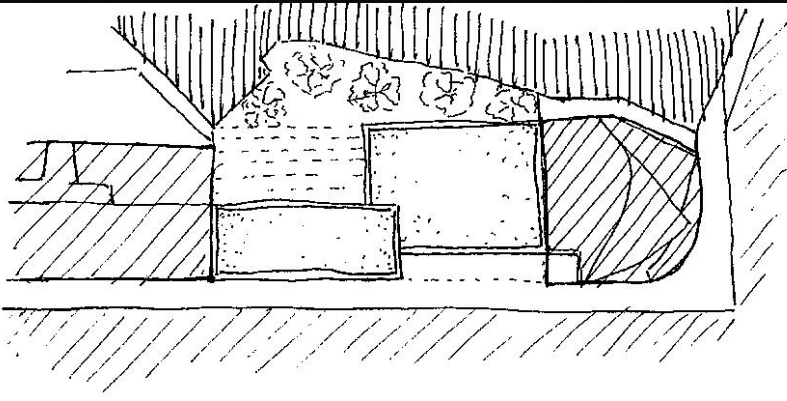
Piso-tipo

Sala de ensaio / Ateliers

Auditorio



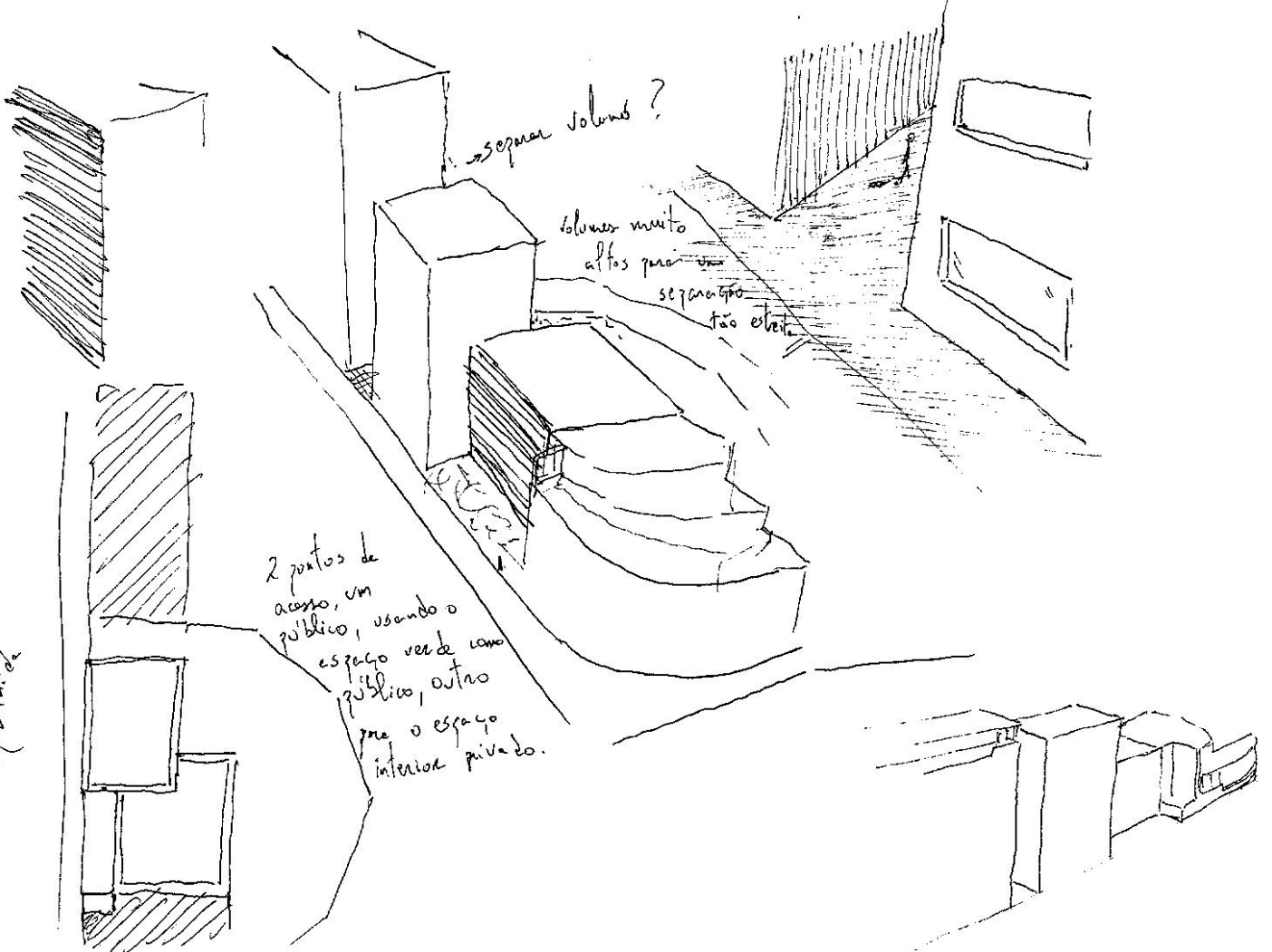
Espaço exterior para projeção no rio, ou espaço exterior público/privado com café



Volume ligado y banco → auditorio

Volume ligado y edificio de esitorarios:

- ↳ Entrada
- ↳ Sala Polivalente/expositiva
- ↳ Sala de ensayo / Oficinas
- ↳ Administración

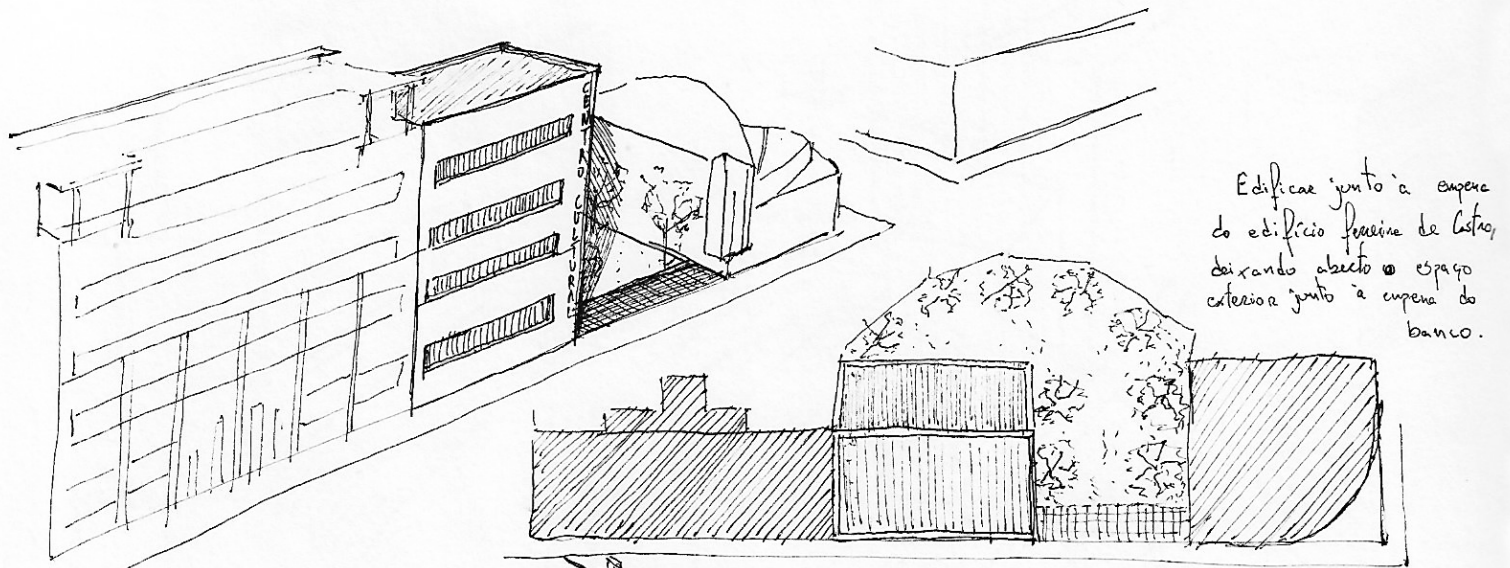


→ separar volúmenes?

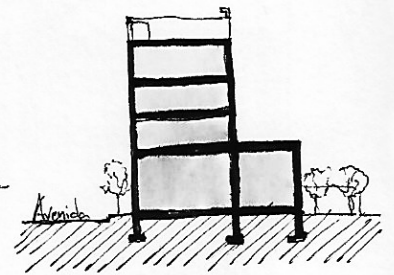
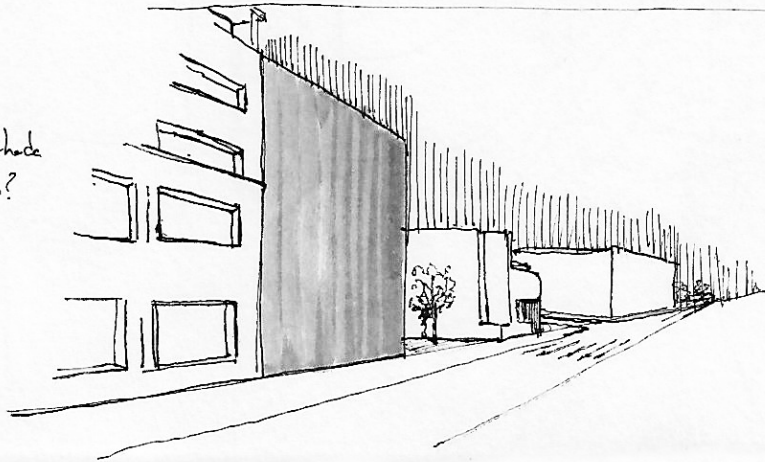
volúmenes mucho
altos para
separación
más efectiva

2 puntos de
acceso, un
público, usando el
espacio verde como
público, otro
para el espacio
interior privado.

Arriba

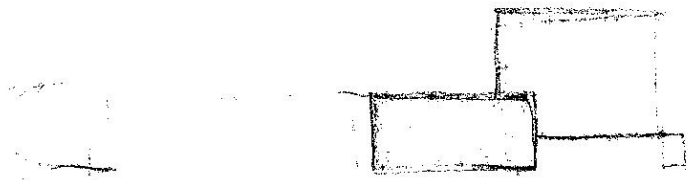


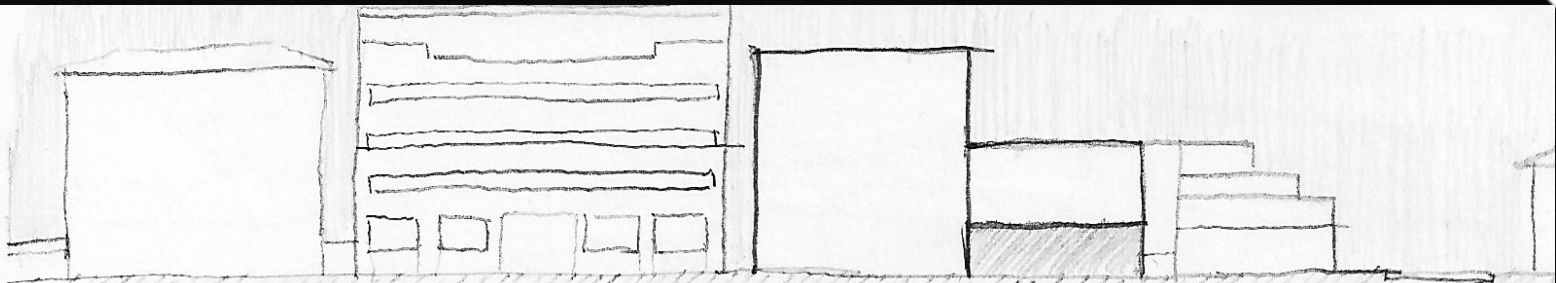
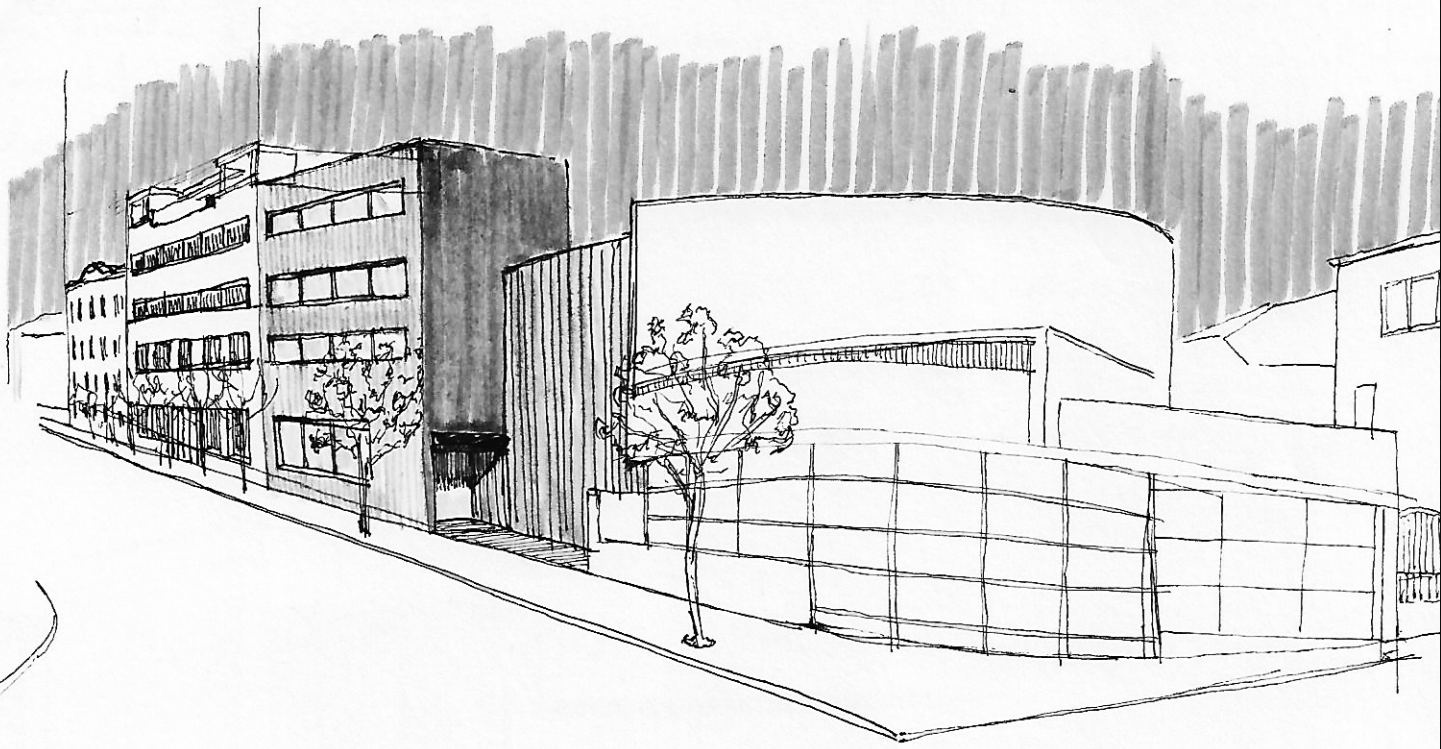
Quão peso fica a expressão dada à fachada do edifício de escritórios?



"(...) não se consegue ser original se se quer ser original fora do que aconteceu. Quem começa um trabalho a dizer que aquilo tem de ser original não vai lá das pernas. A originalidade passa também pelo que é a continuidade histórica, a história. Com cíclicas mudanças. Acredito que há uma continuidade na evolução da arquitectura. No fundo, nada é cem por cento original. Trabalha-se sempre renovando a partir do que está feito. E são também factores externos à própria conexão que provocam maior ou menor novidade."

Alvaro Siza, entrevistado por Volkmar Lutz, Expresso.



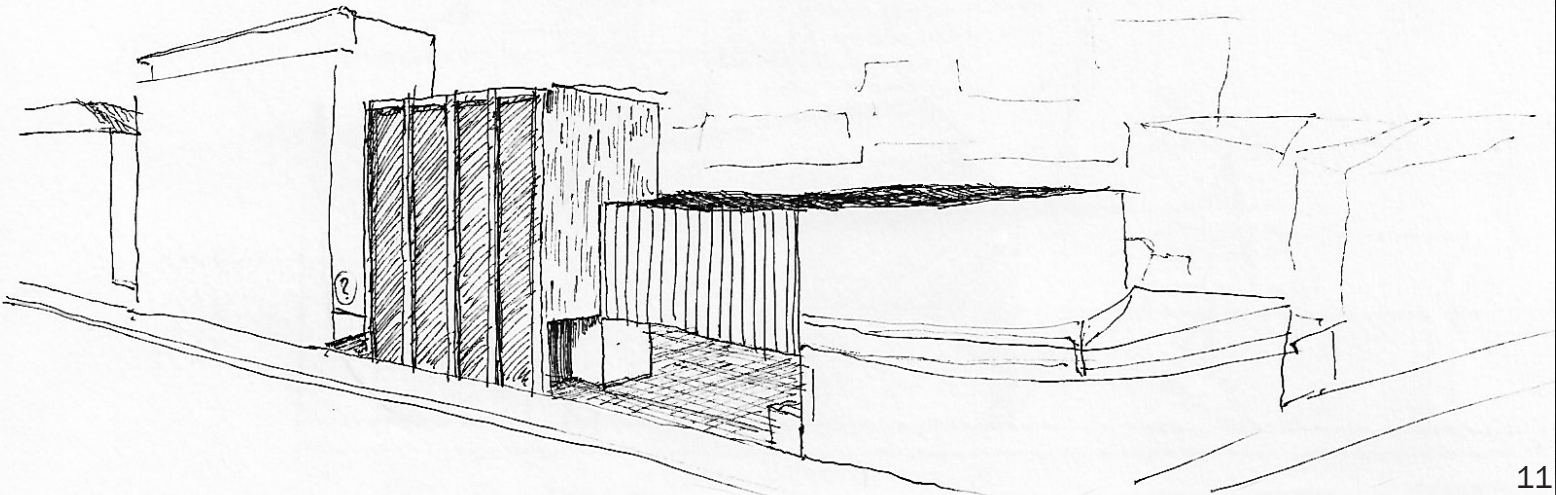


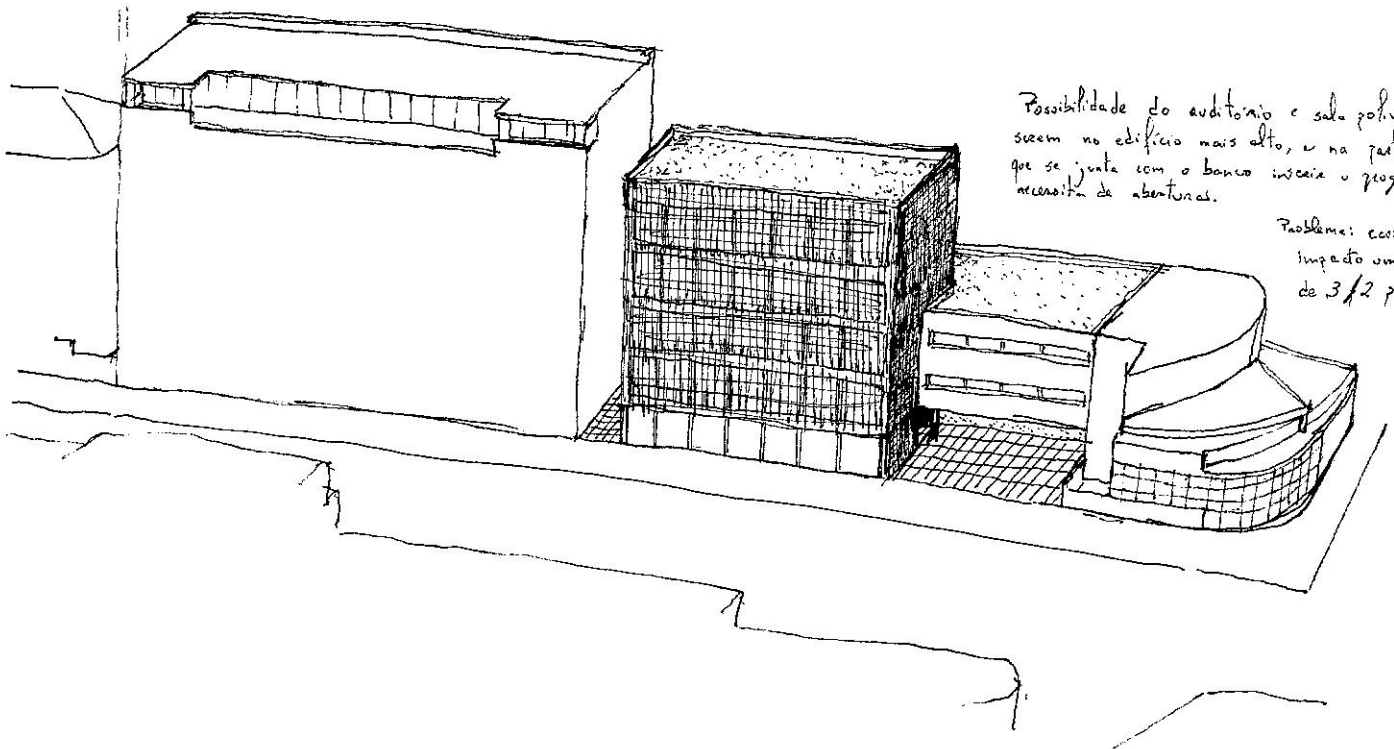
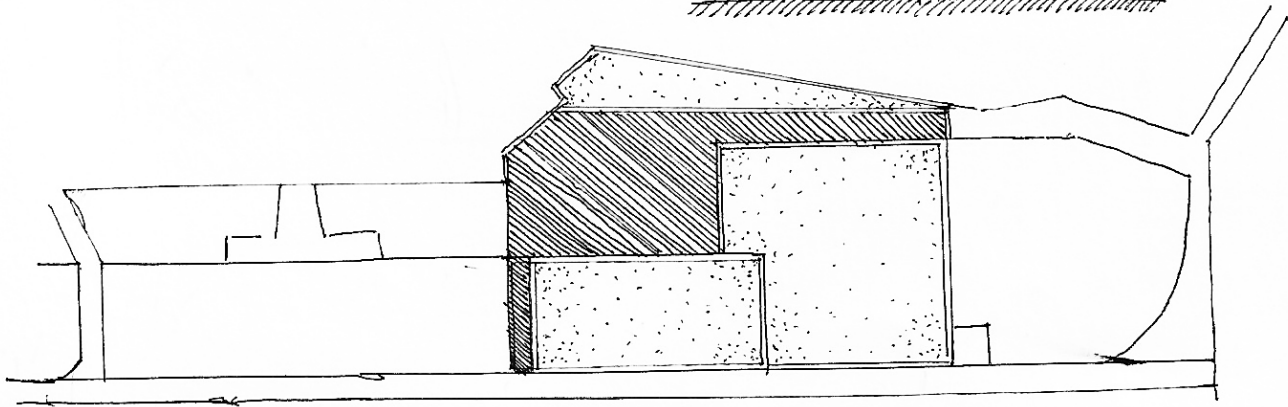
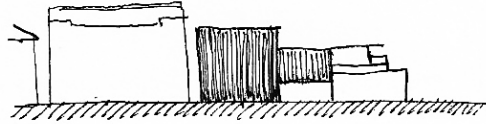
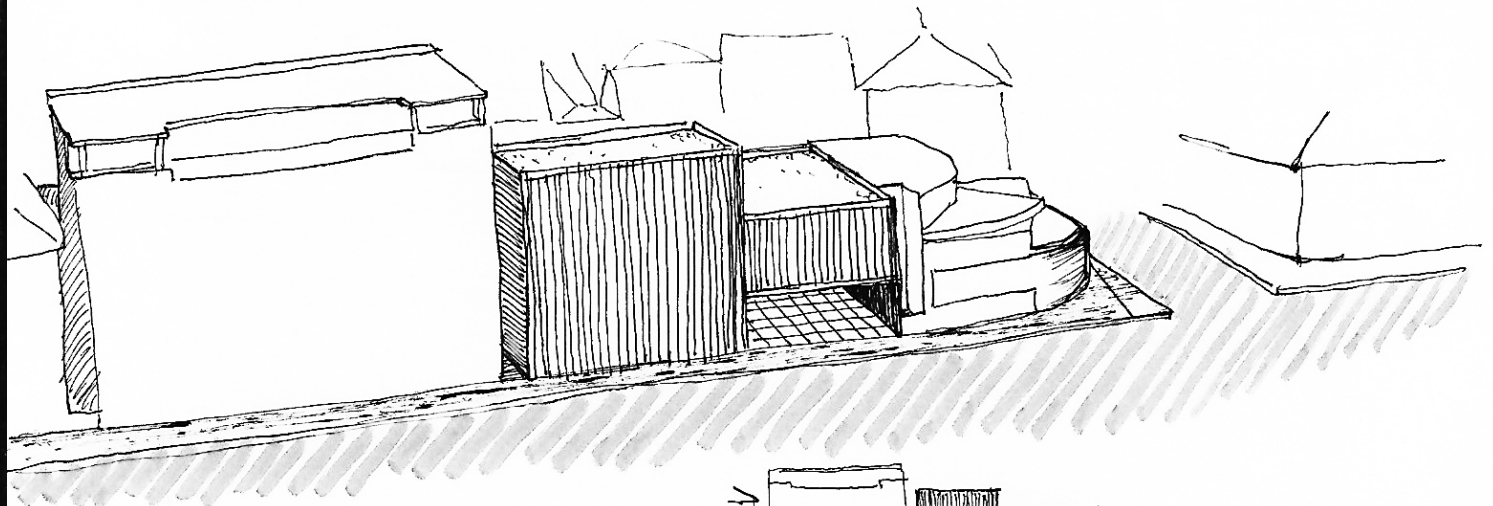
Edifício Ferreira de Castro

↳ Como eixo de simetria de eixo das volumetrias, tendo como base a conexão do edifício de academia de música

Ideia de permeabilidade!

O espaço verde pode e deve ser público, mas há que haver acesso "livre" a partir da rua





Toda a imagem tem um prazo de validade.

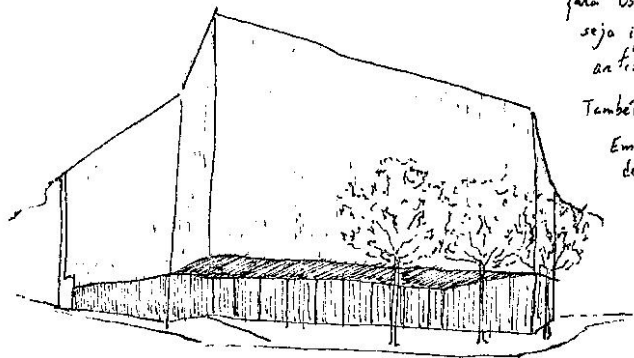
Por vezes suave, ~~ou intensa~~ por vezes intensa, ou eventualmente esquecida.

Aço Corten

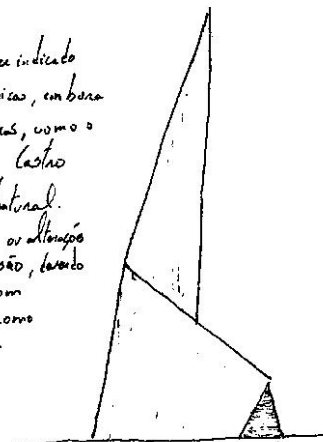
Conhecido pela alta durabilidade, daí ser indicado para uso externo em obras arquitetônicas, embora seja igualmente usado em esculturas, como o artista brasileiro Amílcar de Castro.

Também usado como elemento estrutural.

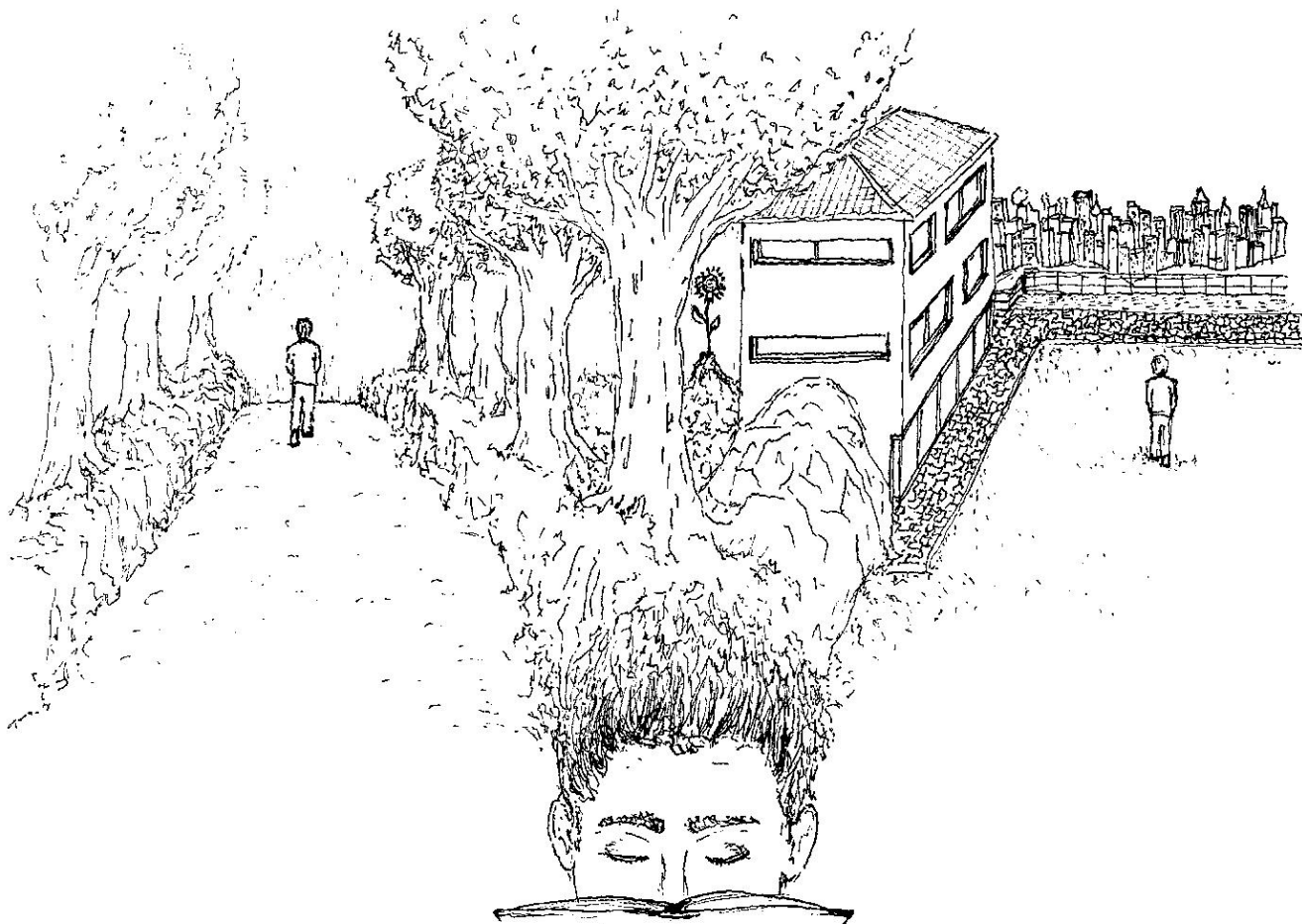
Em casos de humidade agressiva ou alterações de clima, pode apresentar corrosão, sendo ser usado revestimento com pintura anticorrosiva, como usado no aço comum.

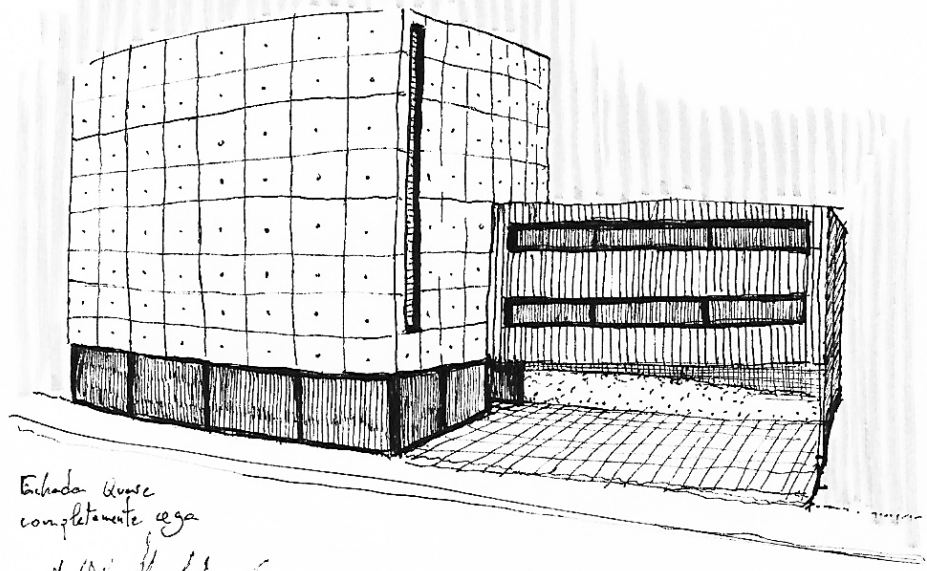


Ampliação do Kunst Museum, Basileia
Suíça

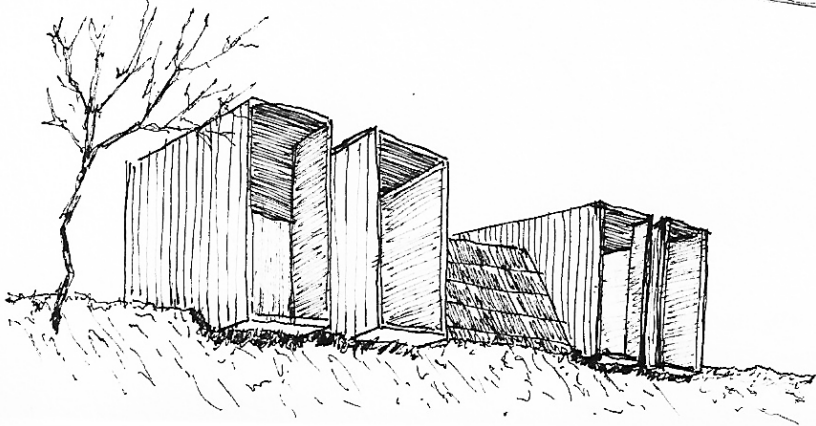
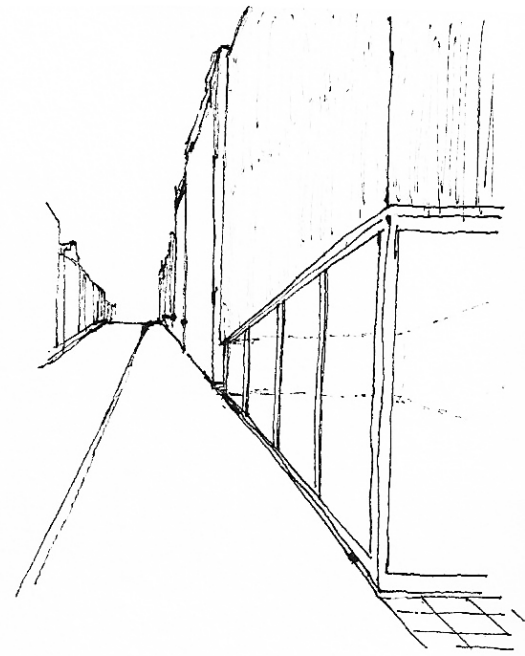


Simon Ungers
Ent. Ecclesia



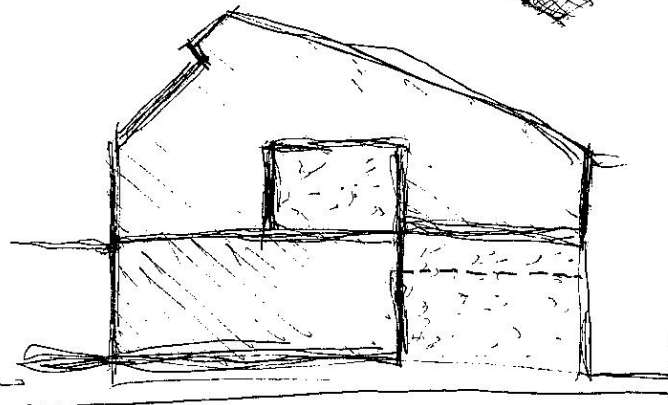
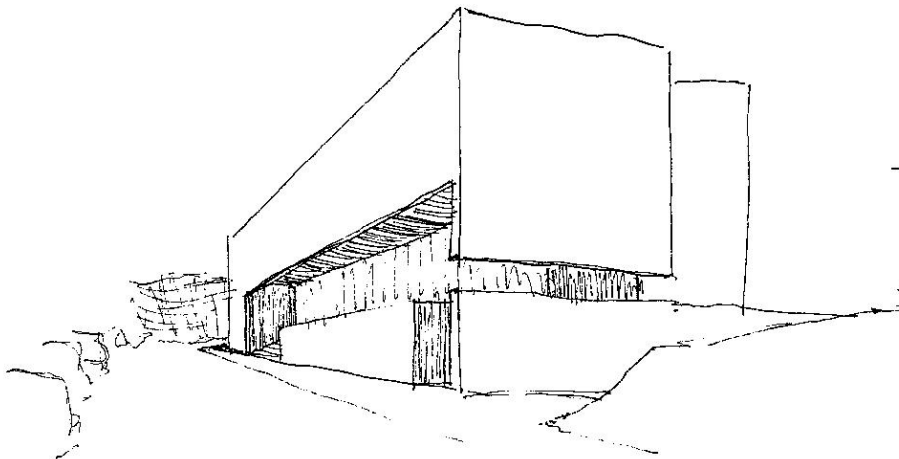
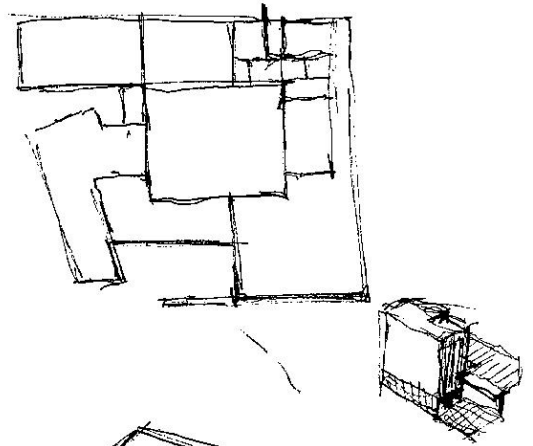
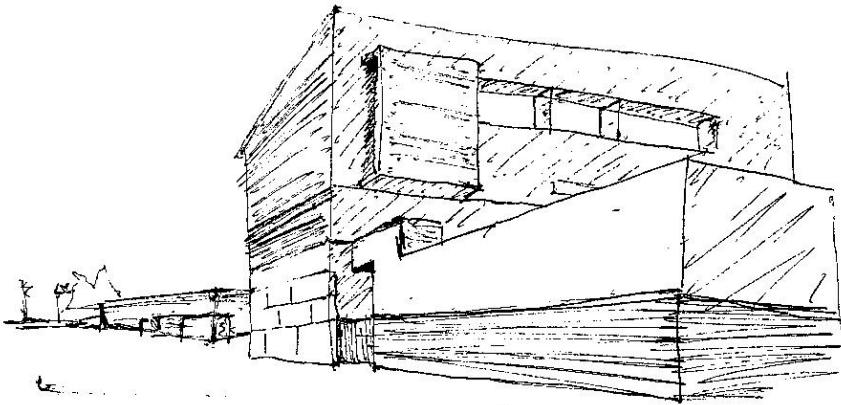


Fachada quase completamente cega

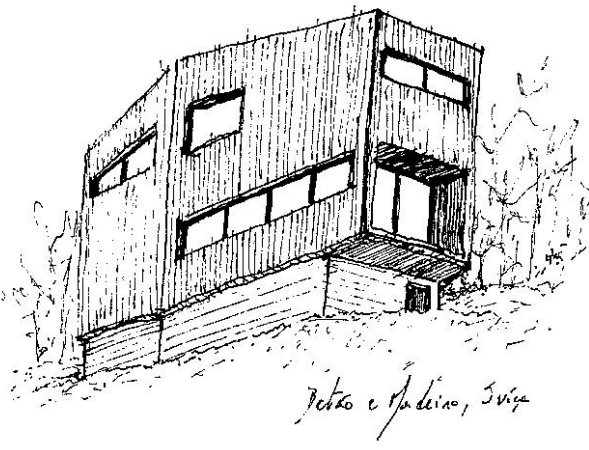


A relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura.
 Essa relação, ao longo permanente de qualquer projeto, é para mim uma espécie de obsessão; sempre foi determinante no uso da história e, apesar disso, tende hoje a uma extinção progressiva.

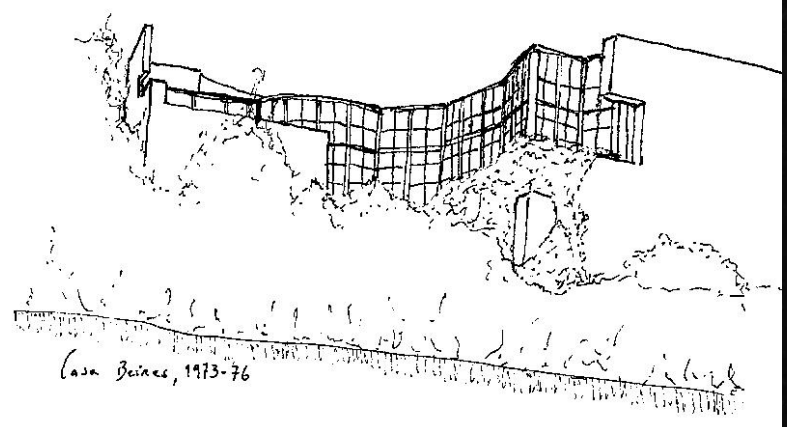
A. Siza.



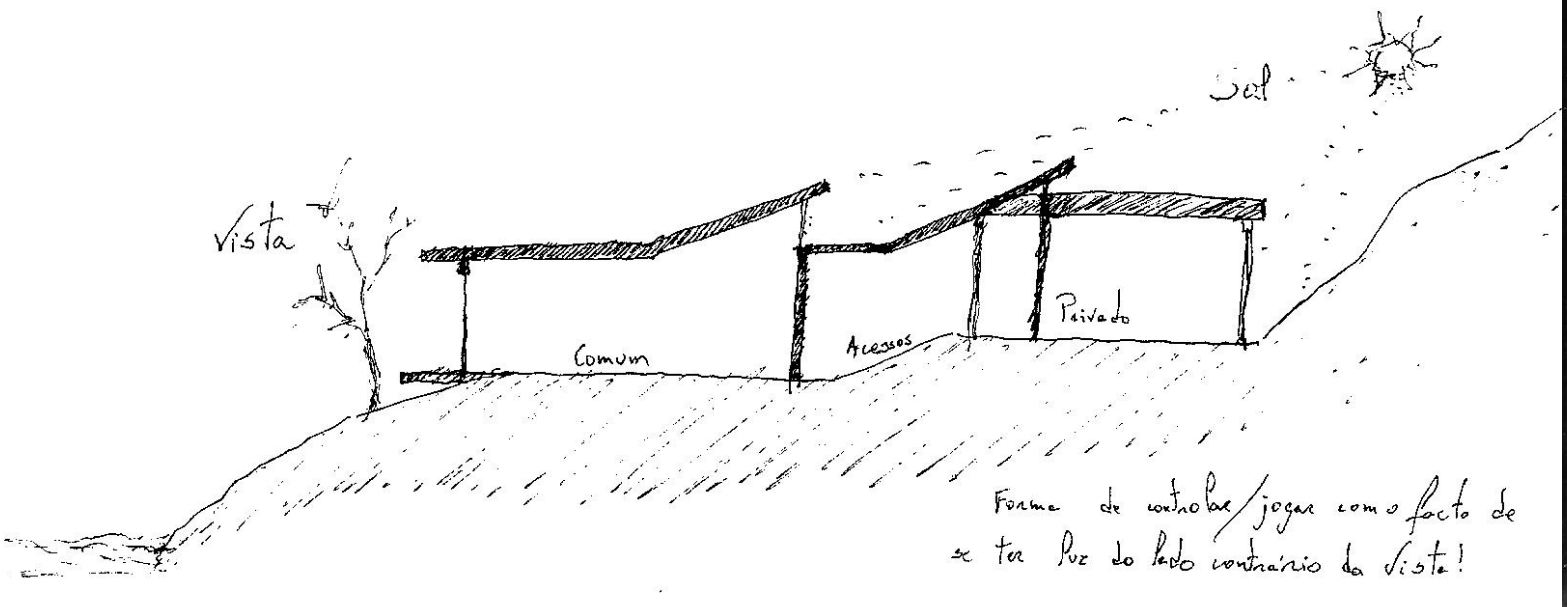
E se o terreno fosse quase
 totalmente irregular, como
 estariam os espaços
 mais regulares?



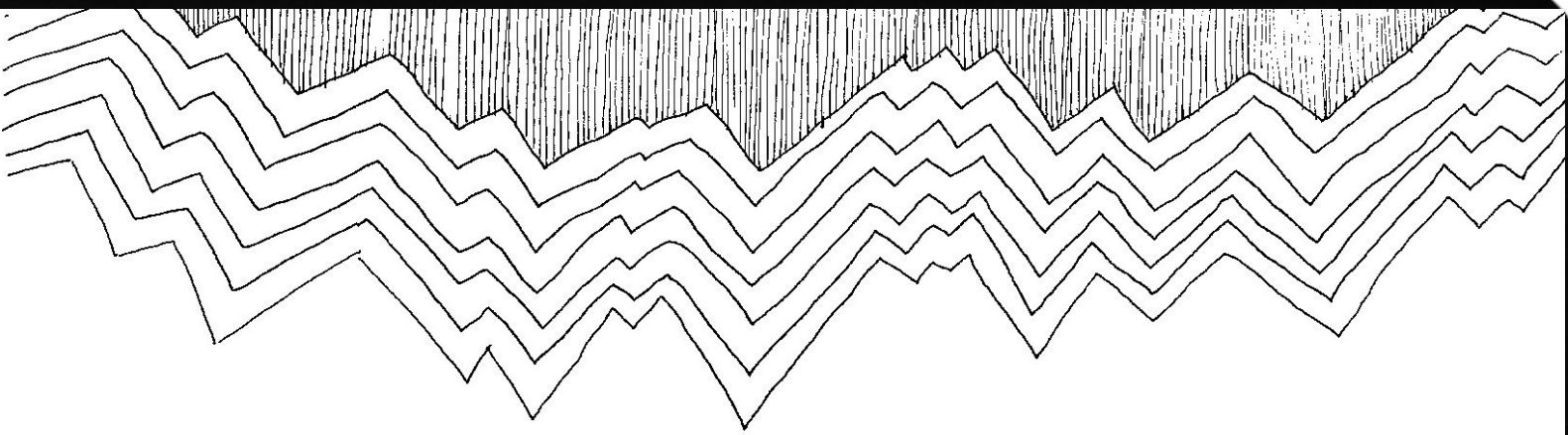
Detko e Spelino, Suíça



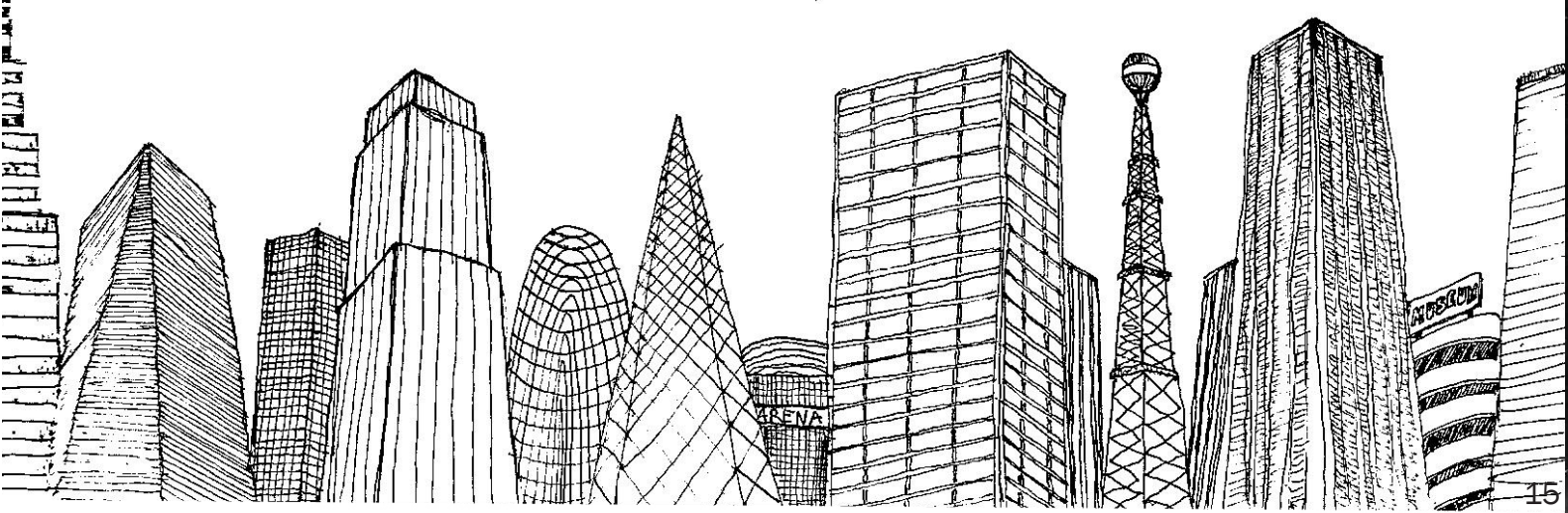
Casa Beiras, 1973-76

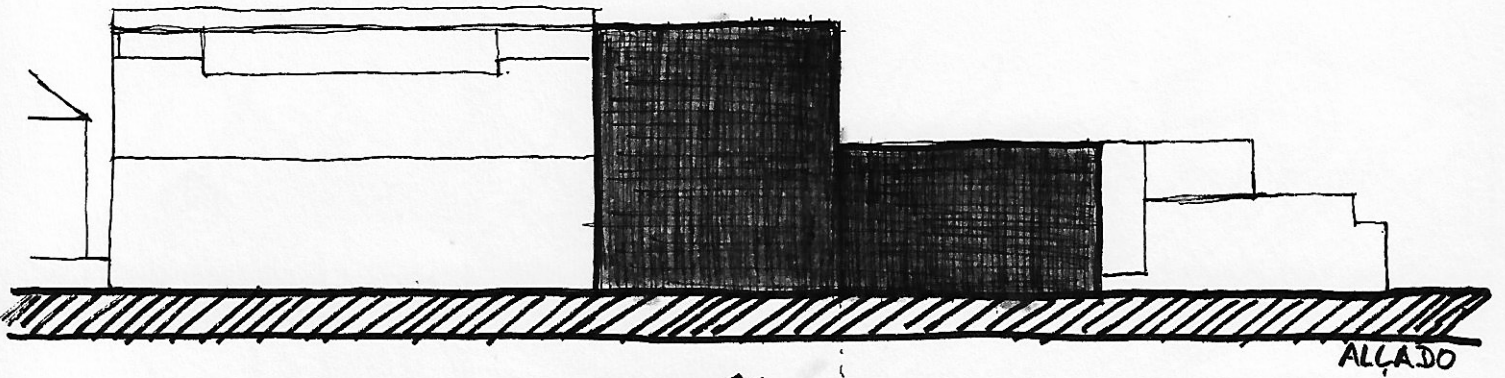
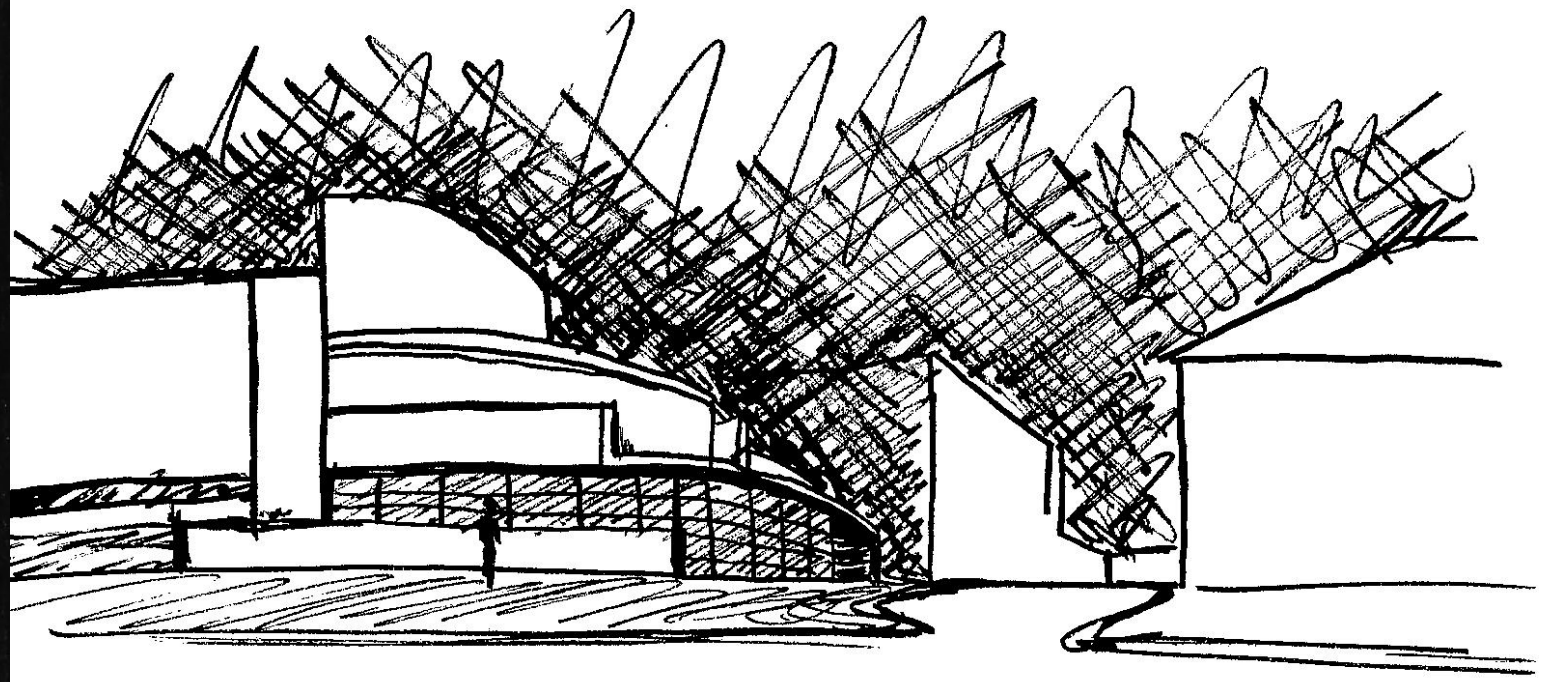


Forma de controlar/jogar com o facto de se ter luz do lado contrario da vista!

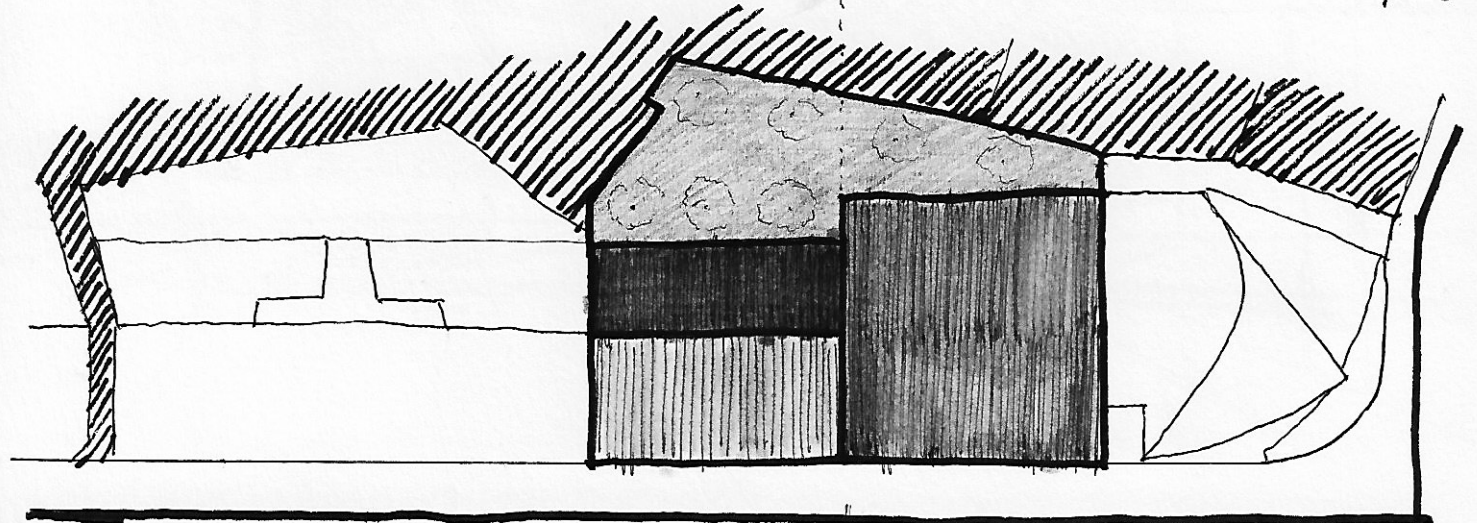


A arquitectura é o desejo de uma época traduzida em espaço.

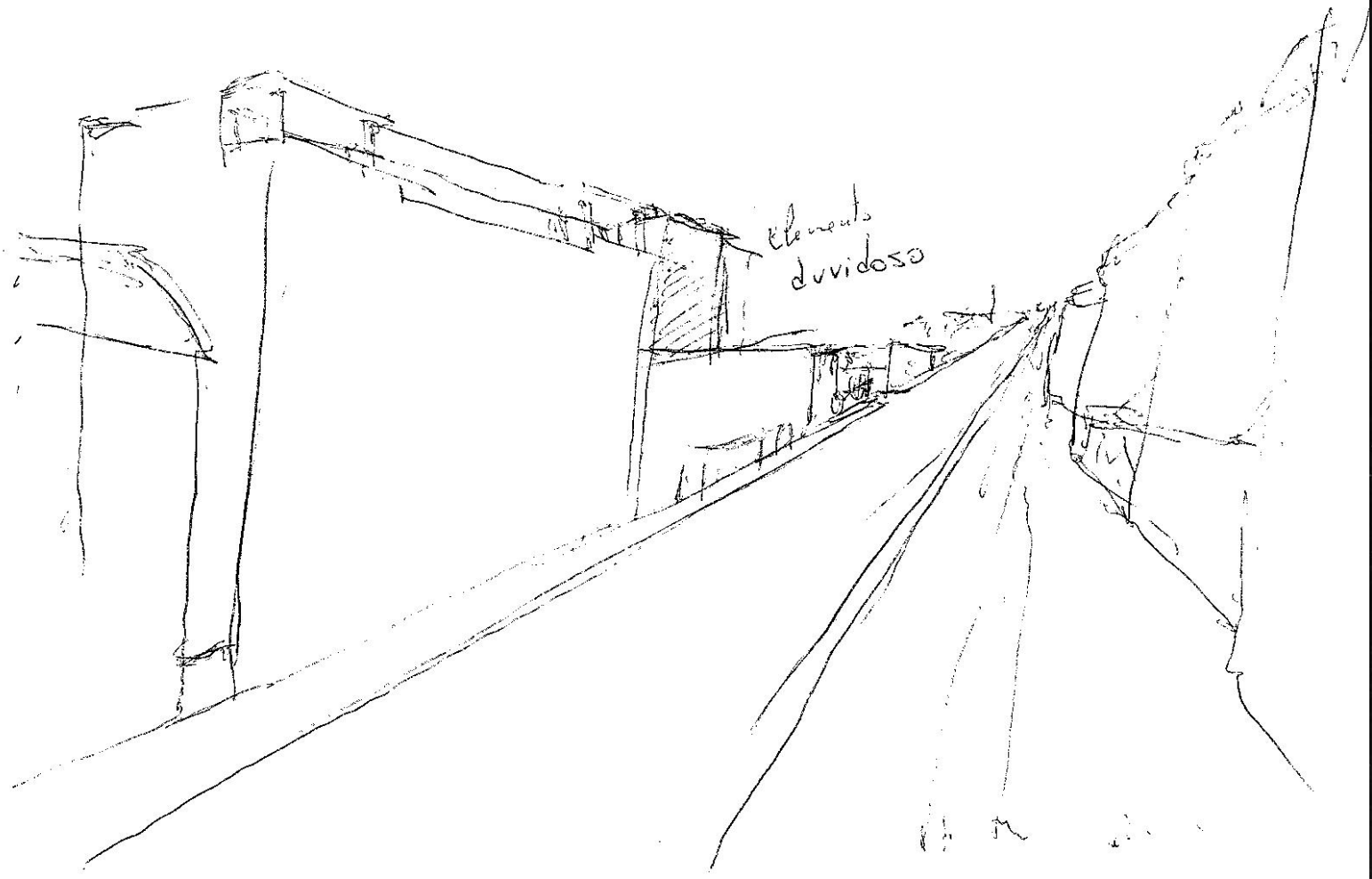




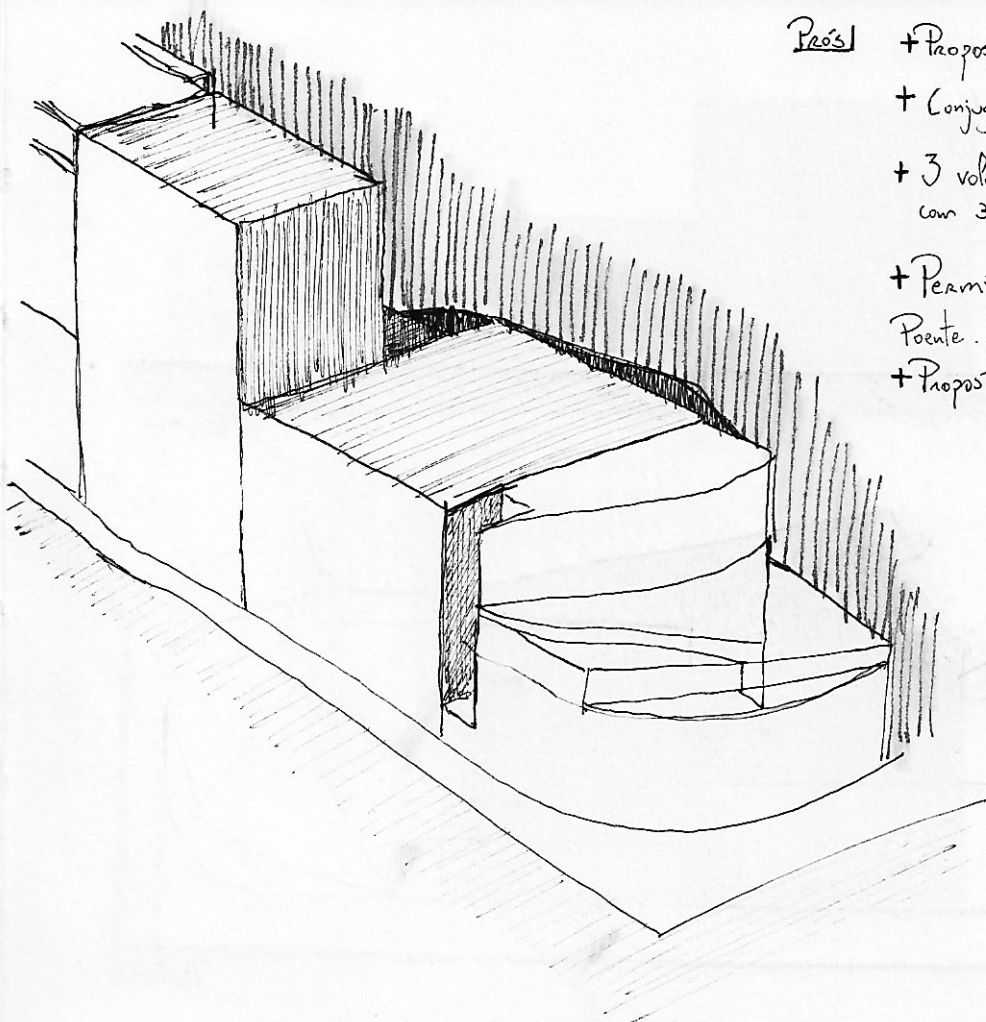
ALLADO



PLANTA

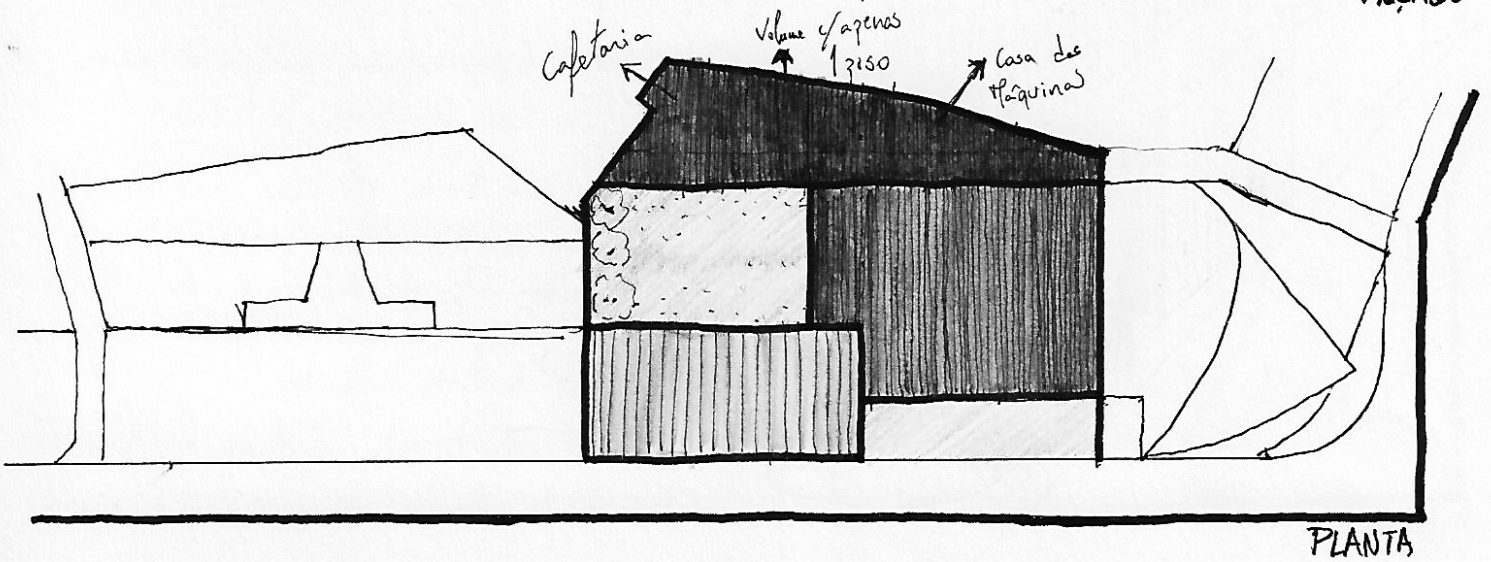
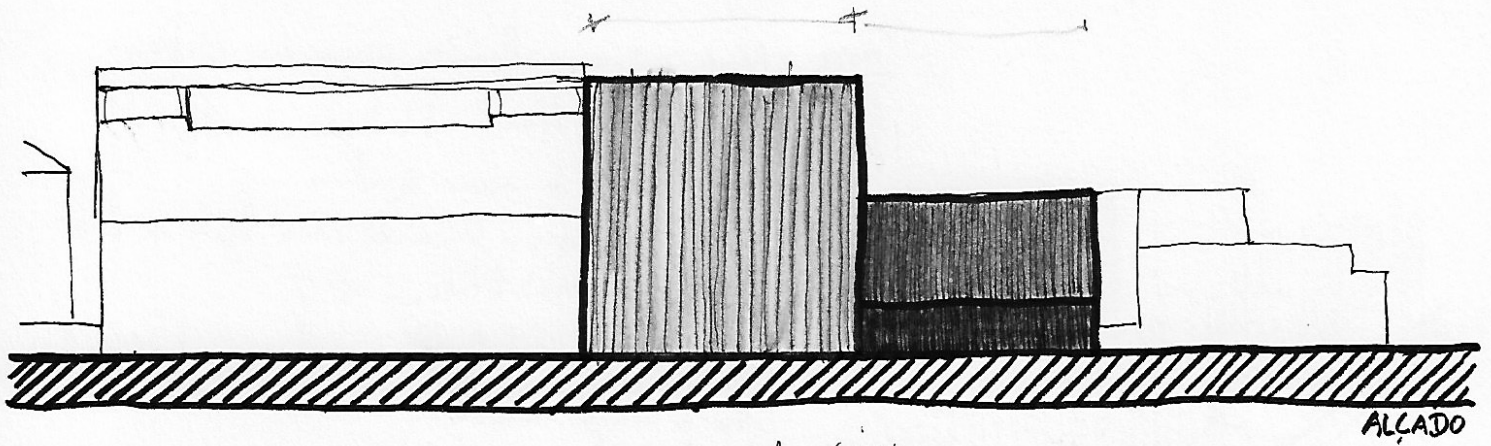
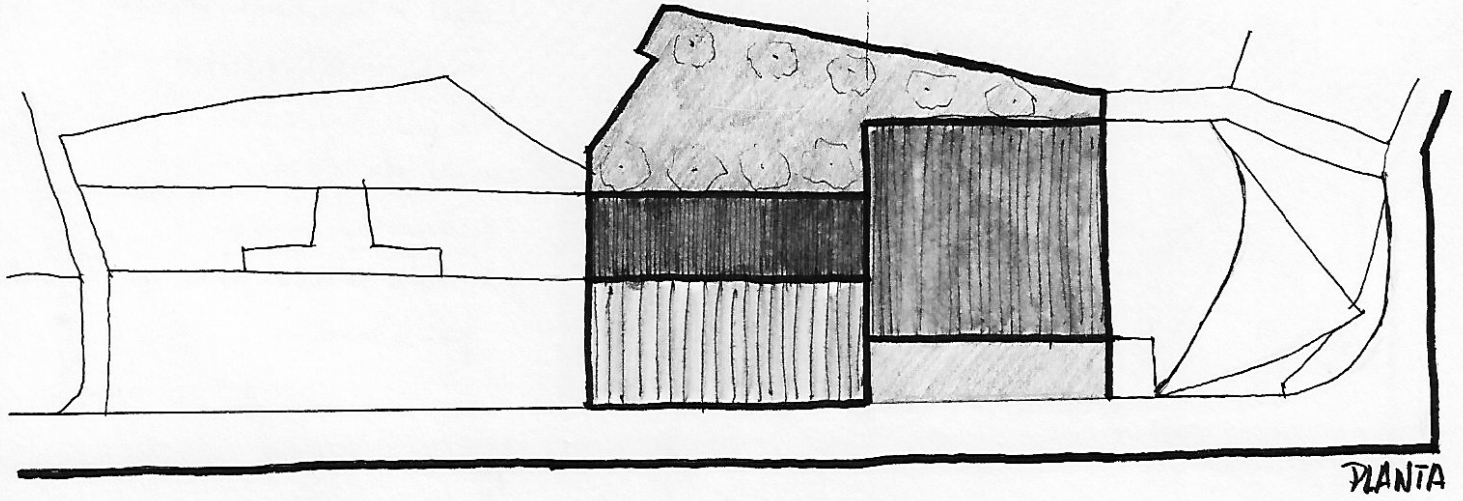
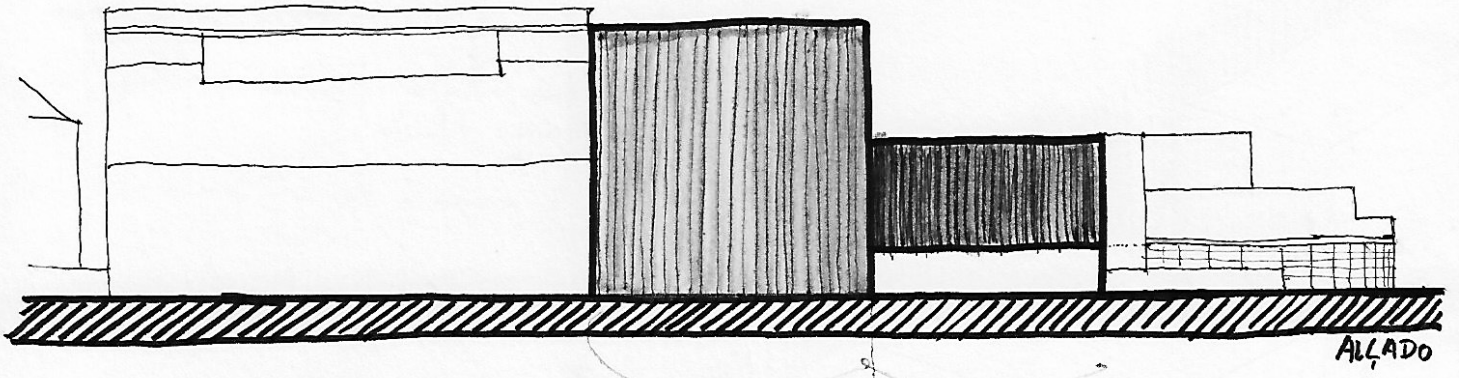


Elemento duvidoso



- Prós
- + Proposta mais "intuitiva" de ser feita
 - + Conjuga a cerca dos dois edifícios ~~do banco~~
 - + 3 volumes juntam-se formando um volume único, com 3 áreas diferentes
 - + Permite passagem de luz solar para os edifícios a Ponte.
 - + Proposta mais fácil de moldar/escavar

- Contras
- x Pouco espaço exterior
 - x Pouca permeabilidade.
 - x Só possível passar para o parque exterior passando pelo interior.
 - x Demasiado maciço
 - x jardim exterior parece os traceiros que sobram



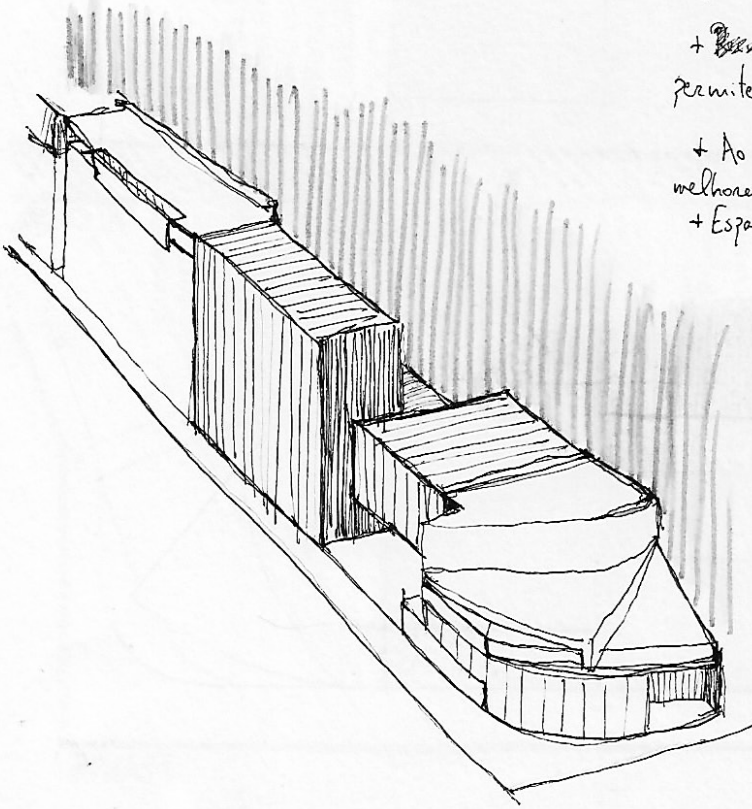
Pros + Alçado continua a ligar-se com os dois edifícios

+ Cênica dos dois edifícios e libertação do pátio do banco, através do recuo do volume

+ ~~Abertura~~ Abertura no piso térreo do volume ligado ao banco permite maior permeabilidade.

+ Ao contrário da proposta anterior, esta proposta permite melhorar acessos e o terreno parece respirar mais

+ Espaço de receção exterior



Contras * Espaço exterior continua a parecer espaço das traseiras, pouco tratado

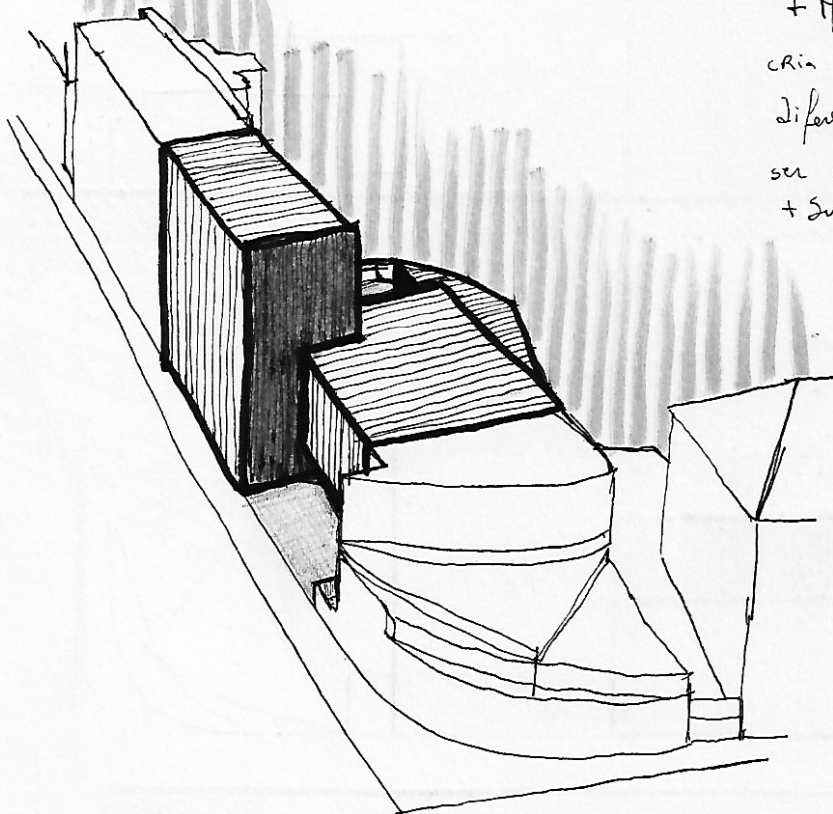
* Em termos plásticos pode ser difícil "moldar" os dois volumes principais, porque parece um ser extensão do banco e outro extensão dos escritórios, que são edifícios com linguagens bastante diferentes.

* Volume elevado pode implicar muitos pilotes dependendo do programa que possuir.

Pros + Proposta que tenta eliminar as irregularidades do terreno a Ponte

+ Mantém a fachada da proposta anterior mas cria dois espaços exteriores ligados mas diferentes; - um de receção e um de estar, que poderia ser esplanada de cafeteria

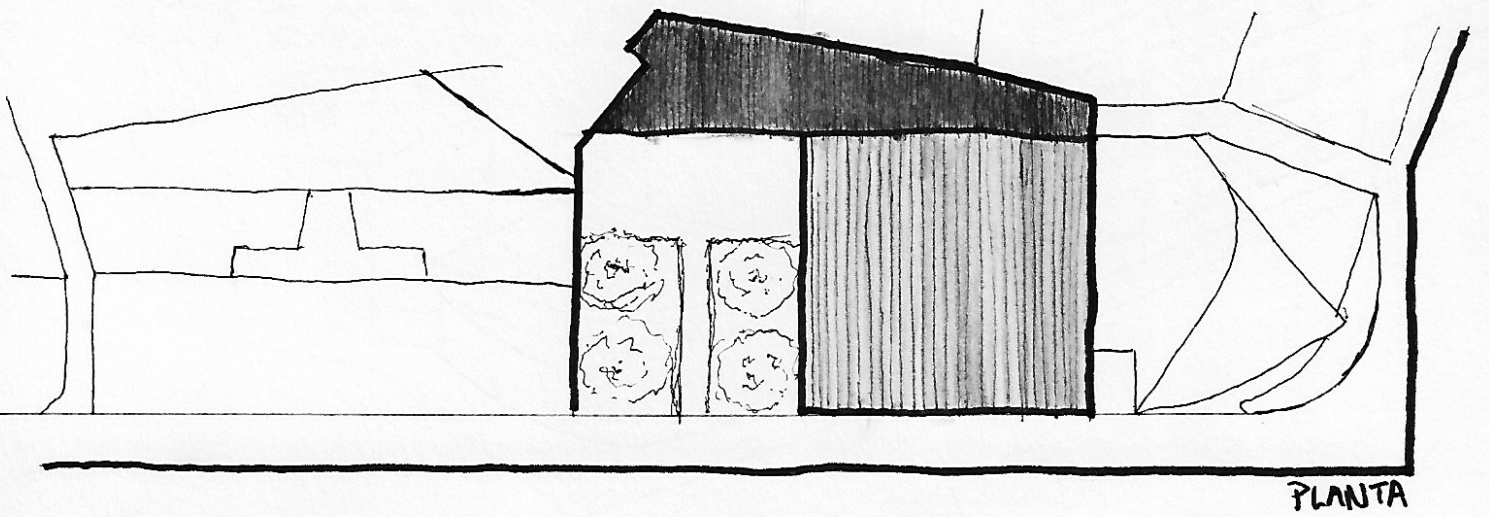
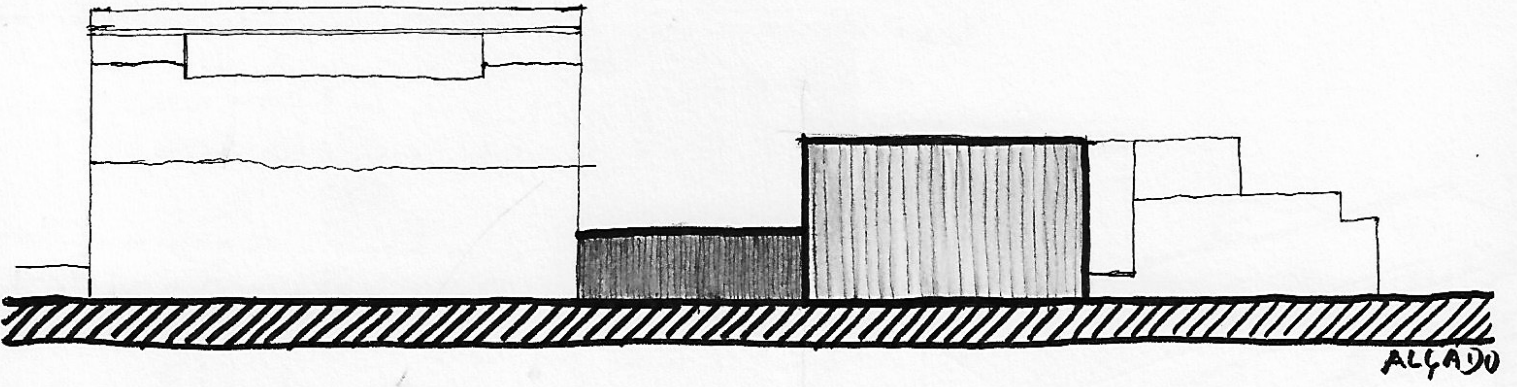
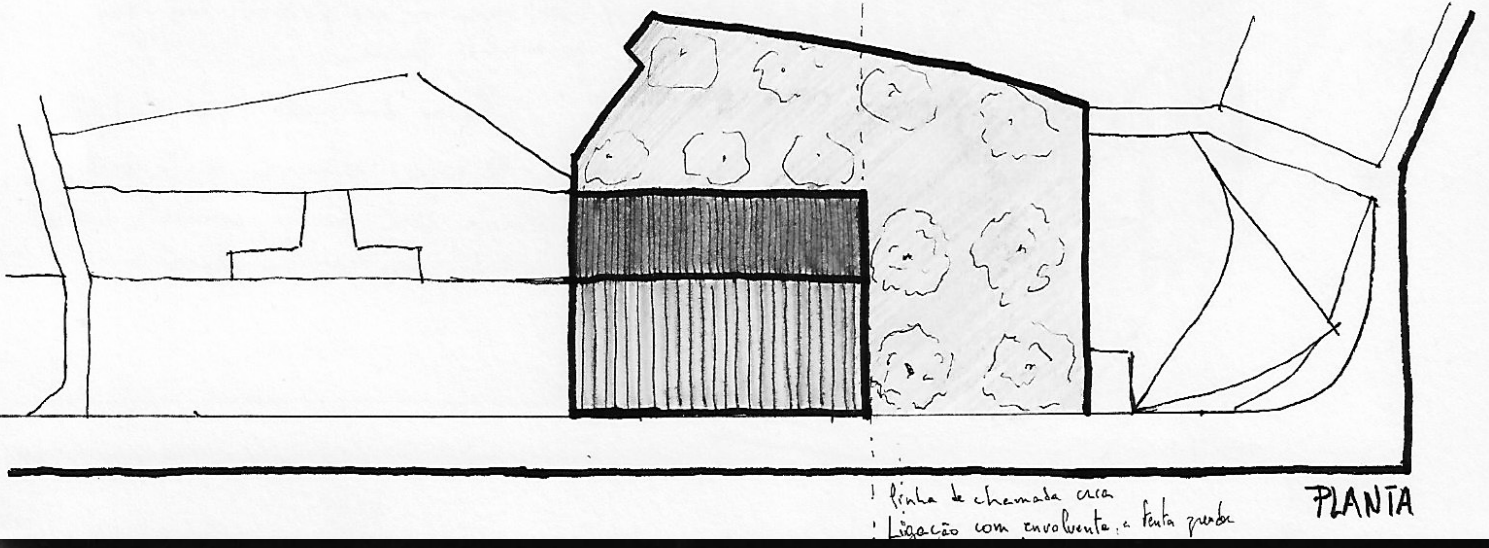
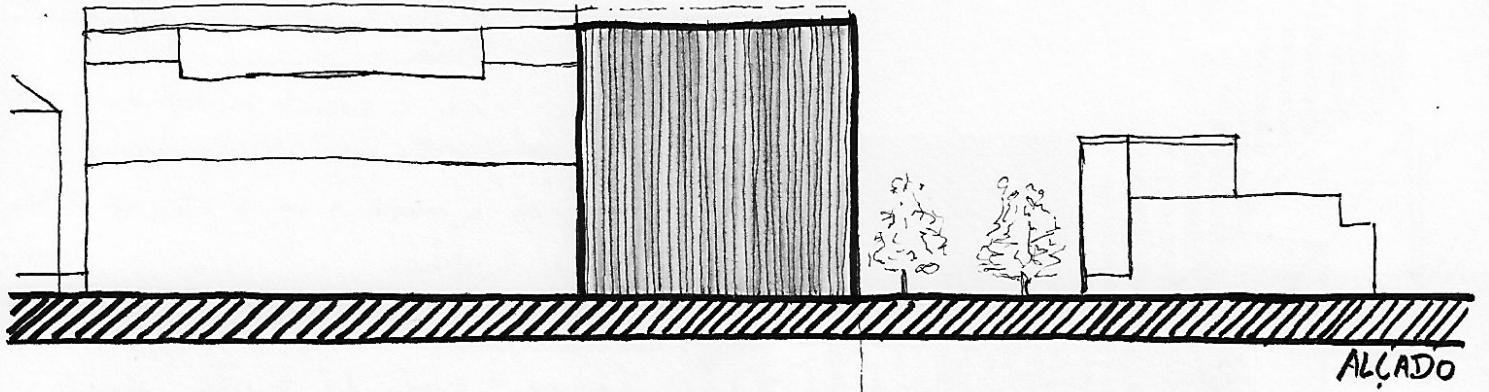
+ Sucessão de 3 cénicas, como no banco



Contras * Volume das traseiras pensado com programa, que pode ou não ser possível de fazer.

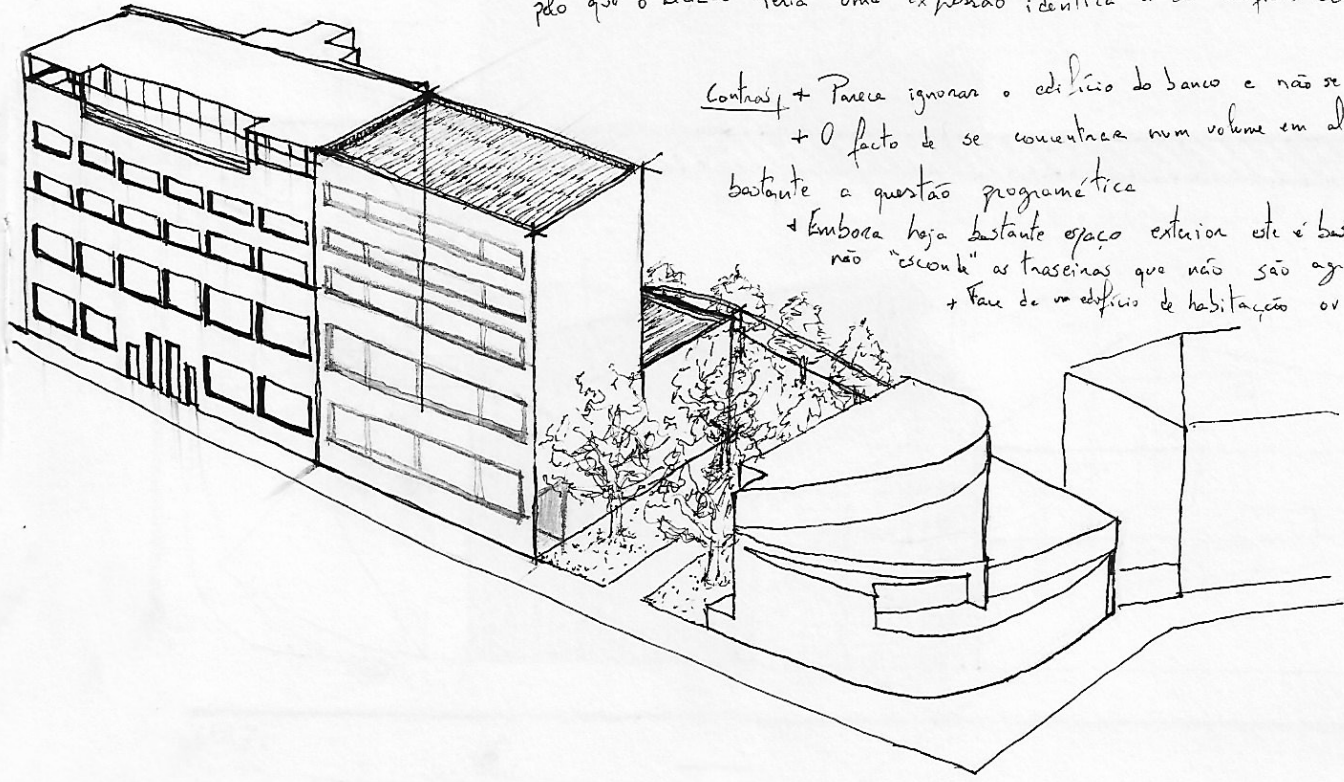
* Terreno demasiado preenchido (?)

* O espaço exterior vindo para esplanada terá sombra constante durante o período da manhã



Proposta ~~ligada~~ ligada com o edifício dos escritórios.

Prós + Vasto espaço exterior, devido a o edifício apenas se ligar com uma das ob.
+ A questão da expressão do alçado seria resolvida mais facilmente porque ~~se~~ não há necessidade de criar ligação entre duas linguagens, apenas com uma pelo que o alçado teria uma expressão idêntica à do edifício de 1990.



Contras + Parece ignorar o edifício do banco e não se aguar ao fazer
+ O facto de se conectar num volume em altura pode limitar bastante a questão programática
+ Embora haja bastante espaço exterior este é bastante irregular e não "esconde" as traceiras que não são agradáveis.
+ Faz de um edifício de habitação ou escritórios?

Proposta ligada com o banco, mas que conjuga um segundo volume de um piso só para regularizar o terreno/espaço exterior e para evitar a criação de um espaço "inseto" a Póente da volumetria principal (o volume de 3 pisos que se une ao banco).

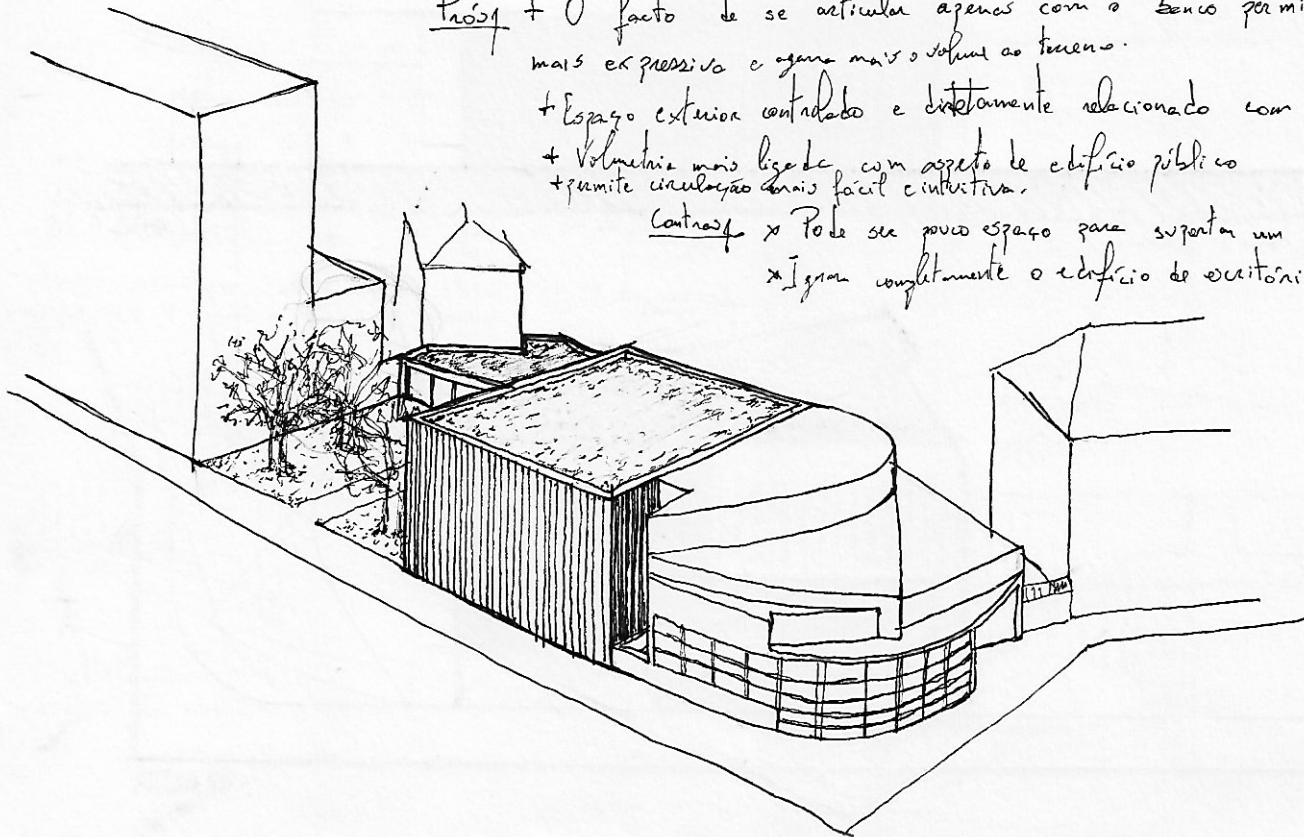
Prós + O facto de se articular apenas com o banco permite uma linguagem mais expressiva e aguar mais o volume ao terreno.

+ Espaço exterior controlado e intimamente relacionado com a Avenida

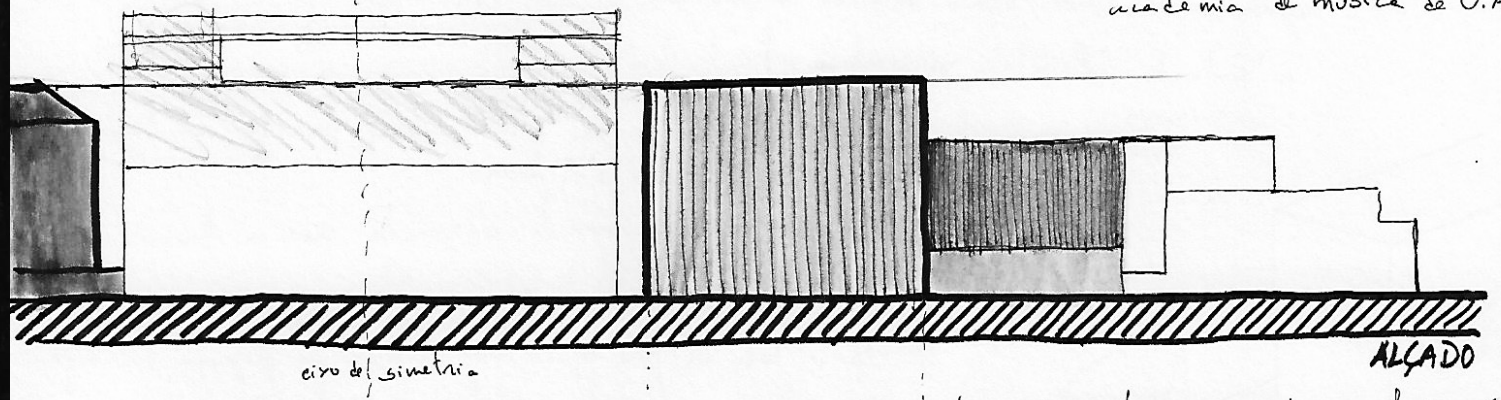
+ Volumetria mais ligada com aspeto de edifício público

+ permite circulação mais fácil e intuitiva.

Contras * Pode ser pouco espaço para suportar um programa mais amplo
* Igrar completamente o edifício de escritórios

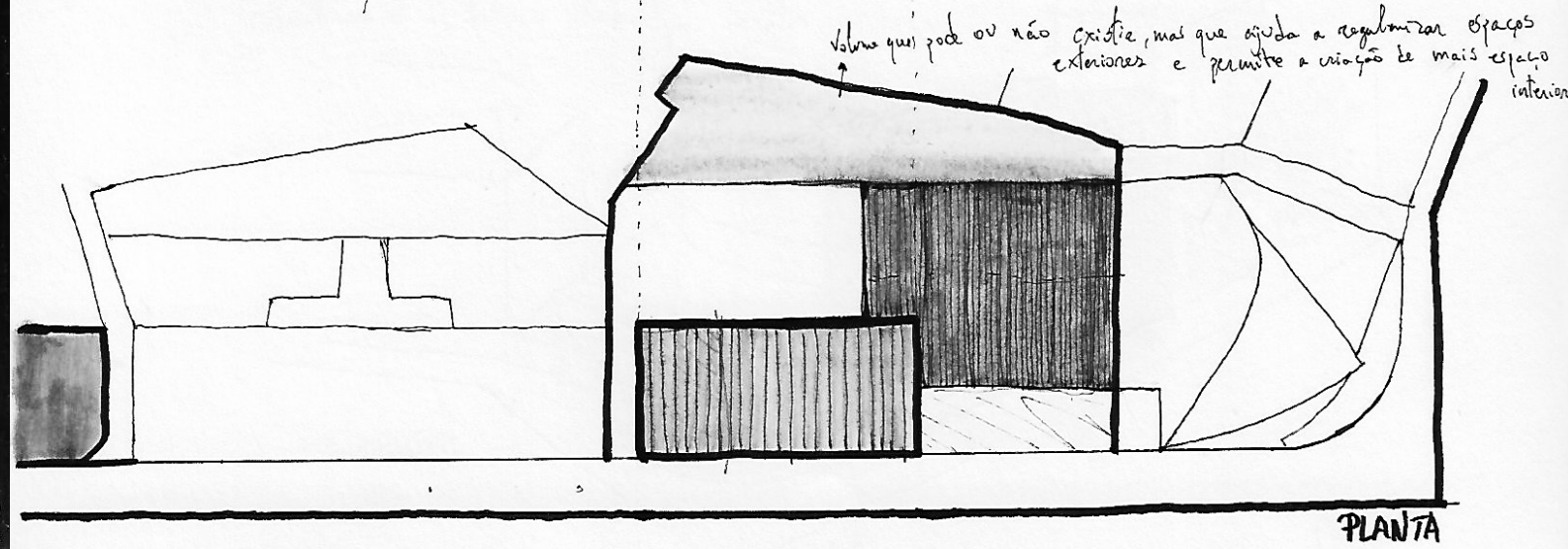


Ideia de simetria do volume da
academia de música de O. Azeméis



eixo de simetria

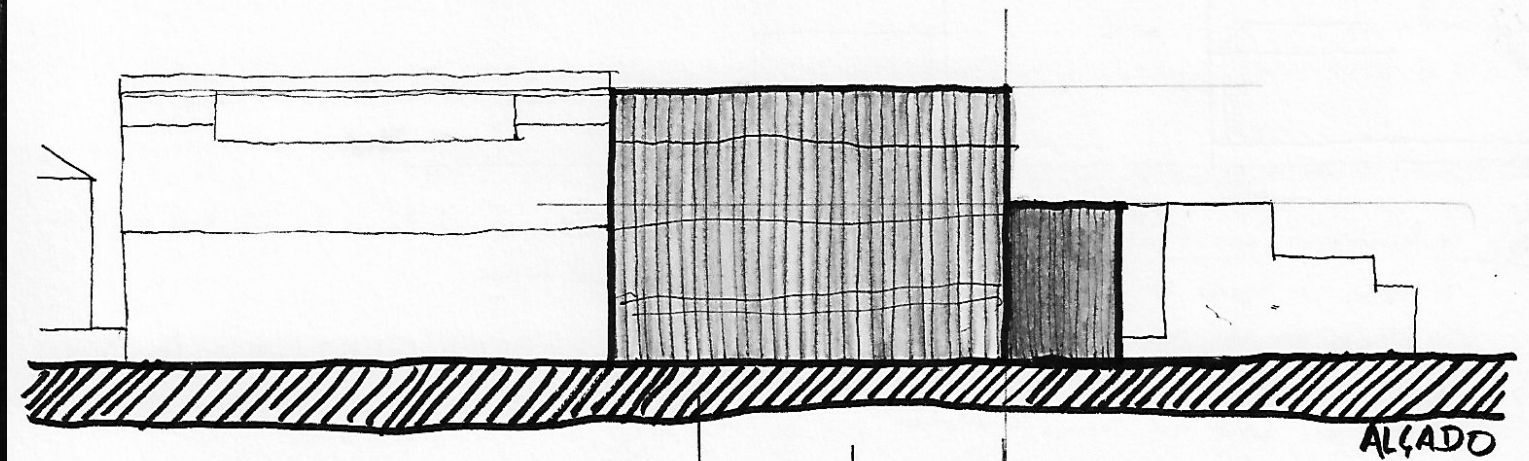
ALÇADO



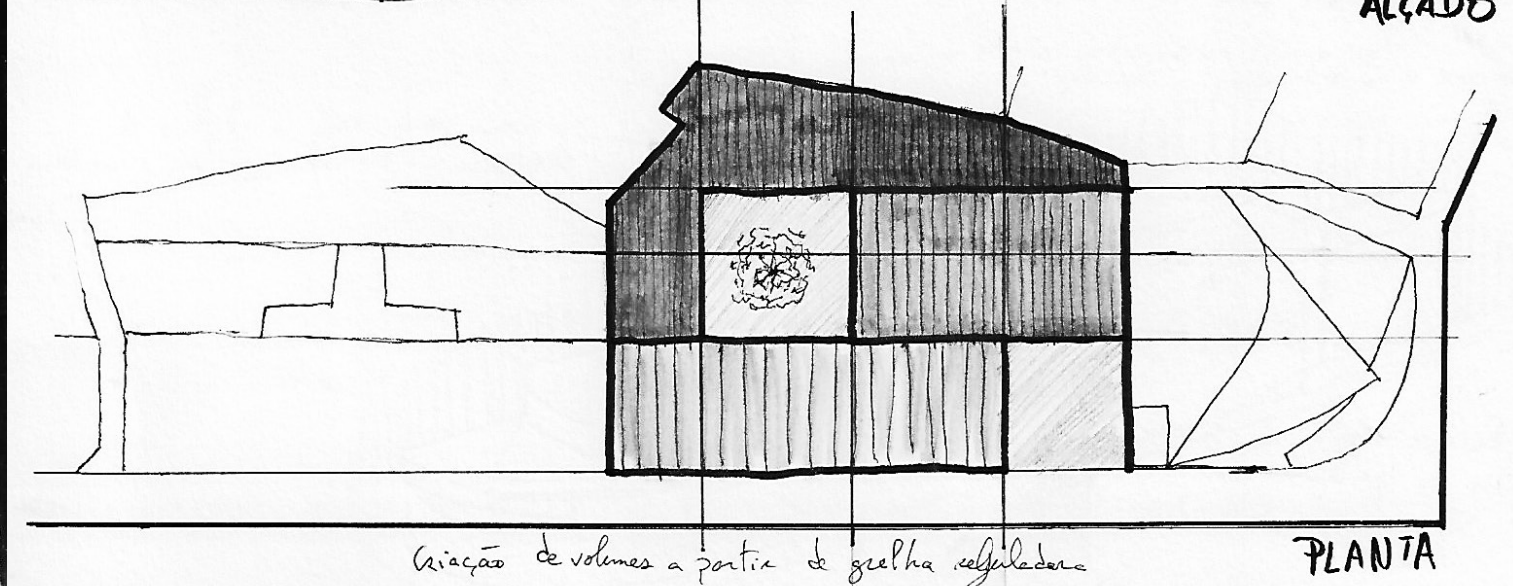
volumes que pode ou não existir, mas que ajuda a regularizar espaços exteriores e permite a criação de mais espaço interior

ALÇADO

PLANTA



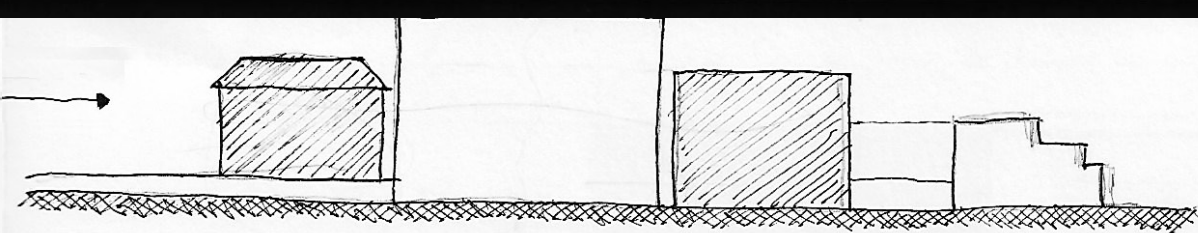
ALÇADO



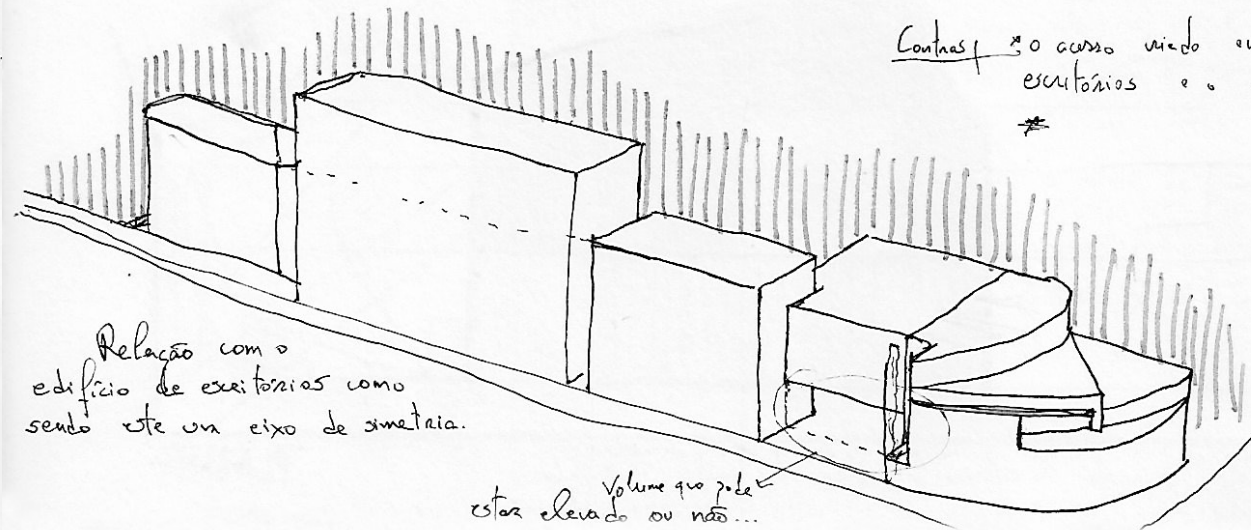
Criação de volumes a partir de grelha regularizada

ALÇADO

PLANTA



- Prós
- + Relaciona-se com os dois edifícios mas não se prende ao dos escritórios, no entanto acaba por fazer com que o mesmo se agarre ao terreno, visto que de momento não dá esse parecer
 - + relação que vai para além da relação com Sica.
 - + Pode ter a expressão do banco mas, ao não ligar-se com os escritórios, pode dar proximidade dessa linguagem.
 - + Equilíbrio geral em termos de alçado.

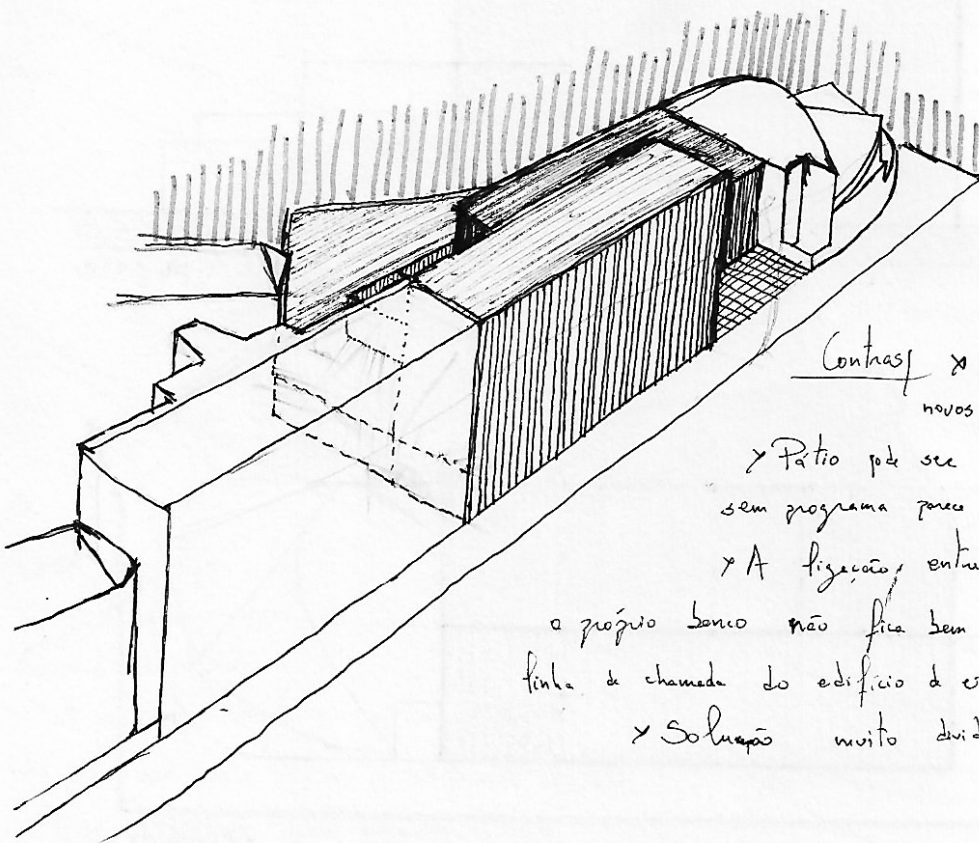


Contras * o curso vindo entre o edifício de escritórios e o volume que replica a academia

Relação com o edifício de escritórios como sendo este um eixo de simetria.

Volume que pode estar elevado ou não...

A grelha determine a volumetria, uma grelha à base de linhas de chamada das volumetrias que envolvem o terreno.

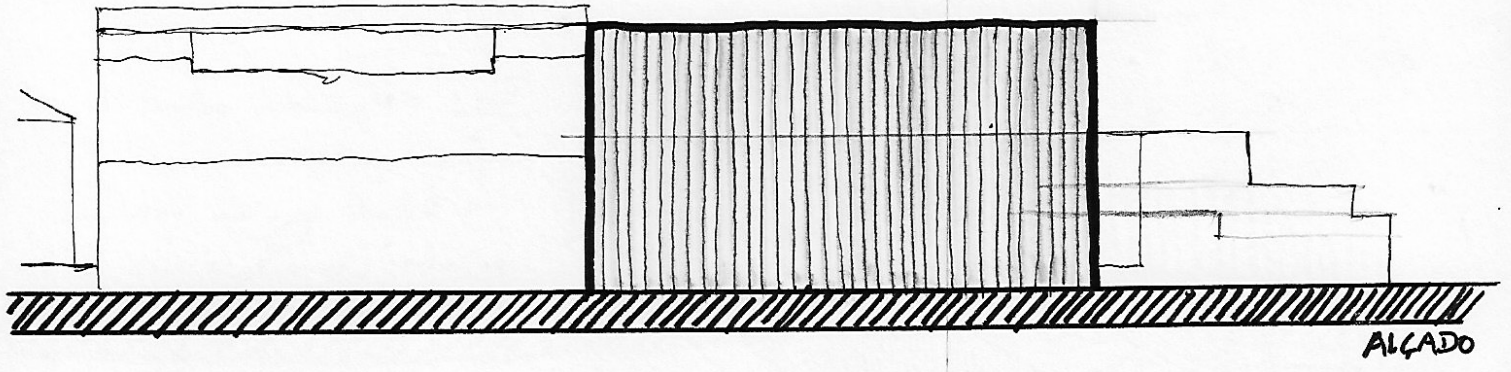


Prós + Regularidade extrema de formas e espaços.

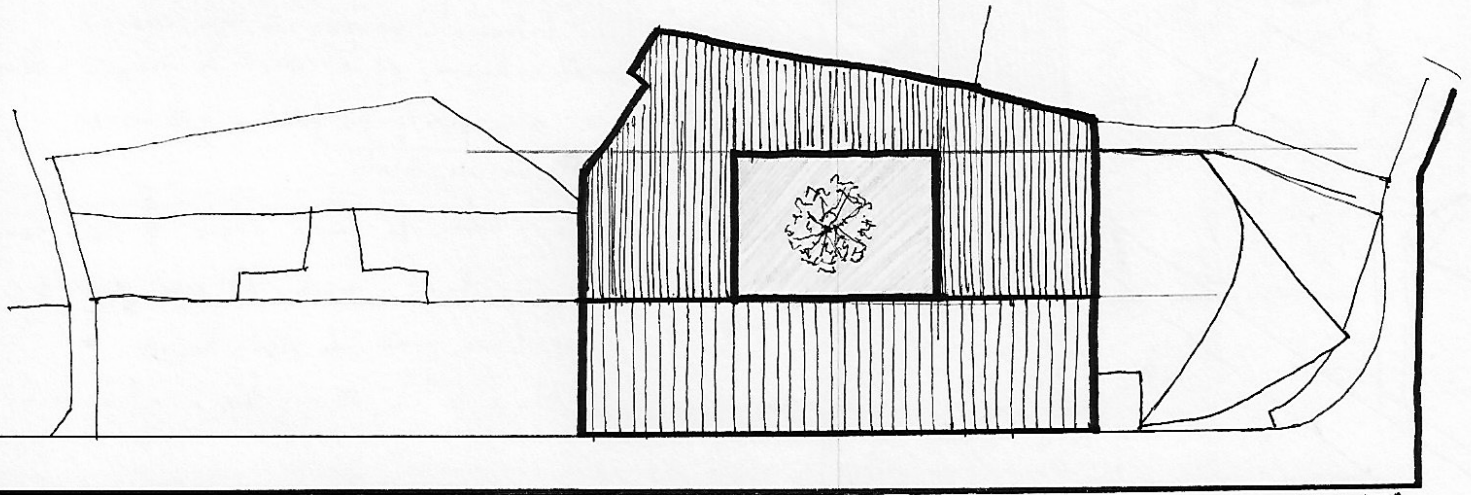
- + Relação de cerca com ambos os volumes (banco e escritórios)

Contras

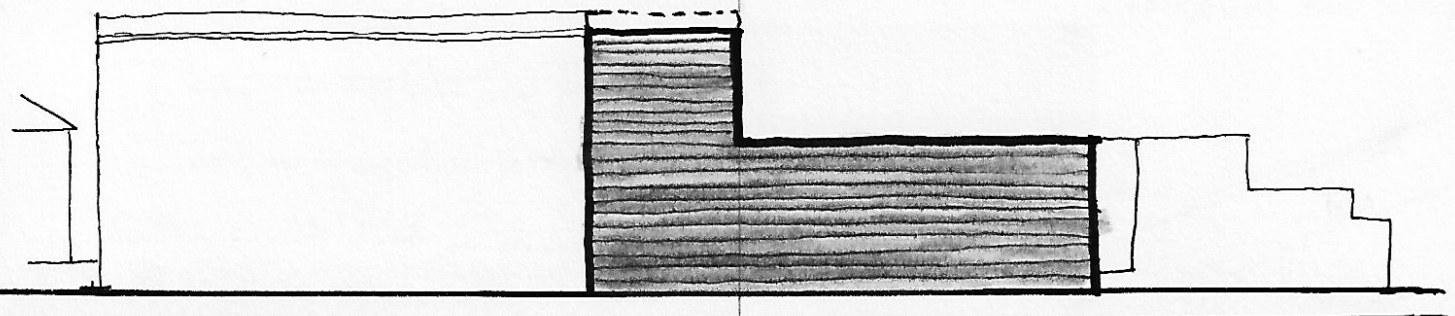
- * Extremamente maciço, não cria espaços novos exteriores, só o espaço de recepção exterior.
- * Patio pode ser mais privado que público, pelo menos sem programa parece ter esse intuito.
- * A ligação entre o volume da mesma cerca do banco com o próprio banco não fica bem concretizada, devido ao seguimento da linha de chamada do edifício de escritórios e não do próprio banco.
- * Solução muito dividida e partida, no que toca à volumetria.



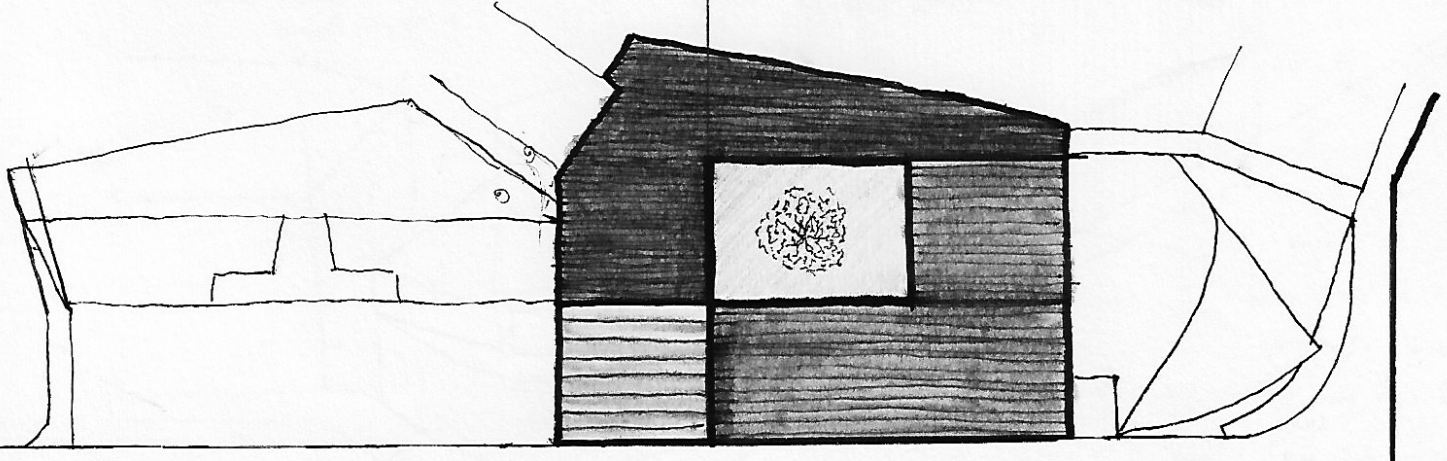
ALÇADO



PLANTA

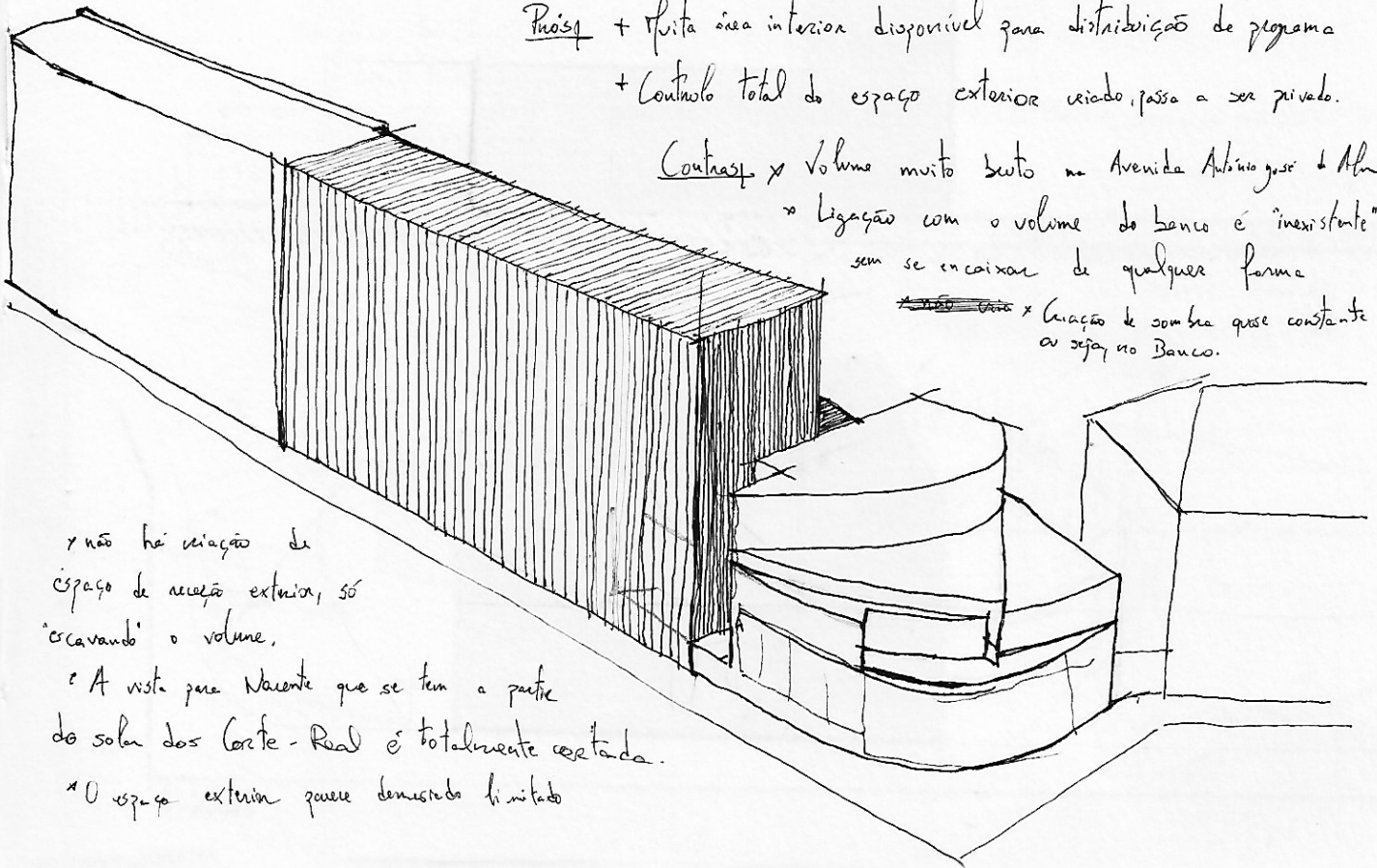


ALÇADO



PLANTA

Ocupação total do terreno e criação de um pátio central exterior. Ligação em linha apenas com o edifício de escritórios.



Prós + Plata área interior disponível para distribuição de programa
+ Controlo total do espaço exterior criado, passa a ser privado.

Contras x Volume muito baixo na Avenida António José de Almeida
x Ligação com o volume do banco é "inexistente" ou ignorada sem se encaixar de qualquer forma
~~o volume~~ x Criação de sombra quase constante a Norte, ou seja, no Banco.

x não há criação de espaço de recepção exterior, só "excavando" o volume.

x A vista para Norte que se tem a partir do solar dos Corte-Real é totalmente cortada.

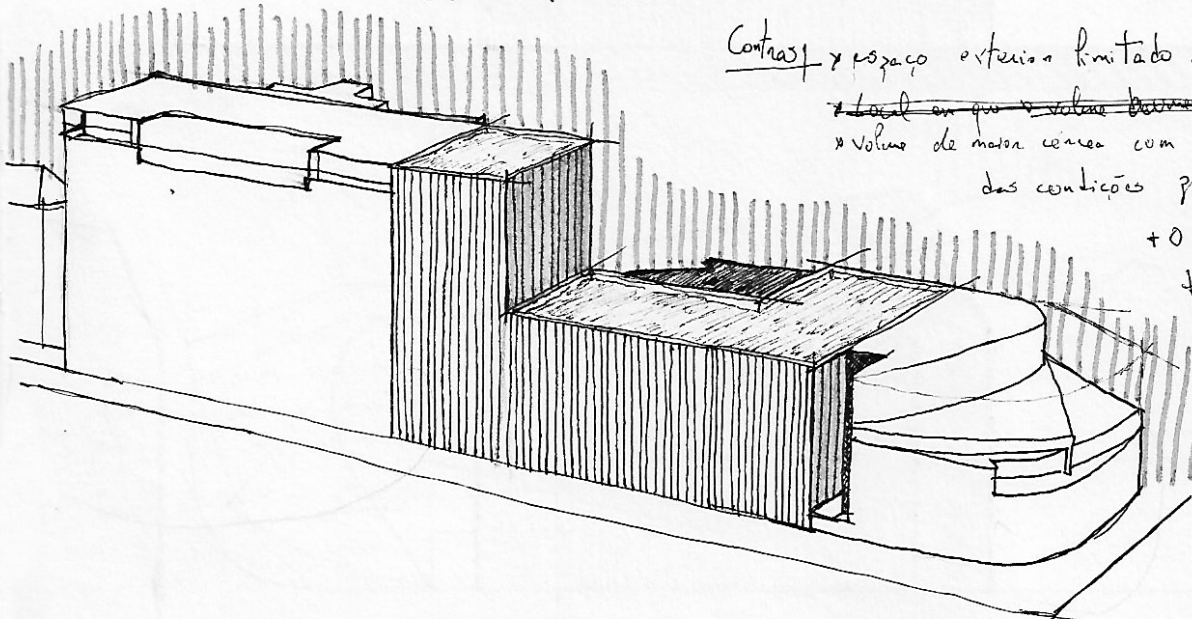
x O espaço exterior parece demasiado limitado

Ocupação geral como solução anterior mas relação com cénicas dos dois edifícios de Álvaro Siza.

Prós + Resolve o problema da proposta anterior, e passamos a ter relação de cénica com os dois edifícios de Siza.

+ Espaço exterior controlado e bem iluminado a partir do meio dia.

+ Jogo de formas ganha mais sentido tendo um "L" em planta conjugado com um "L" em alçado

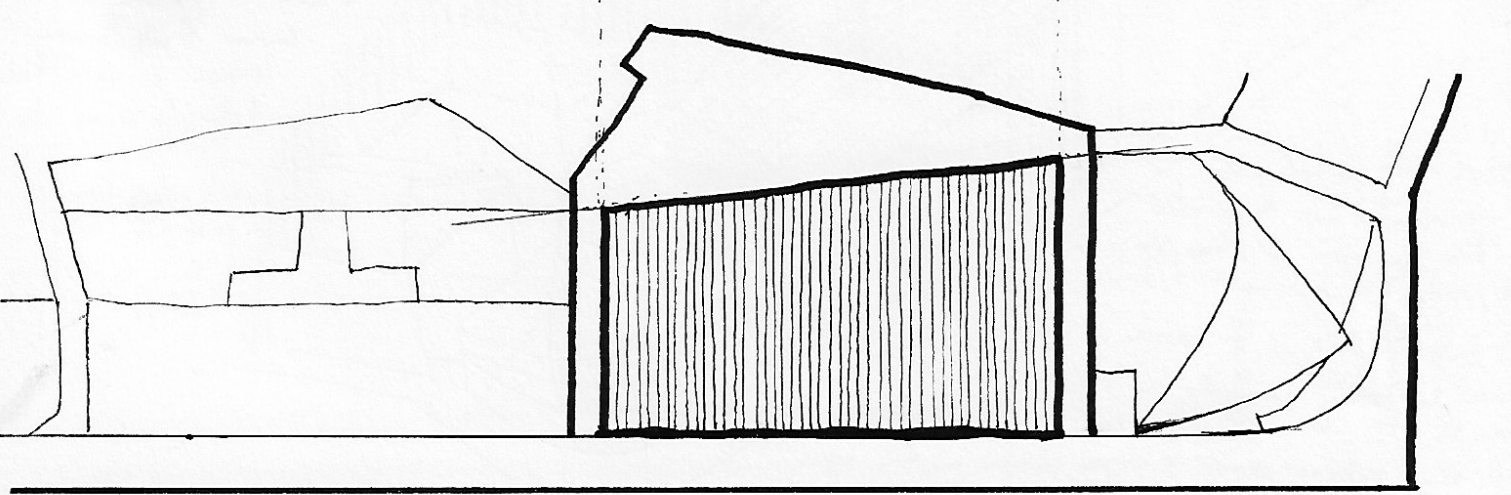
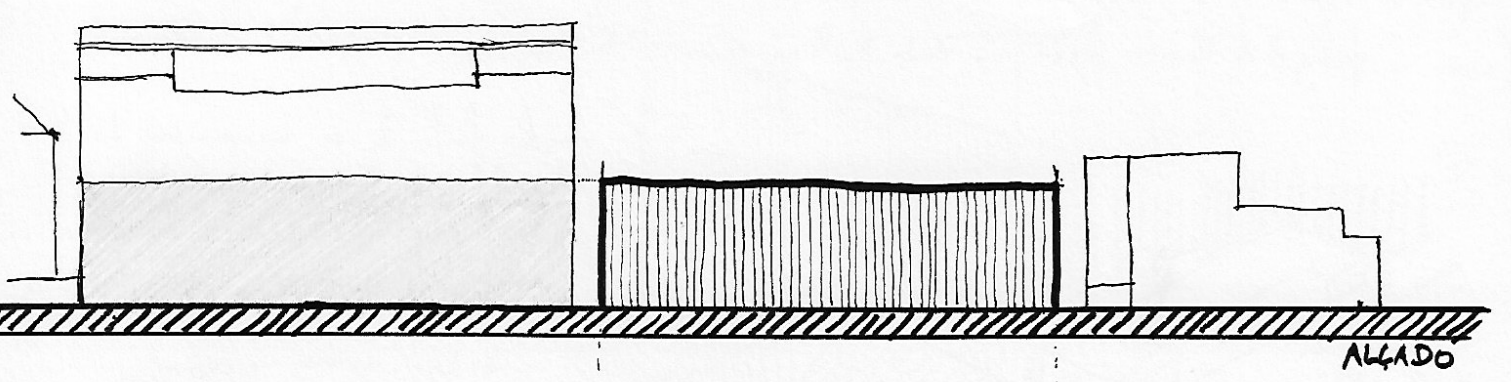
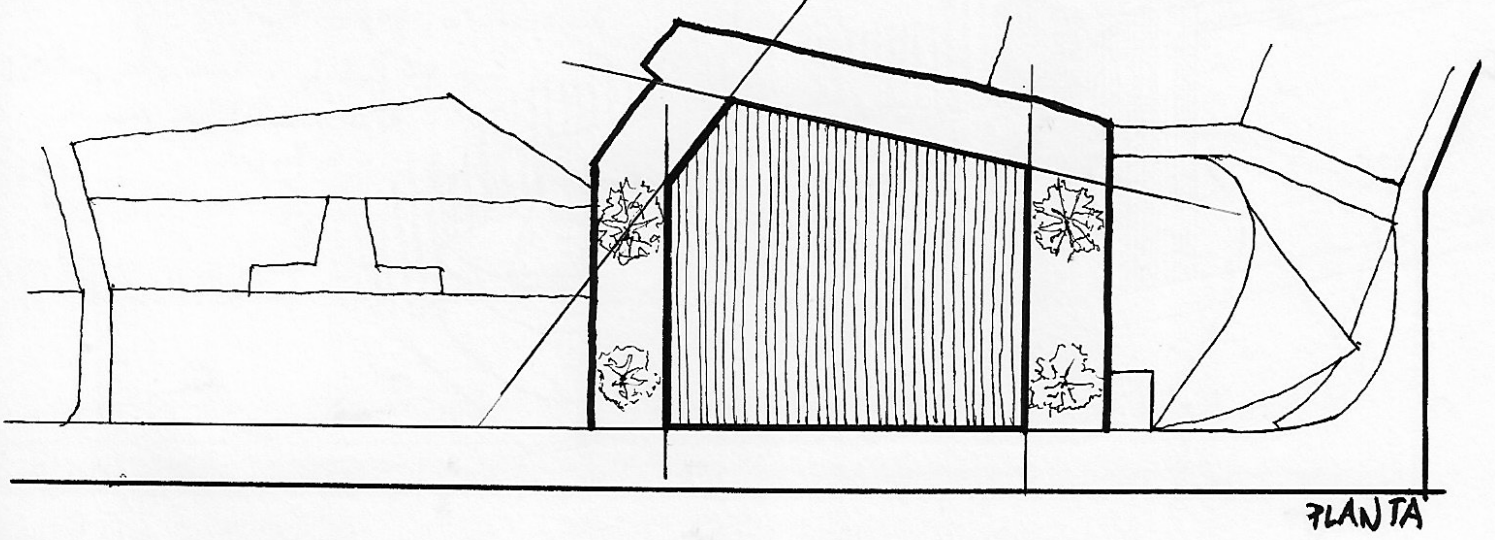
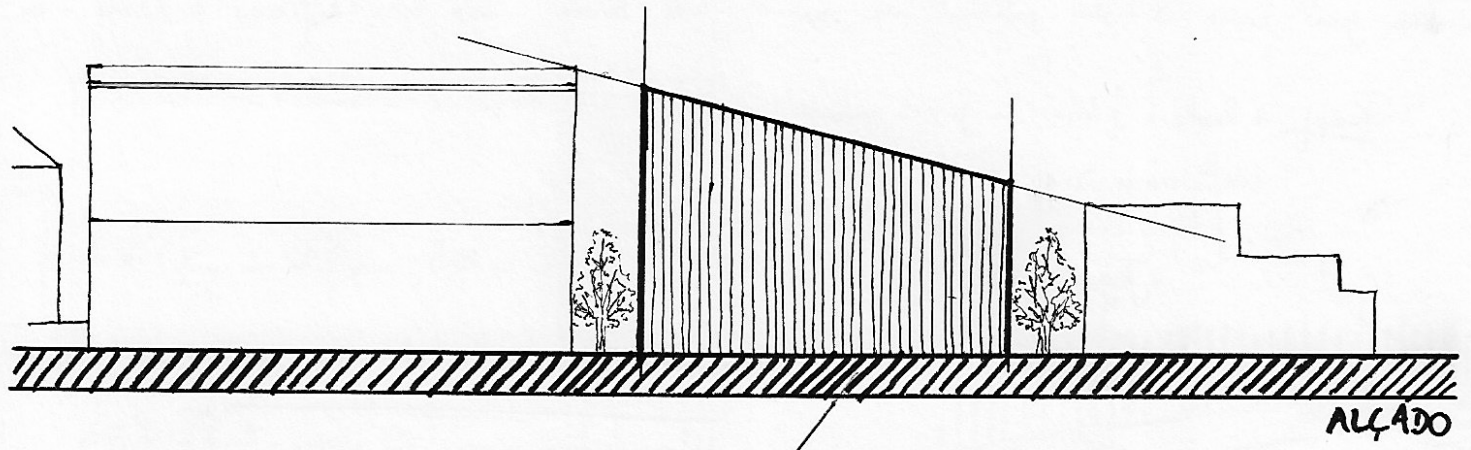


Contras x espaço exterior limitado e apenas um.

~~Local em que o volume do banco e cénica~~

x Volume de massa cénica com espaço limitado, depende das condições programáticas.

+ O facto de o terreno estar praticamente todo preenchido não parece ser a melhor solução.

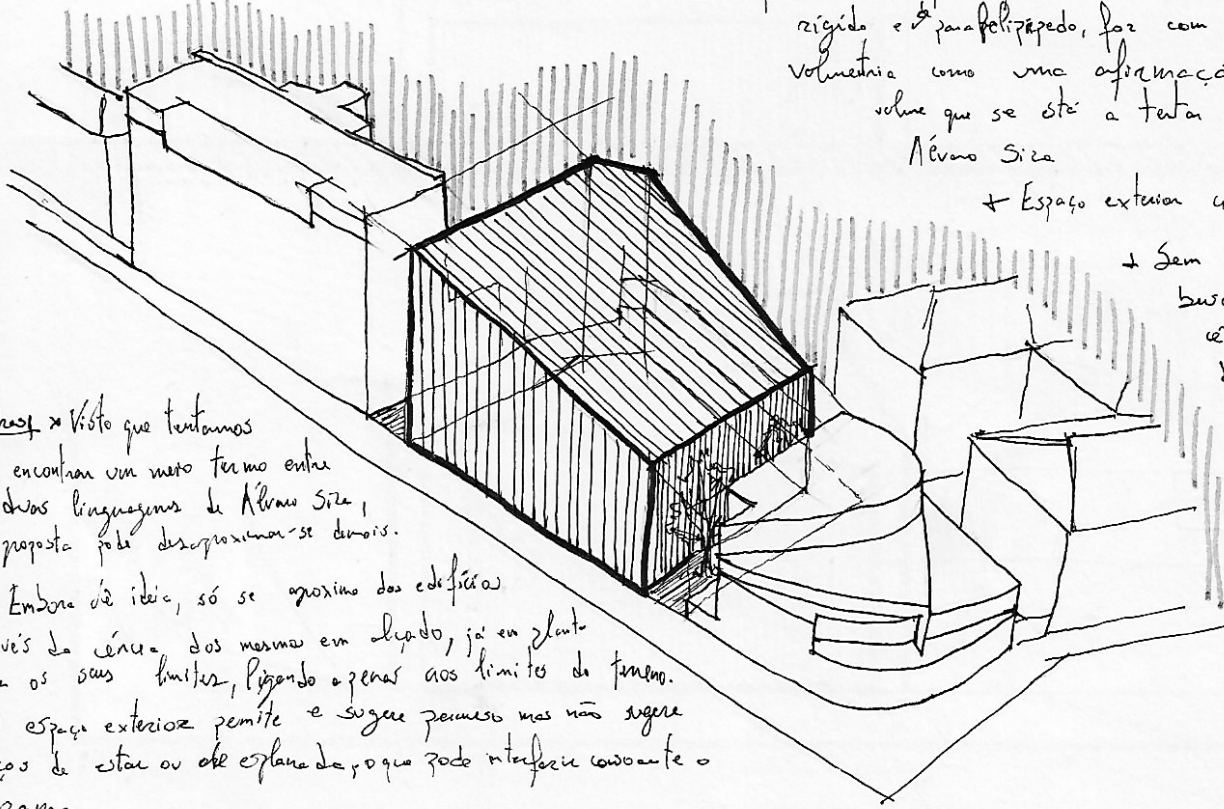


A forma do terreno determina a forma do edifício, criando maior plasticidade (como os Guggenheim & de Neuron fazem no Trade Building ou em Scharlager, por exemplo)

Prós + O simples facto de se desaproximar da forma rígida e do paralelepípedo, faz com que vejamos a volumetria como uma afirmação e não como um volume que se está a tentar encaixar e replicar
 Álvaro Siza

+ Espaço exterior completamente público
 + Sem se juntar vai buscar ligação com a cidade e com linhas delimitadoras do terreno.
 + Só pelo volume já parece que temos a ideia de edifício público.

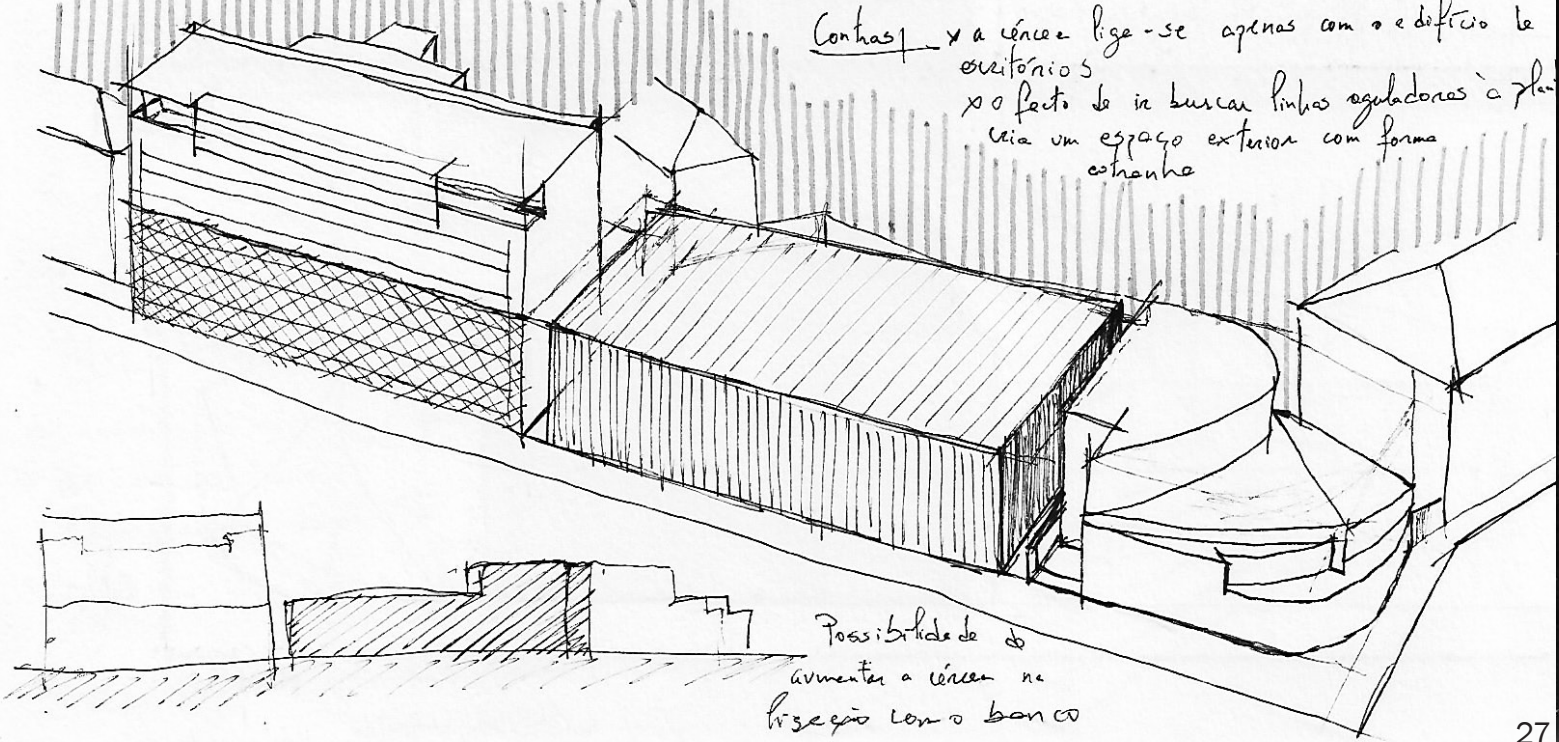
Contras + Visto que tentamos encontrar um meio termo entre duas linguagens de Álvaro Siza, a proposta pode desaproximar-se demais.
 + Embora de ideia, só se aproxima dos edifícios através da cidade, dos mesmos em altura, já em planta ignora os seus limites, ligando apenas aos limites do terreno.
 + O espaço exterior permite e sugere percursos mas não sugere espaços de estar ou de esplanada, o que pode interferir com o programa.



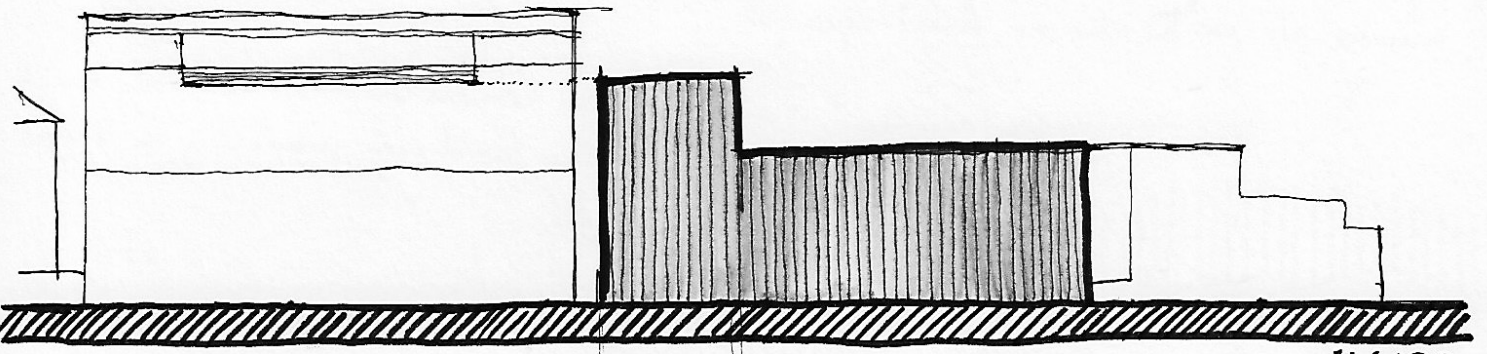
Ligação volumétrica ~~com~~ com os dois primeiros pisos do edifício de escritórios Ferreira de Castro, marcados pelo uso de pedra na fachada principal.

Prós + Criação de espaços exteriores com dois acessos pela Avenida
 + Estabilidade volumétrica, concentração programática em 2 pisos num único volume.

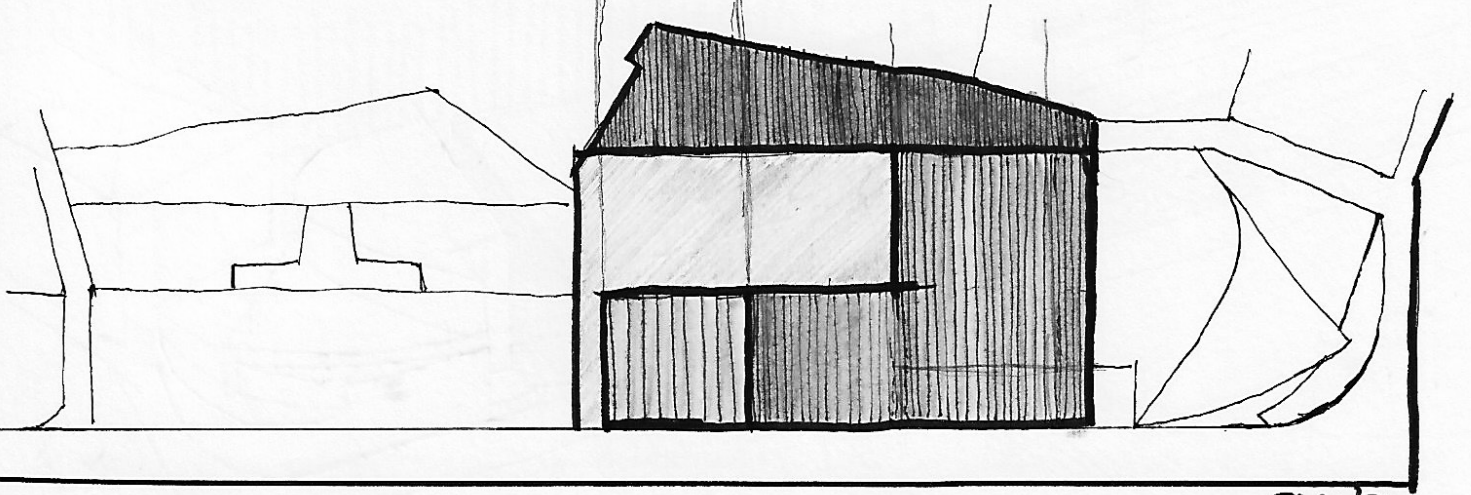
Contras + a cidade liga-se apenas com o edifício de escritórios
 + o facto de se buscar linhas reguladoras à planta cria um espaço exterior com forma estranha



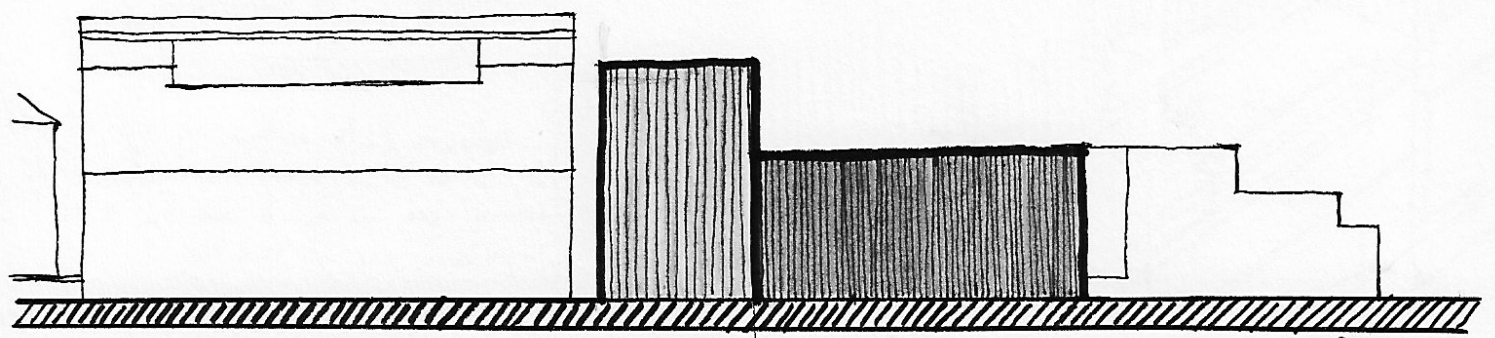
Possibilidade de aumentar a cidade na ligação com o banco



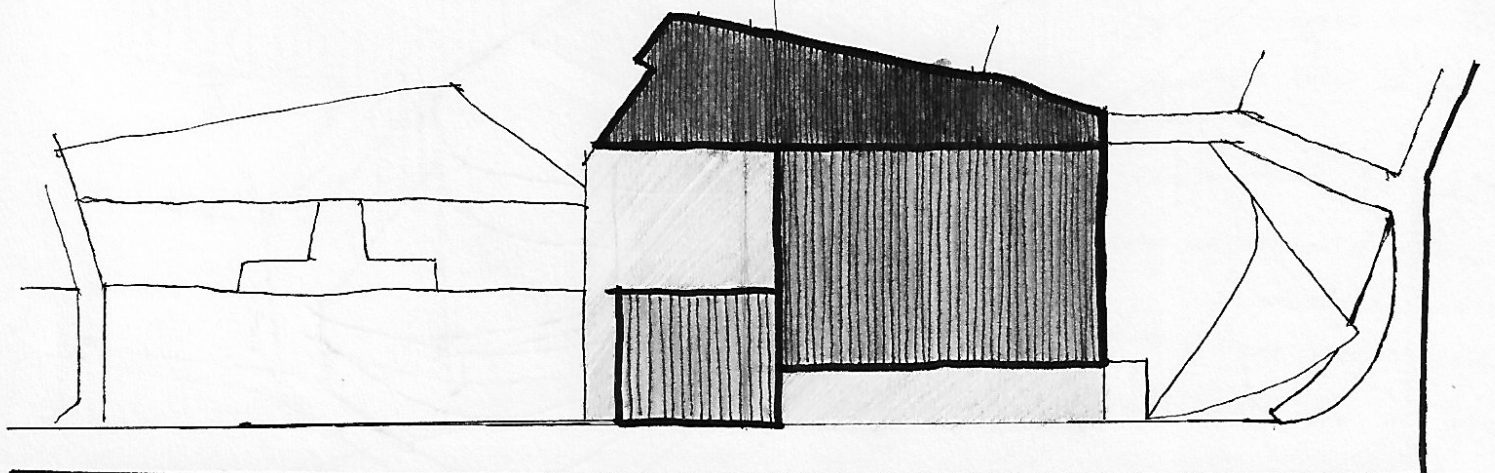
ALÇADO



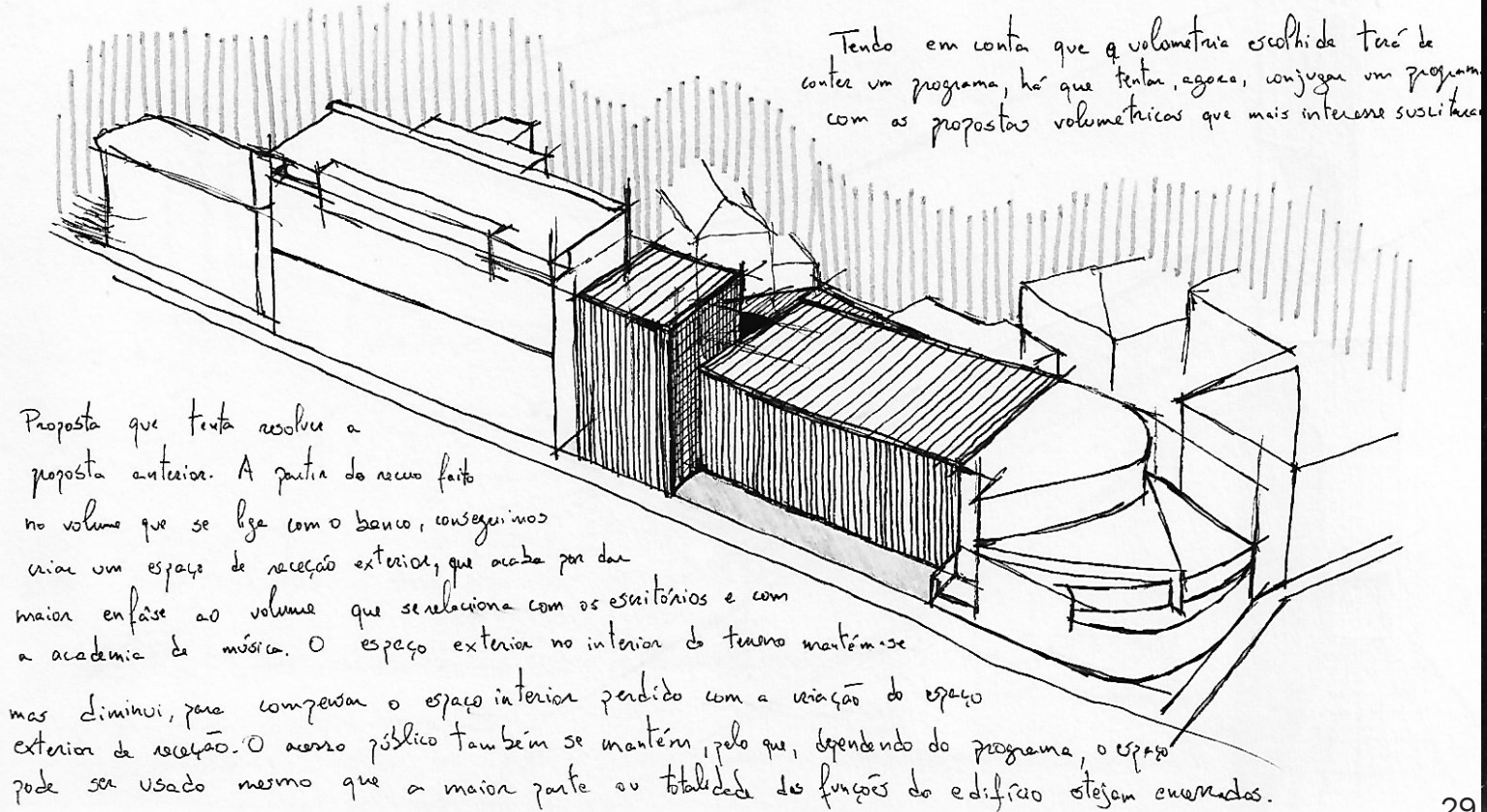
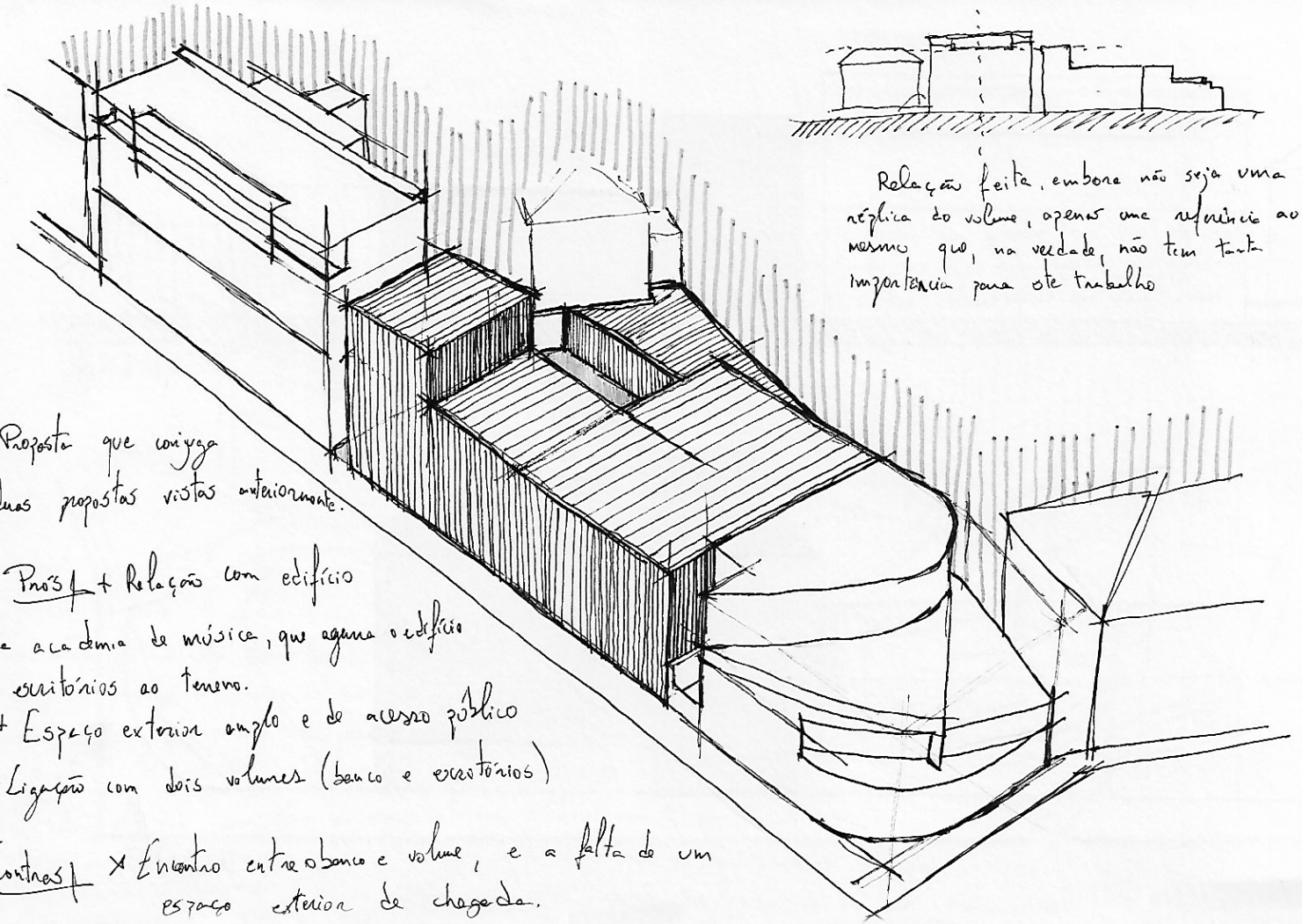
PLANTA

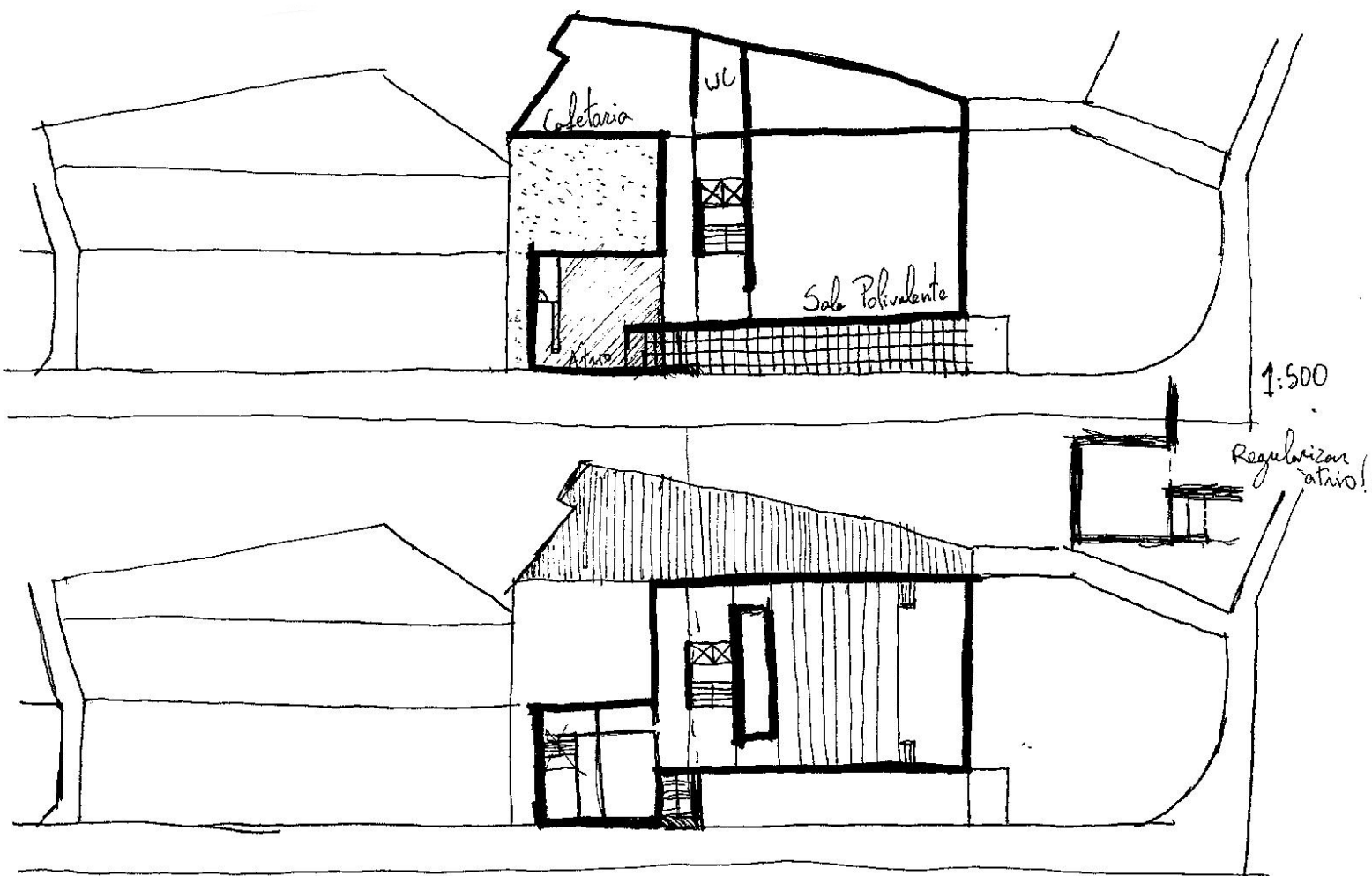
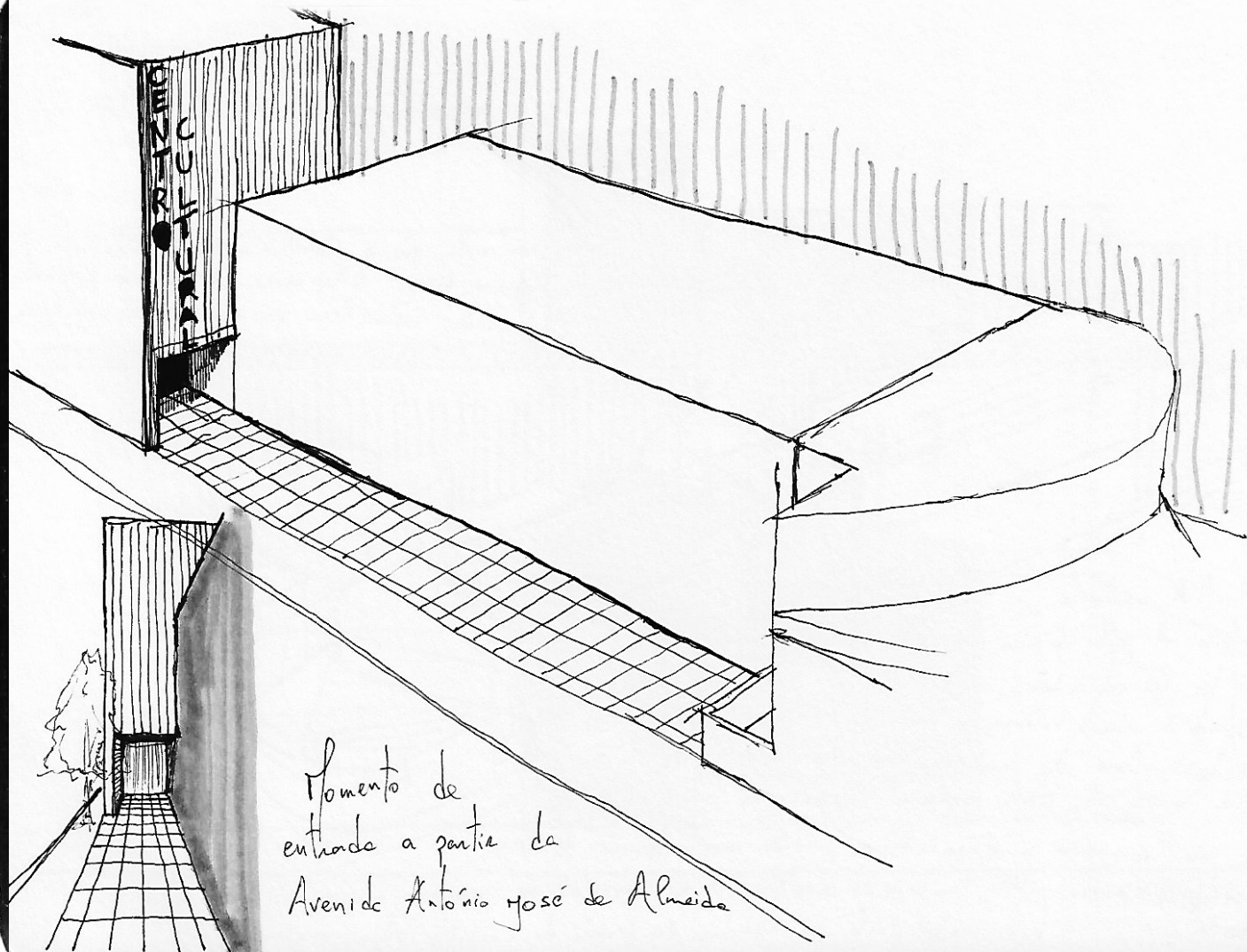


ALÇADO



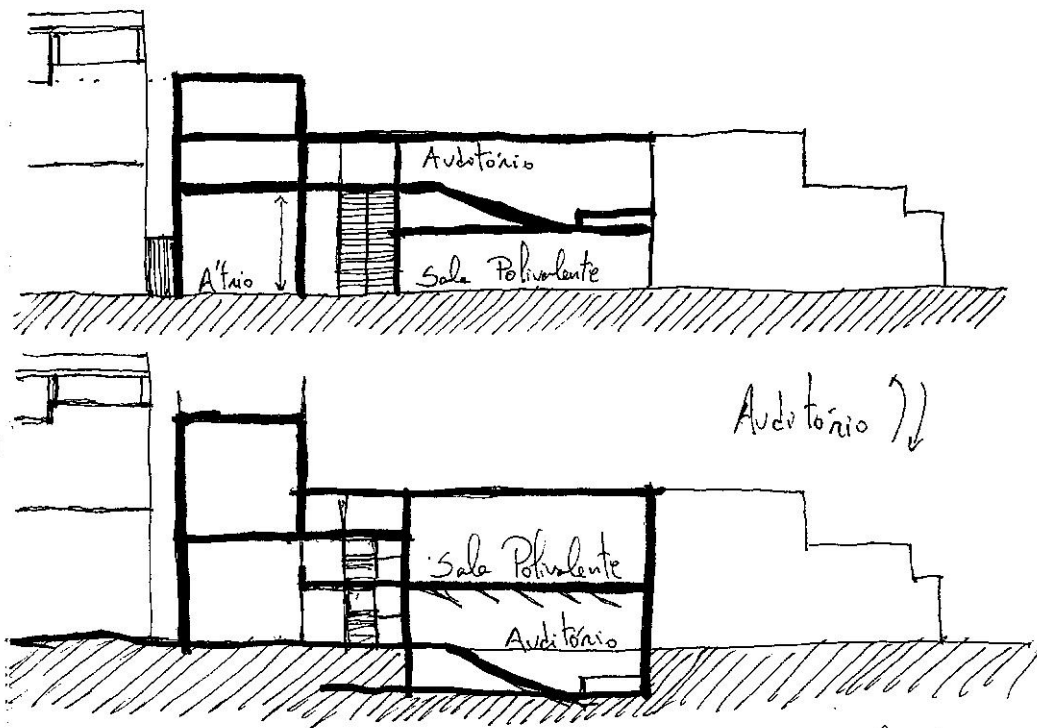
PLANTA



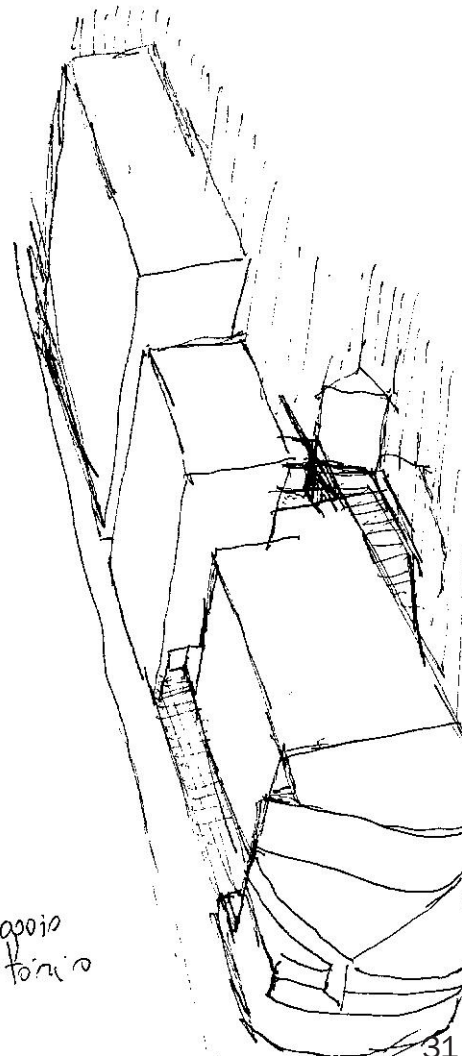
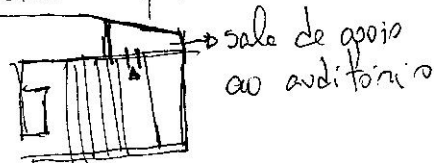


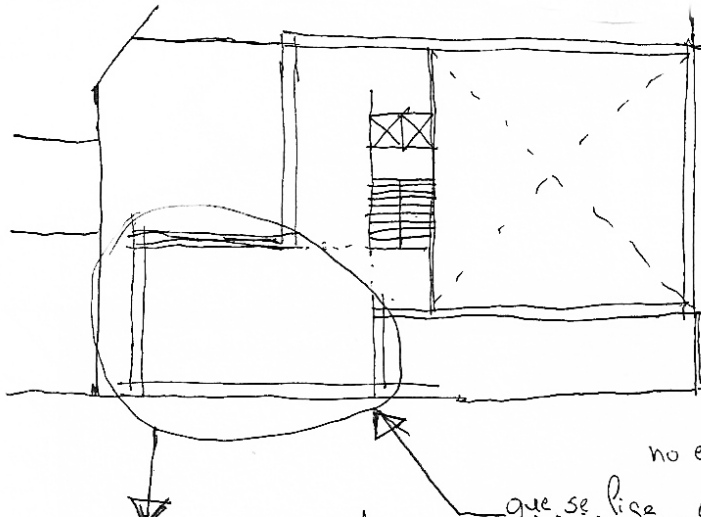
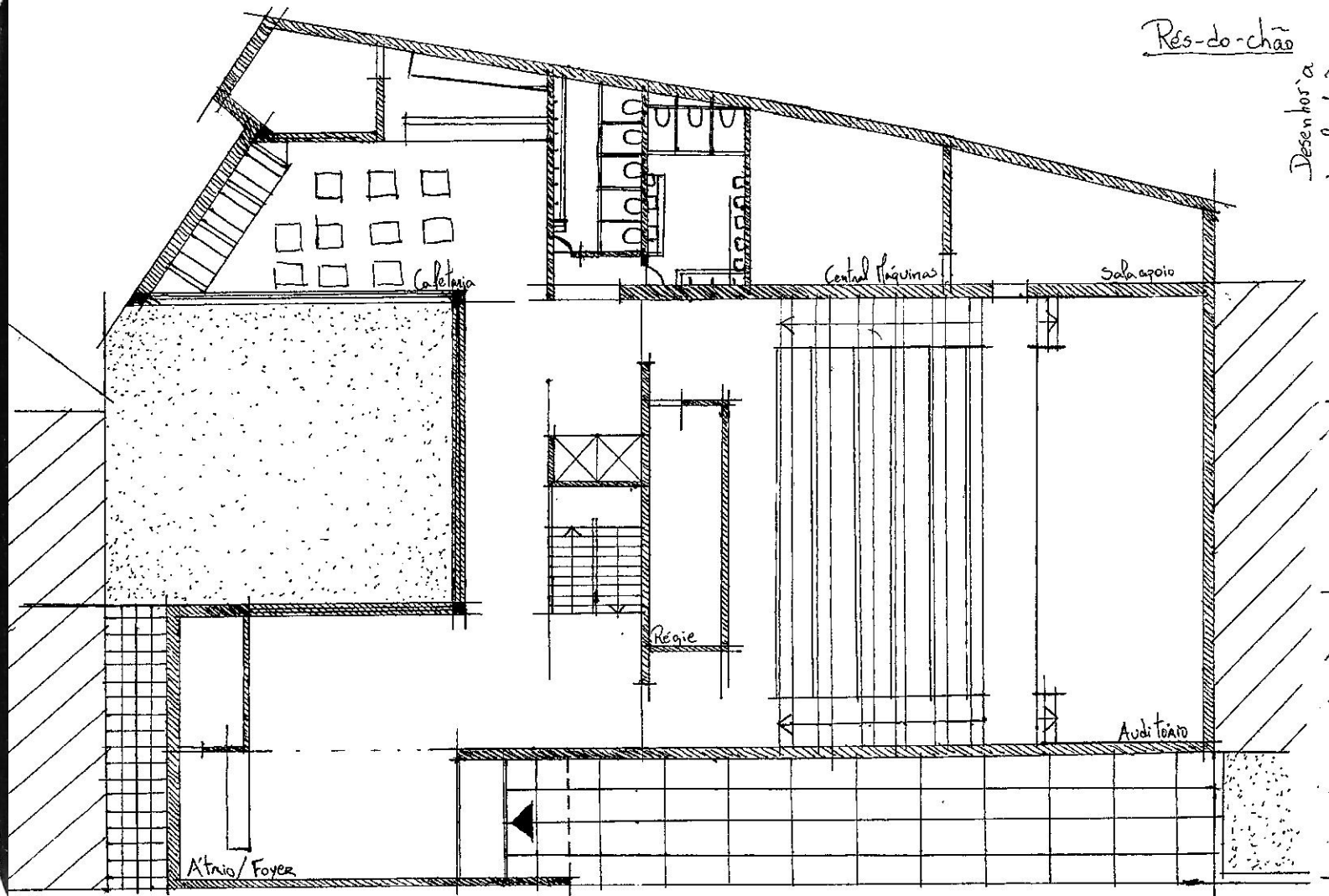
Centro Cultural / Casa da Criatividade de Obreira de Azemeis.

- Foyer/Atrio (com paravento & Salção de atendimento)
- Espaço para os serviços administrativos
- Sala polivalente / Auditorio ^{100 lugares} (podem ser espaços separados ou ~~em~~ um único espaço, dependendo do projeto)
- Sala de apoio ao auditorio e regie.
- Cafetaria
- Areas de serviço (instalações sanitárias gerais / sala do pessoal, vestíbulos e instalação sanitárias)
- Area técnica (UTAS / Central técnica / Chiller / Cisterna e Grupo de Bombagem de água)
- ~~Salas~~ Salas/estúdios (salas ^{de ensaio ou estúdios de arte} para uso de artistas)
 - ↳ Pode incluir-se ou não, dependendo do espaço disponível.

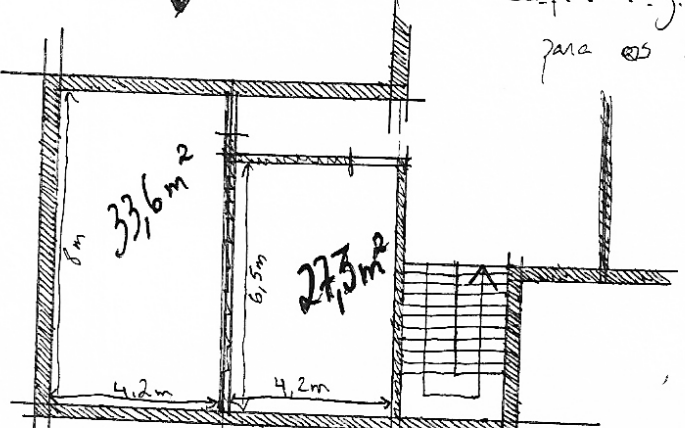


Ao colocar o auditorio ganhamos espaço para a sala de apoio, e a sala polivalente fica com pé direito duplo



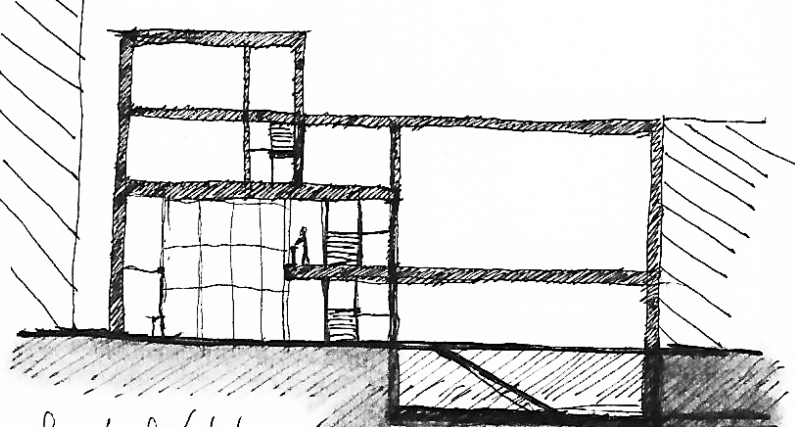


A sala polivalente pode ter piso duplo, sendo que no primeiro piso se acede à sala e no Foyer temos um mezanino sobre o hall de entrada (háis do chão). No segundo piso a sala polivalente ganha pé-direito duplo e ~~acemos~~ acemos ao último piso do volume que se liga ao banco, no entanto temos ainda dois pisos no volume que se liga com as escritórias. No programa falta ainda espaços para os serviços administrativos e, se possível, estúdios.

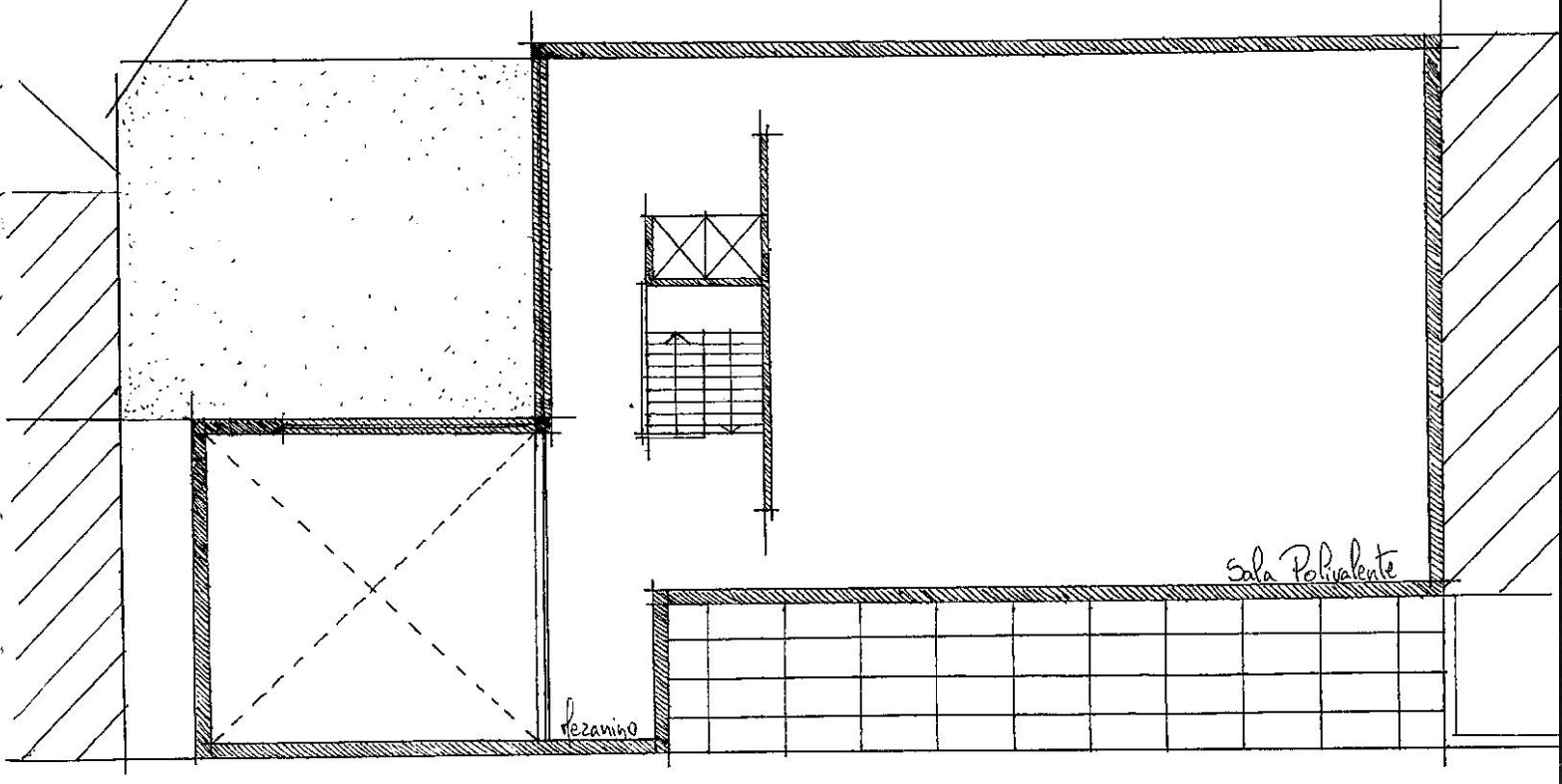


dois espaços possíveis de mais divisões

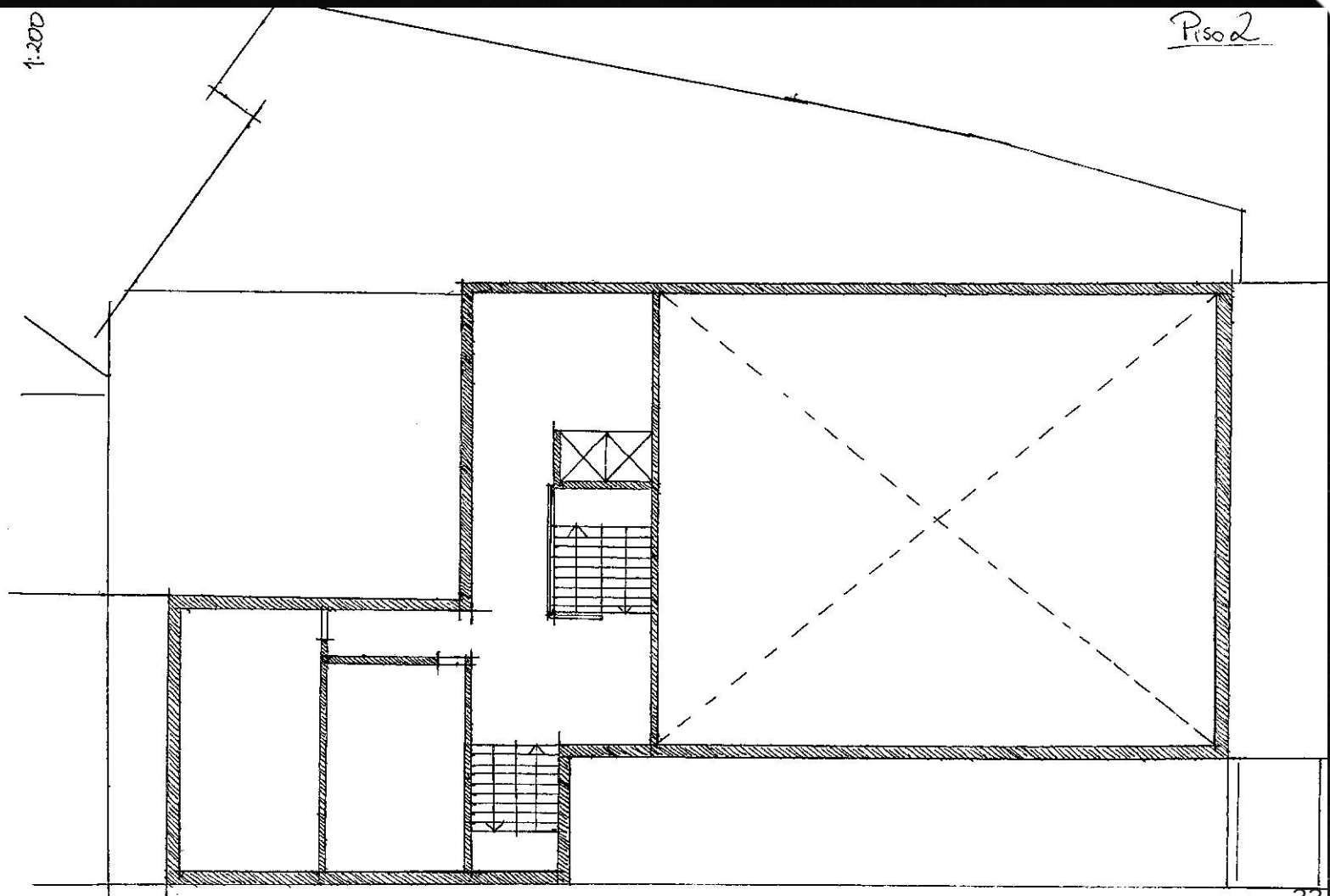
Podem ser 2 salas por piso, logo 4 salas/estúdios

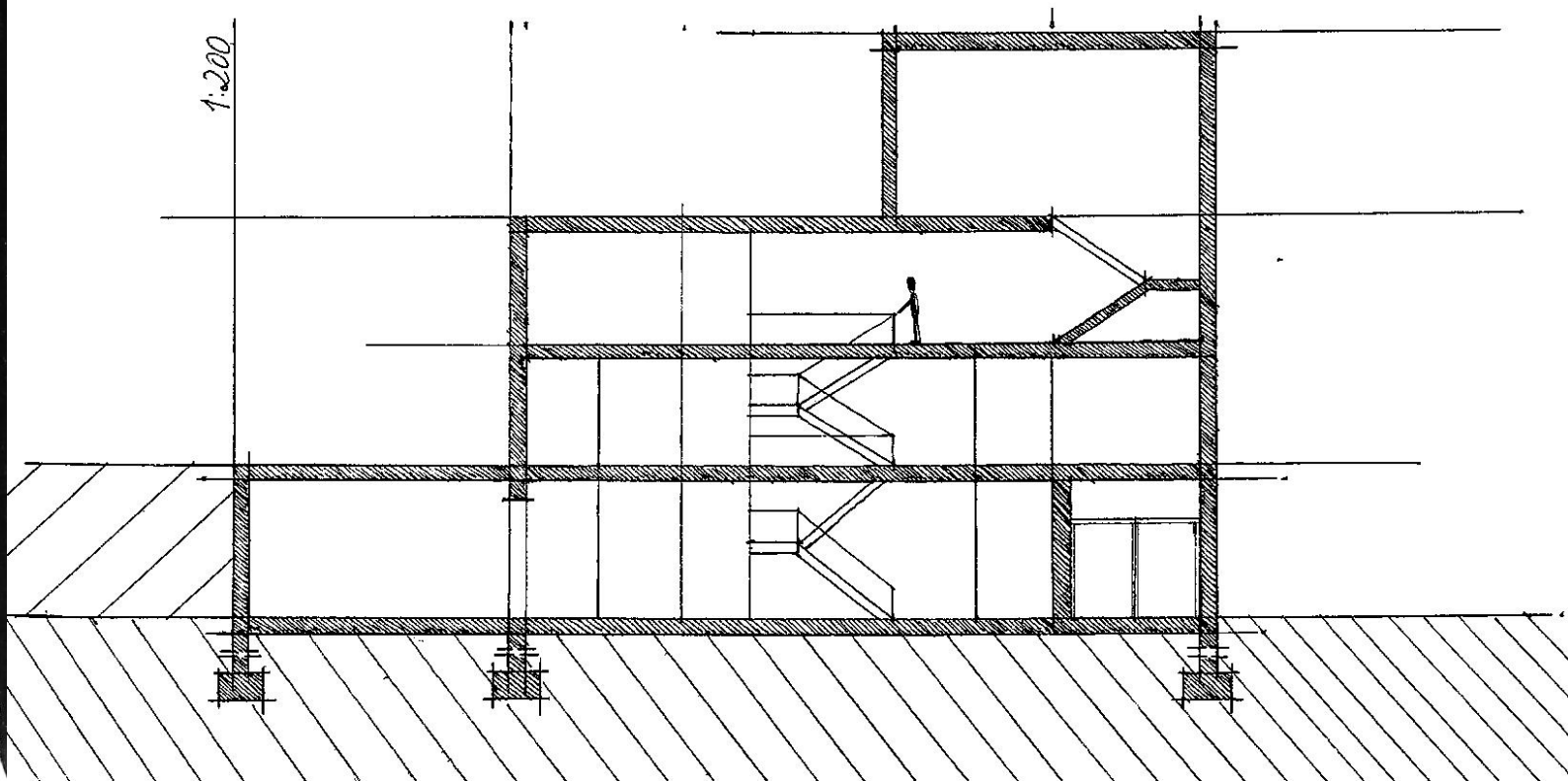


escala 1:200



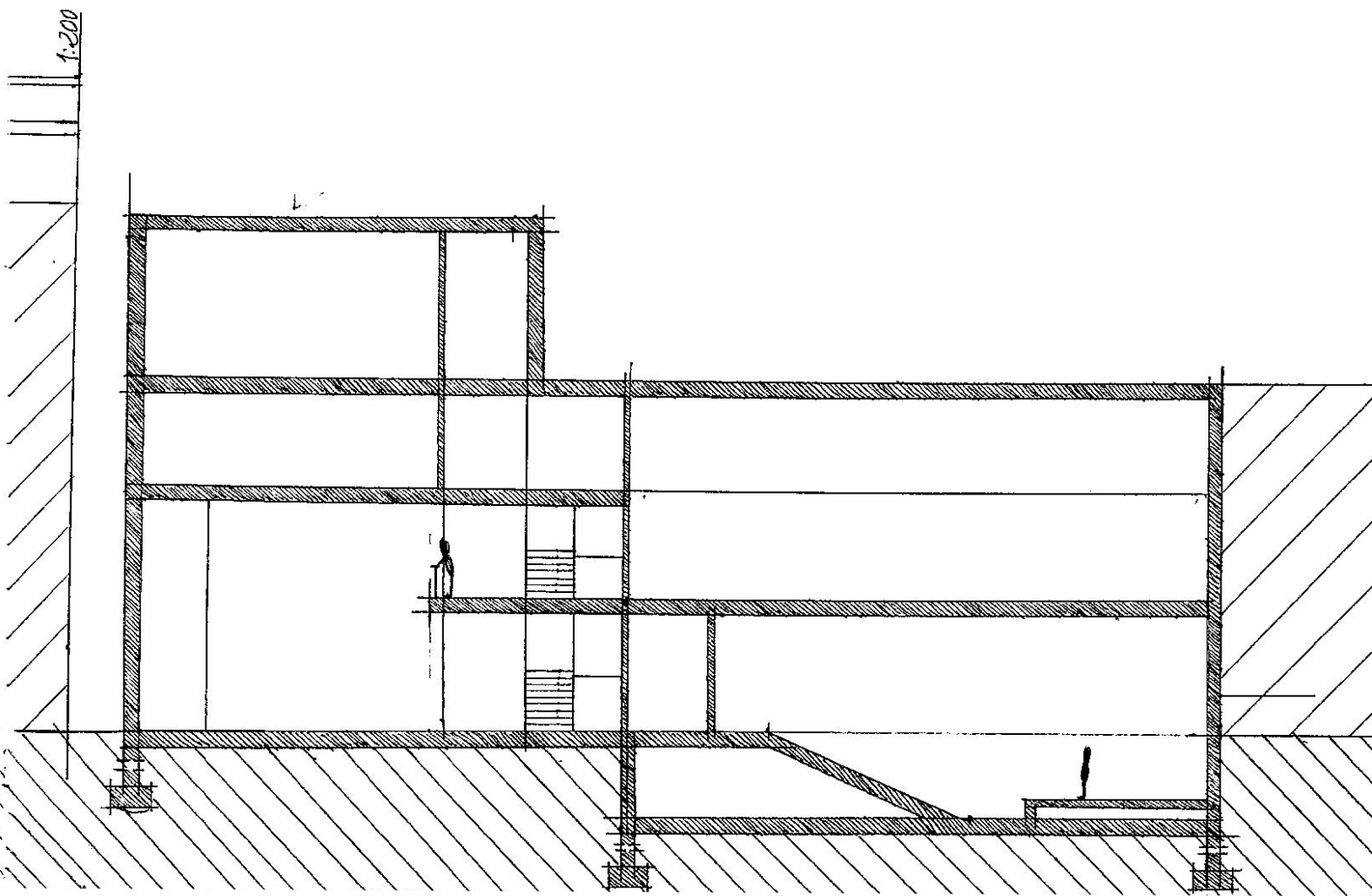
1:200



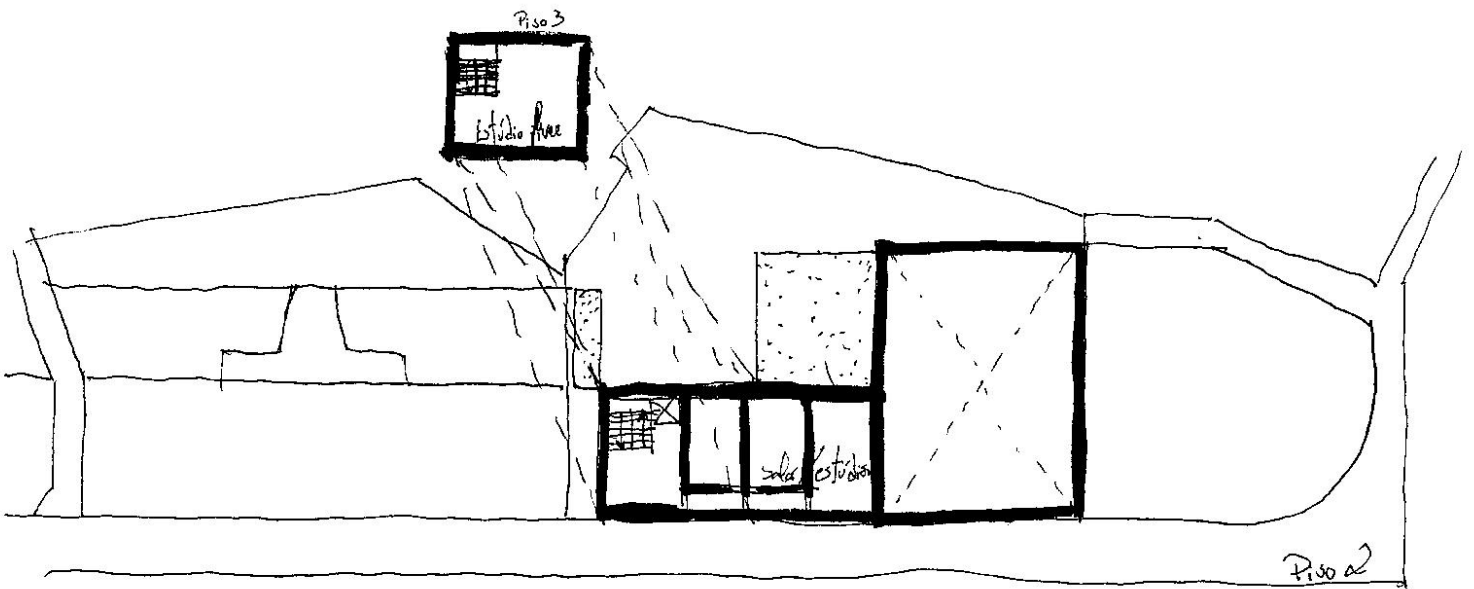
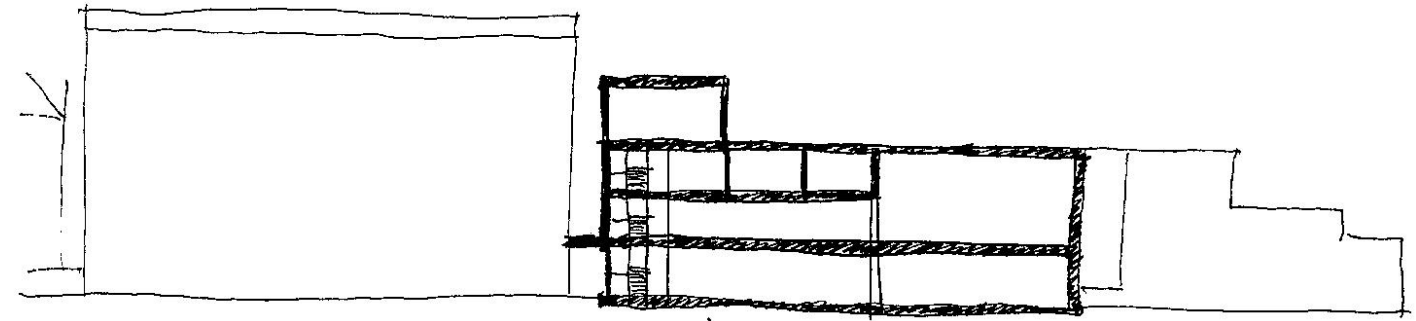
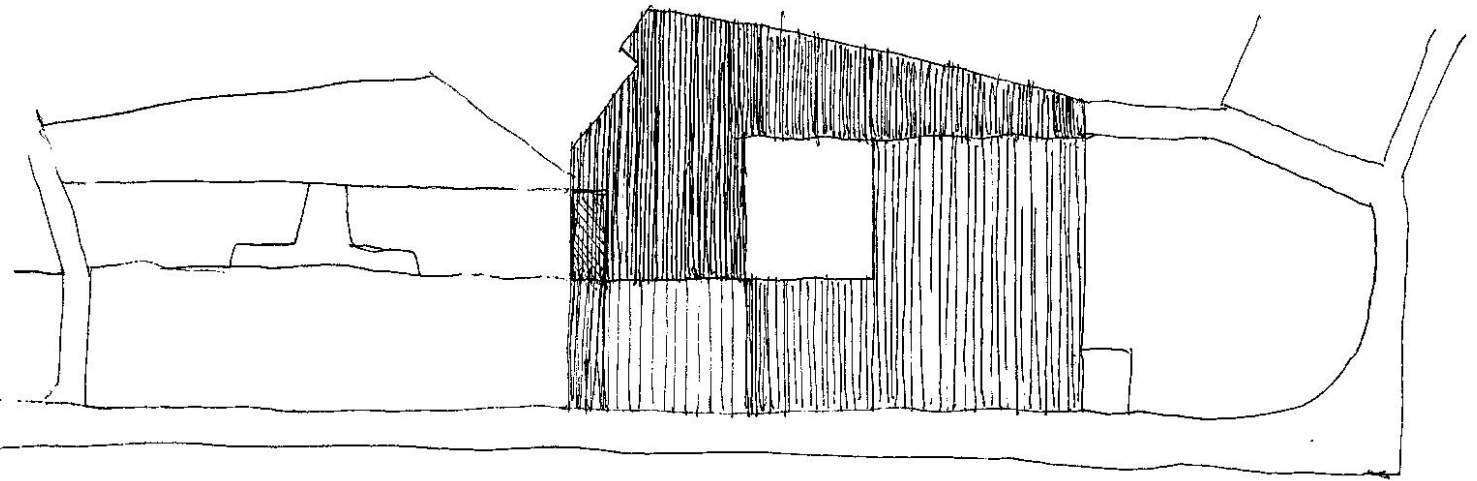
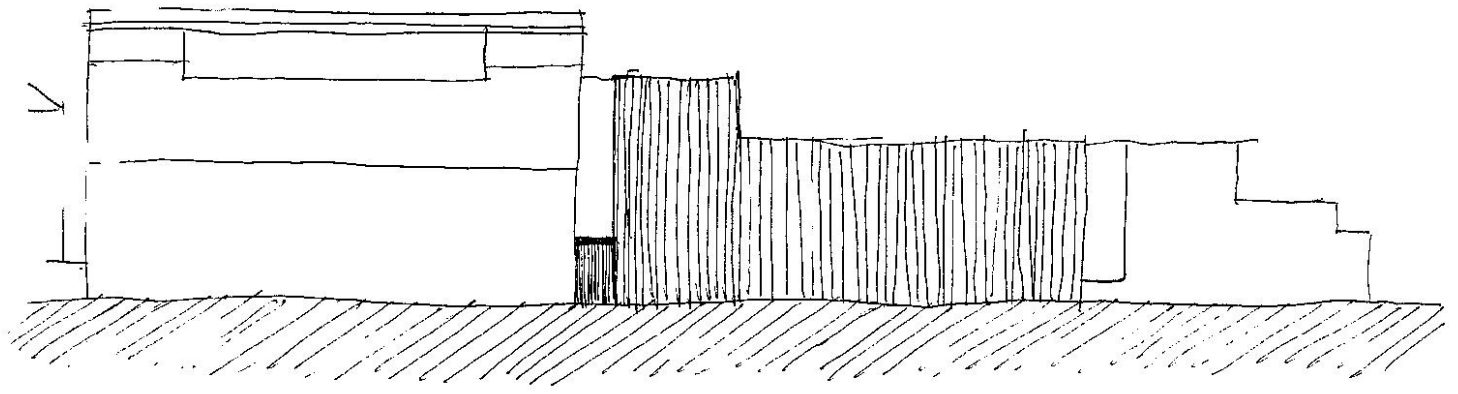


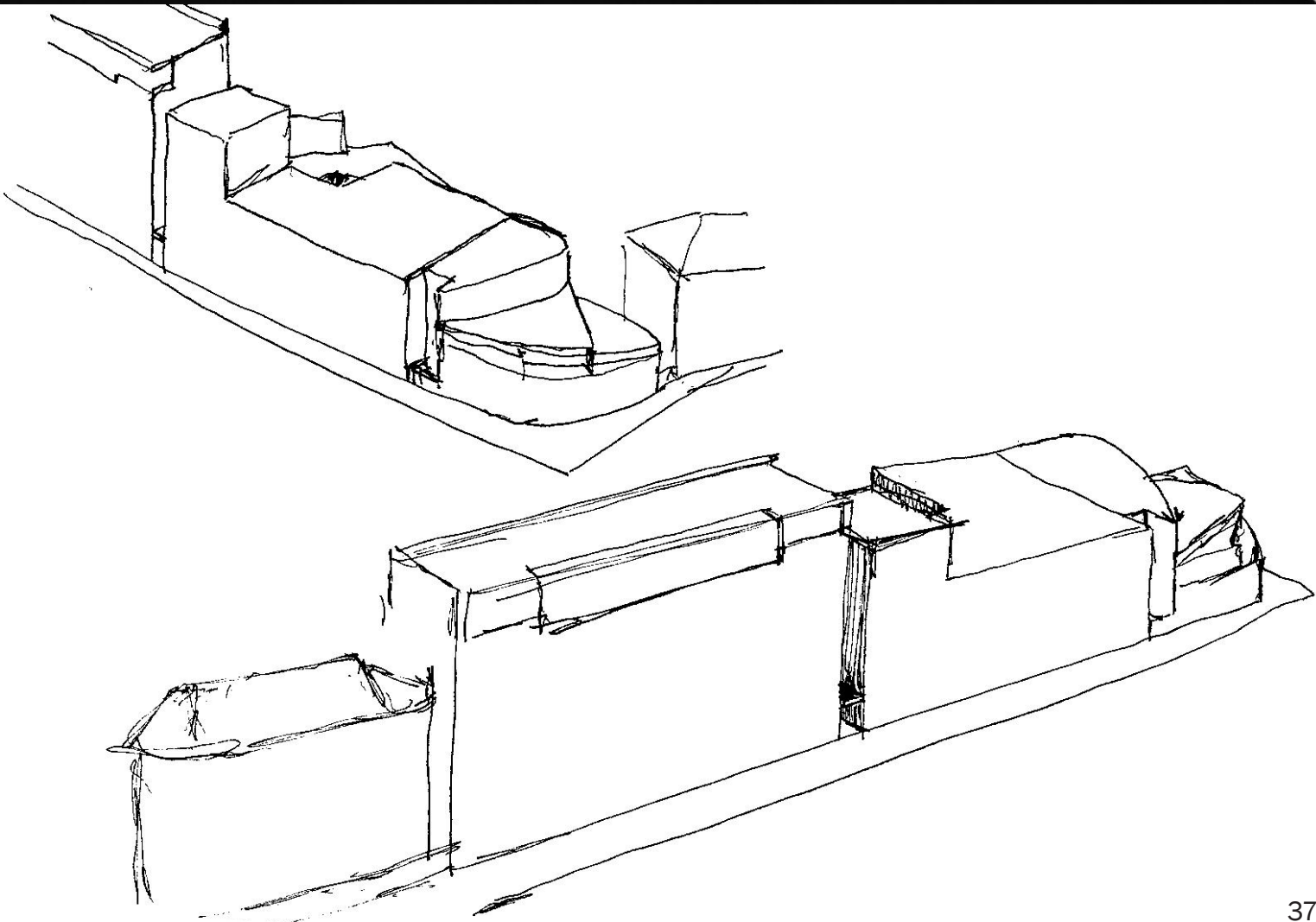
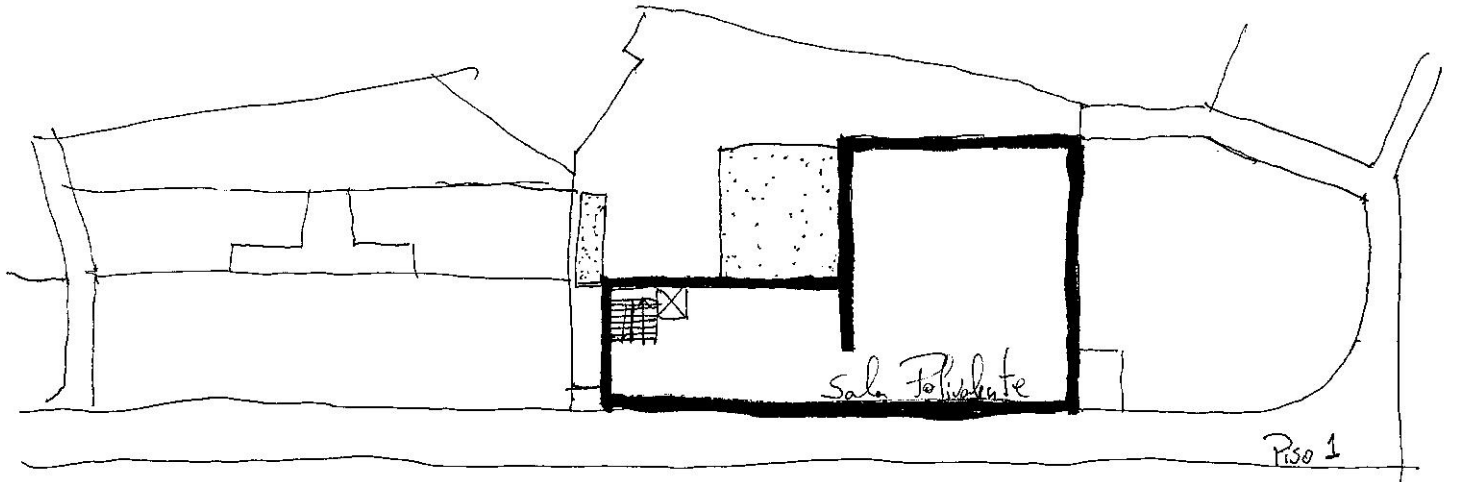
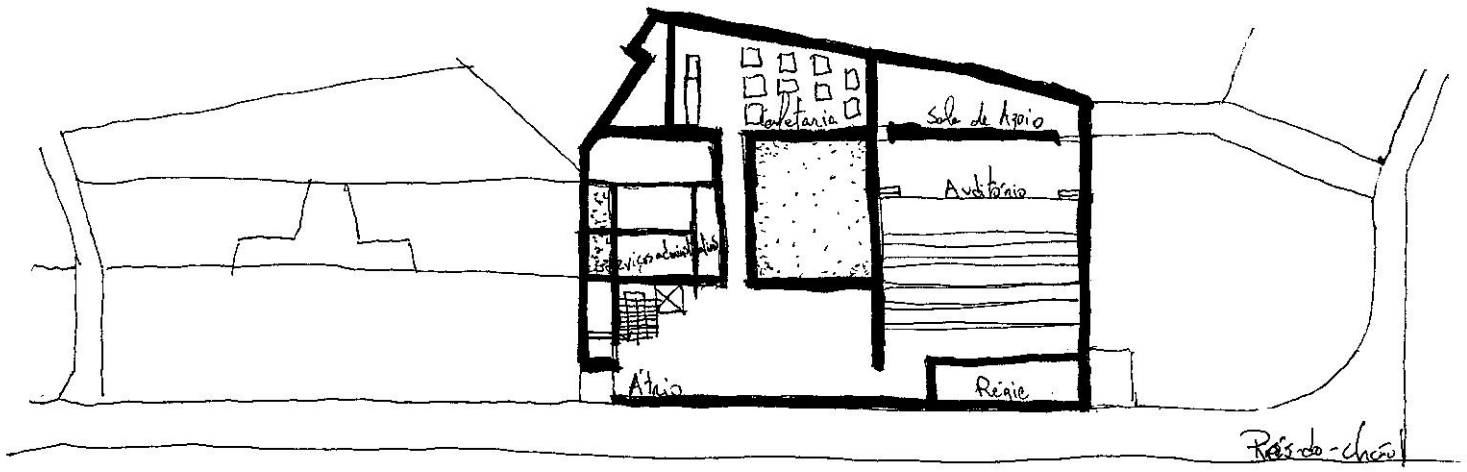
A volumetria e disposição programática desta proposta conseguem responder ~~com bastante~~ ao que procuramos. Cria relação volumétrica com a envolvente, cria espaços exteriores de circulação e de estadia com esplanade para café, possui uma cénica que se conjuga bem com as dimensões presentes na Avenida António José de Almeida e que permite passagem de luz para os edifícios situados a Poente e que não cria obstrução visual para quem os habita.

A expressão dos alçados e do edifício em si não foi ainda explorada nesta proposta pois a disposição interior possui prós e contras que fazem com que possa ser ou não válida a reabilitação e avanço deste projeto (desta volumetria). O espaço exterior que antecede a entrada do edifício agrada-me bastante, ~~mas com~~ pois permite que as pessoas se juntem sem estarem no passeio da avenida (pessoalmente não gosto de acessos diretos do exterior para o interior), gosto que haja um espaço exterior que faça a transição entre rua e ~~o~~ entrada do edifício). Ao entrar no edifício temos o atrio, com uma forma regular e controlada, que se liga ao foyer que dá acesso ao auditório, aos espaços verticais que dão acesso ao primeiro piso, ~~os~~ aos ~~sanitários~~ sanitários e à cafetaria. O auditório tem capacidade para 108 lugares e um palco com 5 metros por 13 metros e meio, assim como um espaço/sala de apoio ao auditório, ~~de onde é possível~~ "acessar à "crista das máquinas". Ao acedermos ao primeiro piso temos o foyer que antecede a sala polivalente, tudo isto $235 m^2$ ^{esp. duplo} e ocupando parte do foyer em mezanino para o atrio que possui pé direito duplo. Subindo até ao segundo piso temos um espaço de estar e acesso a dois espaços, com aproximadamente $30 m^2$ cada, e a uma ~~escadaria~~ escadaria que dá acesso ao terceiro piso que possui dois espaços com as mesmas dimensões. São estes dois últimos pisos que criam ~~a~~ dificuldade na conceção programática.



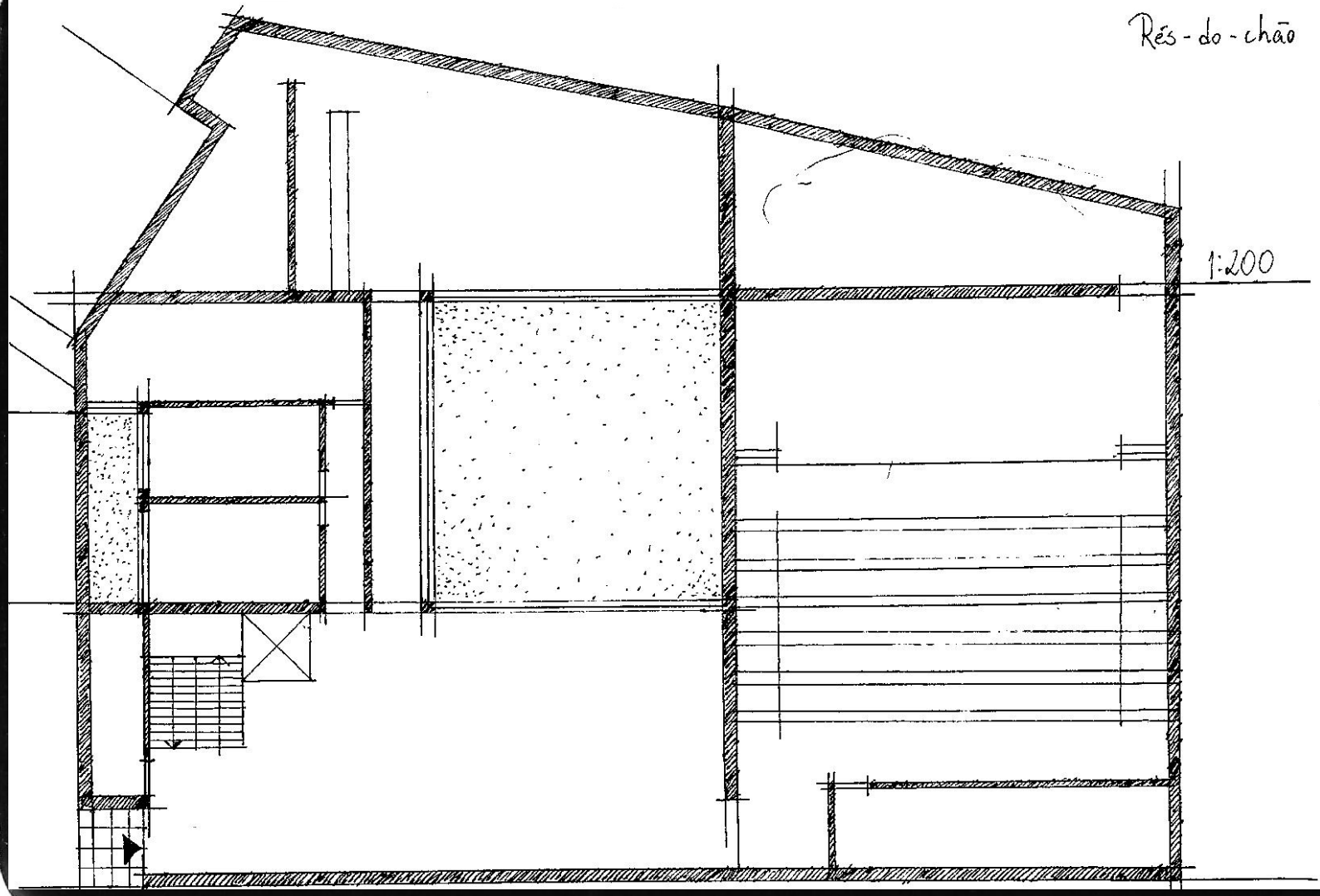
A limitação de espaço, dada e volumétrica escolhida, faz com que tenhamos disponível apenas uma área útil de 140 m^2 para o resto do programa, que engloba serviços administrativos e, se possível, ateliês/estúdios. Sem a criação de serviços administrativos conseguimos 4 estúdios de aproximadamente 30 m^2 cada, mas com serviços administrativos a ocupar, no mínimo, o segundo piso, só ficaríamos com espaço para dois estúdios ou um estúdio/espaço com 60 m^2 . Sendo apenas dois estúdios/ateliês, fica sem sentido que os mesmos existam e, visto que em centro cultural, por mais pequeno que seja, precisa de espaço para os serviços, esta proposta acaba por perder alguma força, a não ser que se perca a ideia de fazer estúdios/ateliês num projeto como este. Tendo em conta que existe uma academia de música muito próxima deste projeto e sendo que essa academia possui um auditório muito limitado em termos de condições e espaço, talvez o auditório deste projeto pudesse ser usado como auditório de apoio à academia de música. Neste caso os estúdios deixariam de fazer sentido porque os músicos têm os espaços que existem na academia de música para estudar e tocar os instrumentos musicais. No entanto os ateliês seriam espaços para artistas das artes visuais poderem criar peças que podem ser expostas na sala polivalente, mas a existência de tais espaços poderia trazer burocracias que condicionariam o funcionamento do edifício. Posto isto, é notável que a existência ou não existência de ateliês/estúdios neste edifício com este programa pode ou não fazer assim tanto sentido, e há que perceber o que se pode fazer de melhor para garantir o funcionamento correto do programa num espaço que acaba por ter limitação em termos de áreas. Encontramo-nos numa fase em que a 'venustas' poderá condicionar a 'utilitas', e que acabemos por ser obrigados a moldar o programa para o espaço que temos sem que a volumetria usada e que mais nos agrada não sofra grandes alterações.





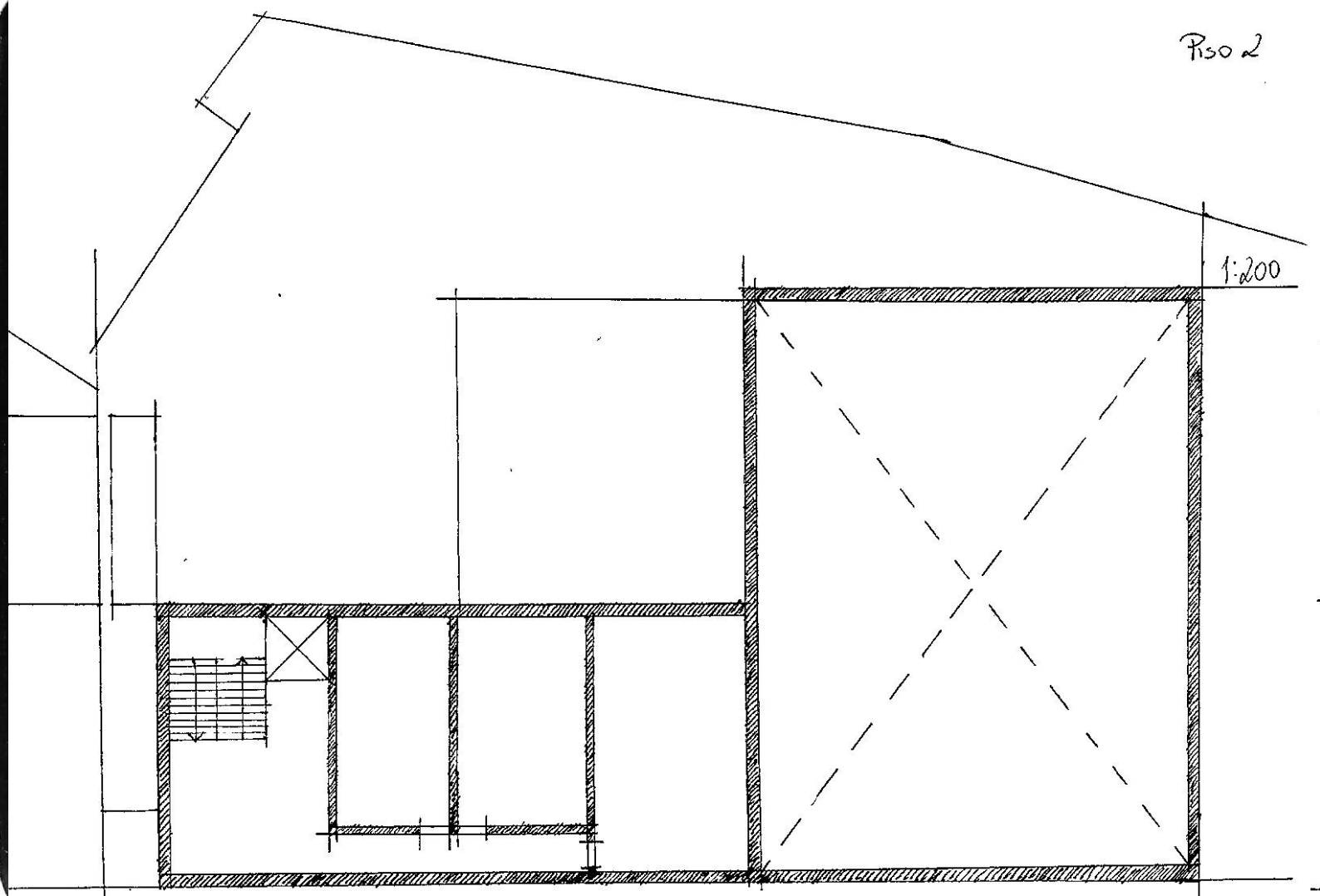
Rés-do-chão

1:200



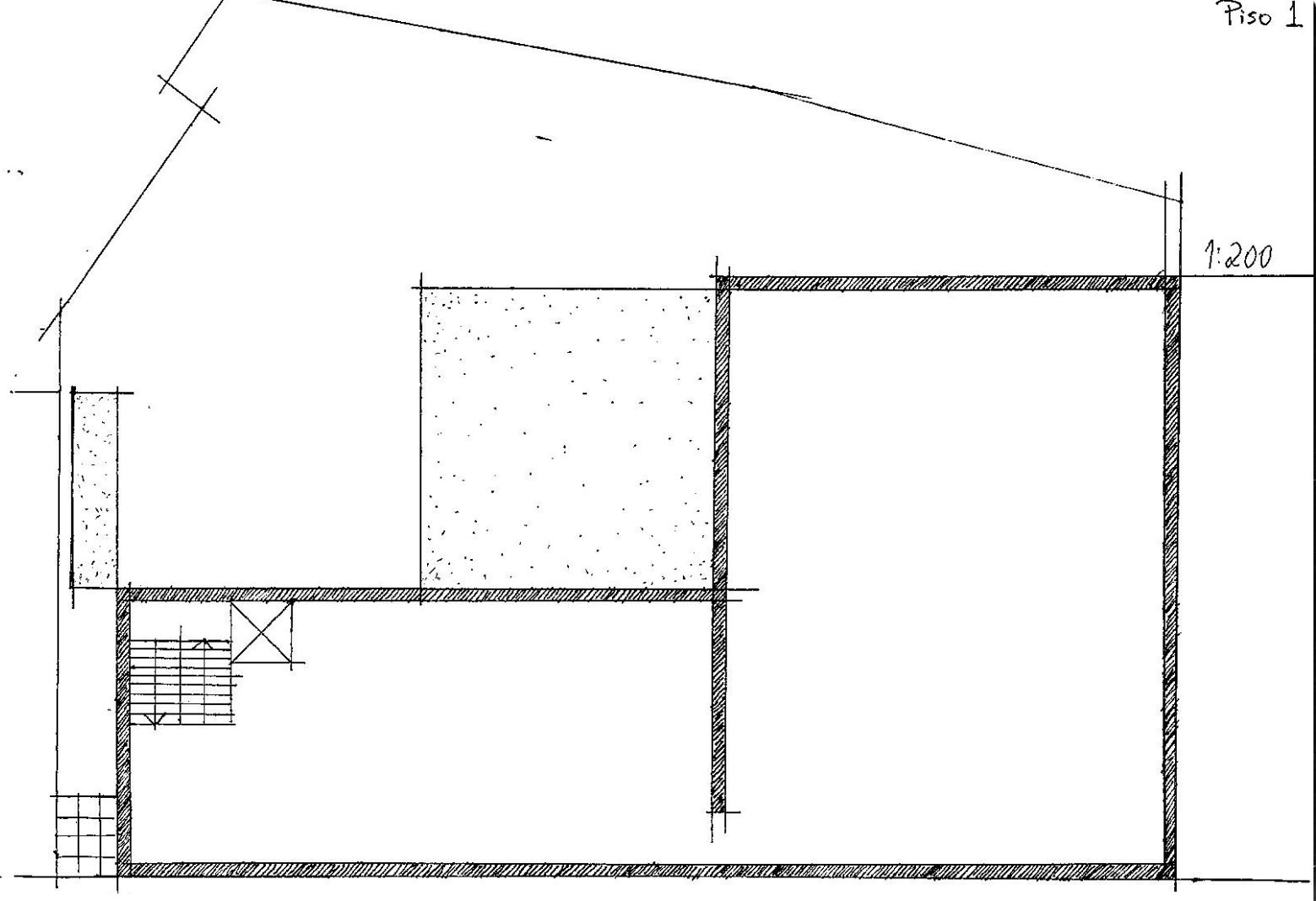
Riso 2

1:200



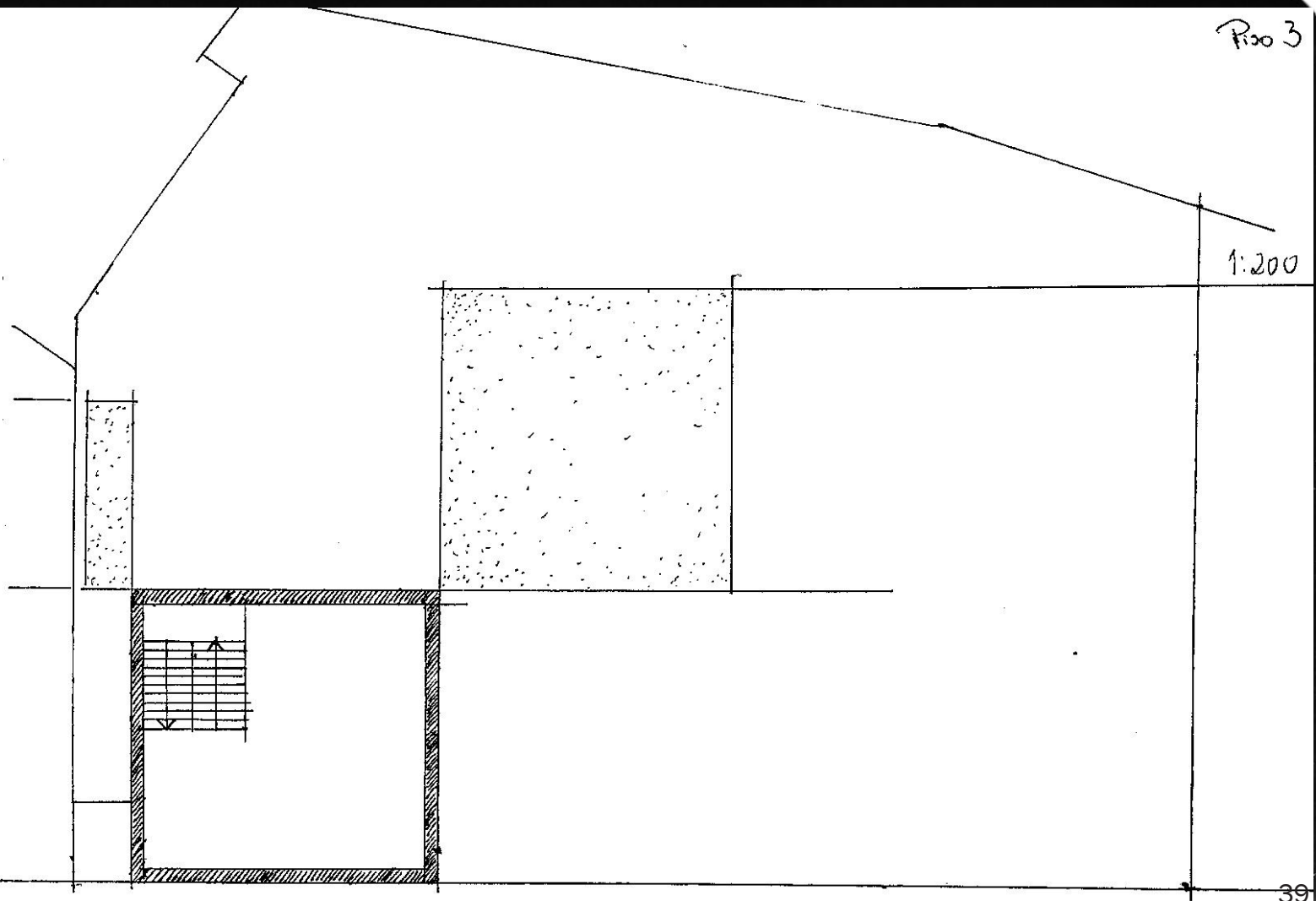
Piso 1

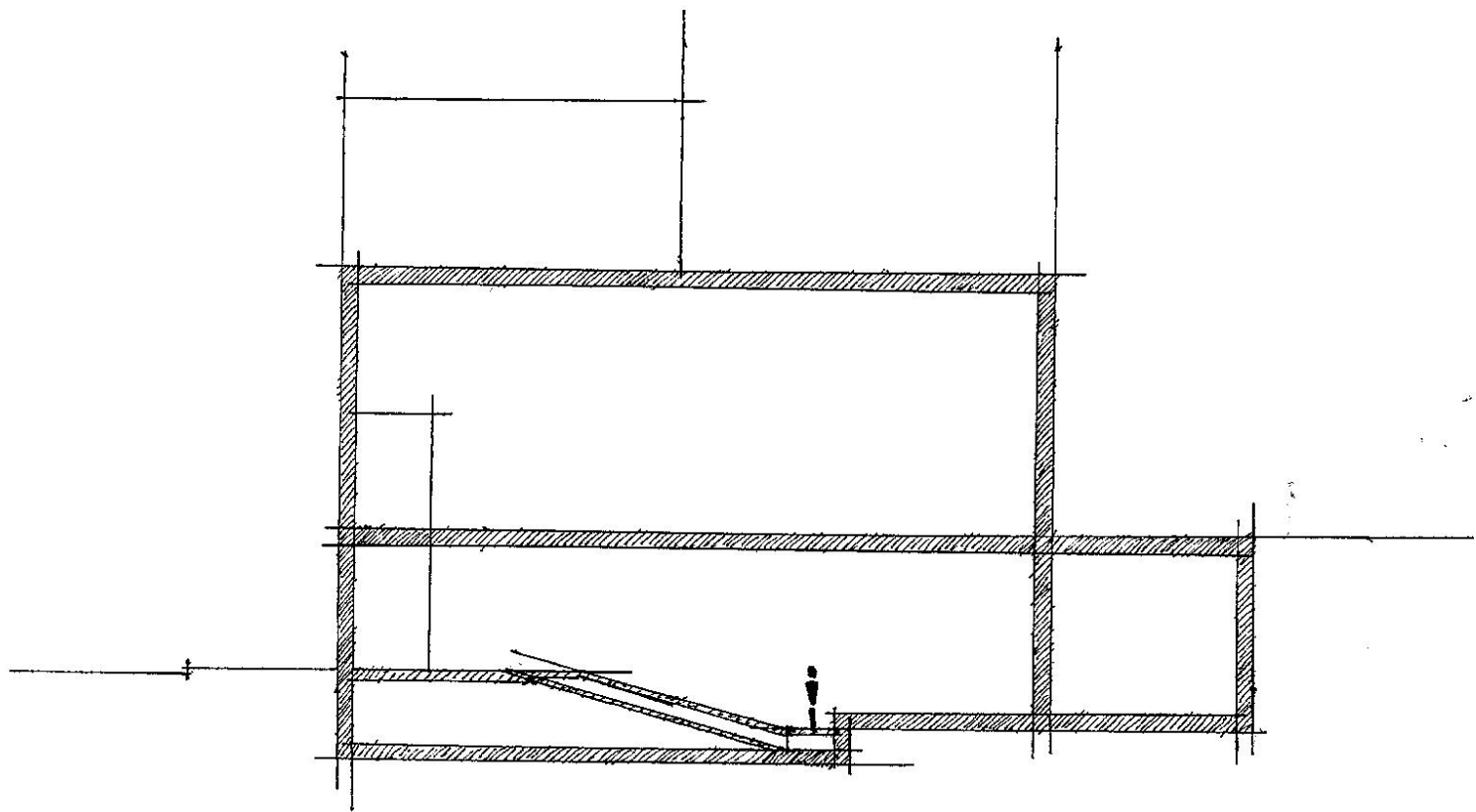
1:200



Piso 3

1:200



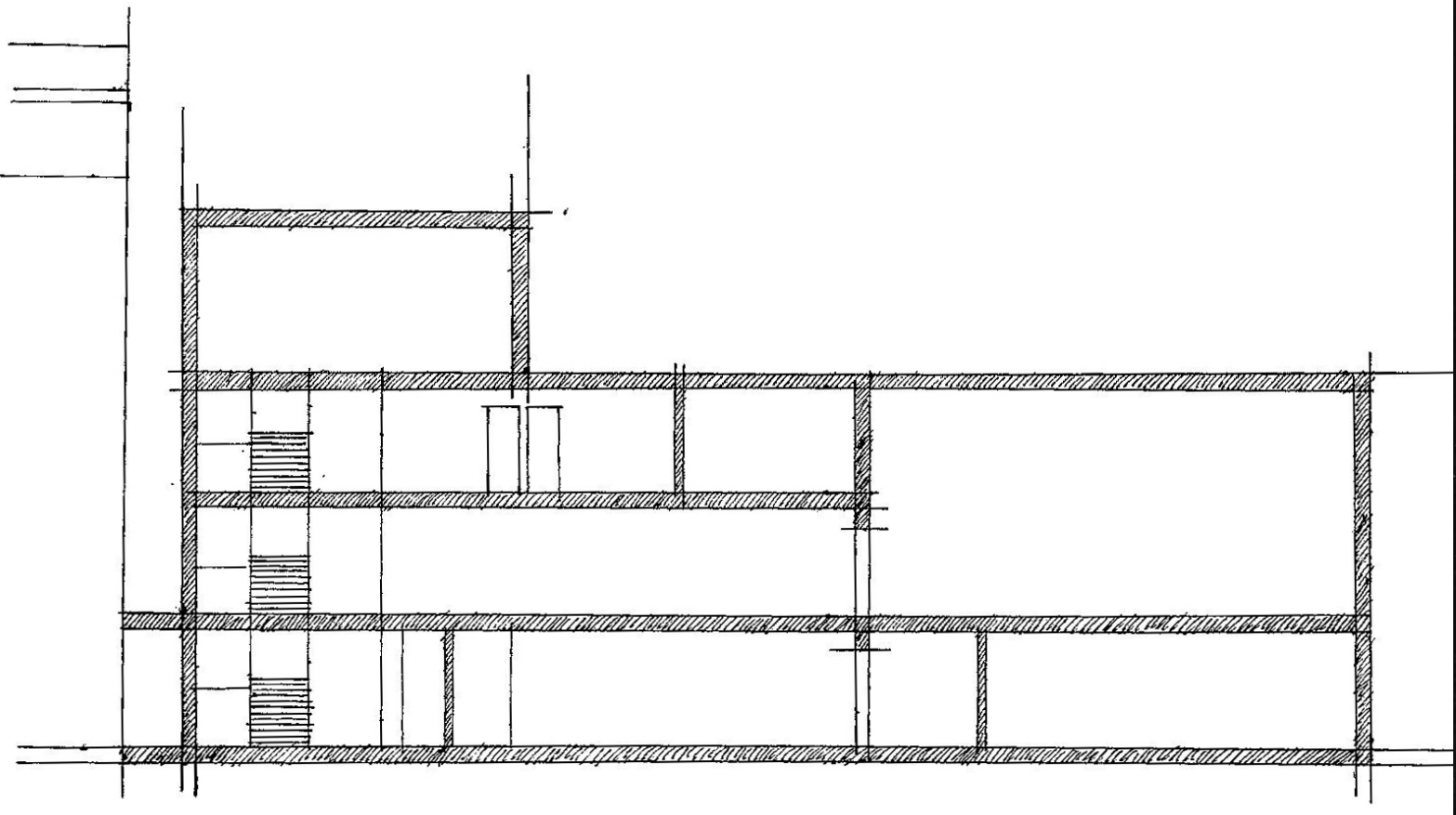


Há uma certa falta de espaço, tendo em conta a volumetria desejada, que limita o programa.

Em primeiro lugar, as duas propostas anteriores partilham o mesmo tipo de auditório e sala polivalente.

Um auditório semi-enterado, com ^{cerca de} 3 metros de pé direito no ponto ~~mais alto~~ em que a cota é mais elevada, com ^{geralmente} 100 lugares e um palco com 5 metros de profundidade. Uma sala polivalente com pé direito duplo e planta livre. Tanto o auditório como a sala polivalente possuem 230 m² de área.

Estes dois espaços foram projetados nas duas propostas anteriores como sendo dois espaços separados e distintos, pois um seria mais ligado com a música e outro com as artes visuais, isto é, o auditório seria usado para performances musicais ^{ou} a sala polivalente para exposições ou performances artísticas. No entanto, pela falta de espaço existente, nenhum dos dois consegue atingir as suas máximas qualidades se foram projetados em separado. O auditório, principalmente, levanta problemas que só conseguem ser resolvidos com mais área e maior pé direito (devido à ~~boa~~ circulação do ar, as normas do número de lugares sentados, as saídas de emergência, a passagem dos artistas para os camarotes, a entrada e saída de instrumentos musicais, nomeadamente um piano à cauda, etc). Posto isto, talvez faça mais sentido ter um auditório capaz de se transformar numa sala polivalente (com palco removível e cadeiras capazes de se retrairerem), mas cujo foco principal está em ser um auditório e, portanto, as questões ligadas com a acústica, materiais e regularizações são direccionadas para um auditório de música e não uma sala polivalente de exposições artísticas.



Tendo em conta que o auditório "polivalente" é o grande foco deste projeto, faz sentido repensar dois aspetos do programa inicialmente proposto: os estúdios e os serviços administrativos.

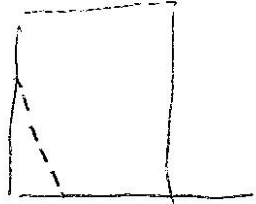
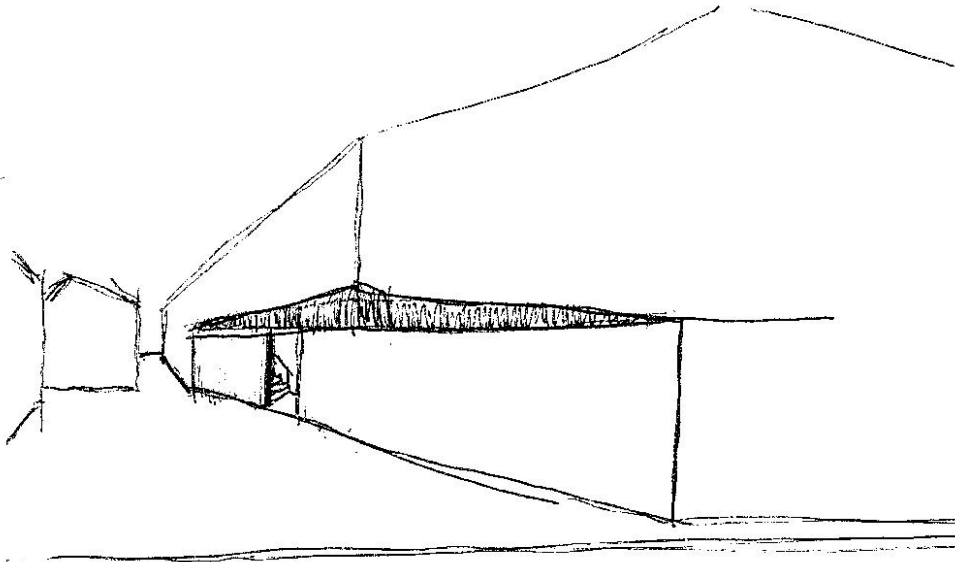
Orá, se estamos a projetar um edifício primeiramente ligado com a vertente musical, a existência de estúdios e/ou salas de ensaio passa a fazer todo o sentido, até porque sem a sala polivalente ~~ganhamos~~ ganhamos mais espaço para o restante programa, e sem a vertente das artes visuais, passa a fazer mais sentido que sejam projetados estúdios de música. Por outro lado, um programa como este não requer a existência de determinados serviços administrativos, até porque o edifício se localiza bastante próximo das instalações da Câmara Municipal, logo muitos dos gabinetes ligados com a gestão do edifício ~~existiriam~~ existiriam nas instalações da câmara e não no edifício em si, até mesmo por questões logísticas, porque o edifício não ~~estaria~~ estaria sempre aberto ao público. Faz sentido a existência de uma ~~secretaria~~ secretaria, com balcão para atendimento direto e dois postos de trabalho, um compartimento técnico (~~para~~ guarda elétrica e centrais das redes de infraestruturas) e, eventualmente um espaço com copa e instalação sanitárias para o pessoal.

- Por isto, o programa seria:
- Atrio
 - Secretaria
 - Foyer
 - Auditório "polivalente"
 - Sala de apoio ao auditório
 - Régi e
 - Estúdios / salas de ensaio
 - Cafeteria
 - Área técnica.

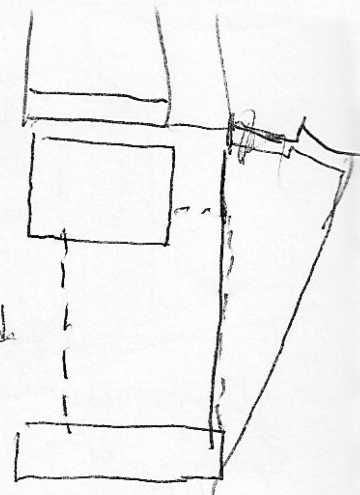
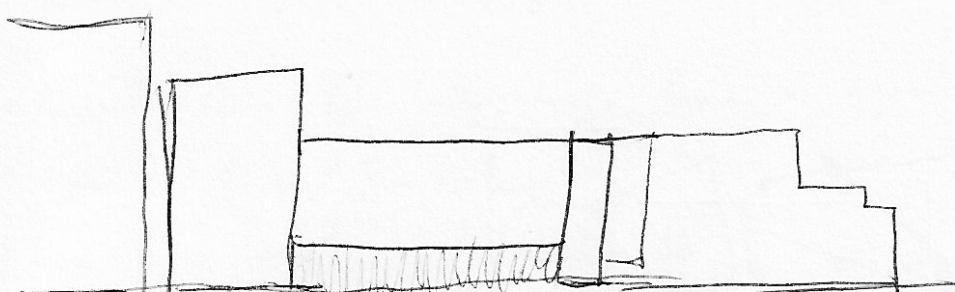
Ver:

- Anquizélago - Centro de Artes Contemporâneas / Renos e mais arquitectos + João Fender Ribeiro
- Casa da Física / Rem Koolhaas
- Cine - Teatro Constantino Nery / Ateliea 15
- Centro Comercial STOP, Porto

- + Quais as normas de um auditório?
- Quantos lugares sentados posso ter por fila?
- Acesso exclusivo dos artistas
- Como ganhar um piano no Palco
- Dimensões de Régie.



O acesso exterior, seja abrigo e com momento de entrada da



Vazio

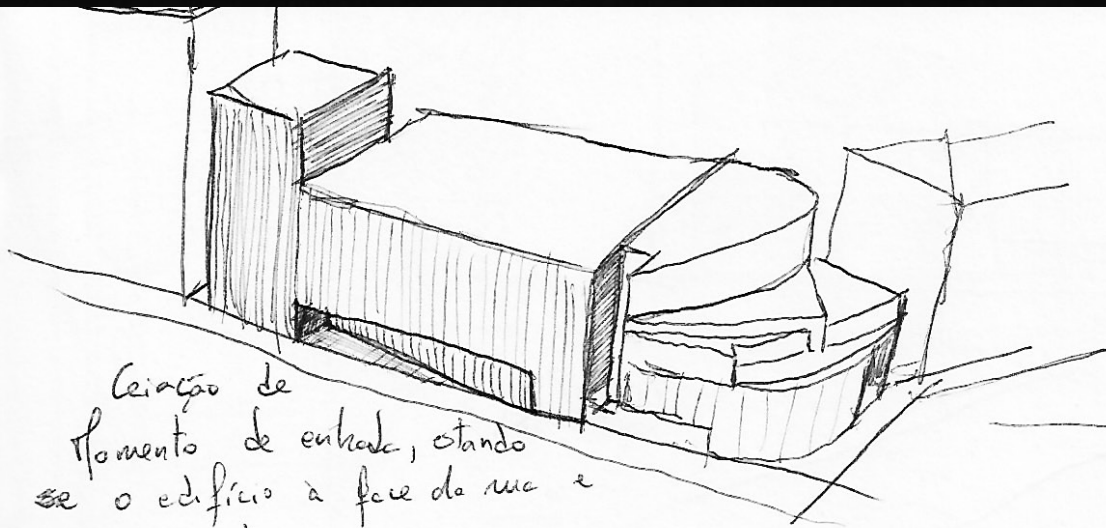
Removibilidade criada entre a avenida e as traseiras

Para a ligação com o banco!

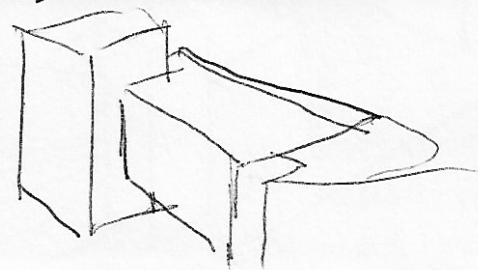
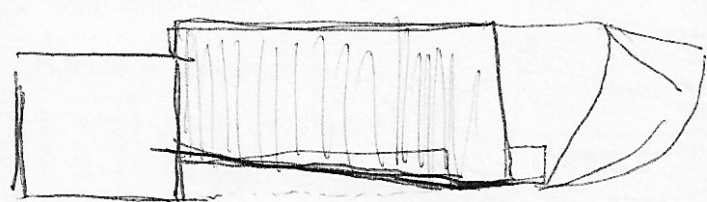
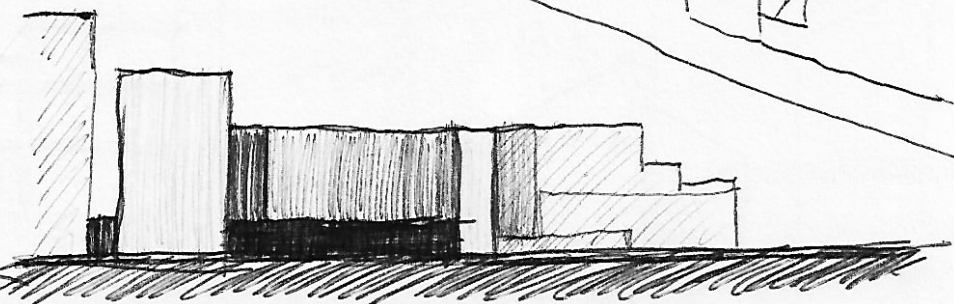
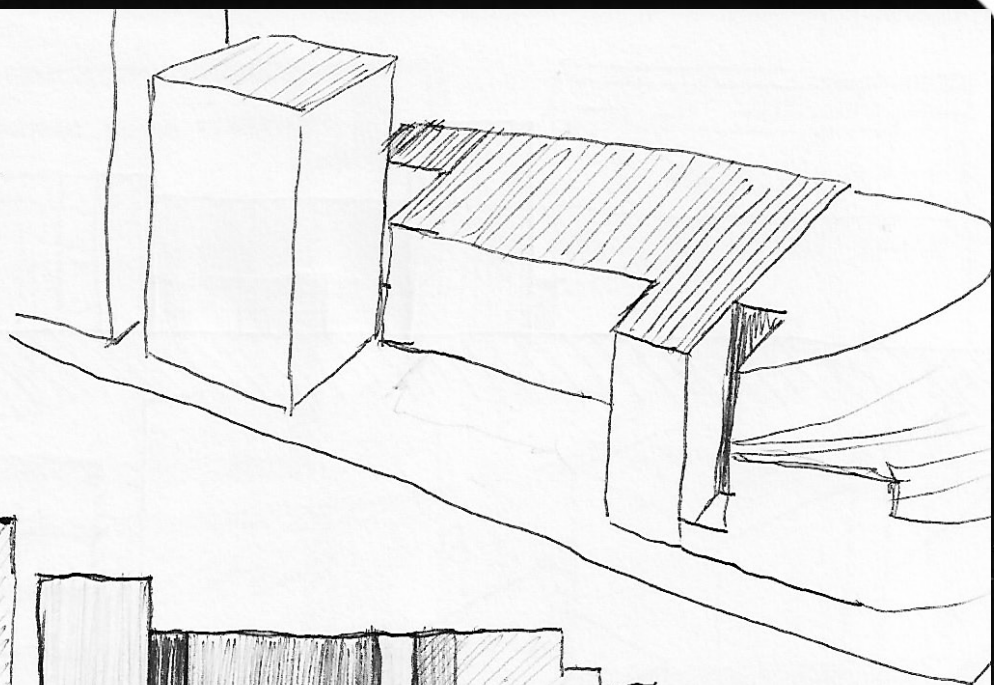
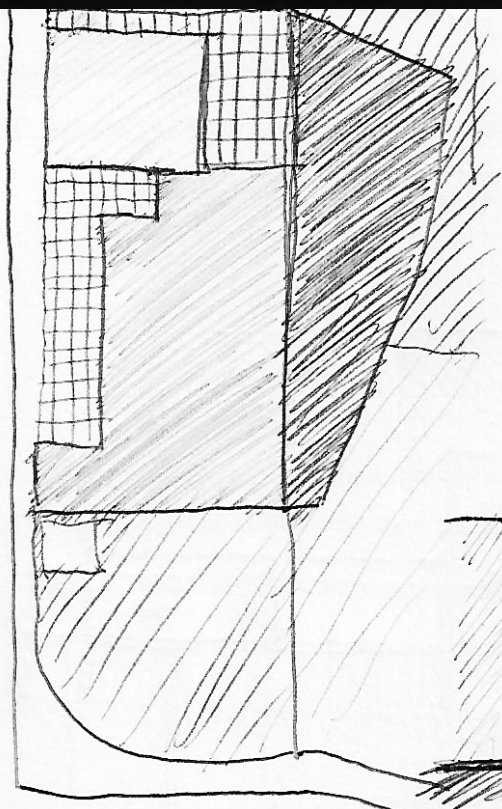
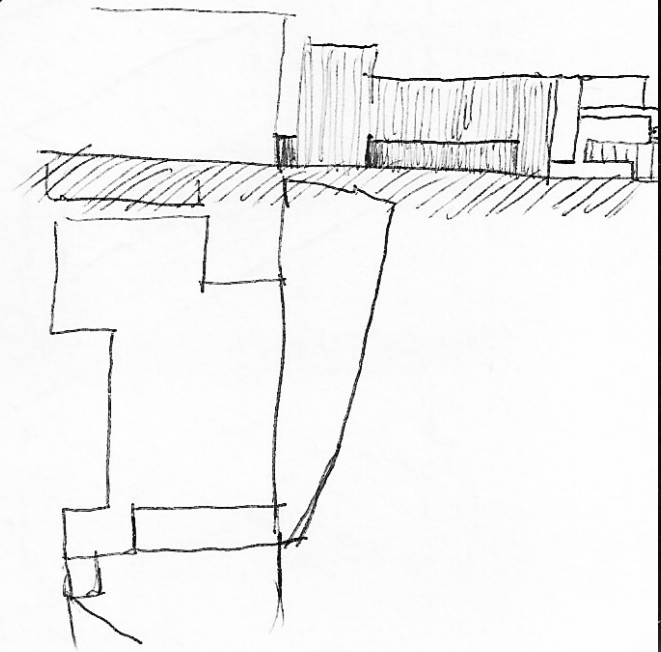
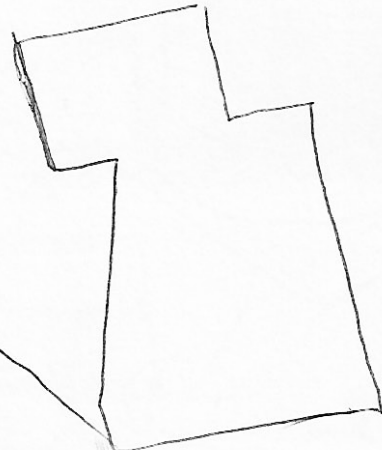
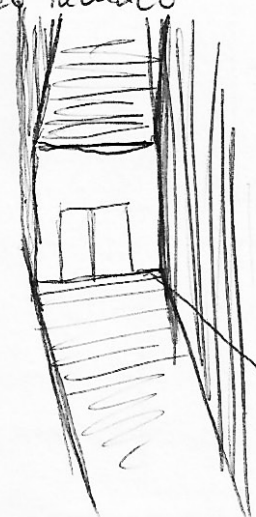
O afastamento entre o edifício e o edifício de escritórios é algo a preservar.

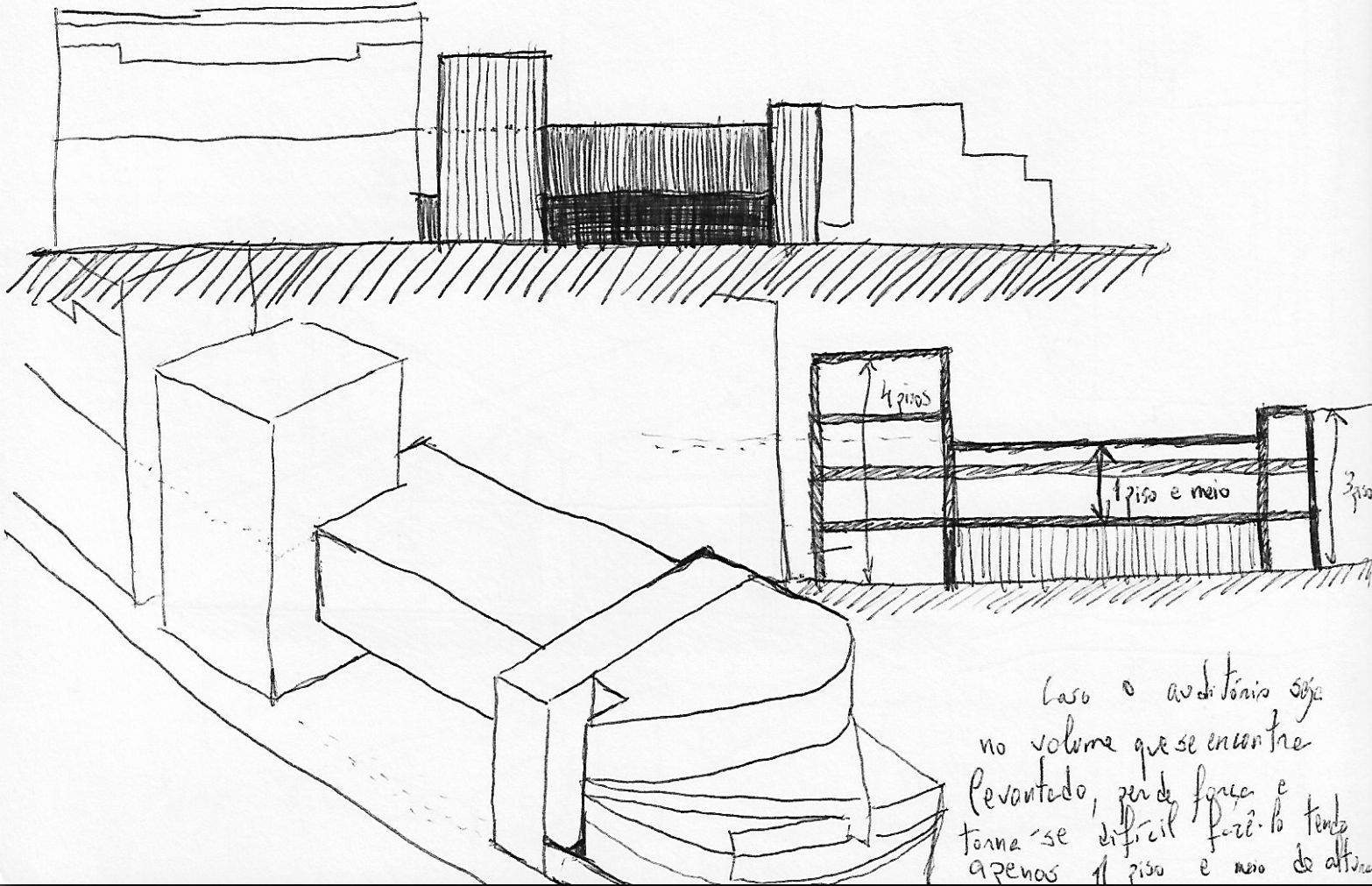
A criação de um piso nos traseiros com face paralela à avenida é algo também a manter, das ideias exteriores.

Um ajuda a fixar os escritórios, outro regulariza o terreno.

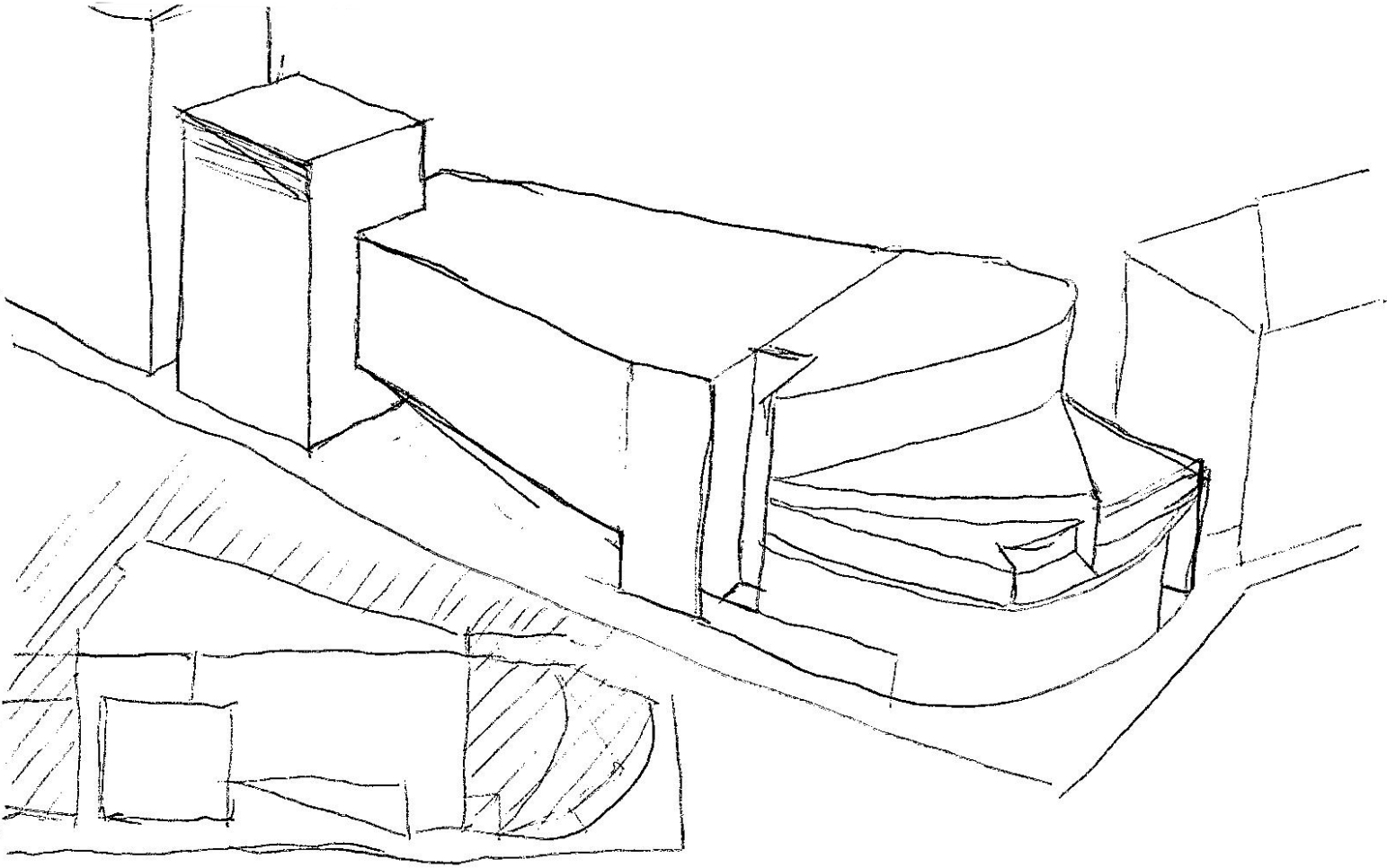


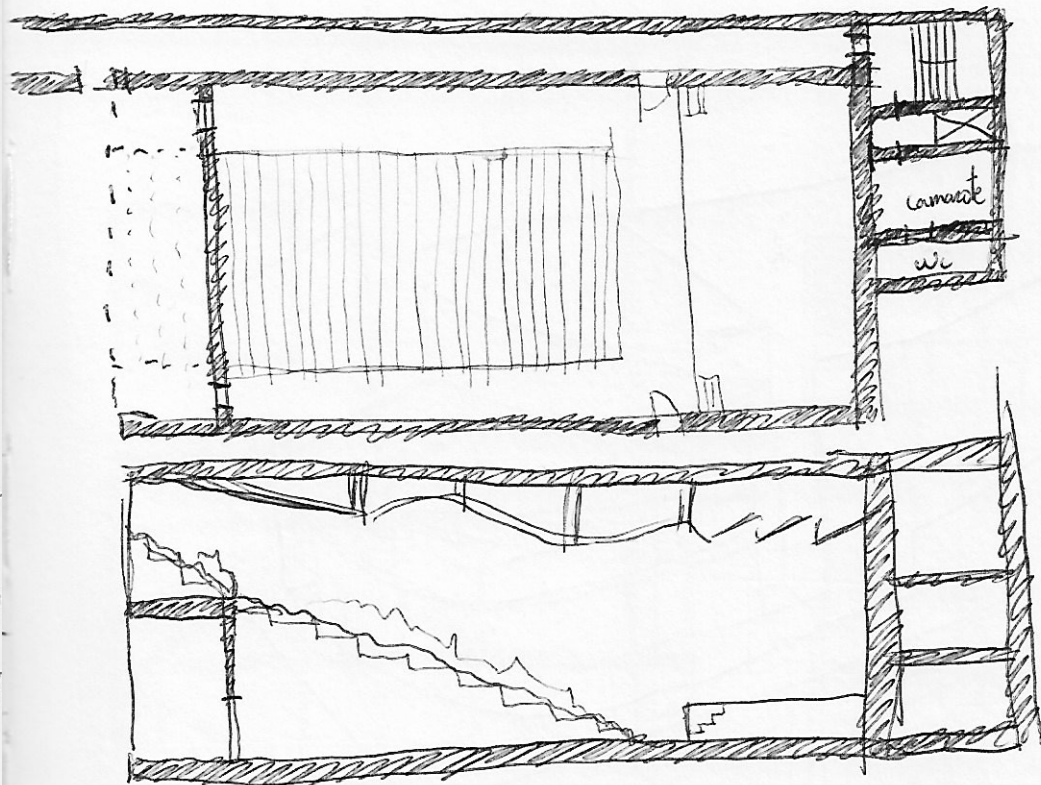
Criação de
flomento de entrada, estando
se o edifício a face da rua e
não marcado



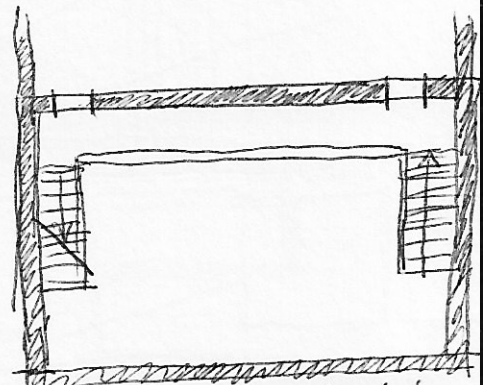


Case o aditório seja
no volume que se encontra
levantado, perde força e
torna-se difícil fazê-lo tendo
apenas 1 piso e meio de altura

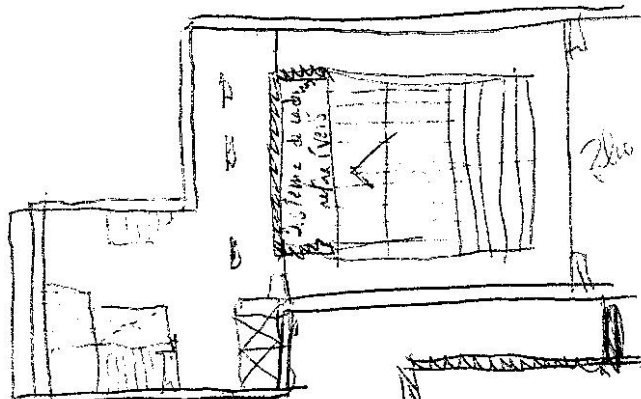
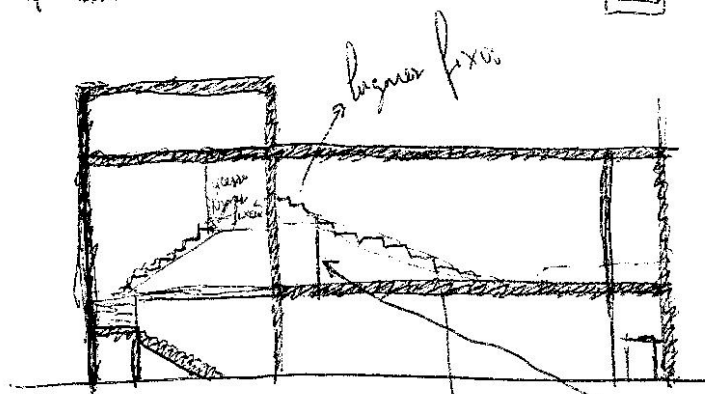
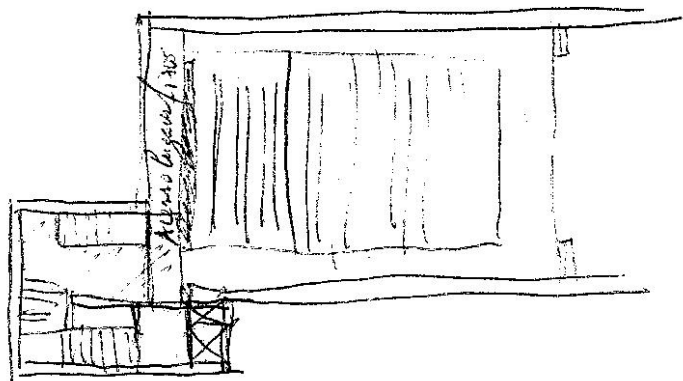
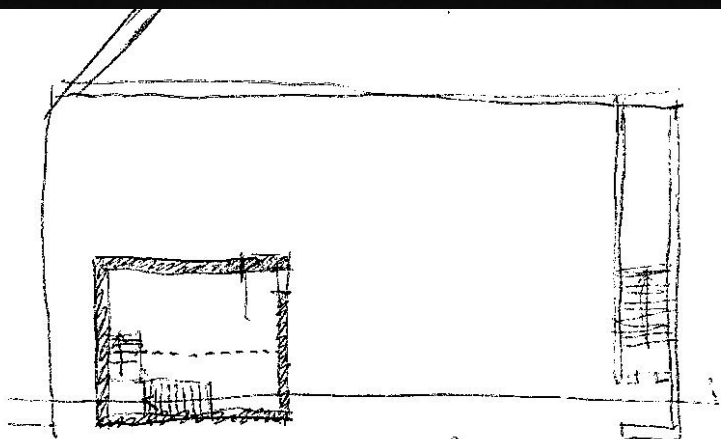




Acesso aos músicos sem
 terem de passar pelo auditório
 em Si - Salidas de emergência.
 Palco e cadeiras da
 plateia são retráteis, menos
 no piso superior, em que são
 fixos.

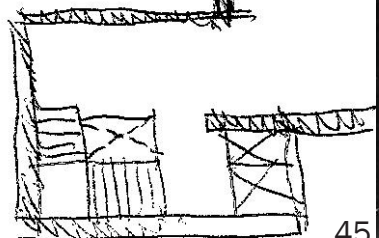


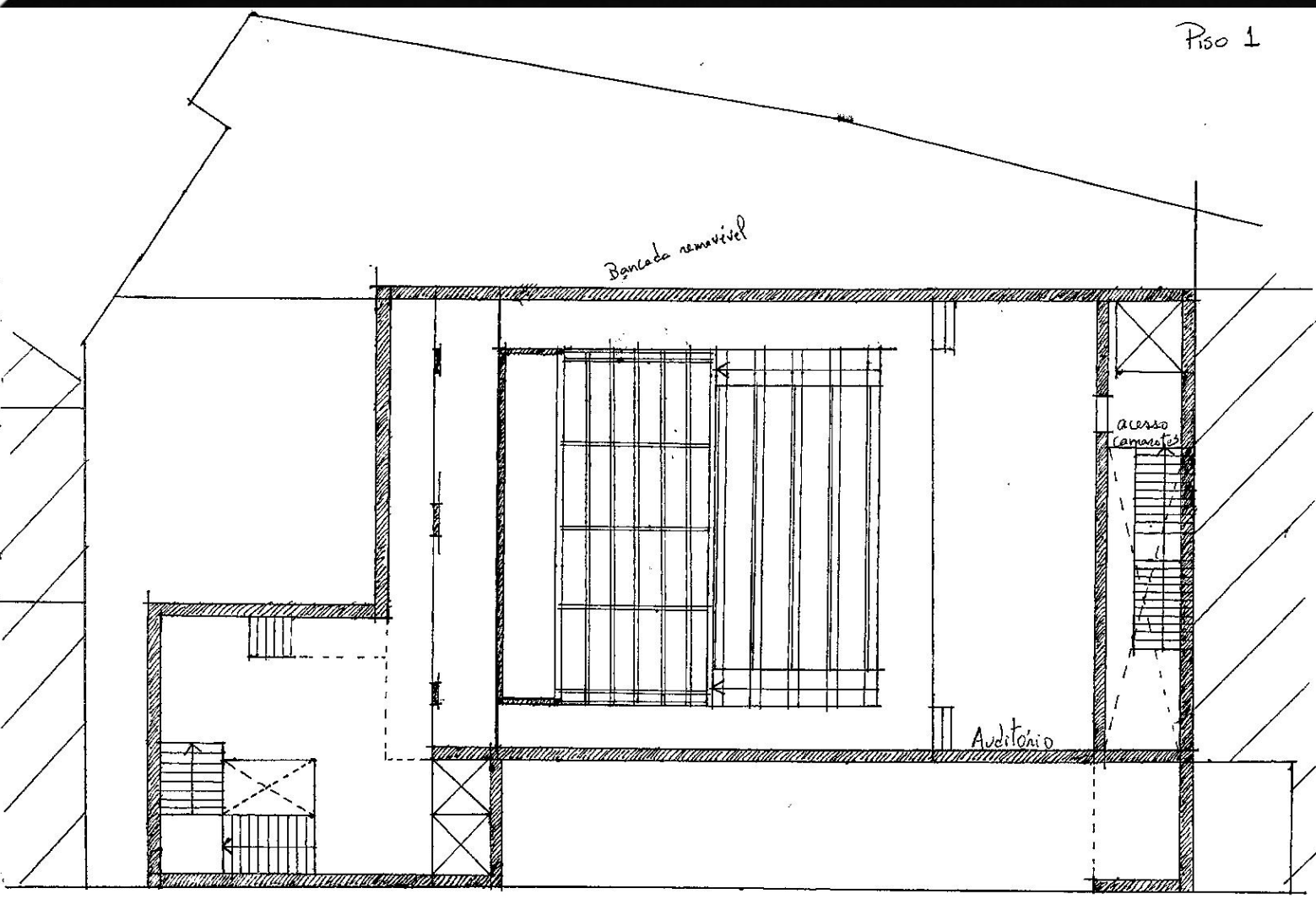
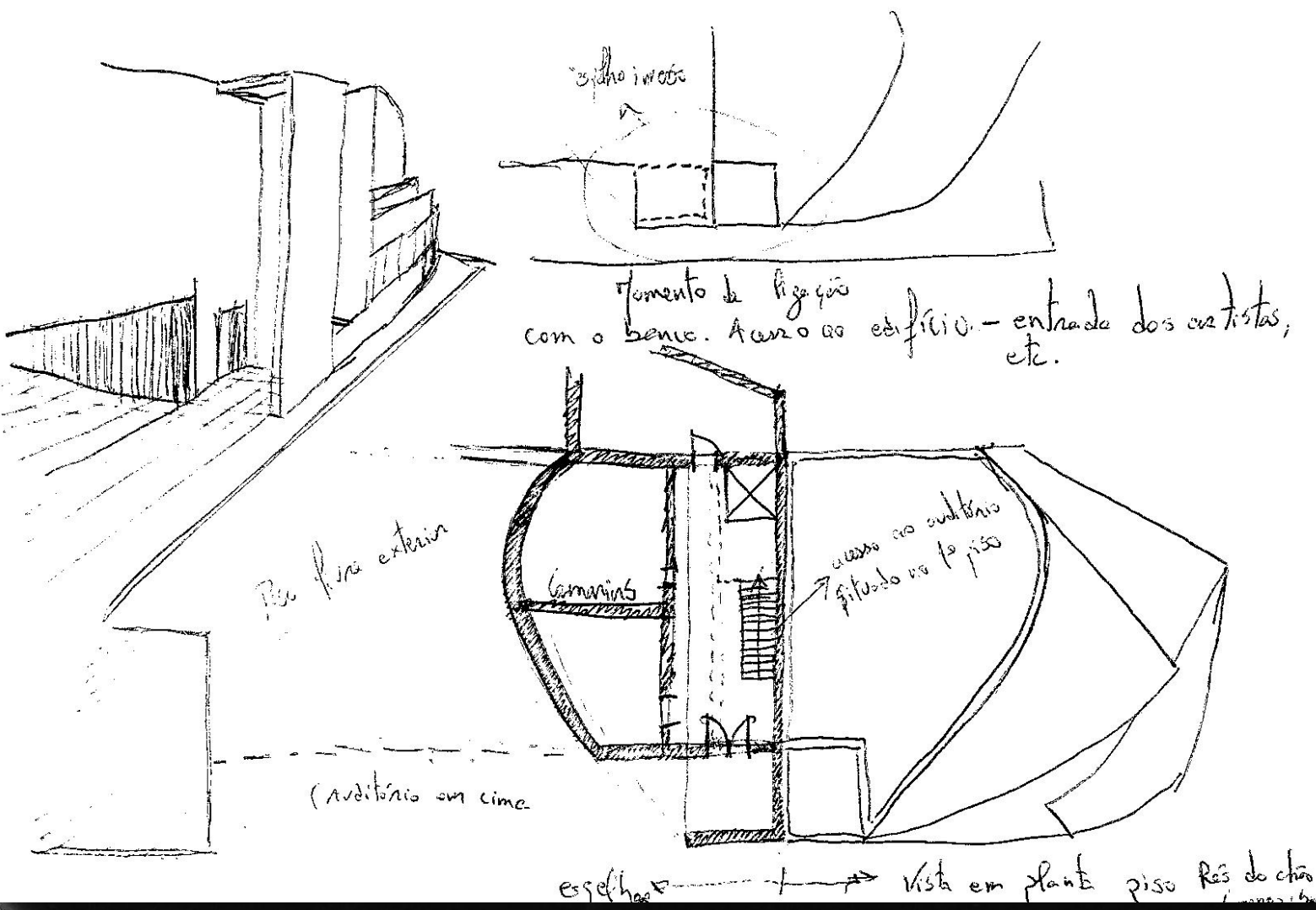
Acesso por escada de tiro
 ao segundo piso, onde há mesanino e as cadeiras fixas.

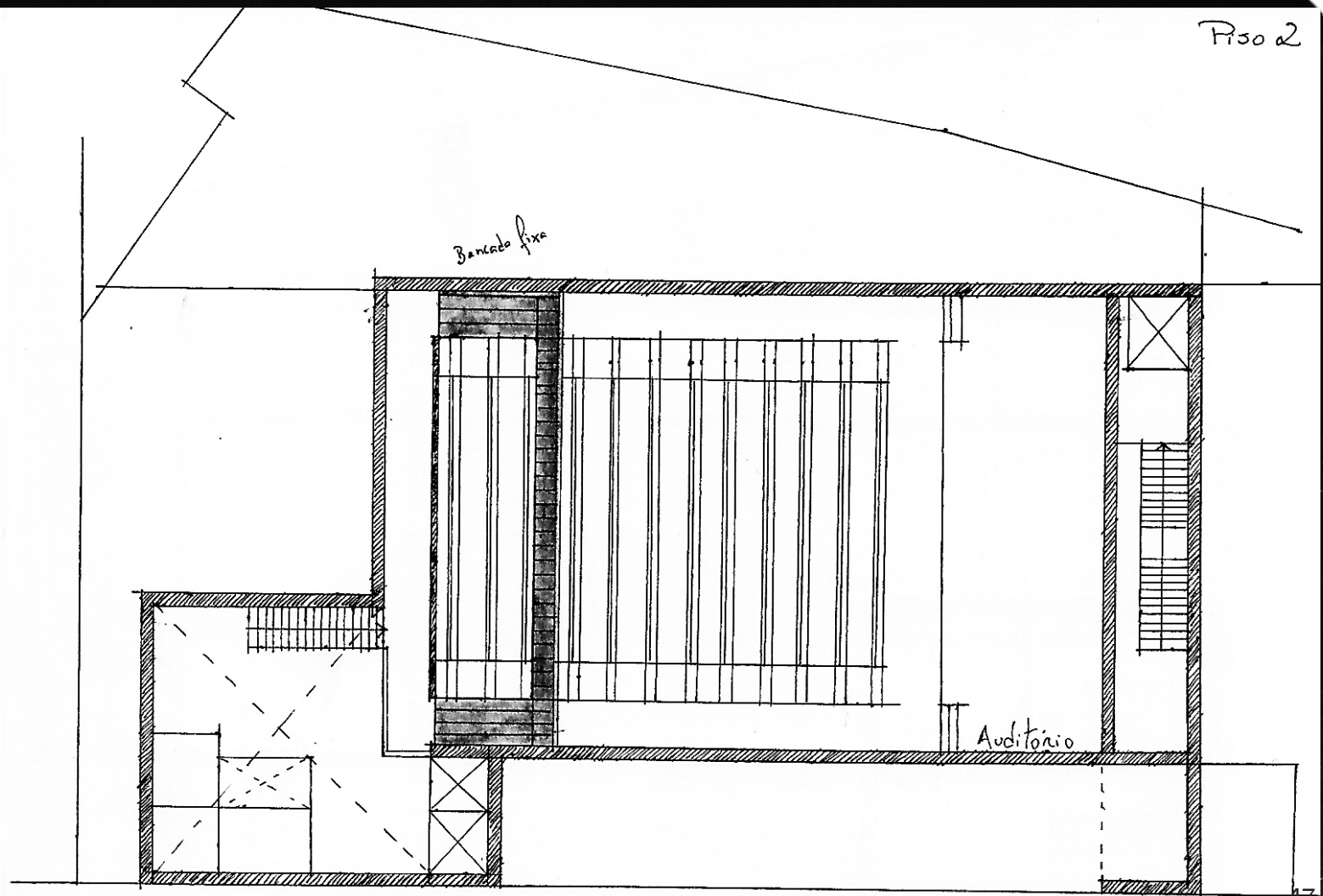
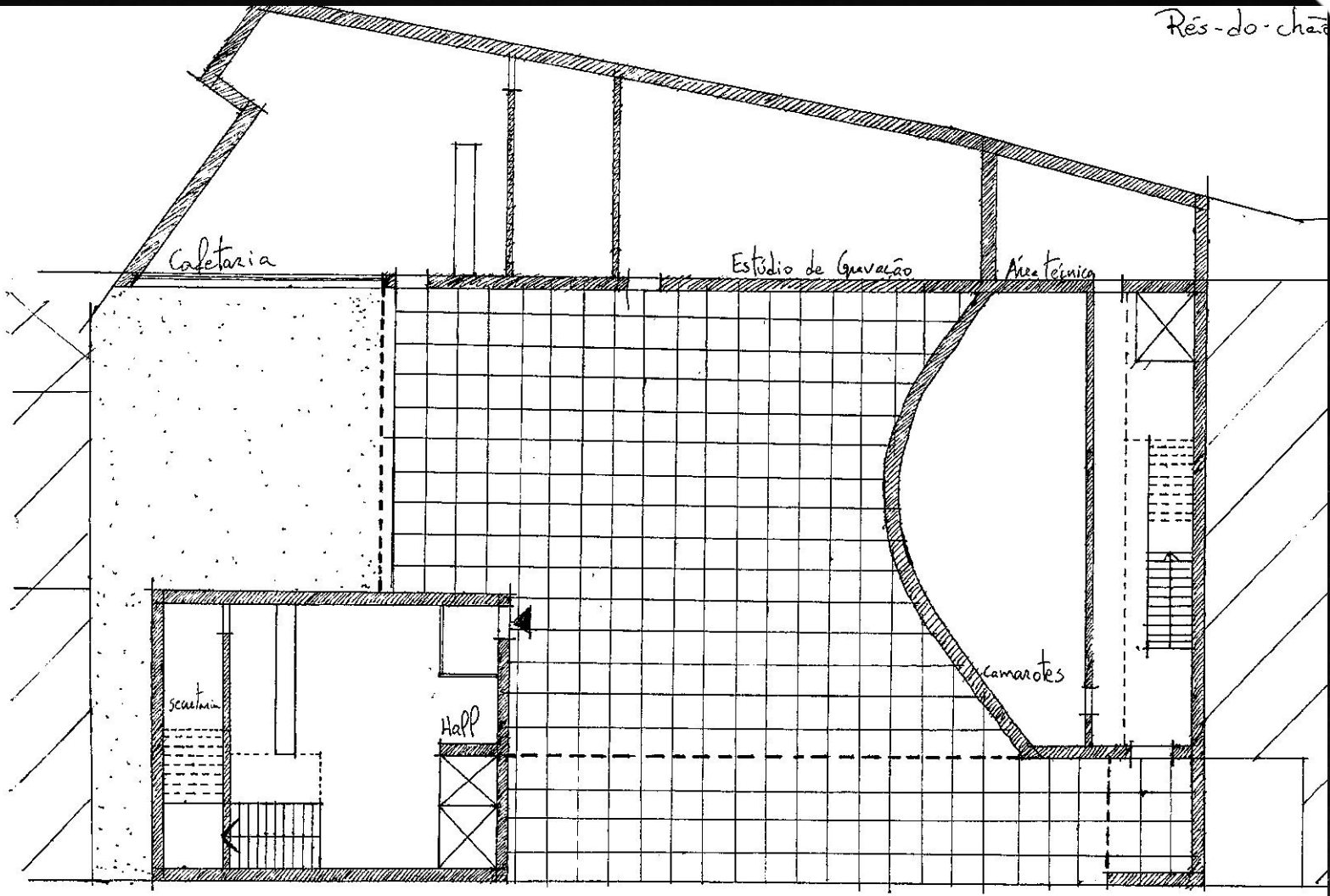


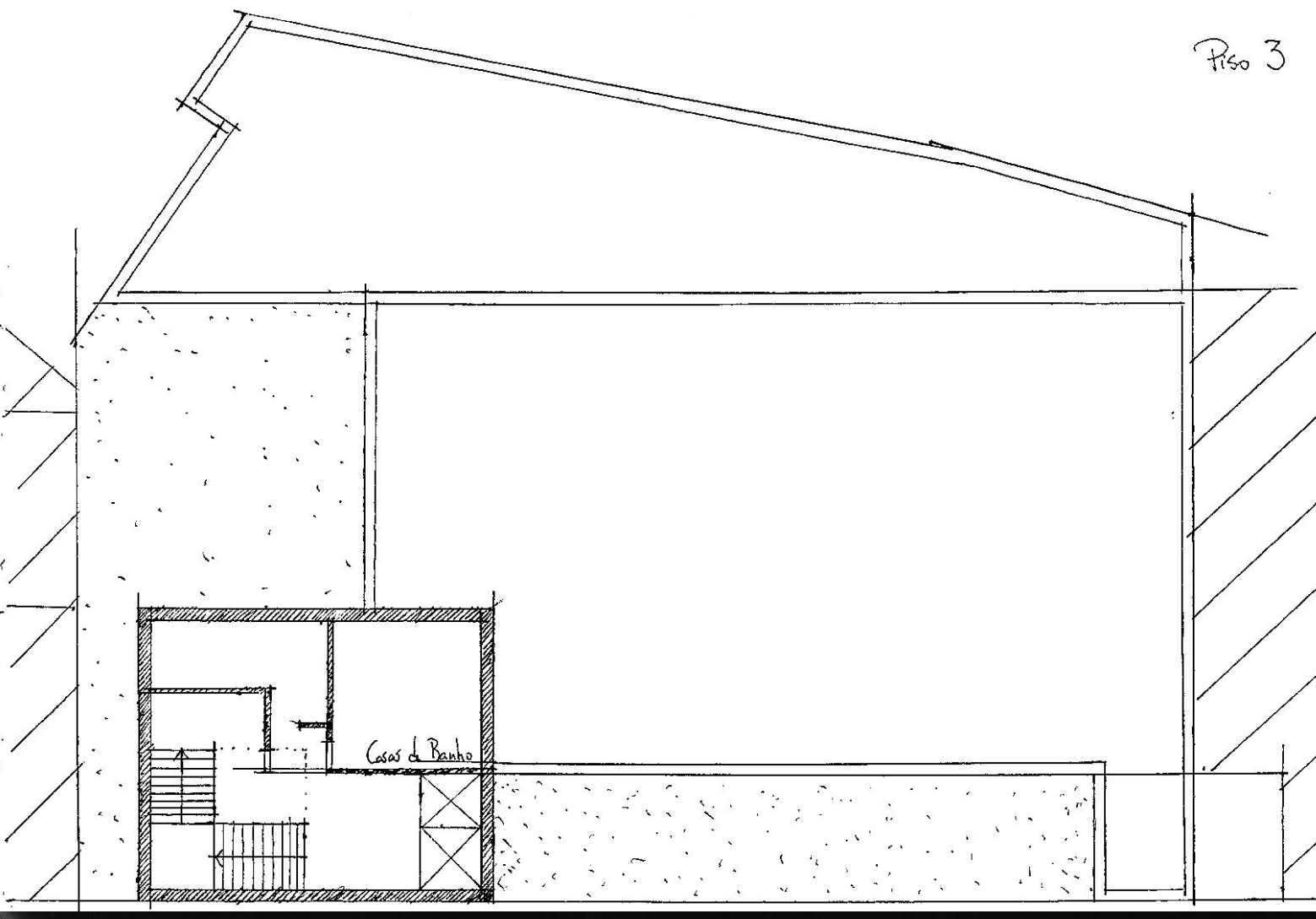
lugares móveis:
 podem enver-se em compartimento

Fazer
 Rigorosos

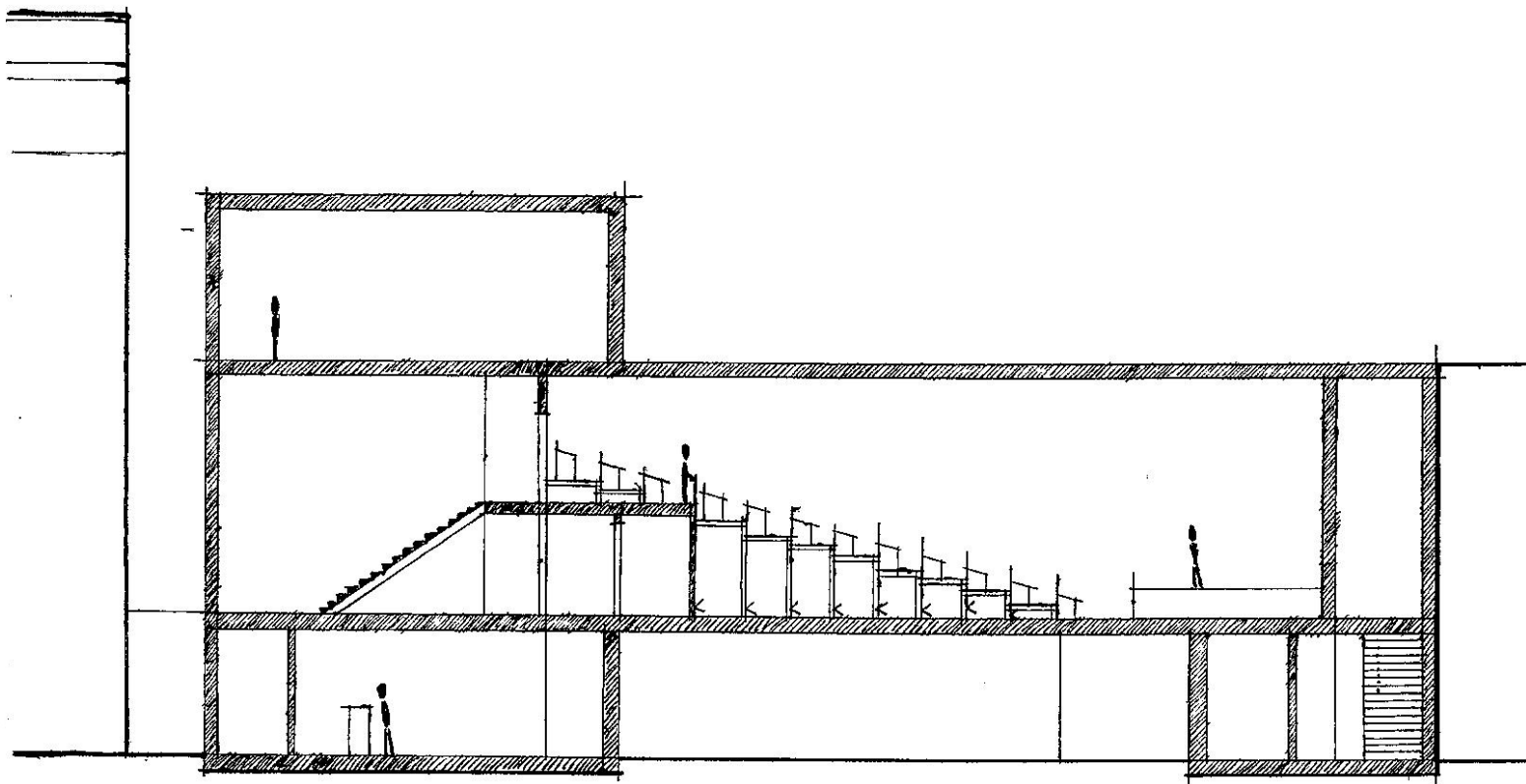




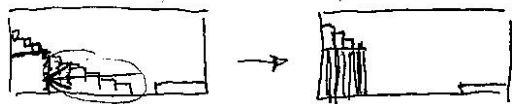




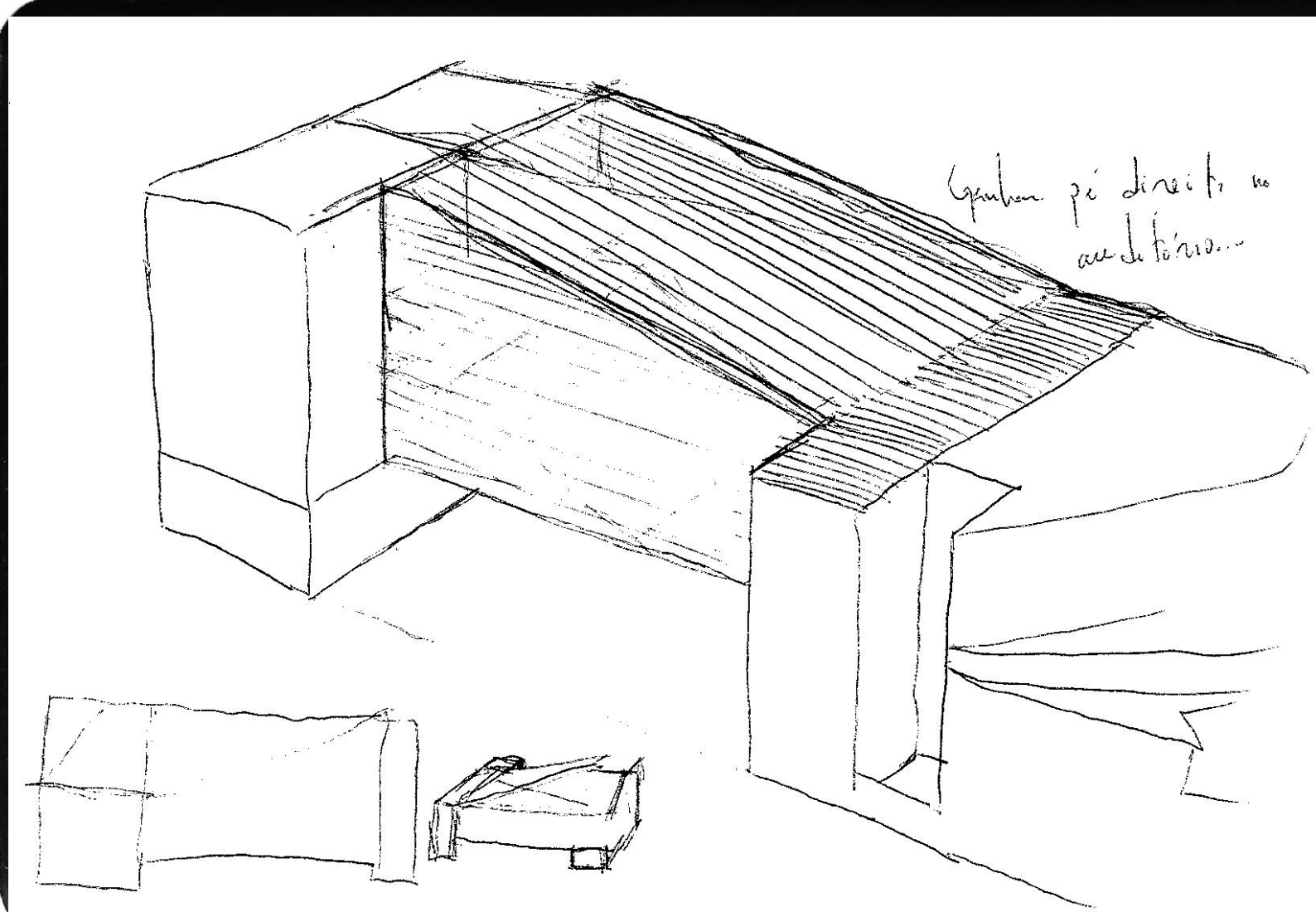
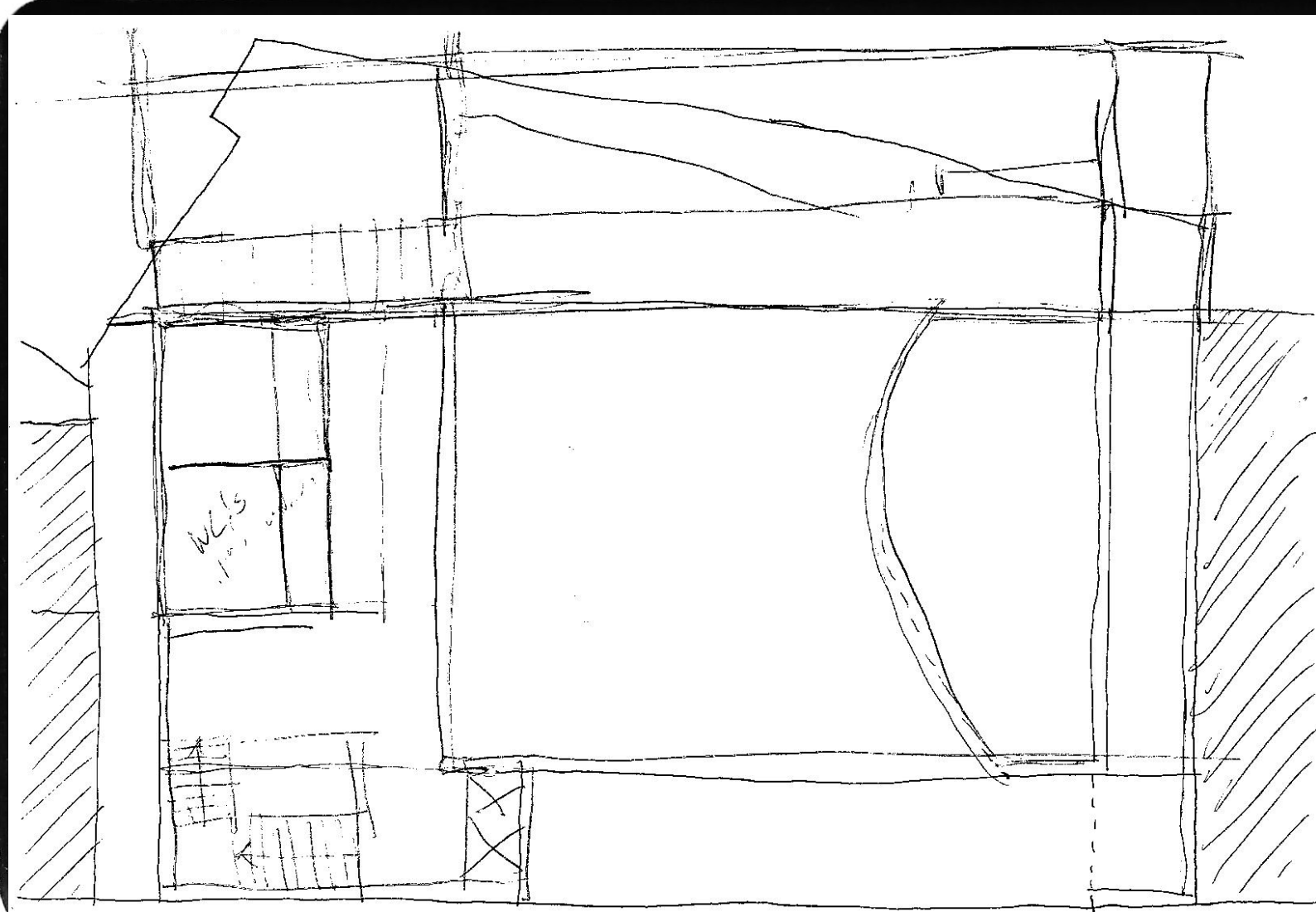
Volumetricamente esta proposta resolve todas as questões levantadas anteriormente relativamente à ligação estabelecida com edifícios projetados pelo arquitecto Alvaro Siza. Neste caso optamos por criar um volume aberto, ou uma sala com 3 pisos de altura, que cria um sentido de mimica com o pátio criado por Alvaro Siza no banco e junta-se a ele, isto é, em vez de recuarmos na totalidade o volume do auditório, prolongamos até à linha da frente de Avenida no momento de ligação com o banco. É por aqui, no piso térreo, que têm acesso exclusivo os artistas aos camarotes e ao auditório (um piso acima), e os técnicos à área técnica e também ao auditório. O facto do volume do auditório estar levantado, liberta um grande espaço exterior no piso térreo. A curva criada com o desenho dos camarotes dá sentido de movimento ao exterior coberto e liga-se com o terceiro piso do banco, pois é simétrico ao mesmo. O espaço exterior coberto, por baixo do auditório, permite a criação de um auditório exterior, o que enriquece bastante o programa do edifício. Neste piso temos também o acesso principal do edifício, no volume junto ao edifício de escritórios, onde se encontra o hall de entrada, com balcão de atendimento, um pequeno espaço de apoio ao balcão e os acessos, verticais, ao auditório. A ponte, ainda no rés-do-chão, temos espaço para uma cafeteria e um estúdio de gravação musical, directamente ligados com o exterior e independentes do programa anteriormente referido. Pelos acessos verticais do hall de entrada chegamos ao primeiro piso, onde temos o foyer com acesso ao auditório e uma escadaria que dá acesso, em mezanino, aos lugares situados à cota do segundo piso e onde se encontram cerca de 40 lugares sentados fixos. Os lugares sentados, localizados no primeiro piso do auditório, podem

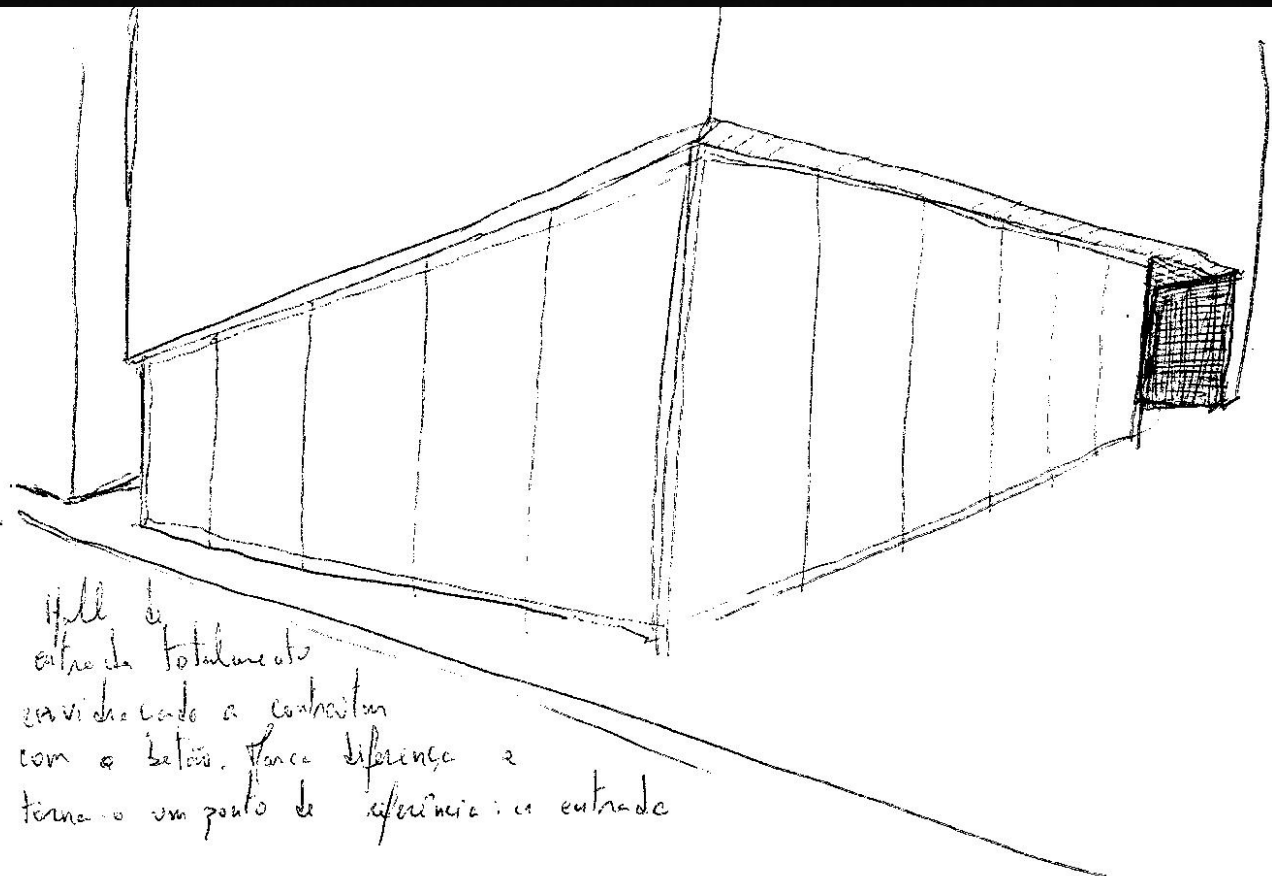


ser retirados e guardados num espaço criado por baixo dos lugares fixos, podendo o auditório funcionar de forma polivalente.

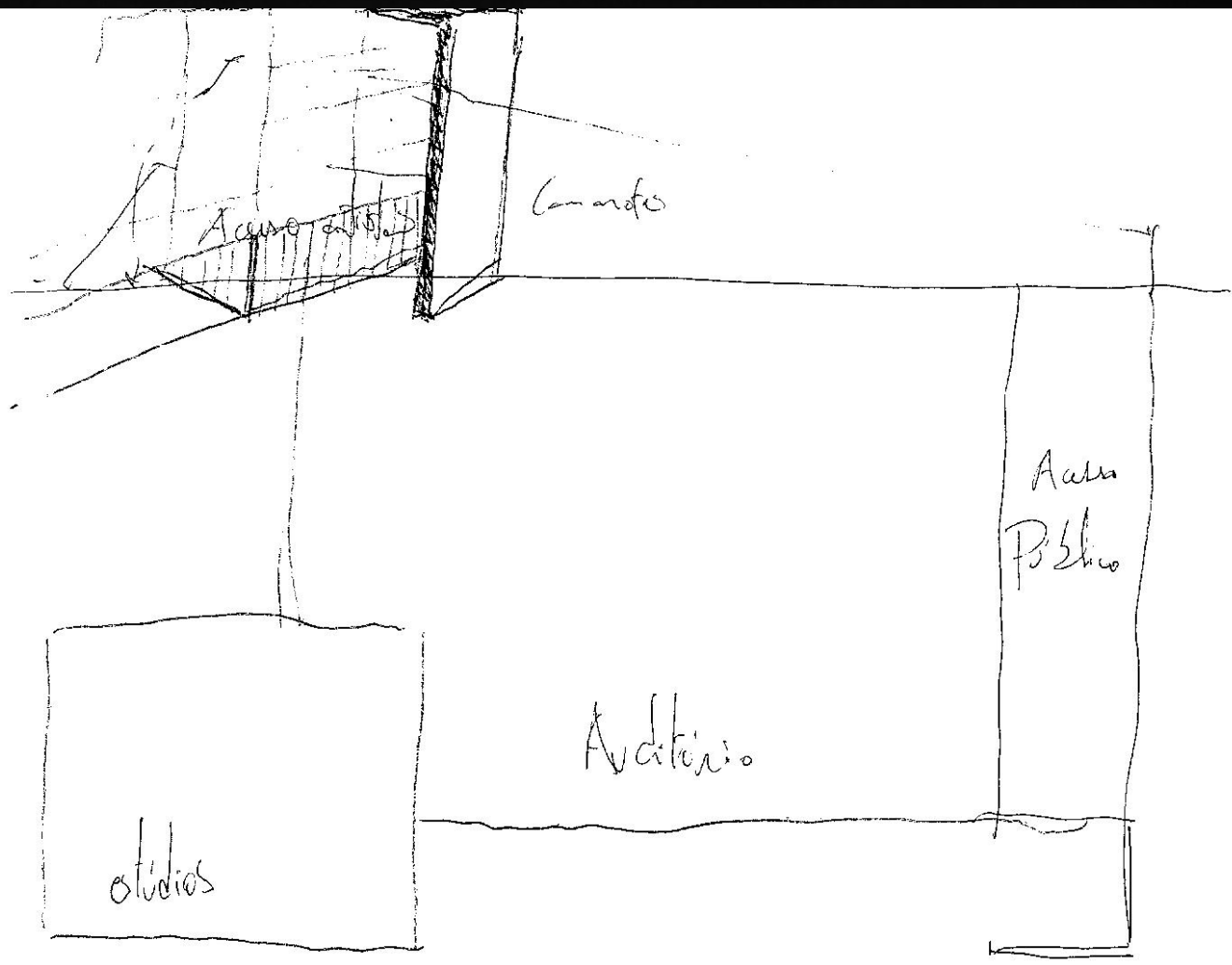


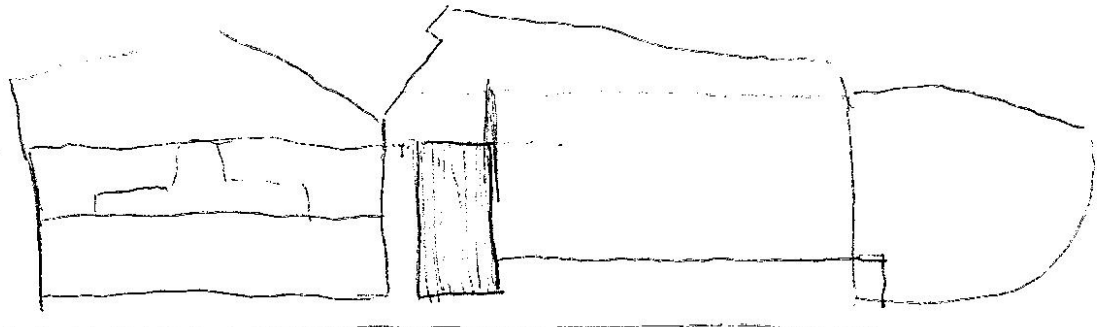
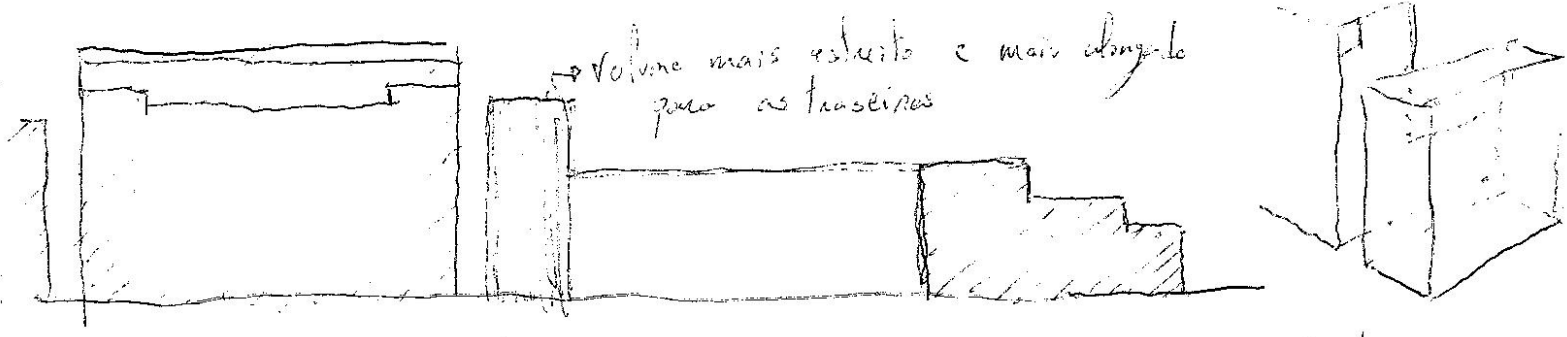
Pelos acessos verticais do Foyer temos acesso ao terceiro piso, onde se encontram as casas de banho e o acesso pela
 Pois uma vez há falta de espaço para concretizar o programa desejado, em esta volumetria. O maior problema está no
 facto de não se conseguir usar um espaço para a regie, nem para prolongamento do volume para Sul, nem
 para subida da cénica. Ao levantarmos o volume do auditório criamos um espaço exterior bastante interessante,
 mas o auditório perde 1 piso de altura, que limita bastante o programa e a própria qualidade espacial do auditório.
 Por outro lado perdemos um piso que poderia ser usado exclusivamente para estúdios de música e, o único
 piso livre, tem obrigatoriamente que conter as casas de banho, que não podem ser inseridas em qualquer
 outro espaço. O próprio espaço do hall é bastante limitado, mas não se apresenta como o maior problema.
 O único estúdio que se consegue criar, é independente do programa e acessível pelo exterior, tornando-o num
 espaço frágil. O facto de subirmos um piso mas ao mesmo tempo ganharmos um patio exterior para a
 cafeteria acaba por reverter demasiado a volumetria e, conseqüentemente, por limitar a área disponível
 para o ~~programa~~ programa. Tendo em conta que nas fases anteriores já tínhamos contado, em parte,
 o programa, há que tentar encontrar um meio termo entre volume e programa, de modo a ter um projecto
 que conjugue todos os objetivos na totalidade.





Hall de
entrada totalmente
servido com a construção
com o betão. Para diferença e
torna-o um ponto de referência: a entrada

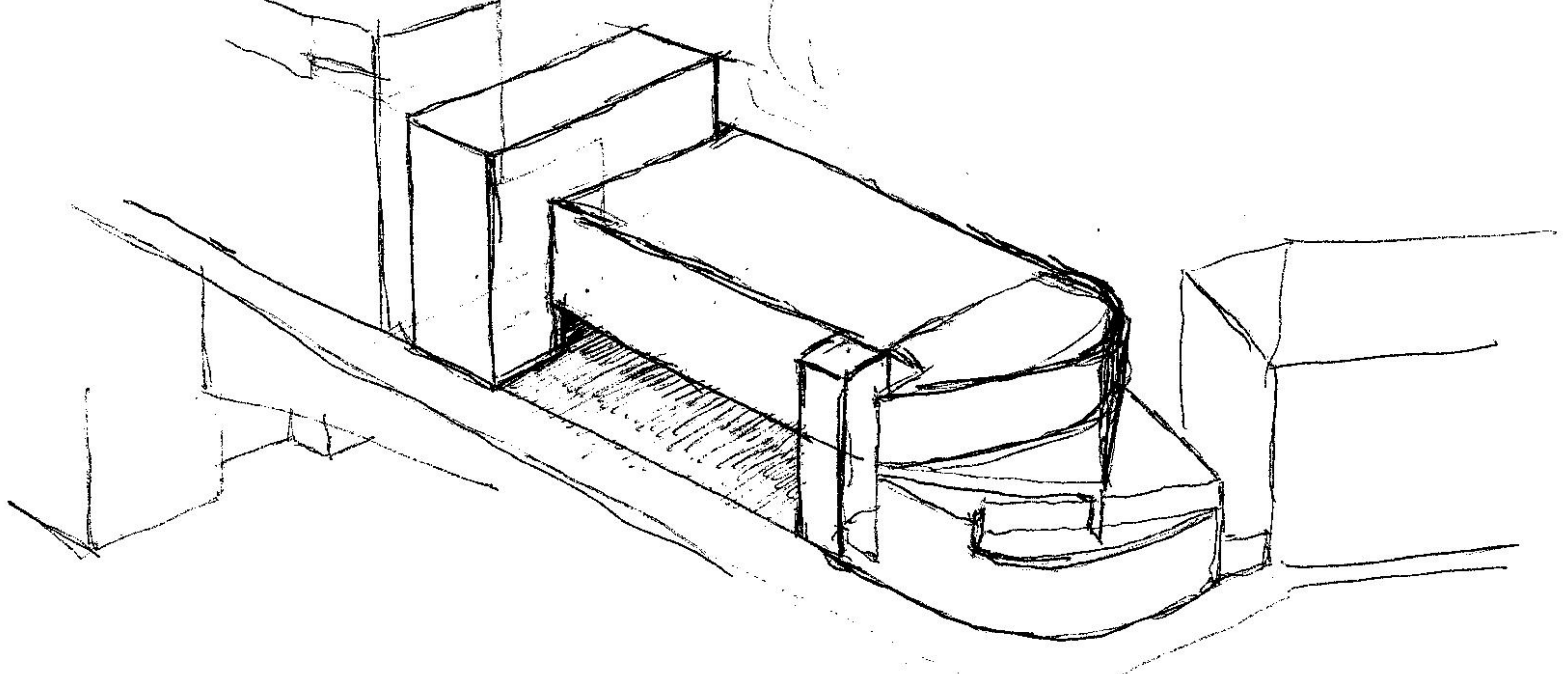




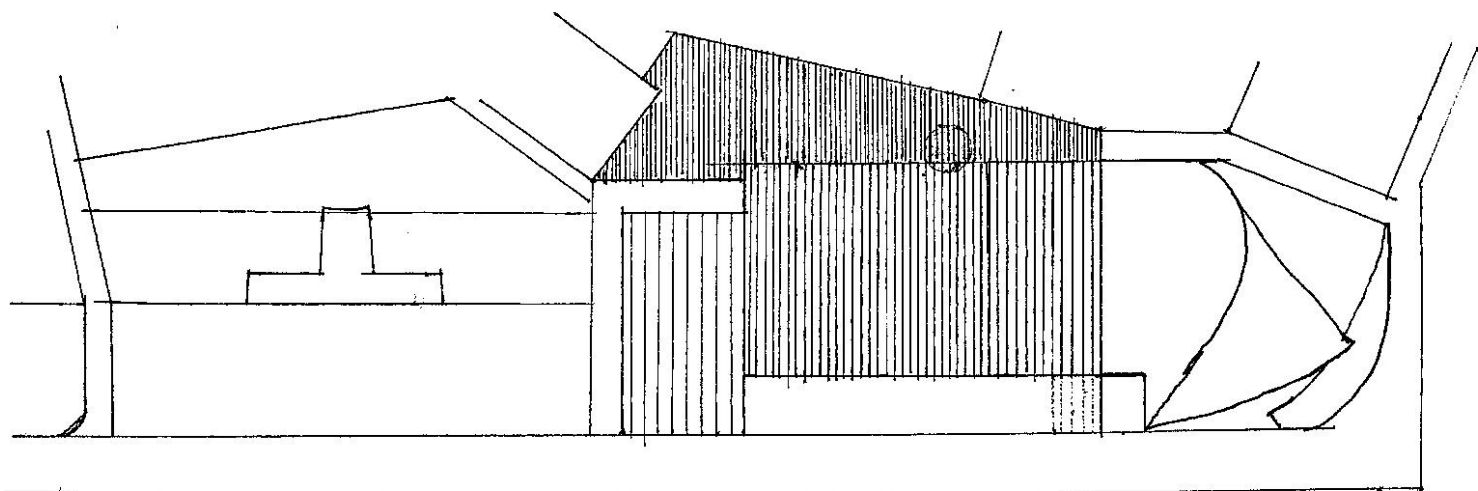
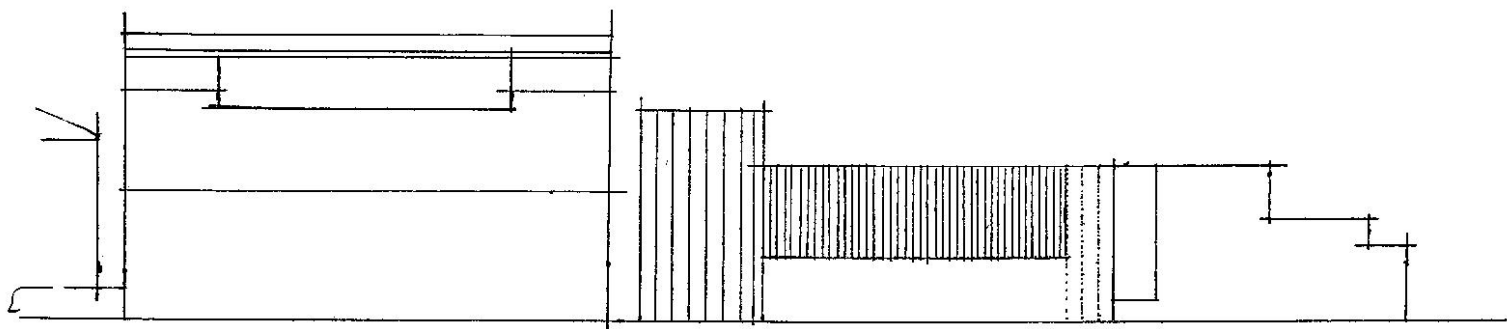
Vai buscar a linha da varanda do segundo piso, em vez da linha do volume de 5 pisos.

Se o meu objetivo é criar uma ligação entre dois edifícios com linguagens e escalas diferentes, vou ter de projetar uma solução que converse, reflita essa ligação em alçado, em planta e, consequentemente, volumetricamente. De todas as soluções anteriores fui-me apercebendo que a minha proposta conjugava um grande volume três volumes. Um volume com maior cerca, que cria relação com o edifício de escritórios, um volume com menor cerca que cria relação com o banco e um volume de apenas um piso cujo principal objetivo é ^{que se relacione com os espaços exteriores} marcar uma linha paralela à avenida nas traseiras, que, sem esse volume, ficam frágeis, ~~sem grande~~ com uma ligação forte a uma envolvente pouco agressiva e sem grande proximidade.

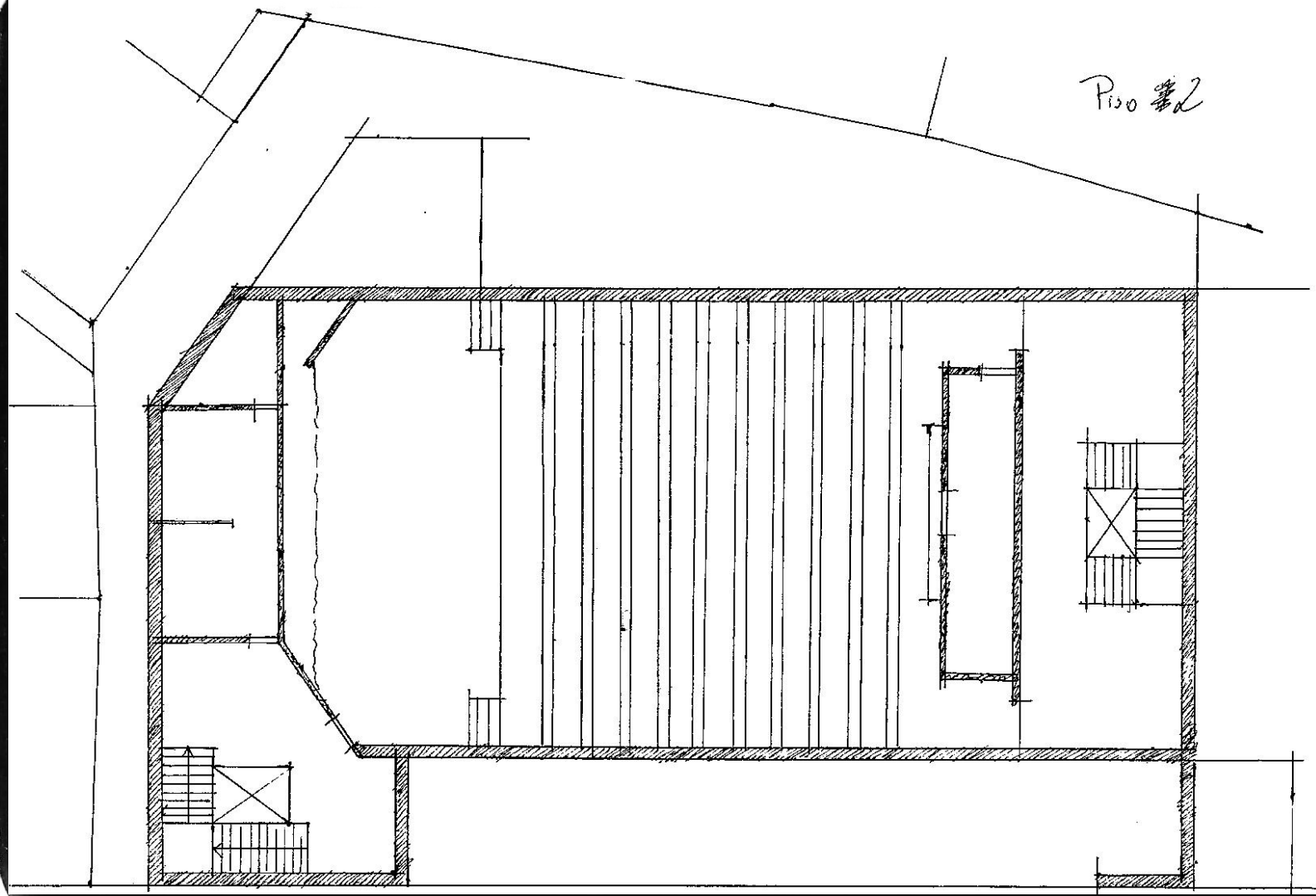
Talvez pudesse ser um volume de acessos verticais, mais estreito e claramente diferente do resto, umatando volume mais baixo e largo que se lize com o banco. A proporcão das pedas dos edifícios de escritórios poderia, por ventura, servir de referência para a espessura do volume em alçado. No fundo, ao se buscar o alinhamento do ~~plano~~ do edifício de escritórios, ajuda a fechar o espaço de traseiras que não tem remate, não está tratado, e ao trazer o volume mais para oeste consolida melhor o desenho desse espaço de traseiras. Se buscar mais referências do que está a ver.



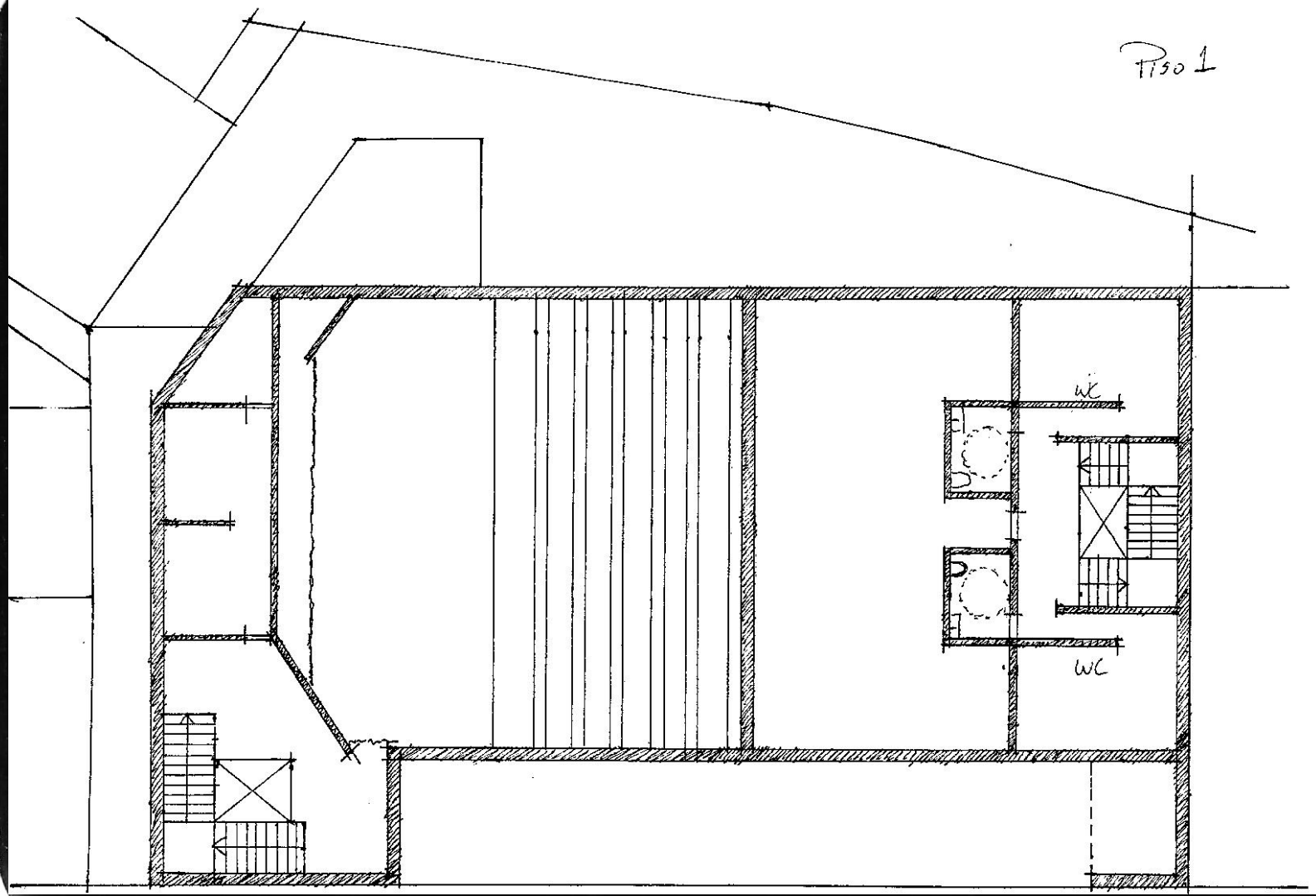
Estes dois últimos volumes têm sido os mais constantes durante o processo da projeção das interiores, isto porque o programa acaba por moldar a ideia volumétrica inicial. No entanto, venho-me a aperceber que ~~o~~ o volume que vem a ligar-se com o edifício de escritórios é o que menos me agrada esteticamente, pela falta de força que apresenta e pela limitação de espaço que tem vindo a ser usada, visto que tenho vindo a projetá-lo mais e mais estreito (em relação ao alçado da avenida - alçado nascente). Esse ~~estudo~~ estreitamente é o que me parece mais oportuno e estético quando tratado em alçado e ~~em~~ perspectivando-o à Avenida, mas o facto de o volume ser estreito também em planta, por seguir o alinhamento dos últimos pisos do edifício de escritórios, faz com que ele não seja forte o suficiente, pois toda a vez um remate e uma ligação em alçado que acaba por não ser sentida volumetricamente ou em planta. Num conversa informal, sobre o projeto, com o arquiteto Elisário Miranda, estas questões foram levantadas. Perante a volumetria representada em mequente, o arquiteto fez o sempre gesto de rodar o volume, passando a ser mais estreito em alçado e mais comprido em planta (prolongando-se para poente). Esta solução nunca me tinha ocorrido precisamente por estar preso ao alinhamento dos últimos pisos, mas o alinhamento da caixa da escada e do segundo ^{andar} piso acabam por funcionar melhor na volumetria. Se quero dar força ao volume, tenho que o projetar mais estreito para funcionar como remate do volume que se liga sobre. Esse volume usa uma tensão original grande que lá repente chega a um ponto e sobe, fazendo depois a ligação com o que está ao lado. Se for longo no alçado poente e não se prolongar, em planta, para poente, acaba por ser frágil, não remata nada, não sabemos o que quer ser afinal, é um pouco amargo.



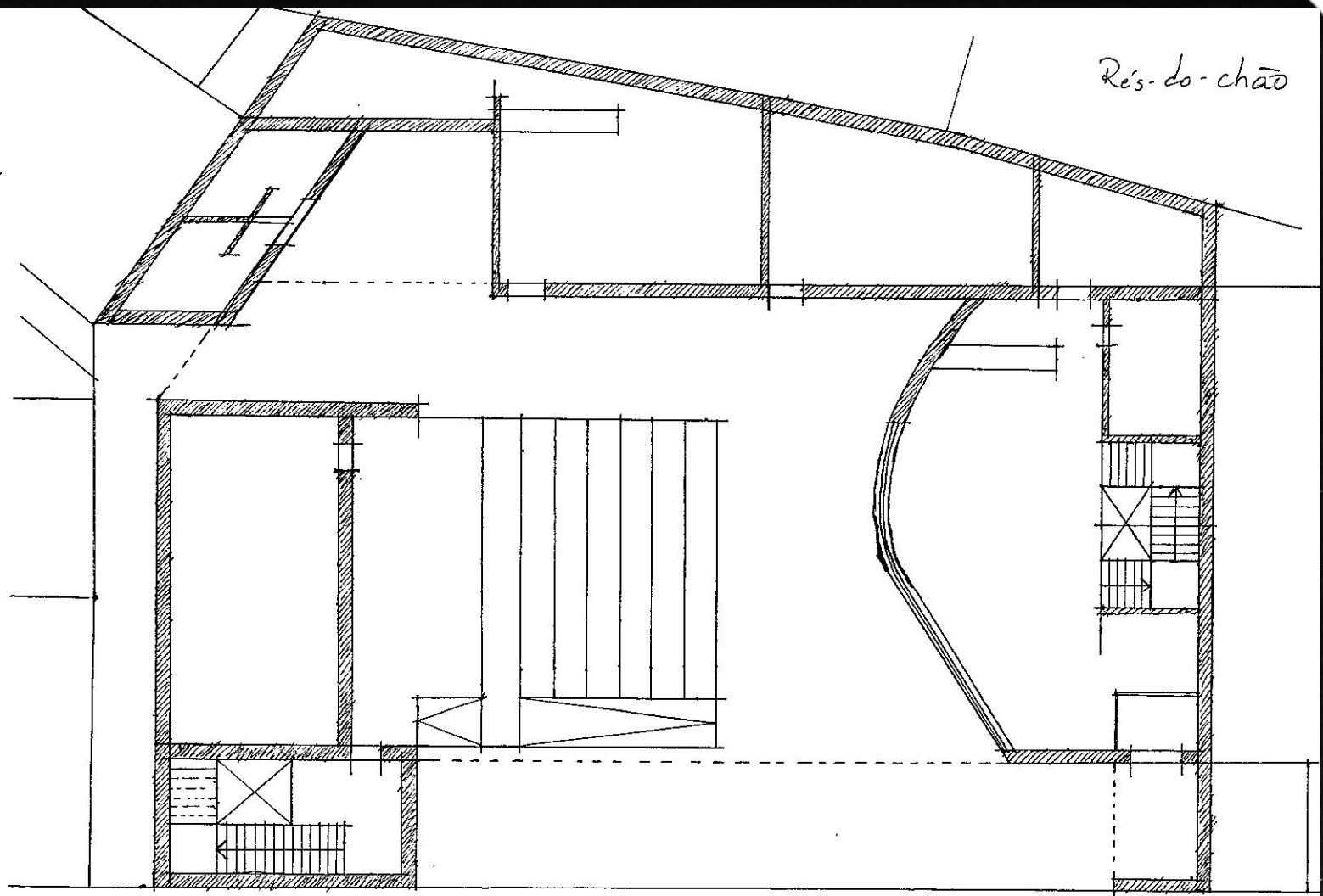
Piso 2



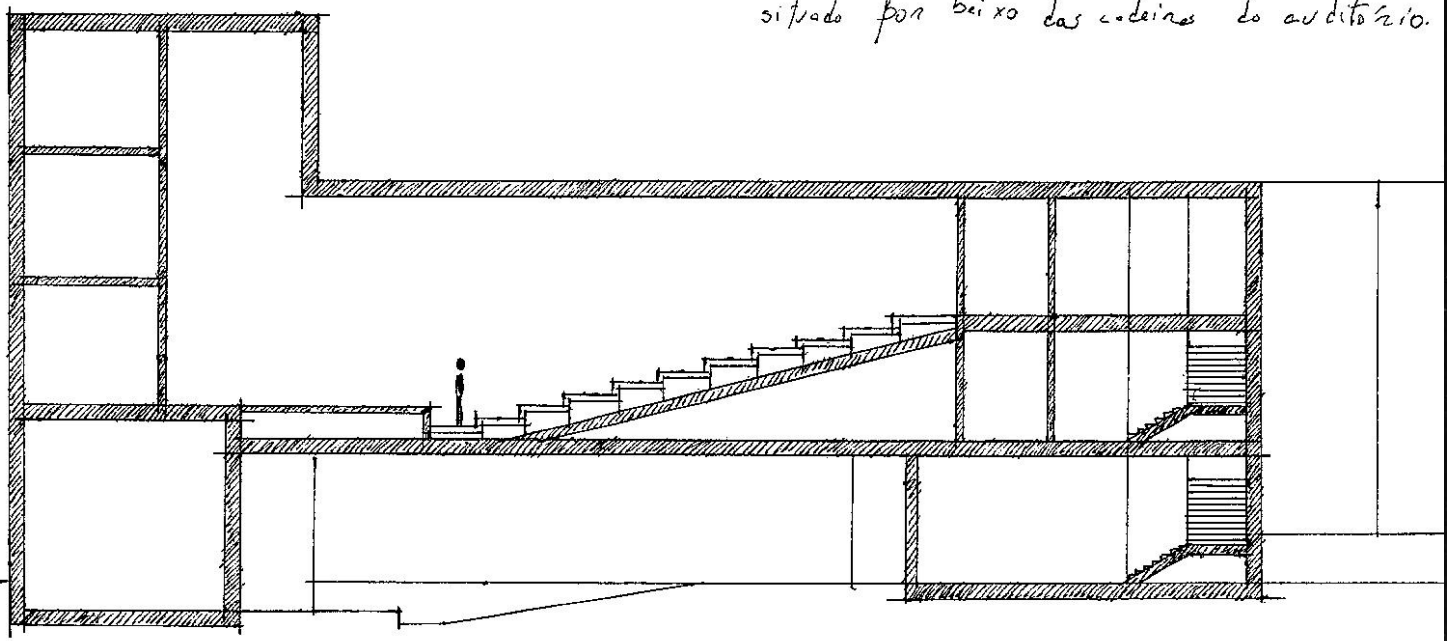
Piso 1



Rés-do-chão



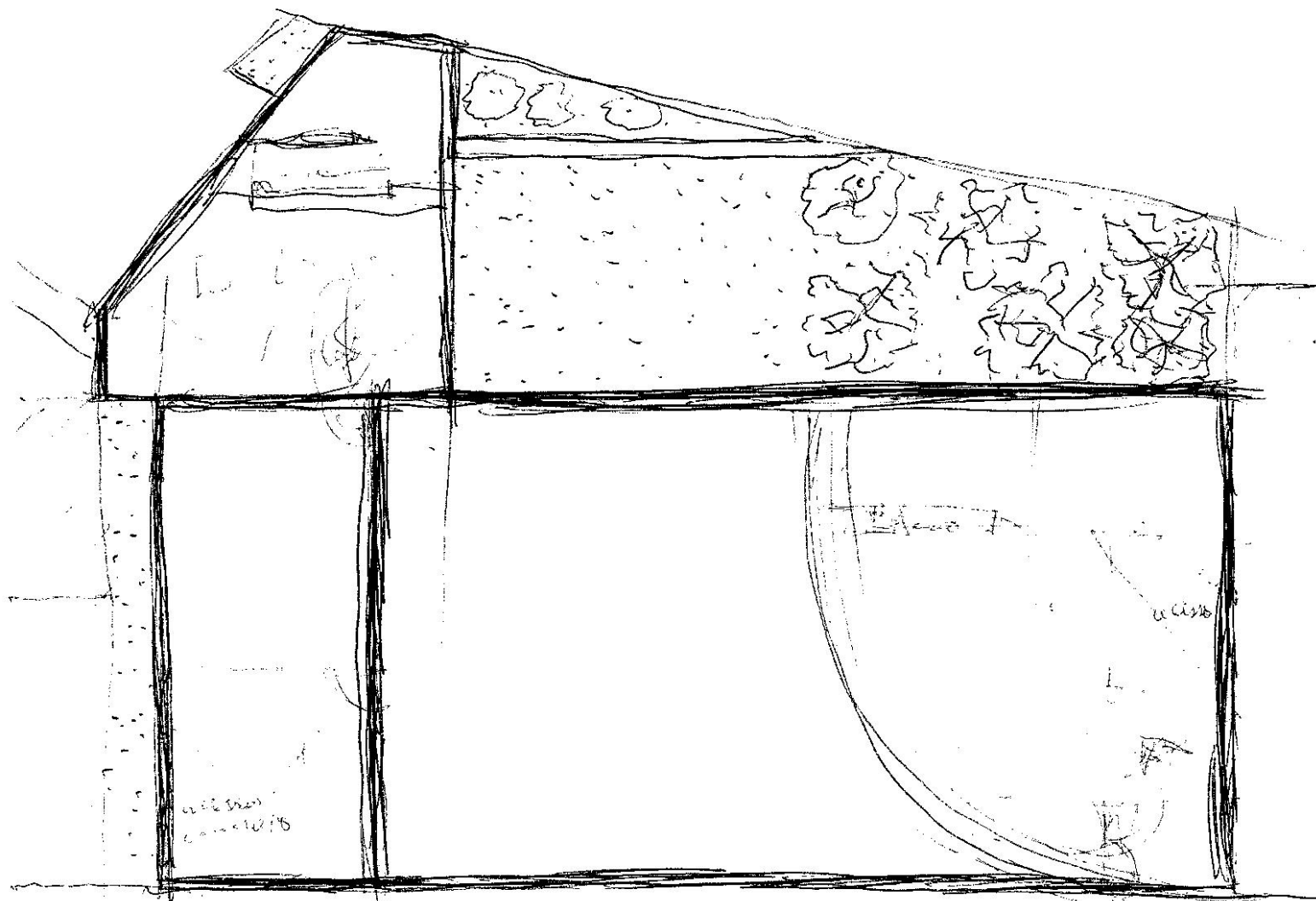
De dimensão duplo no auditório
e dois pisos na zona de distribuição
permite que no piso 1 se situem as
casas de banho e o acesso ao AVAC,
situado por baixo das cadeiras do auditório.



Após a exploração dos interiores, procedi à composição volumétrica em maquete e, juntando os desenhos
regrados com a volumetria em maquete, verifiquei, juntamente com as minhas orientadoras, os seguintes pontos.

A "peça" que liga a escola com o edifício do banco, que marca a entrada através da viação de
um coberto, é frágil e fragiliza o pórtico projetado por Siza para o banco. A linha tentativa
de criar alguma de "simetria negativa" acaba por criar uma ligação estranha entre os dois volumes, e
consequentemente, parece uma tentativa de prolongar o banco, mas acaba até por lhe tirar protagonismo,
sendo que algumas das curvas do edifício do banco quase ~~parecem~~ parecem despropositadas quando
~~visto~~ neste contexto. Talvez fazendo o volume para a frente de uma ligeira seja melhor e
não pareça tanto uma extensão do banco.

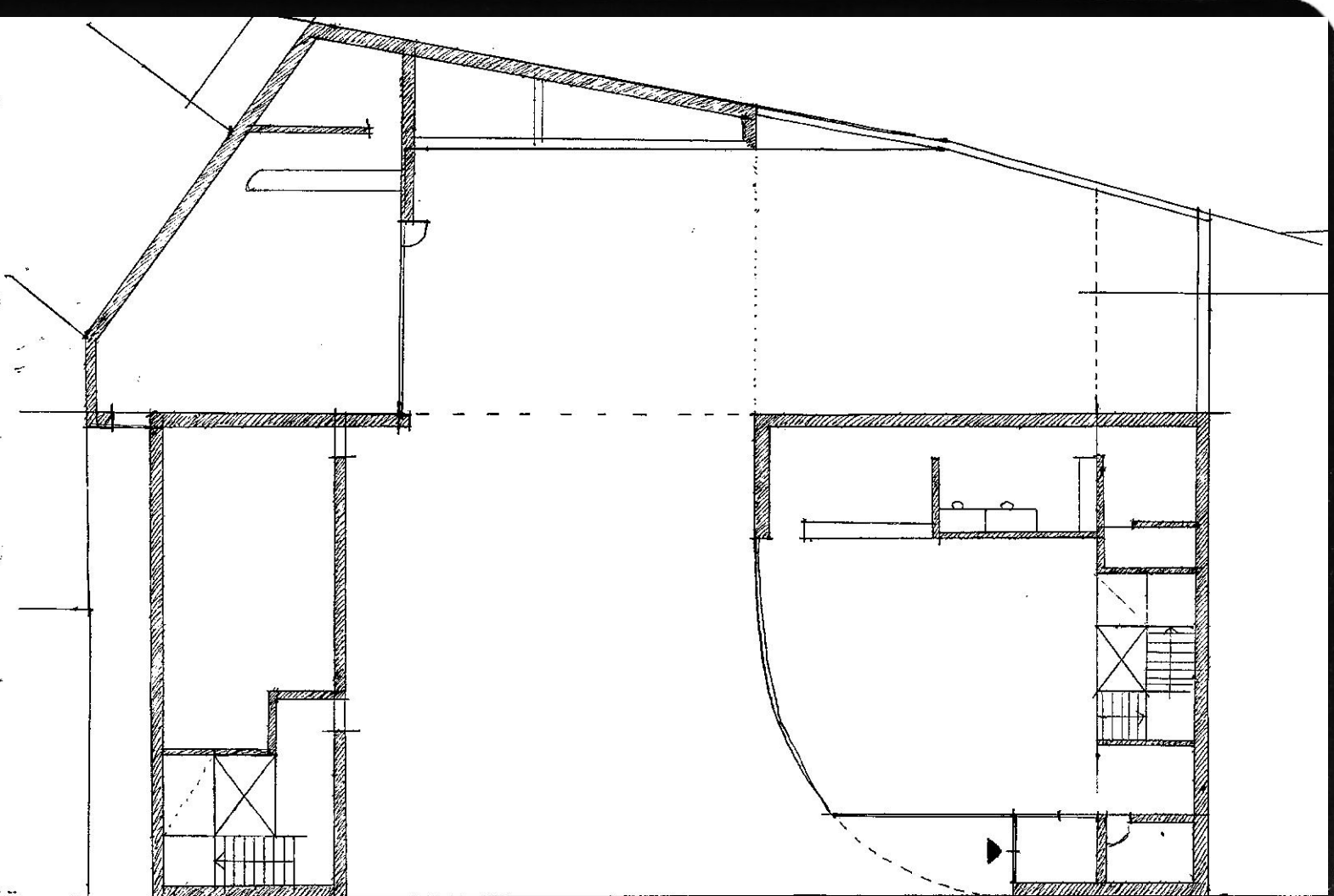
Também quanto às curvas, a curva do rio-do-chão na área destinada ao átrio poderia ser uma
ligeira referência ao banco mas não se sente. Se a minha intenção é fazer referências
talvez seja mais claro a referência e o "movimento" se este for simétrico ao movimento
feito no rio-do-chão do banco, ou seja, se a curva for idêntica à curva projetada
no rio-do-chão e não do último piso. A curva é um gesto que se fez sentido se
for mais assuado.

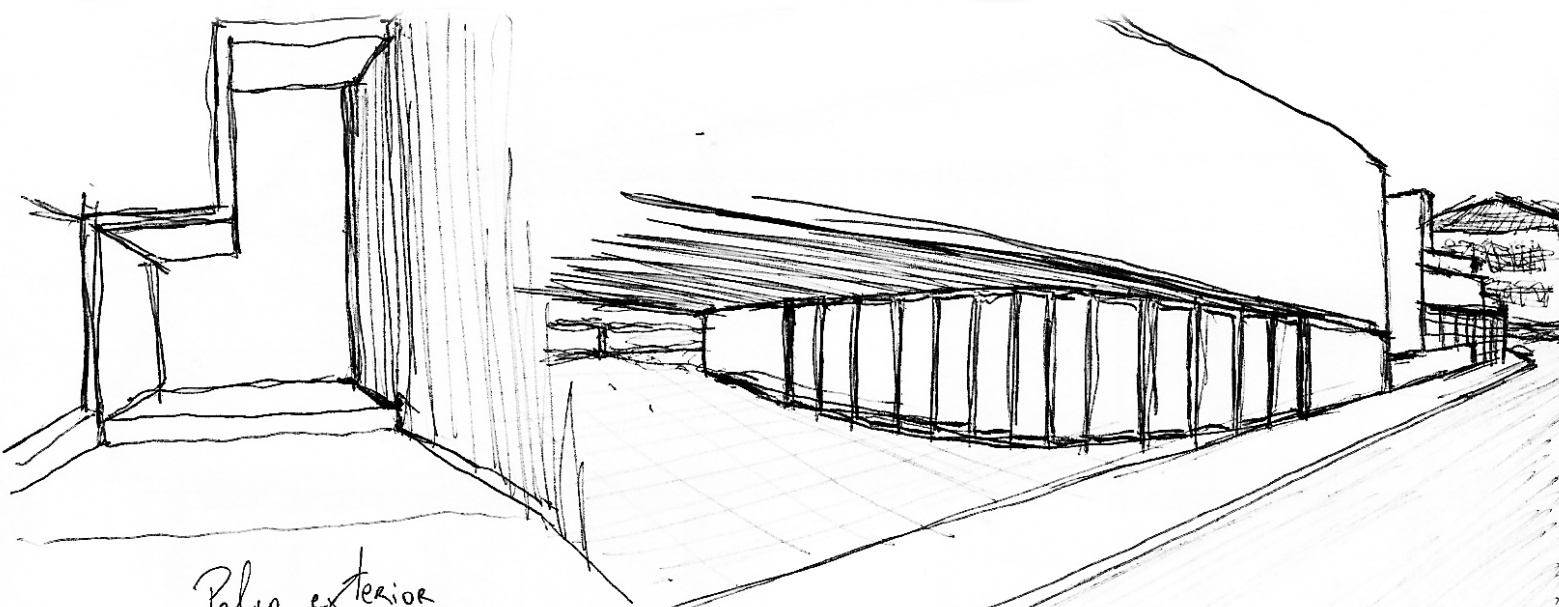


Oitavo, e talvez o maior problema desta proposta, é o facto de existir tanto programa no nível nas traseiras do terreno. Primeiro porque acaba por ocupar demasiado o terreno, acaba por ficar demasiado massificado e precisamos de luz e que o tecto "respire". Segundo, porque ao levantarmos o volume do auditório, precisamos de luz no outro lado, senão é só um gesso coberto, escuro. O café e o espaço exterior do mesmo também são um pouco desenhos na composição. A chave dos traços mais importante, simplificar e permitir que a circulação seja mais intuitiva e fácil com maior ligação com a luz natural.

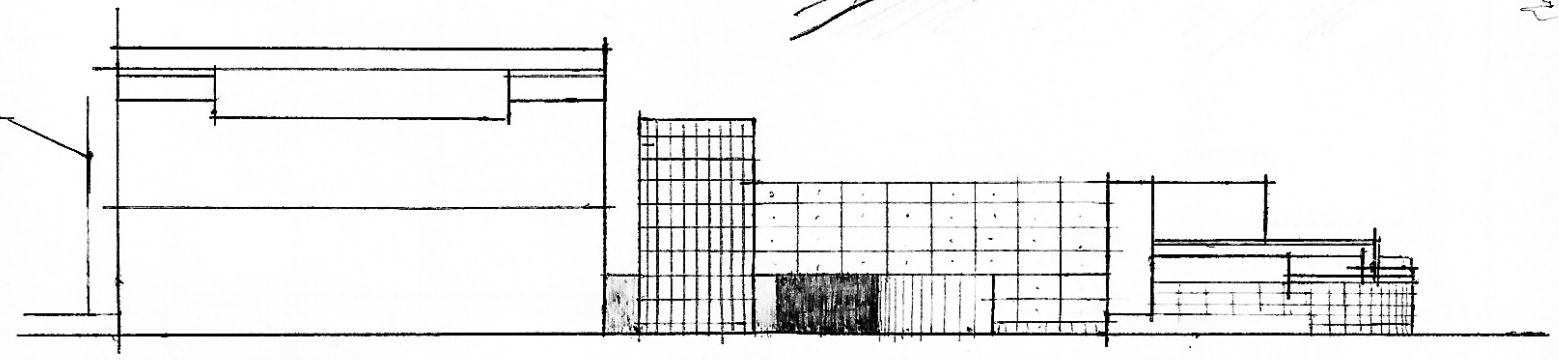
O volume mais alto, que se liga com os escritórios poderia ser mais estreito, relacionando com as salas do último piso dos escritórios. Assim tenta-se ainda mais a unidade da tecto horizontalmente com o volume do auditório.

Por fim, a ligação do volume do auditório com o volume dos escritórios (ligado aos escritórios) parece mal conseguida. O reforço e o ponto "comum" entre eles não está bem executado pois o pólo tem uma área que o pe direito e largo mas é apenas um canto e não em toda a sua extensão. A torre para a frente da sala e volume do auditório está ligada mas não está clara. No entanto, perde-se a força sentida na diferenciação dos dois volumes, porque ao fixarmos dois na frente da sala cria-se um T em aberto (~~em aberto~~), que só poderá ganhar força quando se inserir e trabalhar os diferentes materiais. Por isto, há que fazer alterações!!

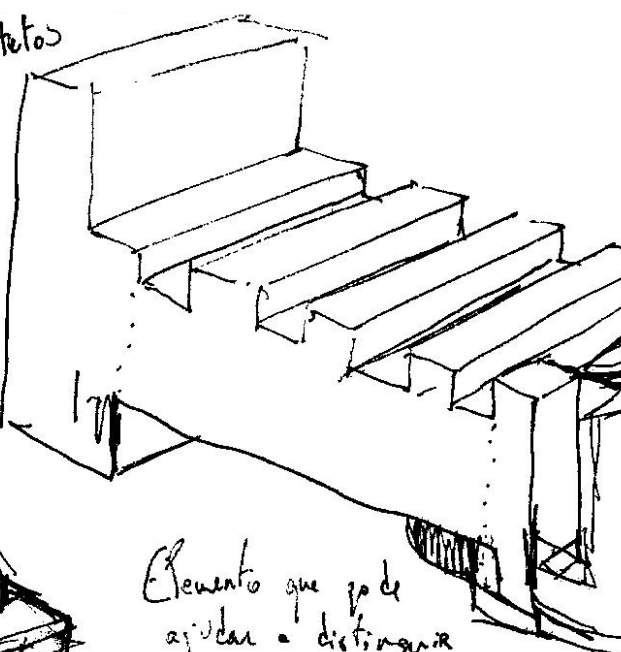
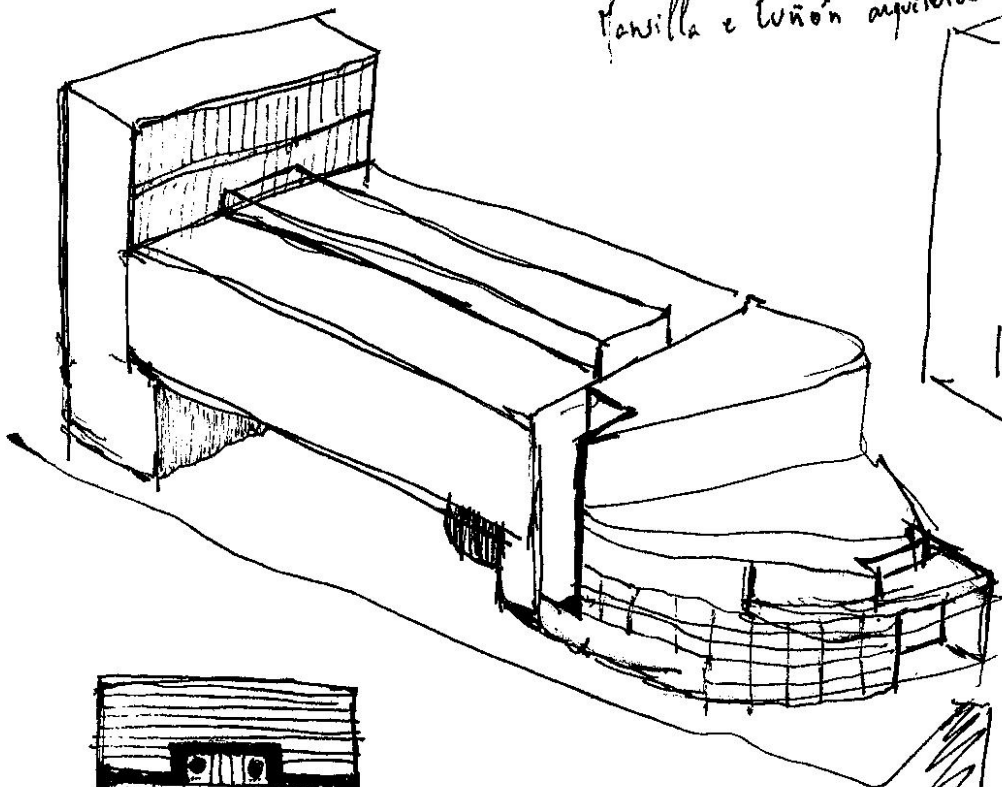




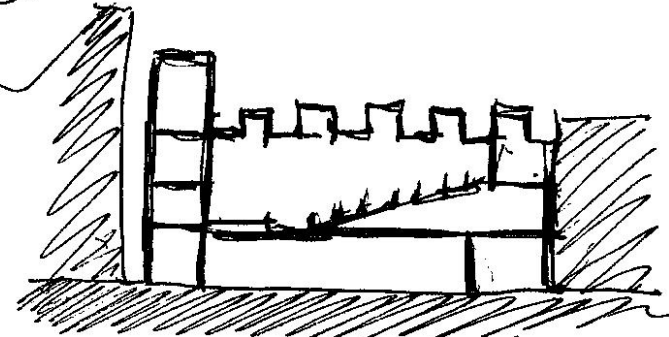
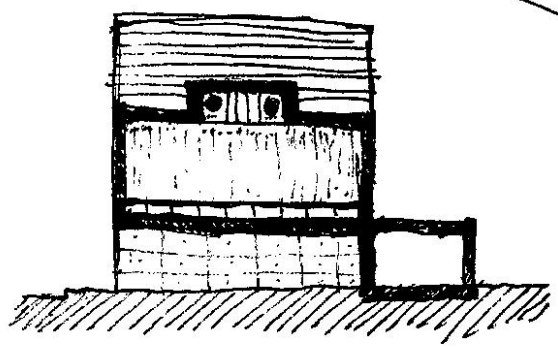
Patio exterior

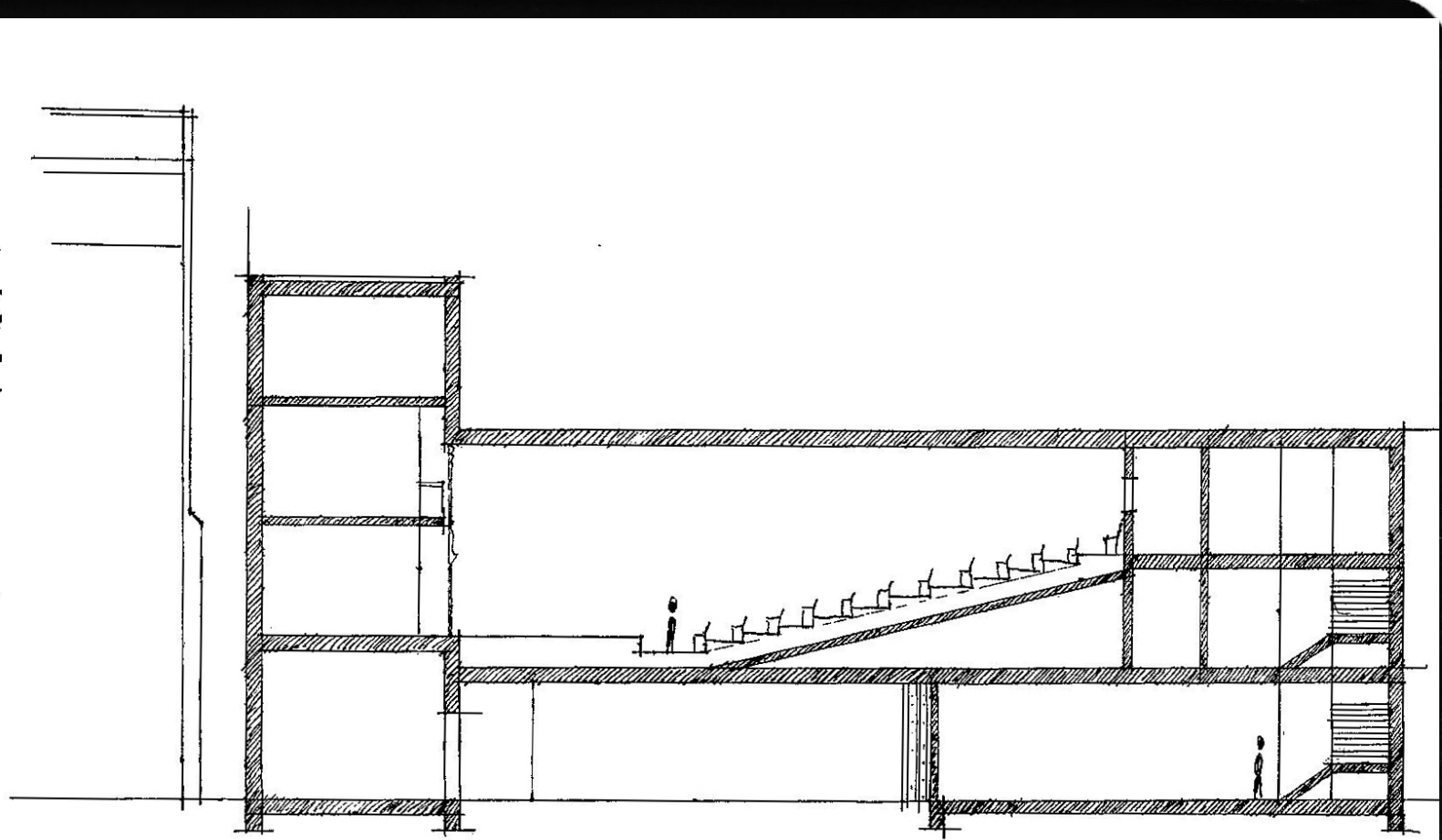
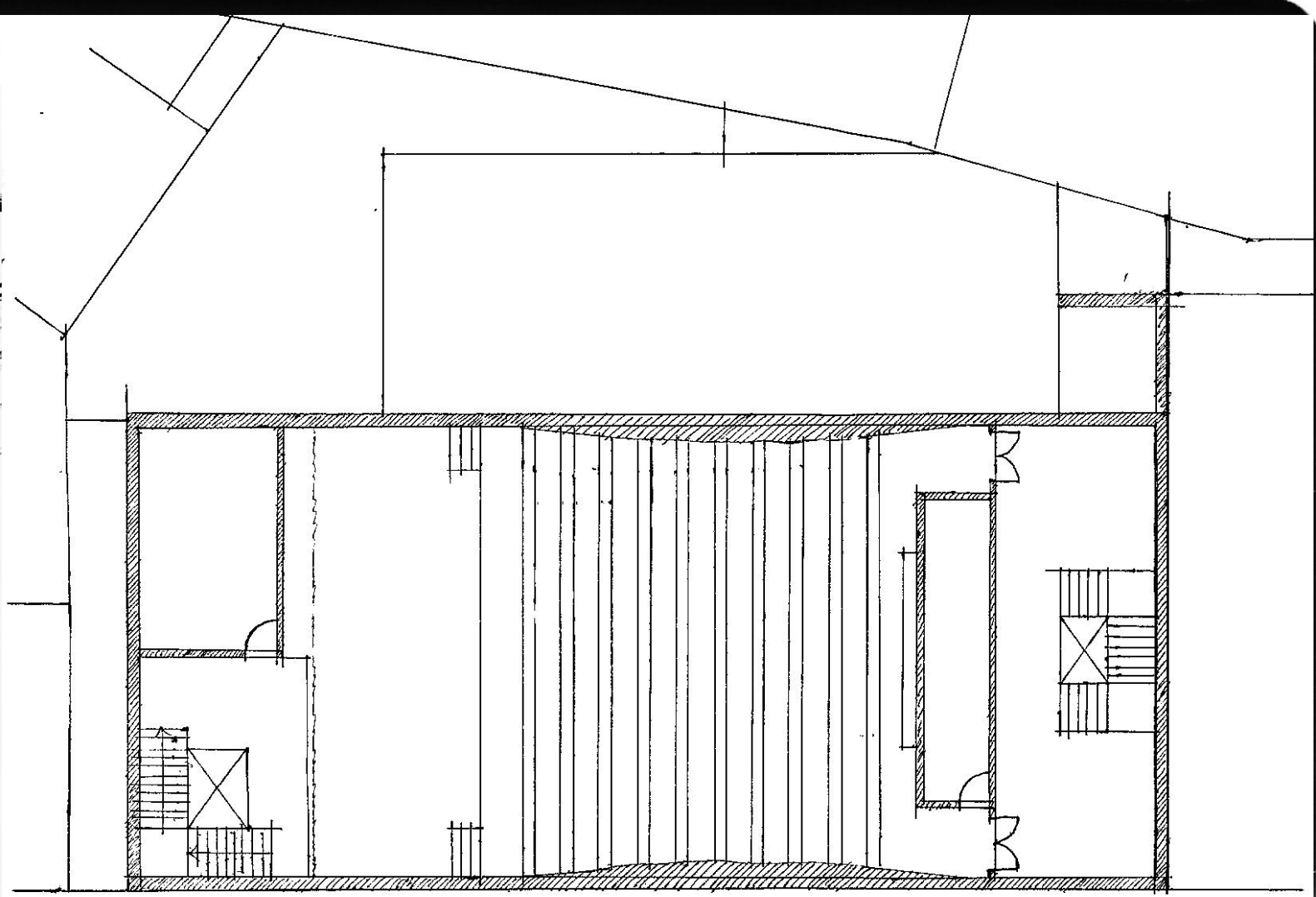


Parilla e tuñón apertados

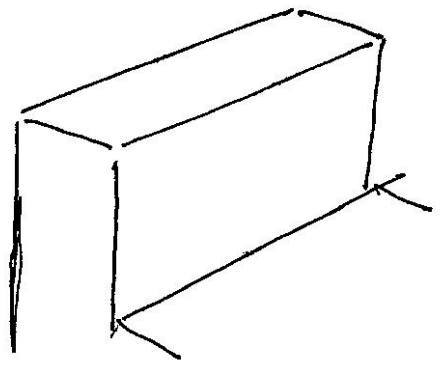
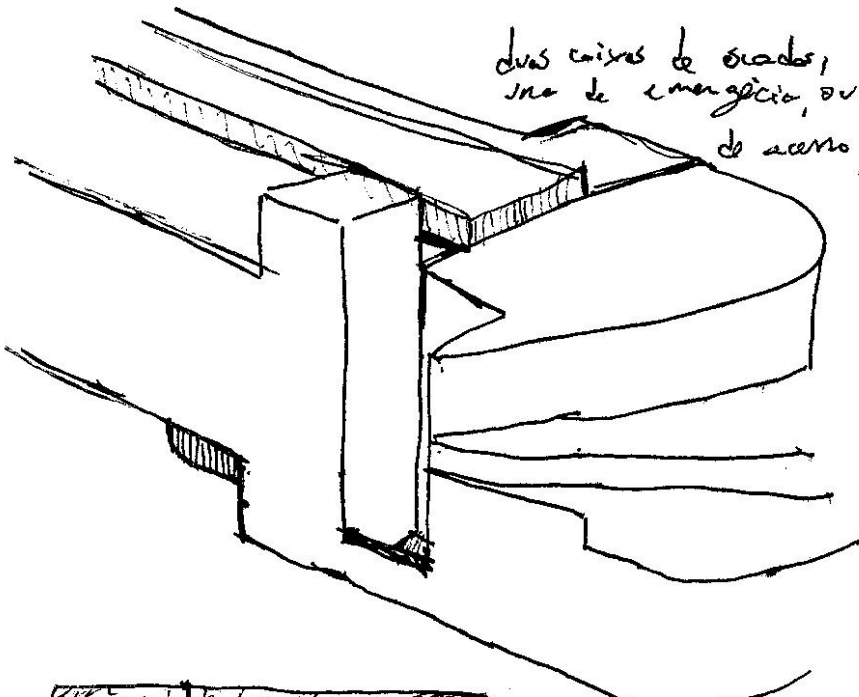


Elemento que pode ajudar a distinguir o novo volume ... A



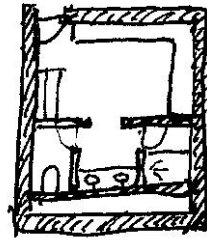


duas caixas de escadas,
uma de emergência, outra
de acesso geral



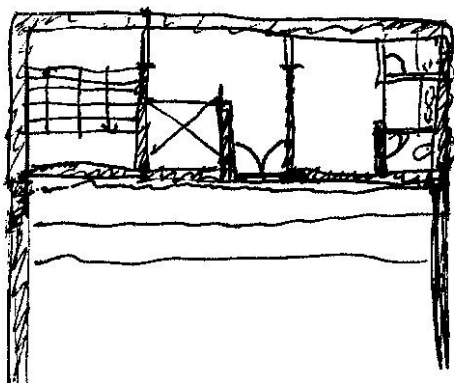
4,5 m x 6 m

→ medidas necessárias
para lâminas.

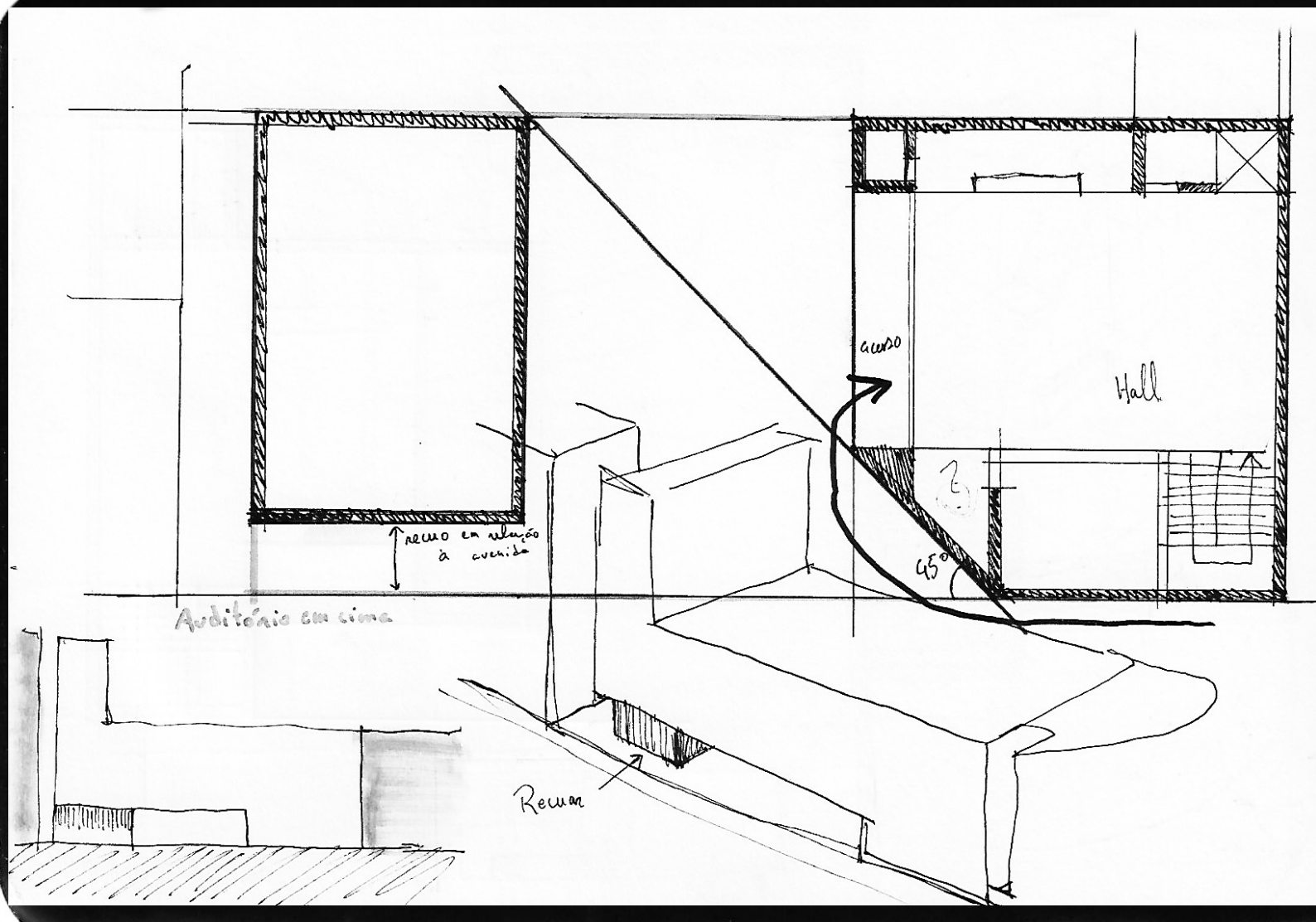
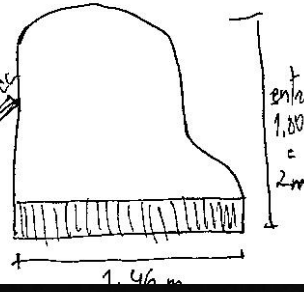


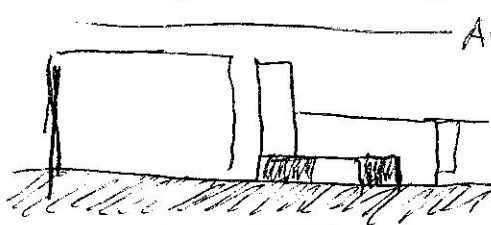
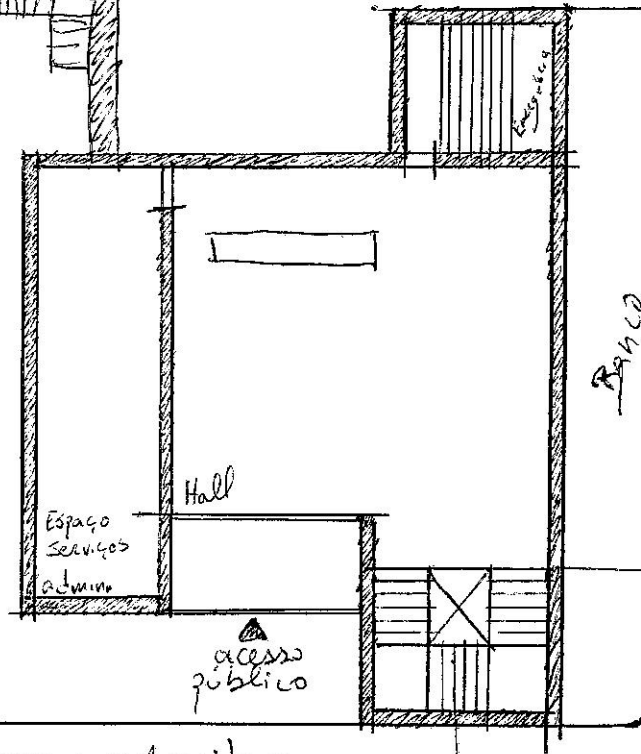
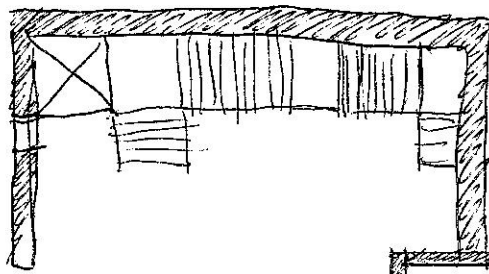
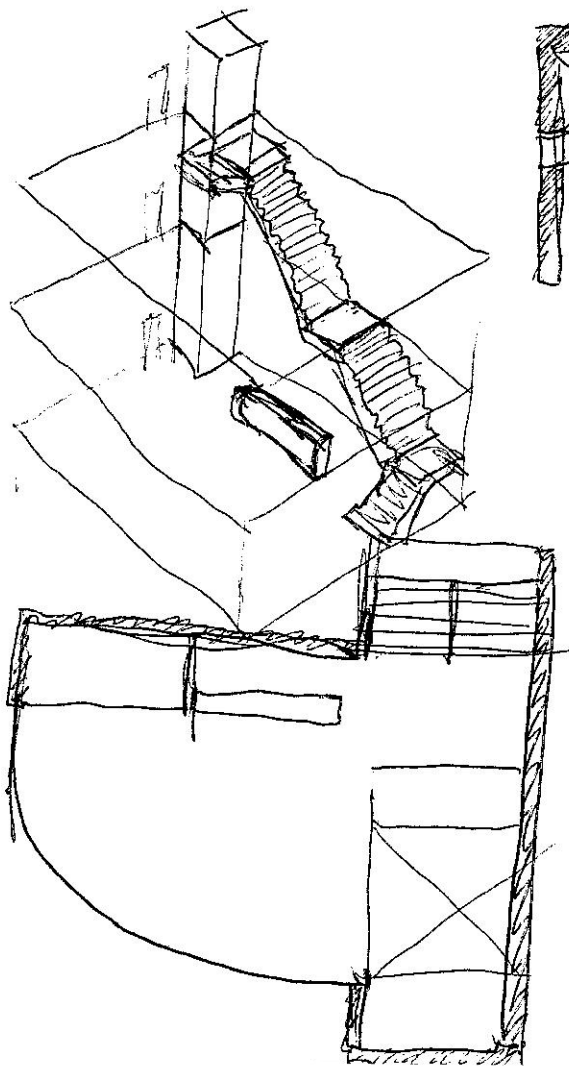
→ exemplo concreto

→ Bastidores mais regulares,
desenho mais simples e regular.



Medidas de
um plano de laje

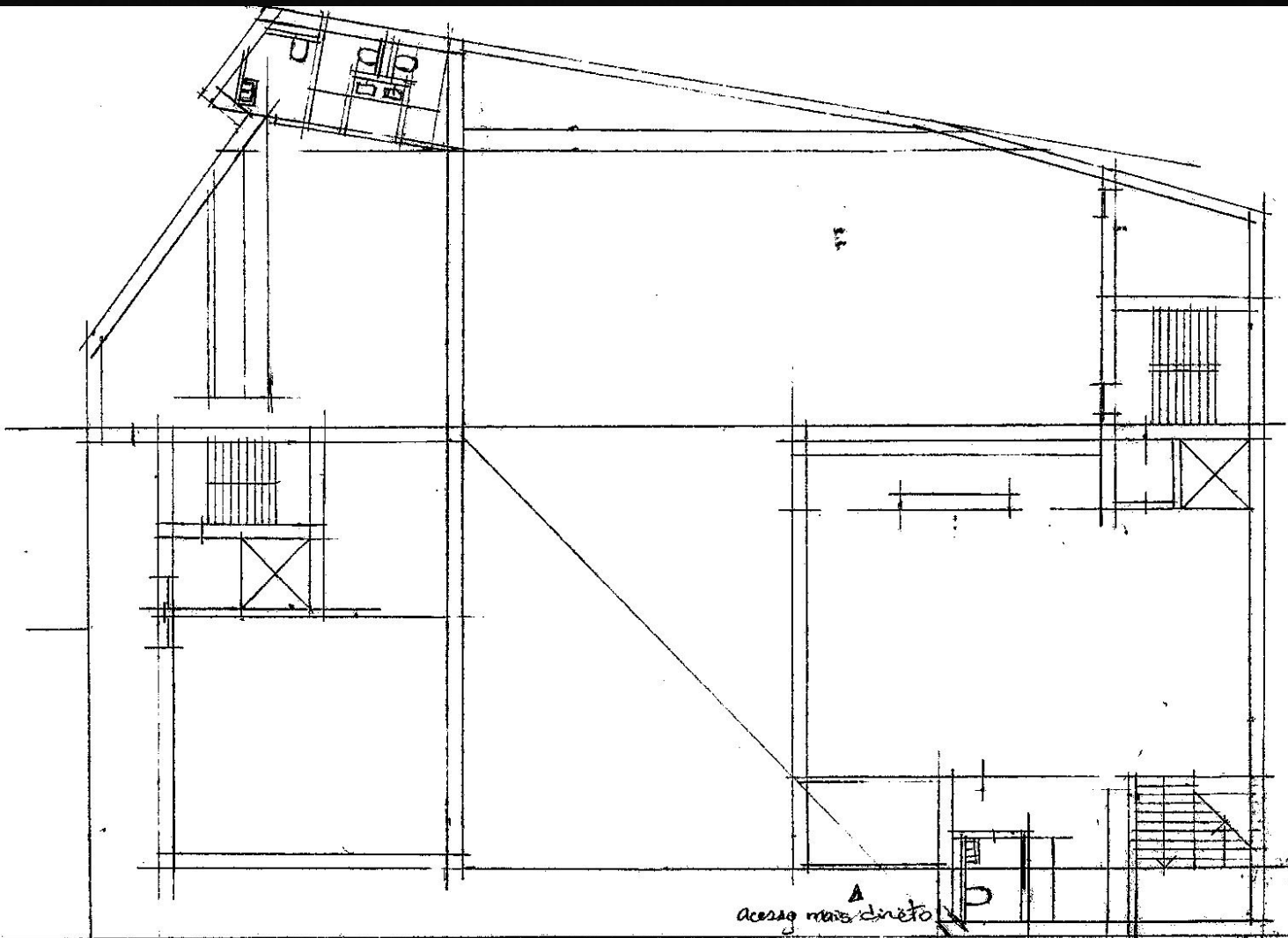




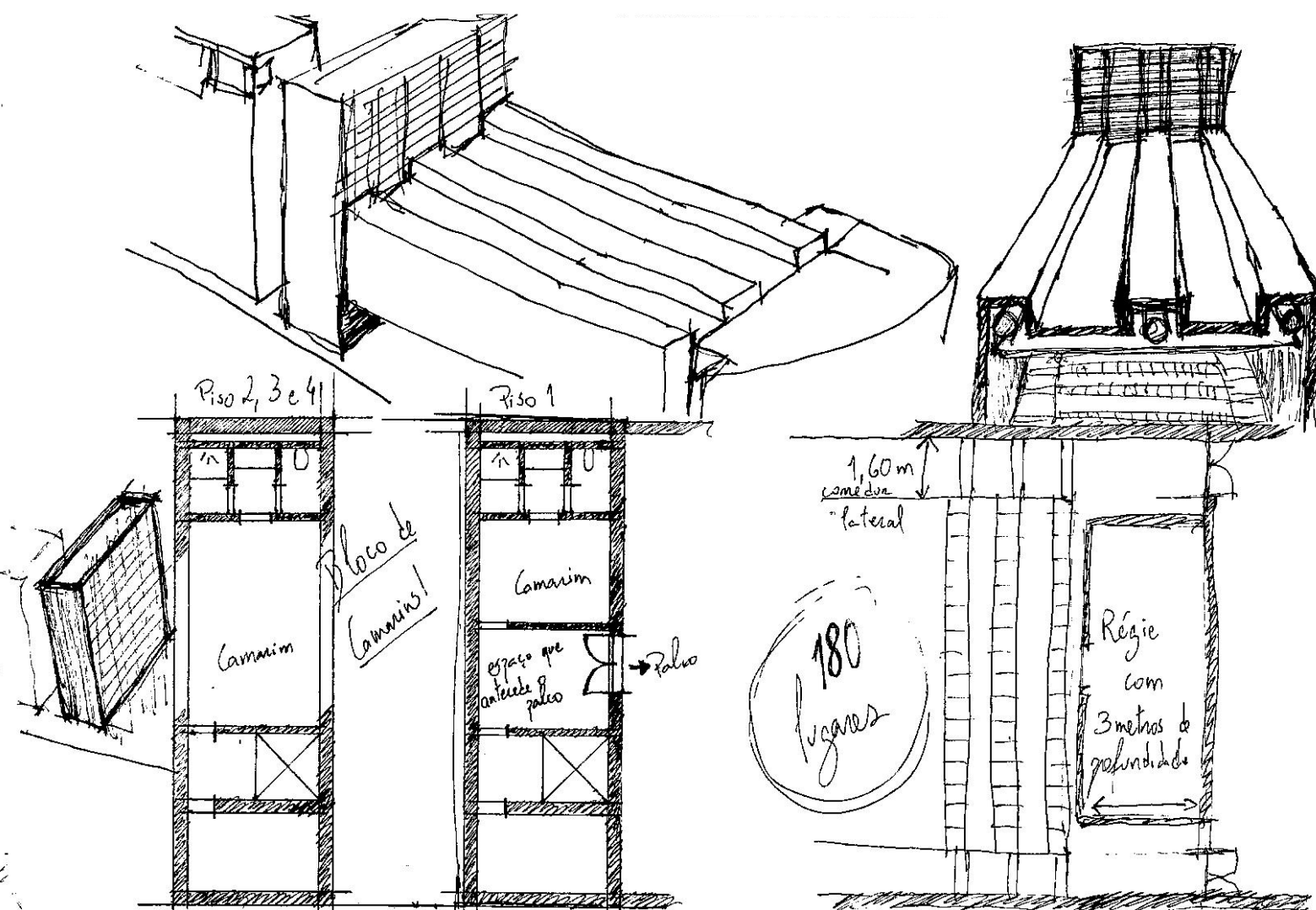
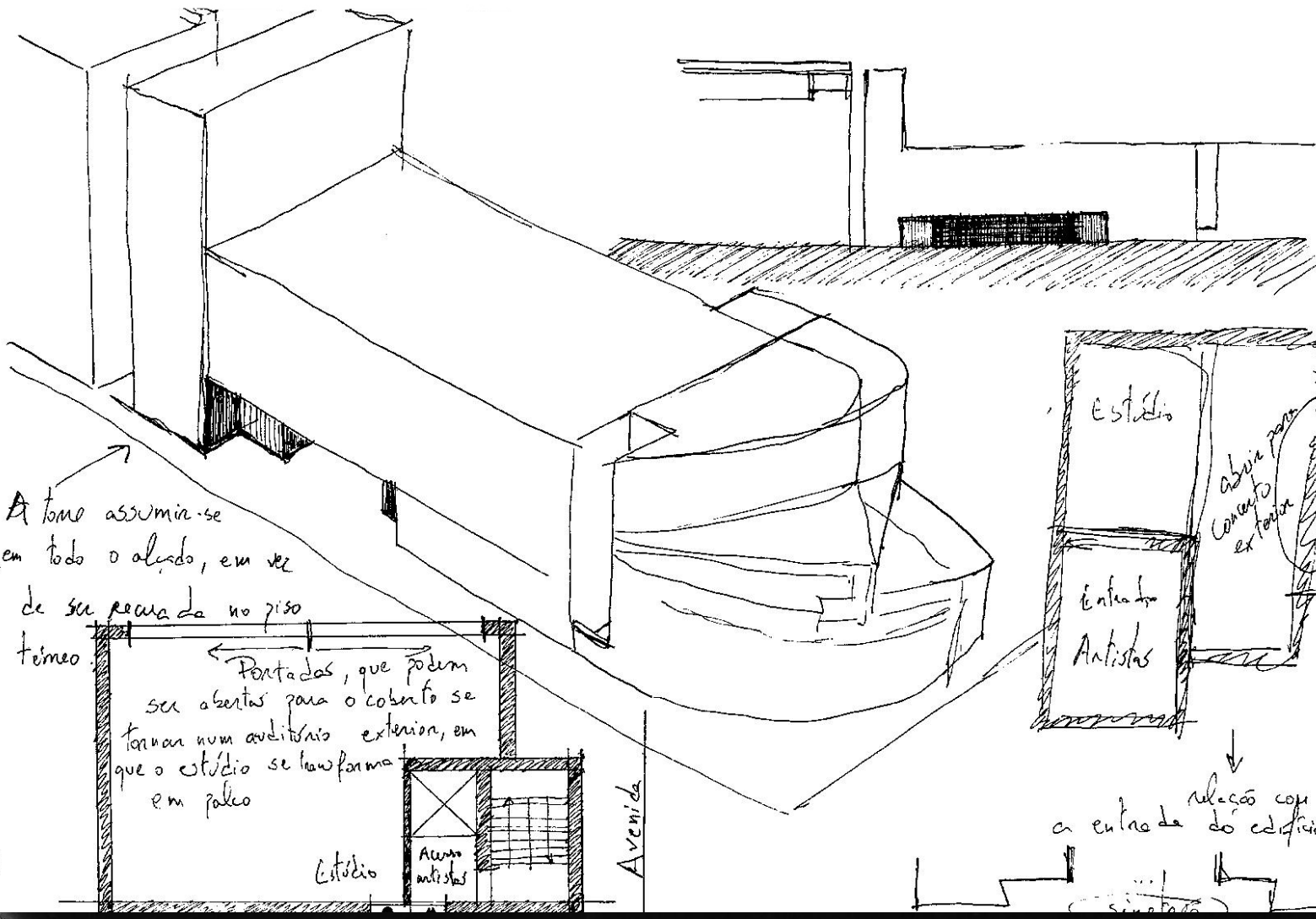
Avenida

acesso público

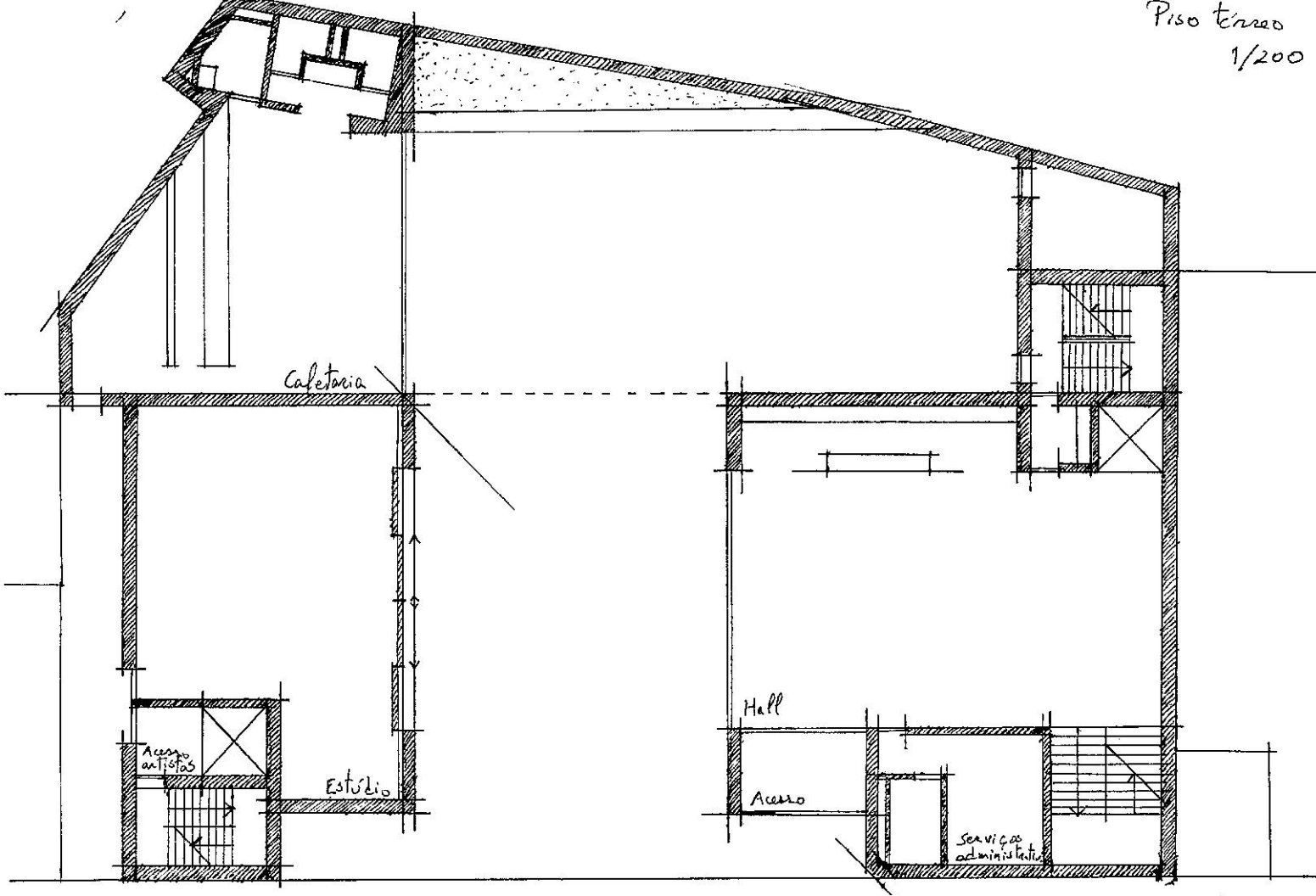
Escadas e elevador
com relação estuak
e escada pequena para
o programa...



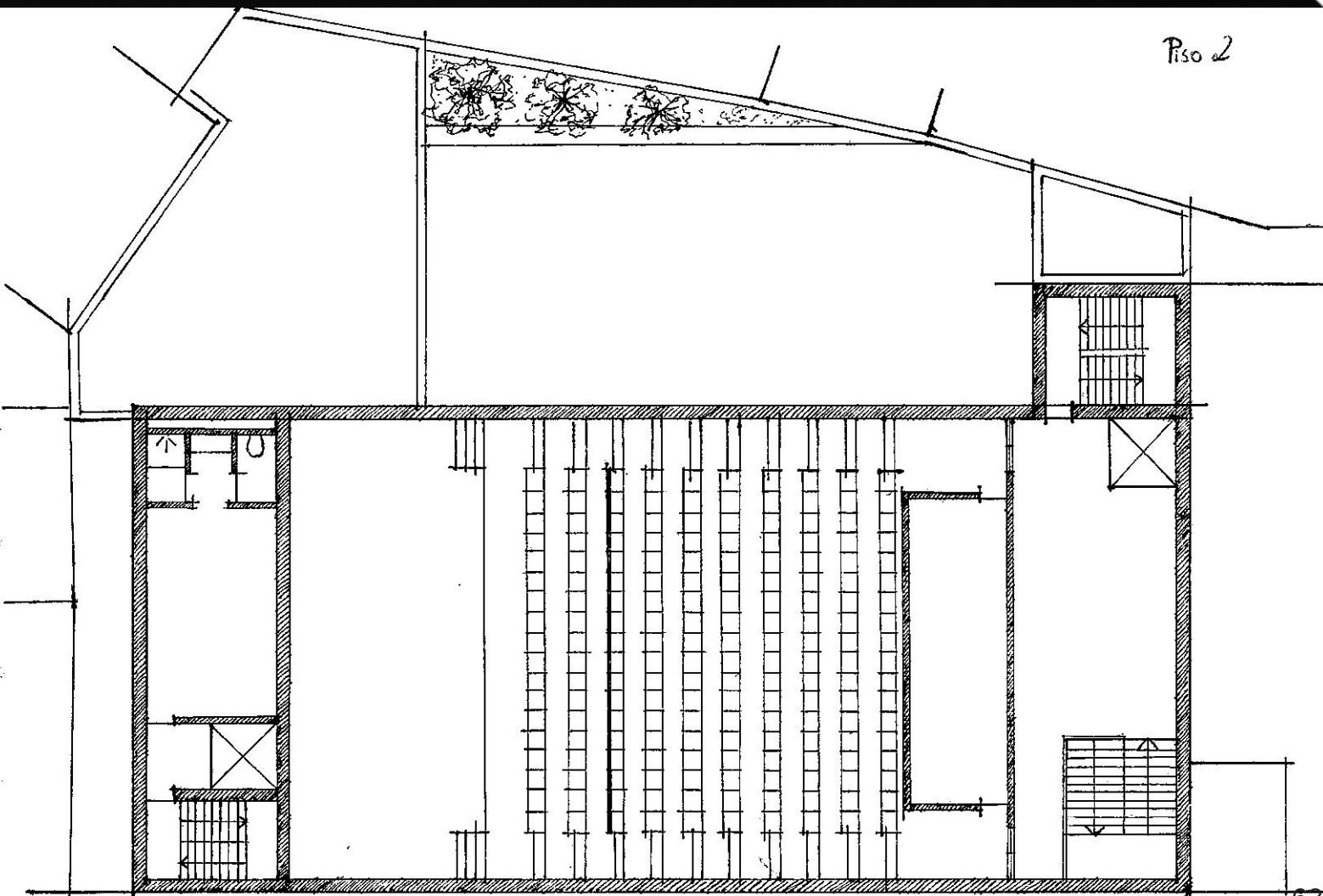
acesso mais direto

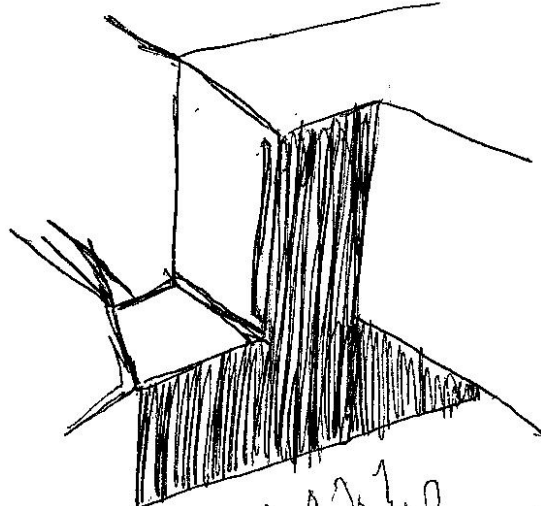
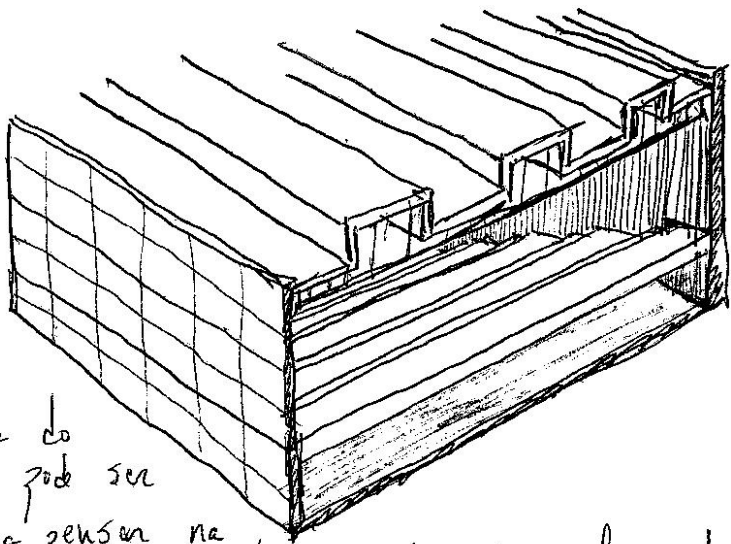


Piso Entreo
1/200

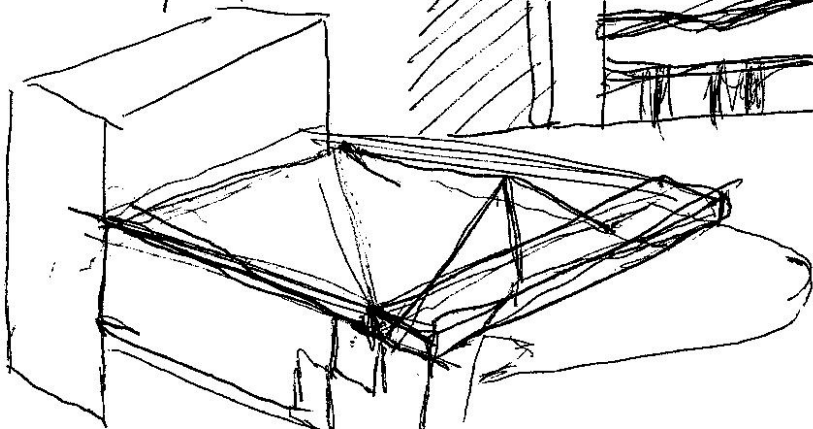


Piso 2

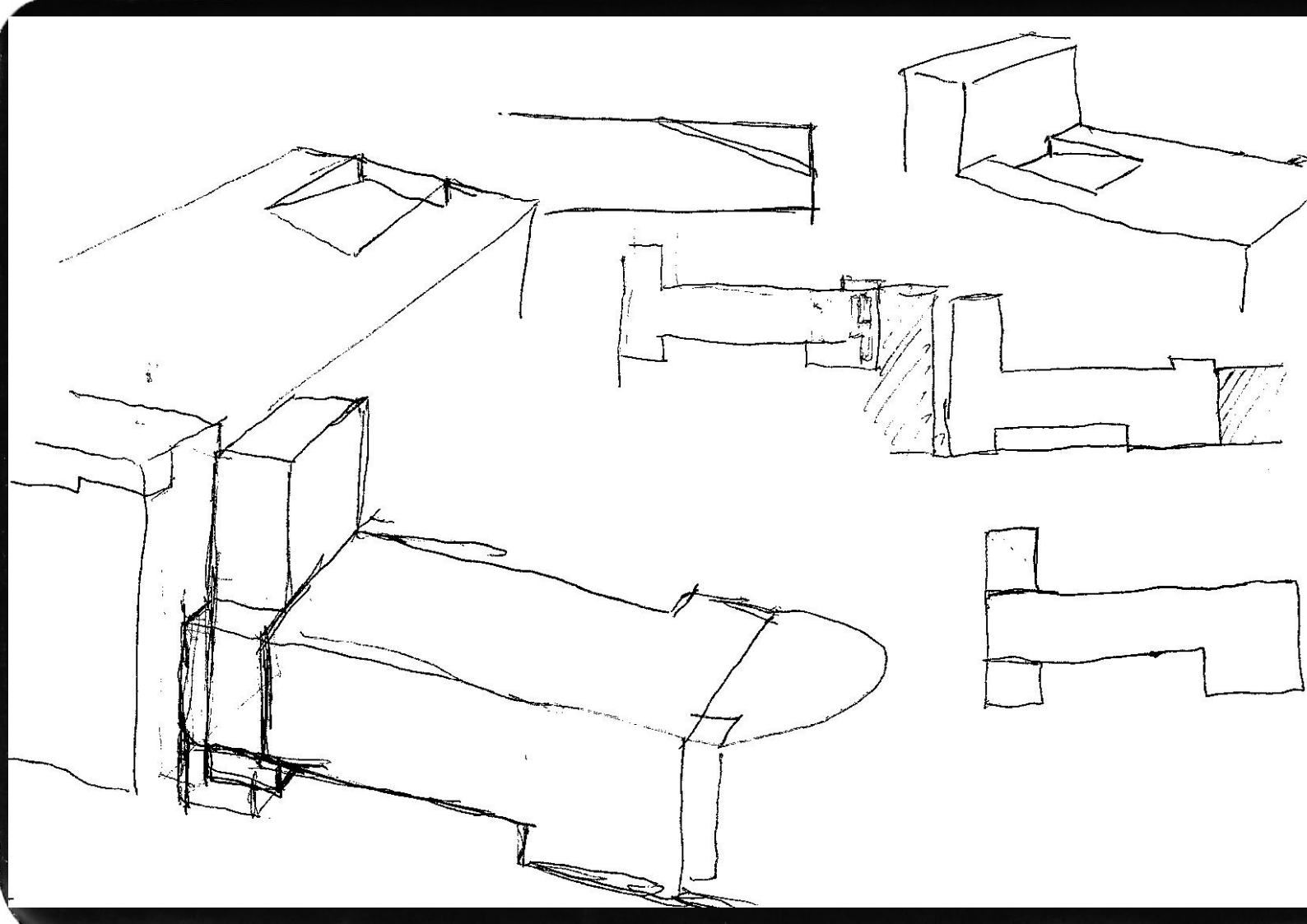


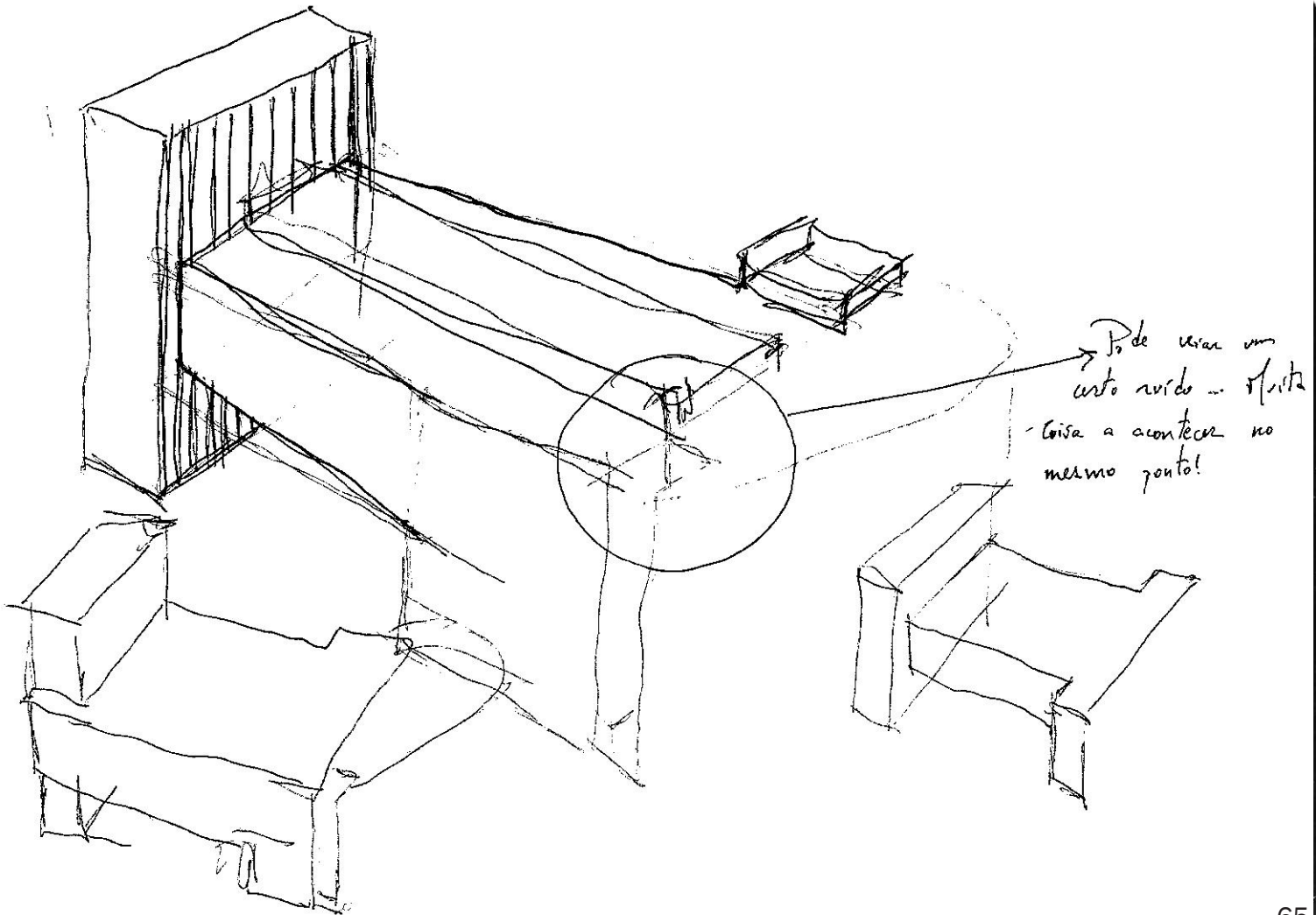
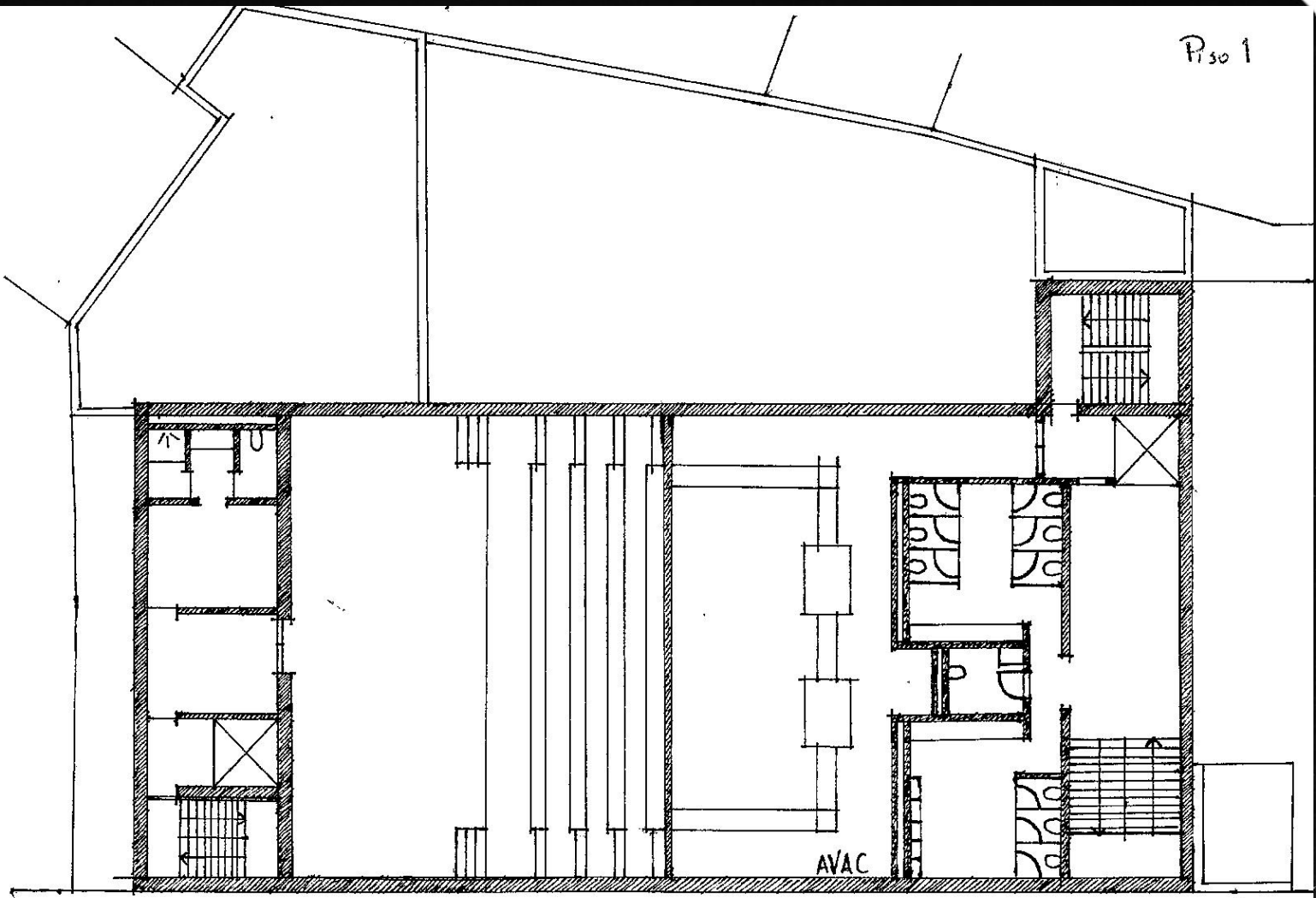


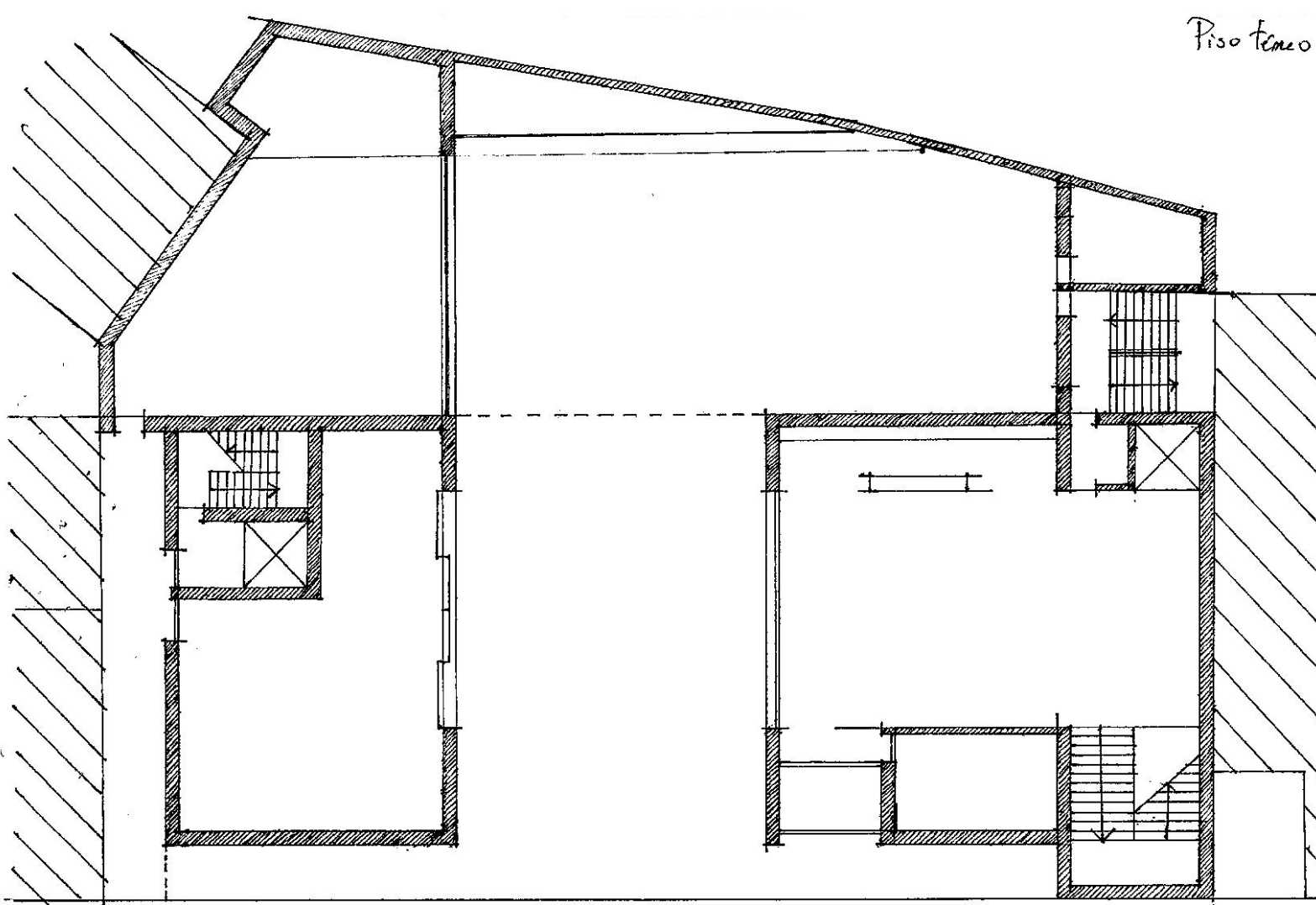
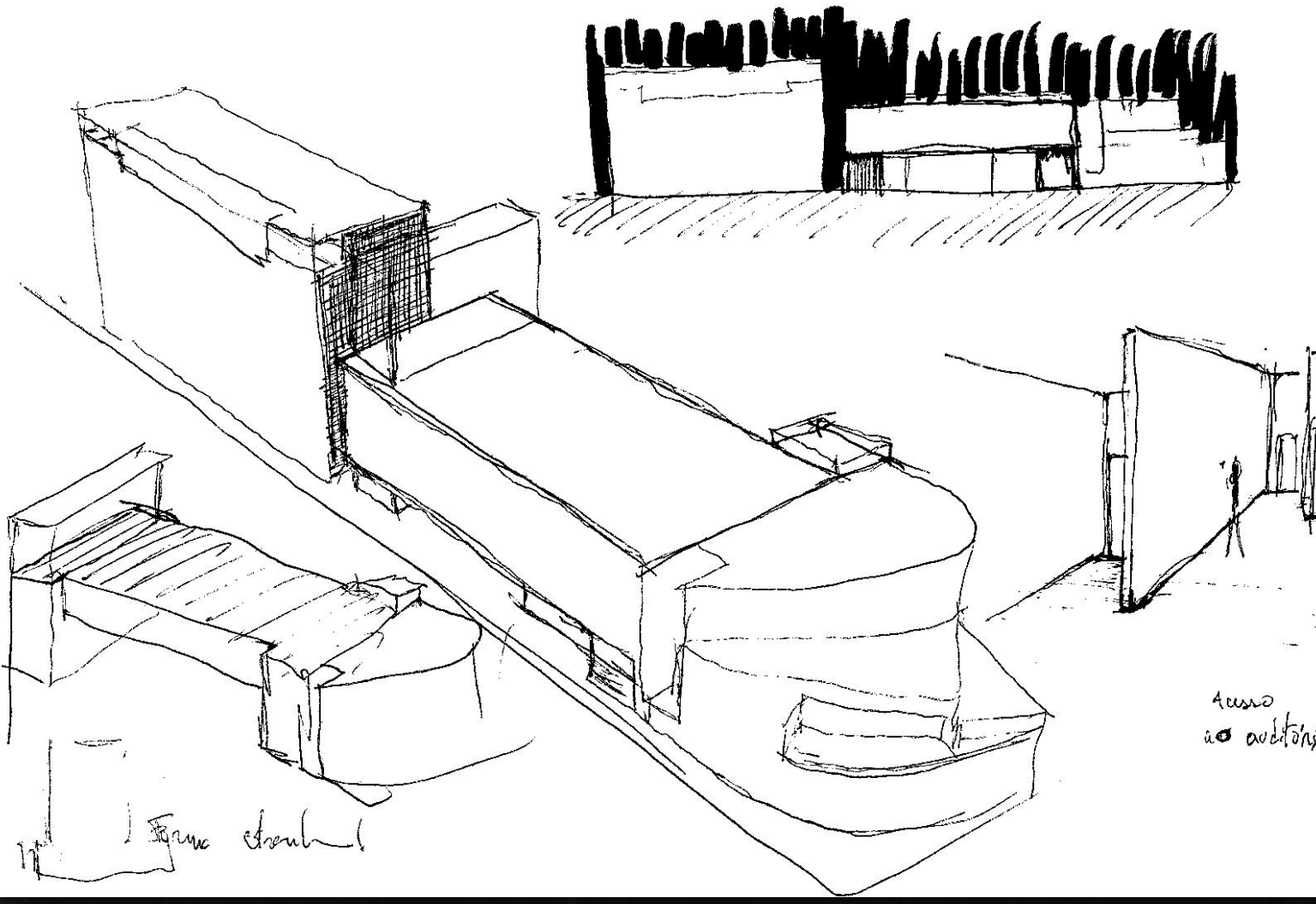
Cobertura do
auditorio pode ser
moldeada a pensar na
acustica, mas principalmente no sistema de circulacao do ar

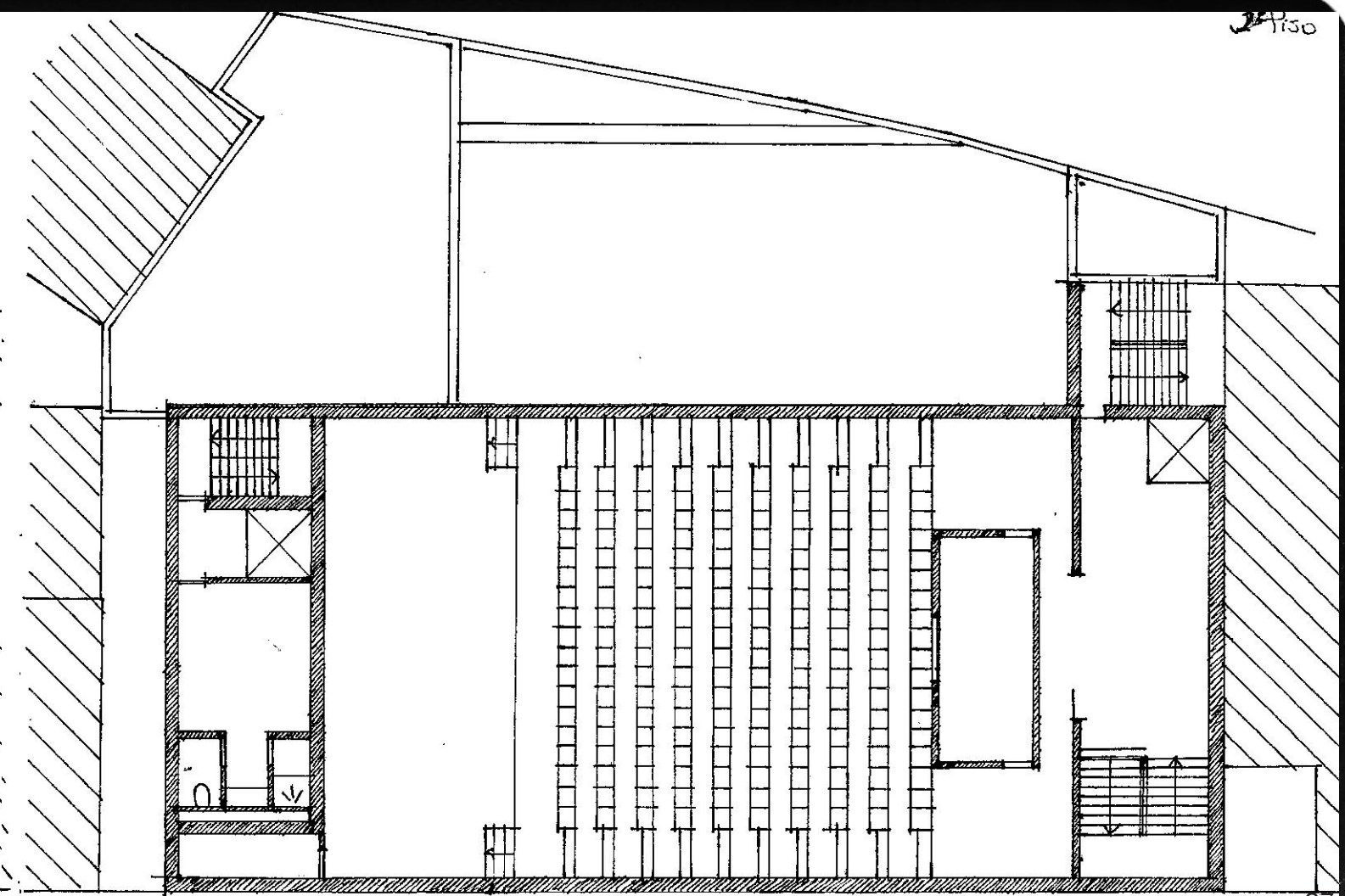
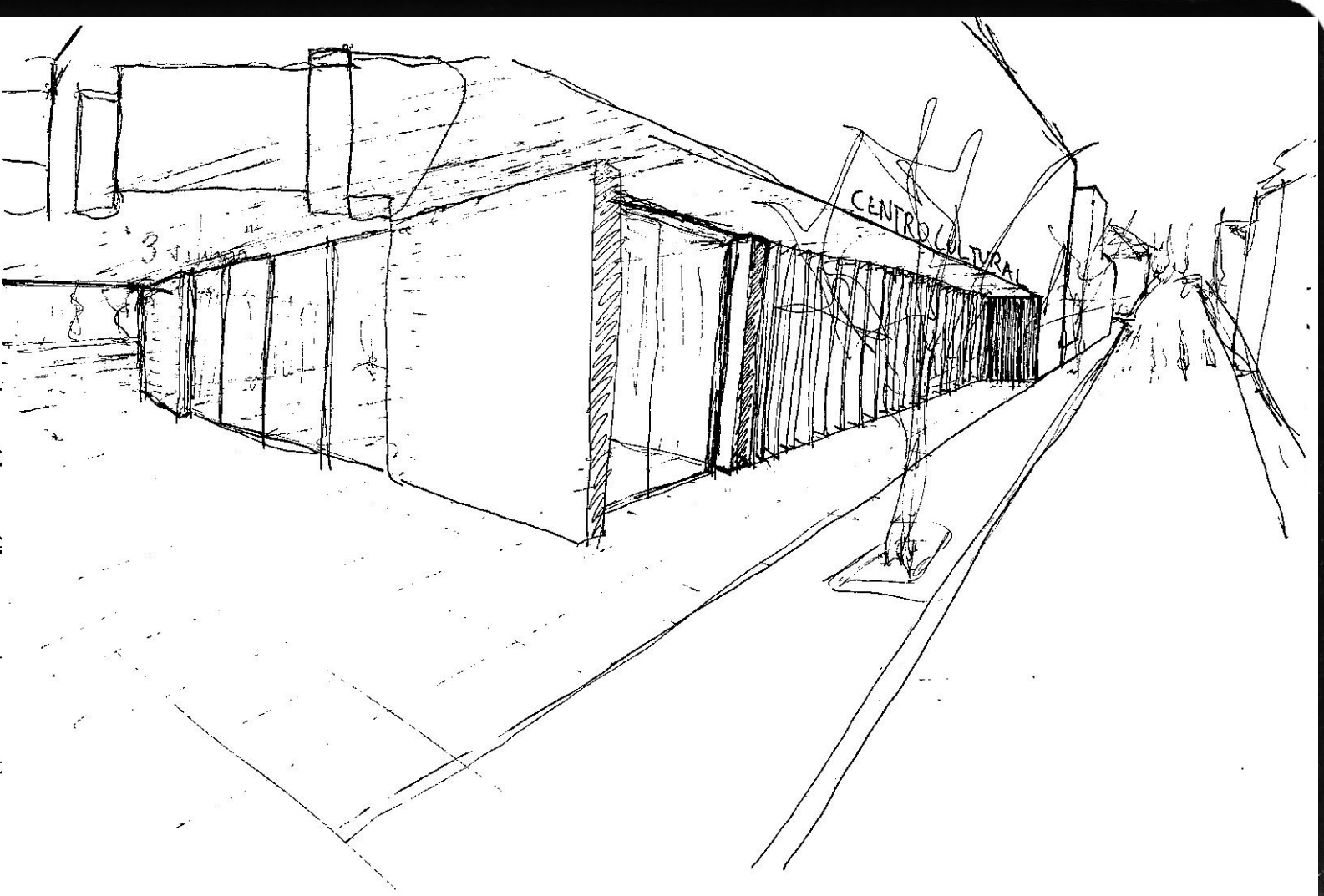


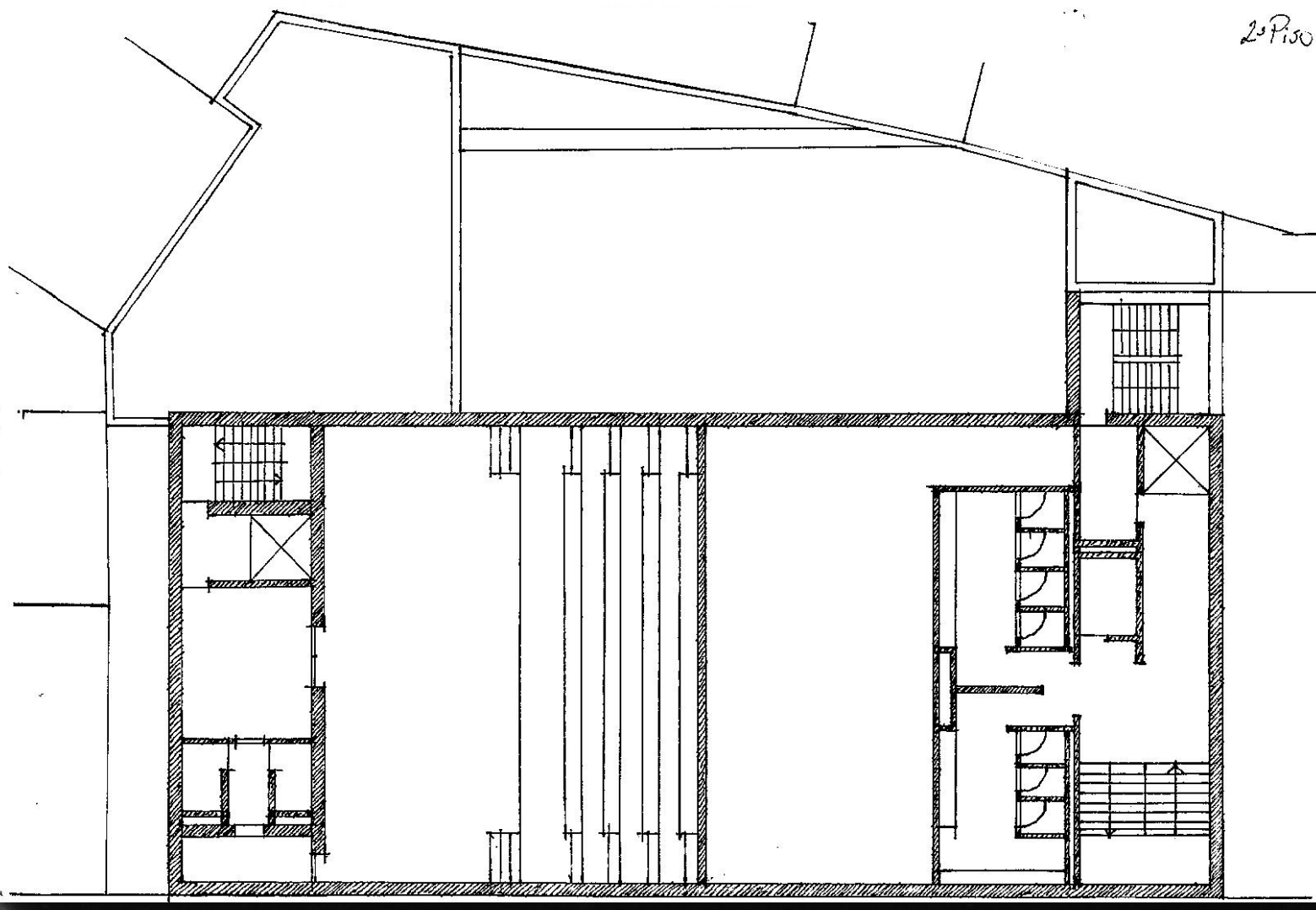
Baixos de escape
de emergencia no exterior
pode ser usado como palco
para cinema ao ar livre
ou parte de laos de um
salao que se pode colocar no
exterior para performances ao ar livre









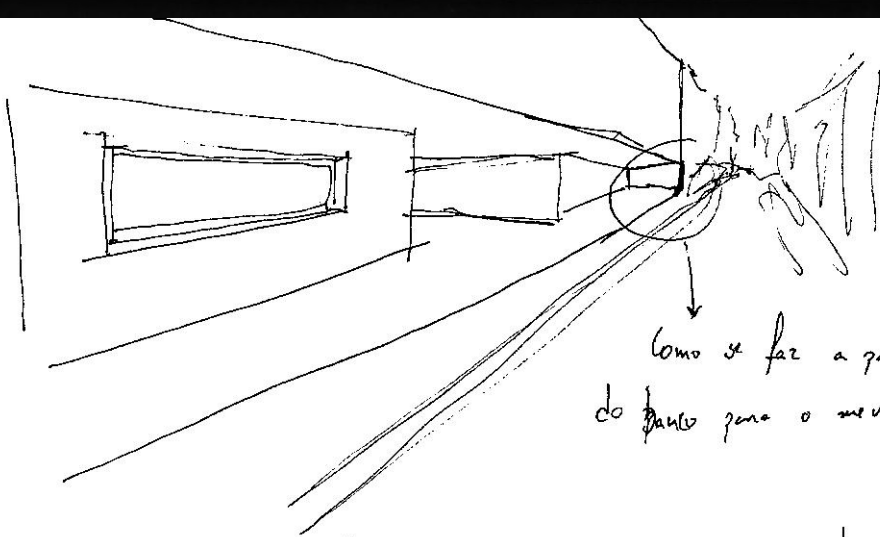


Sanitários:

- Homens: - 1 vaso por 40 pessoas
- 1 retrete por 100 pessoas
- Mulheres: - 1 retrete por 50 pessoas

Auditorio:

- Lugares: - mínimo medidas = 45 x 45 x 45 cm
- Distância até saída - 40 m, máximo
- 40 lugares por fila se: - espaço entre lugares seja no mínimo 60 cm, com ~~70 pessoas sentadas~~ cadeiras/bancos?
- Escadas/corredor com 1,40 m no mínimo.



→ Revisitar escadas de emergência,
e ver no regulamento quais as
medidas necessárias.

↳ 90 cm altura mínima das paredes
→ ideal será 1,40 m de altura,
incluindo nos painéis

Como se faz a passagem
do plano para o meu projeto no piso térreo

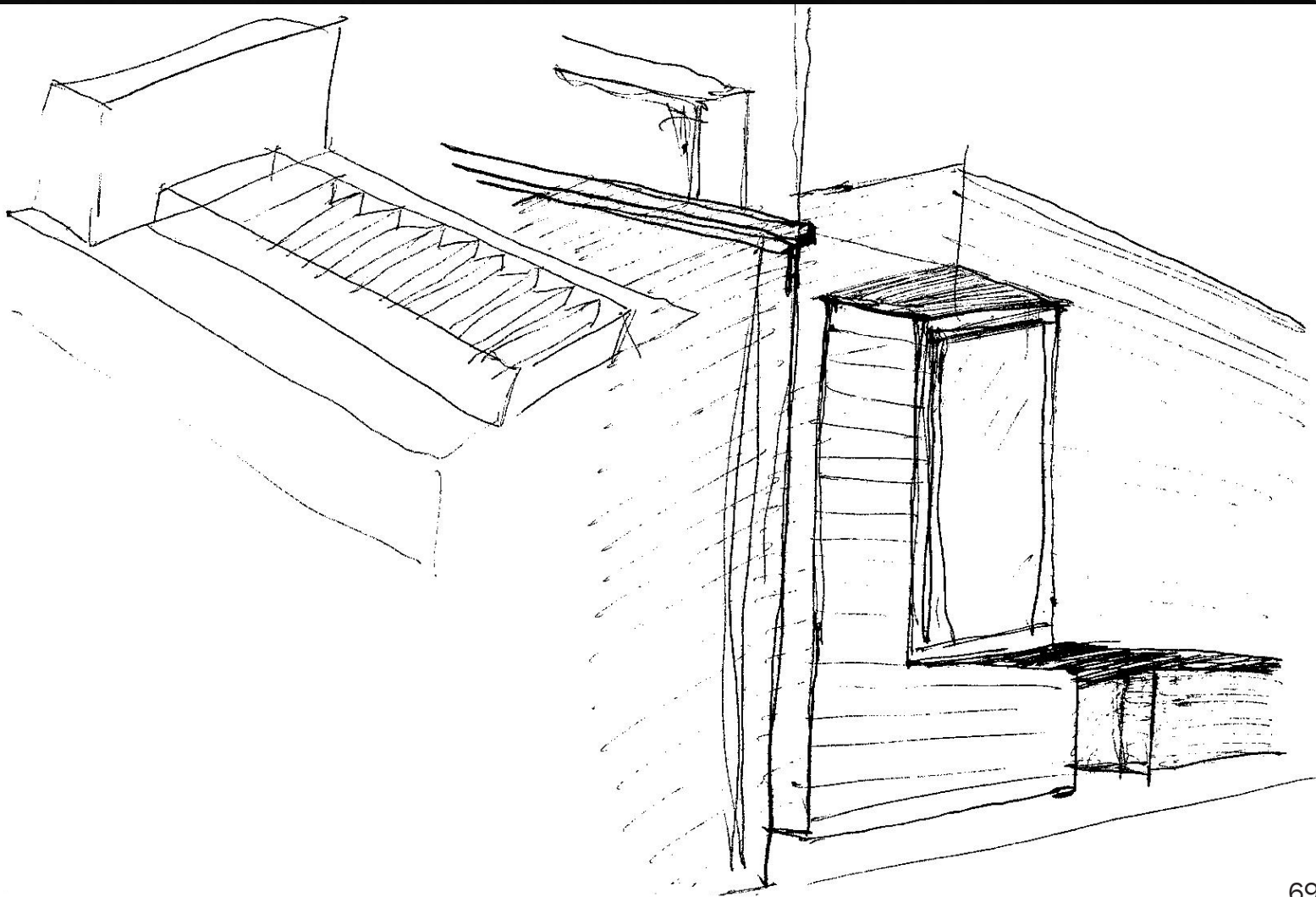
Área do Foyer: $S = \frac{n}{4} = \frac{180}{4} = 45 \text{ m}^2$, em que "n" corresponde ao nº de pessoas que o auditório suporta.

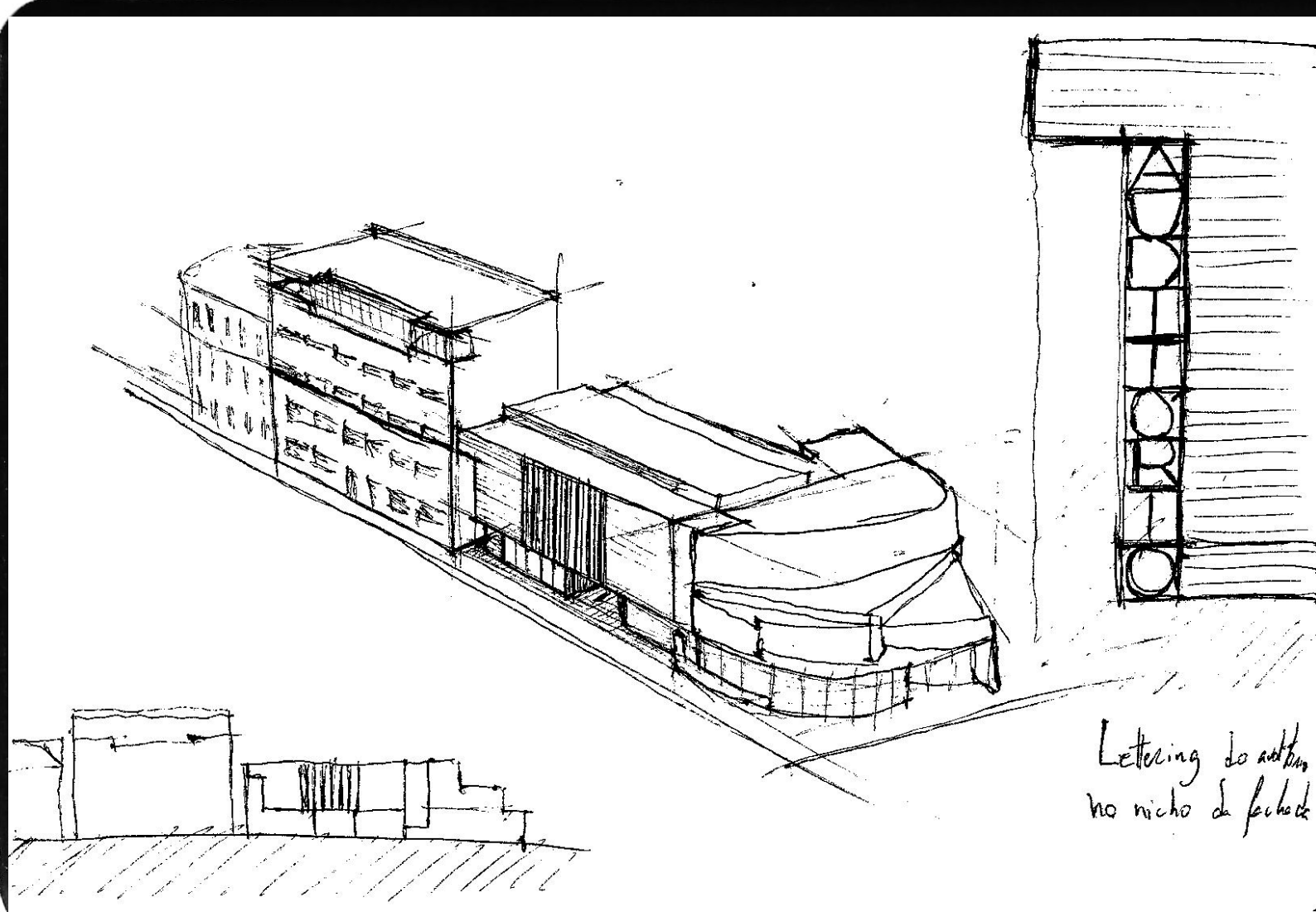
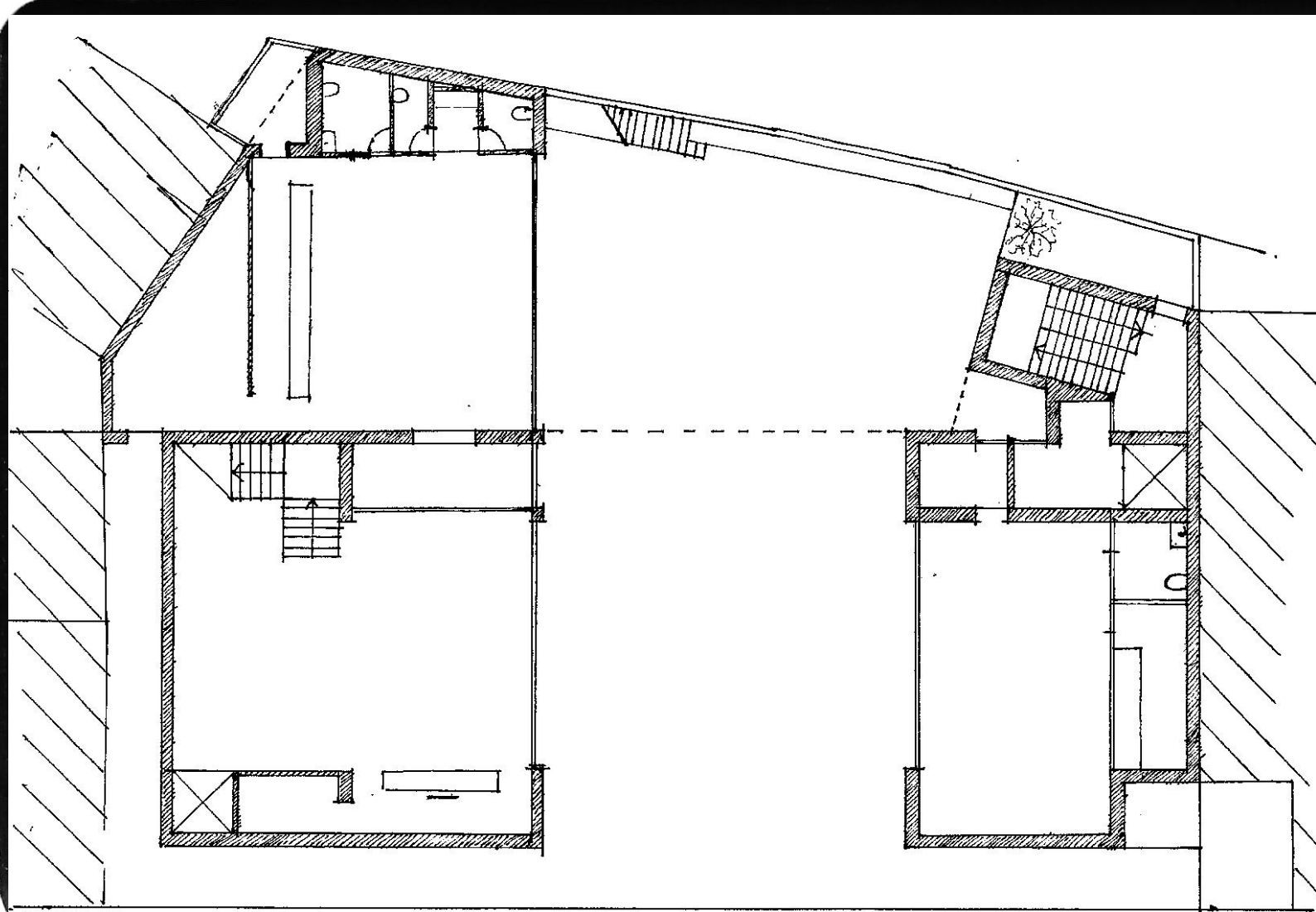
Se trocasse, no piso térreo,
a parte destinada à entrada com a parte destinada aos camarins? Assim ficava com o átrio ligado com o
café, e podia passar os serviços administrativos para o 4º piso, no 'térreo'. Não me chega 2 pisos de

camarins? ...

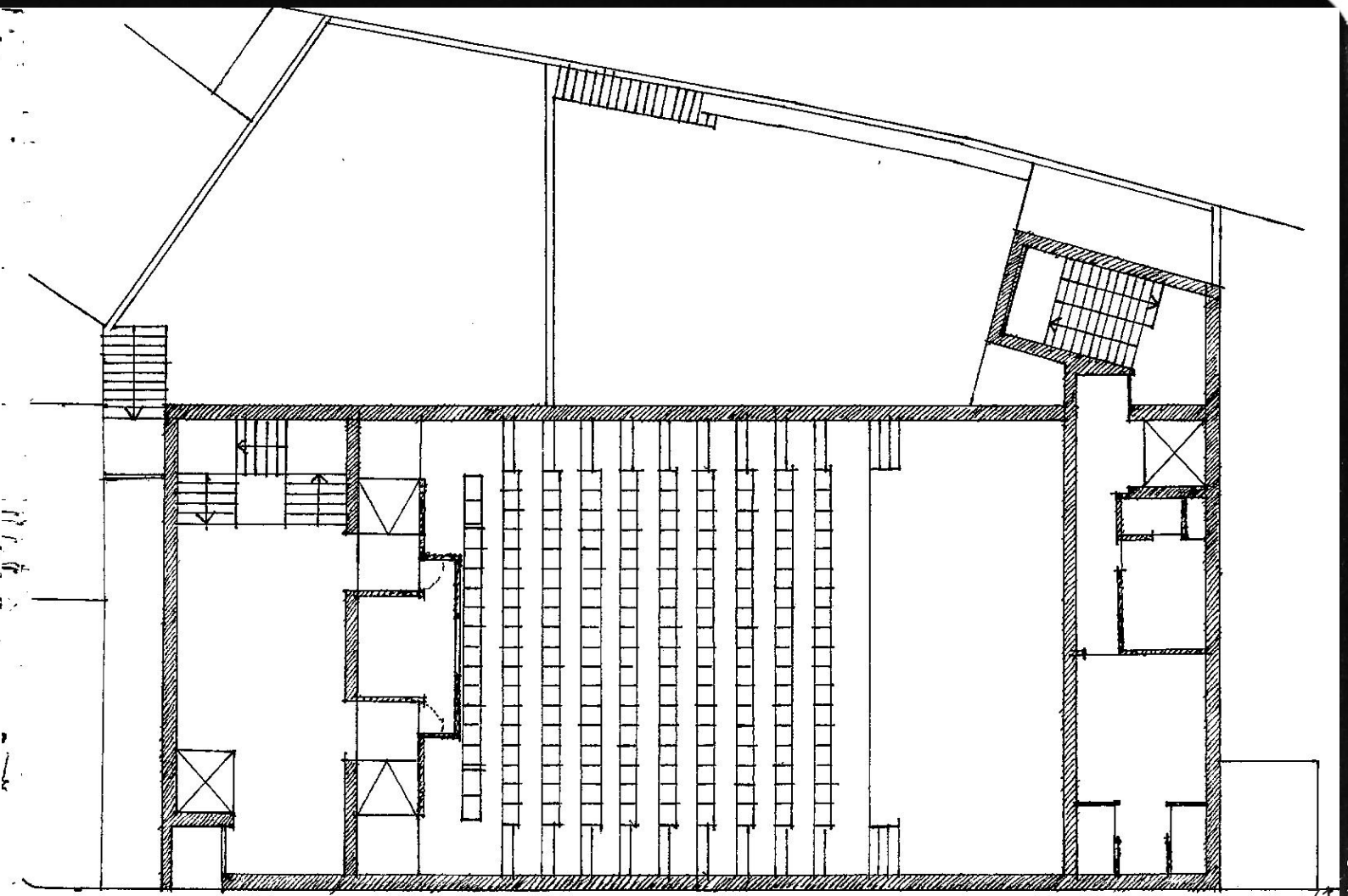
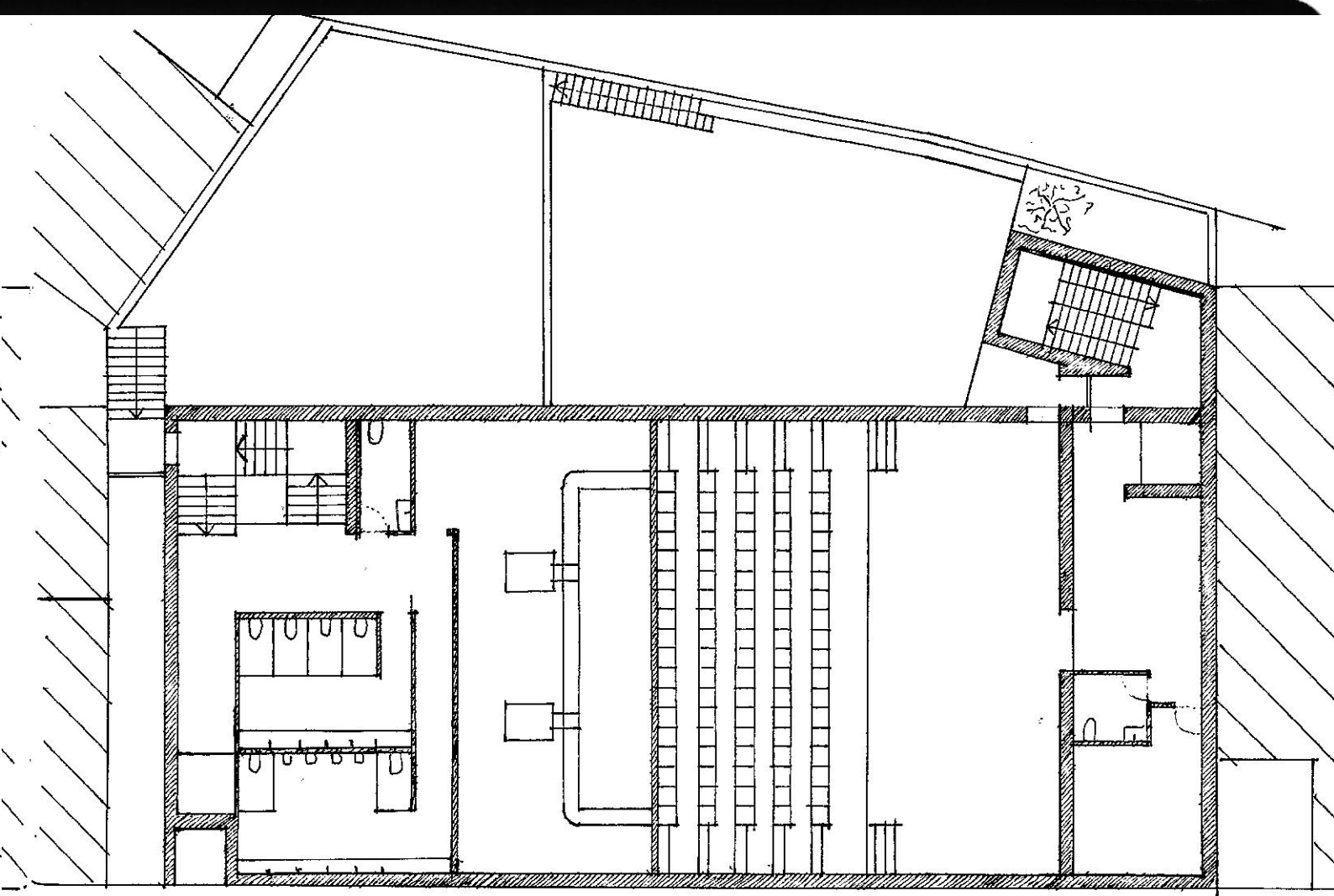
- Como trato a materialidade?
 - Como trato o vazio-do-céu?
 - Alçada / Luz / Acústica / Simetria:
- La, são temas que tenho que
tratar

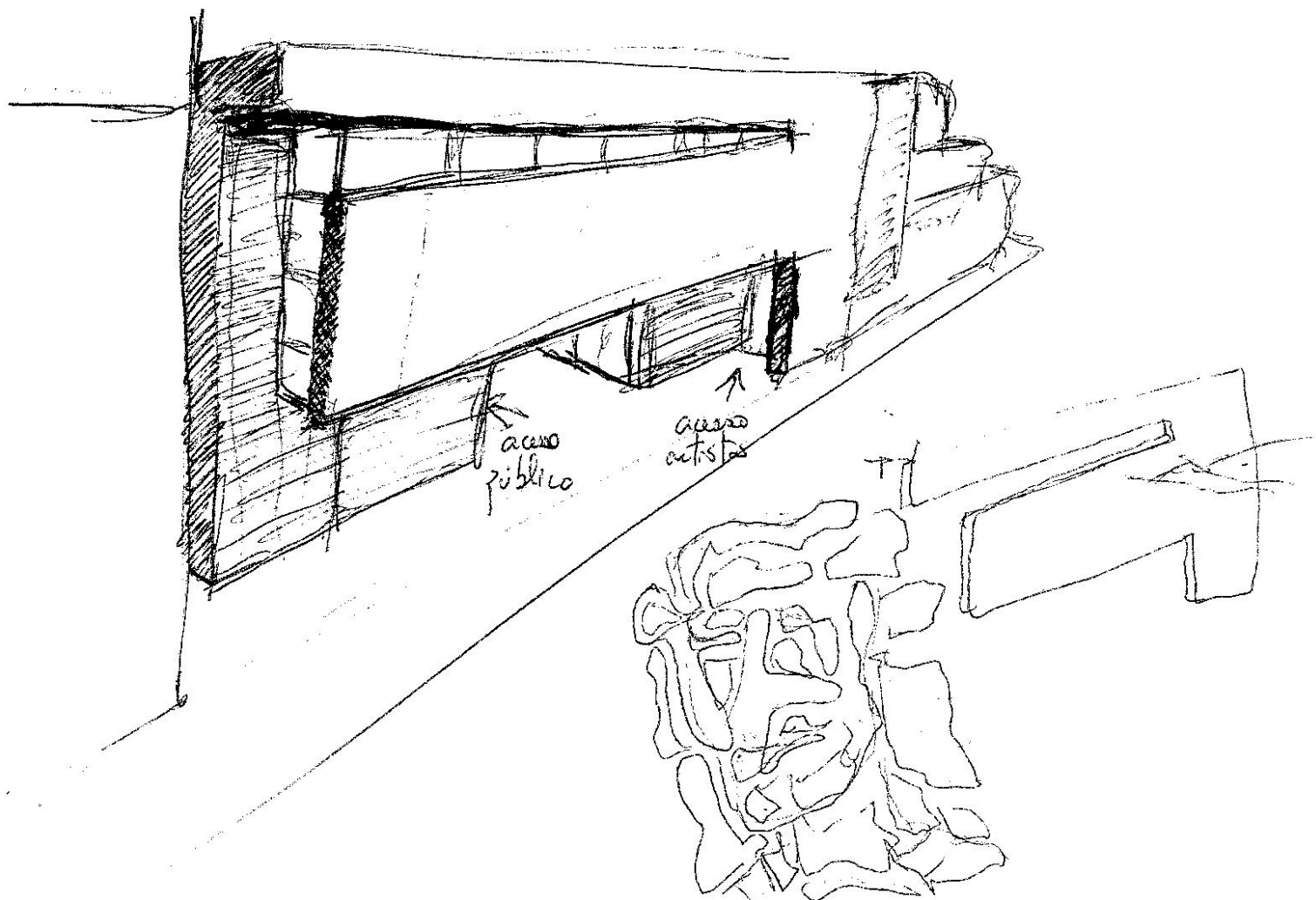
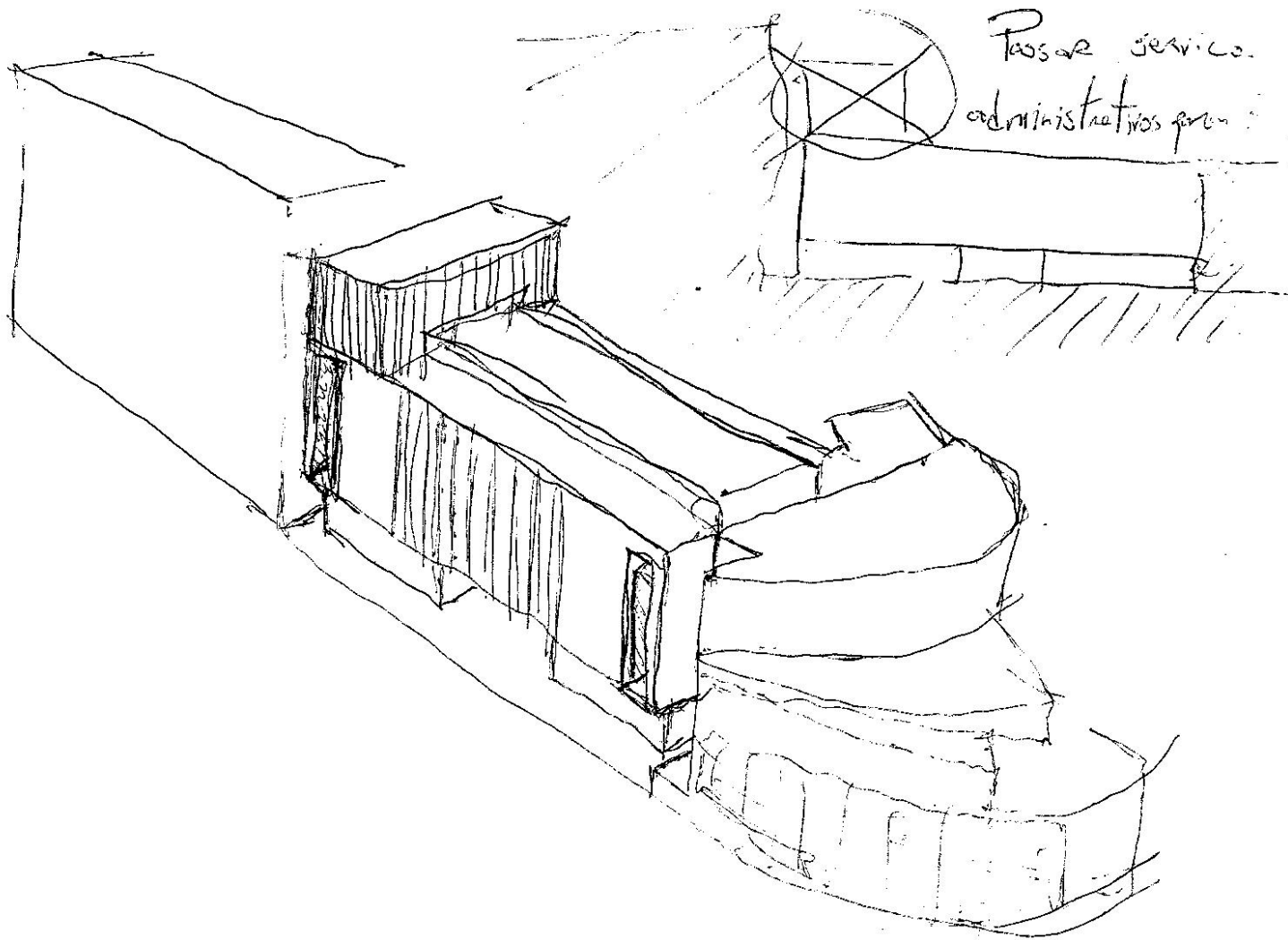
- Composition / non-composition
- Rafael Honeo - ampliações do
Museu Rainha Sofia → construção
ao lado de pré-existentcias...
- Do contraste à analogia
Ignasi de Solà-Morales

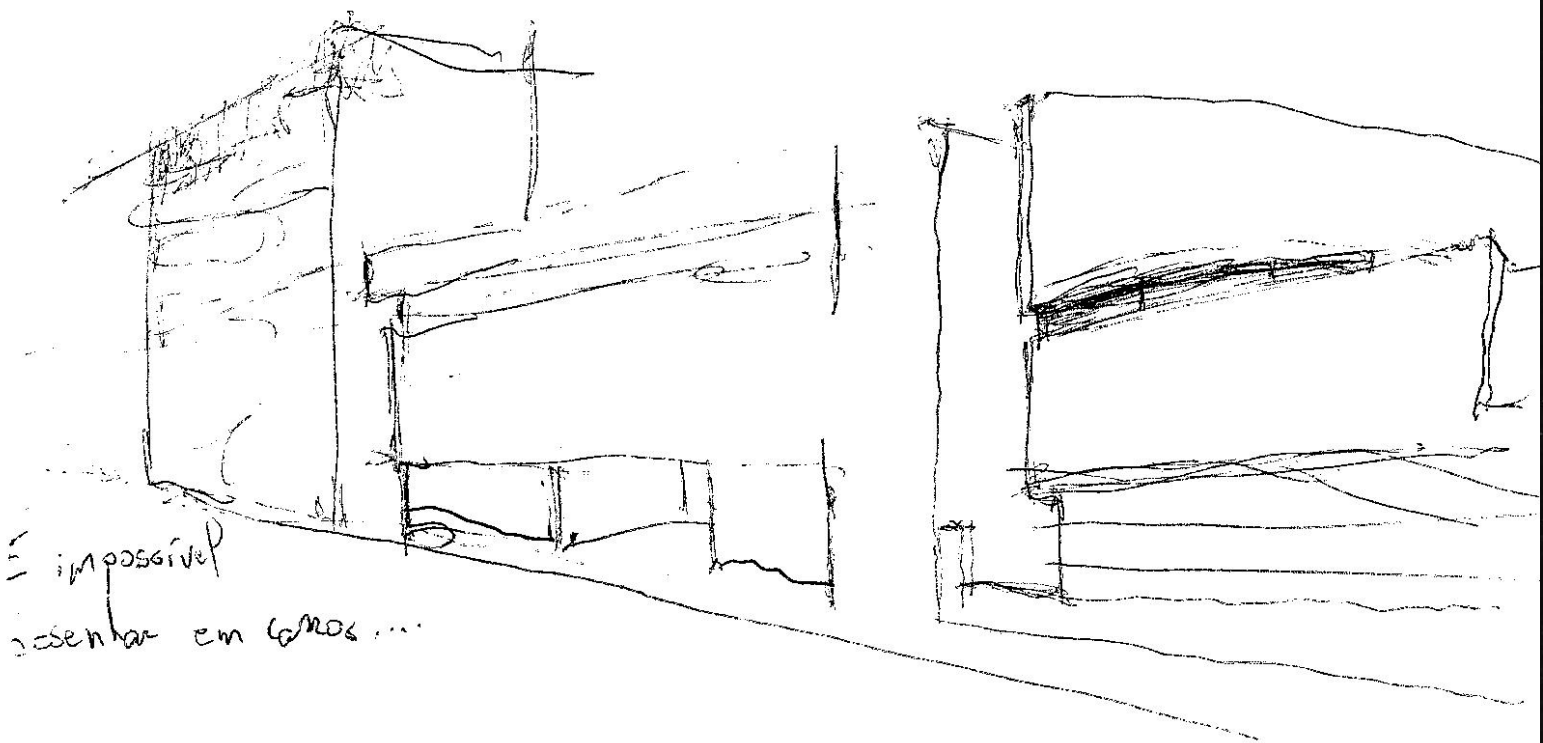
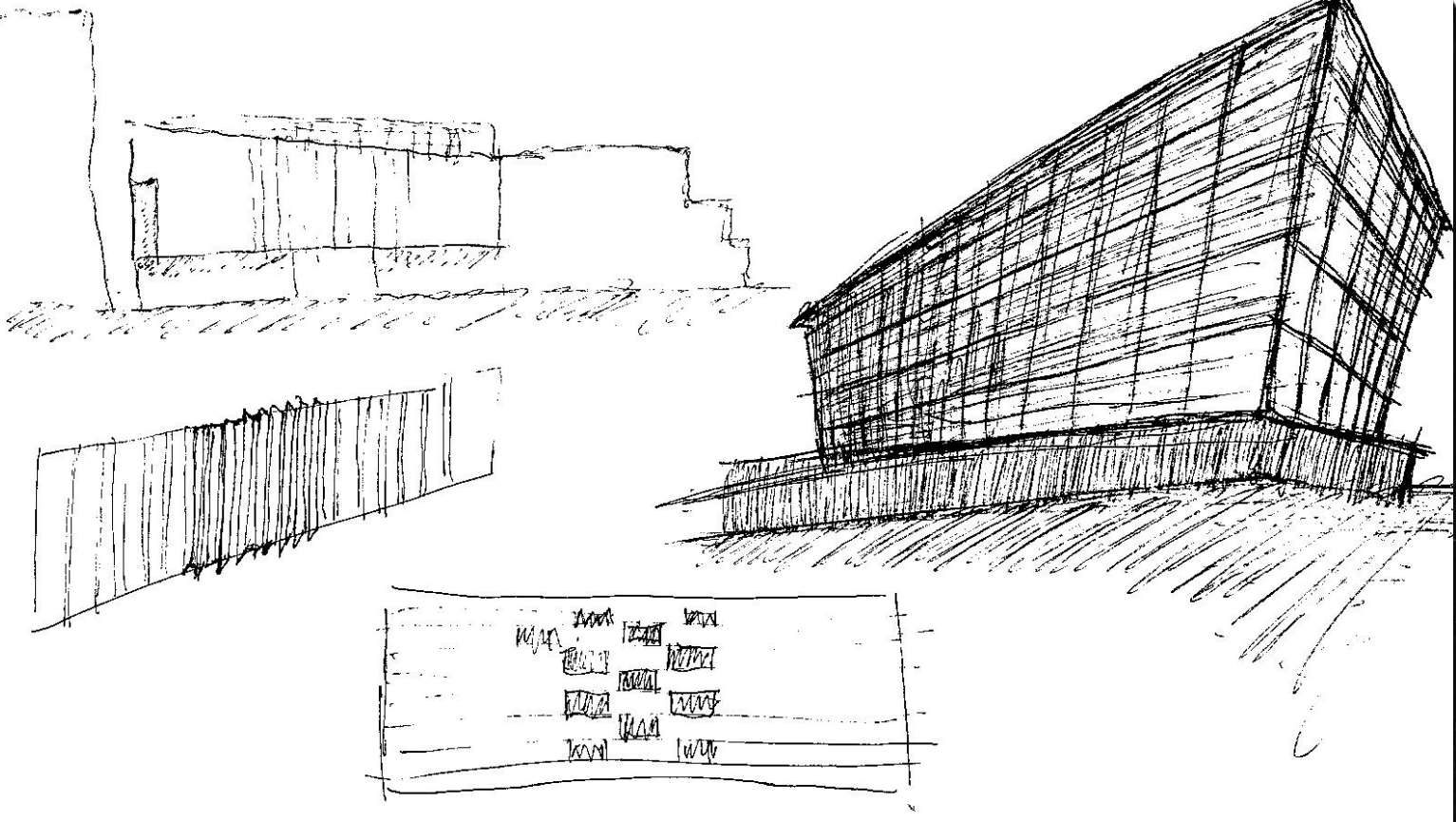




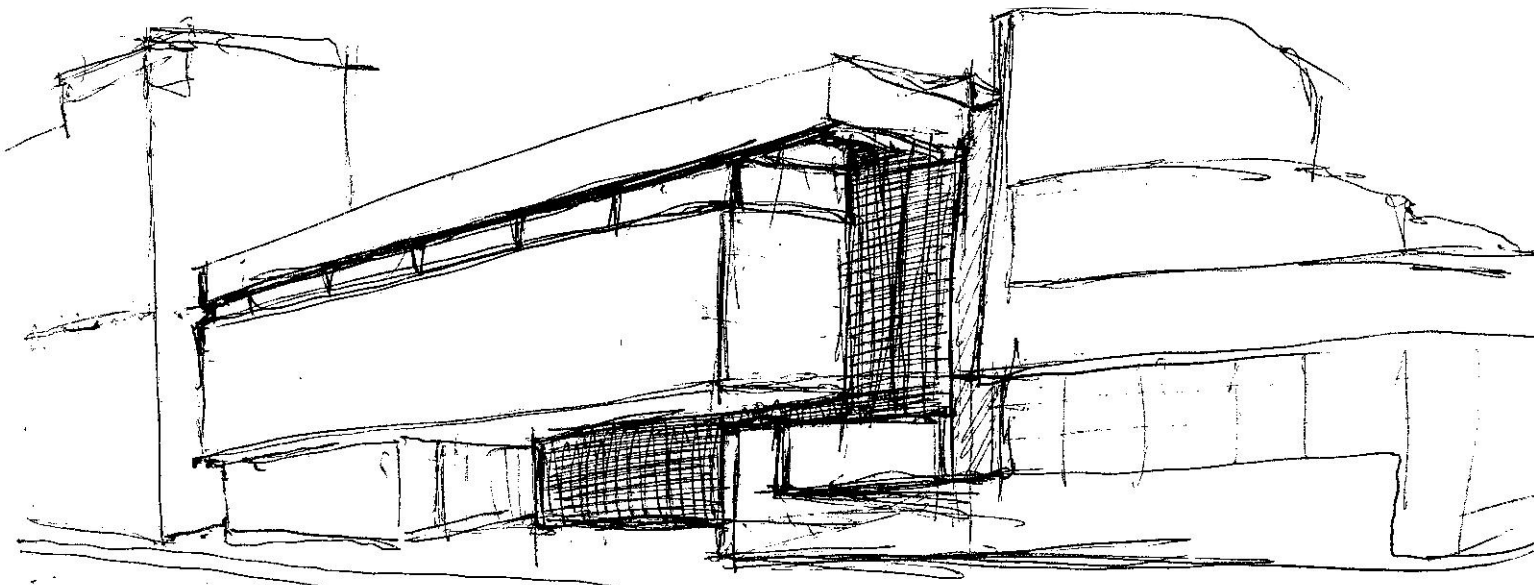
Letting do address
no nicho da fachada



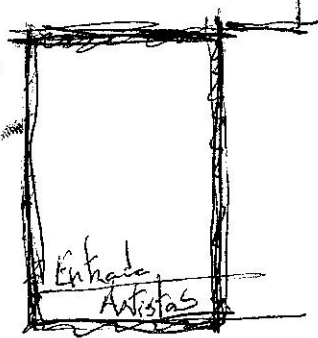




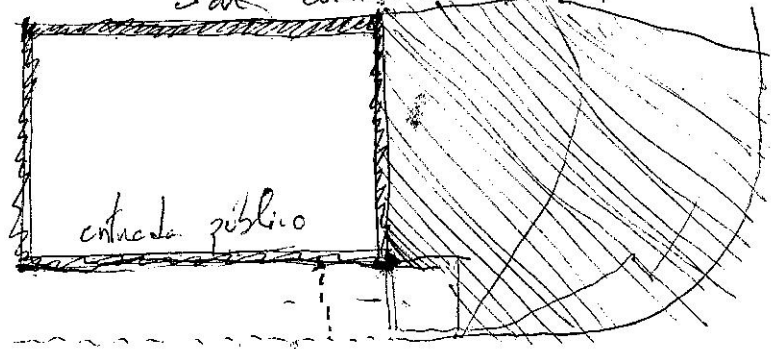
É impossível
saber em cores...



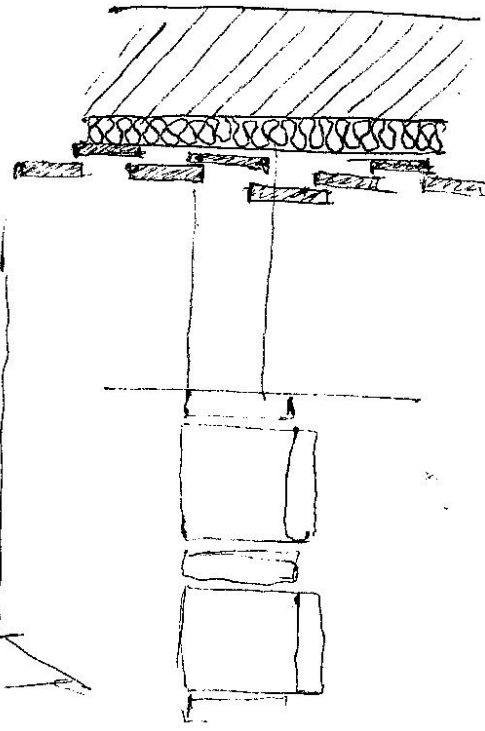
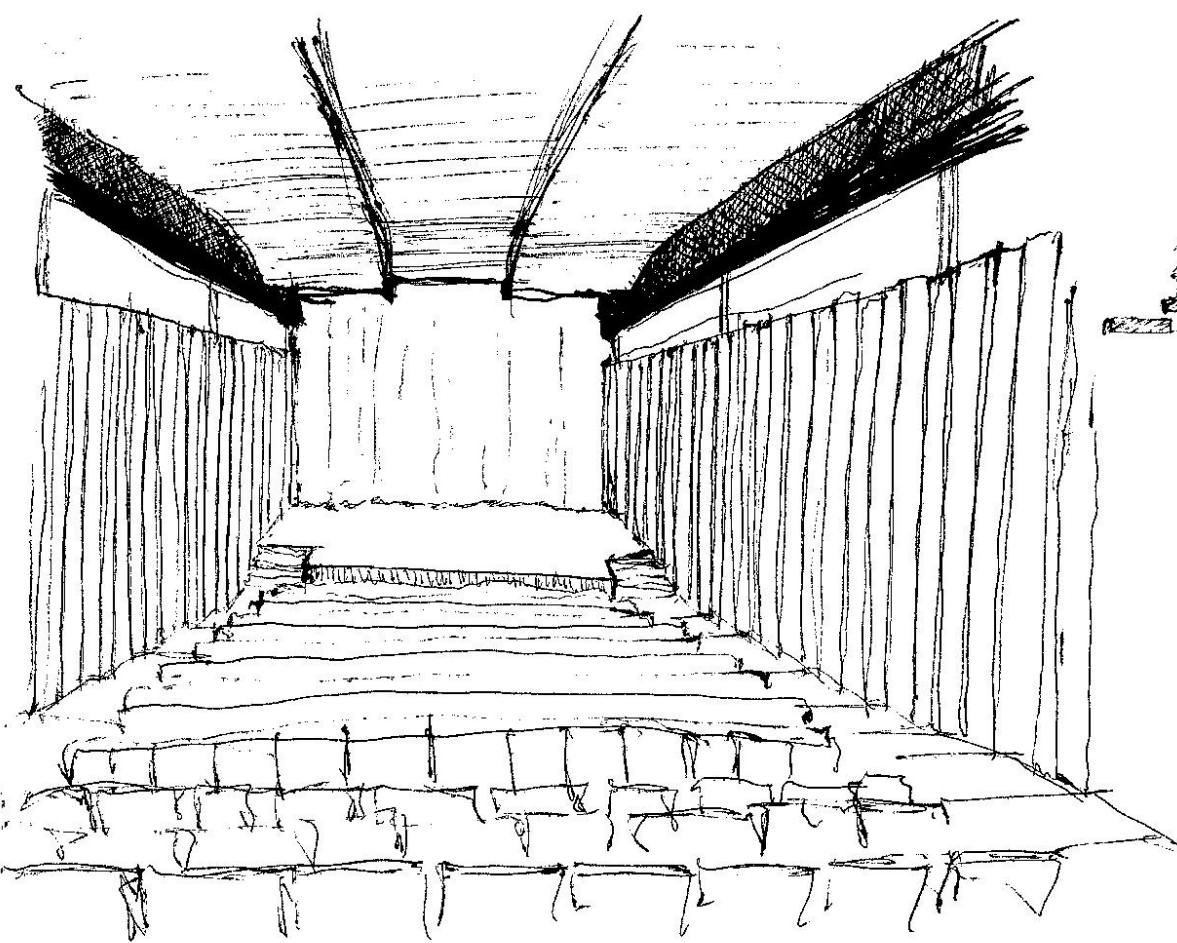
Para continuidade ao plano do pátio do banco

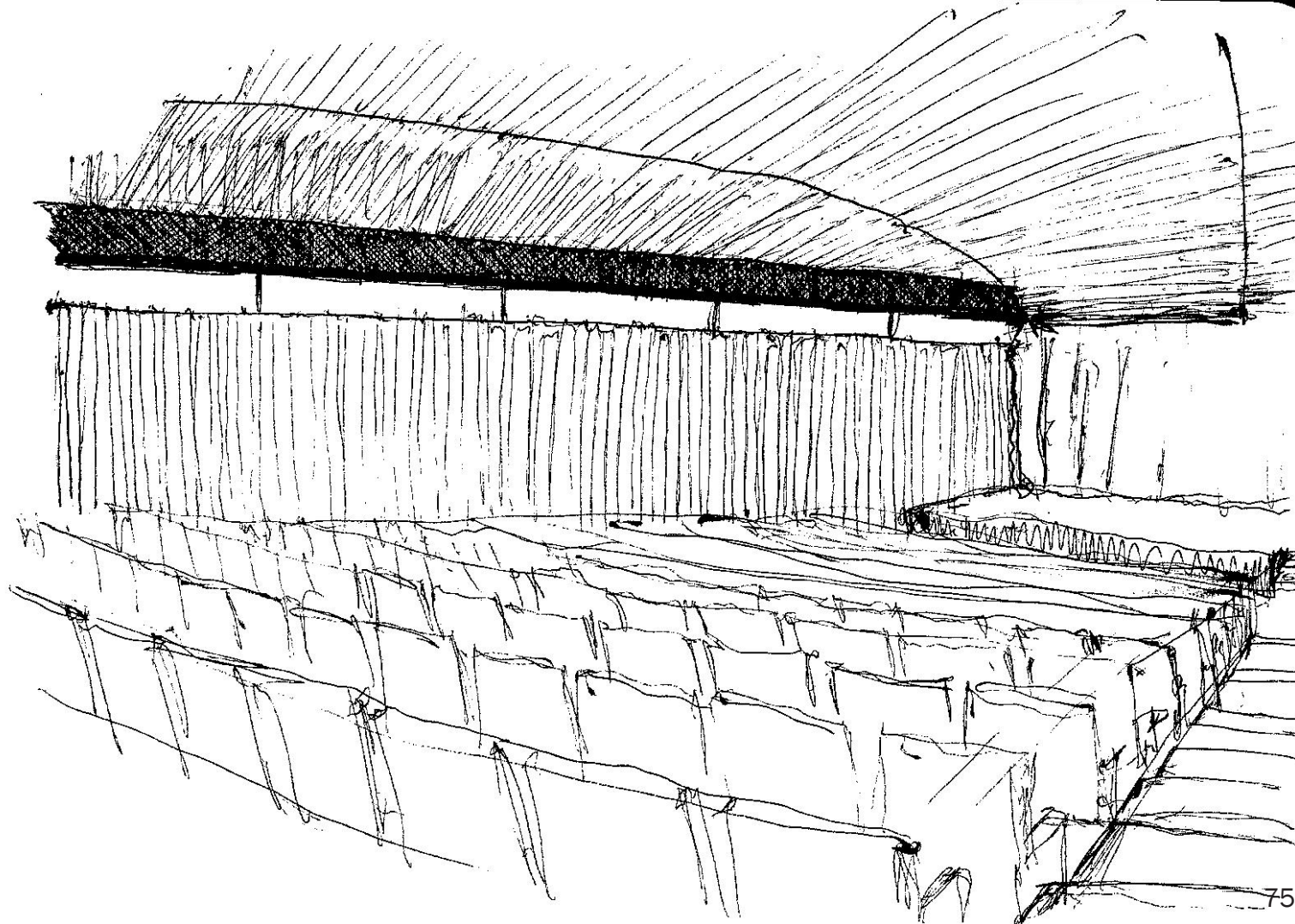
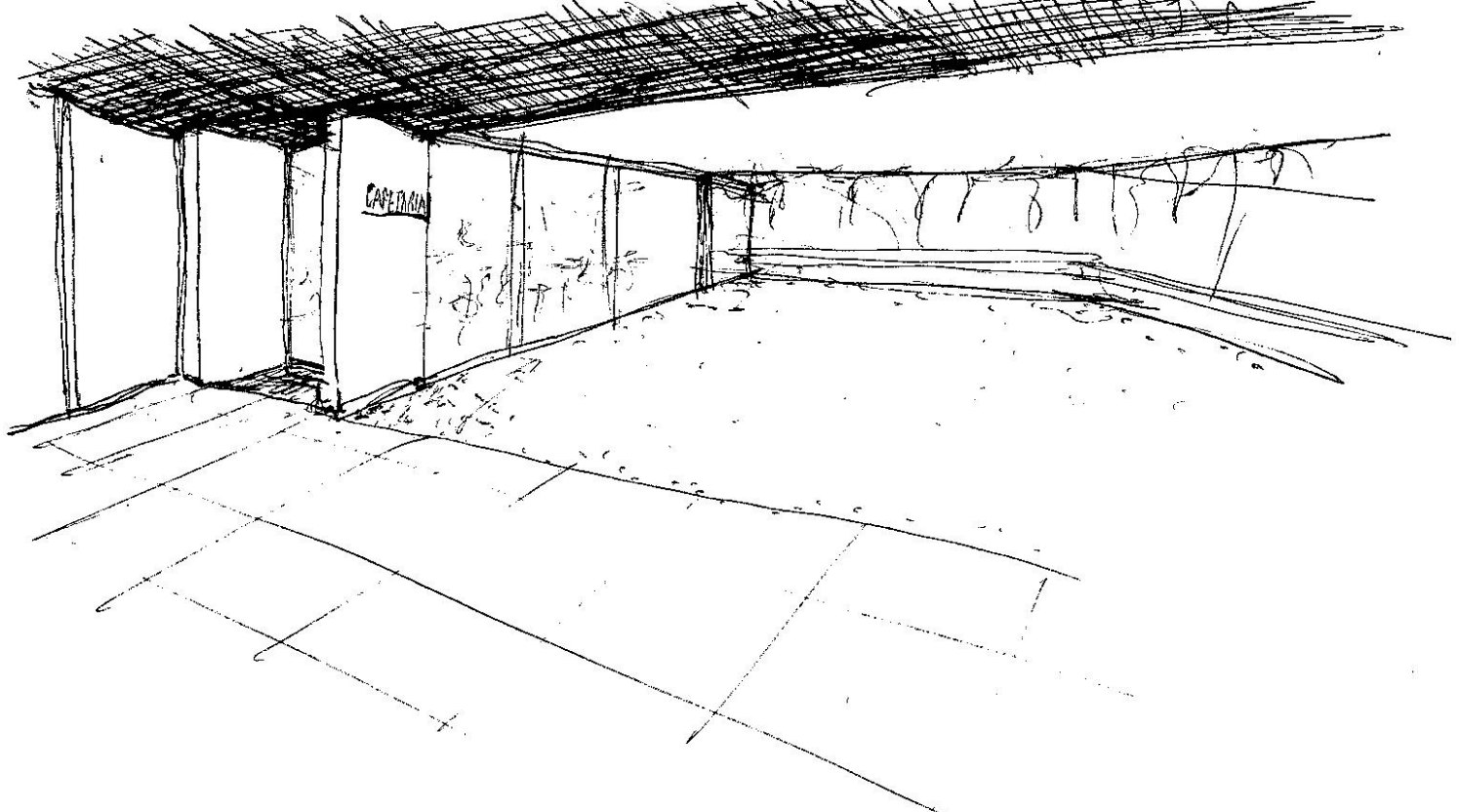


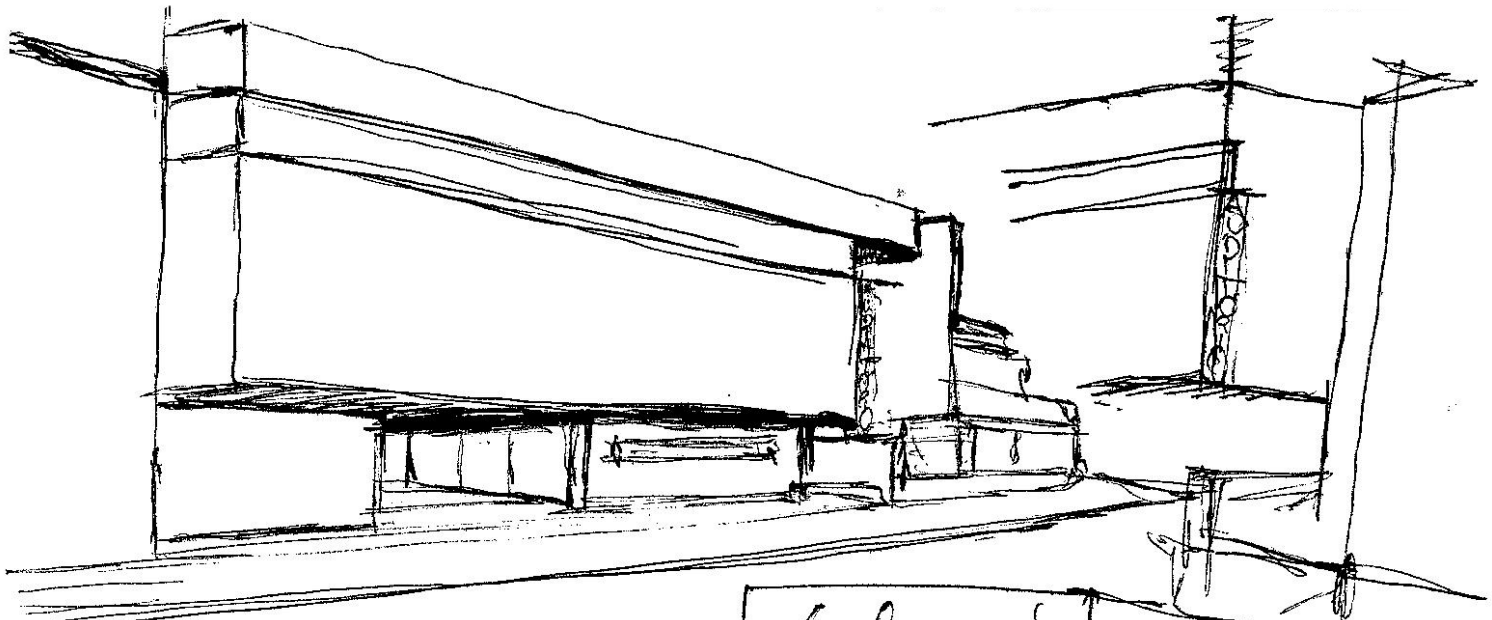
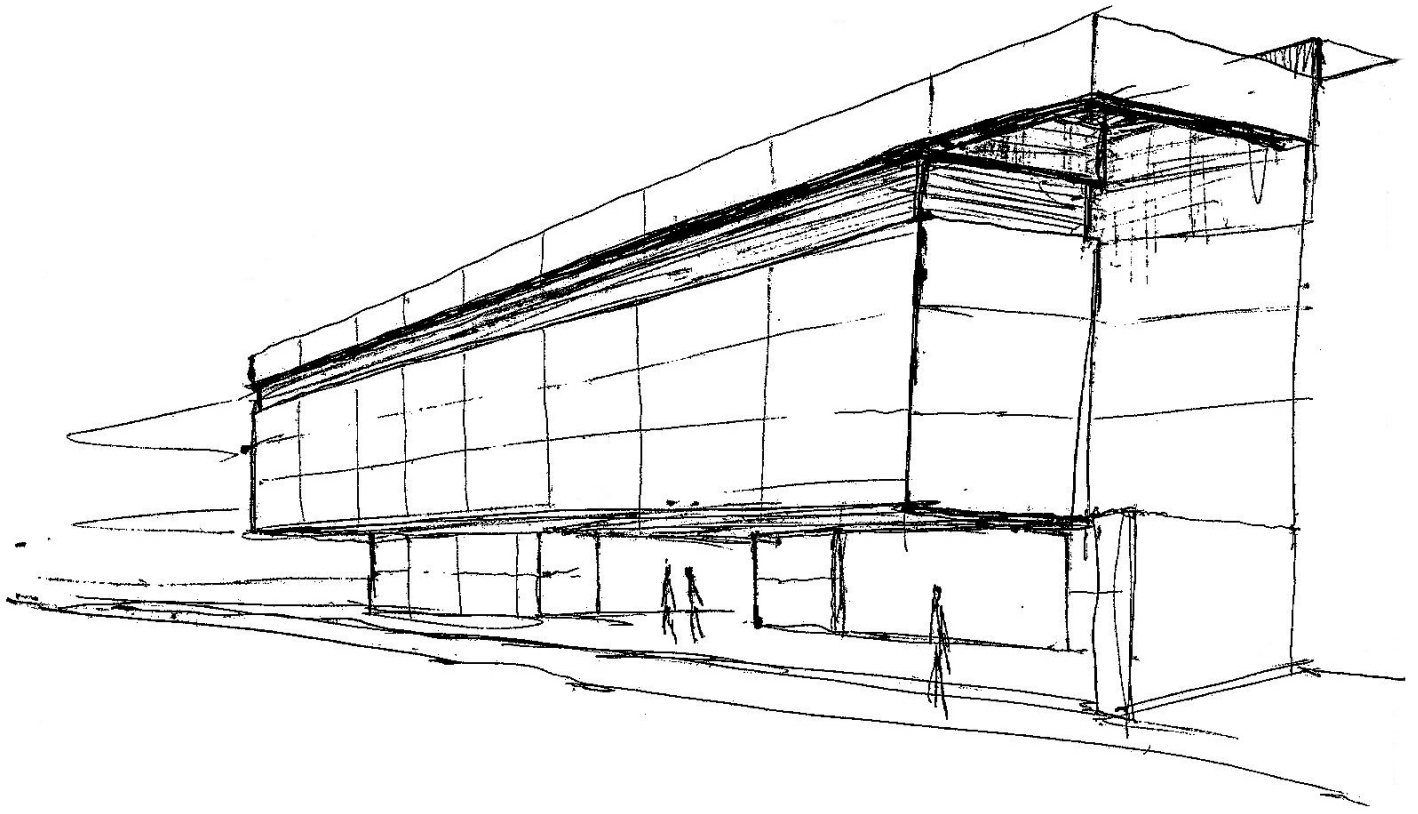
Entrada
Artistas



entrada público



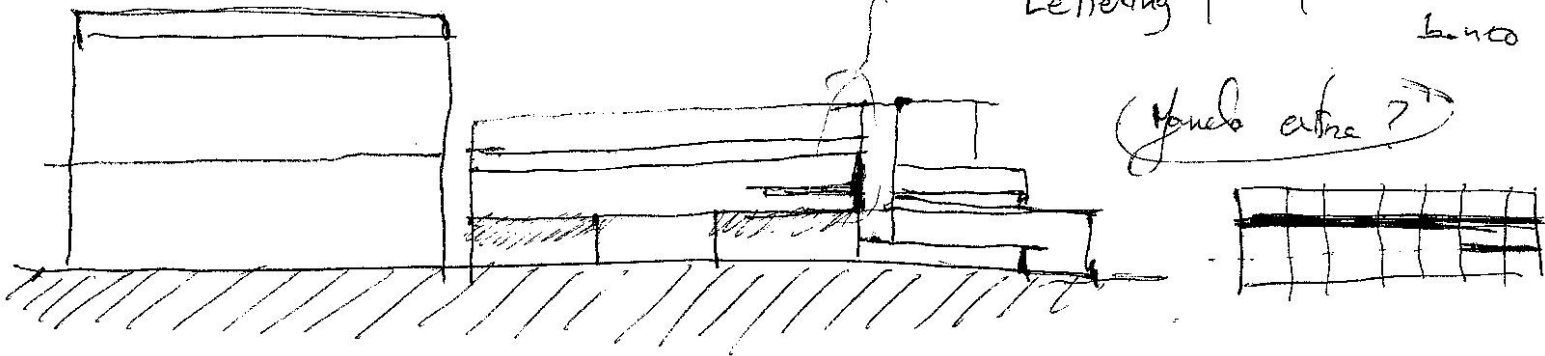


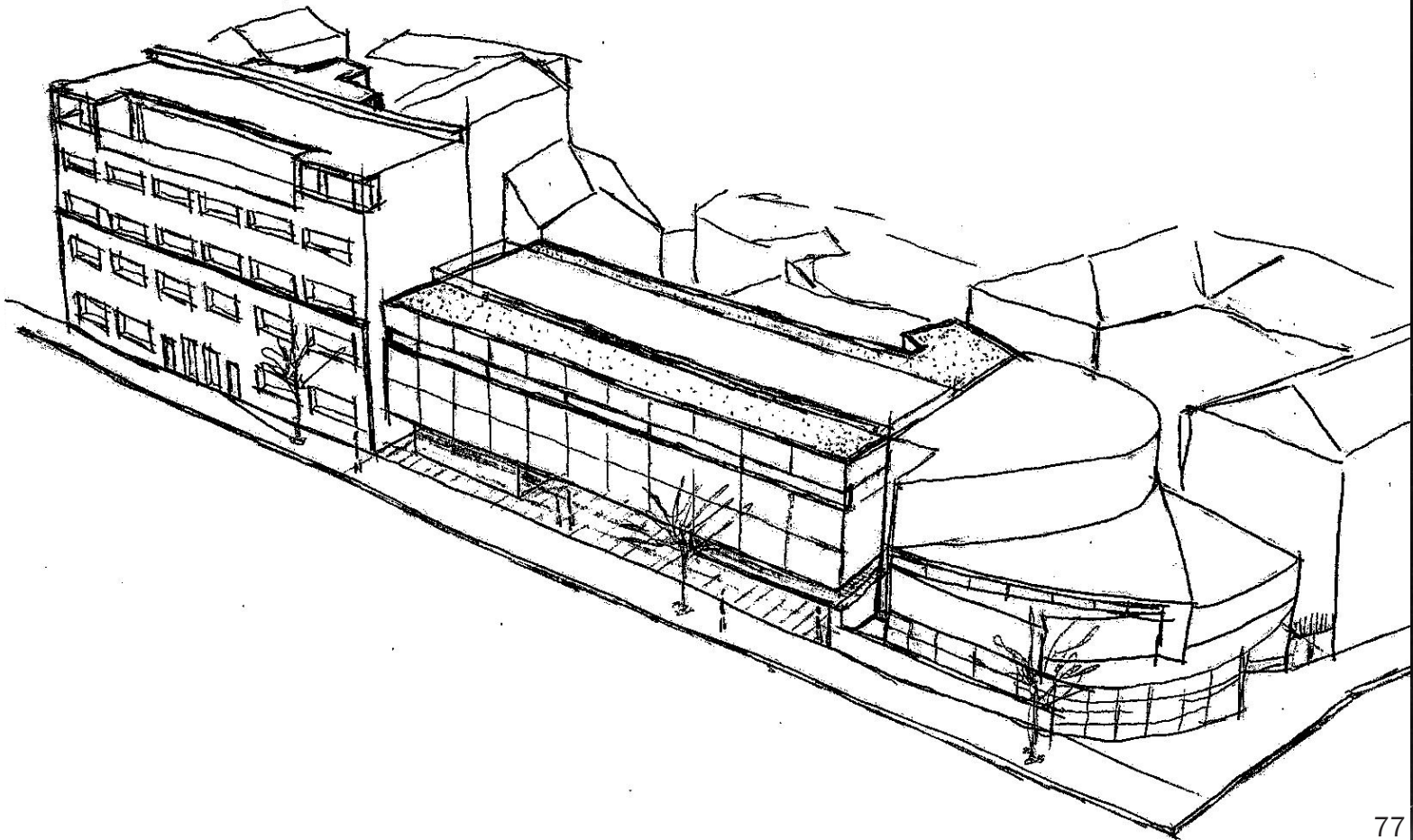
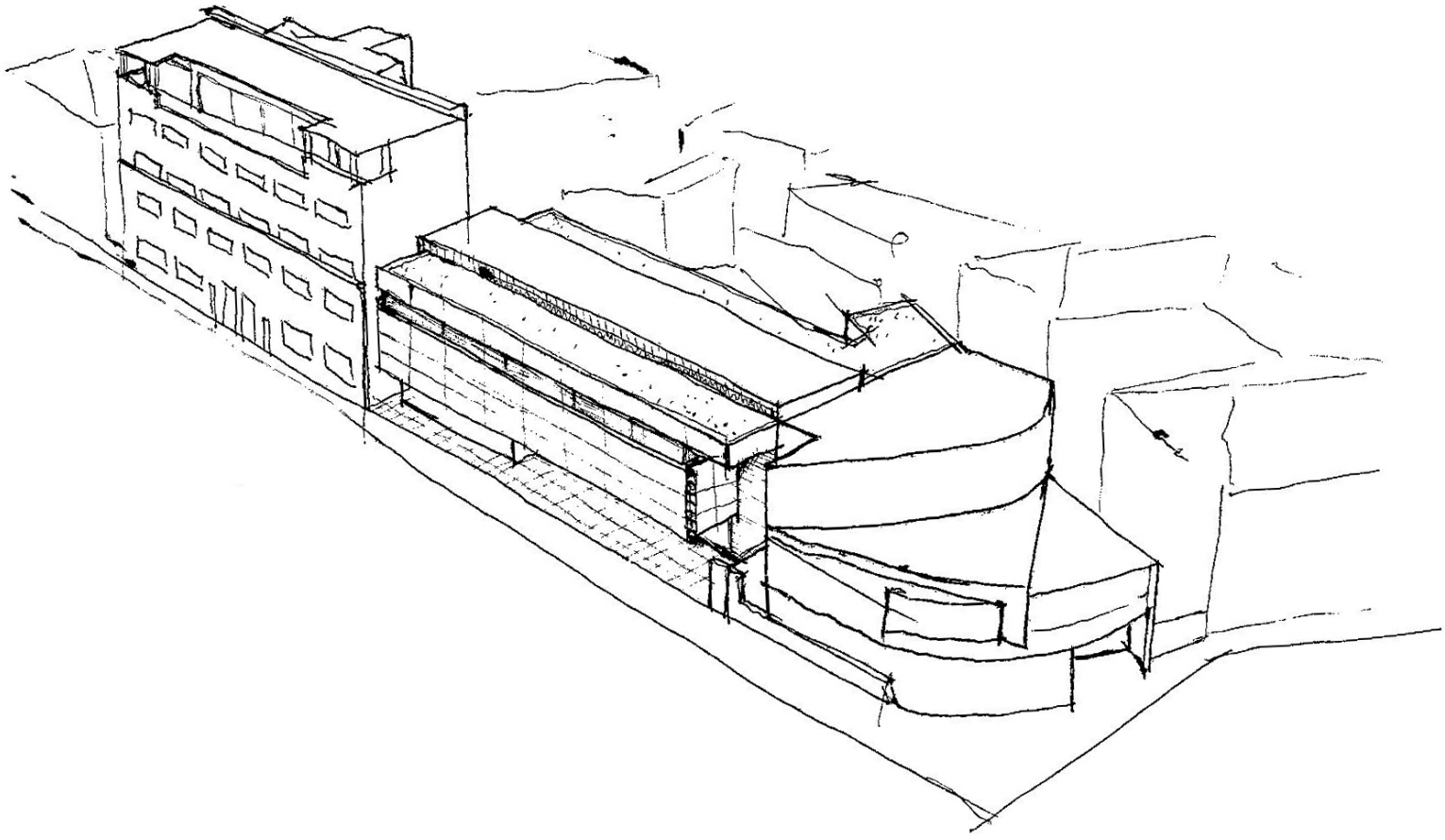


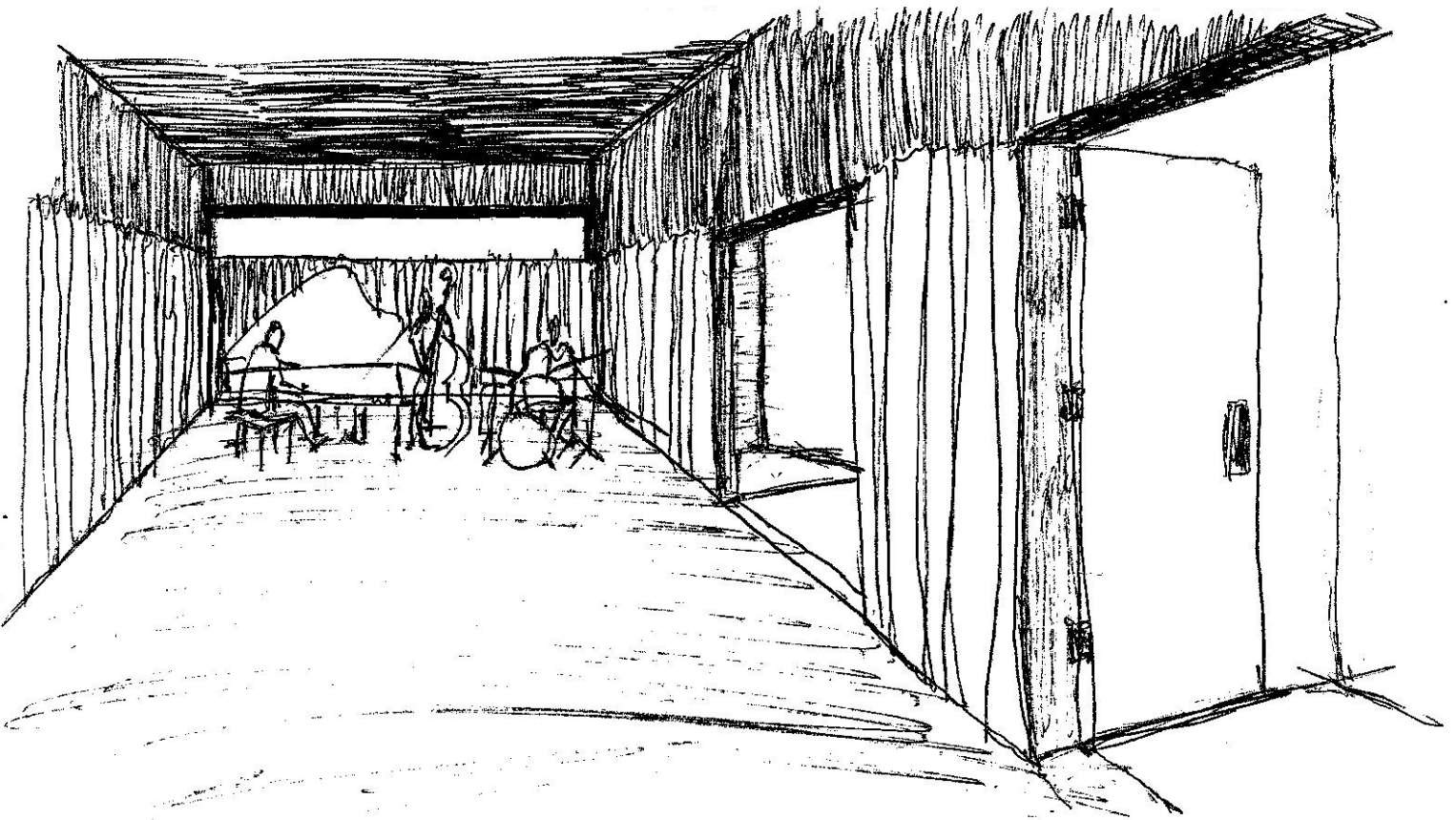
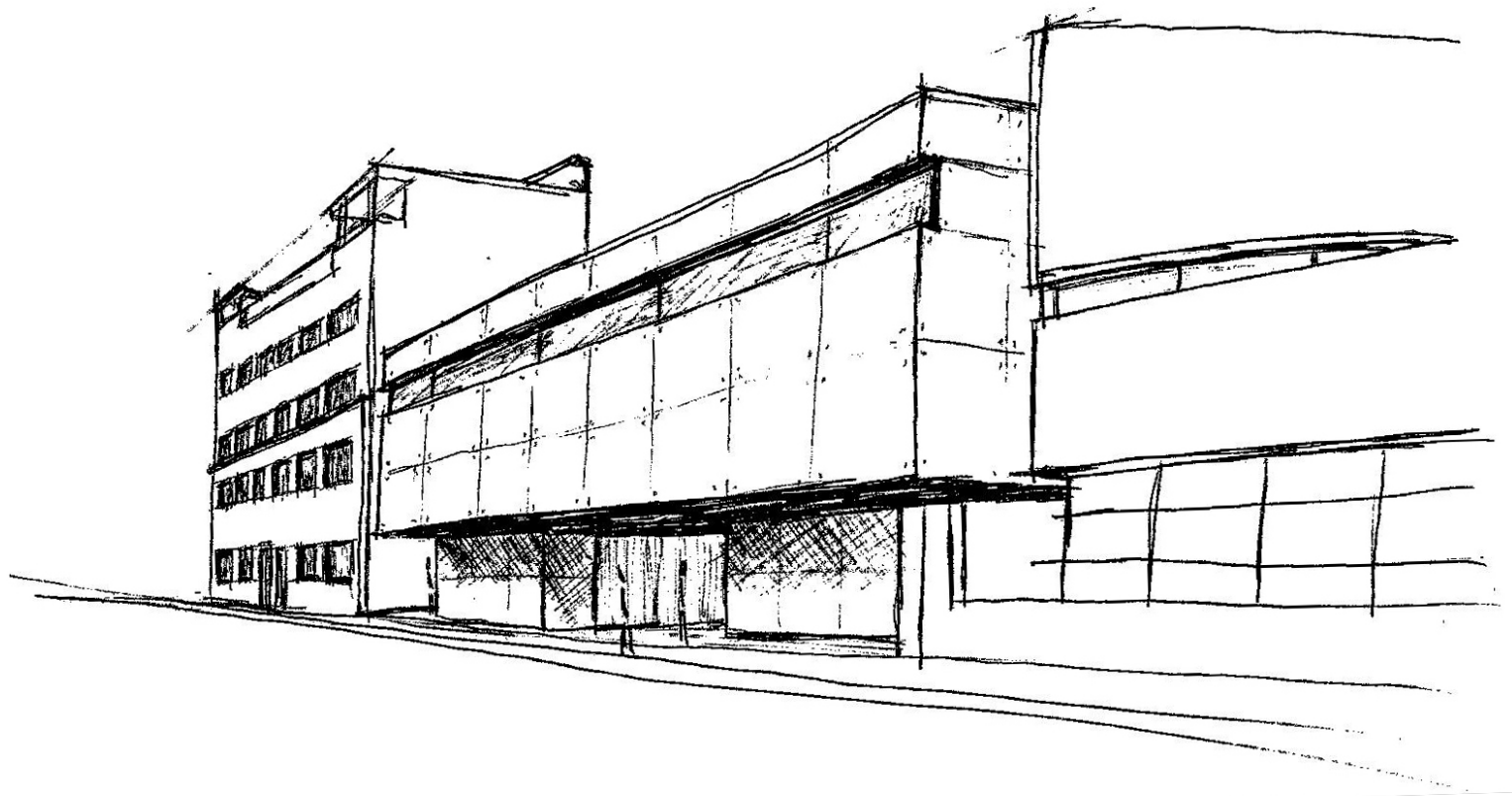
cancelar o nicho

Lettering passa para lado do banco

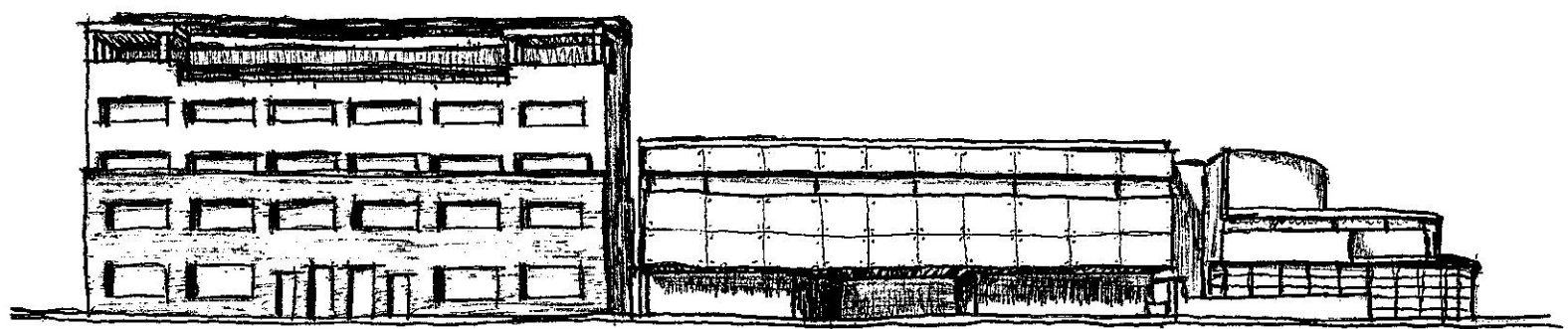
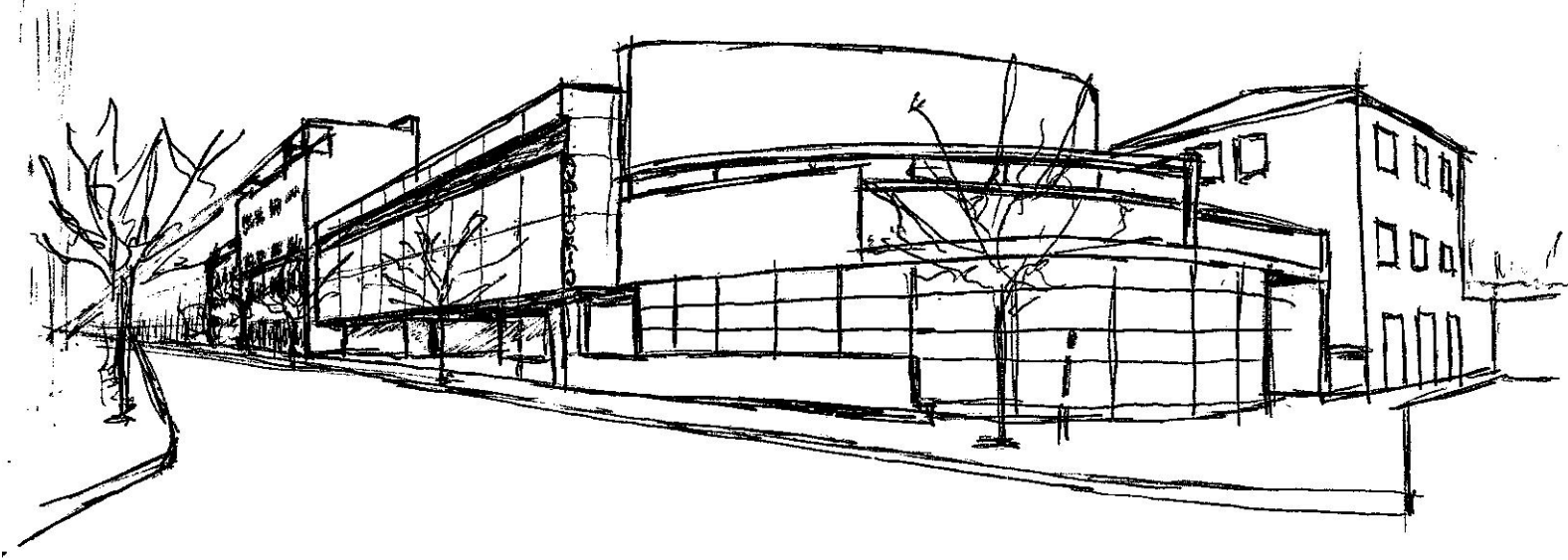
(Queda outra?)

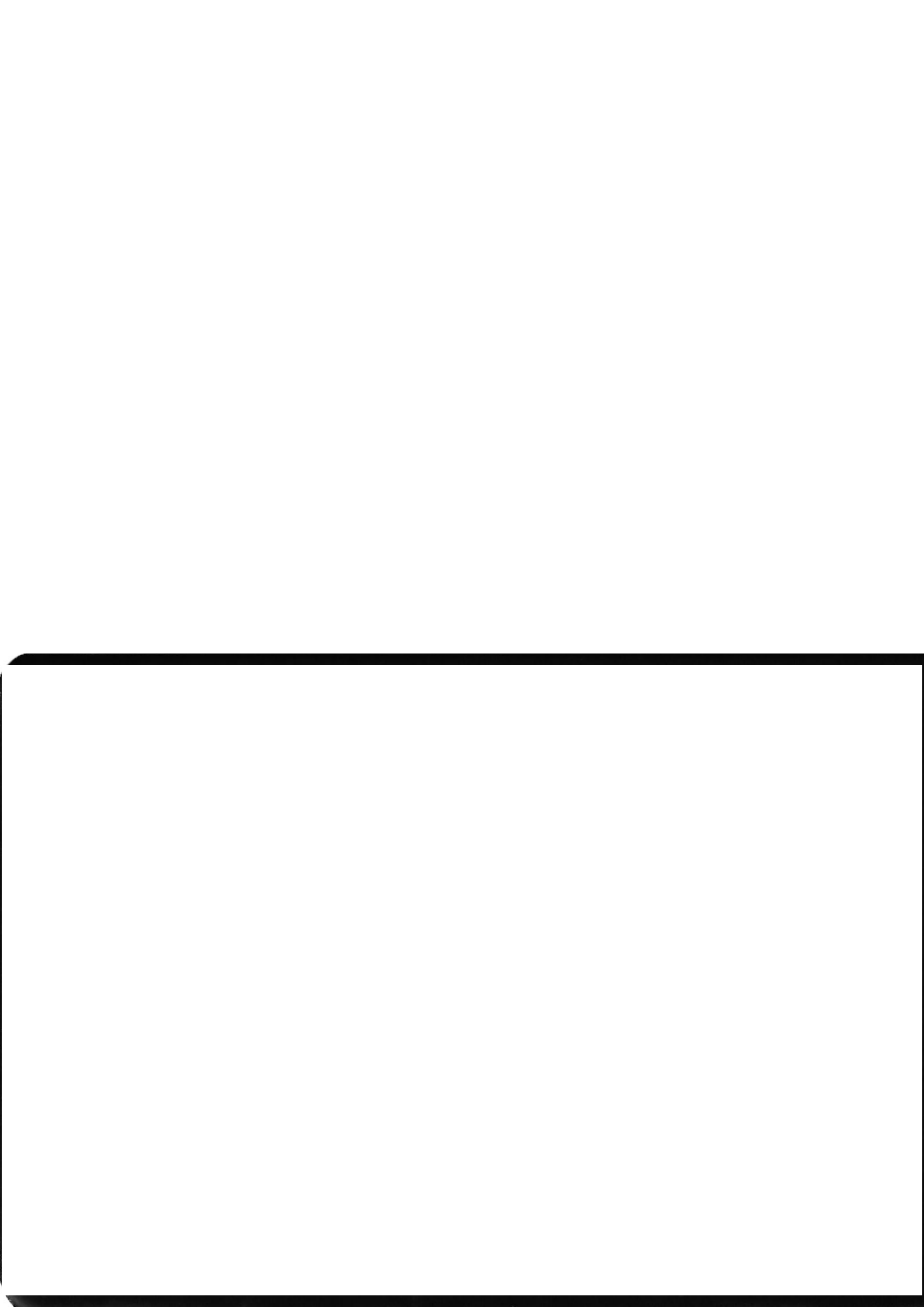


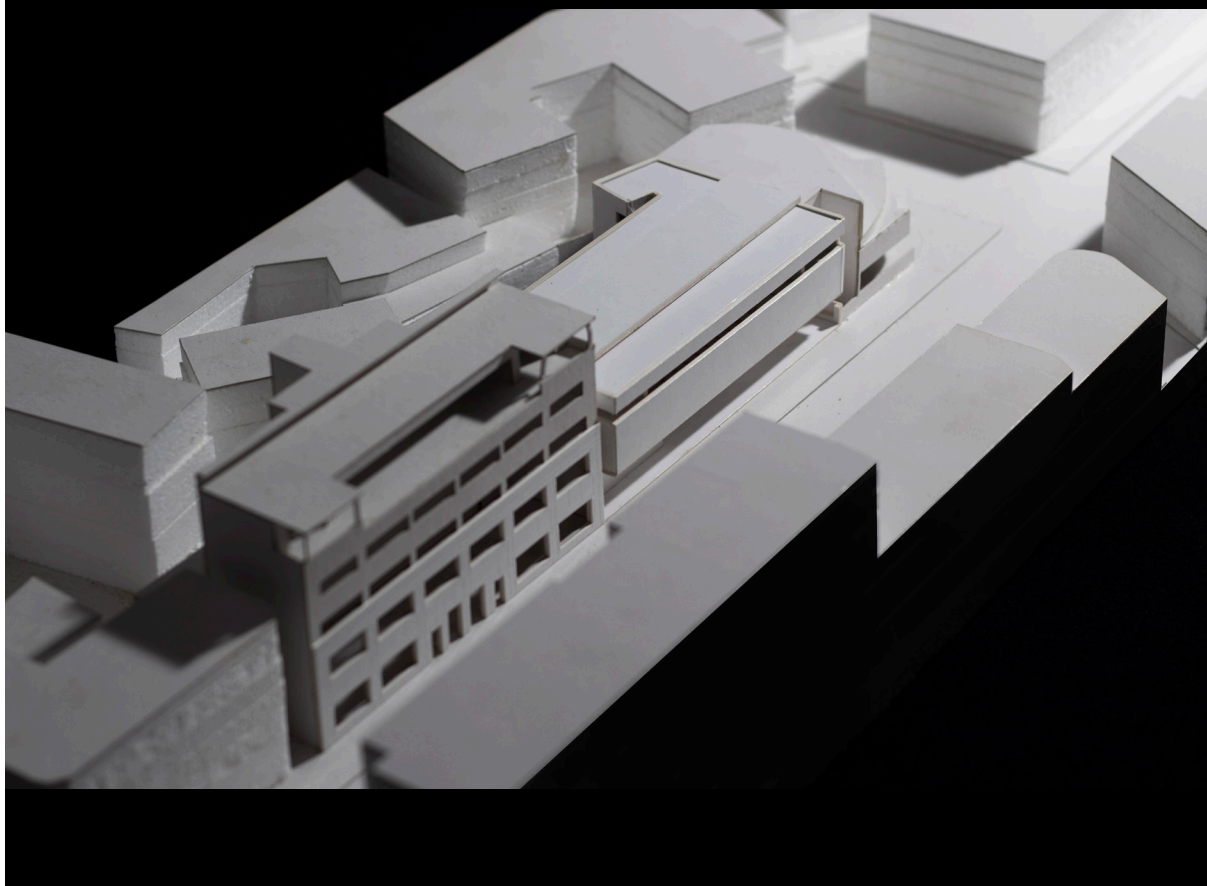
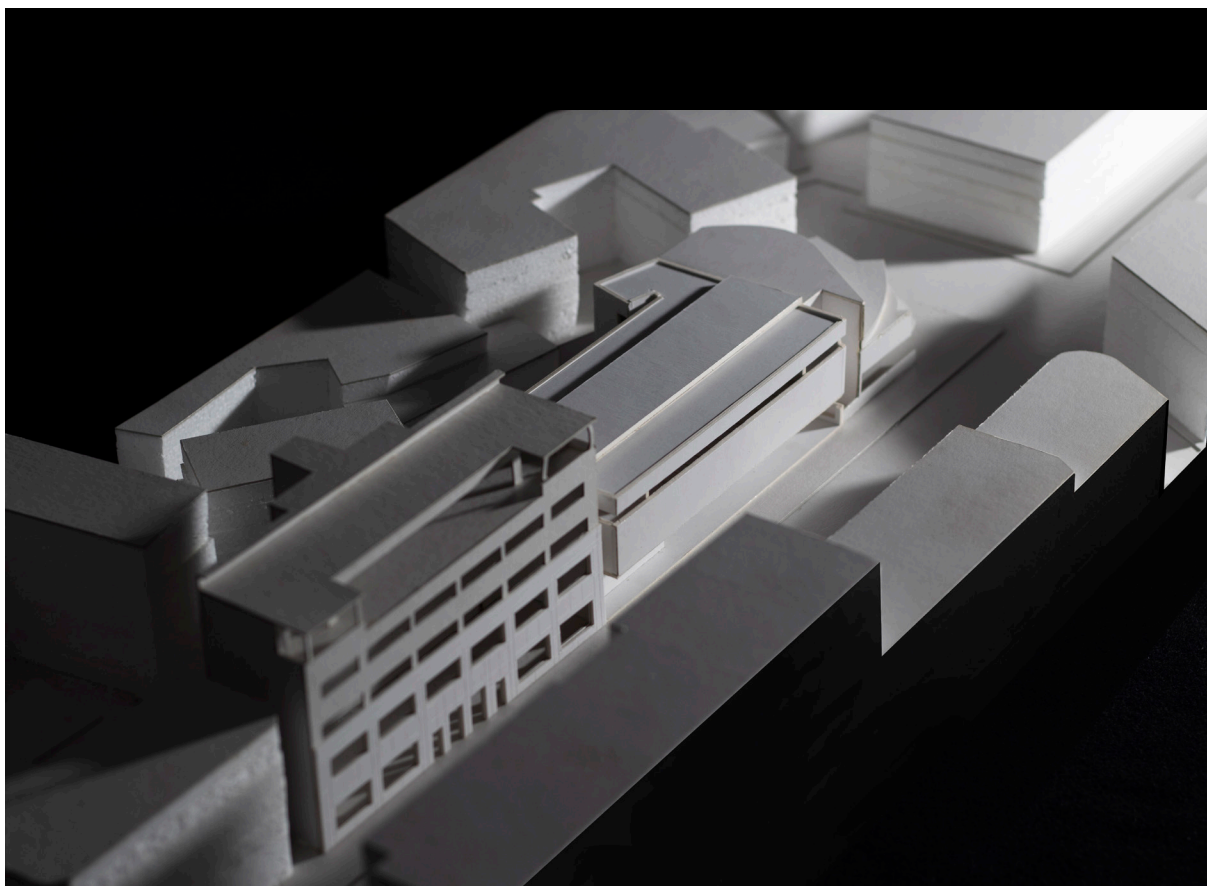




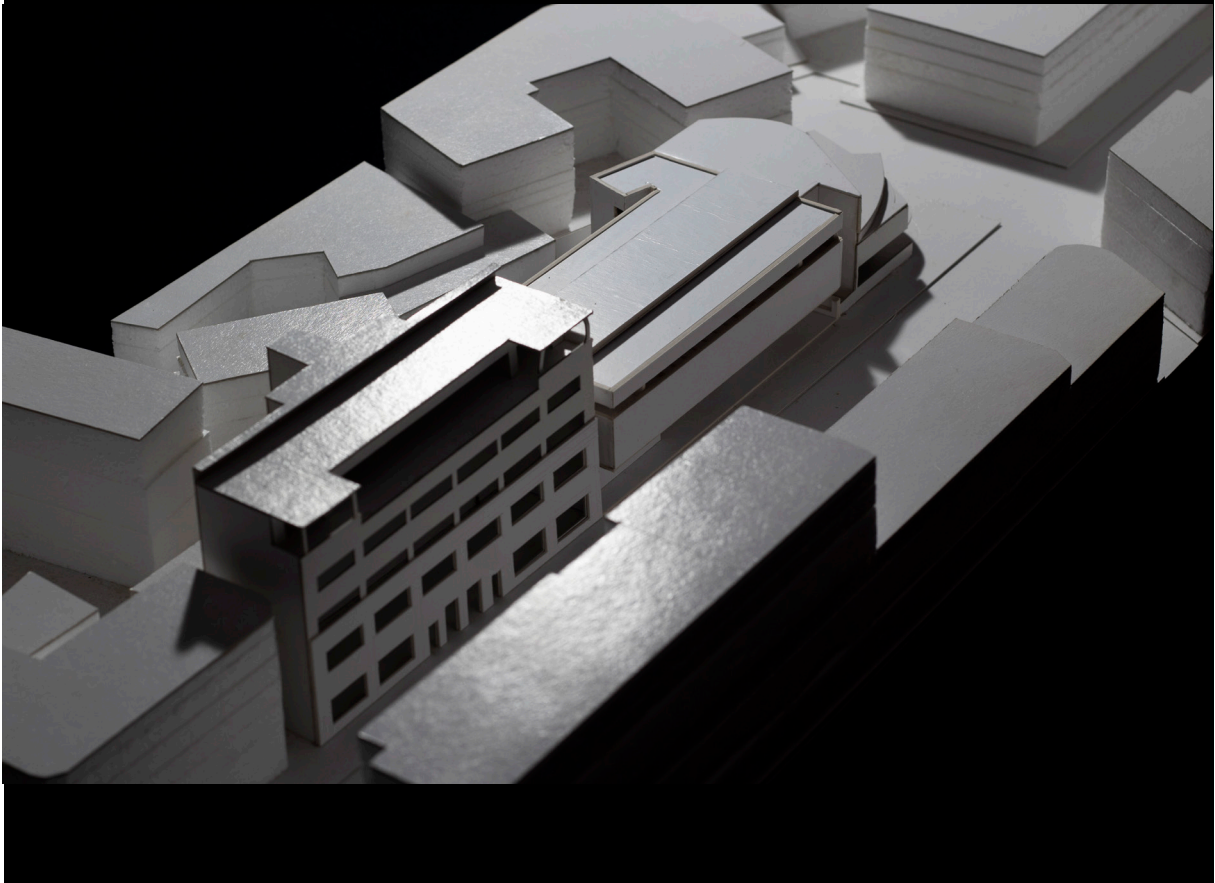
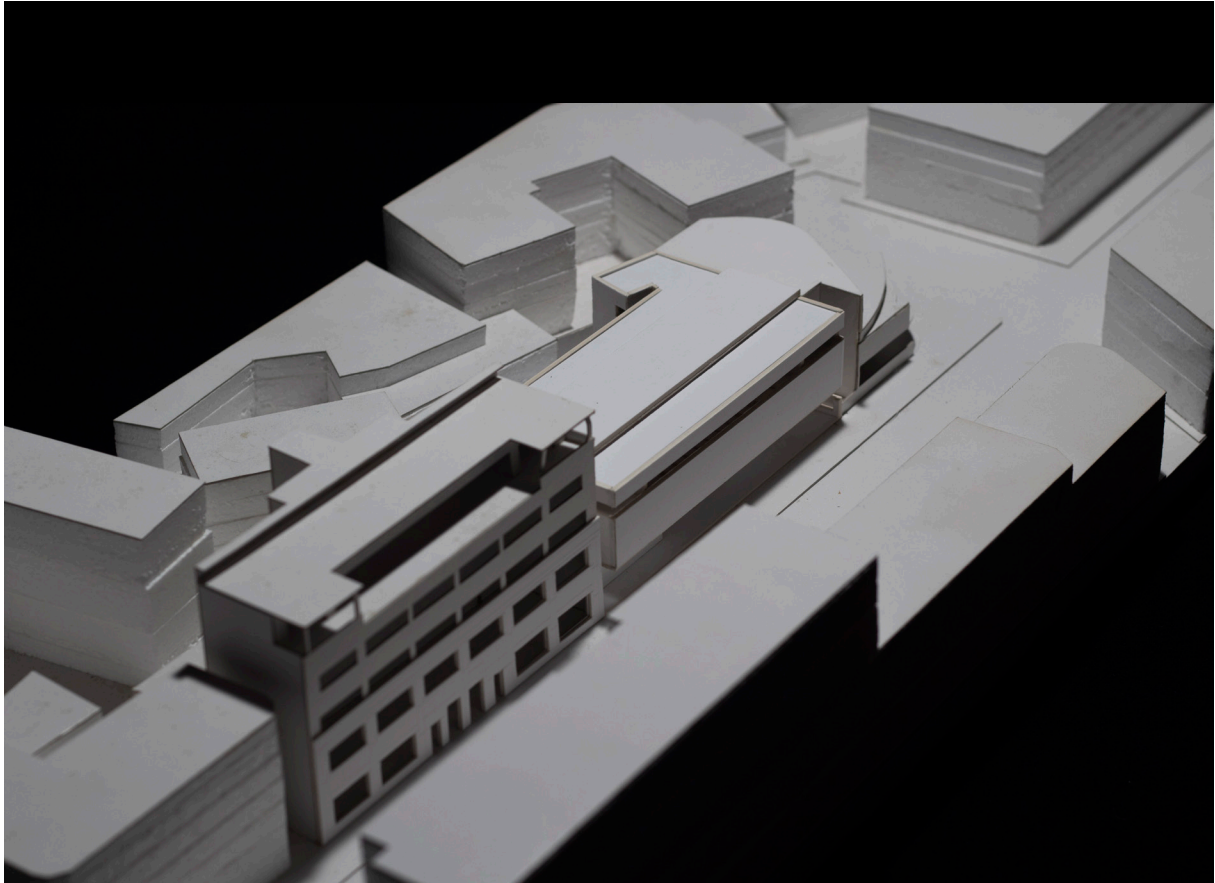
Foyer
Funciona como uma antecâmara
do interior do auditório...



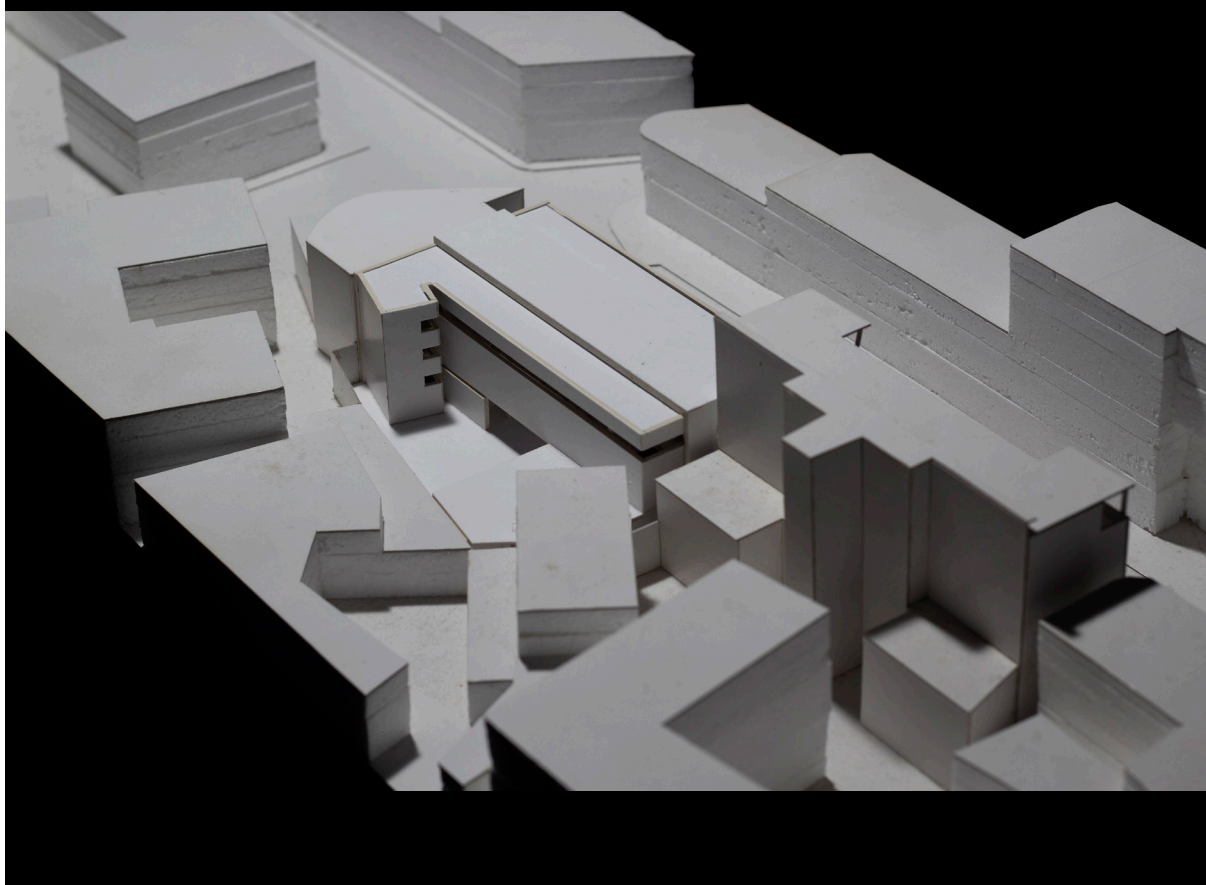
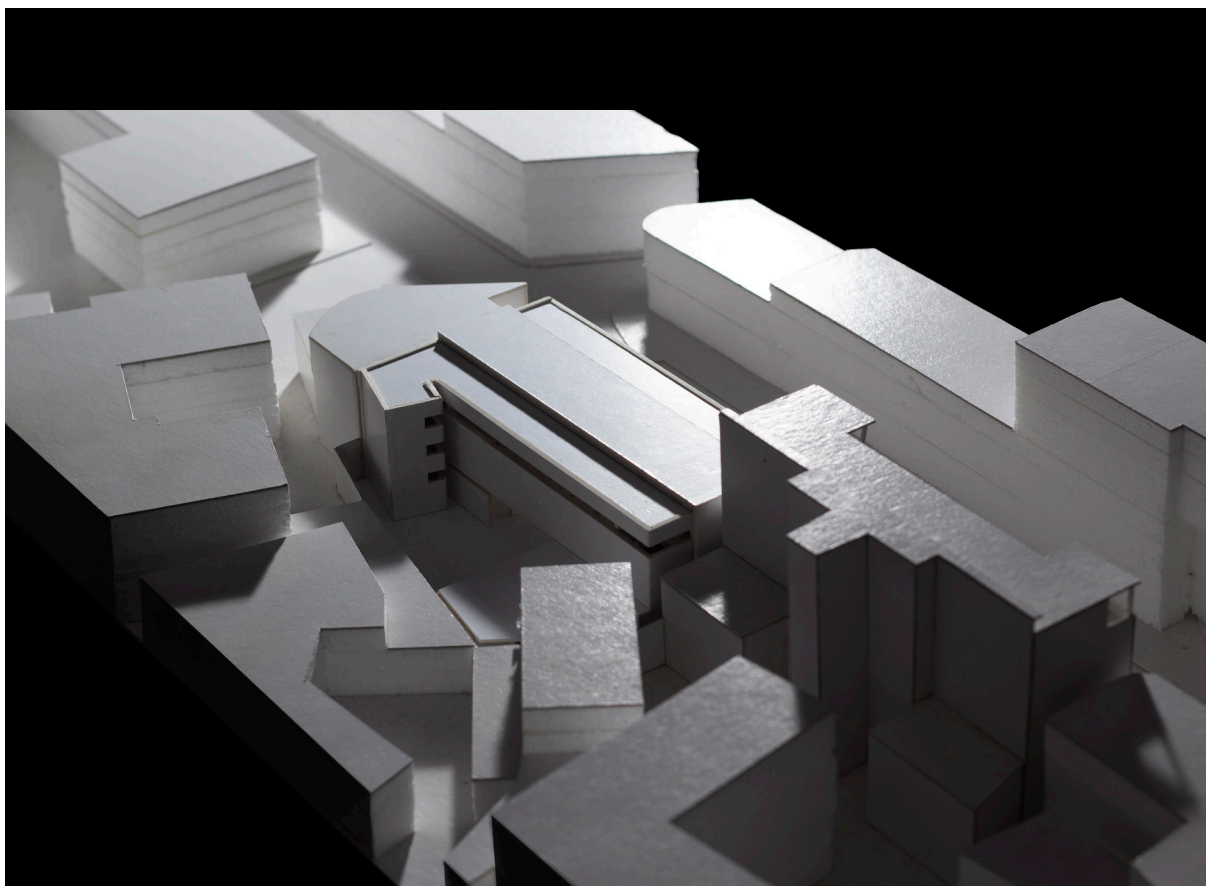




1| Maquete do projeto - Estudo de luz ao nascer do dia. JC, 2020
2| Maquete do projeto - Estudo de luz ao final da manhã. JC, 2020

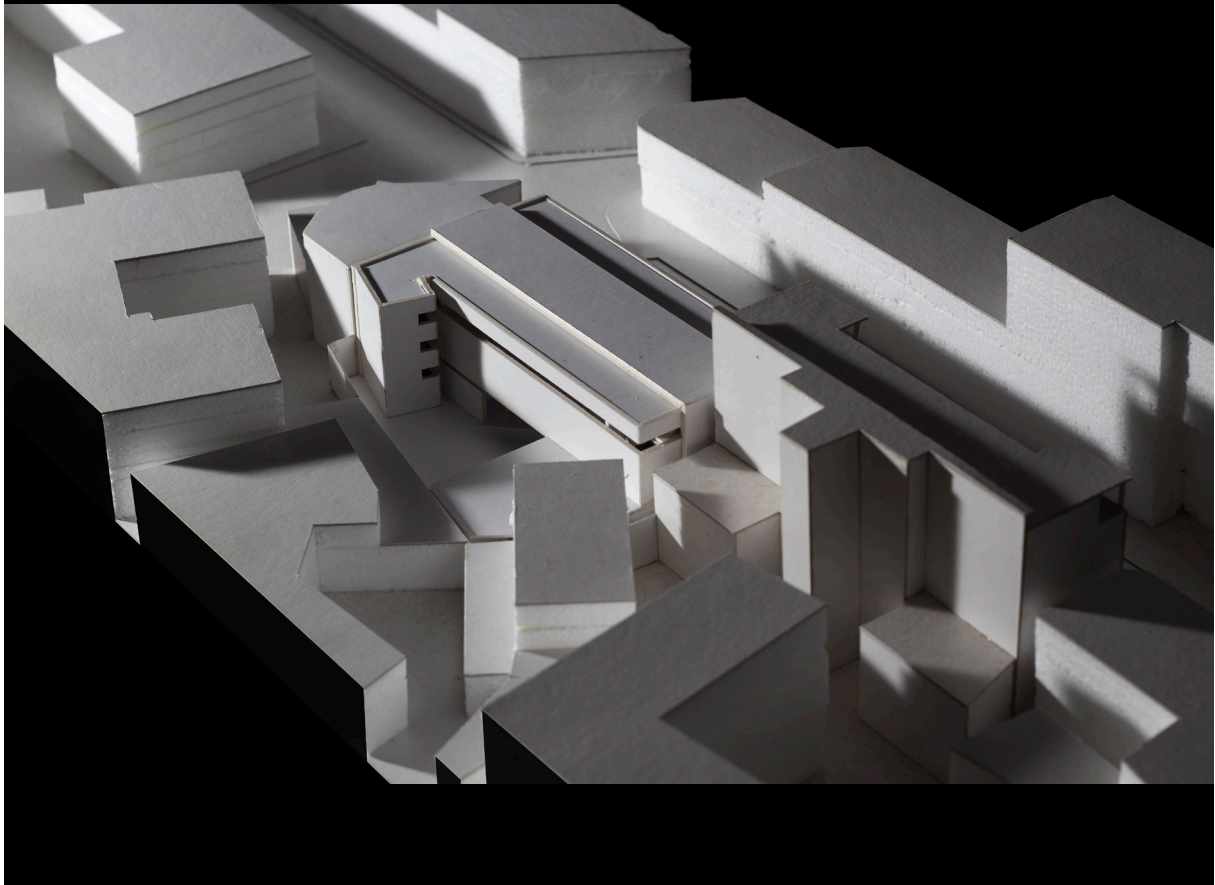
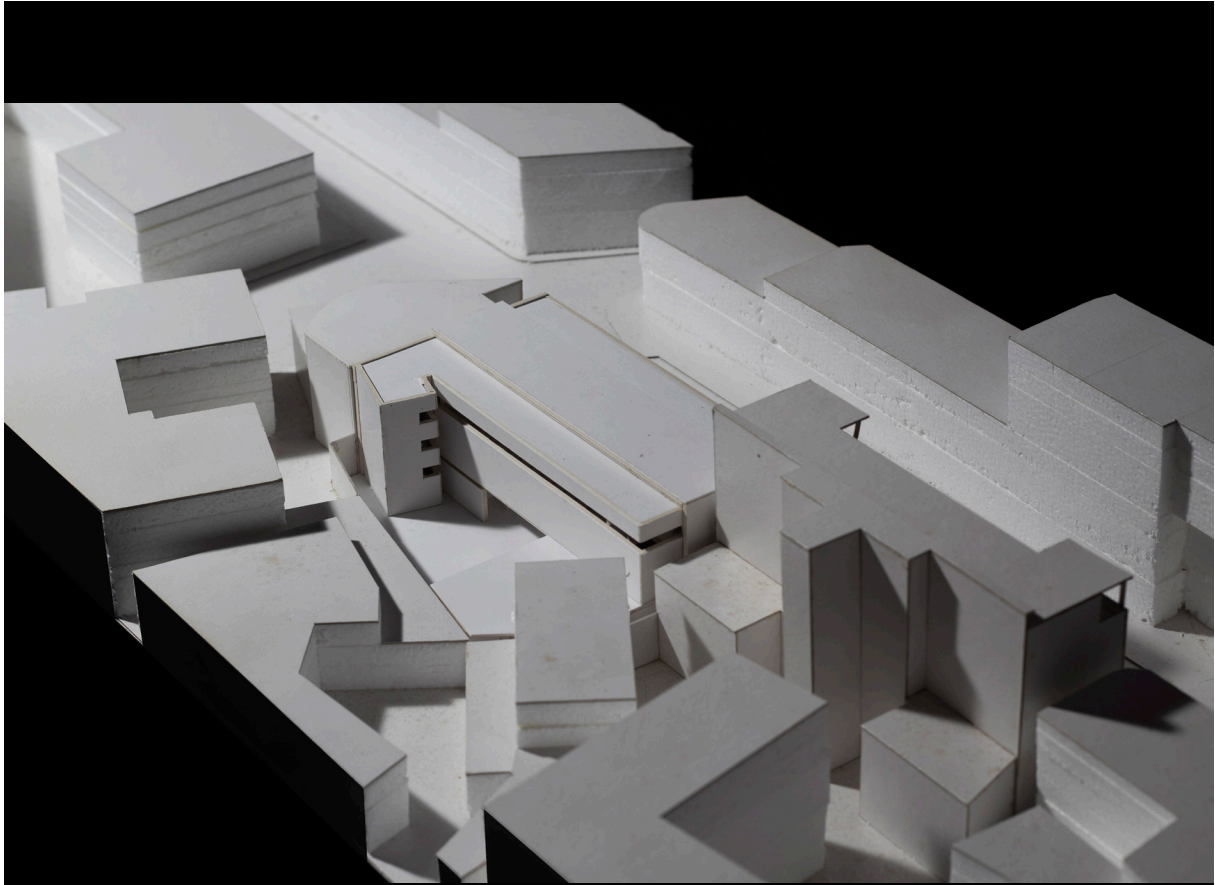


3| Maquete do projeto - Estudo de luz ao início da tarde. JC, 2020
4| Maquete do projeto - Estudo de luz ao pôr-do-sol. JC, 2020

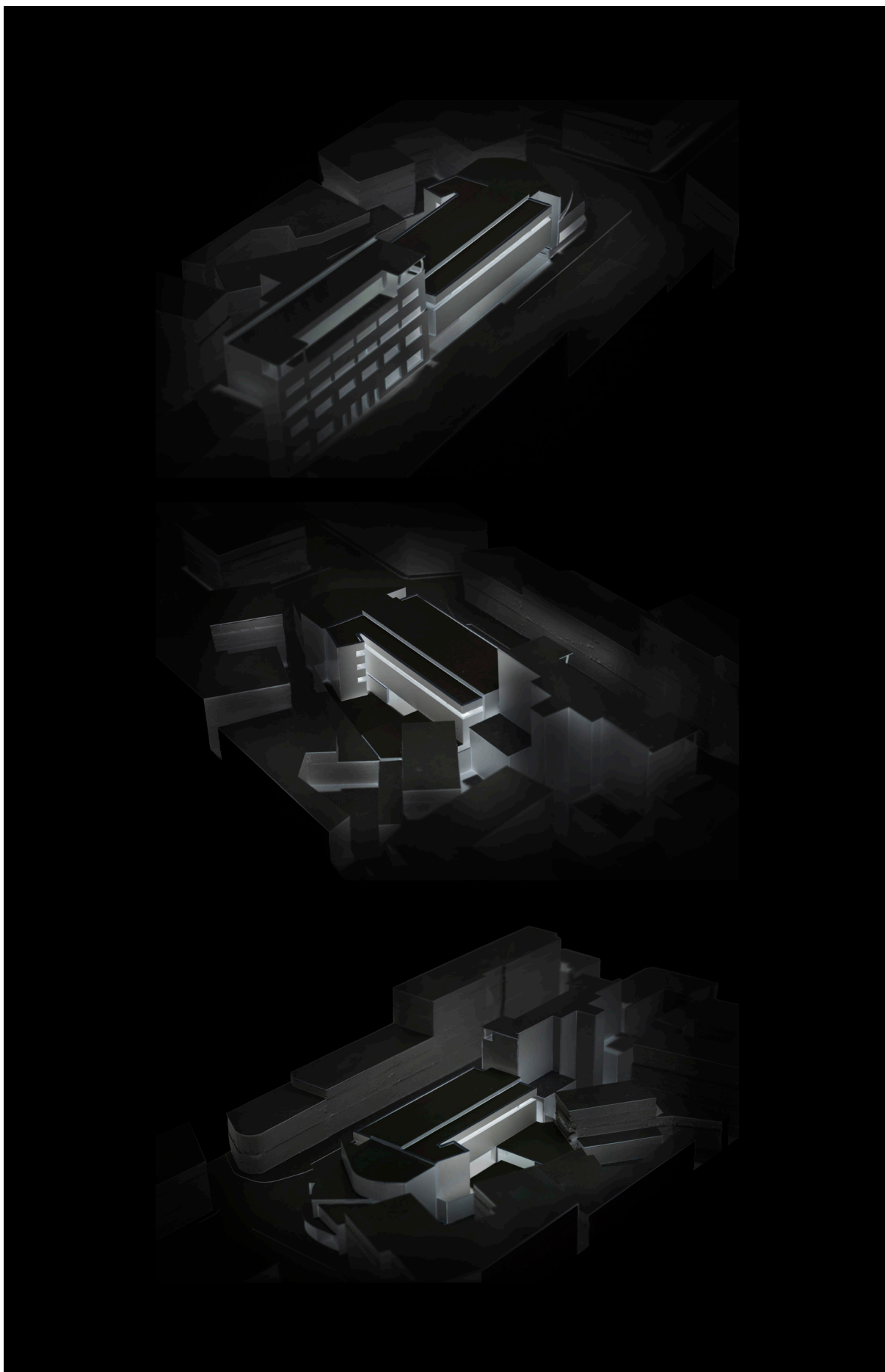


5| Maquete do projeto - Estudo de luz ao nascer do dia. JC, 2020

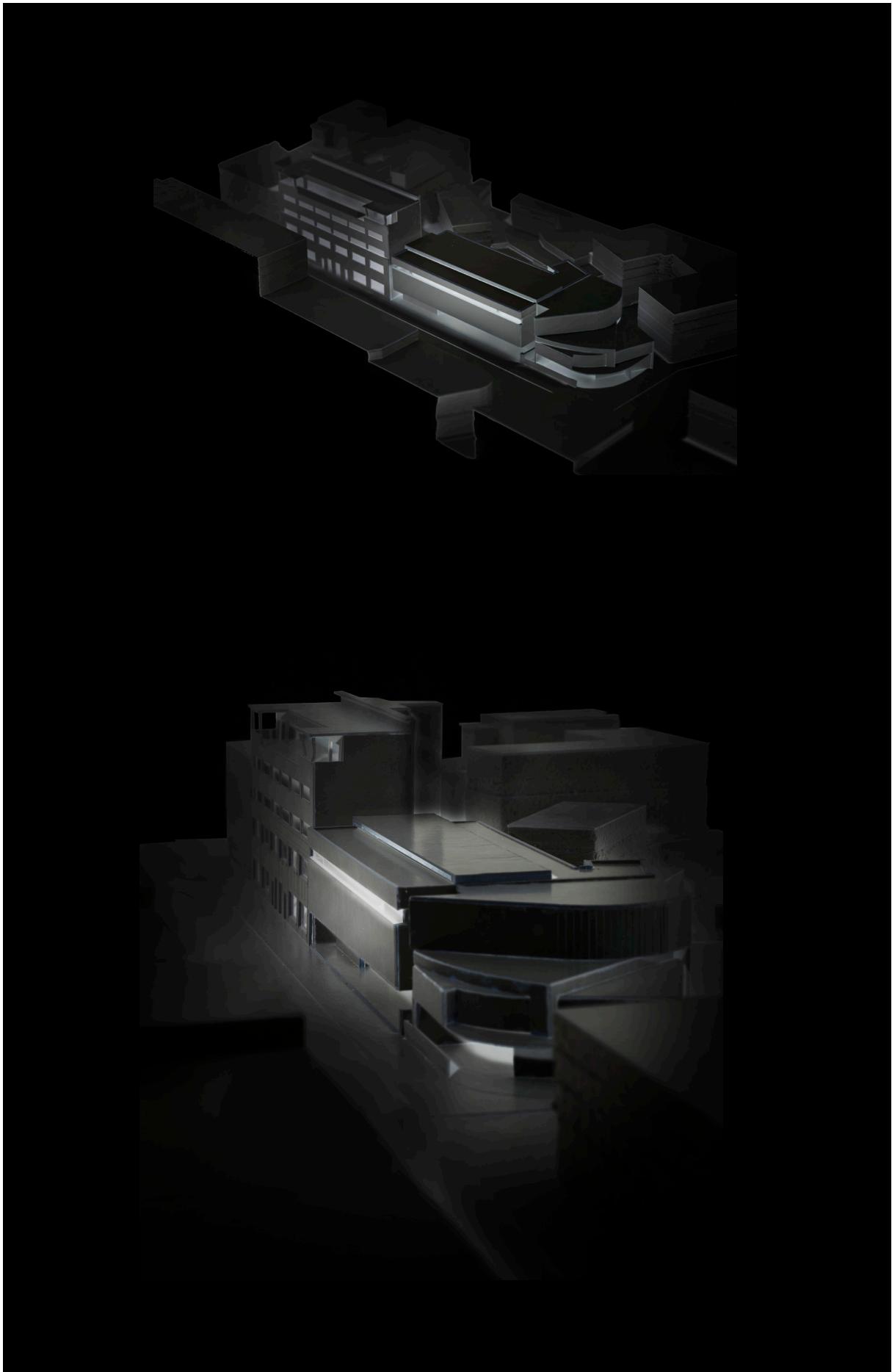
6| Maquete do projeto - Estudo de luz ao final da manhã. JC, 2020



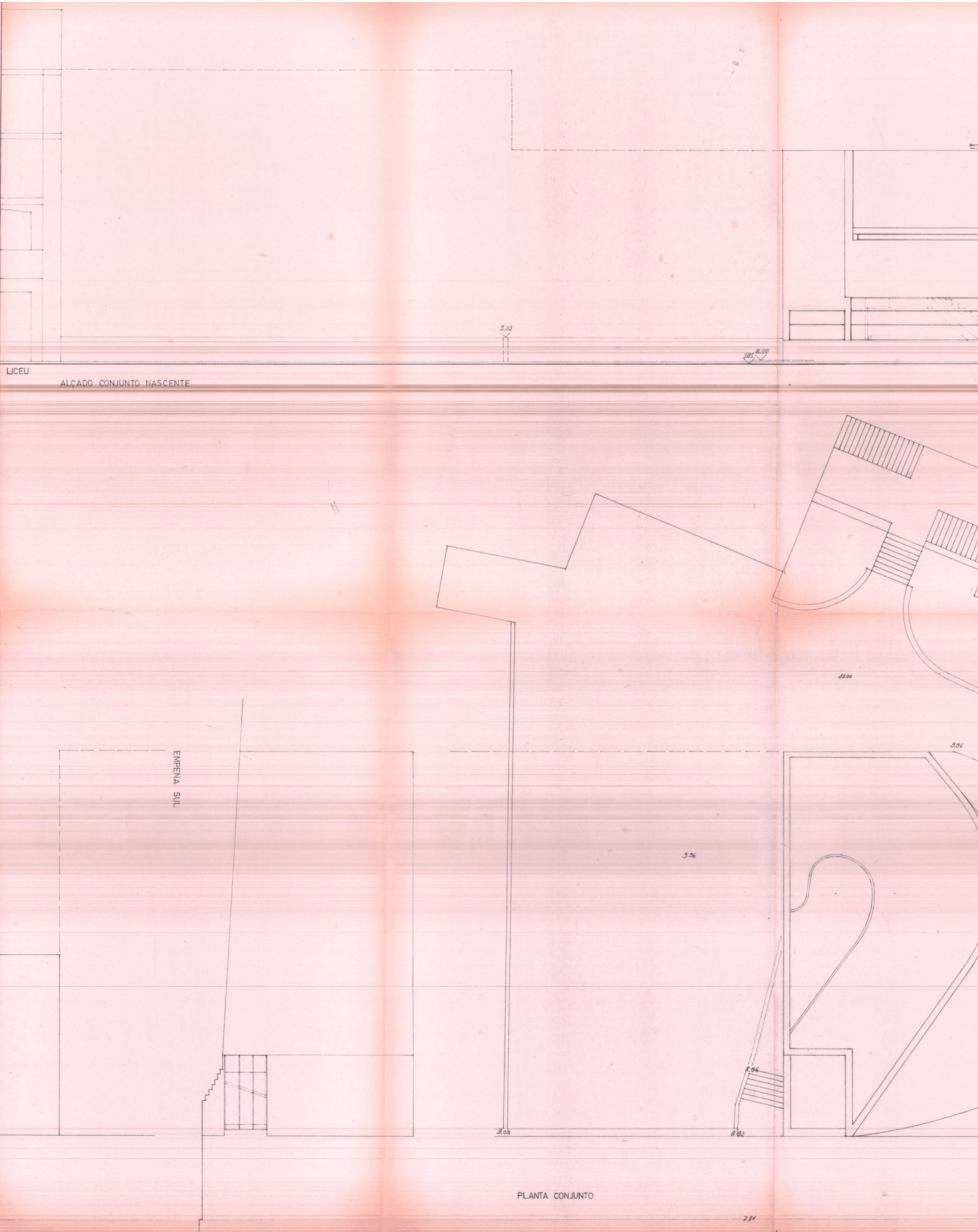
7| Maquete do projeto - Estudo de luz ao início da tarde. JC, 2020
8| Maquete do projeto - Estudo de luz ao pôr-do-sol. JC, 2020

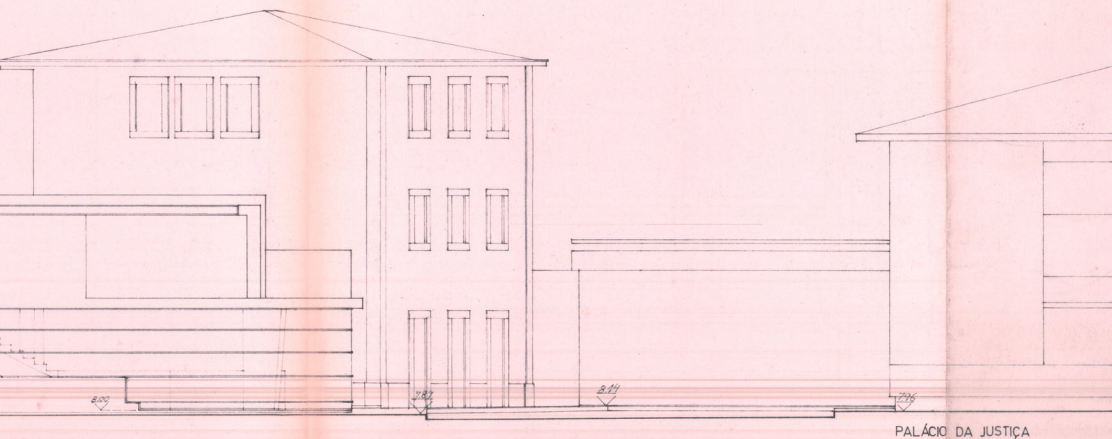


9 | Maquete do projeto - estudo do impacto da luz noturna. JC, 2020

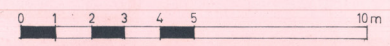
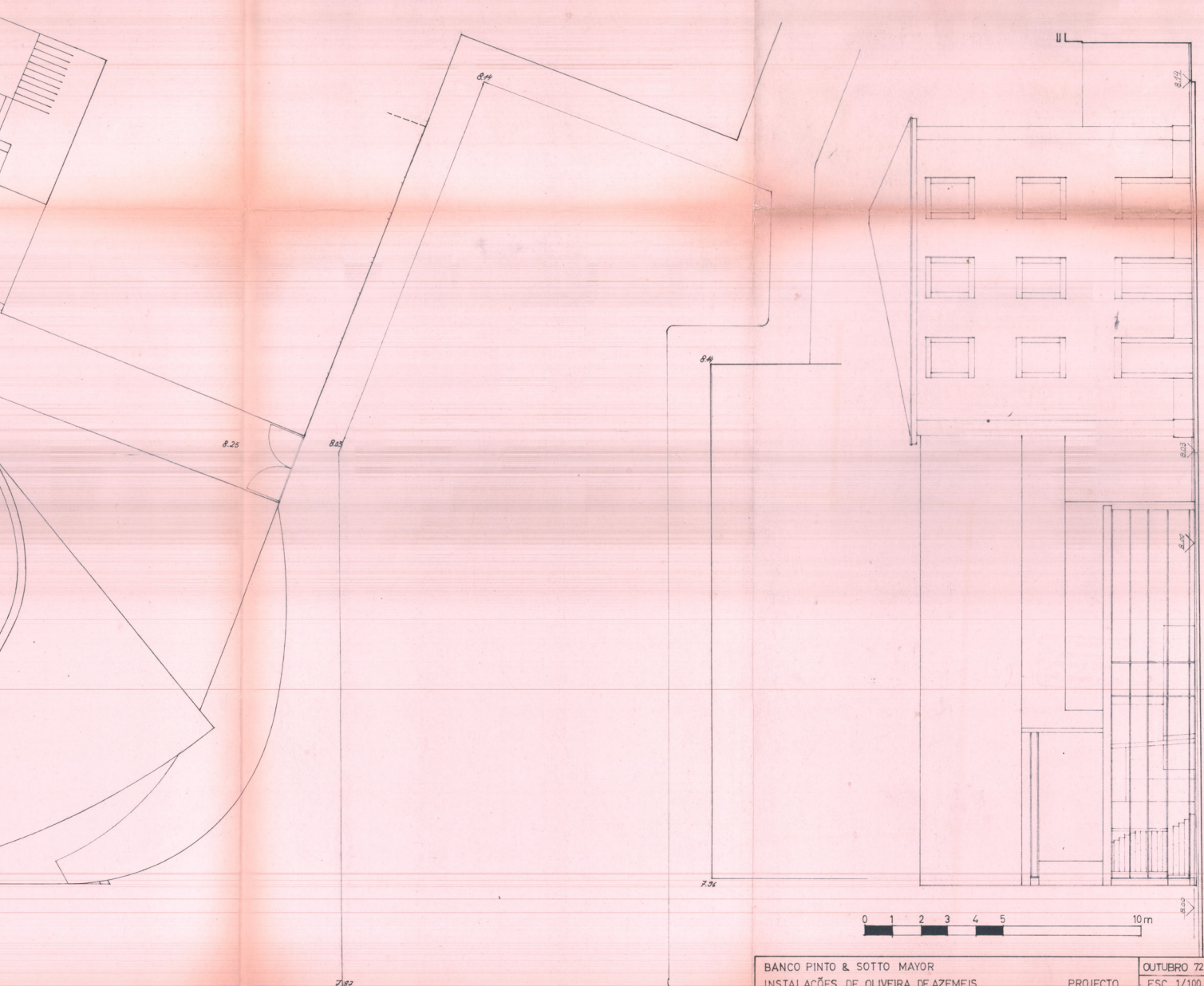


10 | Maquete do projeto - estudo do impacto da luz noturna. JC, 2020





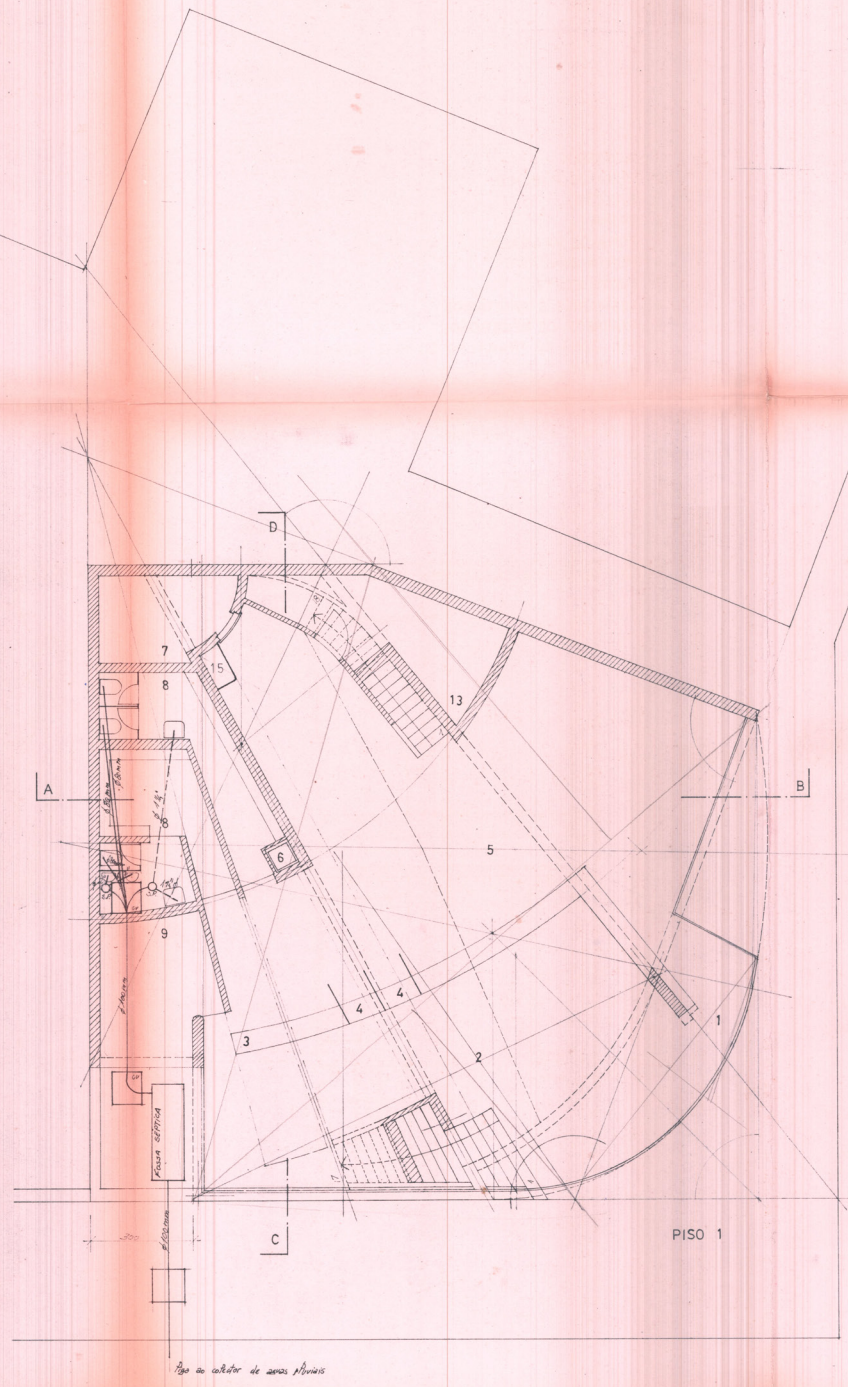
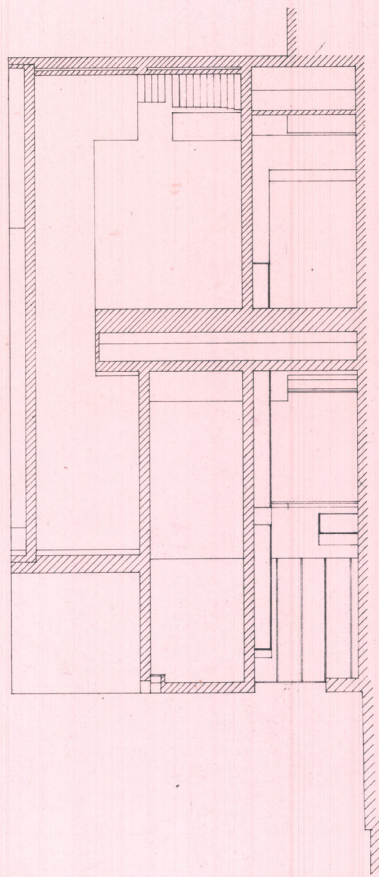
PALÁCIO DA JUSTIÇA

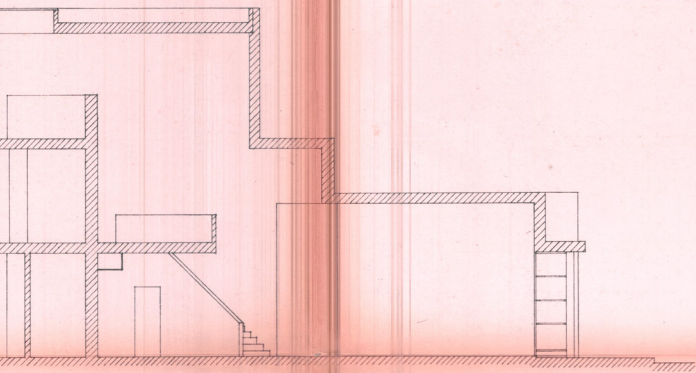


ALÇADO CONJUNTO NORTE

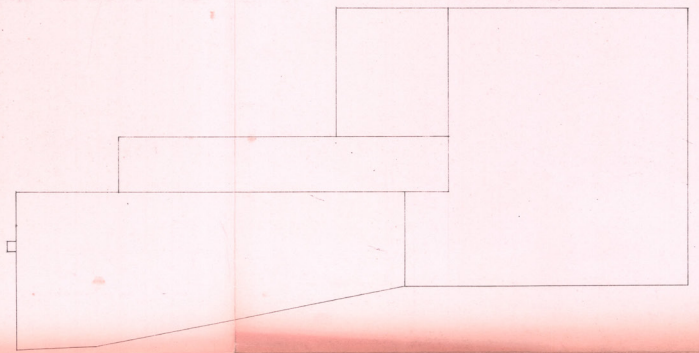
| | | | |
|----------------------------------|--------------------------|--------------------------|-------|
| BANCO PINTO & SOTTO MAYOR | PROJECTO | OCTUBRO 72 | P 130 |
| INSTALAÇÕES DE OLIVEIRA DE AZEIS | | ESC. 1/100 | |
| PLANTA DE CONJUNTO E ALÇADOS | proi. <i>[signature]</i> | colb. <i>[signature]</i> | |

- 1 ACESSO
- 2 ZONA DE PÚBLICO
- 3 BALCÃO
- 4 CAIXA
- 5 ZONA DE TRABALHO
- 6 MONTA CARGÁS
- 7 COFRE FORTE
- 8 VESTIÁRIOS E SANITÁRIOS
- 9 GABINETE DE RECEPÇÃO
- 10 VÃO, ZONA DE TRABALHO DO PISO INFERIOR
- 11 ARQUIVO
- 12 ZONA DE EXPANSÃO
- 13 MÁQUINAS AR CONDICIONADO
- 14 IDEM VÃO PISO INFERIOR
- 15 CONDUTAS

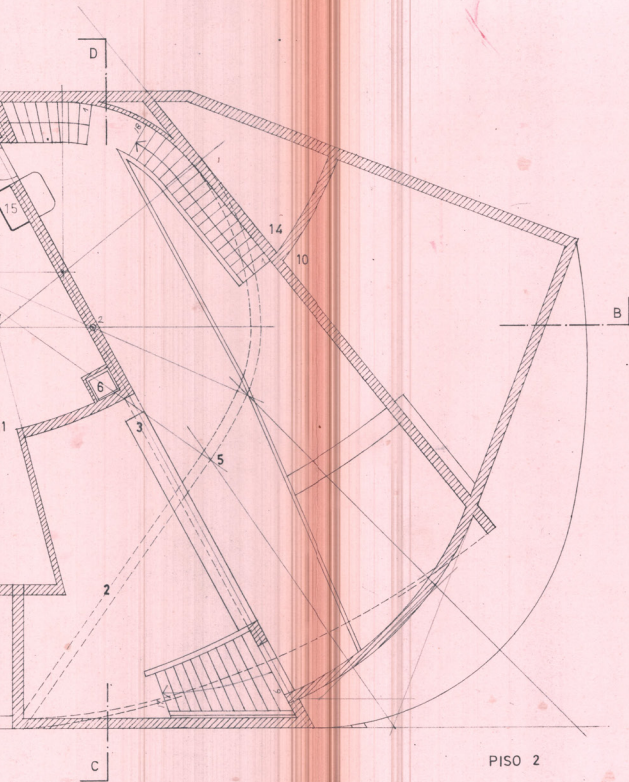




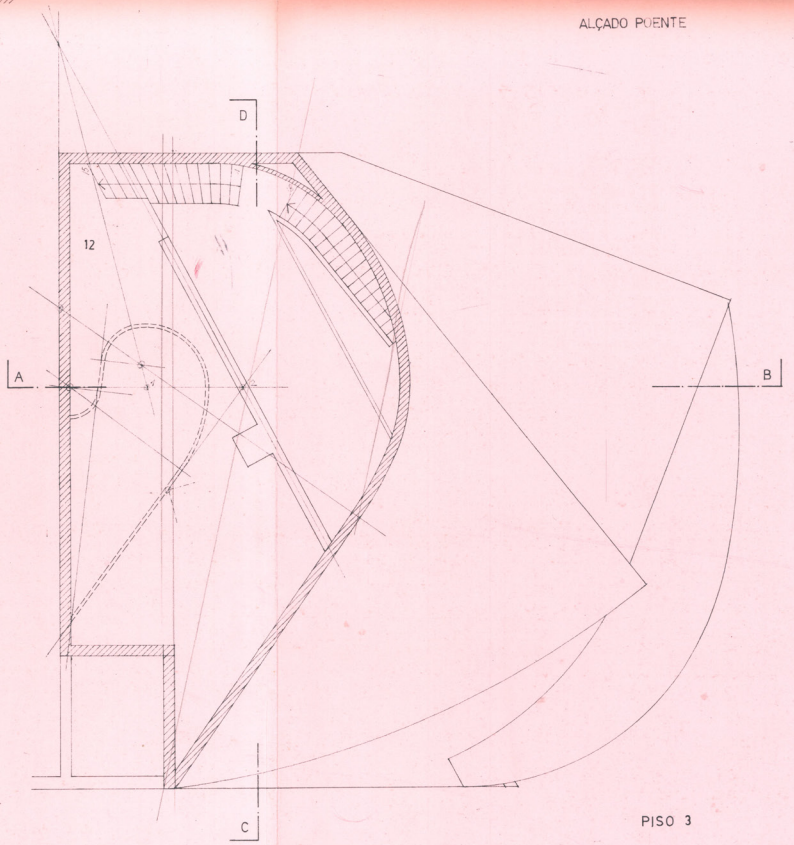
CORTE A-B



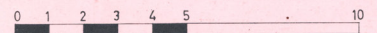
ALÇADO PUENTE



PISO 2



PISO 3



| | | | |
|----------------------------------|----------------------|-----------------------|-------|
| BANCO PINTO & SOTTO MAYOR | PROJECTO | OUTUBRO 72 | P 130 |
| INSTALAÇÕES DE OLIVEIRA DE AZEIS | | ESCALA 1/100 | |
| PLANTAS, CORTES, ALÇADO | proj. <i>Almeida</i> | colab. <i>Almeida</i> | |

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



REGISTADO
no ...
sob o nº 31
Em 19 de Outubro de 1972

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira, arquitecto, casado, de trinta e nove anos de idade, residente na Rua da Alegria, 1 732, ap. 41, Porto, sócio nº 289 do Sindicato Nacional dos Arquitectos (Secção Regional do Norte), declara nos termos e para os efeitos do disposto no artº 6º - 1 do Decreto-Lei nº 166/70, de 15 de Abril de 1970, que foram respeitadas as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis, designadamente sobre fundações, paredes, pavimentos e coberturas, comunicações verticais, dimensão mínima dos aposentos, iluminação, arejamento, abastecimento de águas, instalação eléctrica, sanitárias e esgotos, no projecto junto e respeitante a um prédio a construir na Rua Dr. António José de Almeida, em Oliveira de Azeméis destinado às instalações do Banco Pinto & Sotto Mayor.

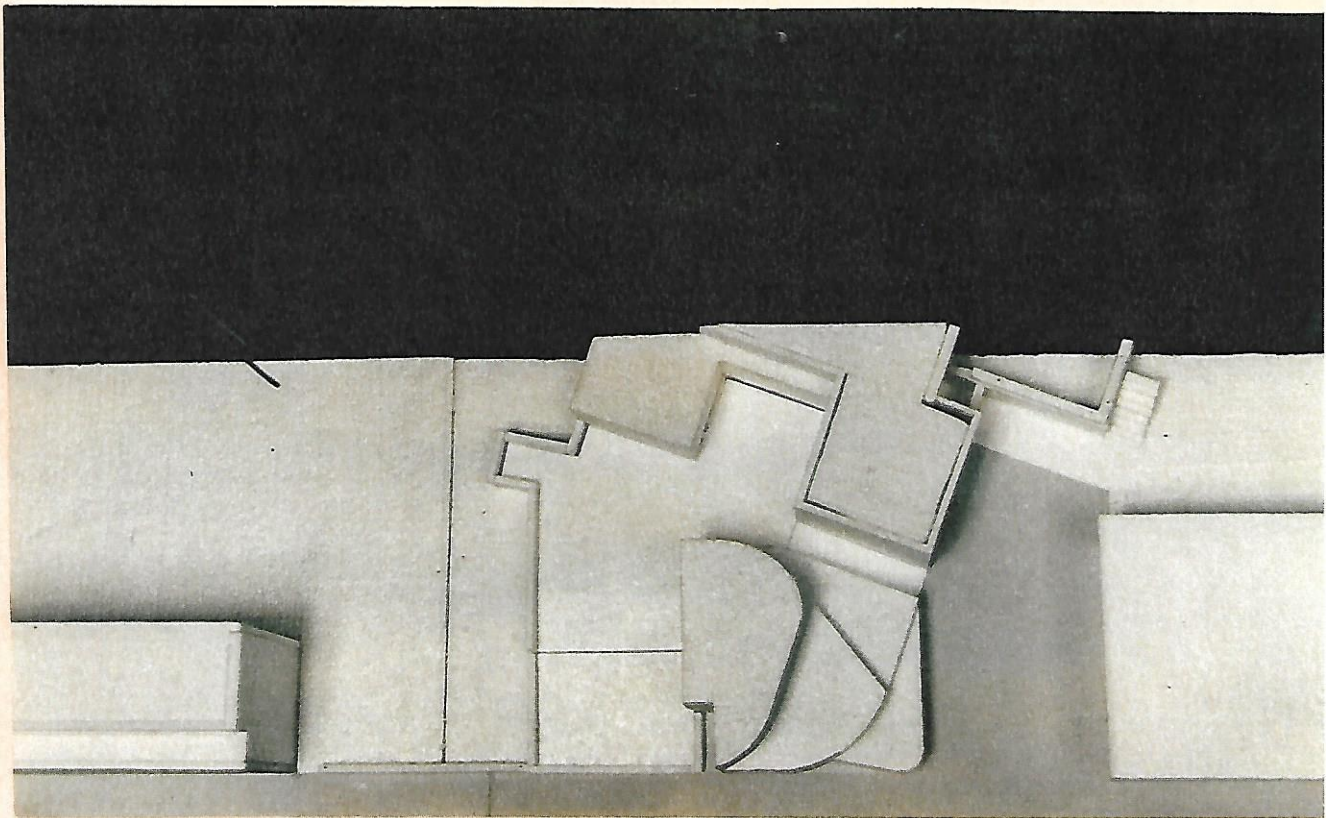
Porto, 30 de Outubro de 1972

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira

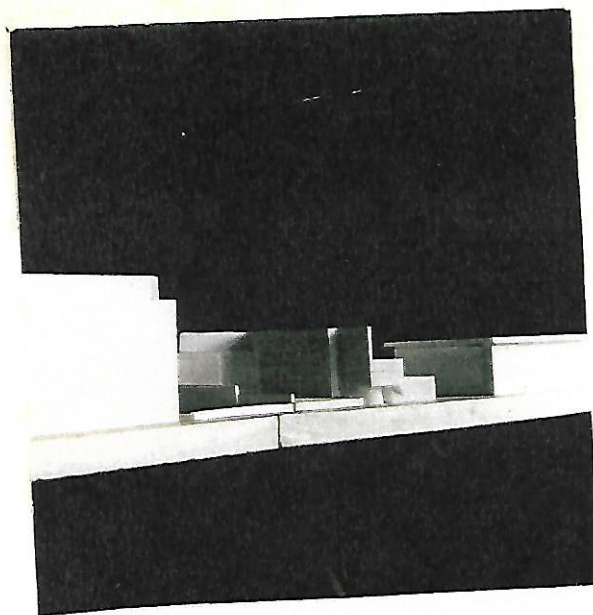
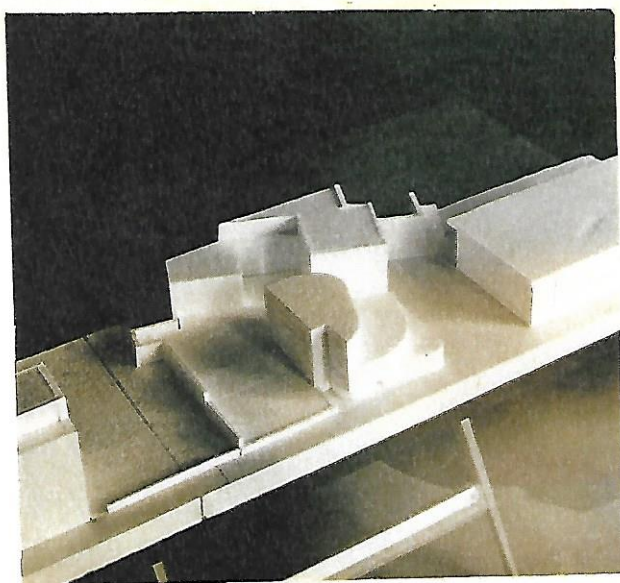
Reconheço a assinatura *Álvaro* de *Álvaro*
Joaquim de Melo Siza Vieira
em face do exhibido nº *894290*
passado em *Porto* a *17/17/1970*
O Ajudante do Cartório,
Conte n.º *119 50*

Carla da Costa Pereira

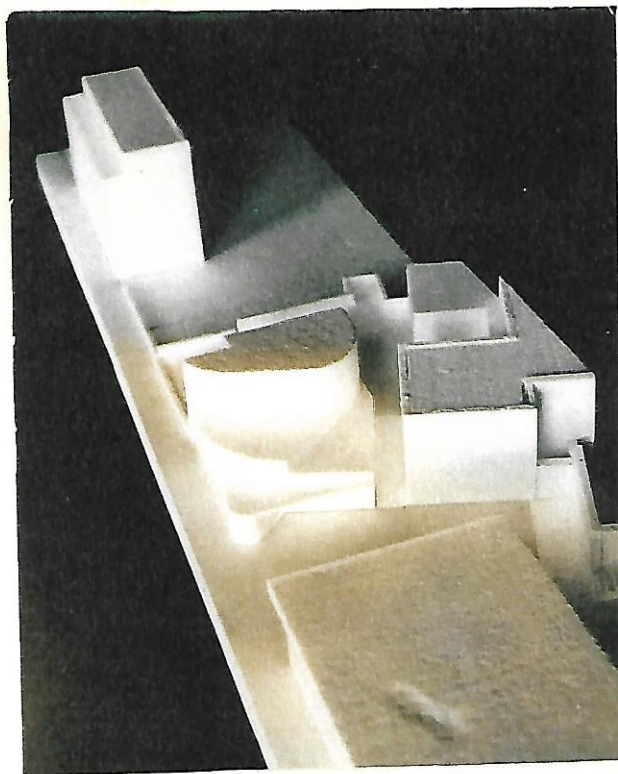
Vista superior com o enquadramento constituído pelos edificios que condicionam a implantação e forma do edificio (Palácio da Justiça, à direita, Habitação, acima, Liceu, à esquerda).



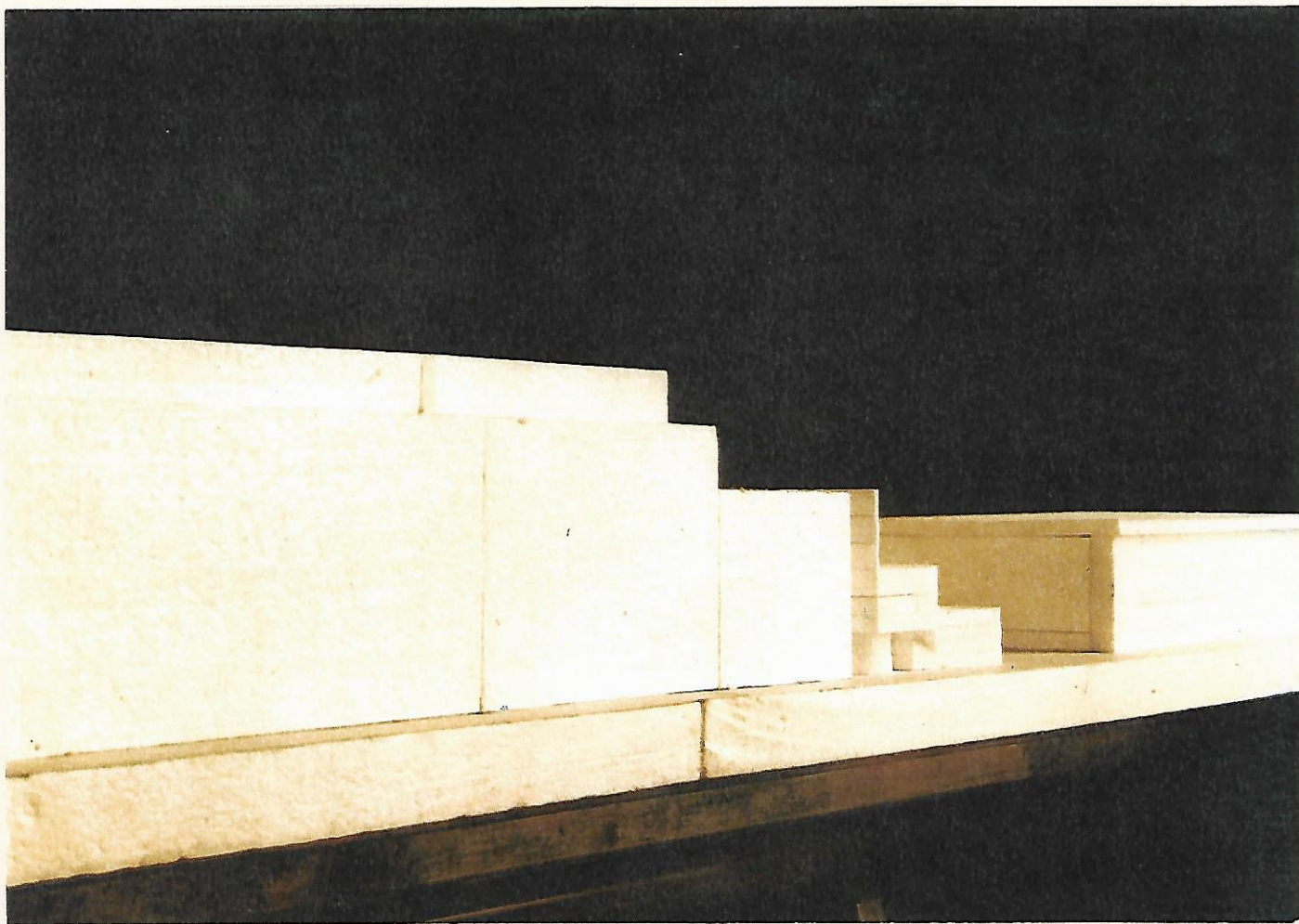
Vistas de Nascente. Na fotografia da direita observa-se o ajustamento da cêrcea do 3º piso ao da habitação a poente e as sucessivas diminuições de cêrcea no lado Norte, afim de desafrontar o Palácio da Justiça, mantendo contudo o enquadramento total da praceta.



Lado Norte, mostrando o enquadramento relativamente à habitação a poente (cérceas, direcções das paredes exteriores) e o aberto nos volumes dos 2º e 3º pisos sobre os terrenos interiores da mesma habitação.



Prevendo-se a hipótese duma futura utilização dos terrenos livres sobre a Av. Dr. António José de Almeida, estudou-se uma sugestão de transição de cêrcea, entre o Liceu já construído (4 pisos e 1 recuado), e o edifício do Banco (3 pisos, cêrceas condicionadas pelo Palácio da Justiça e pela habitação a poente). Verifica-se que o desafrontamento do Palácio da Justiça, exigirá, pelo menos em toda a frente do jardim de onde foi desatado o terreno do Banco, uma cêrcea correspondente a um máximo de três pisos. Para sul poder-se-à prever a conservação da cêrcea do Liceu, naturalmente com um cuidado estudo de transição entre tal cêrcea e a correspondente a três pisos.



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



MEMÓRIA DESCRITIVA

INSTALAÇÕES DO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS

1 - LOCALIZAÇÃO - Em gaveto definido pela rua Dr. António José de Almeida e por uma praça, a partir da qual se estabelece a ligação de peões com as zonas de cota mais elevada, a poente.

2 - PROGRAMA - Instalações habituais duma agência, compreendendo zonas de público e de trabalho, divididos por dois pisos, gabinete de recepção, cofre-forte, vestiários e instalações sanitárias, arquivo e zona para futura expansão.

3 - CONDICIONAMENTOS

a) - De Localização

Proximidade do Palácio da Justiça, a Norte, e de uma habitação de reconhecido interesse arquitectónico, a poente.

b) - De programa

Articulação de duas zonas amplas de público (em dois pisos) e de instalações subsidiárias, de pequenas dimensões (vestiários, sanitários, casa forte e gabinete de recepção), ou de área apreciável (arquivo).

Previsão de espaço para futura expansão.

4 - SOLUÇÃO - A intenção de desafrontar os edifícios de interesse arquitectónico próximos levou a afastar a zona de maior cêrcea para sul, uma vez verificado que as áreas e distribuição do programa permitiam um desenvolvimento gradualmente menor, do primeiro ao terceiro piso.

O sector sul da construção abrange, distribuídas pelos três pisos, as instalações predominantemente ligadas a serviços internos (recepção, vestiários e sanitários e casa forte, no 1º piso, arquivo, no segundo piso, zo-

na de expansão, no 3º piso). Os espaços para público e zonas de trabalho em contacto directo com o público, no 1º e 2º pisos, projectam-se para norte, permitindo a já referida adaptação da volumetria ao que a envolve e precede.

A forma do edifício resulta ainda da sua situação em gaveto, da intenção de manter um aberto sobre os terrenos interiores da habitação a poente, da atenção posta nos alinhamentos existentes e sua influência em cada um dos pisos. As superfícies curvas das paredes exteriores, que acusam estas preocupações, e que resultam ainda da relação com os movimentos de distribuição no interior do edifício, funcionam também, interiormente, como ecran reflector da iluminação superior prevista. Os abertos nos pavimentos do 2º e 3º pisos permitem que esta iluminação penetre a totalidade do espaço, garantindo entretanto uma comunicação visual entre as diversas zonas de permanência.

5 - Prevê-se uma estrutura constituída por paredes portantes, vigas, pilares e lages em betão armado, cujas paredes serão (digo: cujos cálculos serão) oportunamente apresentados, sendo as paredes não portantes em tijolo vazado.

Impermeabilização de terraços com telas asfálticas, esquadrias exteriores em ferro metalizado e pintado e interiores em madeira esmaltada.

Paredes interiores e exteriores e tectos suspensos rebocados e pintados.

Pavimentos e paredes de vestiários e sanitários com revestimento respectivamente em mosaico e azulejo.

Restantes pavimentos em resina EPOXI auto-nivelante.

O edifício será equipado com instalação de condicionamento de ar.

6 - Prevendo-se a hipótese de futuras construções nos terrenos livres, sobre a Av. Dr. António José de Almeida, entre o Liceu já construído (cinco pisos, sendo 1 recuado), e o edifício do Banco (3 pisos, cêrceas condicionadas pe-

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



lo Palácio da Justiça e pela habitação a poente), estudou-se uma sugestão de transição de cêrceas. Como se observa nas peças desenhadas e na fotografia da maquete de conjunto 4, verifica-se que tal transição exigirá, pelo menos em toda a frente do jardim de onde foi destacado o terreno do Banco, uma cêrcea correspondente a um máximo de três pisos (igual à do Banco).

Porto, 30 de Outubro de 1972

Alvar. Joaquim de Melo Silva Vieira

Reconhecido a assinatura *Alvarado*
Joaquim Melo Silva Vieira
894290
Porto 17/7/70
Arquivo da
- 6.11.1972

120 500
O Alvarado do cartório
[Signature]





35
8

LARGO DA RÉPUBLICA

PRAÇA JOSÉ DA COSTA

ÁLVARO SIZA Arqt^o. Lda.

RUA DA ALEGRIA, 399 - 2^o 4000 PORTO TEL.: 02 - 570850 / 580612 FAX.: 02 - 570850

EDF. DE COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS Sr. Azevedo Tavares Oliveira de Azeméis

RENOVAÇÃO E AMPLIAÇÃO

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

outubro 1990

13

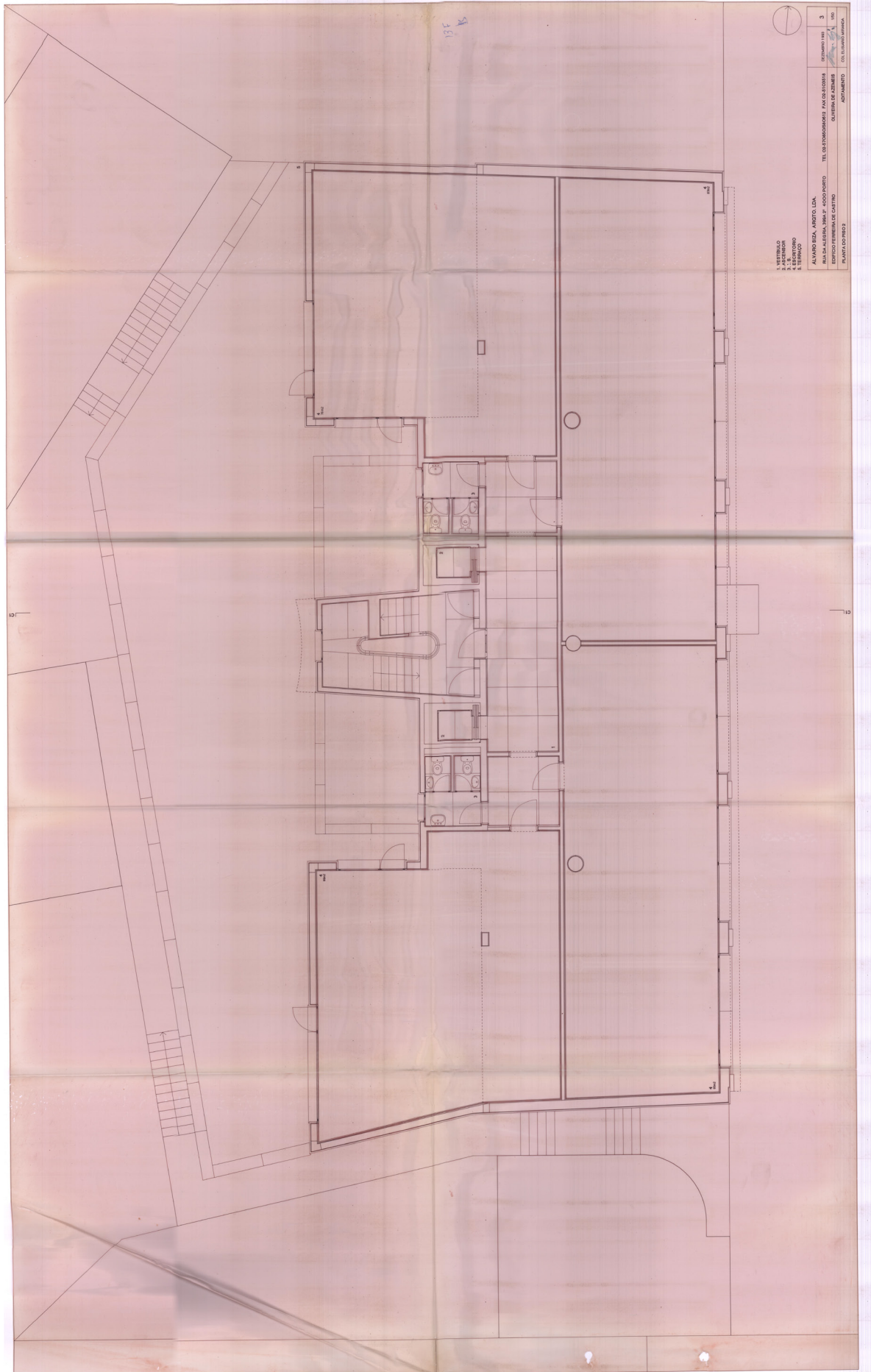
Álvaro Siza

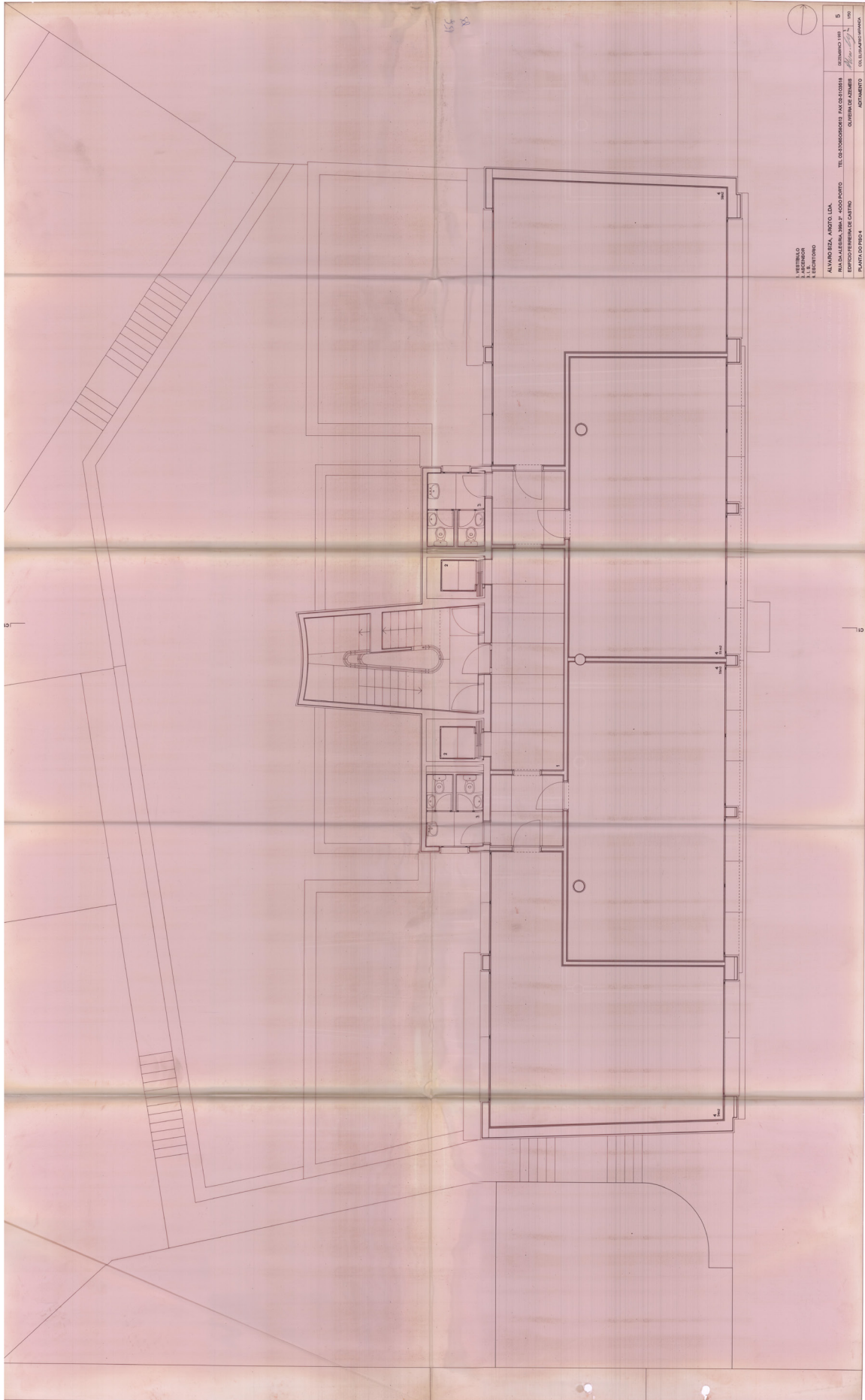
1/1000

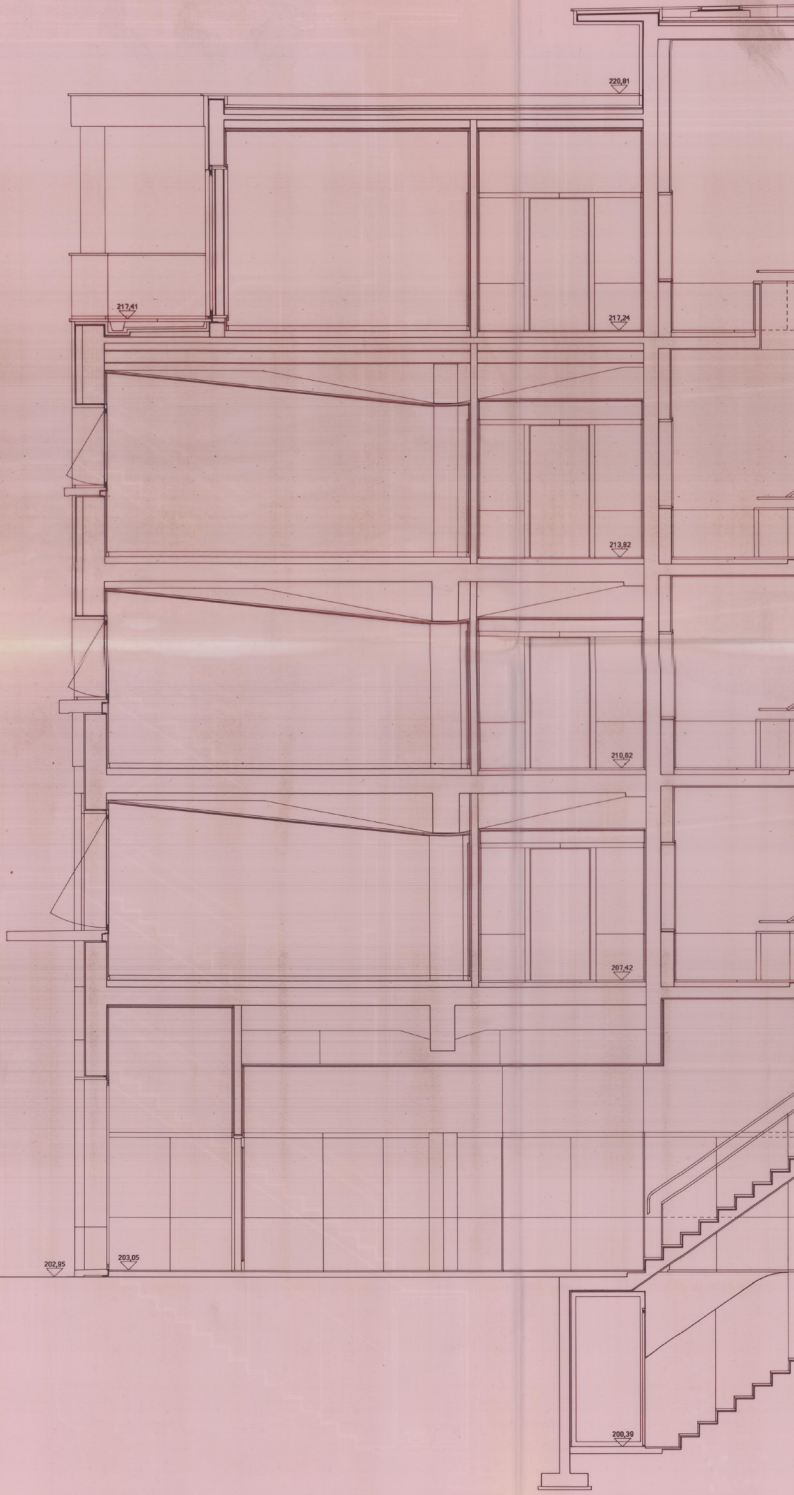
colón.

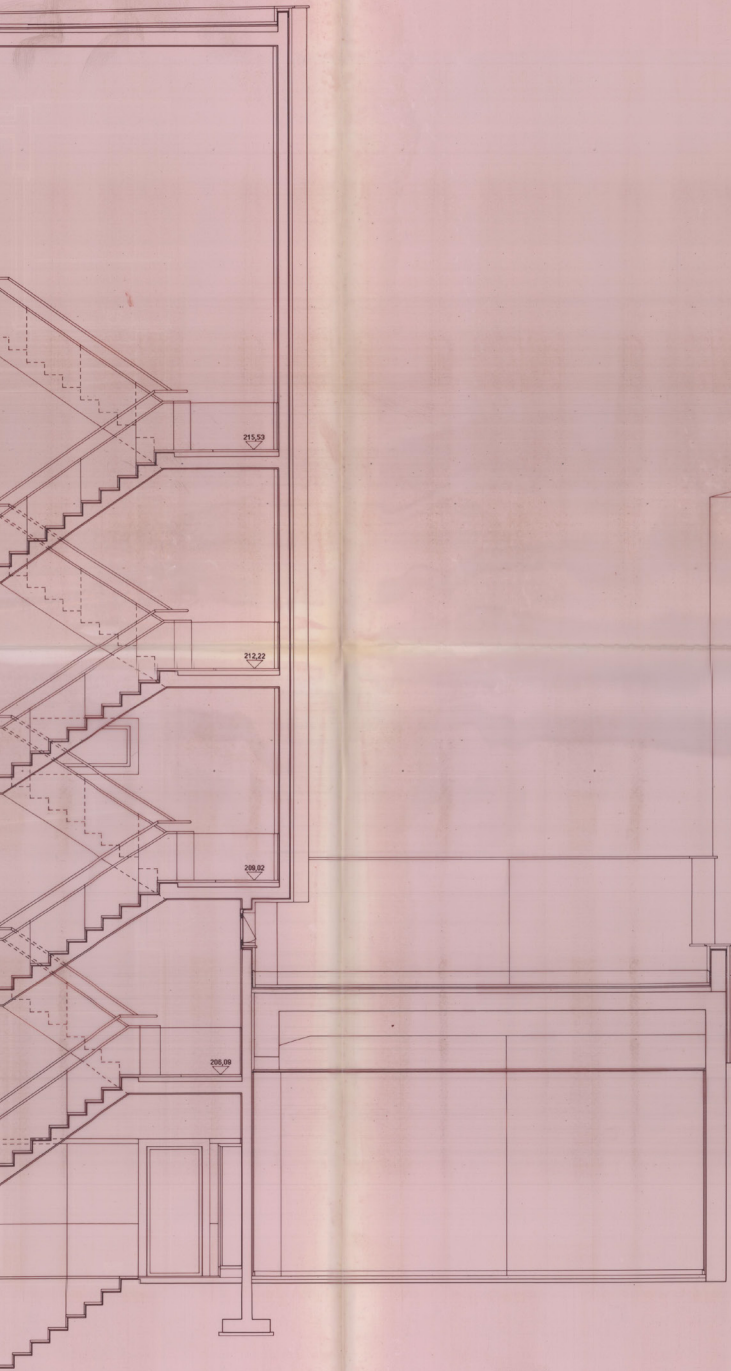
101





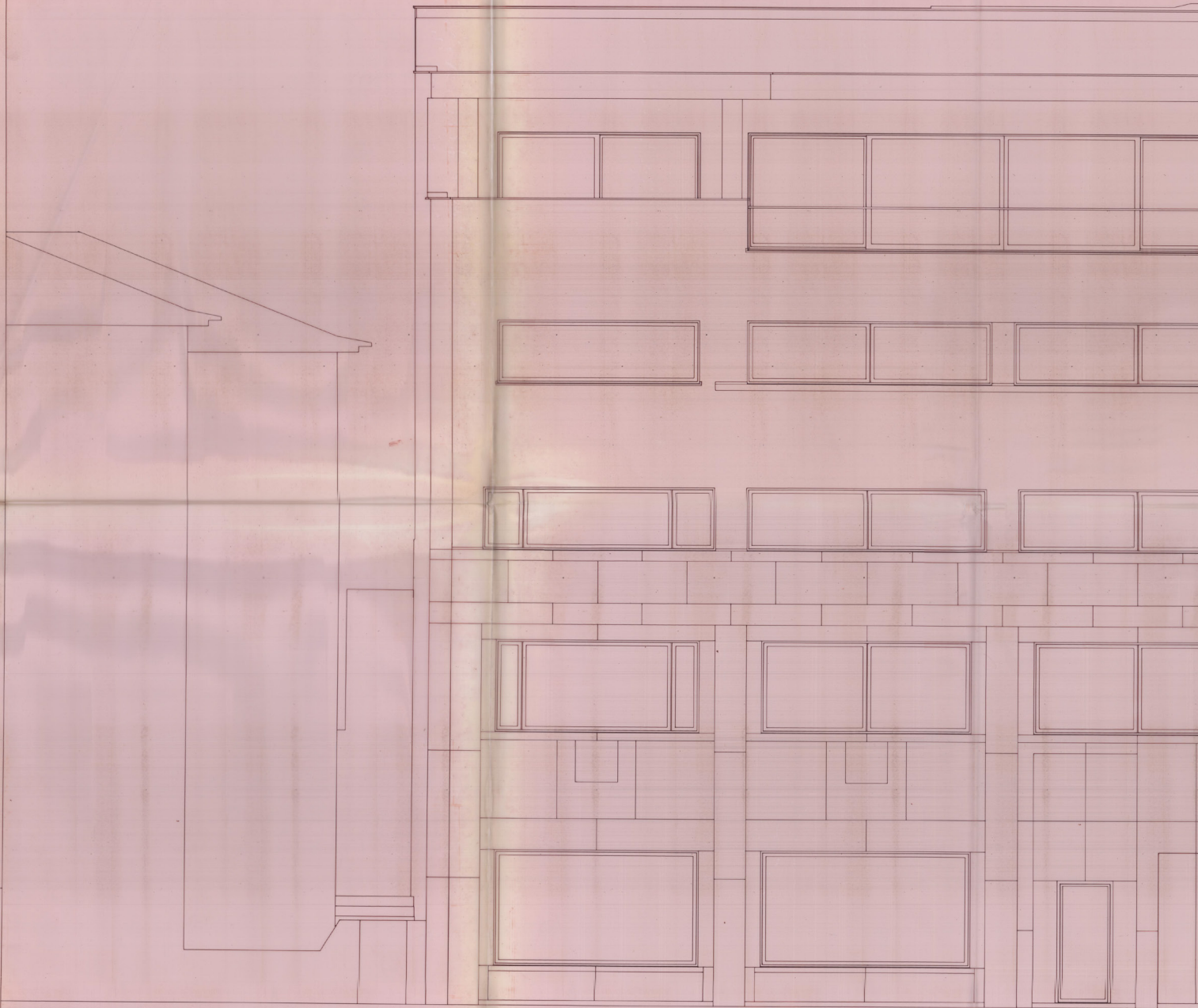


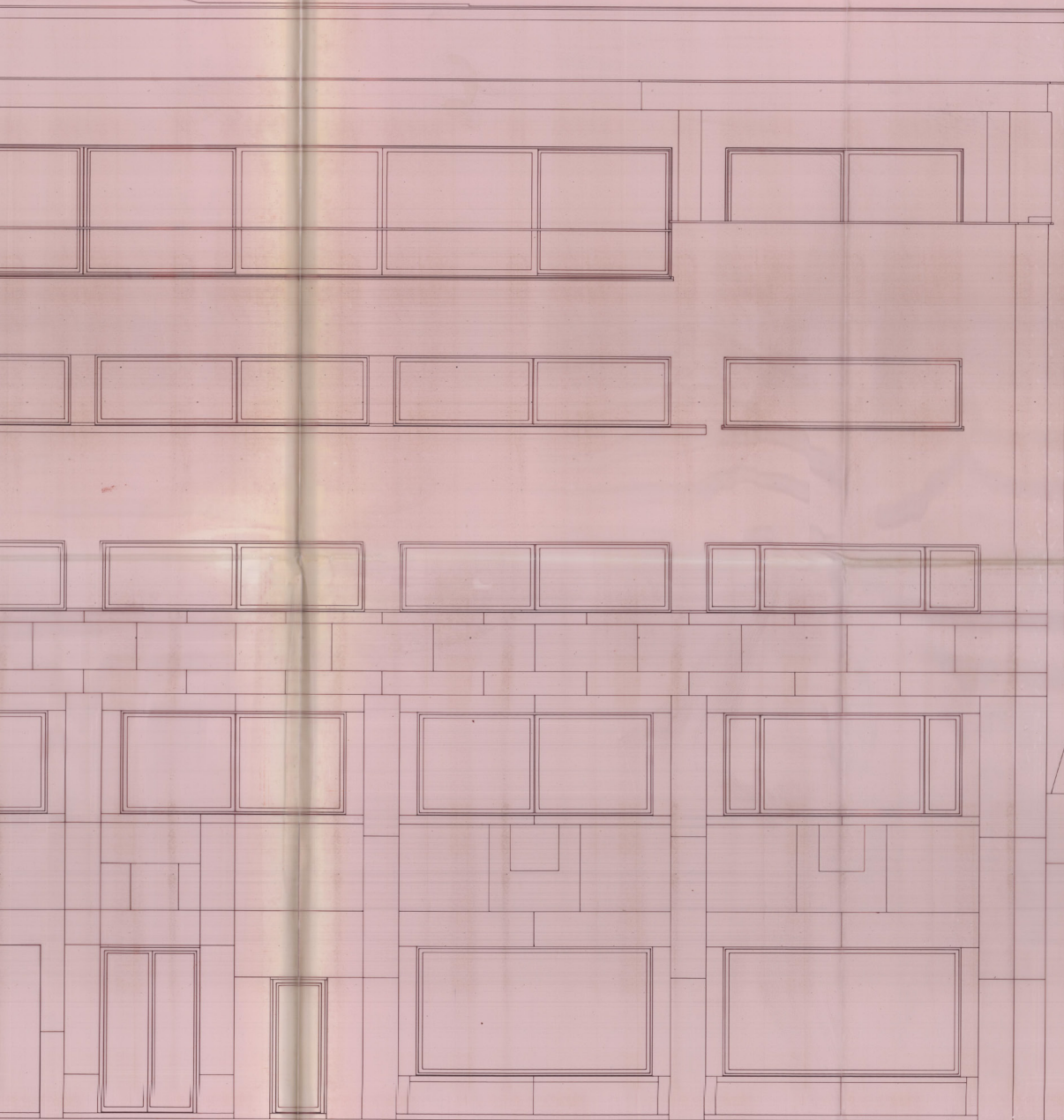




137
B

| | | | |
|------------------------------------|--------------------------------------|------------------------|------|
| ÁLVARO SIZA, ARQTO. LDA. | | DEZEMBRO 1993 | 8 |
| RUA DA ALEGRIA, 399A 2º 4000 PORTO | TEL 02-5706501/580612 FAX 02-5103518 | | |
| EDIFÍCIO FERREIRA DE CASTRO | OLIVEIRA DE AZEITEIS | <i>Plan. 137</i> | 1/50 |
| CORTE 1 | ADITAMENTO | COL. ELISABETH MIRANDA | |





19 F
B5

| | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|------------------------|
| ALVARO SIZA, ARQTO. LDA. | | |
| RUA DA ALEGRIA, 399A 2º 4000 PORTO | TEL 02-570850/580612 FAX 02-5103518 | DEZEMBRO 1993 9 |
| EDIFÍCIO FERREIRA DE CASTRO | OLIVEIRA DE AZEMÉIS | 1/50 |
| ALÇADO NASCENTE | ADITAMENTO | COL. ELISABETH MIRANDA |

16
B

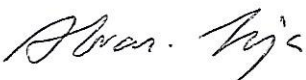
REGISTADO
em 27 de Novembro de 1990
28/11/92

ÁLVARO SIZA ARQUITECTO, LDA.
RUA DA ALEGRIA, 399 A - 2.º
4000 PORTO PORTUGAL
TELEF. 02 - 570850 / 580612

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Álvaro Joaquim Melo Siza Vieira, 57 anos de idade, viúvo, arquitecto com escritório na Rua da Alegria 399A, 2º, 4000 Porto, inscrito na Associação dos Arquitectos Portugueses (Secção Regional do Norte) com o nº 406-N e na Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis com o nº , declara nos termos e para o disposto no Decreto-Lei 19/90 e demais legislação, que foram respeitadas as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis, designadamente sobre fundações, paredes e coberturas, dimensões mínimas dos aposentos, iluminação e arejamento, abastecimento de águas, instalação eléctrica, sanitária e de esgotos, no projecto de recuperação e ampliação do edifício sito na Avenida Doutor António José de Almeida, Oliveira de Azeméis que o Exmo. Senhor José Azevedo Tavares deseja levar a efeito.

Porto, 7 de Novembro de 1990


Alvaro Siza, Arqtº.



CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Divisão de Planeamento e Projectos

PARECER RELATIVO AO REQUERIMENTO
APRESENTADO PELO SR. JOSÉ AZEVEDO
TAVARES

13
B

PROCO Nº
842/90

ARQTO ADALBERTO DIAS

2 JAN. 91

Trata-se da alteração funcional de um edifício que constituia uma instalação anexa do Colégio, destinando-o a instalações comerciais (R/C) e escritórios (andares). A ampliação prevista refere-se apenas à alteração dos acessos verticais, não apresentando por isso aumento da cêrcea do edifício. A reserva de espaços para ~~aparcamento~~ das viaturas não foi prevista. A solução desse problema afigura-se-nos de difícil solução, dado tratar-se de um edifício existente, em que, certamente, não se pretende sacrificar, para o efeito, áreas de construção, em R/C.

ÁLVARO SIZA ARQUITECTO, LDA.
RUA DA ALEGRIA, 399 A - 2.º
4000 PORTO PORTUGAL
TELEF. 02 - 570850 / 580612

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

1. O edifício a que se refere o projecto anexo situa-se no centro da cidade de Oliveira de Azeméis, num quarteirão definido pela Avenida António José de Almeida, Praceta D. Maria I e Ruas António Alegria e José M. de Carvalho. Confina com os lotes de que são proprietários os herdeiros do Dr. Alves Moreira (a norte), António Almeida (a sul), António Almeida e Teresa da Costa Bastos Torres (a poente) e ainda com a Avenida António José de Almeida. (a nascente). Construído como anexo às instalações de um colégio, tem acesso por esta avenida e pela Rua António Alegria (nas traseiras).
Compõe-se de duas partes distintas, separadas por um piso aberto intermédio: o 1º piso, que ocupa toda a superfície do lote; e um volume constituído pelos 3º, 4º e 5º pisos, este último recuado em relação ao alinhamento do-plano da fachada nascente.
Propõe-se a transformação do edifício para comércio (no 1º piso) e para escritórios, nos restantes.
2. A estrutura em betão armado existente é conservada, com algumas intervenções de reforço e de adaptação ao novo programa, nomeadamente:
 - a) Demolição de algumas vigas situadas no centro e na área de um só piso do edifício.
 - b) Construção, no vazio resultante, de um volume correspondente à caixa de escadas, ascensores e dois grupos de sanitários, estando a respectiva estrutura separada da existente através de junta de dilatação.
 - c) Inclusão no mesmo vazio de dois pátios de ventilação e iluminação, rodeando o corpo de comunicações verticais.
 - d) Construção de dois pilares de apoio da nova fachada poente, separada por junta de dilatação dos topos das consolas que suportam a fachada actual.

19
B

ÁLVARO SIZA ARQUITECTO, LDA.
RUA DA ALEGRIA, 399 A - 2.º
4000 PORTO PORTUGAL
TELEF. 02 - 570850 / 580612

e) Ampliação do 2º piso para poente, ocupando parcialmente o terraço sobre o R/C.

f) Demolição do piso recuado e respectiva reconstrução, por necessidade de substituir a precária estrutura existente.

3. A reorganização do edifício implica a transformação das fachadas actuais, de acordo com a seguinte distribuição do programa:

a) Piso 1

Átrio de acesso aos pisos superiores e área comercial, com montras sobre a Avenida António José de Almeida, dois pátios interiores de iluminação e ventilação e dois grupos de sanitários;

b) Pisos 2, 3, 4 e 5

Áreas de escritórios com possibilidades de subdivisão, átrio de distribuição e dois grupos de sanitários com sistema de aberturas permitindo óptima iluminação e ventilação.

4.

a) O edifício será térmicamente isolado pela utilização no exterior de paredes e terraços de material tipo "Dryvit" e "Roofmate". O acabamento exterior será em barramento à cor natural (branco). Os dois primeiros pisos da fachada sobre a Avenida António José de Almeida serão revestidos em placas de granito serrado e bojardado.


b) As esquadrias exteriores serão em ferro metalizado e esmaltado e utilizarão vidro duplo.

c) As esquadrias interiores serão em madeira envernizada.

d) Os pavimentos exteriores em terraço serão impermeabilizados e revestidos por placas pré-fabricadas de betão.

- e) Os pavimentos interiores serão revestidos com materiais de 1ª qualidade e adequados às funções respectivas, nomeadamente:
-mármore nos espaços de distribuição e nos grupos sanitários;
-placas amovíveis, constituindo câmara técnica, revestidas a alcatifa.
- f) As paredes e tectos interiores serão estucados e pintados, dispondo de lambrim em material lavável nos espaços de distribuição e nas instalações sanitárias.
- g) Todas as áreas serão iluminadas com luz fluorescente e de acordo com as normas em vigor.
- h) Prevê-se a instalação de sistemas autónomos de condicionamento de ar, a partir de elementos situados na cobertura e na fachada posterior, protegidos e enquadrados por palas em consola.
5. A definição do edifício, enquanto parte de um sector da cidade, procura referências no carácter do arruamento que integra e em algumas construções envolventes, e ainda numa tradição urbana universal de edifícios de terciário. Considera-se que constituirá uma melhoria qualitativa para a Avenida António José de Almeida.
6. Os projectos de estruturas, drenagens e de electricidade e mecânicos serão oportunamente apresentados.

Porto, 7 de Novembro de 1990


Álvaro Siza, Arqtº

ÁLVARO SIZA ARQUITECTO, LDA.
RUA DA ALEGRIA, 399 A - 2.º
4000 PORTO PORTUGAL
TELEF. 02 - 570850 / 580612

Exmº Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis

N DOP
91/02/11
[Handwritten signature]

Porto, 04 de Fevereiro de 1991

Exmº Senhor Presidente,

Tomei conhecimento do parecer técnico da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis referente ao processo nº 842/90, projecto para um edifício de comércio e escritórios situado na Av. António José de Almeida, em Oliveira de Azeméis.

Este parecer dá deferimento ao respectivo pedido de licenciamento, considerando embora não ser "de admitir os avançados laterais do recuado, o que deverá ser suprimido". Compreendo que esse parecer se fundamenta na informação prévia de que o último piso deveria ser recuado, naturalmente na totalidade. No entanto, o avanço proposto não corresponde a efectiva área de piso, mas sim a duas palas situadas junto a cada um dos dois topos do volume construído e numa extensão de aproximadamente 6,5 e 7 metros. Estes dois avanços e as respectivas colunas de apoio correspondem unicamente a razões de composição arquitectónica e julgo que são indispensáveis ao carácter do desenho proposto.

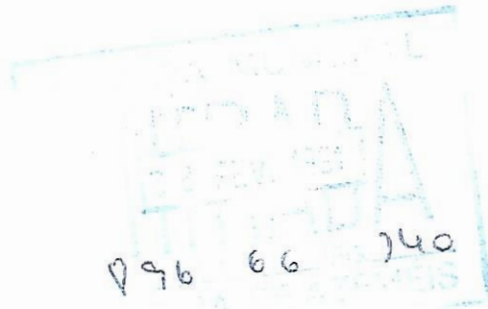
Gostaria de assinalar que, de qualquer maneira, a zona recuada é claramente visível na Av. António José de Almeida e que se perderia o remate necessário para a consistência do projecto na sua relação com os edifícios próximos, como julgo que se poderá observar nas fotografias da maquete anexas.

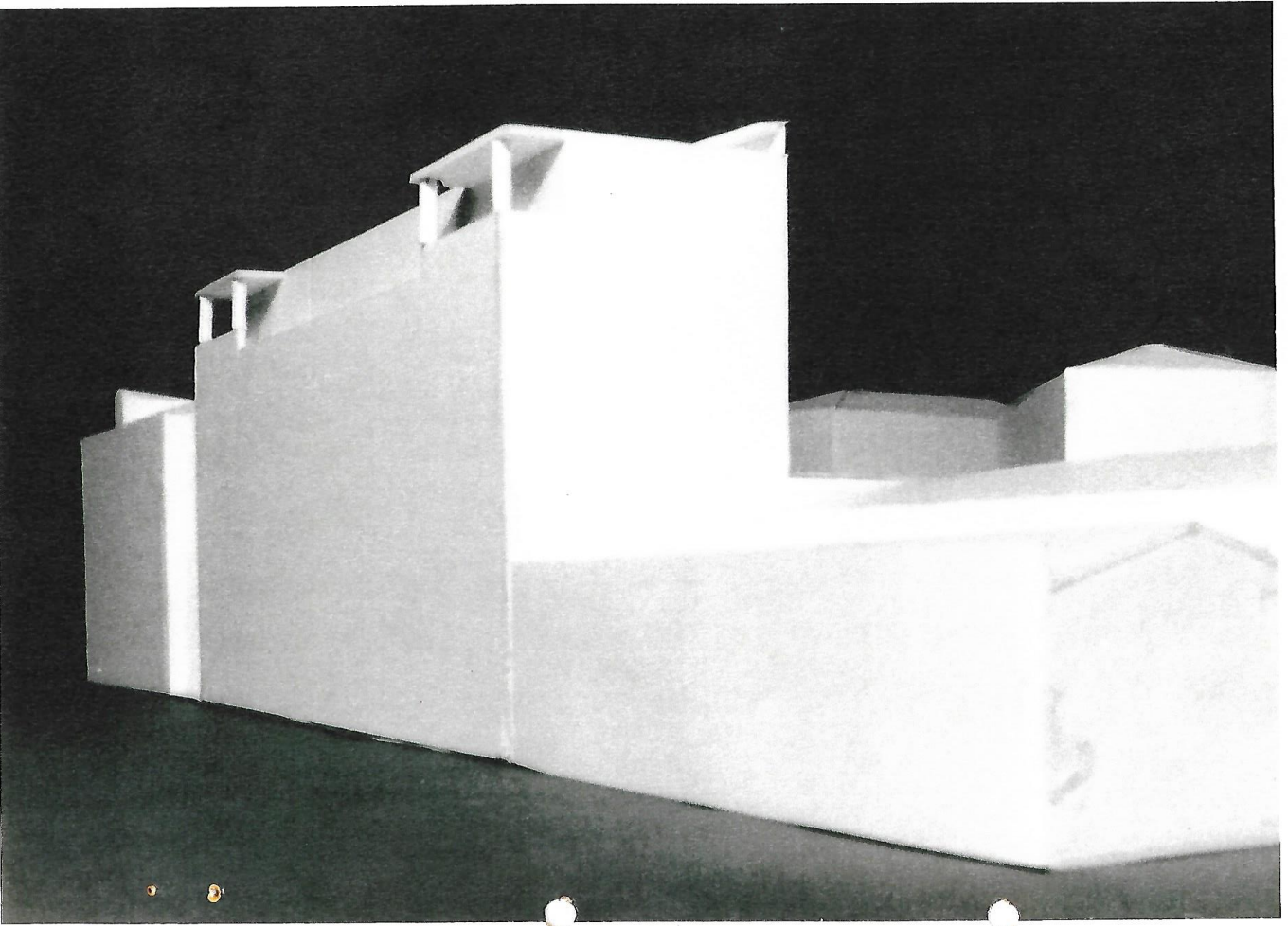
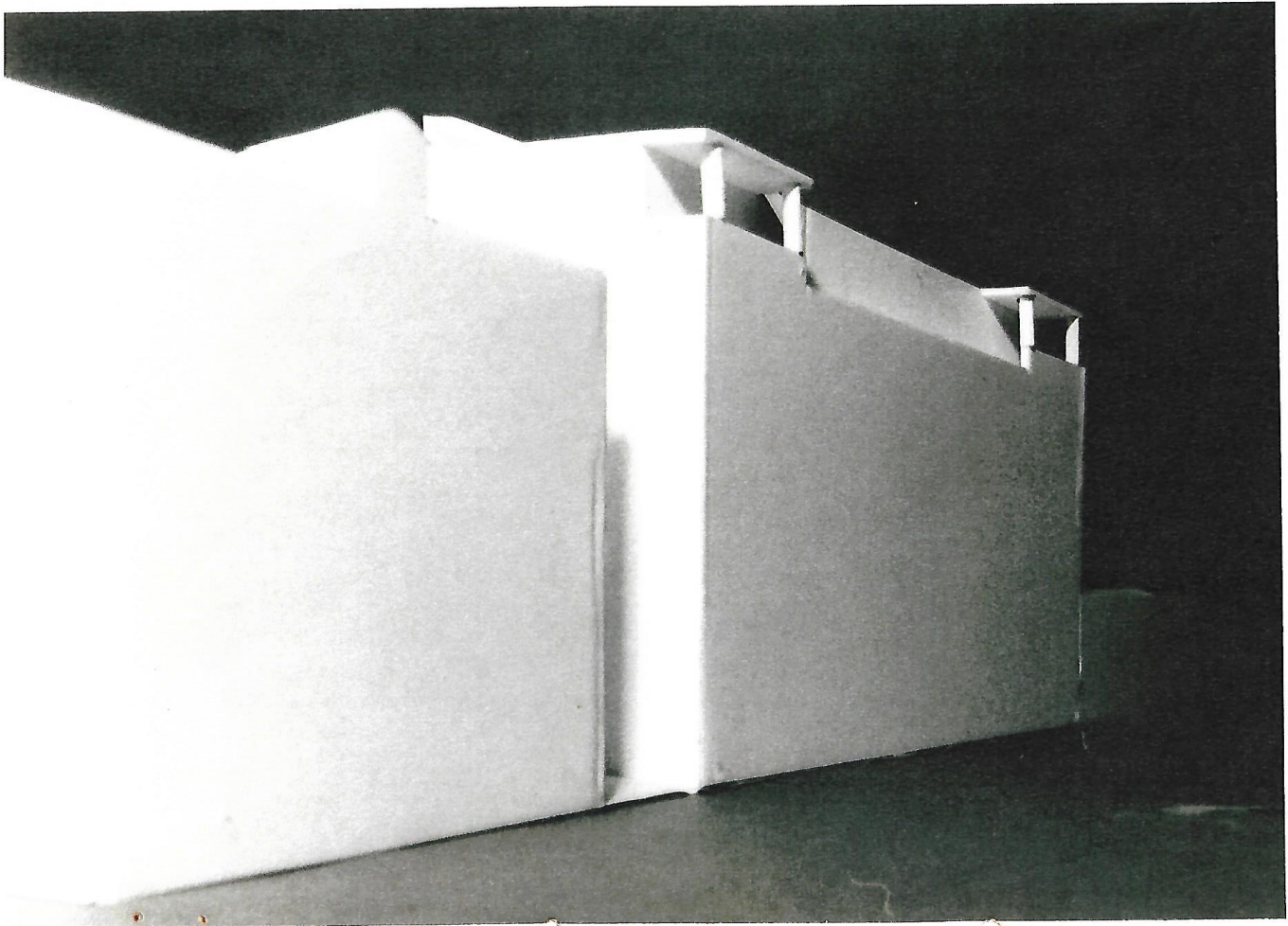
Venho portanto solicitar que os serviços técnicos da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis considerem de novo a minha proposta, agora informada pelas fotografias referidas e ainda por perspectivas do alçado sobre a rua.

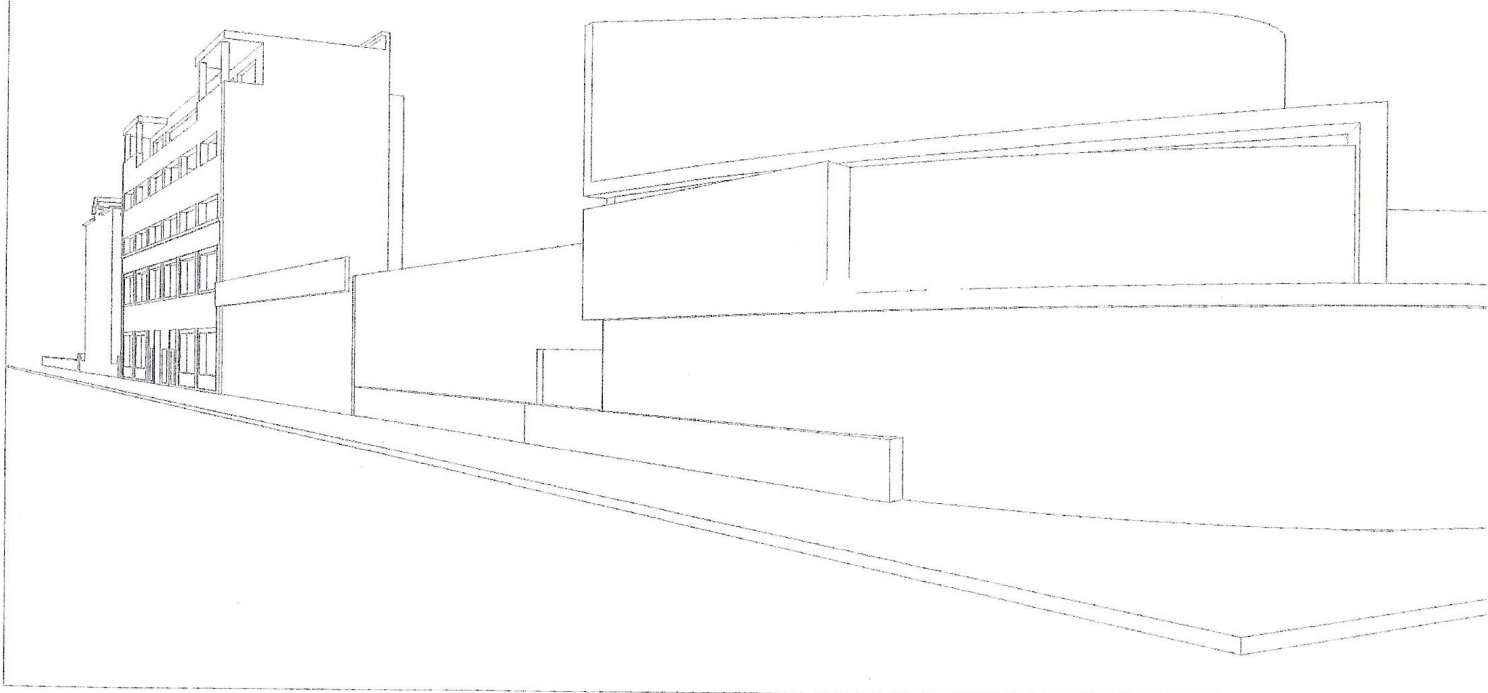
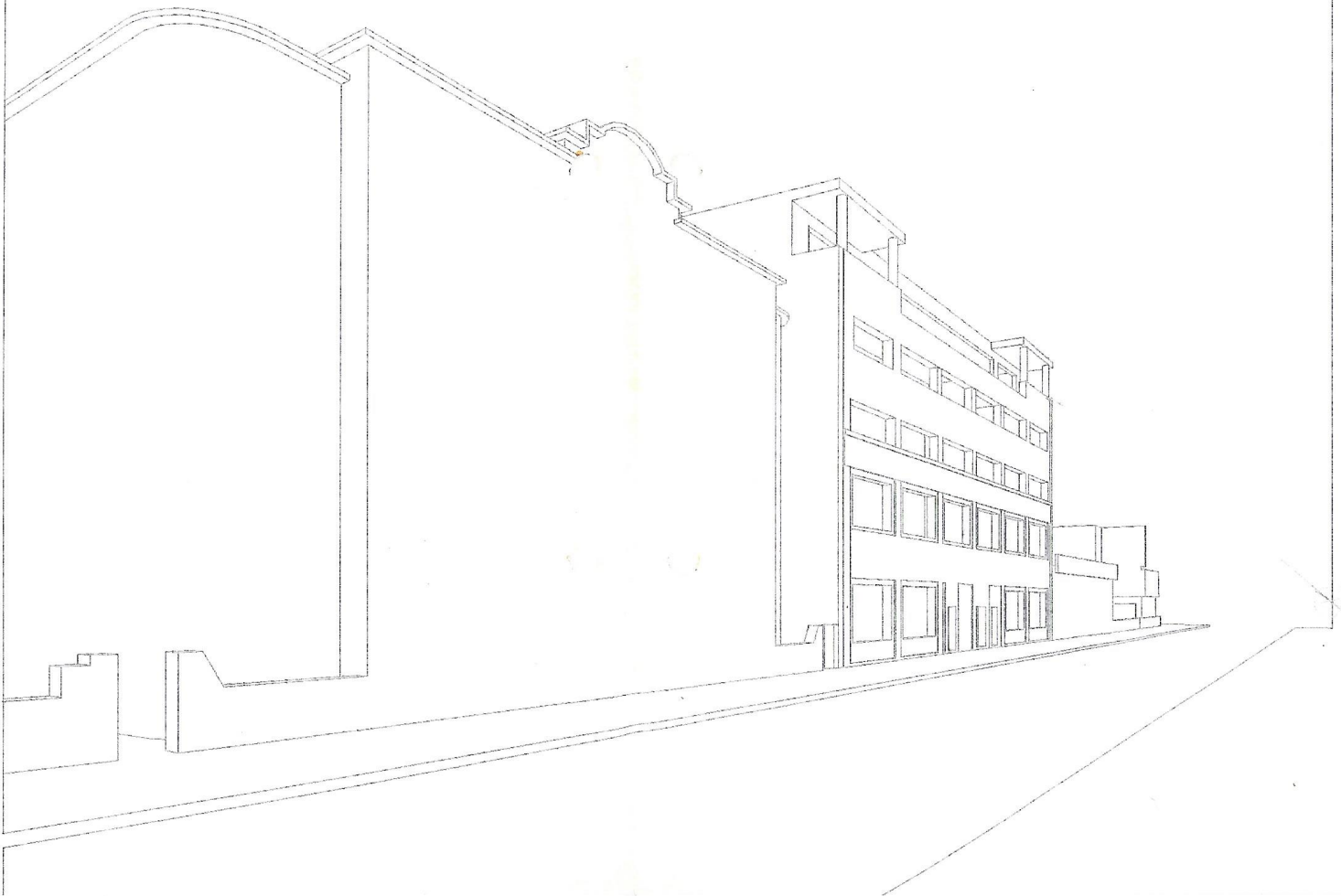
Gostaria ainda de afirmar o meu extremo empenho neste projecto, por todas as razões e ainda por se encontrar junto ao edifício do Banco de Oliveira de Azeméis, obra construída há cerca de vinte anos e particularmente significativa para mim.

Com os melhores cumprimentos e colocando-me à disposição para qualquer posterior esclarecimento, agradeço desde já a atenção de V. Exª.

Álvaro Siza
Álvaro Siza, Arqt.







Anexo 8 | Entrevista ao arquiteto Elisiário Miranda, 14 de Fevereiro de 2020

Perante os desenhos do edifício original, o edifício do liceu, e uma fotografia do mesmo, começava por perguntar o que se sabia do projeto anterior e que importância o projeto anterior teve na conceção do projeto atual?

Este projeto surgiu no gabinete do arquiteto Siza através do arquiteto Carlos Castanheira, que na altura era o chefe do escritório – atualmente tem um escritório independente mas na altura não, na altura o Siza tinha-o convidado, quando comprou mais um piso para o escritório, porque tinha recebido o trabalho do plano do Chiado e, sendo o primeiro grande trabalho em Portugal, convidou o arquiteto Carlos Castanheira para tomar conta do escritório até mesmo pelo facto de Siza estar muitas vezes fora.

O arquiteto Castanheira é de Oliveira de Azeméis e frequentou o antigo Liceu, e o edifício do ginásio foi comprado pelo pai de um colega dele (Paulo qualquer coisa), que mandou que fosse reabilitado. Foi através dessa relação entre o filho do dono do edifício e o arquiteto Castanheira que o projeto chegou ao gabinete do arquiteto Siza. Deixo aqui uma sugestão de falares com o Castanheira, por um lado para esclareceres pormenores de como surgiu o projeto, pois era ele que tratava dos contactos e, por outro lado, para tentares perceber como era utilizado o edifício antigo do Liceu.

O projeto era relativamente simples, daí não ter sido necessário um envolvimento muito grande por parte do Siza, embora o primeiro programa para ele não tenha sido edifício de escritórios. Primeiro, creio de memória, teve dois estudos para hotel e para habitação, portanto passou por várias experiências de utilização destes espaços. Só depois disso, e atendendo às condicionantes que o edifício tinha - não dava muito espaço para hotel e para era complexo para habitação (relação da frente com as traseiras, a profundidade do lote, etc)-, é que se acabou por partir para o programa dos escritórios com comércio por baixo, o que simplificou tudo, pois os escritórios são fundamentalmente espaços vazios com casas de banho em que cada utilizador estabelece a sua partição, ou compartimentação, dos espaços em função das necessidades.

O liceu tinha o embasamento – o rés-do-chão - que ocupa o lote inteiro, depois tinha o espaço de recreio vazio no primeiro piso e um prisma retangular que continha os restantes três pisos, portanto, o que se fez desde início foi usar a íntegra tudo o que se podia usar, retirar a fachada que não tinha grande interesse arquitetónico e não permitia uma leitura mais clara do edifício com a marcação das entradas, por exemplo, que antes não eram tão claras porque todo o edifício estava feito consoante um programa diferente, de uma escola. Ficámos então com a estrutura – a base e o prisma retangular – à qual se acrescentou o volume das escadas e dos ascensores, nas traseiras, o prolongamento do primeiro piso através das varandas que foi um acrescento feito à área útil dos escritórios, o último piso, etc.

Creio que o último piso já existia, não se acrescentaram apenas as palas?

Não, o último piso recuado do edifício do Liceu não tinha grandes condições em termos estruturais e construtivos, tendo sido demolido e contruído integralmente novo, até porque existe uma estrutura metálica, que é a única que aparece no último piso por baixo da varanda, que depois permite suportar a estrutura da cobertura do novo piso em cima.

Portanto, temos um embasamento que se mantém, com um piso inteiro de comércio, temos o crescimento do primeiro piso, temos também dois pátios que permitem dar luz às partes do fundo do piso do comércio, que na altura não se sabia muito bem o que iam ser – se iam ser várias lojas, se ia ser apenas uma -, sendo que se chegou a fazer um estudo que o Siza pediu para a adaptação do rés-do-chão a uma galeria comercial, com corredores e várias lojas, que não chegou a ser feito porque depois creio que foi comprado o piso todo na totalidade por um banco. Para além da abertura dos dois pátios teve que se reforçar toda a estrutura nesse piso do rés-do-chão.

A relação com o edifício anterior limitou-se a ser feita através da preservação da estrutura certo? O alçado anterior nada influenciou o desenho do alçado atual?

Vagamente, isto é, como nós usámos as lajes de piso que lá estavam e a estrutura pré-existente, logicamente as aberturas dos vãos já ficaram condicionadas aos pés-direitos, aos elementos estruturais existentes como as vigas em V, etc, mas depois o desenho do alçado foi todo feito de novo. Aliás, o alçado nascente resultou de uma coisa engraçada. Depois de se chegar a uma volumetria final - com as palas, a caixa de escadas, etc - era necessário resolver a questão dos alçados, sendo que desenhamos os alçados em função do que são as métricas, os ritmos, as alturas das soleiras, padieiras, etc, mas o edifício em si não tem grande carácter, é o que resulta do interior. Portanto, ele (Siza) sentou-se ao meu lado um dia, ao computador, e durante uma hora, uma hora e meia, nasceu este alçado com todo este jogo, muito interessante na minha opinião, de planos no embasamento de granito, ou seja, do segundo piso para cima temos capoto, mas nos dois primeiros pisos está tudo forrado a granito e o Siza definiu um jogo de planos. Começou por hierarquizar o plano mais saliente, e a partir desse plano, que é o das pilastras, foi definindo os vários planos, experimentando mais atrás ou mais à frente. Fez o desenho do embasamento de pedra e depois disse-me para experimentar o desenho das sombras no alçado. Ora, as sombras mostravam claramente essa progressão de planos, uns atrás dos outros, que resultavam bastante bem e deram origem ao desenho do alçado, que ficou pronto nesse mesmo dia. Depois foi só desenhar os caixilhos, que são bastante semelhantes a estes que vemos aqui na FAUP.

Sobre o alçado, o edifício de Adolf Loos em Viena parece ser uma grande referência para este edifício, notável no embasamento do alçado.

Exatamente, Siza vinha muito com a imagem de Viena e acho que é capaz de se referir aos edifícios de escritórios de Viena na memória descritiva, acerca de uma certa urbanidade cosmopolita que o tinha influenciado. Mas a verdade é que o Siza trabalha com múltiplas referências e o que é interessante nele é o facto de ele ser uma pessoa que está permanentemente a olhar para o que está à volta dele, a absorver elementos que depois usa nas obras, misturando e dando uma nova interpretação pessoal. Esta é uma clara situação dessas, em

que ele vai buscar coisas, mas isto não é tudo Viena (risos).

E há alguma razão especial para a altura do embasamento de pedra estabelecida no alçado?

A pedra acaba na cota da soleira dos vãos do segundo piso. Creio que o embasamento só tinha duas hipóteses, ou trabalhava com essa cota ou com a cota do lintel dos vãos do primeiro piso. No entanto a transição do reboco para a pedra em termos formais pode não funcionar muito bem, mas o vão a pousar em cima da pedra é muito mais claro e forte. Se fosse na cota dos vãos do primeiro piso teríamos que ter desenhado uma cornija para depois termos reboco para depois termos soleira outra vez de pedra, enquanto que na solução escolhida resolvemos tudo de uma vez e, de facto, a imagem do edifício do Loos é exatamente isso: o vão a pousar no embasamento de pedra.

Acaba por ter uma linguagem clássica, se é que posso dizer isso, e acho engraçado porque, na minha opinião, o edifício do Antigo Banco Pinto & Sotto Mayor, embora seja um projeto com mais 20 anos, acaba por ter uma expressão e linguagem mais contemporânea do que a do edifício de escritórios não? Talvez seja por causa das restrições programáticas ou pelo interior ditar a expressão do exterior, mas acho um ponto interessante.

Sem dúvida, mas de qualquer forma nos escritórios estamos a falar de uma intervenção numa estrutura pré-existente, que foi mantida, não foi um projeto de raiz como o do banco, em que o Siza tem um lote de terreno e faz o que quiser, é de raiz. O próprio tema do banco é diferente, era um cunhal, está a trabalhar no ponto de viragem da malha da fachada do quarteirão, um ponto muito forte. Nos escritórios não, é um plano contínuo. No fundo, quando se trabalha o meio é difícil dar força ao meio, enquanto que os cantos têm força por si. Como dizia o Távora, os meios são fáceis, o problema são os remates, as articulações, são os topos. Portanto, como dar força a algo que é mais ou menos neutro é um tema aqui presente, tentado resolver através das palas no último piso, por exemplo.

No arquivo de Oliveira de Azeméis tive acesso a uma carta que o arquiteto Siza mandou ao presidente da Câmara Municipal a pedir que revissem a situação das palas, que não tinham sido aceites no projeto.

Sim, mas depois acabaram por aceitar. No fundo a Câmara aceitava o último piso recuado, como já existia, mas não aceitava o avanço das palas. No entanto, sem elas o volume perdia imensa força e identidade. Portanto, o tema das duas palas e da pala do volume da caixa das escadas, rematam as empenas que têm uma grande visibilidade a partir da Avenida.

E porquê ser duas palas nos topos e não uma pala só na totalidade do piso?

Porque o que era permitido fazer era o piso recuado sem as palas, e os topos só por si já são uma subversão daquilo que é permitido. Se fizéssemos a pala ao longo de todo o piso, no fundo acabava por ser mais um piso e levantaria logo problemas como, por exemplo, a lei dos 45 graus da Avenida. Aceitar que existia o piso mais uma pala era aceitar que no fundo existia mais um piso, que mais cedo ou mais tarde alguém poderia encaixilhar e envidraçar. Já a pala que se une à caixa de escadas tinha uma função, que era receber os aparelhos de ar-condicionado e esconde-los, passando pequenas tubagens através das coretes, situadas algures nas traseiras dos elevadores, penso eu, e alimentando os diversos escritórios.

Pensava que a pala tinha a ver com a subida do pé direito na caixa de escadas, para entrada de luz.

O desenho da caixa de escadas é projetado na claraboia, mas a pala não tem a ver com isso.

A caixa de escadas é um dos pontos fortes deste projeto. Foi um elemento central no desenvolvimento do mesmo?

São um elemento que foi pensado com pormenor. As escadas penso que acabaram por funcionar bem através da criação da polpa e do recuo dos degraus

que começam mais atrás, o que permite fazer com que o despenhamento da guarda coincida naquele ponto com o outro lado, não existindo quebras e dando continuidade ao movimento. Também interessante é o despenhamento da parte de baixo das escadas, dos lances, em que os alinhamentos do despenhamento superior com o inferior coincidem, logo, quando se vê de baixo para cima, o lance que sobe e o lance que desce têm a quebra do patamar alinhada uma com a outra. Já a altura das guardas centrais das escadas tem a ver com os lambris.

Neste edifício há uma enorme atenção ao detalhe construtivo e ao trabalho dos diferentes materiais. É tudo feito com muito pormenor certo?

Sim. O desenho dos azulejos nas casas de banho, por exemplo, que são azulejos “Viúva Constança” são semi-industriais, mas o acabamento da face já é artesanal, permitindo captar melhor o brilho da luz. São azulejos mais espessos que o normal, têm 8mm creio eu, e são quadrados de 14cm. O que se fez foi dimensionar os espaços da casa de banho de forma a que os azulejos batessem certo e que não existissem fechos, quebras de azulejo. As juntas do azulejo batem certo com as juntas do mármore, ou contra fiado ou seguindo a junta a direito. Portanto há uma grande atenção ao pormenor sim.

Houve liberdade orçamental?

Houve algum controlo, tem que se ter cuidado com os orçamentos, mas sim, houve generosidade para se fazer isto, mais do que num prédio comum. Vemos isso na fachada principal com o uso da pedra, o mármore no interior, o azulejos da casa de banho.

E os pavimentos?

São em Linóleo.

Penso que alguns pisos já não possuem os pavimentos em linóleo.

É possível, a organização e ocupação dos espaços depois é livre para quem os adquire, a única coisa importante para o Siza era manter o desenho

da peça central (acessos verticais) de forma a garantir que o edifício mantém a integridade da sua linguagem, mas a partir da porta do escritório as pessoas tinham liberdade de fazer o que queriam. No caso de dois escritórios serem partilhados, o esquema previa uma antecâmara e a casa de banho usada pelos dois, caso fossem adquiridos por um só escritório, tinham todas as áreas privadas a partir da porta de acesso do corredor de distribuição.

Outra coisa que eu reparei foi que o desenho das vigas, que pousam em V sobre os pilares, foi mantido do edifício original, no entanto acrescentou-se um teto falso inclinado. Esse teto falso é inclinado para criar a sensação de amplitude do espaço e relação com os vãos exteriores?

O teto falso faz uma curva, no entanto foi desenhado dessa forma apenas por causa da forma das vigas. Essa perceção que tens de maior amplitude do espaço é apenas o resultado de um gesto criado com o intuito de resolver um problema: esconder as vigas. A decisão da curva e a inclinação escolhida tem a ver com o primeiro piso, em que o vão é maior. A partir do momento que se definiu o desenho do teto falso do primeiro piso, repetiu-se nos restantes. No último piso o teto falso é plano porque o pé direito não permitia fazer a inclinação feita nos escritórios dos restantes pisos.

Os tetos falsos acabaram por dar problemas durante a construção, porque a empresa construtiva, que era a “Abrantina”, arriscou fazer os tetos falsos numa fase em que ainda não se tinham colocado as caixilharias, devido a um atraso, ou seja, fizeram os tetos falsos com a obra ainda aberta, sem vidros, e com a chuva, a humidade chegou ao pladur e tiveram que se refazer todos os tetos falsos.

E as paredes eram de pladur também?

Apenas as paredes criadas dentro dos escritórios, para permitir que as pessoas fizessem a compartimentação que quisessem, porque facilmente se parte e refaz uma parede de pladur. Fora dos escritórios já era tijolo, com o lambrim de pedra, porque não era para alterar.

A escolha dos materiais no interior do edifício reflete uma escolha muito usada nas obras do Siza da mesma altura. Era uma escolha quase “automática”?

Não. Cada obra é pensada singularmente. O corte do mármore e a esquadria é desenhada ao pormenor. No pilar situado na entrada, o mármore é escavado para aquele pilar, o que é caro, e o resto das pedras, no chão, nos lambris, é pensado e desenhado em relação com as escadas e com os espaços de distribuição. O espaço de entrada foi testado com várias perspetivas, houveram vários testes até se chegar ao projeto final.

E porquê do espaço situado junto ao pilar?

A ideia desse recuo era criar um espaço para uma secretária onde estivesse o segurança a controlar a entrada e saída de pessoal. Em frente tens caixas de correio, e um espaço vazio imediatamente ao lado. O posto de transformação situa-se num espaço junto à entrada e tem acesso pelo exterior através da grande porta de cobre, com furos que permitem a ventilação.

O segundo piso prolonga-se para as traseiras do terreno, dando origem a dois terraços praticáveis. Já o primeiro piso, embora tenha vãos de acesso ao terraço criado sobre o rés o chão, este mesmo não é praticável, ou melhor, pode ser mas o acabamento do piso é feito em godo, como uma cobertura normal. Porque não fazer daquele espaço um grande terraço praticável como os terraços do segundo piso?

Penso que teve a ver com o sentido mais coletivo, porque primeiro seria partilhado por dois escritórios diferentes, não havendo privacidade, e segundo, teria vista para o saguão, tirado alguma privacidade também a esses espaços. É um espaço mais comum do prédio, com um caráter diferente dos terraços do segundo piso, que são privados. O godo permite não se gastar dinheiro, em vez de se fazer um revestimento de pedra mais complexo, e pode ser usado na mesma, as pessoas podem ir na mesma sobre o godo, mas não permite que se apropriem do espaço que, no fundo, pertence a todo o prédio.

Antes o liceu possuía o acesso vertical a Sul, destacado no alçado principal, e não possuía simetria. No projeto atual houve a opção de criar simetria no interior e no alçado e passar os acessos verticais para as traseiras, numa posição central. Consideraram manter a organização original?

Considerou-se que a organização interna e as escadas do edifício antigo não funcionava para este edifício, com qualquer programa que quiséssemos fazer ali, pois a organização original era tão específica, tão própria daquele programa e das condicionantes daquele edifício que acabámos por perceber que não valia a pena tentar adaptar o programa que escolhêssemos àquela organização, até mesmo porque não era uma questão de património, que não podíamos mexer/alterar.

Uma última questão. Tendo em conta que estavam a fazer um projeto tão próximo do banco, uma obra tão emblemática, nunca no escritório supuseram uma ligação entre as duas obras?

Não, que me recorde não. Mesmo a maquete que se chegou a fazer não continha o banco, até por ser uma obra difícil de se fazer em maquete.

